



PRÊMIO NOBEL DE LITERATURA

ALFAGUARA

# Mario Vargas Llosa

## A Casa Verde





Mario Vargas Llosa

## **A Casa Verde**

Tradução  
Paulina Wacht e Ari Roitman

ALFAGUARA

© Mario Vargas Llosa, 1967  
Todos os direitos desta edição reservados à  
Editora Objetiva Ltda.  
Rua Cosme Velho, 103  
Rio de Janeiro — RJ — Cep: 22241-090  
Tel.: (21) 2199-7824 — Fax: (21) 2199-7825  
www.objetiva.com.br

Título original  
*La Casa Verde*

Capa  
Raul Fernandes

Imagem de capa  
Peter Stackpole/Time & Life Pictures/Getty Images

Preparação de originais  
Elisabeth Xavier de Araújo

Revisão  
Joana Milli  
Diogo Henriques  
Ana Kronemberger

Coordenação de e-book  
Marcelo Xavier

Conversão para e-book  
Filigrana

 PRISA EDIÇÕES

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ  
V426c

Vargas Llosa, Mario  
A casa verde [recurso eletrônico] / Mario Vargas Llosa ; tradução Ari Roitman e Paulina Wacht. - Rio de Janeiro : Objetiva, 2012.  
recurso digital

Tradução de: *La casa verde*  
Formato: ePub  
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions  
Modo de acesso: World Wide Web  
348p. ISBN 978-85-7962-173-4 (recurso eletrônico)

1. Romance peruano. 2. Livros eletrônicos. I. Roitman, Ari. II. Wacht, Paulina. III. Título.

12-5747. CDD: 868.99353  
CDU: 821.134.2(85)-3

# Sumário

Capa

Folha de rosto

Créditos

Prólogo

Mapa

Dedicatória

Um

Dois

Três

Quatro

Epílogo

Glossário

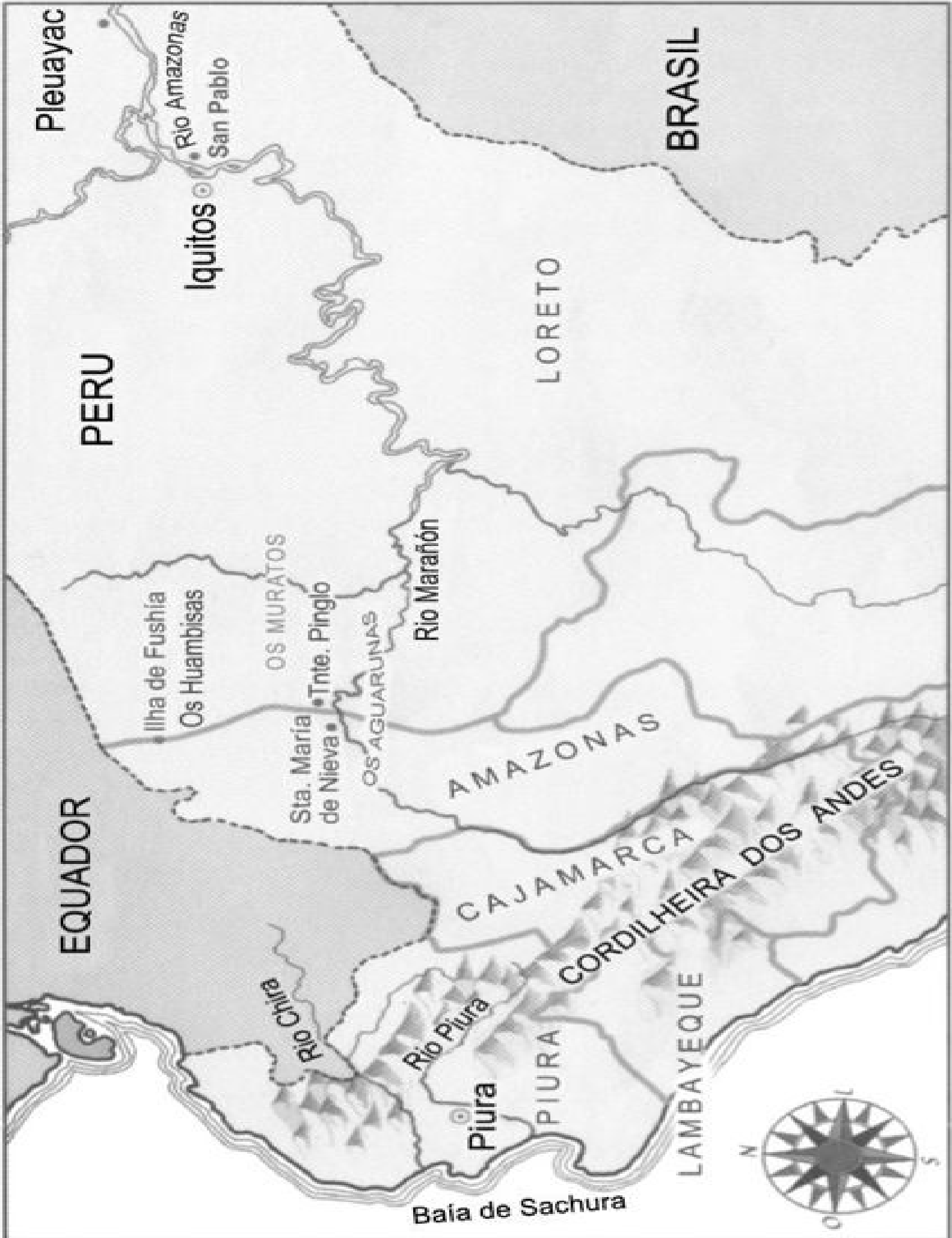
# Prólogo

O que me levou a inventar esta história foram as lembranças de um casebre prostibular, pintado de verde, que coloria o areal de Piura no ano de 1946, e da deslumbrante Amazônia de aventureiros, soldados, índios aguarunas, huambisas e shapras, missionários e traficantes de látex e couros que conheci em 1958, numa viagem de algumas semanas pelo Alto Marañón.

Mas, provavelmente, a maior dívida que contraí ao escrevê-la foi com William Faulkner, em cujos livros descobri as feitiçarias da forma na ficção, a sinfonia de pontos de vista, ambiguidades, matizes, tonalidades e perspectivas que uma construção astuta e um estilo bem cuidado podiam dar a uma história.

Escrevi este romance em Paris, entre 1962 e 1965, sofrendo e desfrutando como um lunático, num hotelzinho do Quartier Latin — o Hotel Wetter — e num sótão da rue de Tournon, ao lado do apartamento onde havia morado o grande Gérard Philippe, a quem o inquilino que me antecedeu, o crítico de arte argentino Damián Bayón, ouviu ensaiar durante muitos dias, horas a fio, uma mesma fala de *El Cid* de Corneille.

MARIO VARGAS LLOSA  
*Londres, setembro de 1998*





*A Patricia*



Um

O sargento dá uma olhada na madre Patrocínio e a mosca continua lá. A lancha cabeceia sobre as águas turvas, entre duas muralhas de árvores que exalam um bafo ardente, pegajoso. Enovelados debaixo do teto de folhas de palmeira, nus da cintura para cima, os guardas dormem protegidos pelo esverdeado, amarelado sol do meio-dia: a cabeça do Pequeno está sobre a barriga do Pesado, o Louro sua em bicas, o Escuro grunhe de boca aberta. Uma nuvenzinha de borrachudos escolta a lancha, entre os corpos evoluem borboletas, vespas, mutucas. O motor ronca com regularidade, engasga, ronca de novo e o piloto Nieves empunha o leme com a mão esquerda, com a direita fuma e seu rosto lustroso permanece inalterável sob o chapéu de palha. Esses selvagens não eram normais, por que não suavam como outros cristãos? Empertigada na popa, a madre Angélica está de olhos fechados, em seu rosto há pelo menos mil rugas, às vezes põe uma pontinha da língua para fora, suga o suor do bigode e cospe. Pobre velhinha, não aguentava o tranco. A mosca bate as asinhas azuis, decola da testa rosada da madre Patrocínio com um suave impulso, some riscando círculos na luz branca e o piloto ia desligar o motor, sargento, já estavam chegando, atrás dessa bocaina vinha Chicais. Mas o coração do sargento dizia não vamos encontrar ninguém. O ruído do motor se interrompe, as madres e os guardas abrem os olhos, levantam as cabeças, olham. De pé, o piloto Nieves gira o leme à direita e à esquerda, a lancha se aproxima silenciosamente da margem, os guardas se levantam, põem as camisas, os quepes, ajeitam as perneiras. A paliçada vegetal da margem direita se interrompe bruscamente quando ultrapassam a curva do rio e há um barranco, um breve parêntese de terra vermelha que desce até uma minúscula enseada de lodo, pedregulhos, moitas de bambu e de samambaias. Não se vê nenhuma canoa na margem, nenhuma silhueta humana no barranco. A embarcação fica imóvel, Nieves e os guardas saltam, chapinhando no lodo cor de chumbo. Aquilo era um cemitério, o coração não enganava, os mangaches tinham razão. O sargento está debruçado na proa, o piloto e os guardas arrastam a lancha até a terra seca. Que ajudem as *madrecitas*, façam cadeirinha para elas não se molharem. A madre Angélica vai séria nos braços do Escuro e do Pesado, a madre Patrocínio hesita quando o Pequeno e o Louro unem suas mãos para recebê-la e, deixando-se cair, fica vermelha como um camarão. Os guardas atravessam a praia cambaleando, deixam as madres onde termina o lodo. O sargento pula, chega ao pé do barranco e a madre Angélica já está subindo a encosta, muito decidida, seguida pela madre Patrocínio, as duas engatinhando, desaparecendo entre redemoinhos de poeira ruiva. A terra do barranco é fofa, cede a cada passo, o sargento e os guardas avançam afundando até os joelhos, agachados, sufocados pela poeira, com o lenço apertado contra a boca, o Pesado espirrando e cuspidando. No topo se espanam os uniformes e o sargento olha: uma clareira circular, um punhado de cabanas de teto cônico, pequenos roçados de mandioca e de banana e, em volta, mato fechado. Entre as cabanas, arvorezinhas com sacos ovais pendurados nos galhos: ninhos de xexéus. Ele tinha avisado, madre Angélica, lembre-se, nem uma alma, estão vendo. Mas a madre Angélica anda de um lado para outro, entra numa cabana, sai e mete a cabeça na cabana ao lado, enxota as moscas a tapas, não para um segundo e, assim, de longe, esmaecida pela poeira, não é uma anciã e sim um hábito ambulante, ereto, uma sombra enérgica. Em contrapartida, a madre Patrocínio está imóvel, com as mãos escondidas no hábito, e seus olhos percorrem o povoado vazio uma e outra vez. Uns galhos se mexem e se ouvem grasnidos, uma esquadrilha de asas verdes, bicos negros e peitinhos azuis revoa sonoramente sobre as cabanas desertas de Chicais, os guardas e as madres os acompanham até que são engolidos pelo mato, sua gritaria ainda dura um pouco mais. Havia papagaios, era bom saber para o caso de faltar comida. Mas davam disenteria, madre, quer dizer, a barriga ficava solta. No barranco aparece um chapéu de palha, o rosto queimado do piloto Nieves: então os aguarunas se assustaram, *madrecitas*. Que teimosas, por que não lhe

deram ouvidos. A madre Angélica se aproxima, examina aqui e ali com os olhinhos enrugados, e suas mãos nodosas, rígidas, cheias de pintas castanhas se agitam na cara do sargento: estavam por perto, não tinham levado as suas coisas, precisavam esperar até que voltassem. Os guardas se entreolham, o sargento acende um cigarro, dois xexéus vão e vêm pelo ar, suas penas negras e douradas reluzem com brilhos úmidos. Passarinhos também, havia de tudo em Chicais. Menos aguarunas, e o Pesado ri. Por que não chegamos de supetão?, a madre Angélica ofega, por acaso não os conhecia, *madrecita?*, o penacho de pelos brancos do seu queixo treme suavemente, eles tinham medo dos cristãos e se escondiam, nem em sonhos voltariam enquanto estivessem aqui não veriam nem sombra deles. Pequena, roliça, a madre Patrocinio também está ali, entre o Louro e o Escuro. Mas ano passado não se esconderam, foram recebê-los e até lhes deram um tambaqui fresquinho, o sargento não se lembrava? Mas na época eles não sabiam, madre Patrocinio, agora sim, entenda. Os guardas e o piloto Nieves se sentam no chão, tiram os sapatos, o Escuro abre o cantil, bebe e suspira. A madre Angélica ergue a cabeça: montem as barracas, sargento, um rosto vincado, ponham os mosquiteiros, um olhar líquido, iam esperar que voltassem, uma voz alquebrada, e não faça essa cara, ela tinha experiência. O sargento joga fora o cigarro, enterra-o com o pé, já ouviram, rapazes, que se mexessem. E então se ouve um cacarejo e uma moita cospe uma galinha, o Louro e o Pequeno dão um grito de júbilo, preta, correm atrás dela, com pintas brancas, capturam-na e os olhos da madre Angélica faíscam, bandidos, o que estão fazendo, seu punho vibra no ar. Por acaso era deles?, que a soltassem, e o sargento que a soltassem mas, madres, se iam mesmo ficar lá precisavam comer, não queriam passar fome. A madre Angélica não ia permitir abusos, que confiança podiam ter neles se roubavam seus bichinhos? E a madre Patrocinio concorda, sargento, roubar era ofender a Deus, com seu rosto redondo e saudável, não conhecia os mandamentos? A galinha, no chão, cacareja, cata pulgas nas axilas, foge rebolando e o sargento encolhe os ombros: por que tinham ilusões se elas os conheciam tanto ou mais que ele. Os guardas vão até o barranco, nas árvores os papagaios e os xexéus estão gritando de novo, há zumbidos de insetos, uma brisa leve agita as folhas de jarina dos tetos de Chicais. O sargento afrouxa as perneiras, resmunga entre os dentes, parece estar emburrado e o piloto Nieves lhe dá uma palmada no ombro, sargento: não fique de mau humor, leve as coisas com calma. E o sargento aponta furtivamente para as madres, don Adrián, esse tipo de servicinho lhe doía na alma. A madre Angélica estava com muita sede e talvez um pouco de febre, seu espírito continuava animado, mas o corpo já vivia cheio de achaques, madre Patrocinio e ela não, não, que não dissesse isto, madre Angélica, agora que os guardas subiram ia tomar uma limonada e já se sentiria melhor, que não se preocupasse. Falavam da sua pessoa?, o sargento observa em volta com um olhar distraído, pensavam que era idiota?, abana o rosto com o quepe, esses dois *galinaços!*, e de repente se vira para o piloto Nieves: segredinho, segredão é falta de educação e olhe, sargento, os guardas estavam voltando às pressas. Uma canoa?, e o Escuro sim, com aguarunas?, e o Louro sim, meu sargento, e o Pequeno sim, e o Pesado e as madres, sim, sim, vão e perguntam e vêm sem rumo e o sargento que o Louro voltasse até o barranco e avisasse se estão subindo, os outros que se escondam e o piloto Nieves apanha as perneiras, os fuzis do chão. Os guardas e o sargento entram numa cabana, as madres continuam na clareira, *madrecitas*, escondam-se, madre Patrocinio, rápido, madre Angélica. Elas se entreolham, cochicham, dão pulinhos, entram na cabana da frente e, da moita onde se oculta, o Louro aponta um dedo para o rio, já iam descer meu sargento, estavam amarrando a canoa, já iam subir meu sargento e ele idiota, que viesse e se escondesse, Louro, não durma. Deitados de bruços, o Pesado e o Pequeno espiam pelos interstícios do tabique de talos da palmeira babunha; o Escuro e o piloto Nieves estão em pé, no fundo da cabana, e o Louro chega correndo e se agacha ao lado do sargento. Lá estavam, madre Angélica, lá estavam e a madre Angélica podia ser velha mas tinha boa vista, madre Patrocinio, já os via, eram seis. A velha, cabeluda, está com uma tanga branca e dois tubos de carne mole e escura pendem até sua cintura. Atrás dela, dois homens sem idade, baixos, barrigudos, de pernas esqueléticas, o sexo coberto com pedaços de tecido ocre amarrados com cipó,

as nádegas nuas, os cabelos em franja até as sobrancelhas. Trazem cachos de bananas. Depois vêm duas meninas com diademas de fibra, uma delas usa um brinco no nariz, a outra, pulseiras de couro nos tornozelos. Estão nuas como o menino que as segue, e ele parece menor e é mais magro. Olham a clareira deserta, a mulher abre a boca, os homens mexem as cabeças. Vão falar com eles, madre Angélica? E o sargento sim, lá vão as madres, atenção rapazes. As seis cabeças giram ao mesmo tempo, ficam paradas. As madres avançam até o grupo com passos iguais, sorrindo, e simultâneos, quase imperceptíveis, os aguarunas se aglomeram, imediatamente formam um só corpo, terroso e compacto. Os seis pares de olhos não se desviam das duas figuras cheias de pregas escuras que flutuam até eles e se escapulissem tinham que correr, rapazes, nada de tiros, nada de assustá-los. Deixavam que elas se aproximassem, meu sargento, o Louro pensava que iam fugir quando as vissem. E que jeitosinhas as meninas, que novinhas, não é, meu sargento?, este Pesado não tinha jeito. As madres param e, ao mesmo tempo, as meninas recuam, estendem os braços, agarram as pernas da velha que começou a bater nos próprios ombros com a mão aberta, cada palmada estremece suas enormes tetas, balançando-as: que o Senhor estivesse com eles. E a madre Angélica dá um grunhido, cospe, solta uma saraivada de sons rangentes, toscos e sibilantes, faz uma pausa para cuspir e, ostentosa, marcial, continua grunhindo, suas mãos evoluem, desenham traços solenes diante dos imóveis, pálidos, impassíveis rostos aguarunas. A *madrecita* estava palavreando com eles em pagão, rapazes, e cuspiu igualzinho às índias. Disso eles deviam gostar, meu sargento, que uma cristã falasse o seu idioma, mas que fizessem menos algazarra, rapazes, se eles ouvissem iam se assustar. Os grunhidos da madre Angélica chegam até a cabana muito nítidos, robustos, exagerados, e agora o Escuro e o piloto Nieves também espiam a clareira, com os rostos encostados no tabique. A freirinha estava com os índios na palma da mão, rapazes, que esperta, e as madres e os dois aguarunas sorriem, trocam reverências. E além do mais cultíssima, o sargento sabia que na missão elas ficavam estudando? Deviam ficar é rezando, Pequeno, pelos pecados do mundo. A madre Patrocínio sorri para a velha, esta desvia os olhos e continua muito séria, com as mãos nos ombros das meninas. O que estariam dizendo, meu sargento, como conversavam. A madre Angélica e os dois homens fazem caretas, gestos, cospem, disputam a palavra e, de repente, as três crianças se afastam da velha, correm, riem muito alto. O guri estava olhando para eles, rapazes, não tirava a vista daqui. Que magrinho era, o sargento reparou?, uma tremenda cabeçorra e tão pouquinho corpo, parecia uma aranha. Debaixo da moita de cabelos, os olhos grandes do menino apontam fixamente para a cabana. Está torrado como uma formiga, suas pernas são curvas e frágeis. De repente levanta a mão, grita, rapazes, desgraçado, meu sargento, e há uma violenta agitação atrás do tabique, xingamentos, empurrões e explodem vozes guturais na clareira quando os guardas chegam correndo e tropeçando. Baixem esses fuzis, suas antas, a madre Angélica mostra as mãos iracundas para os guardas, ah, eles iam ver com o tenente. As duas meninas escondem as cabeças no peito da velha, esmagam seus seios moles e o garotinho permanece sozinho, entre os guardas e as madres. Um dos aguarunas larga o cacho de bananas, em algum lugar a galinha cacareja. O piloto Nieves está na entrada da cabana, com o chapéu de palha puxado para trás, um cigarro entre os dentes. E o que o sargento pensava, e a madre Angélica dá um pulinho, por que se metia onde não era chamado? Mas se baixassem os fuzis eles sumiriam na mesma hora, madre, ela mostra o punho sardento e ele baixem as máuseres, rapazes. Suave, contínua, a madre Angélica fala com os aguarunas, suas mãos rígidas desenham figuras lentas, persuasivas, pouco a pouco os homens perdem a rigidez, agora respondem com monossílabos e ela risonha, inexorável, continua grunhindo. O menino se aproxima dos guardas, fareja os fuzis, apalpa-os, o Pesado lhe dá um tapinha na testa, ele se agacha e berra, era desconfiado o sacaninha e a risada sacode a cintura flácida do Pesado, sua papada, suas bochechas. A madre Patrocínio se transfigura, sem-vergonha, o que dizia, por que faltava assim com o respeito, seu grosso e o Pesado mil desculpas, balança sua confusa cabeça de boi, escapuliu sem querer, madre, tem a língua solta. As meninas e o garotinho circulam entre os guardas. Examinam, tocam em seus corpos com a ponta dos dedos. A madre

Angélica e os dois homens murmuram amigavelmente e o sol ainda brilha ao longe, mas nos arredores está escuro e acima do bosque se amontoa outro bosque de nuvens brancas e frondosas: ia chover. A madre Angélica xingou antes, madre, e eles o que tinham falado. A madre Patrocinio sorri, que bobagem, anta não era xingamento, era um bicho de cabeça dura como a dele e a madre Angélica se vira para o sargento: iam comer com eles, tragam as lembrancinhas e as limonadas. Ele assente, dá instruções ao Pequeno e ao Louro apontando para o barranco, banana verde e peixe cru, rapazes, um puta banquete. Os meninos rodam em torno do Pesado, do Escuro e do piloto Nieves, e a madre Angélica, os homens e a velha arrumam folhas de bananeira no chão, entram nas cabanas, trazem recipientes de barro, mandioca, acendem uma pequena fogueira, enrolam bagres e linguados em grandes folhas de bananeira que amarram com fibra de cipó e põem no fogo. Iam esperar os outros, sargento? Isso não teria mais fim, e o piloto Nieves joga fora o cigarro, os outros não iam voltar, tinham ido embora porque não queriam visitas e na certa estes aqui aproveitariam o primeiro descuido. Sim, o sargento sabia, mas era inútil brigar com as *madrecitas*. O Pequeno e o Louro voltam com as sacolas e as garrafas térmicas, as madres, os aguarunas e os guardas estão sentados em círculo diante das folhas de bananeira, a velha espantando os insetos a tapas. A madre Angélica distribui os presentes e os aguarunas os recebem sem demonstrar muito entusiasmo, mas depois, quando as madres e os guardas começam a comer pedacinhos de peixe que arrancam com as mãos, os dois homens, sem se olhar, abrem as sacolas, acariciam espelinhos e colares, dividem as contas coloridas e nos olhos da velha se acendem súbitas luzes ambiciosas. As meninas disputam uma garrafa, o garotinho mastiga com fúria e o sargento ia passar mal, merda, ia ter diarreia, ficaria inchado feito um sapo barrigudo, no seu corpo iam aparecer calombos que explodiriam e sairia pus. Está com um pedaço de peixe na ponta dos lábios, seus olhinhos piscam e o Escuro, o Pequeno e o Louro também fazem muxoxo, a madre Patrocinio fecha os olhos, engole, seu rosto se crispa, e só o piloto Nieves e a madre Angélica estendem as mãos constantemente para as folhas e com uma espécie de regozijo pressuroso desfiam a carne branca, tiram as espinhas e põem na boca. Na selva todo mundo era um pouco bárbaro, até as madres, que maneira de comer. O sargento solta um arrote, todos olham e ele tosse. Os aguarunas puseram os colares nos pescoços, ficam mostrando um para o outro. As bolinhas de vidro são grená e fazem contraste com a tatuagem que enfeita o peito daquele que usa seis pulseiras de contas num braço e três no outro. Quando iam partir, madre Angélica? Os guardas olham para o sargento, os aguarunas param de mastigar. As meninas estendem as mãos, tocam timidamente nos colares deslumbrantes, nas pulseiras. Tinham que esperar os outros, sargento. O aguaruna de tatuagem grunhe e a madre Angélica sim, sargento, está vendo?, coma, eles se ofendem com tanto nojo. Ele estava sem fome mas queria lhe dizer uma coisa, *madrecita*, não podiam ficar mais tempo em Chicais. A madre Angélica está com a boca cheia, o sargento viera ajudar, sua mão miúda e pétrea aperta uma garrafa de limonada, não para dar ordens. O Pequeno tinha ouvido o tenente, o que ele disse?, e ele que voltassem em menos de oito dias, madre. Já passaram cinco, e quantos para voltar, don Adrián?, três dias se não chovesse, viu só?, eram ordens, madre, não fique aborrecida com ele. Junto com o rumor da conversa entre o sargento e a madre Angélica há outro, áspero: os aguarunas dialogam em altos brados, batem nos braços uns dos outros e comparam as pulseiras. A madre Patrocinio engole e abre os olhos, e se os outros não voltassem?, e se demorassem um mês para voltar?, claro que era só uma opinião, e fecha os olhos, talvez esteja enganada, e engole. A madre Angélica franze o cenho, surgem novas linhas no seu rosto, sua mão acaricia a mechinha de pelos brancos do queixo. O sargento bebe um gole do cantil: pior que purgante, tudo ficava quente nesta terra, não era o calor de Piura, o daqui apodrecia tudo. O Pesado e o Louro estão deitados de costas, os quepes em cima do rosto, e o Pequeno queria saber se alguém estava a par daquilo, don Adrián, e o Escuro é mesmo, que continue, que conte, don Adrián. Eram meio peixe e meio mulher, ficavam no fundo das lagoas esperando os afogados e, quando uma canoa virava, vinham e pegavam os cristãos e os levavam para os seus palácios lá de baixo. Colocavam-nos numas redes que não eram de juta e

sim de cobras, e lá faziam a festa com eles, e a madre Patrocínio já estavam falando de superstições?, e eles não, não, e se achavam cristãos?, nada disso, *madrecita*, estavam se perguntando se ia chover. A madre Angélica inclina-se para os aguarunas grunhindo docemente, sorrindo com obstinação, está com as mãos entrelaçadas e os homens, sem sair do lugar, pouco a pouco se endireitam, alongam os pescoços como garças tomando sol na beira do rio e surge um vaporzinho, e alguma coisa assombra, dilata suas pupilas e o peito de um deles incha, sua tatuagem se destaca, se apaga, se destaca e gradualmente vão avançando em direção à madre Angélica, muito atentos, graves, mudos, e a velha cabeluda abre os braços, pega as meninas. O garotinho continua comendo, rapazes, agora vinha a parte difícil, atenção. O piloto, o Pequeno e o Escuro fazem silêncio. O Louro se levanta de olhos vermelhos e sacode o Pesado, um aguaruna olha de soslaio para o sargento, depois para o céu, e agora a velha abraça as meninas, incrusta-as em seus seios amplos e listrados e os olhos do garotinho oscilam da madre Angélica para os homens, destes para a velha, desta para os guardas e a madre Angélica. O aguaruna da tatuagem começa a falar, o outro o imita, a velha, uma tempestade de sons abafa a voz da madre Angélica que agora nega com a cabeça e com as mãos e de repente, sem deixar de roncar nem de cuspir, lentos, cerimoniais, os dois homens tiram os colares, as pulseiras e cai uma chuva de miçangas sobre as folhas de bananeira. Os aguarunas estendem as mãos para os restos de peixe, entre os quais passa um fino arroio de formigas pardas. Ficaram bravos, rapazes, mas eles estavam preparados, meu sargento, era só mandar. Os aguarunas limpam as sobras de carne branca e azul, apanham as formigas com as unhas, esmagam-nas e com muito cuidado envolvem a comida nas folhas venosas. Que o Pequeno e o Louro se encarreguem das meninas, recomendava o sargento e o Pesado que sortudos. A madre Patrocínio está muito pálida, mexe os lábios, seus dedos apertam as contas negras de um rosário e, cuidado, sargento, que não se esquecessem de que eram meninas, está bem, está bem, e que o Pesado e o Escuro mantivessem aquela gente nua no lugar e que a madre não se preocupasse e a madre Patrocínio ai e se cometessem brutalidades e o piloto se encarregaria das coisas, rapazes, nada de brutalidades: Santa Maria, Mãe de Deus. Todos olham para os lábios exangues da madre Patrocínio, e ela Rogai por nós, tritura com os dedos as bolinhas pretas e a madre Angélica acalme-se, madre, e o sargento já, era agora. E se levantam, sem pressa. O Pesado e o Escuro sacodem as calças, abaixam-se, apanham os fuzis e agora há correrias, gritos e na hora, pisões, o menininho tapa a cara, da nossa morte, e os dois aguarunas ficaram rígidos, amém, seus dentes estão batendo e seus olhos perplexos fitam os fuzis que apontam para eles. Mas a velha está em pé forcejando com o Pequeno e as meninas se debatem como enguias entre os braços do Louro. A madre Angélica cobre a boca com um lenço, a poeira cresce e fica espessa, o Pesado espirra e o sargento pronto, podiam ir para o barranco, rapazes, madre Angélica. E quem ia ajudar o Louro, sargento, não vê que eles estavam se soltando? O Pequeno e a velha rolam abraçados no chão, que o Escuro fosse ajudá-lo, o sargento o substituiria, vigiaria o pelado. As madres andam até o barranco de braços dados, o Louro arrasta duas figuras emboladas e gesticulantes e o Escuro puxa furiosamente as madeixas da velha até que o Pequeno se liberta e fica em pé. Mas a velha vai atrás deles, alcança-os, arranha, e o sargento pronto, Pesado, já foram embora. Recuam sem deixar de apontar para os dois homens, deslizam sobre os calcanhares e os aguarunas se levantam ao mesmo tempo e avançam imantados pelos fuzis. A velha pula feito um cuatá, cai e captura dois pares de pernas, o Pequeno e o Escuro cambaleiam, Mãe de Deus, também caem e que a madre Patrocínio não grite assim. Uma brisa rápida vem do rio, escala a encosta e traz ativos, envolventes torvelinhos alaranjados e grãos de terra robustos, aéreos como moscóes. Os dois aguarunas ficam dóceis diante dos fuzis e o barranco está muito próximo. Se por acaso se aventurassem contra ele, o Pesado atiraria? E a madre Angélica bruto, podia matá-los. O Louro pega a menina de brinco pelo braço, por que não desciam, sargento?, a outra pelo pescoço, mas elas se safavam, estavam se safando dele e não gritam mas fazem força e suas cabeças, ombros, pés e pernas lutam e batem e vibram e o piloto Nieves passa carregando garrafas térmicas:vamos logo, don Adrián, não estava esquecendo nada? Não, nada, quando o sargento

quiser. O Pequeno e o Escuro seguram a velha pelos ombros e pelos cabelos e ela está sentada berrando, vez por outra bate sem força nas pernas deles e bendito era o fruto, mãe, mãe, do seu ventre e escapuliam do Louro, Jesus. O homem de tatuagem olha o fuzil do Pesado, a velha dá um alarido e chora, dois fios úmidos abrem finíssimos canais na crosta de poeira do seu rosto e que o Pesado não fosse doido. Mas se eles se aventurassem, sargento, ia partir seus crânios, nem que fosse com uma coronhada, sargento, e se acabava a brincadeira. A madre Angélica tira o lenço da boca: bruto, por que dizia maldades?, por que o sargento permitia aquilo?, e o Louro podia ir descendo?, essas bandidas o estavam esfolando. As mãos das meninas não chegam até o rosto do Louro, só até o pescoço, já cheio de riscos violáceos, e rasgaram sua camisa e arrancaram os botões. Às vezes parecem desanimar, relaxam o corpo, gemem e atacam de novo, seus pés nus se chocam contra as pernas do Louro, ele pragueja e as sacode, elas continuam silenciosamente e que a madre desça, o que estava esperando, e também o Louro e a madre Angélica, por que as apertava assim se eram meninas?, do seu ventre Jesus, mãe, mãe. Se o Pequeno e o Escuro a soltassem, a velha se jogaria em cima deles, sargento, que faziam?, e o Louro deixe que ela as segure, olhe só, madre, não está vendo como o arranham? O sargento agita o fuzil, os aguarunas pulam, dão um passo atrás e o Pequeno e o Escuro soltam a velha, com as mãos prontas para defender-se, mas ela não se mexe, só esfrega os olhos e ali está o garotinho, como que isolado pelos redemoinhos: ele se acocora e mete o rosto entre as tetas líquidas. O Pequeno e o Escuro vão ladeira abaixo, uma muralha rosácea os engole aos poucos, e como o Louro fazia para descer com elas sozinho, merda, o que estava acontecendo, sargento, por que iam embora e a madre Angélica se aproxima gesticulando resoluta: ela ajudava. Estende as mãos para a menina do brinco, mas não toca nela e se dobra e o pequeno punho bate outra vez e o hábito afunda e a madre Angélica solta um gemido e se encolhe: o que eu lhe disse, o Louro sacode a menina como um trapo, madre, não era uma fera? Pálida e encolhida, a madre Angélica insiste, segura o braço com as duas mãos, Santa Maria, e agora uivam, Mãe de Deus, esperneiam, Santa Maria, arranham, todos tosem, Mãe de Deus e em vez de tanta reza era melhor que fossem descendo, madre Patrocínio, por que se assustava tanto e até que hora, merda, e até quando, desçam logo que o sargento já estava irritado, merda. A madre Patrocínio dá meia-volta, segue encosta abaixo e some, o Pesado avança o fuzil e o índio de tatuagem recua. Com que ódio olhava, sargento, parecia rancoroso o filho da puta, e orgulhoso: deviam ser assim os olhos do *chulla-chaqui*, sargento. Ficam mais distantes as nuvens que envolvem todos os que estão descendo, a velha chora e se contorce, os dois aguarunas observam o cano, a culatra, as bocas redondas dos fuzis: que o Pesado não mexesse o pulso. Certo, sargento, mas que maneira de olhar era esta, cacete, que direito eles tinham. O Louro, a madre Angélica e as meninas também se desvanecem entre ondas de poeira e a velha se arrastou até a beira do barranco, olha para o rio, seus mamilos tocam na terra e o garoto emite sons estranhos, grita desesperado como uma ave lúgubre e o Pesado não gostava de estar tão perto dos selvagens, sargento, como iam fazer para descer agora que estavam sozinhos. E então o motor da lancha ronca: a velha se cala e levanta o rosto, olha para o céu, o garotinho a imita, os dois aguarunas a imitam e os imbecis estavam procurando um avião, Pesado, não percebiam, era agora. Recuam o fuzil e de repente o avançam, os dois homens pulam para trás e gesticulam e então o sargento e o Pesado descem de costas, sempre apontando, afundando até os joelhos e o motor ronca cada vez mais forte, envenena o ar com soluços, gargarejos, vibrações e sacudidas e na encosta não é como na clareira, não há brisa, só ar quente e uma poeira vermelha e ardida que faz espirrar. Borradas, no alto do barranco umas cabeças peludas exploram o céu, balançam suavemente procurando algo entre as nuvens e o motor estava lá e as meninas chorando, Pesado, e ele o que fazer?, meu sargento, não aguentava mais. Atravessam o lodo correndo e quando chegam à lancha estão ofegantes, com a língua de fora. Já era hora, por que tinham demorado tanto? Como queriam que o Pesado subisse, vocês estão muito confortáveis, seus safados, arranjem lugar. Mas ele precisava emagrecer, olhem só, o Pesado subia e a lancha afundava e não era hora para brincadeiras, que saiam de uma vez, sargento. Saíam agorinha mesmo, madre

Angélica, da nossa morte amém.



Ouviu-se uma porta bater, a superiora levantou o rosto da escrivaninha, a madre Angélica entrou como uma tromba-d'água no gabinete, suas mãos lívidas caíram sobre o encosto de uma cadeira.

— O que houve, madre Angélica? Por que está assim?

— Fugiram, madre! — balbuciou a madre Angélica. — Não ficou nenhuma, meu Deus.

— O que disse, madre Angélica — a superiora levantou-se com um pulo e já avançava para a porta. — As pupilas?

— Meu Deus, meu Deus! — assentia a madre Angélica fazendo movimentos curtos, idênticos, muito rápidos, com a cabeça, como uma galinha ciscando.

Santa María de Nieva fica na desembocadura do Nieva no Alto Marañón, dois rios que abraçam a cidade e são seus limites. À sua frente, emergem do Marañón duas ilhas que servem aos moradores para medir as crescentes e as vazantes. Quando não há névoa se divisam do povoado, atrás, morros cobertos de vegetação e, na frente, águas abaixo pelo rio largo, os maciços da cordilheira que o Marañón perfura no pongo de Manseriche: dez quilômetros violentos de redemoinhos, pedras e correntezas que começam numa guarnição militar, a de Tenente Pinglo, e acabam noutra, a de Borja.

— Por aqui, madre — disse a madre Patrocínio. — Olhe, a porta está aberta, foi por aqui.

A madre superiora levantou a lamparina e se inclinou: o mato era uma sombra uniforme alagada de insetos. Pôs a mão na porta entreaberta e virou-se para as madres. Os hábitos haviam desaparecido na noite, mas os véus brancos resplandeciam como plumagens de garças.

— Procure a Bonifacia, madre Angélica — sussurrou a superiora. — Leve-a ao meu gabinete.

— Sim, madre, agora mesmo — a lamparina iluminou por um segundo o queixo trêmulo da madre Angélica, seus olhinhos que piscavam.

— Vá avisar don Fabio, madre Griselda — disse a superiora. — E você o tenente, madre Patrocínio. Que comecem a procurá-las agora mesmo. Depressa, madres.

Dois halos alvos se separaram do grupo em direção ao pátio da missão. A superiora, seguida pelas madres, andou até a residência, encostada no muro do pomar, onde um grasnido abafava, a intervalos caprichosos, o adejar dos morcegos e o canto dos grilos. Entre as árvores frutíferas viam-se piscadas e brilhos, vaga-lumes?, olhos de corujas? A superiora parou em frente à capela.

— Entrem, madres — disse suavemente. — Peçam à Virgem que não ocorra nenhuma desgraça. Eu volto depois.

Santa María de Nieva é como uma pirâmide irregular e sua base são os rios. O porto fica no Nieva e em torno do cais flutuante balançam as canoas dos aguarunas, os botes e lanchas dos cristãos. Mais acima fica a praça quadrada de terra ocre, em cujo centro se erguem dois troncos de pau-mulato, lisos e corpulentos. Num deles os guardas hasteiam a bandeira nas Festas Patrióticas. E em volta ficam a delegacia de polícia, a residência do governador, várias casas de cristãos e a cantina de Paredes, que também é comerciante, carpinteiro e sabe preparar puçangas, essas poções que contagiam de amor. E ainda mais acima, nas duas colinas que são como os vértices da cidade, fica a sede da missão: tetos de zinco, estacas de barro e de madeira, paredes branqueadas a cal, tela metálica nas janelas, portas de madeira.

— Não vamos perder tempo, Bonifacia — disse a superiora. — Conte tudo.

— Ela estava na capela — disse a madre Angélica. — As madres a encontraram.

— Eu lhe fiz uma pergunta, Bonifacia — disse a superiora. — O que está esperando?

Estava vestindo uma túnica azul, uma espécie de envoltório que escondia seu corpo dos ombros até os tornozelos, e seus pés descalços, da mesma cor das tábuas acobreadas do chão, jaziam juntos: dois animais chatos, policéfalos.

— Não ouviu? — disse a madre Angélica. — Responda de uma vez.

O véu escuro que emoldurava o rosto da garota e a penumbra do gabinete acentuavam a ambiguidade da sua expressão, entre arisca e indolente, e seus grandes olhos fitavam fixamente a escrivanhinha; às vezes, a chama do lampião agitada pela brisa que vinha do pomar revelava a sua cor verde, sua suave cintilação.

— Roubaram as chaves? — disse a madre superiora.

— Você não muda, sua descuidada! — a mão da madre Angélica voou até a cabeça da Bonifacia. — Está vendo no que deu a sua negligência?

— Deixe comigo, madre — disse a superiora. — Não me faça perder mais tempo, Bonifacia.

Os braços da moça pendiam nos flancos, a cabeça permanecia baixa, a *itípak* só revelava um ligeiro movimento no peito. Seus lábios retos e espessos estavam soldados num ricto áspero, e o nariz se dilatava e se franzia levemente, num ritmo sempre igual.

— Vou ficar aborrecida, Bonifacia, estou falando com consideração, e você é como se nem ouvisse — disse a superiora. — A que horas deixou-as sozinhas? Não trancou o dormitório a chave?

— Fale de uma vez, demônio! — a madre Angélica torceu a *itípak* de Bonifacia. — Deus vai castigar este seu orgulho.

— Você tem o dia todo para ir à capela, mas de noite seu dever é cuidar das pupilas — disse a superiora. — Por que saiu do dormitório sem autorização?

Duas batidinhas breves soaram na porta do gabinete, as madres se viraram, Bonifacia levantou um pouco as pálpebras e, por um segundo, seus olhos ficaram maiores, mais verdes e mais intensos.

Das colinas do povoado se divisa, cem metros à frente, na margem direita do rio Nieva, o barraco de Adrián Nieves, sua chacinha, e depois só um dilúvio de cipós, matagais, árvores de galhos tentaculares e copas altíssimas. Nas proximidades da praça fica a aldeia indígena, uma aglomeração de cabanas erguidas sobre árvores decapitadas. Por ali o lodo devora a erva selvagem e circunda poças de água fétida fervilhantes de girinos e de lombrigas. Aqui e acolá, diminutos e quadriculados, há roçados de mandioca, milho, pomares minúsculos. Da missão, uma trilha íngreme desce até a praça. E atrás da missão um muro terroso resiste à pressão do bosque, o furioso ataque vegetal. Nesse muro há uma porta trancada, fora de uso.

— É o governador, madre — disse a madre Patrocínio. — Pode?

— Sim, mande-o entrar, madre Patrocínio — disse a superiora.

A madre Angélica levantou o lampião e resgatou duas figuras imprecisas da escuridão da soleira. Enrolado numa coberta, de lanterna na mão, don Fabio entrou fazendo medidas:

— Estava dormindo e vim às pressas, madre, desculpe esta cara — apertou a mão da superiora, da madre Angélica. — Como pode ter acontecido isso, juro que não consigo acreditar. Imagino como estão se sentindo, madre.

Seu crânio calvo parecia úmido, seu rosto magro sorria para as madres.

— Sente-se, don Fabio — disse a superiora. — Obrigada por ter vindo. Traga uma cadeira para o governador, madre Angélica.

Don Fabio sentou-se e a lanterna que estava em sua mão esquerda se acendeu: uma rodela dourada sobre o tapete de tucumã.

— Já foram procurá-las, madre — disse o governador. — O tenente também. Não se preocupe, vão encontrá-las ainda esta noite.

— Aquelas pobres crianças por aí, ao deus-dará, don Fabio, imagine — suspirou a superiora. —

Felizmente não está chovendo. Não pode imaginar o susto que tivemos.

— Mas como foi, madre — perguntou don Fabio. — Ainda me parece mentira.

— Um descuido dela — disse a madre Angélica, apontando para Bonifacia. — Deixou-as sozinhas e foi à capela. Deve ter esquecido de fechar a porta.

O governador olhou para Bonifacia e seu rosto assumiu um ar severo e dolorido. Mas um segundo depois sorriu e fez uma mesura para a superiora.

— As meninas são inconscientes, don Fabio — disse a superiora. — Não têm noção dos perigos. Isto é o que mais nos preocupa. Um acidente, um animal.

— Ah, que meninas — disse o governador. — Está vendo, Bonifacia, você precisa ser mais cuidadosa.

— Peça a Deus que não aconteça nada com elas — disse a superiora. — Senão, vai ter remorsos a vida inteira, Bonifacia.

— Ninguém as ouviu saindo, madre? — perguntou don Fabio. — Pelo povoado não passaram. Devem ter ido pelo mato.

— Saíram pela porta do pomar, por isso não ouvimos — disse a madre Angélica. — Roubaram a chave desta tola.

— Não me chame de tola, *mamita* — disse Bonifacia, com os olhos arregalados. — Não me roubaram.

— Tola, completamente parva — disse a madre Angélica. — Ainda se atreve? E não me chame de *mamita*.

— Eu abri a porta para elas — Bonifacia quase nem abriu os lábios. — Eu as deixei fugir, vê que não sou tola?

Don Fabio e a superiora adiantaram as cabeças na direção de Bonifacia, a madre Angélica fechou, abriu a boca, roncou antes de conseguir falar:

— O que está dizendo? — roncou de novo. — Você as deixou fugir?

— Sim, *mamita* — disse Bonifacia. — Deixei.

— Já está triste outra vez, Fushía — disse Aquilino. — Não fique assim, homem. Vamos, converse um pouco para a tristeza passar. Conte de uma vez como foi que fugiu.

— Onde estamos, velho? — disse Fushía. — Falta muito para entrar no Marañón?

— Faz tempo que entramos — disse Aquilino. — Você nem percebeu, estava roncando feito um anjinho.

— Foi de noite? — disse Fushía. — Como não senti as corredeiras, Aquilino?

— Estava tão claro que parecia de madrugada, Fushía — disse Aquilino: — O céu era pura estrela e o tempo, o melhor do mundo, nem uma mosca se mexia. De dia aparecem pescadores, às vezes uma lancha da guarnição, de noite é mais seguro. E de qualquer forma você nem ia sentir as corredeiras, eu as conheço de cor e salteado. Mas não faça essa cara, Fushía. Pode se levantar se quiser, deve estar quente aí embaixo dos cobertores. Não vem ninguém, somos os donos do rio.

— Prefiro ficar aqui — disse Fushía. — Estou com frio, meu corpo todo está tremendo.

— Certo, homem, fique onde se sentir melhor — disse Aquilino. — Vamos, conte de uma vez como fugiu. Por que estava trancafiado? Que idade tinha?

Ele tinha ido à escola e por isso o turco lhe dera um biscate no armazém. Fazia as contas, Aquilino, nuns livrões que se chamam Débito e Crédito. E embora fosse honesto nessa época, já sonhava em ficar rico. Como economizava, velho, só comia uma vez por dia, nada de cigarro, nada de bebida. Queria arranjar um capitalzinho para fazer negócios. E veja como são as coisas, o turco cismou que estava roubando, pura mentira, e o mandou para a cadeia. Ninguém quis acreditar que ele era honesto e o meteram num calabouço com dois bandidos. Não era a coisa mais injusta do mundo, velho?

— Mas isso você já contou quando saímos da ilha, Fushía — disse Aquilino. — Quero que me diga como foi que fugiu.

— Com esta gazua — disse Chango — que o Iricuo fabricou com arame do estrado. Já experimentamos, abre a porta sem fazer barulho. Quer ver, japonêsinho?

Chango era o mais velho, estava lá por problemas com drogas, e tratava Fushía com carinho. Iricuo, ao contrário, sempre zombava dele. Era um bandido que tinha extorquido muita gente com o conto da herança, velho. Foi ele quem fez o plano.

— E deu certo, Fushía? — disse Aquilino.

— Certíssimo — disse Iricuo. — Vocês não sabem que no ano-novo todos eles somem? Só ficou um no pavilhão, basta arrancar as chaves antes que ele jogue para o outro lado da grade. Depende disso, rapazes.

— Abra de uma vez, Chango — disse Fushía. — Não aguento mais, Chango, abra.

— Você deveria ficar aqui, japonêsinho — disse Chango. — Um ano passa rápido. Nós não perdemos nada, mas se a coisa falhar você se dana, pega mais dois anos.

Mas ele insistiu e saíram e o pavilhão estava vazio. Encontraram o guarda dormindo junto à grade, com uma garrafa na mão.

— Dei-lhe uma pancada com o pé da cama e ele desabou — disse Fushía. — Acho que o matei, Chango.

— Rápido, idiota, já estou com as chaves — disse Iricuo. — Temos que atravessar o pátio correndo. Pegou o revólver?

— Vou passar primeiro — disse Chango. — Os outros, na porta principal, também devem estar bêbados como este.

— Mas estavam acordados, velho — disse Fushía. — Eram dois, jogando dados. Que olhos abriram quando nós entramos.

Iricuo apontou o revólver: se não abrissem o portão ia começar uma chuva de balas, seus putos. E qualquer grito que dessem começava, e depressa senão começava, seus putos, a chuva de balas.

— Amarre-os, japonêsinho — disse Chango. — Com os cintos. E enfie as gravatas nas bocas. Rápido, japonêsinho, rápido.

— Não funciona, Chango — disse Iricuo. — Nenhuma delas é a do portão. Chegamos quase lá, rapazes.

— Tem que ser uma dessas, continue tentando — disse Chango. — O que é isso, rapaz, por que está chutando os guardas.

— E por que fazia isso, Fushía? — disse Aquilino. — Não entendo, numa hora dessas só se pensa em fugir, mais nada.

— Estava com raiva de todos aqueles cachorros — disse Fushía. — Como nos tratavam, velho. Sabe que mandei os dois para o hospital? Nos jornais diziam crueldade do japonês, Aquilino, vinganças de oriental. Eu ria, nunca tinha saído de Campo Grande e era mais brasileiro que qualquer um.

— Agora é peruano, Fushía — disse Aquilino. — Quando o conheci em Moyobamba, você ainda podia ser brasileiro, falava um pouco esquisito. Mas agora fala como os cristãos daqui.

— Nem brasileiro nem peruano — disse Fushía. — Uma merda, velho, um verdadeiro lixo, isso é o que sou agora.

— Por que tanta violência? — disse Iricuo. — Por que bateu neles? Se nos pegarem, eles nos matam de porrada.

— Tudo está indo bem, não há tempo para discutir — disse Chango. — Precisamos nos esconder, Iricuo, e rápido, japonêsinho, pegue o carro e venha voando.

— No cemitério? — disse Aquilino. — Isso não é coisa de cristãos.

— Não eram cristãos, eram bandidos — disse Fushía. — Os jornais diziam entraram no cemitério para abrir os túmulos. As pessoas são assim, velho.

— E você roubou o carro do turco? — disse Aquilino. — Como foi que pegaram os outros e você escapou?

— Eles ficaram a noite toda no cemitério, à minha espera — disse Fushía. — A polícia apareceu ao amanhecer. Eu já estava longe de Campo Grande.

— Quer dizer que você os traiu, Fushía — disse Aquilino.

— Por acaso não traí todo mundo? — disse Fushía. — O que foi que fiz com Pantacha e os huambisas?

O que foi que fiz com Jum, velho?

— Mas nessa época você não era mau — disse Aquilino. — Você mesmo disse que era honesto.

— Antes de entrar na cadeia — disse Fushía. — Lá, deixei de ser.

— E como veio para o Peru? — disse Aquilino. — Campo Grande deve ficar bem longe.

— Em Mato Grosso, velho — disse Fushía. — Os jornais diziam o japonês está indo para a Bolívia.

Mas eu não era tão bobo, andei por tudo o que é lado, passei um bocado de tempo fugindo, Aquilino. E afinal cheguei a Manaus. De lá era fácil passar para Iquitos.

— E foi lá que conheceu o senhor Julio Reátegui, Fushía? — perguntou Aquilino.

— Daquela vez não o conheci pessoalmente — disse Fushía. — Mas ouvi falar dele.

— Que vida você teve, Fushía — disse Aquilino. — Quanta coisa viu, quantos lugares conheceu. Eu gosto de ouvir, não imagina como é interessante. E você, não gosta de contar tudo isso? Não sente que assim a viagem passa mais rápido?

— Não, velho — disse Fushía. — Não sinto nada além de frio.

Ao atravessar a região das dunas, o vento que desce da cordilheira se aquece e consolida: armado de areia, segue o curso do rio e, quando chega à cidade, surge entre o céu e a terra como uma couraça deslumbrante. Ali esvazia suas vísceras: todos os dias do ano, na hora do crepúsculo, uma chuva seca e fina como serragem de madeira, que só para ao amanhecer, cai sobre as praças, os telhados, as torres, os campanários, as varandas e as árvores, e pavimenta de branco as ruas de Piura. Os forasteiros se enganam quando dizem “*as casas da cidade estão prestes a cair*”: os rangidos noturnos não vêm das construções, que são antigas mas robustas, e sim dos invisíveis, incontáveis, minúsculos projéteis de areia batendo nas portas e nas janelas. Também se enganam quando pensam: “*Piura é uma cidade retraída, triste.*” As pessoas se trancam em casa ao entardecer para fugir do vento sufocante e do ataque de areia que machuca a pele como espetadas de agulhas e a deixa vermelha e ferida, mas nos barracos de Castilla, nos casebres de barro e bambu bravo da Mangachería, nas *picanterías* e *chicherías* da Gallinacera, nas residências dos poderosos no porto e na Praça de Armas, todos se divertem como gente de qualquer outro lugar, bebendo, ouvindo música, conversando. O aspecto abandonado e melancólico da cidade desaparece na soleira das casas, mesmo as mais humildes, as frágeis moradias enfileiradas nas margens do rio, do outro lado do matadouro.

A noite piurana é cheia de histórias. Os camponeses falam de assombrações; no seu canto, enquanto cozinham, as mulheres contam fofocas, desgraças. Os homens tomam tigelinhas de chicha amarela, ásperos copos de aguardente de cana. Esta é serrana, e muito forte: os forasteiros choram quando a provam pela primeira vez. As crianças rolam no chão, brigam, tapam os buracos das minhocas, fabricam armadilhas para as iguanas ou, imóveis, de olhos esbugalhados, ouvem as histórias dos mais velhos: bandoleiros que espreitam nas bocainas de Canchaque, Huancabamba e Ayabaca para assaltar os viajantes e, às vezes, degolá-los; mansões onde penam os espíritos; curas milagrosas dos bruxos; enterros de ouro e prata que anunciam sua presença com sons de correntes e gemidos; milícias que dividem os fazendeiros da região em duas facções e percorrem o areal em todas as direções, buscando-se, atacando-se no meio de descomunais nuvens de poeira,

e ocupam casarios e distritos, confiscam animais, recrutam homens a laço e pagam tudo com papéis que chamam de Bônus da Pátria, milícias que os adolescentes ainda viram entrar em Piura como um furacão galopante, armar suas barracas na Praça de Armas e derramar uniformes vermelhos e azuis pela cidade; histórias de desafios, adultérios e catástrofes, de mulheres que viram a Virgem da Catedral chorar, o Cristo levantar a mão, o Menino Deus sorrir furtivamente.

Aos sábados, geralmente há festas. Como uma onda elétrica, a alegria percorre a Mangachería, Castilla, a Gallinacera, os barracos da margem do rio. Em toda Piura ressoam toadas e *pasillos*, valsas lentas, os *huaynos* que os serranos dançam batendo os pés descalços no chão, ágeis marinheiras, *tristes* com fuga de *tondero*. Quando a embriaguez se espalha e cessam os cantos, o dedilhar dos violões, o trovejar das caixas e o choro das harpas, no casario que abraça Piura como uma muralha surgem sombras repentinas que desafiam o vento e a areia: são casais jovens, ilícitos, que escorregam para o bosque ralo de alfarrobeiras que sombreia o areal, as prainhas escondidas do rio, as grutas que dão para Catacaos, os mais audazes até o começo do deserto. Lá se amam.

No coração da cidade, nos quarteirões que cercam a Praça de Armas, em casarões de paredes caídas e varandas com persianas, moram os fazendeiros, os comerciantes, os advogados, as autoridades. De noite se reúnem nos pomares, sob as palmeiras, e falam das pragas que ameaçam este ano o algodão e os canaviais, especulam se o rio vai chegar a tempo e se virá caudaloso, comentam o incêndio que devorou umas roças de Chápiro Seminario, a briga de galos do domingo, a *pachamanca* que vão organizar para receber o novo médico local: Pedro Zevallos. Enquanto eles jogam cartas, dominó, nos salões cheios de tapetes e penumbras, entre óleos ovais, grandes espelhos e móveis forrados de damasco, as senhoras rezam o rosário, negociam os futuros noivados, programam as recepções e as festas de beneficência, sorteiam as obrigações para a procissão e os enfeites dos altares, organizam quermesses e comentam os mexericos sociais do jornal local, uma folha em cores que se chama *Ecos y Noticias*.

Os forasteiros não conhecem a vida íntima da cidade. O que detestam em Piura? Seu isolamento, os vastos areais que a separam do resto do país, a falta de estradas, as extensíssimas travessias a cavalo sob um sol escaldante e as emboscadas dos bandoleiros. Chegam ao hotel La Estrella del Norte, que fica na Praça de Armas e é uma mansão meio desbotada, alta como o coreto onde se faz a retreta dos domingos e em cuja sombra se instalam os mendigos e os engraxates, e têm que ficar trancados, a partir das cinco da tarde, vendo através das cortinas como a areia toma conta da cidade solitária. Na cantina do La Estrella del Norte bebem até cair. “*Aqui não é como em Lima*”, dizem, “*não há onde se divertir; o pessoal de Piura não é mau, mas como é austero, como é diurno*”. Queriam espeluncas que fervilhassem a noite toda para torrar seus ganhos. Por isso, quando vão embora, costumam falar mal da cidade, chegam até à calúnia. E por acaso há povo mais hospitaleiro e cordial que o piurano? Recebe em triunfo os forasteiros, disputa-os quando o hotel está cheio. Os poderosos divertem da melhor maneira que podem esses vendedores de gado, negociantes de algodão, cada autoridade que chega: organizam caçadas de veado nas serras de Chulucanas em sua homenagem, fazem passeios pelas fazendas, mandam preparar *pachamanca*s. As portas de Castilla e da Mangachería estão sempre abertas para os índios que emigram da serra e chegam à cidade famintos e atemorizados, para os feiticeiros expulsos das aldeias pelos padres, para os mercadores de miudezas que vêm tentar fortuna em Piura. Vendedoras de chicha, aguadeiros, varredores os acolhem familiarmente, compartilham com eles sua comida e seus ranchos. Quando partem, os forasteiros sempre levam presentes. Mas nada os satisfaz, têm fome de mulher e não suportam a noite piurana, onde só não dorme a areia que cai do céu.

Tanto desejavam mulher e diversão noturna aqueles ingratos que, afinal, o céu (“*o diabo, o maldito chifrudo*”, diz o padre García) acabou fazendo a sua vontade. E foi assim que surgiu, buliçosa e frívola, noturna, a Casa Verde.

O cabo Roberto Delgado fica um bom tempo rondando a entrada da sala do capitão Artemio Quiroga, sem se decidir. Entre o céu cinzento e a guarnição de Borja passam lentamente nuvens negras, e os sargentos, na esplanada vizinha, treinam os recrutas: atenção porra, descanso porra. O ar está carregado de vapor úmido. Afinal, quando muito uns palavrões e o cabo empurra a porta e cumprimenta o capitão que sentado em frente à escrivaninha, abanando-se com a mão: o que era, o que queria e o cabo uma licença para ir a Bagua, seria possível? O que havia com o cabo, o capitão agora se abana furiosamente com as duas mãos, que bicho o tinha picado. Mas os bichos não picavam o cabo Roberto Delgado porque era selvagem, meu capitão, de Bagua: queria uma licença para ver a família. E lá vinha, de novo, a maldita chuva. O capitão se levanta, fecha a janela, volta para a cadeira com as mãos e o rosto encharcados. Então os insetos não o picavam, será que tinha sangue ruim?, na certa não queriam se envenenar, era por isso que não o mordiam e o cabo admite: podia ser, meu capitão. O oficial sorri como um autômato e a chuva impregnou o aposento de ruídos: as gotas caem como pedradas no zinco do teto, o vento assobia nas frestas do tabique. Quando o cabo tivera a sua última licença?, ano passado? Ah, bom, isso eram outros quinhentos e o rosto do capitão fica tenso. Então tinha direito a uma licença de três semanas e sua mão se levanta, ia para Bagua?, então podia lhe fazer umas compras, e bate na própria bochecha e esta enrubesce. O cabo faz uma expressão grave. Por que não ri?, não era engraçado que o capitão desse palmadas na própria cara? E o cabo não, que ideia, meu capitão, que nada. Uma faísca jovial cruza os olhos do oficial, adoça a sua boca ácida, caboclinho: ou ria às gargalhadas ou não havia licença. O cabo Roberto Delgado olha confuso para a porta, para a janela. Por fim abre a boca e ri, a princípio um riso desinteressado e artificial, depois naturalmente e, afinal, com alegria. O pernilongo que tinha mordido o capitão era uma fêmea, e o cabo treme de riso, só as fêmeas picavam, sabia?, os machos eram vegetarianos e o capitão fora daqui de uma vez, o cabo emudece: cuidado com os insetos no caminho para Bagua, que não fossem comê-lo de tão engraçadinho. Mas não era graça, era coisa científica, só as fêmeas chupavam o sangue: o tenente De la Flor explicou isso, meu capitão, e o capitão pouco lhe importava que fossem fêmeas ou machos, ardia do mesmo jeito e quem foi que lhe perguntou alguma coisa, sabichão? Mas o cabo não estava caçoando, meu capitão e olhe só, havia um remédio que não falhava, uma pomada que os urakusas faziam, ia lhe trazer um garrafão, meu capitão e o capitão queria que falassem com ele em cristão, quem eram esses urakusas. Mas como o cabo ia falar em cristão, os aguarunas que moravam em Urakusa se chamavam assim e por acaso o capitão viu algum índio ser mordido por insetos? Eles tinham os seus segredos, faziam umas pomadas com resinas de árvores e se lambuzavam com elas, pernilongo que chegasse perto morria na hora e ele ia trazer, meu capitão, uma garrafa, palavra que ia lhe trazer. Esta manhã o cabo estava de ótimo humor, quero ver que cara faria se os pagãos lhe reduzissem a cachola e o cabo que boa, que boa, meu capitão: já estava vendo sua cabeça deste tamanhinho. E para que o cabo ia até Urakusa? Só para lhe trazer essa pomadinha? E o cabo claro, claro, e além do mais porque cortava caminho, meu capitão. Senão, passaria a licença inteira viajando e não teria tempo para a família e os amigos. Todo mundo em Bagua era como o cabo?, e ele pior, tão sem-vergonhas?, muito pior, meu capitão, não podia imaginar e o capitão ri com entusiasmo e o cabo o imita, observa, mede com os olhos entrecerrados e de repente, podia levar um piloto, meu capitão?, um ajudante?, podia? E o capitão Artemio Quiroga, como? o cabo se achava muito sabido, não é?, primeiro o amaciava com palhaçadas, o capitão ria e ele queria lhe passar a perna, não é? Mas sozinho o cabo ia demorar horrores, meu capitão, por acaso havia estradas?, como podia ir e voltar de Bagua em tão poucos dias sem um piloto, e todos os oficiais iam fazer encomendas, precisava de alguém para ajudar com os pacotes, que o deixasse levar um piloto e um ajudante, palavra que lhe traria aquela pomadinha mata-insetos, meu capitão. Agora trabalhava seu coração: esse cabo sabia tudo, e o cabo o senhor é uma grande pessoa, meu capitão. Havia um piloto entre os recrutas que chegaram semana passada, podia levar esse e um ajudante que fosse da região. Mas isso sim, três semanas, nem um dia a mais e o cabo nem um só, meu capitão, jurava. Bate os

calcanhares, faz continência e para na porta desculpe, meu capitão, como se chama o piloto? E o capitão Adrián Nieves e o cabo já ia porque ainda tinha muito trabalho pela frente. O cabo Roberto Delgado abre a porta, sai, um vento úmido e ardente invade o quarto, agita levemente o cabelo do capitão.

Bateram na porta, Josefino Rojas foi abrir e não viu ninguém na rua. Já estava escurecendo, as luzes do *jirón* Tacna ainda não estavam acesas, uma brisa circulava timidamente pela cidade. Josefino deu uns passos até a avenida Sánchez Cerro e viu os León, num banco da pracinha, ao lado da estátua do pintor Merino. José tinha um cigarro nos lábios, o Macaco limpava as unhas com um palito de fósforo.

— Quem morreu? — disse Josefino. — Por que essas caras de enterro.

— Segure-se para não cair de costas, inconquistável — disse o Macaco. — Lituma chegou.

Josefino abriu a boca mas não disse nada; ficou alguns segundos piscando, com um sorriso perplexo e apático que franzia todo o seu rosto. Começou a esfregar as mãos, suavemente.

— Há duas horas, no ônibus da Roggero — disse José.

As janelas do Colégio San Miguel estavam iluminadas e, do portão, um inspetor apressava os alunos da noite batendo palmas. Rapazes de uniforme vinham conversando sob as alfarrobeiras sussurrantes da rua Liberdade. Josefino tinha enfiado as mãos nos bolsos.

— Seria bom que você viesse — disse o Macaco. — Ele está nos esperando.

Josefino tornou a atravessar a avenida, fechou a porta da sua casa, voltou à pracinha e os três começaram a andar, em silêncio. Poucos metros depois do *jirón* Arequipa cruzaram com o padre García que, envolto em seu cachecol cinza, avançava dobrado em dois, arrastando os pés e ofegando. Sacudiu o punho e gritou “ímpios!”. “Incendiário!”, respondeu o Macaco, e José “incendiário!, incendiário!”. Iam pela calçada da direita, Josefino no centro.

— Mas os da Roggero chegam de manhã ou de noite, nunca a esta hora — disse Josefino.

— Ficaram parados na subida de Olmos — disse o Macaco. — Estourou um pneu. Trocaram e depois furaram outros dois. Que sortudos.

— Ficamos paralisados quando o vimos — disse José.

— Ele queria sair para comemorar na mesma hora — disse o Macaco. — Ficou se arrumando enquanto viemos buscar você.

— Isso me pegou de surpresa, droga — disse Josefino.

— O que vamos fazer agora? — disse José.

— O que você mandar, primo — disse o Macaco.

— Tragam o coleguinha, então — disse Lituma. — Vamos tomar umas e outras com ele. Vão, digam a ele que o inconquistável número quatro voltou. Quero ver que cara ele faz.

— Está falando sério, primo? — disse José.

— Muito sério — disse Lituma. — Trouxe umas garrafas de Sol de Ica, vamos esvaziar uma com ele. Que vontade de vê-lo, juro. Vão lá, enquanto eu troco de roupa.

— Toda vez que fala de você ele diz o coleguinha, o inconquistável — disse o Macaco. — Gosta de você tanto quanto de nós.

— Imagino que fez um monte de perguntas — disse Josefino. — O que vocês inventaram?

— Engano seu, nem falamos do assunto — disse o Macaco. — Ele nem a mencionou. Quem sabe esqueceu dela.

— Quando chegarmos vai nos bombardear de perguntas — disse Josefino. — Temos que resolver a coisa hoje mesmo, antes que alguém conte a ele.

— Você se encarrega — disse o Macaco. — Eu não tenho coragem. O que vai dizer?

— Não sei — disse Josefino —, depende de como corram as coisas. Se pelo menos tivesse avisado que



vinha. Mas aparecer assim, de supetão. Que diabo, eu não esperava isso.

— Pare de esfregar essas mãos — disse José. — Está me contagiando o seu nervosismo, Josefino.

— Ele mudou muito — disse o Macaco. — Nota-se que os anos passaram, Josefino. E não está tão gordo como antes.

As luzes da avenida Sánchez Cerro acabavam de se acender e as casas ainda eram amplas, suntuosas, com paredes claras, varandas de madeira trabalhada e aldravas de bronze, mas ao fundo, nos estertores azuis do crepúsculo, já aparecia o perfil irregular e impreciso da Mangachería. Uma caravana de caminhões desfilava pela pista em direção à Ponte Nova e, nas calçadas, havia casais encostados nos portões, turmas de rapazes, lentos anciãos com bengalas.

— Os brancos ficaram valentes — disse Lituma. — Agora passeiam pela Mangachería como se estivessem em casa deles.

— A culpa é da avenida — disse o Macaco. — Foi uma violência contra os mangaches. Durante a obra, o harpista dizia nos desgraçaram, acabou-se a independência, todo mundo vai meter o nariz no bairro. Dito e feito, primo.

— Agora não há branco que não termine suas festas nas chicherías — disse José. — Viu como Piura cresceu, primo? Edifícios novos em todos os lados. Mas isso não vai chamar a sua atenção, chegando de Lima.

— Vou dizer uma coisa a vocês — disse Lituma. — Para mim acabaram as viagens. Pensei muito durante este tempo e percebi que me dei mal por não ter ficado na minha terra, como vocês. Pelo menos aprendi uma coisa, que quero morrer aqui.

— Pode ser que mude de ideia quando souber o que aconteceu — disse Josefino. — Vai ter vergonha de ser apontado na rua. E então vai embora.

Josefino parou de andar e puxou um cigarro. Os León fizeram uma proteção com as mãos para que a brisa não apagasse o fósforo. Continuaram andando, devagar.

— E se não for? — disse o Macaco. — Piura vai ficar pequena para os dois, Josefino.

— É difícil que Lituma vá embora, porque já virou piurano até os ossos — disse José. — Não é como quando voltou da cordilheira, detestando tudo o que era daqui. Em Lima seu amor pela terra despertou.

— Nada de *chifas* — disse Lituma. — Quero pratos piuranos. Um bom *seco de chabelo*, um *piqueo e clarito a mares*.

— Então vamos para o restaurante de Angélica Mercedes, primo — disse o Macaco. — Continua sendo a rainha das cozinheiras. Não se esqueceu dela, certo?

— É melhor em Catacaos, primo — disse José. — No Carro Hundido, é o melhor *clarito* que conheço.

— Como estão contentes com a chegada de Lituma — disse Josefino. — Parece que hoje é dia de festa para vocês dois.

— Afinal de contas, ele é nosso primo, inconquistável — disse o Macaco. — É sempre um prazer rever alguém da família.

— Temos que levá-lo a algum lugar — disse Josefino. — Deixá-lo um pouco alto, antes de falar com ele.

— Mas espere, Josefino — disse o Macaco —, não acabamos de contar.

— Amanhã vamos à casa da dona Angélica — disse Lituma. — Ou a Catacaos, se preferirem. Mas hoje já sei onde quero festejar a minha volta, vocês têm que fazer o que quero.

— Onde quer ir, merda? — disse Josefino. — Ao Rainha, ao Três Estrelas?

— À casa da Chunga Chunguita — disse Lituma.

— Que coisa — disse o Macaco. — À Casa Verde, nada mais, nada menos. Veja só, inconquistável.

## II

— Você é o demônio em pessoa — disse a madre Angélica e inclinou-se em direção a Bonifacia, deitada no chão como uma animália escura, compacta. — Uma malvada, uma ingrata.

— A ingratidão é a pior coisa que existe, Bonifacia — disse a superiora lentamente. — Até os animais são agradecidos. Já viu os micos quando ganham bananas?

Os rostos, as mãos, os véus das madres pareciam fosforescentes na penumbra da despensa; Bonifacia continuava imóvel.

— Um dia você há de entender o que fez, e vai se arrepender — disse a madre Angélica. — E se não se arrepender, vai para o inferno, sua perversa.

As pupilas dormem num quarto comprido, estreito, fundo como um poço; nas paredes nuas há três janelas que se abrem para o Nieva, a porta única dá para o amplo pátio da missão. No chão, encostadas na parede, ficam as caminhas dobráveis de lona: as pupilas as fecham quando se levantam, abrem, e armam de novo à noite. Bonifacia dorme num catre de madeira, no outro lado da porta, num quartinho que é uma espécie de cunha entre o dormitório das pupilas e o pátio. Acima do seu leito há um crucifixo e, ao lado, um baú. As celas das madres estão no outro extremo do pátio, na residência: uma construção branca, com um teto de duas águas, muitas janelas simétricas e um corrimão de madeira maciça. Junto à residência ficam o refeitório e a sala de labores, que é onde as pupilas aprendem a falar em cristão, soletrar, somar, costurar e bordar. As aulas de religião e de moral são na capela. Num canto do pátio há um local parecido com um hangar, adjacente ao pomar da missão; sua alta chaminé vermelha se destaca entre os galhos invasores do bosque: é a cozinha.

— Você era deste tamanho e já se podia adivinhar no que ia dar — a mão da superiora estava a meio metro do chão. — Sabe do que estou falando, não é mesmo?

Bonifacia se inclinou, levantou a cabeça, seus olhos examinaram a mão da superiora. A algaravia dos papagaios no pomar chegava até aquele canto da despensa. Pela janela, a ramagem das árvores já parecia escura, inextrincável. Bonifacia pôs os cotovelos no chão: não sabia, madre.

— Também não sabe tudo o que fizemos por você, não é? — explodiu a madre Angélica andando de um lado para outro, com os punhos fechados. — Também não sabe como era quando a recolhemos, não é?

— Como quer que saiba — sussurrou Bonifacia. — Eu era muito pequena, *mamita*, não me lembro.

— Olhe só a vozinha que ela faz, madre, como parece dócil — berrou a madre Angélica. — Você acha que vai me enganar? Por acaso não a conheço? E com autorização de quem continua me chamando de *mamita*.

Depois das orações da noite, as madres entram no refeitório e as pupilas, precedidas por Bonifacia, vão para o dormitório. Armam suas camas e, quando já estão deitadas, Bonifacia apaga os lampiões de resina, fecha a porta a chave, ajoelha-se ao pé do crucifixo, reza e se deita.

— Você corria para o pomar, arranhava a terra e, quando encontrava uma minhoca, um verme, botava na boca — disse a superiora. — Estava sempre doente, e quem tratava e cuidava de você? Também não se lembra?

— E vivia nua — gritou a madre Angélica —, só para eu lhe fazer vestidos, você os arrancava e saía mostrando as vergonhas para todo mundo, e já devia ter mais de dez anos. Tinha maus instintos, demônio, você só gostava de imundícies.

A estação das chuvas havia terminado e já anoitecia cedo: por trás da crisperia de galhos e folhas na janela, o céu era uma constelação de formas sombrias e faíscas. A superiora estava sentada em cima de um saco, bem ereta, e a madre Angélica ia e voltava, sacudindo o punho, às vezes a manga do hábito se levantava e aparecia o seu braço, uma esquelida cobrinha branca.

— Nunca imaginei que você seria capaz de uma coisa dessas — disse a superiora. — Como foi, Bonifacia? Por que fez isso?

— Não pensou que elas podiam morrer de fome ou se afogar no rio? — disse a madre Angélica. — Que iam pegar a febre? Não pensou em nada, bandida?

Bonifacia soluçou. A despensa estava impregnada de um cheiro de terra ácida e vegetais úmidos que se acentuava com as sombras. Um cheiro espesso e picante, noturno, que parecia atravessar a janela junto com os cantos dos grilos e das cigarras, já muito nítidos.

— Você era quase um bichinho e nós lhe demos um lar, uma família e um nome — disse a superiora. — Também lhe demos um Deus. Isto não significa nada para você?

— Não tinha o que comer nem o que vestir — resmungou a madre Angélica —, e nós a criamos, vestimos, educamos. Por que fez isso com as meninas, sua malvada?

De quando em quando, um tremor percorria o corpo de Bonifacia da cintura até os ombros. O véu tinha se soltado e seus cabelos lisos escondiam parte da testa.

— Pare de chorar, Bonifacia — disse a superiora. — Fale de uma vez.

A missão acorda ao amanhecer, quando o rumor dos insetos é substituído pelo canto dos pássaros. Bonifacia entra no dormitório balançando um sininho: as pupilas pulam das camas, rezam ave-marias, enfiam os aventais. Depois se dividem em grupos distribuídos segundo as suas obrigações na missão: as menores varrem o pátio, a residência, o refeitório; as maiores, a capela e a sala de labores. Cinco pupilas carregam os cestos de lixo até o pátio e esperam Bonifacia. Guiadas por ela descem a trilha, cruzam a praça de Santa María de Nieva, atravessam os roçados e, antes de chegar à cabana do piloto Nieves, se internam por um atalho que serpenteia entre *capanahuas*, *chontas* e tucumãs e desemboca numa pequena garganta, que é o depósito de lixo do povoado. Uma vez por semana, os funcionários do prefeito Manuel Águila fazem uma grande fogueira com os resíduos. Os aguarunas dos arredores vêm rondar toda tarde por ali, alguns deles remexem o lixo em busca de comestíveis e de objetos caseiros enquanto outros afastam com gritos e pazadas as aves carnívoras que planam cobiçosamente acima da garganta.

— Não se importa que as meninas voltem a viver na indecência e no pecado? — perguntou a superiora. — Que esqueçam tudo o que aprenderam aqui?

— Sua alma continua sendo pagã, por mais que você fale cristão e não ande mais nua — disse a madre Angélica. — Ela não só não se importa, madre, ela as deixou fugir porque preferia que voltassem a ser selvagens.

— As meninas queriam ir embora — disse Bonifacia —, saíram ao pátio e foram até a porta e vi nos seus rostos que elas também queriam ir, junto com as duas que chegaram ontem.

— E você fez o que elas queriam! — gritou a madre Angélica. — Porque estava com raiva! Porque lhe davam trabalho e você odeia o trabalho, sua preguiçosa! Demônio!

— Acalme-se, madre Angélica — a superiora se levantou.

A madre Angélica levou uma das mãos ao peito, tocou na testa: as mentiras a tiravam do sério, madre, sentia muito.

— Foi por causa das duas que a senhora trouxe ontem, *mamita* — disse Bonifacia. — Eu não queria que as outras fossem embora, só aquelas duas porque me deu pena. Não grite assim, *mamita*, vai ficar doente, sempre que se aborrece a senhora fica doente.

Quando Bonifacia e as pupilas que levam o lixo para fora voltam para a missão, a madre Griselda e suas

ajudantes já prepararam a refeição da manhã: fruta, café e um pãozinho feito no forno da missão. Depois do café, as pupilas vão para a capela, têm aulas de catecismo e história sagrada e aprendem as orações. Ao meio-dia voltam para a cozinha e, sob a direção da madre Griselda — vermelha, sempre ágil e loquaz —, preparam o almoço: sopa de legumes, peixe, mandioca, dois pãezinhos, fruta e água do filtro. Depois, podem brincar durante uma hora no pátio e no pomar, ou sentar-se à sombra das árvores frutíferas. Depois sobem para a sala de labores. Às novatas, a madre Angélica ensina castelhano, o alfabeto e os números. A superiora se encarrega dos cursos de história e geografia, a madre Ángela das aulas de desenho e artes domésticas e a madre Patrocínio de matemática. Ao entardecer, as madres e as pupilas rezam o rosário na capela e voltam a dividir-se em grupos de trabalho: a cozinha, o pomar, a despensa, o refeitório. A refeição da noite é mais leve que a da manhã.

— Elas me falavam da aldeia para me convencer, madre — disse Bonifacia. — E me ofereciam de tudo, davam até pena.

— Nem mentir você sabe, Bonifacia — a superiora desenlaçou as mãos e estas revoaram brancamente nas trevas azuis e tornaram a juntar-se numa forma redonda. — As meninas que a madre Angélica trouxe de Chicais não falavam cristão, viu como está pecando em vão?

— Eu falo pagão, madre, a senhora não sabia. — Bonifacia levantou a cabeça, duas chaminhas verdes cintilaram por um segundo debaixo dos seus cabelos: — Aprendi de tanto ouvir as pagãs mas nunca lhe contei.

— Mentira, demônio — gritou a madre Angélica, e a forma redonda se partiu e bateu asas suavemente. — Olhe só o que ela inventa agora, madre. Bandida!

Mas foi interrompida por grunhidos que brotaram como se na despensa houvesse um animal escondido que, subitamente enfurecido, se delatava uivando, roncando, ronronando, faiscando sons altos e crepitantes na escuridão, numa espécie de desafio selvagem:

— Vê, *mamita*? — disse Bonifacia. — Não entendeu o meu pagão?

Todos os dias há missa, antes da refeição da manhã, rezada pelos jesuítas de uma missão vizinha, geralmente o padre Venancio. Aos domingos a capela abre as portas laterais, para que os habitantes de Santa María de Nieva possam presenciar o ofício. Nunca faltam autoridades e às vezes vêm agricultores, seringueiros da região e muitos aguarunas que ficam nas portas, seminus, apertados e coibidos. De tarde, a madre Angélica e Bonifacia levam as pupilas até a beira do rio e lá as deixam brincar, pescar, subir nas árvores. Aos domingos o almoço é mais abundante e costuma incluir carne. As pupilas são quase vinte, de idades que vão de seis a quinze anos, todas aguarunas. Às vezes se vê uma menina huambisa ou até uma shapra entre elas. Mas não é frequente.

— Não gosto de me sentir inútil, Aquilino — disse Fushía. — Queria que tudo voltasse a ser como antes. Estaríamos nos revezando, lembra?

— Lembro, homem — disse Aquilino. — Aliás, foi por sua causa que me tornei o que sou.

— É mesmo, você ainda estaria vendendo água de porta em porta se eu não chegasse a Moyobamba — disse Fushía. — Que medo você tinha do rio, velho.

— Só do Mayo, porque quase me afoguei quando era jovem — disse Aquilino. — Mas sempre tomava banho no Rumiyacu.

— No Rumiyacu? — perguntou Fushía. — Passa por Moyobamba?

— Aquele rio mansinho, Fushía — disse Aquilino —, que atravessa as ruínas, perto de onde os lamistas vivem. Com muitos pomares cheios de laranjeiras. Não se lembra das laranjas mais doces do mundo?

— Sinto até vergonha de ver você dando duro o dia todo e eu aqui, feito um morto — disse Fushía.

— Mas não preciso remar nem nada, homem — disse Aquilino —, é só manter o rumo. Agora que já

passamos as corredeiras, o Marañón faz o trabalho sozinho. Só não gosto é de ver você tão calado, olhando para o céu como se tivesse visto o *chulla-chaqui*.

— Nunca vi — disse Fushía. — Aqui na selva todo mundo já viu alguma vez, menos eu. Azar até nisso.

— É melhor dizer que foi sorte — disse Aquilino. — Sabia que uma vez apareceu bem na frente do senhor Julio Reátegui? Numa bocaina do Nieva, dizem. Mas ele viu que o outro mancava muito, e de repente descobriu a perna curta e botou-o para correr a tiros. Aliás, Fushía, por que brigou com o senhor Reátegui? Você na certa fez alguma.

Tinha feito muitas, a primeira antes de conhecê-lo, recém-chegado a Iquitos, velho. Muito depois acabou contando-lhe e Reátegui riu, então foi você que passou a perna no coitado do don Fabio?, e Aquilino o senhor don Fabio, governador de Santa María de Nieva?

— Às suas ordens, senhor — disse don Fabio. — O que deseja. Vai ficar muito tempo em Iquitos?

Iria ficar um bom tempo, talvez definitivamente. Negócios com madeira, sabe?, ia instalar uma serraria perto de Nauta e estava esperando os engenheiros. Tinha muito trabalho atrasado e pagaria mais caro, mas queria um quarto grande, confortável, e don Fabio não há problema, senhor, estava lá para atender os clientes, velho: engoliu tudinho.

— E me deu o melhor quarto do hotel — disse Fushía. — Com janelas para um jardim com várias bombonaças. Gostava de me convidar para almoçar e não parava de falar do seu patrão. Eu entendia mais ou menos, naquele tempo o meu espanhol era muito ruim.

— O senhor Reátegui não estava em Iquitos? — disse Aquilino. — Já era rico nessa época?

— Não, ficou rico de verdade depois, com o contrabando — disse Fushía. — Mas já tinha aquele hotelzinho e estava começando a fazer negócios com as tribos, por isso é que foi para Santa María de Nieva. Comprava látex, couros e vendia em Iquitos. Foi lá que tive a ideia, Aquilino. Mas é sempre a mesma história, eu precisava de um capitalzinho e não tinha um centavo.

— E você levou muito dinheiro, Fushía? — disse Aquilino.

— Cinco mil soles, don Julio — disse don Fabio. — E o meu passaporte e uns talheres de prata. Estou arrasado, senhor Reátegui, imagino como o senhor deve estar aborrecido comigo. Mas vou lhe pagar tudo, juro, com o suor do meu rosto, don Julio, até o último centavo.

— Nunca sentiu remorsos, Fushía? — disse Aquilino. — Faz um bocado de anos que queria lhe fazer esta pergunta.

— Por roubar do cachorro do Reátegui? — disse Fushía. — Esse aí é rico porque roubou mais que eu, velho. Mas ele já começou com alguma coisa, eu não tinha nada. Sempre foi esse o meu problema, ter que começar de zero.

— Mas para que o senhor tem cabeça, então? — disse Julio Reátegui. — Como não pensou em pedir os documentos dele, don Fabio.

Mas tinha pedido e o passaporte parecia novinho, como podia saber que era falso, don Julio? Além do mais, chegou bem-vestido e falando de um jeito que convencia. E até pensava quando o senhor Reátegui voltar de Santa María de Nieva vou apresentá-los e os dois vão fazer grandes negócios juntos. Como eu era ingênuo, don Julio.

— E o que você levava nessa mala, Fushía? — disse Aquilino.

— Mapas da Amazônia, senhor Reátegui — disse don Fabio. — Enormes, como os mapas do quartel. Pendurou-os no quarto e dizia é para saber por onde vamos levar a madeira. Fazia riscos e anotações em brasileiro, olhe que coisa estranha.

— Não há nada de estranho, don Fabio — disse Fushía. — Além da madeira, também estou interessado no comércio. E às vezes é útil ter contatos com os indígenas. Por isso marquei as tribos.

— Até as do Marañón e de Ucayali, don Julio — disse don Fabio —, e eu pensava que empreendedor,

vai fazer um belo par com o senhor Reátegui.

— Lembra como queimamos os seus mapas? — disse Aquilino. — Eram puro lixo, os caras que fazem os mapas não sabem que a Amazônia é feito mulher no cio, não para quieta. Aqui tudo se mexe, os rios, os animais, as árvores. Que terra louca esta nossa, Fushía.

— Ele também conhece a selva a fundo — disse don Fabio. — Vou apresentá-los quando voltar do Alto Marañón e vocês dois vão ficar amigos, senhor.

— Aqui em Iquitos todos falam maravilhas dele — disse Fushía. — Gostaria de conhecê-lo. Não sabe quando vem de Santa María de Nieva?

— Tem negócios lá, e depois o governo ocupa todo o seu tempo, mas sempre dá umas escapadinhas — disse don Fabio. — Uma vontade de ferro, senhor, herdou do pai, outro grande homem. Foi um dos grandes da borracha, na época próspera de Iquitos. Quando veio a crise, ele se suicidou. Perderam até as calças. Mas don Julio se reergueu, sozinho. Uma vontade de ferro, juro.

— Uma vez lhe ofereceram um almoço em Santa María e o ouvi fazer um discurso — disse Aquilino. — Falou do pai com muito orgulho, Fushía.

— O pai era um dos seus assuntos prediletos — disse Fushía. — Também falava muito dele quando trabalhamos juntos. Ah, esse cachorro do Reátegui, que sortudo de merda. Sempre tive inveja, velho.

— Tão branquinho, tão carinhoso — disse don Fabio. — E pensar que fazia gracinhas, lambia os seus pés, bastava ele entrar no hotel e Jesucristo levantava o rabinho, todo contente. Que homem maldito, don Julio.

— Em Campo Grande, chutando os guardas e em Iquitos, matando um gato — disse Aquilino. — Que despedidas as suas, Fushía.

— Na verdade, don Fabio, isso não me parece tão grave — disse Julio Reátegui. — O que lamento mesmo é que tenha levado o meu dinheiro.

Mas para ele era muito doloroso, don Julio, enforcado com um lençol no mosquiteiro, entrar no quarto e, de repente, vê-lo balançando no ar, rígido, com os olhinhos esbugalhados. A maldade pela maldade era uma coisa que ele não entendia, senhor Reátegui.

— O homem faz o que pode para viver, eu entendo os seus roubos — disse Aquilino. — Mas para que fazer isso com o gato, foi coisa de raiva, por não ter um capital para começar?

— Isso também — disse Fushía. — E depois porque o animal fedia e mijou na minha cama um monte de vezes.

E também é coisa de asiáticos, don Julio, eles tinham uns costumes canalhas, ninguém podia saber e ele descobriu, por exemplo, os chineses de Iquitos criavam gatos em gaiolas para engordar com leite e depois botar na panela e comer, senhor Reátegui. Mas ele queria falar agora das compras, don Fabio, para isso viera de Santa María de Nieva, vamos esquecer as coisas tristes, conseguiu comprar?

— Tudo o que o senhor encomendou, don Julio — disse don Fabio —, os espelinhos, as facas, os tecidos, as miçangas, e com bons descontos. Quando vai voltar para o Alto Marañón?

— Eu não podia entrar sozinho no mato para fazer comércio, precisava de um sócio — disse Fushía. — E tinha que encontrá-lo longe de Iquitos, depois daquela confusão.

— Foi por isso que veio a Moyobamba — disse Aquilino. — E se tornou meu amigo para ter companhia nas tribos. Quer dizer, começou imitando Reátegui antes mesmo de conhecê-lo, de ser empregado dele. Como você falava de dinheiro, Fushía, venha comigo Aquilino, num ano vai ficar rico, eu acabava quase doido com essa cantilena.

— E no final, foi tudo à toa — disse Fushía. — Eu me sacrifiquei mais que qualquer outro, ninguém se arriscou tanto quanto eu, velho. É justo que acabe assim, Aquilino?

— São coisas de Deus, Fushía — disse Aquilino. — Não nos cabe julgar.

Numa abafada madrugada de dezembro um homem chegou a Piura. Montado numa mula que se arrastava com dificuldade, ele surgiu de repente entre as dunas do sul: uma silhueta com um chapéu de abas largas, envolta num poncho leve. Através da luz vermelha da alvorada, quando as línguas do sol começam a se arrastar pelo deserto, o forasteiro deve ter ficado animado com a aparição das primeiras moitas de cactos, as alfarrobeiras calcinadas, as casas brancas de Castilla que se apinham e multiplicam à medida que se aproximam do rio. Avançou pela atmosfera densa até a cidade, que já divisava, na outra margem, cintilando como um espelho. Atravessou a única rua de Castilla, ainda deserta, e quando chegou à Ponte Velha se apeou. Ficou uns segundos observando as construções da ribeira, as ruas empedradas, as casas com varandas, o ar coalhado de grãos de areia que caíam suavemente, a maciça torre da catedral com seu sino redondo cor de fuligem e, mais para o norte, as manchas esverdeadas das chácaras que seguem o curso do rio na direção de Catacaos. Empunhou as rédeas da mula, atravessou a Ponte Velha e, batendo vez por outra com o chicote nas pernas, percorreu a rua principal da cidade, aquela que vai, reta e elegante, do rio até a Praça de Armas. Ali parou, amarrou o animal num tamarineiro, sentou-se no chão e puxou as abas do chapéu para proteger-se da areia que fustigava seus olhos sem piedade. Devia ter feito uma longa viagem: seus movimentos eram lentos, cansados. Quando, já terminada a chuva de areia, os primeiros moradores apareceram na praça totalmente iluminada pelo sol, o estranho dormia. Ao seu lado estava a mula, com o focinho coberto de baba esverdeada, os olhos em branco. Ninguém se atreveu a acordá-lo. A notícia se espalhou pelos arredores, em pouco tempo a Praça de Armas ficou cheia de curiosos que, trocando cotoveladas, murmuravam coisas sobre o forasteiro, empurrando-se para chegar mais perto dele. Alguns subiram no caramanchão, outros observavam empoleirados nas palmeiras. Era um jovem atlético, de ombros quadrados, uma barbinha crespa banhava o seu rosto e a camisa sem botões revelava um peito cheio de músculos e penugem. Estava dormindo de boca aberta, roncando suavemente; entre seus lábios ressecados viam-se dentes que lembravam presas de um mastim: amarelos, grandes, carnívoros. Suas calças, suas botas, o poncho desbotado estavam em farrapos, encardidos, e o chapéu também. Não estava armado.

Quando acordou, levantou-se bruscamente, em atitude defensiva: sob as pálpebras inchadas, seus olhos inquietos examinavam a multidão de rostos. De todos os lados brotaram sorrisos, mãos espontâneas, um ancião abriu caminho aos empurrões e lhe deu uma cabaça de água fresca. Então o desconhecido sorriu. Bebeu devagar, saboreando a água com cobiça, os olhos aliviados. Ouviu-se um murmúrio crescente, todos disputavam a vez de conversar com o recém-chegado, perguntar sobre sua viagem, lamentar a morte da mula. Ele agora ria abertamente, apertava muitas mãos. Depois, tirou os alforjes da sela do animal e perguntou por um hotel. Rodeado de vizinhos solícitos, atravessou a Praça de Armas e entrou no La Estrella del Norte: estava cheio. Os vizinhos o tranquilizaram, muitas vozes lhe ofereceram hospitalidade. Hospedou-se na casa de Melchor Espinoza, um velho que morava sozinho, no porto, perto da Ponte Velha. Tinha uma pequena chacara distante, na beira do Chira, aonde ia duas vezes por mês. Nesse ano, Melchor Espinoza bateu um recorde: hospedou cinco forasteiros. Geralmente eles ficavam em Piura o tempo necessário para comprar uma safra de algodão, vender umas cabeças de gado, colocar uns produtos; quer dizer, uns dias, no máximo algumas semanas.

O estranho, ao contrário, ficou. O povo do lugar descobriu poucas coisas sobre ele, quase todas negativas: não era negociante de gado, nem coletor de impostos, nem caixeiro-viajante. Chamava-se Anselmo e dizia ser peruano, mas ninguém conseguiu reconhecer a origem do seu sotaque: não tinha a fala dúbia e afeminada dos limenhos, nem a entonação cantante de um chichilayano; não pronunciava as palavras com a perfeição viciosa do pessoal de Trujillo, nem devia ser serrano, pois não estalava a língua nos erres e esses. Seu sotaque era diferente, muito musical e um pouco lânguido, insólitos os giros e modismos que empregava, e, quando discutia, a violência da sua voz fazia pensar num capitão das milícias. Os alforjes que constituíam toda a sua bagagem deviam estar cheios de dinheiro: como tinha atravessado o areal sem ser

assaltado pelos bandoleiros? Ninguém conseguiu saber de onde vinha, nem por que tinha escolhido Piura como destino.

No dia seguinte à sua chegada apareceu na Praça de Armas barbeado, e a juventude do seu rosto surpreendeu todo mundo. Comprou uma calça nova e umas botas no armazém do espanhol Eusebio Romero; pagou à vista. Dois dias mais tarde, encomendou à Taciturna, a célebre tecelã de Catacaos, um chapéu de palha branca, desses que se podem guardar no bolso e depois não ficam nem marcas. Todas as manhãs, Anselmo ia para a Praça de Armas e, instalado na varanda do La Estrella del Norte, convidava os transeuntes para beber. Assim fez amigos. Era conversador e brincalhão, e conquistou os moradores louvando os encantos da cidade: a simpatia das pessoas, a beleza das mulheres, os esplêndidos crepúsculos. Aprendeu logo as fórmulas da linguagem local e sua musicalidade quente, preguiçosa: em poucas semanas já dizia *gua* para demonstrar assombro, chamava as crianças de *churres*, os burros de *piajenos*, formava superlativos de superlativos, sabia distinguir o *clarito* da chicha espessa e as variedades de temperos picantes, sabia de cor os nomes das pessoas e das ruas, e dançava *tondero* como os mangaches.

Sua curiosidade não tinha limites. Manifestava um interesse devorador pelos costumes e usos da cidade, informava-se em detalhes sobre as vidas e as mortes. Queria saber de tudo: quais eram os mais ricos, e por quê, e desde quando; se o prefeito, o alcaide e o bispo eram íntegros e queridos e quais eram as diversões do povo, que adultérios, que escândalos abalavam as beatas e os padres, como os vizinhos praticavam a religião e a moral, que formas o amor tinha na cidade.

Todos os domingos ia ao Coliseu e se exaltava nas brigas de galo como um velho apreciador, de noite era o último a sair da cantina do La Estrella del Norte, jogava baralho com elegância, apostando alto, e sabia ganhar e perder sem se alterar. Assim conquistou a amizade dos comerciantes e fazendeiros e ficou popular. Os ricos o convidaram para uma caçada em Chulucanas e ele deslumbrou os participantes com sua pontaria. Ao vê-lo na rua, os camponeses o chamavam familiarmente pelo nome e ele respondia com palmadas rudes e cordiais. As pessoas gostavam do seu espírito jovial, da desenvoltura das suas maneiras, da sua largueza. Mas todos viviam intrigados com a origem do seu dinheiro e com seu passado. Começaram a circular pequenos mitos sobre ele: quando chegavam aos seus ouvidos, Anselmo dava gargalhadas, não desmentia nem confirmava. Às vezes percorria as chicherías mangaches com amigos e sempre terminava na casa de Angélica Mercedes, porque lá havia uma harpa e ele era um harpista de primeira, inimitável. Enquanto os outros sapateavam e brindavam, ele ficava acariciando horas a fio, num canto, as cordas brancas que lhe obedeciam docilmente e podiam, ao seu comando, sussurrar, rir, soluçar.

As pessoas só lastimavam que Anselmo fosse grosseiro e olhasse as mulheres com atrevimento quando ficava bêbado. As criadas que atravessavam descalças a Praça de Armas rumo ao Mercado, as vendedoras que, com cântaros ou travessas de barro na cabeça, iam e vinham oferecendo sucos de lúcumá e de manga e queijinhos frescos da serra, as senhoras de luvas, véus e rosários que desfilavam rumo à igreja, todas ouviam propostas em voz alta e rimas improvisadas bem salientes. “*Cuidado, Anselmo*”, diziam seus amigos, “*os piuranos são ciumentos. No dia em que você menos esperar, um marido ofendido, um pai sem senso de humor vai desafiá-lo para um duelo, mais respeito com as mulheres*”. Mas Anselmo respondia com uma gargalhada, levantava o copo e brindava por Piura.

No primeiro mês de sua estada na cidade, nada aconteceu.

Não era nada demais, tudo se ajeitava neste mundo, o sol rebrilha nos olhos de Julio Reátegui e as garrafas estão numa bacia cheia d’água. Ele mesmo serve os copos; a espuma branca borbulha, incha e se rompe em crateras: não precisavam se preocupar, antes de mais nada, outro copinho de cerveja. Manuel Águila, Pedro Escabino e Arévalo Benzas bebem, enxugam a boca com as mãos. Através da tela metálica das janelas se vê a praça de Santa María de Nieva, um grupo de aguarunas amassa mandioca em recipientes bojudos, várias



crianças correm em volta dos troncos de pau-mulato. Lá em cima, nas colinas, a residência das mães é um retângulo ígneo e, antes de mais nada, era um projeto a longo prazo e aqui os projetos não iam para a frente, Julio Reátegui pensava que eles se assustavam à toa. Mas Manuel Águila não, nada disso, governador, levanta-se, eles tinham provas, don Julio, um homenzinho baixo e calvo, de olhos arregalados, aqueles dois sujeitos os enganaram. E Arévalo Benzas também, don Julio, levanta-se, era testemunha, ele tinha dito por trás dessas bandeiras e dessas cartilhas há outra coisa e se opôs à vinda dos professores, don Julio, e Pedro Escabino bate o copo na mesa, don Julio: a cooperativa era um fato, os aguarunas iam vender sozinhos em Iquitos, os caciques se reuniram em Chicais para tratar disso, era esta a verdadeira situação e o resto, cegueira. Mas Julio Reátegui não conhecia um só aguaruna que soubesse o que é Iquitos ou uma cooperativa, de onde Pedro Escabino tinha tirado uma história dessas?, e pedia que falassem um de cada vez, senhores. O copo ressoa de novo seco e surdo contra a mesa, don Julio, ele passava muito tempo em Iquitos, tinha muitos negócios e não notava que a região andava agitada desde que aqueles dois sujeitos chegaram. A voz de Julio Reátegui é sempre suave, don Pedro, ser governador lhe fizera perder tempo e dinheiro, mas seus olhos se endureceram, ele não queria aceitar e Pedro Escabino foi um dos que mais insistiu, que fizesse o favor de medir as suas palavras. Pedro Escabino sabia que deviam muito a ele e não queria ofendê-lo: só que acabava de chegar de Urakusa e, pela primeira vez em dez anos, don Julio, seco e surdo duas vezes contra a mesa, os aguarunas não quiseram lhe vender nem uma pelinha de seringa, apesar dos adiantamentos e Arévalo Benzas: até lhe mostraram a cooperativa. Não ria, don Julio, fizeram uma cabana especial e estava abarrotada de látex e de couros e não quiseram vender nada a Escabino e disseram que iam vender em Iquitos. E Manuel Águila, baixo e calvo por trás dos seus olhos meio esbugalhados: o governador estava vendo? Esses sujeitos nunca deveriam ter ido até as tribos, Arévalo tinha razão, só queriam enganá-los. Mas não viriam mais, senhores, e Julio Reátegui enche os copos. Ele não ia a Iquitos para tratar só dos seus assuntos, mas também dos problemas deles, e o Ministério tinha cancelado o plano de extensão cultural silvícola e as brigadas de professores tinham acabado. Mas Pedro Escabino seco e surdo pela terceira vez: já vieram e o mal estava feito, don Julio. Então não conseguiriam nem se entender com os índios? Pois se entenderam muito bem, e o intérprete que os dois fulanos levaram para Urakusa estava aqui e ele mesmo lhe contaria, don Julio, o senhor ia ver. O homem bronzeado e descalço que está de cócoras ao lado da porta se levanta, avança confuso até o governador de Santa María de Nieva e Bonino Pérez quanto lhe pagavam pelo quilo de látex, que lhe pergunte isso. O intérprete começa a rugir, mexe muito as mãos, cospe e Jum ouve em silêncio, com os braços cruzados sobre o peito nu. Duas cruzeiras finas, vermelhas, decoram seus pômulos esverdeados e no nariz quadrado há três linhas horizontais tatuadas, finas como vermes, sua expressão é séria, solene a postura: os urakusas aglomerados na clareira estão imóveis e o sol fere as árvores, as cabanas de Urakusa. O intérprete se cala e Jum e um velhinho minúsculo grunhem, gesticulam e resmungam e o intérprete de boa qualidade dois, regular um sol o quilo, patrão, dizendo, e Teófilo Cañas pisca, custando, um cachorro late à distância. Bonino Pérez sabia, irmão, puta que os pariu, que sacanas mais safados, e para o intérprete: maus peruanos, eles vendiam a vinte o quilo, os patrões enganando, que não deixassem, homem, que levassem o látex e os couros para Iquitos, nunca mais negocio com esses patrões: traduza isso. E o intérprete dizendo?, e Bonino sim, patrões roubando deles dizendo a eles?, e Teófilo sim, maus peruanos dizendo?, sim, sim, patrão enganando dizendo? e eles sim, sim, porra, sim: diabos, ladrões, maus peruanos, que não deixassem, sim, porra, sem medo, traduzindo isso. O intérprete grunhe, ruge, cospe e Jum grunhe, ruge, cospe e o velho bate no peito, sua pele tem umas dobrinhas ásperas e o intérprete Iquitos não vindo nunca, patrão Escabino vindo, trazendo faca, facão, paninhos e Teófilo Cañas é à toa, irmão, eles pensam que Iquitos é um homem, não iam ganhar nada, Bonino, e o intérprete dizendo, trocando por látex. Mas Bonino Pérez se aproxima de Jum, aponta a faca que ele tem na cintura, vamos ver, quantos quilos de látex ela custou: pergunte-lhe isso. Jum puxa a faca, levanta-a, o sol inflama o

gume branco, dissolve suas bordas e Jum sorri com arrogância e atrás dele os urakusas sorriem e muitos puxam facas, levantam-nas e o sol as ilumina e dissolve e o intérprete: vinte pelas a de Jum, dizendo, as outras dez, quinze pelas custando e Teófilo Cañas queria voltar para Lima, irmão. Estava com febre, Bonino, e essas injustiças e essa gente que não entendia nada, era melhor esquecer e Bonino Pérez soma e subtrai com os dedos, Teófilo, nunca fui bom com números, a faca de Jum saiu por quarenta soles, não é?, e o intérprete dizendo?, traduzindo? e Teófilo não, e Bonino é melhor dizer assim: patrão diabo, aquela faca não custava nem uma pela, era coisa que se achava no lixo, Iquitos não era patrão e sim cidade, rio abaixo, Marañón abaixo, que levassem o látex até lá, iam vender cem vezes melhor, comprariam quantas facas quisessem, ou o que quisessem e o intérprete senhor?, não entendia, repetindo devagarzinho e Bonino tinha razão: é preciso explicar tudo a eles, irmão, desde o começo, não desanime, Teófilo e talvez tivessem razão mas Julio Reátegui insistia: não deviam perder a cabeça. Os tais sujeitos não tinham ido embora? Nunca mais voltariam, e só os aguarunas estavam sublevados, ele continuava comerciando com os shapras como sempre, e além do mais tudo tinha solução. Queria terminar com tranquilidade o seu mandato de governador, senhores, e que fossem ver Arévalo Benzas: não era só isso, don Julio. Não soube o que aconteceu em Urakusa com um cabo, um piloto e um ajudante da guarnição de Borja? Semana passada, outro dia mesmo, don Julio, e ele o que, o que tinha acontecido.

— Podem comemorar, já estamos na Mangachería — disse José.

— A areia arranha, faz cócegas. Vou tirar os sapatos — disse o Macaco.

No fim da avenida Sánchez Cerro terminava o asfalto, as fachadas brancas, os portões sólidos e a luz elétrica, e começavam as paredes de pau a pique, os tetos de palha, lata ou cartão, a poeira, as moscas, os meandros. Nas janelinhas quadradas e sem cortinas dos casebres brilhavam as velas de sebo e os lampiões mangaches, famílias inteiras tomavam a fresca da noite no meio da rua. Os León erguiam a mão o tempo todo para cumprimentar as amizades.

— Por que estão tão orgulhosos? De que se gabam? — disse Josefino. — Aqui cheira mal e as pessoas vivem que nem animais. Pelo menos quinze em cada barraco.

— Vinte, contando os cachorros e a foto de Sánchez Cerro — disse o Macaco. — Esta é outra coisa boa da Mangachería, não há diferenças. Homens, cachorros, cabras, todos são iguais, todos mangaches.

— E estamos orgulhosos porque nascemos aqui — disse José. — Falamos bem porque é a nossa terra. No fundo, você morre de inveja, Josefino.

— Piura está morta a esta hora — disse o Macaco. — Mas aqui, não ouve?, a vida está começando.

— Aqui todos somos amigos ou parentes, e cada um vale pelo que vale — disse José. — Em Piura só consideram as pessoas pelo que têm, e se você não for branco é puxa-saco de brancos.

— Que se foda a Mangachería — disse Josefino. — Quando acabarem com ela, junto com a Gallinacera, vou encher a cara de tanta alegria.

— Você está atacado e não sabe com quem desabafar — disse o Macaco. — Mas se quiser sair vivo da Mangachería, é melhor você falar baixinho, senão os mangaches vão acabar com a sua raça.

— Parecemos crianças — disse Josefino. — Como se fosse hora de discussões.

— Vamos fazer as pazes, vamos cantar o hino — disse José.

As pessoas sentadas na areia estavam em silêncio, e todo o barulho — cantos, brindes, música de violões, palmas — vinha das chicherías, umas cabanas maiores que as outras, mais bem iluminadas e com bandeirinhas vermelhas ou brancas ondulando em cima da fachada, no alto de um bambu. A atmosfera fervia de cheiros mornos e contraditórios e, à medida que as ruas iam se apagando, surgiam cachorros, galinhas, porcos que se espojavam no chão grunhindo sombriamente, cabras com olhos enormes amarradas em uma estaca, e era ainda mais espessa e sonora a fauna aérea suspensa sobre as cabeças. Os inconquistáveis

avançavam sem pressa pelos caminhos tortuosos da selva mangache, esquivando-se dos velhos que tinham trazido suas esteiras para o ar livre, contornando os barracos inoportunos que surgiam no meio do caminho como cetáceos no mar. O céu ardia de estrelas, algumas grandes e com uma luz soberba, outras parecendo chaminhas de fósforo.

— Já saíram as Três Marias — disse o Macaco; apontava para três pontos altíssimos, faiscantes, paralelos. — E como piscam. Domitila Yara dizia que quando as Três Marias ficam tão clarinhas a gente pode fazer um pedido. Aproveite, Josefino.

— Domitila Yara! — disse José. — Pobre velha. Ela me dava um pouco de medo, mas desde que morreu sempre lembro dela com carinho. Será que nos perdoou aquela confusão no velório.

Josefino estava calado, de mãos nos bolsos, o queixo caído sobre o peito. Os León murmuravam em coro, o tempo todo, “boa noite, don”, “boa noite, dona”, e do chão vozes invisíveis e sonolentas devolviam o cumprimento e os chamavam pelos seus nomes. Pararam em frente a um casebre e o Macaco empurrou a porta: Lituma estava de costas, usando um terno alaranjado, o paletó se avolumando nos quadris, e tinha os cabelos úmidos e brilhantes. Acima da sua cabeça bailava um recorte de jornal, espetado com um alfinete.

— Aqui está o inconquistável número três, primo — disse o Macaco.

Lituma girou como um pião, atravessou o aposento risonho e rápido, de braços abertos, e Josefino foi ao seu encontro. Os dois se apertaram com força e ficaram vários minutos dando-se palmadas, quanto tempo irmão, quanto tempo Lituma, e que alegria ver você outra vez, esfregando-se como dois sabujos.

— Mas que elegância, primo — disse o Macaco.

Lituma retrocedeu para que os inconquistáveis admirassem à vontade o seu vestuário rutilante e multicolorido: camisa branca de colarinho duro, gravata rosa com bolinhas cinza, meias verdes e sapatos de bico, lustrosos como espelhos.

— Gostaram? Estou estreando em homenagem à minha terra. Comprei há três dias, em Lima. E também a gravata e os sapatos.

— Parece um príncipe — disse José. — Bonitão, primo.

— A roupa, só a roupa — disse Lituma, beliscando as lapelas. — O cabide está começando a amassar aqui. Mas ainda posso fazer alguma conquista. Agora que estou solteiro, é a minha vez.

— Quase nem o reconheci — interrompeu Josefino. — Faz tanto tempo não o via vestido de civil, colega.

— Melhor dizer faz tanto tempo que não me via — disse Lituma e seu rosto se ensombreceu, sorriu de novo.

— Nós também tínhamos esquecido como você é à paisana, primo — disse José.

— Assim fica melhor que fantasiado de milico — disse o Macaco. — Agora volta a ser um inconquistável de verdade.

— O que estamos esperando — disse José. — Vamos cantar o hino.

— Vocês são meus irmãos — riu Lituma. — Quem lhes ensinou a pular da Ponte Velha para o rio?

— E também a beber e a comer putas — disse José. — Você nos corrompeu, primo.

Lituma continuava abraçando os León, sacudindo-os afetuosamente. Josefino esfregava as mãos e, embora a boca sorrisse, alguma coisa furtiva e alarmada brilhava em seus olhos imóveis e a postura do seu corpo, com os ombros jogados para trás, o peito estufado, as pernas ligeiramente dobradas, era ao mesmo tempo forçada, inquieta e vigilante.

— Temos que provar esse “Sol de Ica” — disse o Macaco. — Você prometeu, promessa é dívida.

Sentaram-se em duas esteiras, sob um lampião de querosene pendurado no teto que, ao balançar, resgatava das paredes de barro mergulhadas na penumbra fugazes rachaduras, inscrições, e até um nicho em ruínas onde, aos pés de uma Virgem de gesso com o Menino no colo, havia um castiçal vazio. José acendeu

a vela e, sob a sua luz, o recorte de jornal mostrou a silhueta amarelada de um general, uma espada, muitas condecorações. Lituma tinha trazido uma mala até as esteiras. Abriu-a, tirou uma garrafa, puxou a rolha com os dentes, e o Macaco ajudou-o a encher quatro copinhos até em cima.

— Parece mentira estar com vocês de novo, Josefino — disse Lituma. — Senti saudade, dos três. E também da minha terra. Que alegria estarmos juntos de novo.

Bateram os copos e beberam ao mesmo tempo, até o fim.

— Nossa, é puro fogo! — bramou o Macaco, com os olhos cheios de lágrimas. — Tem certeza de que não é álcool de quarenta, primo?

— Não, este é fraquinho — disse Lituma. — Pisco é bebida para limenhos, mulheres e crianças, não é como a aguardente de cana. Já esqueceu que tomávamos cana como se fosse refresco?

— O Macaco sempre foi frouxo para a bebida — disse Josefino. — Dois copos e já fica alto.

— Eu fico logo alto, mas tenho mais resistência que qualquer um — disse o Macaco. — Posso ficar assim um bocado de dias.

— Você sempre era o primeiro a desabar, irmão — disse José. — Lembra, Lituma, como o arrastávamos até o rio e o ressuscitávamos debaixo d'água.

— E às vezes só com bofetadas — disse o Macaco. — É por isso que sou imberbe, de tanto sopapo que levei para me curar dos porres.

— Vou fazer um brinde — disse Lituma.

— Deixe eu encher os copos, primo.

O Macaco pegou a garrafa de pisco, começou a servir e o rosto de Lituma foi se entristecendo, duas rugas atravessaram finamente seus olhinhos, sua expressão parecia perdida.

— Vamos logo com este brinde, inconquistável — disse Josefino.

— Pela Bonifacia — disse Lituma. E levantou o copo, devagar.

### III

— Não se faça de criança — disse a superiora. — Você teve a noite inteira para choramingar à vontade.

Bonifacia segurou a barra do hábito da superiora e beijou-a:

— Diga que a madre Angélica não vem. Diga, madre, a senhora é boa.

— A madre Angélica briga com toda razão — disse a superiora. — Você ofendeu a Deus e traiu nossa confiança.

— Não quero que ela fique irritada, madre — disse Bonifacia. — Esqueceu que sempre que se irrita fica doente? Não me importa que ela brigue comigo.

Bonifacia bate palmas uma vez e o cochicho das pupilas diminui mas não para, bate outra vez mais forte e elas se calam: agora só se ouve o som das sandálias batendo nas pedras do pátio. Abre o dormitório e, assim que a última pupila atravessa a soleira, fecha e encosta a orelha na porta: não é o som de todos os dias, além da azáfama doméstica há um cochicho surdo, secreto e alarmado, o mesmo que brotou quando as viram chegar, ao meio-dia, entre a madre Angélica e a madre Patrocínio, o mesmo que irritou a superiora durante a oração do rosário. Bonifacia ouve por mais alguns instantes e volta para a cozinha. Acende um lampião, pega um prato de latão cheio de banana frita, abre o trinco da despensa, entra e ao fundo, na escuridão, há como uma corrida de ratos. Levanta o lampião, explora o lugar. Estão atrás dos sacos de milho: um tornozelo fino, circundado por um aro de couro, dois pés descalços que se esfregam e se curvam, querendo ocultar-se mutuamente? O espaço entre os sacos e a parede é muito estreito, devem estar apertadas uma contra a outra, não as ouve chorar.

— Pode ser que o demônio tenha me tentado, madre — disse Bonifacia. — Mas eu não percebia. Só tive pena, acredite.

— De que teve pena? — perguntou a superiora. — E o que isso tem a ver com o que você fez, Bonifacia, não se faça de boba.

— Das duas pagãs de Chicais, madre — disse Bonifacia. — Estou dizendo a verdade. A senhora não as viu chorar? Não viu como se abraçavam? E não comeram nada quando a madre Griselda levou-as para a cozinha, não viu?

— Não ficaram assim por própria culpa — disse a superiora. — Elas não sabiam que era para o seu próprio bem que estavam aqui, achavam que íamos fazer-lhes algum mal. Não é sempre assim até que se acostumam? Elas não sabiam, mas você sabia que era pelo bem delas, Bonifacia.

— Mesmo assim fiquei com pena — disse Bonifacia. — O que eu podia fazer, madre.

Bonifacia se ajoelha, ilumina os sacos com o lampião e lá estão: entrelaçadas como duas enguias. Uma delas está com a cabeça afundada no peito da outra e esta, encostada na parede, não tem como esconder o rosto quando a luz invade o seu esconderijo, apenas fecha os olhos e geme. As tesouras da madre Griselda e o ardente desinfetante avermelhado ainda não passaram por ali. Vastas, escuras, fervilhantes de poeira, de fiapos, sem dúvida de lêndeas, suas cabeleiras fazem chover sobre as costas e as coxas nuas, são pequenos depósitos de lixo. Por entre as mechas sujas e embaraçadas, sob a luz do lampião se definem os membros raquíticos, pedaços de pele fosca, as costelas.

— Foi quase por acaso, madre, sem pensar — disse Bonifacia. — Eu não tinha essa intenção, nunca me ocorreu, é verdade.

— Não lhe ocorreu nem tinha a intenção, mas deixou-as fugir — disse a superiora. — E não só essas

duas, mas as outras também. Planejou tudo com elas faz tempo, não é mesmo?

— Não, madre, juro que não — disse Bonifacia. — Foi anteontem à noite, quando trouxe a comida aqui para a despensa. Lembro e ainda fico assustada, eu virei outra, pensava que tinha sido por pena, mas quem sabe foi mesmo o diabo que me tentou, como a senhora diz, madre.

— Isso não é desculpa — disse a superiora —, não venha se escudar no diabo. Se ele a tentou foi porque você se deixou tentar. O que significa que virou outra.

Embaixo das moitas de cabelo, os pequenos corpos entrelaçados começam a tremer, contagiam-se os tremores e aquele bater de dentes parece o dos assustadiços cuatás quando são enjaulados. Bonifacia olha para a porta da despensa, inclina-se e, bem devagar, desafinada, persuasivamente, começa a grunhir. Alguma coisa muda na atmosfera, como se uma lufada de ar puro refrescasse de repente a escuridão da despensa. Debaixo do entulho, os corpos param de tremer, duas cabecinhas começam um prudente, apenas perceptível, movimento, e Bonifacia continua grasnando, crepitando com suavidade.

— Estavam nervosas desde que as viram — disse Bonifacia. — Ficavam cochichando, eu me aproximava e começavam a falar de outra coisa. Disfarçando, madre, mas eu sabia que estavam falando das pagãs. Lembra como ficaram na capela?

— Por que estavam nervosas? — perguntou a superiora. — Por acaso era a primeira vez que viam duas meninas chegarem à missão?

— Não sei por quê, madre — disse Bonifacia. — Só estou contando o que aconteceu, não sei por que foi assim. Deviam ter se lembrado de quando chegaram, na certa era disso que falavam.

— O que aconteceu na despensa com essas crianças? — perguntou a superiora.

— Prometa primeiro que não vai me expulsar, madre — disse Bonifacia. — Rezei a noite inteira para que não me expulse. Como ia me arranjar sozinha, madre? Vou mudar, se prometer isso. E então lhe conto tudo.

— Impõe condições para se arrepender dos seus erros? — perguntou a superiora. — Era só o que faltava. E não sei por que quer ficar na missão. Não deixou as meninas fugirem porque teve pena de vê-las aqui? Você deveria é estar feliz por ir embora.

Bonifacia oferece o prato de metal e elas não tremem, estão imóveis e a respiração levanta seus peitos num ritmo idêntico e pausado. Bonifacia coloca o prato à altura da menina sentada. Ela ainda grunhe, em tom baixo, familiarmente, e de repente a cabecinha se ergue, por trás da cascata de cabelos surgem duas luzes breves, dois peixinhos que vão dos olhos de Bonifacia até o prato de metal. Um braço emerge e se estende com infinita cautela, uma mão medrosa se delinea à luz do lampião, dois dedos sujos pegam uma banana e a sepultam sob a floresta.

— Mas eu não sou como elas, madre — disse Bonifacia. — A madre Angélica e a senhora sempre me dizem você já saiu da escuridão, já é civilizada. Para onde vou, madre, não quero ser pagã outra vez. A Virgem era boa, não é mesmo?, perdoava tudo, não é mesmo? Tenha compaixão, madre, seja boa, para mim a senhora é como a Virgem.

— Não venha me comprar com salamaleques, eu não sou a madre Angélica — disse a superiora. — Se você se sente civilizada e cristã, por que deixou as meninas fugirem? Como não se preocupou que fossem voltar a ser pagãs.

— Mas vão encontrá-las já, já, madre — disse Bonifacia. — A senhora vai ver como os guardas as trazem de volta. Não me culpe pelas outras, elas foram sozinhas para o pátio e quiseram ir embora, eu nem entendi bem o que estava acontecendo, madre, acredite, eu tinha virado outra.

— Tinha é perdido o juízo — disse a superiora. — Ou ficado idiota, para não ver que estavam fugindo embaixo do seu nariz.

— Pior que isso, madre, uma pagã igualzinha às de Chicais — disse Bonifacia. — Agora que penso fico

assustada, a senhora tem que rezar por mim, quero me arrepende, madre.

A menina mastiga sem tirar a mão da boca e vai metendo pedacinhos de banana frita à medida que engole. Afastou os cabelos, que agora emolduram seu rosto em duas bandas e, quando mastiga, o brinco do seu nariz oscila de leve. Seus olhos espiam Bonifacia e, de repente, sua outra mão segura a cabeleira da menina aninhada em seu peito. A mão livre vai até o prato de metal, captura uma banana e a cabecinha escondida, forçada pela mão que empunha seus cabelos, gira: não tem o nariz perfurado, suas pálpebras são duas pequenas bolsas irritadas. A mão desce, põe a banana em frente aos lábios fechados que se contraem ainda mais, desconfiados, obstinados.

— E por que não veio me avisar? — perguntou a superiora. — Foi se esconder na capela porque sabia que tinha agido mal.

— Fiquei assustada, mas não por causa da senhora e sim por mim mesma, madre — disse Bonifacia. — Foi um pesadelo quando não as vi mais e por isso entrei na capela. Dizia isso não é verdade, elas não foram embora, não aconteceu nada, eu sonhei. Diga que não vai me expulsar, madre.

— Você mesma se expulsou — disse a superiora. — Nós a tratamos como nunca tratamos qualquer outra, Bonifacia. Você poderia ter ficado a vida inteira na missão. Mas agora, quando as meninas voltarem, não podem mais vê-la aqui. Eu também sinto muito, apesar do seu mau comportamento. E sei que a madre Angélica vai ficar muito triste. Mas, pela missão, é necessário que você vá embora.

— Então me deixe ficar como empregada, madre — disse Bonifacia. — Eu não cuido mais das pupilas. Só de varrer e carregar o lixo e ajudar a madre Griselda na cozinha. Eu suplico, madre.

A menina que está deitada resiste: tensa, de olhos fechados, morde os lábios, mas os dedos da outra escarvam implacáveis, lutam com essa boca obstinada. As duas transpiram por causa da disputa, têm tufinhos de cabelo aderidos à pele brilhante. E, de repente, se abre: velozes, os dedos introduzem na boca aberta os restos quase desmanchados de banana e a menina começa a mastigar. Junto com a fruta, entraram em sua boca umas pontas de cabelo. Bonifacia avisa à menina de brinco com um gesto e esta ergue a mão de novo, seus dedos pegam os cabelos grudados e os retiram delicadamente da boca. Agora a menina deitada engole, uma bolinha sobe e desce por sua garganta. Segundos depois, abre a boca outra vez e fica assim, de olhos fechados, esperando. Bonifacia e a menina de brinco se entreolham na claridade gordurosa do lampião. Sorriem ao mesmo tempo.

— Não quer mais? — perguntou Aquilino. — Você tem que se alimentar um pouco, homem, não pode viver de ar.

— Fico lembrando dessa puta o tempo todo — disse Fushía. — A culpa é sua, Aquilino, passei duas noites acordado vendo e ouvindo. Mas como era menina, quando a conheci.

— Como a conheceu, Fushía? — perguntou Aquilino. — Foi muito depois que nos separamos?

— Há um ano, doutor Portillo, mais ou menos — disse a mulher. — Nós morávamos em Belén e a água entrava na casa com as enchentes.

— Sim, certo, senhora — disse o doutor Portillo. — Mas me fale do japonês, quer?

Justamente, o rio transbordou, o bairro de Belén parecia um mar e o japonês passava todos os sábados pela frente da nossa casa, doutor Portillo. E ela quem será, e é estranho que estando tão bem-vestido venha embarcar sua mercadoria pessoalmente e não tenha quem se encarregue disso. Essa foi a melhor época, velho. Eu começava a ganhar dinheiro em Iquitos, trabalhando para o cachorro do Reátegui, e um dia uma garotinha não podia atravessar a rua por causa da água e ele pagou um carregador para ajudá-la e a mãe veio lhe agradecer: uma linguaruda terrível, Aquilino.

— E sempre parava para conversar conosco, doutor Portillo — disse a mulher. — Antes de ir para o porto, ou na volta, e todas as vezes era muito gentil.

— A senhora já sabia que negócios ele fazia? — perguntou o doutor Portillo.

— Parecia muito decente e muito elegante apesar da sua raça — disse a mulher. — Sempre nos trazia presentinhos, doutor. Roupa, sapatos e uma vez até um canário.

— Para a moleca da sua filha, minha senhora — disse Fushía. — Para que a acorde cantando.

Os dois se entendiam às mil maravilhas, mas não se davam por achados, velho; a linguaruda sabia o que ele queria e ele sabia que a linguaruda queria dinheiro, e Aquilino e a Lalita?, o que ela dizia de tudo isso.

— Já tinha o cabelo compridíssimo — disse Fushía. — E nessa época o rosto dela era liso, sem uma espinha. Como era bonita, Aquilino.

— Vinha com um guarda-sol, de terno branco e com sapatos também brancos — disse a mulher. — E nos levava para passear, ao cinema, uma vez levou Lalita àquele circo brasileiro que passou, lembra?

— Dava muito dinheiro à senhora? — perguntou o doutor Portillo.

— Pouco, quase nada, doutor — disse a mulher. — E muito raramente. Só nos dava lembrancinhas.

E a Lalita já estava grande para ir ao colégio: ele lhe daria um emprego no seu escritório e o salário seria uma grande ajuda para nós duas, não é verdade que a Lalita gostava da ideia? Ela pensou no futuro da filha, e nas necessidades, doutor Portillo, nos apertos que passavam: afinal, a Lalita foi trabalhar com o japonês.

— Morar com ele, senhora — disse o doutor Portillo. — Não tenha vergonha, o advogado é como um confessor para os seus clientes.

— Juro que a Lalita dormia sempre em casa — disse a mulher. — Se não acredita pergunte às vizinhas, doutor.

— E em que sua filha foi trabalhar, senhora? — perguntou o doutor Portillo.

Um trabalho estúpido, velho, que o deixaria rico para sempre se durasse mais dois aninhos. Mas alguém denunciou a coisa e Reátegui acabou são e salvo, livre de culpa, e ele teve que assumir tudo, fugir, e aí começou a pior parte da sua vida. Um trabalho muito estúpido, velho: receber o látex, armazenar com muito talco para tirar o cheiro, embalar como se fosse fumo e depois despachar.

— Você estava apaixonado pela Lalita nessa época? — perguntou Aquilino.

— Eu a peguei virgencinha — disse Fushía —, sem saber nada de nada da vida. Ela chorava e eu, se estivesse emburrado lhe dava um sopapo, se estivesse contente lhe comprava balas. Era como ter uma mulher e uma filha ao mesmo tempo, Aquilino.

— E por que bota a culpa na Lalita também? — perguntou Aquilino. — Tenho certeza de que ela não os denunciou. Deve ter sido a mãe.

Mas ela só soubera pelos jornais, doutor, jurava pelo que há de mais sagrado. Era pobre mas honesta como ninguém, e só esteve uma vez no depósito e ela o que é isso aí, senhor, e o japonês fumo e ela ingênua acreditou.

— Nem sombra de fumo, senhora — disse o doutor Portillo. — Isso é o que devia estar escrito nos caixotes, mas a senhora sabe que lá dentro havia látex.

— A linguaruda nunca soube de nada — disse Fushía. — Foi um daqueles cachorros que me ajudavam a botar talco e embalar. Os jornais diziam que ela foi uma das minhas vítimas, porque roubei sua filha.

— Pena que não guardou esses jornais, e também os de Campo Grande — disse Aquilino. — Seria engraçado ler agora, ver como você foi famoso, Fushía.

— Aprendeu a ler? — perguntou Fushía. — Quando trabalhávamos juntos você não sabia, velho.

— Você lia para mim — disse Aquilino. — Mas como não aconteceu nada com o senhor Julio Reátegui? Por que você teve que fugir e ele ficou lá, sossegado?

— Injustiças da vida — disse Fushía. — Ele entrou com o capital e eu com a pele. O látex aparecia como meu, mas eu só ficava com as sobrinhas. Mesmo assim teria enriquecido, Aquilino, o negócio era perfeito.



A Lalita não lhe contava nada, ela a acoitava com perguntas e a garota não sei, não sei, era a pura verdade, doutor Portillo, por que ia desconfiar? O japonês estava sempre viajando, mas muita gente viajava e, além do mais, como ela podia saber que embarcar látex era contrabando e fumo não.

— O fumo não é material estratégico, senhora — disse o doutor Portillo. — A borracha sim. Só podemos vender para os nossos aliados, que estão em guerra com os alemães. A senhora não sabe que o Peru também está em guerra?

— Então você devia ter vendido a seringa para os gringos, Fushía — disse Aquilino. — Não teria confusões e eles pagariam em dólares.

— Nossos aliados nos compram a borracha por um preço de guerra, senhora — disse o doutor Portillo. — O japonês vendia por baixo do pano e lhe pagavam quatro vezes mais. Também não sabia disso?

— É a primeira vez que escuto, doutor — disse a mulher. — Eu sou pobre, não me interesso por política, nunca deixaria minha filha sair com um contrabandista. E será verdade que ele também era espião, doutor?

— Sendo tão novinha, deve ter sido difícil para ela deixar a mãe — disse Aquilino. — Como convenceu a Lalita, Fushía?

A Lalita podia gostar muito da mãe, mas com ele comia e calçava sapatos, lá em Belén ia acabar virando lavadeira, puta ou faxineira, velho, e Aquilino conversa, Fushía: você devia estar apaixonado por ela, senão não a levaria. Era muito mais fácil fugir sozinho que arrastando uma mulher, se não gostasse dela não a teria roubado.

— Na floresta a Lalita valia seu peso em ouro — disse Fushía. — Não lhe disse que era bonita? Qualquer um ficava tentado.

— Seu peso em ouro — disse Aquilino. — Como se tivesse pensado em fazer negócios com ela.

— Fiz um bom negócio com ela — disse Fushía. — Essa puta nunca lhe contou? O cachorro do Reátegui não vai me perdoar nunca, tenho certeza. Foi minha vingança contra ele.

— E uma noite não apareceu, nem na seguinte, e depois chegou uma carta — disse a mulher. — Dizendo que ia para o estrangeiro com o japonês, que se casariam. Eu trouxe a carta, doutor.

— Dê-me, vou guardá-la — disse o doutor Portillo. — E por que não informou à polícia que sua filha tinha fugido, senhora?

— Pensei que era coisa de amor, doutor — disse a mulher. — Que ele era casado e por isso tinha fugido com a minha filha. Só alguns dias depois saiu no jornal que o japonês era um bandido.

— Quanto dinheiro a Lalita lhe mandou na carta? — disse o doutor.

— Muito mais do que valiam aquelas duas cadelas juntas — disse Fushía. — Mil soles.

— Duzentos soles, olhe só que mesquinharia, doutorzinho — disse a mulher. — Mas já gastei tudo, pagando dívidas.

Ele conhecia a alma da velha: mais miserável que a do turco que o mandou para a prisão, Aquilino e o doutor Portillo queria saber se o que declarou à polícia era o mesmo que tinha contado a ele, senhora, sem tirar nem pôr?

— Menos os duzentos soles, doutor — disse a mulher. — Eles teriam roubado, o senhor sabe como são na delegacia.

— Deixe-me estudar o caso com calma — disse o doutor Portillo. — Eu a chamo assim que houver alguma novidade. Se for convocada para ir ao tribunal ou à polícia, irei junto. Não faça nenhuma declaração sem a minha presença, senhora. A ninguém, entende?

— O senhor é quem manda, doutor — disse a mulher. — Mas, e as perdas e danos? Todo mundo diz que tenho direito. Ele me enganou e roubou a minha filha, doutor.

— Quando o prenderem, pedimos uma reparação — disse o doutor Portillo. — Eu me encarrego

disso, não se preocupe. Mas, se não quer ter complicações, já sabe, nem uma palavra sem a presença do seu advogado.

— Quer dizer que você tornou a ver o senhor Julio Reátegui — disse Aquilino. — Pensei que de Iquitos tinha ido direto para a ilha.

E como queria que fosse: nadando?, atravessando a selva inteira a pé, velho? Só tinha uns soles no bolso e sabia que o cachorro do Reátegui ia lavar as mãos, porque o nome dele não tinha aparecido. Sorte que trouxera a Lalita, as pessoas tinham as suas fraquezas e Julio Reátegui estava ali, tinha ouvido a história mas, seria mesmo verdade que a velha não sabia de nada? Tinha um jeito que dava para desconfiar, compadre. Além disso, era preocupante que Fushía tivesse levado uma mulher, gente apaixonada sempre faz bobagens.

— Problema dele se fizer bobagens — disse o doutor Portillo. — Não pode comprometer você mesmo que queira. Foi tudo bem planejado.

— Nunca me falou uma palavra sobre a tal Lalita — disse Julio Reátegui. — Você sabia que ele morava com essa garota?

— Não tinha ideia — disse o doutor Portillo. — Deve ser ciumento, deve escondê-la a sete chaves. O importante é que a bendita velha não sabe de nada. Acho que não há mais perigo, imagino que os pombinhos já devem estar no Brasil. Vamos jantar juntos esta noite?

— Não posso — disse Julio Reátegui. — Fui chamado com urgência a Uchamala. Mandaram um peão, não sei que diabo está acontecendo. Vou tentar voltar no sábado. Suponho que don Fabio já deve ter chegado a Santa María de Nieva, precisamos avisar-lhe que não compre mais látex por enquanto. Até a coisa se acalmar.

— E onde você foi se esconder com a Lalita? — perguntou Aquilino.

— Em Uchamala — disse Fushía. — Um sítio no Maraón desse cachorro do Reátegui. Vamos passar perto, velho.

Os bois saem das fazendas logo depois do meio-dia e entram no deserto junto com as primeiras sombras. Embuçados em ponchos e com amplos chapéus para resistir à investida do vento e da areia, os peões passam a noite tocando os pesados, lentos animais até o rio. Ao alvorecer, divisam Piura: uma miragem cinza do outro lado da ribeira, uma aglomeração imóvel. Não chegam à cidade pela Ponte Velha, que é frágil. Quando o tempo está seco, atravessam o leito levantando uma nuvem de poeira. Nos meses de cheia, aguardam à beira do rio. As bestas exploram a terra com seus focinhos largos, derrubam as alfarrobeiras tenras com os chifres, dão mugidos lúgubres. Os homens conversam calmamente tomando seu desjejum de carne fria e copinhos de aguardente, ou cochilam enrolados nos seus ponchos. Não precisam esperar muito, volta e meia Carlos Rojas chega ao porto antes que o gado. Vem cortando o rio desde a outra ponta da cidade, onde fica o seu rancho. O balseiro conta os animais, calcula o peso, decide o número de viagens necessárias para transportá-los. Na outra margem, os homens do matadouro preparam cordas, serras e facas, e o barril onde vão ferver o caldo espesso de cabeça de boi que só o pessoal do abate toma sem desmaiar. Terminado o seu trabalho, Carlos Rojas amarra a balsa num dos pilares da Ponte Velha e se dirige a uma cantina da Gallinacera frequentada pelos madrugadores. Nessa manhã já estava lá um bom número de aguateiros, varredores e vendedoras, todos *galinaços*, gente do lugar. Serviram-lhe uma tigela de leite de cabra, perguntaram que cara era aquela. Sua mulher estava bem? E o garoto? Sim, estavam bem, o Josefino já andava e dizia papai, mas ele precisava contar uma coisa. E continuava com a bocarra aberta e os olhos arregalados de assombro, como se tivesse visto o chifrudo. Fazia dez anos que trabalhava na balsa e nunca tinha visto ninguém na rua quando se levantava e saía de casa, sem contar o pessoal do matadouro. O sol ainda não apareceu, tudo está preto, é o momento em que a areia cai mais forte, quem iria pensar em passear numa hora dessas? E os *galinaços* têm razão, homem, ninguém pensaria. Falava com ímpeto, suas

palavras, enfatizadas por gestos enérgicos, pareciam disparos de arma de fogo; nas pausas, sempre, a bocarra aberta e os olhos arregalados. Por isso se assustou, caramba, era muito estranho. O que é isso? E ouviu outra vez, nitidamente, os cascos de um cavalo. Não estava enlouquecendo, tinha olhado para todos os lados, que esperassem, que o deixassem contar: então viu entrando na Ponte Velha, reconheceu-o na hora. O cavalo de don Melchor Espinoza? Aquele branco? Sim senhor, justamente por isso, como era branco brilhava na madrugada e parecia um fantasma. E os *galinaços*, decepcionados, deve ter fugido, não é novidade, ou será que don Melchor cismou de viajar às escuras? Foi o que ele pensou, pronto, o bicho fugiu, vou ter que apanhá-lo. Saltou da lancha e subiu o barranco em passos decididos, ainda bem que o cavalinho não estava com pressa, foi se aproximando devagar para não o assustar, agora ia parar à sua frente e agarrar a crina, e com a boca shh, shh, shh, não seja arisco, e então o montaria em pelo e o devolveria ao dono. Ia avançando passo a passo, já pertinho, e quase não o via por causa da quantidade de areia, entraram juntos em Castilla, e de repente pulou e ali estava. Interessados de novo, os *galinaços* o que aconteceu Carlos, o que foi que viu. Sim senhor, vi don Anselmo, olhando-o de cima da sela, palavra de honra. Estava com um pano no rosto e, no primeiro instante, ele ficara embaraçado: desculpe, don Anselmo, pensei que o animal estava fugindo. E os *galinaços* o que ele estava fazendo lá?, para onde ia?, estava fugindo de Piura às escondidas, como um ladrão? Que o deixassem terminar, maldição. Riu com gosto, olhava para ele e morria de rir, e o cavalinho que empinava. Sabem o que ele disse? Não faça essa cara de medo, Rojas, eu não estava conseguindo dormir e vim dar uma volta. Ouviram? Foi isso mesmo que ele disse. O vento era puro fogo, chicoteava forte, fortíssimo, e ele quis perguntar se tinha cara de bobo, se o outro pensava que ia acreditar naquilo. E um *galinaço* mas você não ia dizer isso, Carlos, não se trata as pessoas de mentirosas e, além do mais, que diferença fazia. Mas a história não terminava aí. Pouco depois viu-o de novo, ao longe, no caminho para Catacaos. E uma *galinaça* no areal?, coitado, deve estar com o rosto todo ardido, e os olhos e as mãos. Que vento soprou nesse dia. Se não o deixassem falar ele calava a boca e ia embora. Sim, continuava no cavalo dando voltas e mais voltas, olhava para o rio, para a Ponte Velha, para a cidade. E depois apeou e começou a brincar com a coberta. Parecia uma criança feliz, corria e pulava feito o Josefino. E os *galinaços* será que don Anselmo ficou doido?, seria uma pena, era tão boa pessoa, talvez estivesse bêbado? E Carlos Rojas não, não parecia doido nem bêbado, apertou sua mão quando se despediram, perguntou pela família e mandou lembranças. Mas que vissem como ele tinha razão em ficar surpreso.

Nessa manhã don Anselmo apareceu na Praça de Armas, sorridente e loquaz, na hora de costume. Parecia muito alegre, oferecia um brinde a todos os que passavam em frente à varanda. Estava possuído por uma necessidade incoercível de brincar; sua boca contava, uma depois da outra, histórias de duplo sentido que Jacinto, o garçom do La Estrella del Norte, ouvia morrendo de rir. E as gargalhadas de don Anselmo retumbavam na praça. A notícia da sua excursão noturna já havia circulado e os piuranos o acoassavam com perguntas: ele respondia com brincadeiras e palavras ambíguas.

O relato de Carlos Rojas intrigou a cidade e ficou na berlinda durante vários dias. Alguns curiosos foram falar com don Melchor Espinoza em busca de informações. O velho agricultor não sabia de nada. E, além do mais, não faria nenhuma pergunta ao seu hóspede, porque não era impertinente nem fofoqueiro. Tinha encontrado seu cavalo desencilhado e limpo. Não queria saber de mais nada, que fossem embora e o deixassem em paz.

Quando as pessoas pararam de falar daquela excursão, sobreveio uma notícia mais surpreendente. Don Anselmo tinha comprado um terreno da prefeitura situado no outro lado da Ponte Velha, para além dos últimos barracos de Castilla, em pleno areal, por onde o balseiro o vira pulando naquela madrugada. Não era estranho que o forasteiro, se tinha mesmo decidido estabelecer-se em Piura, quisesse construir uma casa. Mas no deserto! A areia ia devorar aquela mansão em pouco tempo, como faz com as velhas árvores podres e com os abutres mortos. O areal é instável, mole. As dunas mudam de lugar toda noite, o vento as cria,

aniquila e transporta ao seu capricho, reduz e aumenta. Surgem ameaçadoras e múltiplas, cercam Piura como uma muralha, branca ao amanhecer, vermelha no crepúsculo, parda de noite, e, no dia seguinte, fogem e se mostram, dispersas, distantes, como uma erupção disseminada na pele do deserto. Na hora do crepúsculo, don Anselmo ficaria isolado e à mercê da areia. Efusivos, numerosos, os vizinhos tentaram impedir aquela loucura, multiplicaram os argumentos para dissuadi-lo. Que comprasse um terreno na cidade, que não fosse teimoso. Mas don Anselmo descartava todos os conselhos e replicava com frases que pareciam enigmas.

A lancha com os soldados chega por volta do meio-dia, quer atracar de bico e não de lado como a razão dita, a água a leva e a traz, chefes, aguentem: Adrián Nieves ia ajudá-los. Pula na água, pega o leme, puxa a lancha até a margem e os soldados, sem dizer obrigado nem coisa nenhuma, passam a corda, amarram a embarcação e correm para o povoado. Boa tarde, chefes, quase todos os cristãos tiveram tempo de fugir para o mato, só conseguem meia dúzia e quando chegam à guarnição de Borja o capitão Quiroga se zanga, como lhes ocorreu trazer um inválido?, e para Vilano vá embora, manco, você não serve para o Exército. A instrução começa na manhã seguinte: acordam cedo, raspam a cabeça, vestem calças e camisas cáqui e uns sapatos que apertam os pés. Depois, o capitão Quiroga fala sobre a Pátria e os divide em grupos. Ele e outros onze vão fazer treinamento com um cabo: sentido, continência, marche, ao solo, de pé, atenção porra, descansar porra. E todos os dias assim e não há maneira de fugir, a vigilância é estrita, chovem pontapés por qualquer coisa e o capitão Quiroga não há desertor que não caia na rede e então o serviço dobra. E certa manhã vem o cabo Roberto Delgado, um passo à frente o recruta que era piloto e Adrián Nieves às suas ordens, meu cabo, era ele. Conhecia bem a região, rio acima? e ele como a palma da minha mão, meu cabo, rio acima e também rio abaixo e então que se preparasse porque iam para Bagua. E ele chegou o momento, Adrián Nieves, é agora ou nunca. Partem na manhã seguinte, eles, a lanchinha e um auxiliar aguaruna da guarnição. O rio está cheio e avançam devagar, evitando bancos de areia, manguezais, troncos que parecem cotos vindo ao seu encontro. O cabo Roberto Delgado viaja contente, fala e fala, chegou um tenente costeiro que quis conhecer a corredeira, isso é perigoso, meu tenente, tinha chovido muito, mas ele quis e foi, e a lancha virou e todos se afogaram e o cabo Delgado se salvou porque inventara uma febre terçã para não ir, fala e fala. O índio não abria a boca, meu cabo, o capitão Quiroga era da selva?, era Adrián Nieves quem conversava com ele. Nada disso, dois meses antes estiveram numa missão pelo rio Santiago e os pernilongos deixaram inchadas as pernas do capitão. Ficaram vermelhas, cheias de picadas, ele as deixava de molho dentro d'água e o cabo o assustava: atenção com as jiboias, cuidado para não o deixarem pernetá, meu capitão, essas jiboias aparecem e não se ouve nada, levantam a fuça e engolem uma perna numa só dentada. E o capitão que viessem e comessem. Tanta ardência lhe tirara o prazer de viver, só a água acalmava, caralho, que maldita era a sua sorte, merda. E o cabo as pernas estavam sangrando, meu capitão, o sangue atrai piranhas, e se elas abocanhassem umas fatias? Mas o capitão Quiroga explodiu, puta merda, pare de me meter medo, e o cabo sentia nojo de olhar para elas: gordas, cheias de crostas, em cada galhinho que roçava a pele se abria e emanava uma aguinha branca. E Adrián Nieves foi por isso as piranhas não vieram, meu cabo, sabiam que se comessem as pernas dele morreriam envenenadas. O ajudante vai calado, na ponta, medindo o fundo com o remo e dois dias depois chegam a Urakusa: nem um aguaruna, todos tinham se metido no mato. Levaram até os cachorros, que espertinhos. O cabo Roberto Delgado está no centro da clareira, com a boca escancarada, urakusas!, urakusas!, sua dentadura é de cavalo, forte, muito branca, não têm fama de machos?, o sol do crepúsculo a estilhaça em raios azuis, venham, seus veados, voltem! Mas para o auxiliar não machos, meu cabo, cristãos assustando e o cabo que revistassem as cabanas, que fizessem um embrulho com o que houvesse de comestível, vestível ou vendável, agorinha mesmo, voando. Adrián Nieves não recomendava, meu cabo, eles deviam estar olhando e se roubassem alguma coisa

viriam para cima deles, e só eram três. Mas o cabo não queria conselhos de ninguém, merda, tinha perguntado alguma coisa?, e se os urakusas aparecessem ele os derrubaria sem necessidade de pistola, só no tapa e senta no chão, cruza as pernas, acende um cigarro. Eles vão até as cabanas, voltam e o cabo Roberto Delgado está dormindo pacificamente, a guimba se consome no chão cercada de formigas curiosas. Adrián Nieves e o auxiliar comem mandioca, bagre, fumam e quando o cabo acorda se arrasta até eles e bebe do cantil. Depois examina o embrulho: um courinho de lagarto, lixo, colares de miçanga e de conchas, era só o que havia?, pratos de argila, pulseiras, e o que ele prometera ao capitão?, tornozeleiras, diademas, nem um pouco de resina mata-insetos?, um cesto de tucumã e uma cuia cheia de *masato*, puro lixo. Escarva o embrulho com o pé e quer saber se tinham visto alguém enquanto ele dormia. Não, meu cabo, ninguém. Este aqui achava que estavam por perto e o auxiliar aponta com o dedo para o mato mas o cabo não está prestando atenção: iam dormir em Urakusa e partiriam amanhã cedo. Ainda resmunga, que história era essa de se esconder como se eles fossem leprosos?, levanta-se, urina, tira as perneiras e vai para uma cabana, eles o seguem. Não faz calor, a noite é úmida e rumorosa, uma brisa lenta traz um cheiro de plantas podres até a clareira e o auxiliar indo embora, meu cabo, fodido aqui, dizendo, não ficando, não gostando e Adrián Nieves encolhe os ombros: quem podia gostar, mas que não se cansasse, o cabo já não o ouvia, estava dormindo.

— Como foram as coisas lá? — disse Josefino. — Conte, Lituma.

— Como podiam ir, coleguinha — disse Lituma, os olhinhos surpresos. — Muito mal.

— Batiam em você, primo? — disse José. — Ficou a pão e água?

— Nada disso, eles me trataram bem. O cabo Cárdenas mandava me darem mais comida que aos outros. Foi meu subordinado na selva, um mulato boa gente, nós o chamávamos de Escuro. Mas era uma vida triste, de qualquer forma.

O Macaco estava com um cigarro na mão e de repente pôs a língua para fora e piscou um olho. Estava sorrindo, desligado dos outros, e ensaiava caretas que abriam covinhas em suas bochechas e rugas na testa. Às vezes, ele mesmo se aplaudia.

— E me admiravam um pouco — disse Lituma —, diziam “você tem colhões de touro, caboclo”.

— Tinham razão, primo, claro que tem, ninguém vai duvidar.

— Todo Piura falava de você, colega — disse Josefino. — As crianças, as pessoas de idade. Muito tempo depois de você ir embora ainda continuavam discutindo a seu respeito.

— Como, ir embora? — disse Lituma. — Não fui por minha vontade.

— Nós guardamos os jornais — disse José. — Você vai ver, primo. No *El Tiempo* foi muito xingado, chamado de malfeitor, mas em *Ecos y Noticias* e em *La Industria* pelo menos o reconheciam como valente.

— Você foi macho, colega — disse Josefino. — Os mangaches ficaram orgulhosos.

— E para que me serviu? — Lituma encolheu os ombros, cuspiu e pisou na saliva. — Além do mais, foi coisa de bebedeira. A seco eu não teria coragem.

— Aqui na Mangachería somos todos urristas — disse o Macaco, levantando-se com um pulo. — Fanáticos pelo general Sánchez Cerro até o fundo da alma.

Foi até o recorte de jornal, bateu continência e voltou para a esteira, às gargalhadas.

— O Macaco já está bêbado — disse Lituma. — Vamos para a casa da Chunga antes que ele durma.

— Temos uma coisa a lhe contar, colega — disse Josefino.

— Ano passado um aprista veio morar aqui, Lituma — disse o Macaco. — Um desses que mataram o general. Tenho uma raiva!

— Em Lima conheci muitos apristas — disse Lituma. — Também os prendiam. Falavam mal de Sánchez Cerro o tempo todo, diziam que foi um tirano. Uma coisa a me contar, colega?

— E você permitia que falassem mal na sua frente desse grande mangache? — perguntou José.

— Piurano, mas não mangache — disse Josefino. — Isto é outra invenção de vocês. Sánchez Cerro na certa nunca pôs os pés neste bairro.

— O que queria me contar? — disse Lituma. — Fale, homem, fiquei curioso.

— Não era um, era uma família inteira, primo — disse o Macaco. — Fizeram uma casa perto de onde Patrocínio Naya morava e na porta penduraram uma bandeira aprista. Vê que cagada?

— E a Bonifacia, Lituma — disse Josefino. — Se vê pela sua cara que você quer saber dela. Por que não perguntou, inconquistável? Teve vergonha? Mas nós somos seus irmãos, Lituma.

— Mas, isso sim, botamos esse pessoal no lugar — disse o Macaco —, fizemos da vida deles um inferno. Tiveram que sair daqui às pressas.

— Nunca é tarde para perguntar — disse Lituma; ergueu-se um pouco, apoiou as mãos no chão e ficou imóvel. Falava com muita calma: — Não me escreveu uma carta. O que houve com ela?

— Dizem que o Jovem Alejandro era aprista quando criança — disse José, rapidamente. — Que uma vez foi a uma manifestação para receber Haya de la Torre com um cartaz que dizia “mestre, a juventude o aclama”.

— Calúnia, o Jovem é um grande sujeito, uma das glórias da Mangachería — disse o Macaco com uma voz fraca.

— Calem a boca, não veem que estamos conversando? — Lituma deu um tapa no chão e provocou uma nuvenzinha de poeira. O Macaco parou de sorrir, José tinha baixado a cabeça e Josefino, muito rígido e com os braços cruzados, piscava sem parar.

— O que foi, colega — disse Lituma, com uma suavidade quase afetuosa. — Eu não tinha perguntado nada e você puxou o assunto. Agora continue, não fique mudo.

— Certas coisas ardem mais que a aguardente, Lituma — disse Josefino, a meia-voz.

Lituma interrompeu-o com um gesto:

— Vou abrir outra garrafa, então — nem sua voz nem seus gestos revelavam a menor turbção, mas tinha começado a transpirar e a respirar mais fundo. — O álcool ajuda a receber as más notícias, certo?

Abriu a garrafa com uma dentada e encheu os copos. Esvaziou o seu num só gole, ficou com os olhos vermelhos e úmidos, e o Macaco, que bebia aos pouquinhos, de olhos fechados, com o rosto inteiro contraído numa careta, de repente se engasgou. Começou a tossir e a bater no peito com a mão aberta.

— Este Macaco, sempre desajeitado — murmurou Lituma. — Vamos lá, colega, estou esperando.

— O pisco é a única bebida que volta para o mundo através dos olhos — cantarolou o Macaco. — As outras voltam no xixi.

— Virou puta, irmão — disse Josefino. — Está na Casa Verde.

O Macaco teve outro ataque de tosse, seu copo rolou para o chão e na terra uma manchinha úmida se encolheu, desapareceu.

## IV

— Os dentes delas batiam, madre — disse Bonifacia —, falei em pagão para que perdessem o medo. A senhora tinha que ver como estavam.

— Por que nunca nos contou que falava aguaruna, Bonifacia? — perguntou a superiora.

— Esqueceu que por qualquer coisa as madres dizem já está virando selvagem de novo? — disse Bonifacia. — Esqueceu que elas dizem já está comendo com a mão, sua pagã? Eu ficava com vergonha, madre.

Sai da despensa de mãos dadas com elas e, na soleira do seu quartinho apertado, indica que esperem. As duas se juntam, são um novelo apertado contra a parede. Bonifacia entra, acende o lampião, abre o baú, procura alguma coisa, tira o velho molho de chaves e sai. Volta a pegar as meninas pela mão.

— É verdade que penduraram o pagão no pau-mulato? — disse Bonifacia. — Que cortaram o cabelo dele e que ficou com a cabeça reluzente?

— Você parece doida — disse a madre Angélica —, de repente diz cada coisa.

Mas ela sabia, *mamita*: os soldados o trouxeram num bote, amarraram na árvore da bandeira, as pupilas subiam ao teto da residência para olhar e a madre Angélica batia nelas. As bandidas continuavam com essa história? Quando foi que contaram a Bonifacia?

— Um passarinho amarelo que entrou voando me contou — disse Bonifacia. — Cortaram mesmo o cabelo dele? Como a madre Griselda fez com as pagãs?

— Foram os soldados que cortaram, boba — disse a madre Angélica. — Não se pode comparar. A madre Griselda corta o cabelo das meninas para não coçar. O dele foi como castigo.

— E o que o pagão tinha feito, *mamita*? — perguntou Bonifacia.

— Maldades, coisas feias — disse a madre Angélica. — Tinha pecado.

Bonifacia e as meninas saem na ponta dos pés. O pátio está partido em dois: a Lua ilumina a fachada triangular da capela e a chaminé da cozinha; o outro setor da missão é uma aglomeração de sombras úmidas. A parede de tijolos se recorta, imprecisa, sob a arcada opaca de cipós e de galhos. A residência das madres desapareceu dentro da noite.

— Você tem uma forma muito injusta de ver as coisas — disse a superiora. — As madres se importam com sua alma, não com a cor da sua pele nem com o idioma que você fala. Você é ingrata, Bonifacia. A madre Angélica não parou de mimar você desde o dia em que chegou à missão.

— Eu sei, madre, por isso lhe peço que reze por mim — disse Bonifacia. — É que nessa noite virei uma selvagem, que coisa horrível.

— Pare de chorar de uma vez — disse a superiora. — Já sei que você virou selvagem. Agora quero saber o que fez.

Ela as solta, pede silêncio com um gesto e começa a correr, sempre na ponta dos pés. A princípio leva certa vantagem, mas na metade do pátio as duas meninas já correm ao seu lado. Chegam juntas à porta fora de uso. Bonifacia se inclina, experimenta as grossas, emboloradas chaves do molho, uma atrás da outra. A fechadura range, a madeira está molhada e faz um som oco quando batem com a mão aberta, mas a porta não abre. A respiração das três é ofegante.

— Eu era muito pequena? — perguntou Bonifacia. — De que tamanho, *mamita*? Mostre com sua mão.

— Assim, deste tamanho — disse a madre Angélica. — Mas já era um demônio.

— E fazia muito tempo que estava na missão? — disse Bonifacia.

— Pouco tempo — disse a madre Angélica. — Só uns meses.

Pronto, o demônio tinha entrado no seu corpo, *mamita*. O que estava dizendo esta doida? Vamos ver com que vinha agora e Bonifacia tinha chegado a Santa María de Nieva com aquele pagão. As pupilas lhe contaram, agora a madre Angélica tinha que confessar a mentira. Senão iria para o inferno, *mamita*.

— E então por que me pergunta, manhosa? — disse a madre Angélica. — É falta de respeito, e também pecado.

— Era brincadeira, *mamita* — disse Bonifacia. — Eu sei que a senhora vai para o céu.

A terceira chave gira, a porta cede. Mas lá fora deve haver uma tenaz concentração de caules, moitas e trepadeiras, ninhos, teias de aranha, cogumelos e meadas de cipós que resistem e travam a porta. Bonifacia encosta o corpo na madeira e empurra — há levíssimos, múltiplos dilaceramentos e um rumor quebradiço — até que se forma uma abertura suficiente. Mantém a porta entreaberta, sente no rosto o toque de suaves filamentos, ouve o murmúrio da folhagem invisível e, de repente, às suas costas, outro murmúrio.

— Fiquei igual a elas, madre — disse Bonifacia. — A pagã de brinco no nariz comeu e fez a outra comer à força. Enfiava a banana em sua boca com os dedos, madre.

— E o que isso tem a ver com o demônio? — perguntou a superiora.

— Uma segurava a mão da outra e chupava os dedos — disse Bonifacia —, e depois a outra fazia o mesmo. Vê a fome que tinham, madre?

Como não ter fome? As coitadinhas não tinham comido nada desde Chicais, Bonifacia, mas a superiora já sabia que ela teve pena das duas. E Bonifacia quase não entendia, madre, porque elas falavam esquisito. Aqui iam comer todo dia, e elas queremos ir embora, aqui iam ser felizes e elas queremos ir embora e então começou a lhes contar aquelas histórias do Menino Jesus que as pagázinhas tanto apreciavam, madre.

— É o melhor que você faz — disse a superiora. — Contar histórias. O que mais, Bonifacia?

E seus olhos estão como dois vaga-lumes, vão embora, verdes e assustados, voltem para o dormitório, dá um passo em direção às pupilas, com ordem de quem vocês saíram? e empurrada pela selva a porta se fecha sem fazer barulho. As pupilas a observam caladas, duas dúzias de vaga-lumes e uma única silhueta larguíssima e disforme, a escuridão esconde os rostos, os aventais. Bonifacia olha para a residência: nenhuma luz acesa. Manda mais uma vez que voltem para o dormitório mas elas não se mexem nem respondem.

— Aquele pagão era o meu pai, *mamita*? — perguntou Bonifacia.

— Não era o seu pai — disse a madre Angélica. — Você nasceu em Urakusa mas devia ser filha de outro, não daquele malvado.

Não lhe estava mentindo, *mamita*? Mas a madre Angélica nunca mentia, sua louca, por que ia mentir. Para que não ficasse triste de repente, *mamita*? Para não se envergonhar? E não achava que seu pai também tinha sido malvado?

— Por quê? — perguntou a madre Angélica. — Podia ter bom coração, há muitos pagãos assim. Mas para que se preocupar com isso. Por acaso agora não tem um pai muito maior e melhor?

Tampouco obedecem dessa vez, vão embora, voltem para o dormitório, e as duas meninas estão aos seus pés, tremendo, apertando o seu hábito. De repente Bonifacia dá meia-volta, corre e empurra a porta, abre, aponta para a escuridão do mato. As duas meninas estão ao seu lado mas não se decidem a atravessar o umbral, suas cabeças oscilam entre Bonifacia e a abertura sombria e agora os vaga-lumes avançam, suas silhuetas se delineiam diante de Bonifacia, começaram a murmurar coisas, algumas a tocá-la.

— Catavam piolhos uma na outra, madre — disse Bonifacia —, tiravam os bichos e matavam com os dentes. Não era maldade, estavam brincando, madre, e antes de morder mostravam o dedo dizendo veja o que peguei. Brincando e também por carinho, madre.



— Se já tinham confiança em você, podia ter dado uns conselhos a elas — disse a superiora. — Por exemplo que não façam mais essas porcarias.

Mas ela só pensava no dia seguinte, madre: que não chegasse o dia de amanhã, que a madre Griselda não corte o cabelo delas, não vai cortar não vai passar desinfetante e a superiora que bobagens eram essas?

— A senhora não vê como elas ficam, mas sou eu que tenho que segurá-las e vejo — disse Bonifacia. — E também quando as lavam e o sabão entra nos olhos.

Sentia pena quando a madre Griselda livrava as meninas desses insetos que devoravam as suas cabeças? Esses insetos que elas engolem e trazem doenças e incham suas barriguinhas? É que ela ainda sonhava com as tesouras da madre Griselda. Porque sentiu tanta dor, madre, deve ter sido por isso.

— Você nem parece inteligente, Bonifacia — disse a superiora. — Devia sentir pena é de ver essas criaturas transformadas em dois bichinhos, vivendo igual aos macacos.

— A senhora vai se zangar ainda mais, madre — disse Bonifacia. — Vai me odiar.

O que queriam?, por que não obedeciam?, e, uns segundos depois, levantando a voz, ir embora também?, virar pagãs de novo?, e as pupilas tinham escondido as duas meninas, à frente de Bonifacia só se vê uma massa compacta de aventais e olhos ambiciosos. Tanto fazia, então, Deus saberia, elas saberiam, que voltassem para o dormitório ou fugissem ou morressem e olha para a residência: ainda às escuras.

— Cortaram o cabelo dele para tirar o diabo do corpo — disse a madre Angélica. — E agora chega, não pense mais no pagão.

É que ela sempre se lembrava, *mamita*, de como foi que cortaram, e o diabo era igual aos piolhinhos? Que coisas essa doida dizia. Ele para tirar o diabo, as pagãs para tirar os piolhos. Então quer dizer que os dois entravam no cabelo, *mamita*, e a madre Angélica que boba você era, Bonifacia, que menina mais boba.

Saem uma atrás da outra, em fila, como fazem aos domingos quando vão para o rio, ao passarem ao lado de Bonifacia algumas esticam a mão e apertam afetosamente seu hábito, seu braço nu, e ela rápido, Deus as ajudaria, rezaria por elas, Ele as protegeria e sustenta a porta com as costas. Empurra as pupilas que param na soleira e viram a cabeça para a residência escondida, obrigando-as a entrar no vale vegetal, a pisar na terra lamacenta e a perder-se nas trevas.

— E, de repente, ela se soltou da outra e veio para perto de mim — disse Bonifacia. — A menorzinha, madre, e pensei que ia me abraçar mas também começou a me catar com seus dedinhos, era para isso, madre.

— Por que não levou essas meninas para o dormitório? — perguntou a superiora.

— Por gratidão, porque eu lhes dera de comer, não percebe? — disse Bonifacia. — Sua cara ficou triste porque não encontrava nada e eu tomara que tenha, tomara que encontre pelo menos unzinho, a coitada.

— E depois reclama quando as madres chamam você de selvagem — disse a superiora. — Por acaso está falando como uma cristã?

E ela também catava no cabelo da menina e não tinha nojo, madre, e matava com os dentes os que encontrava. Nojenta?, sim, devia ser, e a superiora você fala como se estivesse orgulhosa dessa porcaria e Bonifacia estava mesmo, isso era o mais terrível, madre, e a pagã fazia de conta que encontrava e mostrava a mão e a metia rápido na boca como se fosse matá-lo. E a outra também começou, madre, e ela também começou na outra.

— Não me fale nesse tom — disse a superiora. — E agora chega, não quero que me conte mais nada, Bonifacia.

E ela que as madres entrassem e vissem, a madre Angélica e a senhora também, madre, e até as teria xingado, de tão furiosa que estava, tanto ódio que sentia, madre, e as duas meninas não estão mais lá: devem ter sido as primeiras a sair, engatinhando velozmente. Bonifacia atravessa o pátio e para ao passar em frente à capela. Entra, senta-se num banco. A luz do luar chega obliquamente até o altar, morre ao lado da grade

que separa as pupilas dos fiéis de Santa María de Nieva na missa do domingo.

— Além do mais, você era uma ferinha — disse a madre Angélica. — Eu precisava correr atrás de você pela missão inteira. Uma vez me deu uma dentada na mão, bandida.

— Eu não sabia o que estava fazendo — disse Bonifacia —, esqueceu que ainda era pagã? Se eu beijar o lugar onde mordeu a senhora me perdoa, *mamita*?

— Você diz essas coisas num tom de brincadeira e com um olhar tão maroto que dá vontade de lhe dar uma surra — disse a madre Angélica. — Quer que lhe conte outra das suas histórias?

— Não, madre — disse Bonifacia. — Já estou aqui rezando há um bom tempo.

— Por que não está no dormitório? — perguntou a madre Ángela. — Com ordem de quem veio à capela a estas horas?

— As pupilas fugiram — disse a madre Leonor —, a madre Angélica está procurando você. Vá, corra, a superiora quer falar com você, Bonifacia.

— Devia ser bonita quando era moça — disse Aquilino. — Aquele cabelo tão comprido me chamou a atenção quando a conheci. Pena que apareceram tantas espinhas.

— E aquele cachorro do Reátegui vá lá, a polícia pode chegar, aqui você vai me comprometer — disse Fushía. — Mas aquela puta se exibiu o tempo todo e ele foi caindo.

— Mas foi você quem mandou, homem — disse Aquilino. — Não era coisa de putaria, era obediência. Então por que a xinga?

— Porque você é linda — disse Reátegui —, vou lhe comprar um vestido na melhor loja de Iquitos. Quer? Mas se afaste desta árvore; venha, aproxime-se, não tenha medo.

Seus cabelos são claros e soltos, está descalça, sua silhueta se recorta na frente do tronco imenso, sob uma espessa copa que vomita folhas como se fossem labaredas. A base da árvore é um coto alado de casca rugosa, impenetrável, acinzentado, e no seu interior há madeira maciça para os cristãos, duendes malignos para os pagãos.

— O senhor também tem medo da paineira, patrão? — disse Lalita. — Não imaginava isso no senhor.

Olha para ele com olhos zombeteiros e ri jogando a cabeça para trás: os cabelos longos varrem seus ombros bronzeados e seus pés brilham entre as samambaias úmidas, mais morenos que os ombros, de tornozelos grossos.

— E também sapatos e meias, pequena — disse Julio Reátegui. — E uma bolsa. Tudo o que você pedir.

— E você enquanto isso? — perguntou Aquilino. — Afinal de contas era a sua companheira. Não tinha ciúme?

— Eu só pensava na polícia — disse Fushía. — Ele ficava louco, velho, sua voz tremia quando falava com ela.

— O senhor Julio Reátegui babando por uma cristã — disse Aquilino. — Pela Lalita! Eu não acredito, Fushía. Ela nunca me contou nada, e olhe que eu era seu confessor e seu ombro amigo.

— Velhas sábias, essas boras — disse Julio Reátegui —, não há maneira de saber como preparam as tinturas. Veja que forte o vermelho, o preto. E já têm vinte anos, talvez mais. Vamos, pequena, vista, quero ver como fica em você.

— E para que ele queria que a Lalita pusesse a manta? — disse Aquilino. — Que ideia, Fushía. Mas o que não entendo é como você ficou tão tranquilo. Qualquer outro puxava a faca.

— O cachorro estava na rede e ela na janela — disse Fushía. — Eu ouvia todas as histórias e morria de rir.

— E por que não ri agora também? — disse Aquilino. — Por que tanto ódio da Lalita?

— Não é a mesma coisa — disse Fushía. — Desta vez foi sem minha autorização, às escondidas, de má-fé.

— Nem sonhando, patrão — disse Lalita. — Nem que me reze e chore.

Mas veste e o ventilador de madeira, que funciona com o balanço da rede, emite um som entrecortado, uma espécie de gagueira nervosa, e, envolta na manta preta e vermelha, Lalita fica imóvel. A tela metálica da janela está constelada de nuvenzinhas verdes, malvas, amarelas e, ao longe, entre a casa e o mato, os arbustos de café parecem tenros, certamente cheirosos.

— Você parece uma larva dentro do casulo — disse Julio Reátegui. — Uma dessas borboletinhas de janela. O que custa, Lalita, vamos, faça isso por mim, tire.

— Que coisa de louco — disse Aquilino. — Primeiro que vista e depois que tire. Cada ideia, esse ricaço.

— Nunca teve tesão, Aquilino? — perguntou Fushía.

— Eu lhe dou o que quiser — disse Julio Reátegui. — Pode pedir, Lalita, o que for, venha, chegue mais perto.

A manta, agora no chão, é uma vitória-régia redonda de onde brota, como uma orquídea numa planta aquática, o corpo da moça, miúdo, de seios galhardos com corolas pardas e bicos que pareciam flechas. Através da blusa transpareciam uma barriga lisa, umas coxas firmes.

— Entrei fingindo que não vi nada — disse Fushía —, rindo para que o cachorro não ficasse com vergonha. Ele se levantou da rede num pulo e a Lalita enrolou-se na manta.

— Mil soles por uma moça não é coisa de cristãos sensatos — disse Aquilino. — É o preço de um motor, Fushía.

— Vale dez mil — disse Fushía. — Só que estou com pressa, o senhor sabe muito bem por que, don Julio, e não posso levar mulher. Quero partir hoje mesmo.

Mas não iam lhe tirar mil soles assim tão fácil, ainda mais que já o havia escondido. E depois, Fushía sabia que o negócio da borracha tinha ido para o diabo, e com as enchentes ia ser impossível tirar madeira este ano e Fushía essas loretanias, don Julio, o senhor sabe: são vulcões que incendeiam tudo. Dava até pena deixá-la, porque ela não era só bonita: também cozinhava e tinha bom coração. E então, don Julio, o que decidia?

— Ficava mesmo com pena de deixar a Lalita em Uchamala com o senhor Reátegui? — disse Aquilino. — Ou dizia só por dizer?

— Que pena nem nada — disse Fushía —, nunca gostei dessa puta.

— Não saia da lagoa — disse Julio Reátegui —, vou entrar na água com você. Não fique sem nada, e se aparecerem candirus? Vista alguma coisa, Lalita, não, espere, ainda não.

Lalita está de cócoras no remanso e a água a vai cobrindo, ao redor brotam ondas, círculos concêntricos. Há uma chuva de cipós na superfície da água e Julio Reátegui já estava sentindo, Lalita, vista-se: eram fininhos, tinham espinhos, entravam pelos buraquinhos, menina, e lá dentro arranhavam, infeccionavam tudo e ia ter que beber infusões boras e aguentar a diarreia por uma semana.

— Não são candirus, patrão — disse Lalita —, não vê que são peixinhos pequenos? E as plantas lá no fundo, é isso o que está sentindo. Que morna, que gostosa, não é?

— Entrar no rio com uma mulher, os dois pelados — disse Aquilino. — Nunca me aconteceu quando era jovem e agora me dói. Deve ser uma coisa muito boa, Fushía.

— Vou entrar no Equador pelo rio Santiago — disse Fushía. — Uma viagem difícil, don Julio, não nos veremos mais. Decidiu? Porque vou partir esta noite mesmo. Só tem quinze anos e eu fui o primeiro que tocou nela.

— Às vezes me pergunto por que não me casei — disse Aquilino. — Mas com a vida que tive, não

havia como. Sempre viajando, como ia arranjar mulher no rio. Você, sim, não pode se queixar, Fushía. Nunca lhe faltaram.

— Estamos de acordo — disse Fushía. — Sua lanchinha e as conservas. É um bom negócio para os dois, don Julio.

— O Santiago fica muito longe, você nunca vai chegar sem ser visto — disse Julio Reátegui. — Além do mais, navegando nesta época vai levar um mês e tanto. Por que não vai pelo Brasil, não é melhor?

— É lá que estão me esperando — disse Fushía. — Deste lado da fronteira e também do outro, por uma história em Campo Grande. Não sou tão bobo assim, don Julio.

— Nunca vai chegar ao Equador — disse Julio Reátegui.

— E não chegou, na realidade — disse Aquilino. — Ficou no Peru.

— Sempre foi assim, Aquilino — disse Fushía. — Todos os meus planos saíram pela culatra.

— E se ela não quiser? — disse Julio Reátegui. — Você mesmo tem que convencê-la, antes que eu lhe dê a lancha.

— Ela sabe que minha vida vai ser uma correria de um lado para outro — disse Fushía —, podem me acontecer mil coisas. Mulher nenhuma gosta de andar com um homem fodido. Ela vai gostar de ficar, don Julio.

— E, no entanto, veja só — disse Aquilino. — Ela acompanhou você e o ajudou em tudo. Levou uma vida de bicho do mato, ao seu lado, sem reclamar. Apesar dos pesares, Lalita foi uma boa mulher, Fushía.

Foi assim que a Casa Verde nasceu. A construção levou muitas semanas; as tábuas, as vigas e os tijolos precisavam ser arrastados da outra ponta da cidade, e as mulas alugadas por don Anselmo avançavam com dificuldade pelo areal. O trabalho começava de manhã, quando a chuva seca parava, e terminava quando o vento aumentava. De tarde, à noite, o deserto engolia os alicerces e enterrava as paredes, as iguanas roíam as madeiras, os abutres faziam seus ninhos na incipiente construção, e toda manhã era preciso refazer o que tinha sido começado, corrigir os planos, repor os materiais, num combate surdo que foi galvanizando a cidade. “*Quando o forasteiro vai se dar por vencido?*”, perguntavam-se os vizinhos. Mas os dias transcorriam e, sem se abater com os percalços nem se contagiar pelo pessimismo dos conhecidos e amigos, don Anselmo continuava desenvolvendo uma assombrosa atividade. Dirigia os trabalhos quase nu, com a mata peluda do seu peito molhada de suor, a boca cheia de euforia. Distribuía aguardente e carne entre os peões e ele próprio carregava tijolos, fincava vigas, ia e vinha pela cidade açulando as mulas. E um belo dia os piuranos admitiram que don Anselmo ia vencer, ao divisarem do outro lado do rio, em frente à cidade, como uma espécie de emissário desta na boca do deserto, um sólido, invicto esqueleto de madeira. A partir de então, o serviço foi rápido. O povo de Castilla e do casario do matadouro vinha todas as manhãs presenciar os trabalhos, davam conselhos e às vezes, espontaneamente, também ajudavam os peões. Don Anselmo oferecia bebida a todo mundo. Nos últimos dias, imperava um clima de feira popular em volta da obra: *chicheras*, fruteiras, vendedoras de queijo, doces e refrescos iam oferecer sua mercadoria aos trabalhadores e curiosos. Os fazendeiros davam uma parada quando passavam por lá e, do alto das suas montarias, diziam palavras de estímulo a don Anselmo. Um dia, Chápiro Seminario, o poderoso agricultor, mandou-lhe um boi e uma dúzia de cântaros de chicha. Os peões prepararam uma *pachamanca*.

Quando a casa ficou pronta, don Anselmo determinou que fosse totalmente pintada de verde. Até as crianças caíam na gargalhada quando viam aquelas paredes cobertas por uma pele cor de esmeralda que emitia reflexos escamosos quando o sol batia. Velhos e jovens, ricos e pobres, homens e mulheres gracejavam alegremente com o capricho de don Anselmo de sarapintar sua moradia daquela maneira. Imediatamente a batizaram: *A Casa Verde*. Não era só a cor que causava graça, mas também sua anatomia extravagante. A casa tinha dois andares, mas o de baixo mal merecia este nome: um salão espaçoso cortado

por quatro vigas, também verdes, que sustentavam o teto; um pátio descoberto, empedrado com calhaus polidos pelo rio e uma parede circular, da altura de um homem. O segundo andar era composto por seis quartos minúsculos, enfileirados diante de um corredor com uma balaustrada de madeira que sobrevoava o salão do térreo. Além da entrada principal, a Casa Verde tinha duas portas nos fundos, uma cavalaria e uma grande despensa.

No armazém do espanhol Eusebio Romero, don Anselmo comprou esteiras, lampiões a óleo, cortinas de cores berrantes, muitas cadeiras. E, certa manhã, dois carpinteiros da Gallinacera anunciaram: “*Don Anselmo nos encomendou uma escrivaninha, um balcão igualzinho ao do La Estrella del Norte e meia dúzia de camas!*” Então, don Eusebio Romero confessou: “*E a mim, seis pias, seis espelhos, seis bacias.*” Uma espécie de efervescência se espalhou por todos os bairros, uma rumorosa e agitada curiosidade.

Surgiram as suspeitas. De casa em casa, de salão em salão as beatas cochichavam, as senhoras olhavam com desconfiança para seus maridos, os vizinhos trocavam sorrisos maliciosos e, um domingo, na missa de meio-dia, o padre García afirmou no púlpito: “*Estão preparando uma agressão contra a moral nesta cidade.*” Os piuranos acoassavam don Anselmo na rua, exigindo que ele falasse. Mas era inútil: “*É segredo*”, dizia, deleitado como um colegial; “*tenham um pouco de paciência, já vão saber*”. Indiferente ao rebuliço, ele continuava indo toda manhã ao La Estrella del Norte, e bebia, pilheriava e distribuía lembrancinhas e galanteios às mulheres que atravessavam a praça. De tarde ficava na Casa Verde, para onde tinha se mudado depois de dar uma caixa de garrafas de pisco e uma sela de couro lavrado para don Melchor Espinoza.

Pouco depois, don Anselmo se foi. Num cavalo negro, que acabava de comprar, deixou a cidade como tinha chegado, certa manhã ao nascer do sol, sem que ninguém o visse, com destino desconhecido.

Falou-se tanto em Piura da Casa Verde original, essa residência matriz, que ninguém mais sabe exatamente como ela era de fato, nem os verdadeiros pormenores da sua história. Os sobreviventes da época, muito poucos, se atrapalham e se contradizem; acabam confundindo o que viram e ouviram com seus próprios inventos. E os protagonistas já estão tão decrepitos, e é tão obstinado o seu mutismo, que não adiantaria nada perguntar a eles. De todo modo, a Casa Verde primitiva não existe mais. Até poucos anos atrás, no local onde foi construída — a área de deserto limitada por Castilla e Catacaos — se encontravam pedaços de madeira e objetos domésticos carbonizados, mas o deserto, e a estrada que construíram, e as chácaras que surgiram nos arredores, acabaram apagando todos esses vestígios e agora não há piurano capaz de precisar em que lugar do areal amarelado a casa se erguia, com suas luzes, sua música, suas risadas, e aquele resplendor diurno de suas paredes que, à distância e de noite, a transformava num quadrado, fosforescente réptil. Nas histórias dos mangaches se diz que ficava nas proximidades da outra ponta da Ponte Velha, que era muito grande, a maior das construções de então, e que havia tantas lâmpadas coloridas em suas janelas que a luz machucava a vista, tingia a areia em volta e até iluminava a ponte. Mas a principal virtude do estabelecimento era a música que, pontualmente, irrompia em seu interior no começo da tarde, durava a noite inteira e era ouvida até mesmo na catedral. Don Anselmo, dizem, percorria incansável as chicherías dos bairros, e até de povoados vizinhos, em busca de artistas, e de toda parte trazia violonistas, tocadores de *cajón*, raspadores de queixada, flautistas, mestres do bombo e da corneta. Mas nunca harpistas, pois ele tocava esse instrumento e sua harpa comandava, inconfundível, a música da Casa Verde.

— *Era como se o ar estivesse envenenado* — diziam as velhas da avenida do porto. — *A música entrava em todos os lugares, mesmo que fechássemos as portas e janelas, nós a escutávamos enquanto comíamos, enquanto rezávamos e enquanto dormíamos.*

— *E imagine as caras dos homens quando ouviam* — diziam as beatas sufocadas em seus véus. — *E imagine como aquilo os tirava dos lares, como os atraía para a rua e empurrava para a Ponte Velha.*

— *E não adiantava rezar* — diziam as mães, as esposas, as namoradas —, *de nada serviam os nossos prantos, as nossas súplicas, nem os sermões dos padres, as novenas, nem sequer os triságios.*

— *Estamos com o inferno nas nossas portas* — trovejava o padre García —, *qualquer um veria, mas vocês estão cegos. Piura é Sodoma e é Gomorra.*

— *Talvez seja mesmo verdade que a Casa Verde nos trouxe azar* — diziam os velhos, lambendo os beiços. — *Mas como aproveitamos na maldita.*

Poucas semanas depois de don Anselmo voltar a Piura com sua caravana de moradoras, a Casa Verde já havia imposto seu domínio. A princípio, os que iam visitá-la saíam da cidade às escondidas; esperavam chegar a escuridão, atravessavam discretamente a Ponte Velha e entravam no areal. Depois, as incursões aumentaram e os jovens, cada vez mais imprudentes, não se importavam mais de serem reconhecidos pelas senhoras postadas atrás das persianas da avenida do porto. Em casebres e salões, nas fazendas, não se falava de outra coisa. Os púlpitos multiplicavam advertências e exortações, o padre García estigmatizava a licenciosidade com citações bíblicas. Foi criado um Comitê de Obras Pias e Bons Costumes e as damas que o integravam visitaram o prefeito e o alcaide. As autoridades assentiam, cabisbaixas: certo, elas tinham razão, a Casa Verde era uma afronta a Piura, mas o que fazer? As leis ditadas nessa capital podre que é Lima protegiam don Anselmo, a existência da Casa Verde não contradizia a Constituição nem era punida pelo Código. As damas deixaram de cumprimentar as autoridades, fecharam seus salões. Enquanto isso, os adolescentes, os homens feitos e até os pacíficos anciãos se precipitavam em bandos para a buliçosa e reluzente construção.

Até mesmo os piuranos mais sóbrios, os mais trabalhadores e mais corretos. Na cidade, antes tão silenciosa, o barulho e o movimento noturnos se instalaram como pesadelos. Ao amanhecer, quando a harpa e os violões da Casa Verde silenciavam, um ritmo indisciplinado e múltiplo se elevava aos céus: os que voltavam, sós ou em grupos, percorriam as ruas às gargalhadas e cantorias. Os homens mostravam a falta de sono nos rostos avariados pelo ataque da areia e no La Estrella del Norte contavam histórias estrambóticas que corriam de boca em boca e os menores repetiam.

— *Estão vendo, estão vendo* — dizia, trêmulo, o padre García —, *só falta chover fogo em Piura, todos os males do mundo estão caindo sobre nós.*

Porque é verdade que tudo isso coincidiu com desgraças. No primeiro ano, o rio Piura cresceu e continuou crescendo, arreventou as barreiras das chácaras, muitos plantios do vale se alagaram, alguns animais morreram afogados e a umidade tingiu vastos setores do deserto de Sechura: os homens praguejavam, as crianças faziam castelos com a areia contaminada. No segundo ano, como que em represália contra as injúrias dos donos das terras alagadas, o rio não subiu. O leito do Piura se cobriu de ervas e cardos que morreram pouco depois de nascer e só restou uma longa fenda ulcerada: os canaviais secaram, o algodão brotou antes do tempo. No terceiro ano, as pragas dizimaram as colheitas.

— *Estas são as desgraças do pecado* — rugia o padre García. — *Ainda há tempo, o inimigo está em suas veias, matem-no com orações.*

Os feiticeiros dos casebres regavam os roçados com sangue de cabrito novo, rolavam dentro dos sulcos, faziam conjuros para atrair a água e afugentar os insetos.

— *Meu Deus, meu Deus* — lamentava o padre García. — *Há fome e há miséria e, em vez de se corrigirem, pecam e pecam.*

Porque nem a inundação, nem a seca, nem as pragas detiveram a glória crescente da Casa Verde.

O aspecto da cidade mudou. As tranquilas ruas provincianas se encheram de forasteiros que, nos fins de semana, vinham a Piura de Sullana, Paita, Huancabamba e até de Tumbes e Chiclayo, seduzidos pela lenda da Casa Verde que se propagara através do deserto. Lá passavam a noite e, quando vinham à cidade, mostravam-se grosseiros e descomedidos, exibiam sua bebedeira pelas ruas como uma proeza. Os moradores os odiavam e às vezes havia conflito, não de noite e no cenário dos duelos, o descampado embaixo da ponte, e sim à plena luz do dia e na Praça de Armas, na avenida Grau ou em qualquer outro lugar. Explodiam

brigas coletivas. As ruas ficaram perigosas.

Quando, apesar da proibição das autoridades, alguma das moradoras se aventurava pela cidade, as senhoras puxavam suas filhas para dentro do lar e fechavam as cortinas. O padre García ia ao encontro da intrusa, transfigurado; os vizinhos precisavam contê-lo para impedir uma agressão.

No primeiro ano, o estabelecimento hospedou apenas quatro moradoras, mas no ano seguinte, quando estas partiram, don Anselmo viajou e voltou com oito, e dizem que no seu apogeu a Casa Verde chegou a ter vinte. Chegavam e iam diretamente para a casa afastada. Da Ponte Velha viam-se chegar as mulheres, ouviam-se seus gritos e desplantes. Suas indumentárias coloridas, seus lenços e enfeites cintilavam como crustáceos na paisagem árida.

Don Anselmo, em contrapartida, frequentava a cidade. Percorria as ruas no seu cavalo preto, que tinha ensinado a fazer galanteios: sacudir o rabo alegremente quando passava uma mulher, dobrar uma pata em sinal de saudação, executar passos de dança ao ouvir música. Don Anselmo tinha engordado, vestia-se com um excesso berrante: chapéu de palha mole, cachecol de seda, camisas de linho, correia com incrustações, calças justas, botas de salto alto e esporas. Suas mãos fervilhavam de anéis. Às vezes, vinha beber alguma coisa no La Estrella del Norte e muitos poderosos da cidade não vacilavam em sentar-se à sua mesa, conversar com ele e depois acompanhá-lo até os arredores.

A prosperidade de don Anselmo se traduziu em ampliações laterais e verticais da Casa Verde. Esta, como um organismo vivo, foi crescendo, amadurecendo. A primeira inovação foi um muro de pedra. Coroado de cardos, cacos de vidro, farpas e espinhos para desanimar os ladrões, envolvia o andar de baixo e o ocultava. O espaço entre o muro e a casa foi primeiro um patiozinho pedregoso, depois um saguão nivelado com vasos de cactos, mais tarde um salão circular com piso e teto de esteiras e, por fim, a madeira substituiu a palha, o piso foi empedrado e o teto se cobriu de telhas. Acima do segundo andar surgiu outro, pequeno e cilíndrico como um torreão de vigia. Cada pedra acrescentada, cada telha ou madeira era automaticamente pintada de verde. A cor escolhida por don Anselmo acabou imprimindo à paisagem uma nota refrescante, vegetal, quase líquida. De longe, os viajantes avistavam a construção de paredes verdes, semidiluídas na viva luz amarela da areia, e tinham a sensação de estar se aproximando de um oásis de palmeiras e coqueiros acolhedores, com águas cristalinas, e era como se essa presença distante promettesse todo tipo de recompensas para o corpo fatigado, estímulos sem fim para o ânimo deprimido pelo abafamento do deserto.

Don Anselmo, dizem, morava no último andar, naquela cúspide estreita, e ninguém, nem os seus melhores clientes — Chápiro Seminario, o prefeito, don Eusebio Romero, o doutor Pedro Zevallos —, tinham acesso a esse lugar. Dali, sem dúvida, don Anselmo devia observar o desfile dos visitantes no areal, ver suas silhuetas diluídas pelos torvelinhos de areia, essas bestas famintas que rondam a cidade desde que o sol se põe.

Além das moradoras, em sua boa época a Casa Verde hospedou Angélica Mercedes, jovem mangache que havia herdado da mãe a sabedoria e a arte dos temperos. Com ela don Anselmo ia ao mercado, aos armazéns, para encomendar mantimentos e bebidas: comerciantes e ambulantes se inclinavam à sua passagem como bambus ao vento. Os cabritos, porquinhos-da-índia, porcos e cordeiros, que Angélica Mercedes cozinhava com misteriosas ervas e especiarias, chegaram a ser um dos atrativos da Casa Verde e havia velhos que juravam: “*Só vamos lá para saborear aquela comida fina.*”

Os arredores da Casa Verde viviam animados por uma multidão de vagabundos, mendigos, vendedores de quinquilharias e de frutas que assediavam os clientes que entravam e saíam. Os meninos da cidade fugiam de casa à noite e, escondidos atrás das moitas, espiavam os visitantes e ouviam a música, as gargalhadas. Alguns, arranhando as mãos e as pernas, escalavam o muro e olhavam cobiçosamente para dentro. Um dia (que era festa religiosa), o padre García se postou no areal, a poucos metros da Casa Verde e enfrentava os

visitantes, um por um, exortando-os a voltar para a cidade e arrepende-se. Mas eles inventavam desculpas: uma reunião de negócios, uma mágoa que precisava desafogar para não envenenar a alma, uma aposta que compromete a honra. Alguns pilheriavam e convidavam o padre García a ir com eles e houve gente até que se ofendeu e puxou a pistola.

Novos mitos sobre don Anselmo surgiram em Piura. Para alguns, ele fazia viagens secretas a Lima, onde guardava o dinheiro acumulado e adquiria propriedades. Para outros, era apenas a fachada de uma empresa que contava entre seus sócios o prefeito, o alcaide e fazendeiros. O passado de don Anselmo se enriquecia na fantasia popular, diariamente se acrescentavam feitos sublimes ou sangrentos à sua vida. Velhos mangaches juravam reconhecer nele um adolescente que, anos antes, cometera assaltos no bairro, e outros afirmavam: “*É um presidiário foragido, um ex-miliciano, um político em desgraça.*” Só o padre García se atrevia a dizer: “*Seu corpo cheira a enxofre.*”

E de madrugada se levantam para prosseguir a viagem, descem o barranco e a lanchinha não está lá. Começam a procurar, Adrián Nieves para um lado, o cabo Roberto Delgado e o auxiliar para o outro e, de repente, gritos, pedras, homens pelados e lá está o cabo, rodeado de aguarunas, chovem paus em cima dele, do auxiliar também, e agora o viram e os índios correm na sua direção, merda, Adrián Nieves, chegou a sua hora, e se joga na água: fria, rápida, escura, não levante a cabeça, mais para dentro, para pegar a correnteza, flechas?, que o leve rio abaixo, balas?, pedras?, merda, os pulmões querem ar, a cabeça está tonta como um pião, cuidado com a cáibra. Sai e ainda se vê Urakusa e, no barranco, o uniforme verde do cabo, os índios o estão machucando, a culpa era dele, bem que tinha avisado e o auxiliar, escaparia?, seria morto? Continua flutuando água abaixo, agarrado em um tronco, e depois, quando sai na margem direita do rio, seu corpo está dolorido. Dorme ali mesmo na praia, deserta, ainda não recuperou as forças e um escorpião o pica tranquilamente. Tem que acender uma fogueira e pôr a mão em cima, assim, é bom que transpire um pouco por mais que arda tanto, suga a ferida, cospe, lave bem a boca, com essas picadas nunca se sabe, escorpião filho da puta. Depois continua pelo mato, não se veem índios, mas é melhor ir na direção do Santiago, e se uma patrulha o encontrar e devolver à guarnição de Borja? Nem pensar em voltar para a aldeia, os soldados o descobririam amanhã ou depois, por ora precisava fabricar uma balsa. Leva muito tempo, ah, se você tivesse um facão, Adrián Nieves, suas mãos estão cansadas e não têm força para derrubar troncos mais resistentes. Escolhe três árvores mortas, brancas e bichadas, que vêm abaixo no primeiro empurrão e as junta com cipós. Faz dois remos, um deles para levar de reserva. E agora nem apareça no rio grande, procure canais e lagoas por onde passar, e não é difícil, a região é toda de igarapés. Mas como se orientar, estas terras altas não são as suas, as águas subiram muito, será que se chega assim ao Santiago?, mais uma semaninha, Adrián Nieves, você foi um bom piloto, abre as narinas, o cheiro não engana, esta é a direção certa, colhões, homem, tenha colhões. Mas onde estará agora, o canal parece girar sobre si mesmo e ele navega quase às escuras, a selva é espessa, o sol e o ar quase não chegam, tudo cheira a madeira podre, a lodo e, depois, tanto morcego, seus braços doem, sua garganta arde de tanto enxotá-los, mais uma semaninha. Nem para trás nem para a frente, não tem como retroceder até o Marañón nem como chegar ao Santiago, a correnteza o leva ao seu bel-prazer, seu corpo não aguenta de cansaço, ainda por cima chove, chove dia e noite. Mas afinal termina o canal e surge uma lagoa, um charco pequenino com tucumás espinhentos nas margens, o céu cada vez mais escuro. Dorme numa ilha, quando acorda mastiga umas ervas amargas, segue viagem e só dois dias depois mata a pazadas uma anta magrinha, come a carne meio crua, seus músculos já nem conseguem mover o remo, os mosquitos o morderam com fúria, sua pele está ardendo e as pernas iguais às do capitão Quiroga, como contava o cabo, o que ia ser dele, os urakusas o soltariam?, estavam furiosos, será que de repente o matariam? Talvez fosse melhor ter voltado para a guarnição de Borja, preferível ser soldado que cadáver, é triste morrer de fome ou de febre no meio do mato, Adrián



Nieves. Está de bruços na balsa e assim fica um bocado de dias, e quando o canal acaba e chega a uma lagoa enorme, que coisa, tão grande que parece o lago, que coisa, o lago Rimache?, não podia ter subido tanto, impossível, e no centro está a ilha e no alto do barranco há uma parede de paineiras. Empurra o remo sem se levantar e, finalmente, entre as árvores cheias de corcovas, silhuetas nuas, merda, serão aguarunas?, ajudem-me, serão mansos?, acena com as duas mãos e eles se agitam, gritam, ajudem-me, pulam, apontam para ele e quando atraca vê o cristão, a cristã, estão à sua espera e ele perde a cabeça, patrão, não imaginava que alegria ver um cristão. Tinha salvado a sua vida, patrão, já pensava que estava tudo acabado e ele ri e lhe dão outra dose, o sabor doce, áspero do anisado e atrás do patrão há uma cristã jovem, bonita de cara, bonito seu cabelo comprido, e era como se estivesse sonhando, patroa, a senhora também me salvou: obrigado em nome do céu. Quando acorda eles ainda estão ali, ao seu lado, e o patrão que coisa, já era hora, homem, tinha dormido um dia inteiro, afinal abria os olhos, estava se sentindo bem? E Adrián Nieves, sim, muito bem, patrão, mas não havia soldados por aqui? Não, não havia, por que queria saber, o que tinha feito e Adrián Nieves, nada de mau, patrão, não matei ninguém, só que fugiu do serviço, não podia viver trancado num quartel, para ele não havia nada como o ar livre, chamava-se Nieves e antes que os soldados o pegassem era piloto. Piloto? Então devia conhecer bem a selva, saber levar uma lancha a qualquer lugar e em qualquer época e ele claro que podia, patrão, era piloto desde que nascera. Agora havia se perdido porque se meteu nos igarapés em plena cheia, não queria que os soldados o vissem, será que não poderia, patrão? E o patrão sim, podia ficar na ilha, ele lhe daria um trabalho. Aqui ia estar seguro, nunca apareceriam soldados nem guardas: esta era sua mulher, Lalita, e ele Fushía.

— O que foi, colega? — disse Josefino. — Não perca as estribeiras.

— Vou para a casa da Chunga — rugiu Lituma. — Vocês vêm comigo? Não? Não fazem falta, eu vou sozinho.

Mas os León o prendem pelos braços e Lituma fica no mesmo lugar, congestionado, suarento, seus olhinhos revoando angustiosamente pelo aposento.

— Para quê, irmão — perguntou Josefino. — Aqui estamos bem. Acalme-se.

— Só para ouvir o harpista de dedos de prata — gemeu Lituma. — Só para isso, inconquistáveis. Bebemos alguma coisa e voltamos, juro.

— Você sempre foi homem, colega. Não fraqueje agora.

— Sou mais homem que qualquer um — balbuciou Lituma. — Mas tenho um coração deste tamanho.

— Tente chorar — disse o Macaco, meigamente. — Desabafe, primo, não tenha vergonha.

Lituma olhava para o vazio e seu terno alaranjado estava cheio de manchas de terra e de saliva. Ficaram em silêncio durante um bom tempo, bebendo cada um pelo seu lado, sem brindar, e ouviram-se ecos de *tonderos* e de valsas, e a atmosfera se impregnou de cheiro de chicha e fritura. O balanço da lâmpada ampliava e diminuía num ritmo preciso as quatro silhuetas projetadas nas esteiras, e a vela do nicho, já minúscula, exalava uma fumacinha encaracolada e escura que ladeava a Virgem de gesso como uma longa cabeleira. Lituma levantou-se com muito esforço, sacudiu a roupa, passou uns olhos perdidos em volta de si e, de repente, meteu um dedo na boca. Ficou futucando a garganta diante do olhar atento dos outros; eles viram como empalideceu e por fim vomitou, ruidosamente, com arquejos que estremeciam todo o seu corpo. Depois, voltou a sentar-se, limpou o rosto com o lenço e, exausto, mostrando as olheiras, acendeu um cigarro com as mãos trêmulas.

— Já estou melhor, colega. Continue contando.

— Sabemos muito pouco, Lituma. Quer dizer, de como a coisa aconteceu. Quando você foi preso nós demos o fora. Tínhamos sido testemunhas e podiam nos encrencar, você sabe que os Seminario são gente rica, com muitas influências. Eu fui para Sullana e os seus primos para Chulucanas. Quando voltamos, ela

tinha sumido da casinha de Castilla e ninguém sabia onde estava.

— Então a coitada ficou sozinha — murmurou Lituma. — Sem um tostão e ainda por cima grávida.

— Não se preocupe com isso, irmão — disse Josefino. — Não deu à luz. Pouco tempo depois soubemos que andava pelas chicherías, e certa noite a encontramos no Rio Bar com um sujeito e não estava grávida.

— E o que ela fez quando viu vocês?

— Nada, colega. Cumprimentou normalmente. E depois topávamos com ela aqui e ali, sempre acompanhada. Até que um dia a vimos na Casa Verde.

Lituma passou o lenço no rosto, sugou com força o cigarro e soltou uma grande baforada de fumaça espessa.

— Por que não me escreveram? — sua voz estava cada vez mais rouca.

— Você já tinha bastantes problemas, trancafiado e longe da sua terra. Para que íamos amargurar ainda mais a sua vida, colega? Não se dão notícias assim para quem já está fodido.

— Chega, primo, parece que você gosta de sofrer — disse José. — Vamos mudar de assunto.

Um fio brilhante de saliva corria dos lábios de Lituma até o pescoço. Sua cabeça se movia, lenta, pesada, mecânica, seguindo a exata oscilação das sombras nas esteiras. Josefino encheu os copos. Continuaram bebendo, sem falar nada, até que a vela do nicho se apagou.

— Estamos aqui há duas horas — disse José, apontando para o castiçal. — É o tempo que dura o pavio.

— Estou contente com a sua volta, primo — disse o Macaco. — Não faça essa cara. Ria, todos os mangaches vão ficar felizes de vê-lo. Ria, priminho.

Foi até Lituma, abraçou-o e ficou olhando para ele com seus olhos grandes, vivos e ardentes, até que Lituma lhe deu uma palmadinha na cabeça e sorriu.

— É assim que eu gosto, primo — disse José. — Viva a Mangachería, vamos cantar o hino.

E, subitamente, os três começam a falar, eram três garotos e pulavam os muros de adobe da Escola Fiscal para tomar banho no rio ou, montados num burro alheio, percorriam caminhos arenosos, entre chácaras e algodoais, em direção às tumbas de Narihualá, e aí estava o fragor dos carnavais, as cascas de ovo e as bexigas de água choviam em cima dos transeuntes enfurecidos e também encharcavam os milicos que não se atreviam a ir pegá-los em seus esconderijos nos terraços e nas árvores, e agora, nas manhãs quentes, disputavam fogosos jogos de futebol com bola de meia na quadra infinitamente grande do deserto. Josefino os ouvia mudo, com os olhos cheios de inveja, os mangaches recriminavam Lituma, você se alistou mesmo na Guarda Civil?, seu renegado, traidor, e os León e Lituma riam. Abriram outra garrafa. Sempre calado, Josefino fazia círculos de fumaça, José assobiava, o Macaco conservava o pisco na boca, simulava mastigar, fazia gargarejos, caretas, não sinto enjojo nem fogo, só esse calorzinho que não se confunde.

— Calma, inconquistável — disse Josefino. — Onde você vai, segurem-no.

Os León o alcançaram na entrada, José segurou seus ombros enquanto o Macaco o abraçava pela cintura; sacudiu-o com fúria, mas sua voz parecia atordoada e chorosa:

— Para quê, primo. Não vá, seu coração vai sangrar. Ouça o que estou dizendo, Lituma, priminho.

Lituma acariciou meio sem jeito o rosto do Macaco, passou a mão em seus cabelos crespos, afastou-o de si sem brutalidade e saiu, cambaleando. Eles o seguiram. Lá fora, nos limites de suas casas de bambu do mato, os mangaches dormiam debaixo das estrelas, formando silenciosos cachos humanos na areia. O bulício das chicherías tinha aumentado, o Macaco repetia as toadas entre os dentes e, quando ouvia uma harpa, abria os braços: mas não há outro como don Anselmo! Ele e Lituma iam na frente, de braços dados, ziguezagueando, às vezes vinha um protesto da escuridão, “cuidado, não pisem!”, e eles, em coro, “desculpe, don”, “mil perdões, dona”.

— Essa história que você contou parecia um filme — disse José.

— Mas ele acreditou — disse Josefino. — Não me ocorreu outra coisa. E vocês nem me ajudaram, não abriram a boca.

— Pena não estarmos em Paita, primo — disse o Macaco. — Eu entraria na água de roupa e tudo. Seria gostoso.

— Em Yacila há ondas, é mar de verdade — disse Lituma. — O de Paita é um laguinho, o Maraión é mais bravo que esse mar. Domingo vamos a Yacila, primo.

— Vamos levá-lo para a cantina do Felipe — disse Josefino. — Tenho dinheiro. Não podemos deixar que ele vá embora, José.

A avenida Sánchez Cerro estava deserta, à sombra da luz gordurosa de cada poste os insetos zumbiam. O Macaco tinha se sentado no chão para amarrar os sapatos. Josefino aproximou-se de Lituma:

— Olhe, colega, o Felipe está aberto. Quantas lembranças boas nessa cantina. Venha, quero lhe pagar uma bebida.

Lituma se safou dos braços de Josefino, falou sem olhar para ele:

— Depois, irmão, na volta. Agora, para a Casa Verde. Quantas lembranças lá também, mais que em nenhum outro lugar. Não é mesmo, inconquistáveis?

Mais tarde, quando passaram na frente do Três Estrelas, Josefino fez uma nova tentativa. Correu até a porta luminosa do bar, gritando:

— Até que enfim, um lugar onde matar a sede! Venham, colegas, eu pago.

Mas Lituma continuou caminhando, inabalável.

— E agora, José.

— O que podemos fazer, irmão. Vamos para a casa da Chunga Chunguita.

Dois

Uma lancha encosta roncando no cais e Julio Reátegui pula para a terra. Sobe até a praça de Santa María de Nieva — um guarda civil joga um pedaço de pau para cima, um cachorro o apanha no ar e traz de volta — e quando chega à altura dos pés de pau-mulato um grupo de gente está saindo da cabana do Governo. Ele ergue a mão e cumprimenta: os outros o veem, ficam animados, correm ao seu encontro, que prazer, que surpresa, Julio Reátegui aperta as mãos de Fabio Cuesta, por que não avisou que vinha?, de Manuel Águila, não o perdoavam, de Pedro Escabino, teriam se preparado para recebê-lo, de Arévalo Benzas, quantos dias ficaria desta vez, don Julio? Nada, era uma visita-relâmpago, continua a viagem agora mesmo, eles sabiam a vida que levava. Entram na casa do Governo, don Fabio abre umas cervejas, brindam, foram bem as coisas em Nieva?, em Iquitos?, problemas com os pagãos? Nas portas e janelas da cabana há aguarunas de bocas largas, olhos frios e pômulos salientes. Mais tarde, Julio Reátegui e Fabio Cuesta saem, na praça o guarda continua brincando com o cachorro, sobem o barranco até a missão observados por todas as casas, ah, don Fabio, as mulheres, perder um dia por causa deste assunto, só ia chegar ao acampamento de noite e don Fabio para que servem os amigos, don Julio? Se tivesse escrito umas linhas ele se encarregava de tudo, mas claro, don Fabio, a carta demoraria um mês, e enquanto isso quem aguentava a senhora Reátegui. Quando batem, a porta da residência se abre, como vai, um avental engordurado, madre Griselda, um hábito, olhe quem chegou, uma cara vermelha, não o reconhecia?, mas era o senhor Reátegui, um gritinho, entre, uma mão risonha, entre, don Julio, que prazer e ele não era de se estranhar que não o reconhecessem com o aspecto que tinha, madre. Mancando, falando sem parar, a madre Griselda os guia por um corredor sombreado, abre uma porta, aponta para umas cadeiras de praia, que alegria para a madre superiora, e, mesmo com tanta pressa, tinha que visitar a capela, don Julio, ia ver quantas mudanças, ela voltava já. Na mesa há um crucifixo e um lampião, no chão uma esteira de fibra de tucumã e na parede uma imagem da Virgem; pelas janelas penetram suntuosas, estridentes línguas de sol que lambem as vigas do teto. Toda vez que entrava numa igreja ou num convento Julio Reátegui tinha sensações estranhas, don Fabio, a alma, a morte, esses pensamentos que tanto nos preocupam na juventude e com o governador era a mesma coisa, don Julio, bastava visitar as madres para ficar cheio de coisas profundas na cabeça: e se no fundo os dois fossem um pouco místicos? Foi isso mesmo que tinha pensado, e don Fabio acaricia a careca, é engraçado, um pouco místicos. A senhora Reátegui ria se ouvisse, ela que sempre dizia você vai para o inferno de tão herege, Julio, e aliás ano passado finalmente fizera o que ela tanto queria, foram a Lima em outubro, à procissão?, sim, do Senhor dos Milagres. Don Fabio tinha visto fotos, mas estar lá devia ser muito melhor, é verdade que todos os negros se vestiam de roxo? E também os caboclos, e os mestiços e os brancos, meia Lima vestida de roxo, uma coisa horrível, don Fabio, três dias naquele aperto, que desconforto, que cheiros, e a senhora Reátegui queria que ele também vestisse o hábito, mas seu amor não chegava a tanto. Vozes, risos, corridas invadem o aposento e eles olham para as janelas: vozes, risos, corridas. Certamente hora do recreio, eram muitas agora?, pelo som pareciam cem e don Fabio umas vinte. No domingo houve um desfile e cantaram o hino nacional, muito afinadas, don Julio, num espanhol como manda o figurino. Não havia dúvida, don Fabio estava contente em Santa María de Nieva, com que orgulho contava as coisas daqui, era melhor que administrar o hotel?, se tivesse continuado em Iquitos, agora teria uma boa posição, don Fabio, quer dizer, economicamente. Mas o governador já estava velho e, por mais que parecesse mentira ao senhor Reátegui, não era homem de ambições. Então quer dizer que não ia aguentar nem um mês em Santa María de Nieva?, don Julio, está vendo que aguentou e, se Deus permitisse, nunca mais sairia daqui. Por que tinha se empenhado tanto para conseguir esta nomeação?, Julio Reátegui não entendia, por

que quis substituí-lo, don Fabio?, o que queria?, e don Fabio ser, que não risse, respeitado, seus últimos anos em Iquitos tinham sido tão tristes, don Julio, ninguém imaginava as vergonhas, as humilhações, quando ele o levou para o hotel vivia de caridade. Mas que não ficasse triste, aqui em Nieva todos gostavam muito dele, don Fabio não conseguiu o que queria? Sim, todos o respeitavam, o salário não era grande coisa, mas com o que o senhor Reátegui lhe dava para ajudar era suficiente para viver tranquilo, isto também devia a ele, don Julio, ah, não tinha palavras. Entre os risos, as vozes, as corridas no pomar, ouvem-se latidos, falatório de papagaio. Julio Reátegui fecha os olhos, don Fabio fica pensativo, sua mão percorre lenta, afetuosamente a careca: don Julio sabia que a madre Asunción morreu?, recebera sua carta? Tinha recebido, e a senhora Reátegui escreveu para as madres dando pêsames, ele acrescentou umas linhas, boa pessoa a freirinha e don Fabio tinha feito uma coisa não muito legal, mandou hastear a bandeira do Governo a meio pau, don Julio, para se associar de alguma forma ao luto e a madre Angélica estava bem?, sempre forte como uma rocha, a velhinha?, ouvem-se passos e eles se levantam, vão ao encontro da superiora, don Julio, madre, uma mão branca, era uma honra para esta casa receber novamente o senhor Reátegui, estava contente de vê-lo, por favor, sentem-se e eles justamente estavam falando, madre, recordando a pobre madre Asunción. Pobre? Nada de pobre porque estava no céu, e a senhora Reátegui?, quando veriam de novo a madrinha da capela? A senhora Reátegui queria vir, mas era tão difícil chegar de Iquitos até aqui, Santa María de Nieva ficava fora do mundo e, além do mais, não era terrível viajar pela selva? Não para don Julio Reátegui, a superiora sorri, que ia e vinha pela Amazônia como se estivesse em casa, mas Julio Reátegui não fazia isso por prazer, se a gente não está de olho em tudo, madre, o diabo mete a mão, desculpe a expressão. O senhor não disse nada de inadequado, don Julio, aqui também se alguém se descuidava o demônio fazia das suas e agora as pupilas cantam em coro. Alguém as dirige, a cada silêncio don Fabio aplaude com as gemas dos dedos, sorri, aprova: a madre tinha recebido o recado da senhora Reátegui? Sim, no mês passado, mas não pensava que don Julio viesse levá-la tão cedo. Em geral preferia que saíssem da missão no fim de ano, não no meio do curso, mas, já que se deu o trabalho de vir pessoalmente, iam fazer uma exceção, por se tratar dele, é claro. E ele na verdade estava matando dois coelhos de uma cajadada, madre, precisava ir ao acampamento do Nieva, os mateiros tinham encontrado pau-rosa, ao que parecia, então aproveitou para dar um pulinho aqui e a superiora concorda: era para cuidar das meninas?, a senhora Reátegui dizia qualquer coisa assim. Ah, as meninas, madre, se a senhora as visse, estavam maravilhosas, don Fabio as imaginava, e a madre as conhecia, a senhora Reátegui havia mandado fotos das meninas, a maiorzinha era uma boneca e a pequena que olhos. Tinham a quem puxar, com certeza, a senhora Reátegui era tão bonita e don Fabio dizia isto com todo respeito, don Julio. A ama tinha se casado há algum tempo, madre, e ela não imaginava como a senhora Reátegui ficava preocupada, via defeitos em todas as moças, que eram sujas, que iam transmitir doenças, sempre as piores coisas, e lá estava ela, de babá havia dois meses. Nesse aspecto, don Fabio vem para a ponta do assento, a senhora Reátegui podia ficar sossegada, dá uma palmadinha, daqui não saía ninguém doente nem sujo, sorri, não é verdade, madre?, faz uma vênha, dava gosto ver como estavam limpinhas e Reátegui é verdade, madre, a esposa do doutor Portillo. Também dificuldades com empregadas? Sim, don Fabio, estava cada vez mais difícil achar gente racional em Iquitos, seria possível levar também uma das novinhas, madre? Sim, era possível, a superiora franze ligeiramente os lábios, don Julio, mas que não falasse assim, sua voz fica mais aguda, a missão não era uma agência de domésticas e agora Reátegui está imóvel, sério, a mão confusa apalpando o braço da cadeira, será que ela interpretou mal suas palavras?, quer dizer, a superiora examina o crucifixo, don Fabio esfrega a careca, balança na cadeira, pisca, madre, não teria interpretado mal as palavras de don Julio, não? Ele sabia de onde estas meninas vinham, como viviam antes de entrar na missão, Julio Reátegui garantia, madre, foi um engano, ela não havia entendido bem, e depois de viver aqui as meninas não tinham mais para onde ir, as aldeias indígenas não paravam no lugar, mas mesmo que conseguissem localizar suas famílias as meninas não se adaptariam mais, como iam viver nuas de novo?, a superiora faz um

gesto amável, adorando serpentes?, mas seu sorriso é glacial, comendo piolhos? A culpa era dele, madre, tinha se expressado mal e ela entendera suas palavras em outro sentido, mas as meninas tampouco podiam ficar na missão, don Julio, não seria justo, não é verdade?, precisavam dar lugar para as outras. A ideia era que eles ajudassem as madres a incorporar essas meninas ao mundo civilizado, don Julio, facilitar o ingresso delas na sociedade. Era justamente neste sentido que o senhor Reátegui, madre, por acaso não o conhecia?, e na missão recolhiam e educavam essas crianças no intuito de ganhar almas para Deus, não de proporcionar criadas para as famílias, don Julio, que desculpasse a franqueza. Ele sabia perfeitamente, madre, era por isso que ele e sua esposa sempre colaboraram com a missão, se havia algum problema tudo certo, madre, não se fala mais no assunto, por favor não se preocupe. A superiora não se preocupava com eles, don Julio, sabia que a senhora Reátegui era muito piedosa e que a menina estaria em boas mãos. O doutor Portillo era o melhor advogado de Iquitos, madre, ex-deputado, se não se tratasse de uma família decente, conhecida, Julio Reátegui teria se atrevido a fazer essa sugestão? Mas repetia que não pensasse mais nisso, madre, e a superiora sorri de novo: estava zangado com ela? Não importava, um sermão de vez em quando não faz mal a ninguém e Julio Reátegui se ajeita no assento, tinha puxado suas orelhas, madre, estava constrangido e se ele se responsabilizava por esse senhor, don Julio, ela acreditava, não se importava que ela lhe fizesse algumas perguntas? Quantas a madre quisesse, e ele entendia as precauções, era lógico, mas tinha que acreditar nele, o doutor Portillo e sua esposa eram o que havia de melhor e a garota seria muito bem tratada, roupa, comida, até salário e a superiora não duvidava, don Julio. Seus lábios finos, furtivos, se franzem de novo: e o resto? Iam se preocupar que a menina não esquecesse o que aprendeu aqui? Não destruiriam por negligência o que recebeu na missão? Estava se referindo a isso, don Julio, e era verdade que a madre não conhecia os Portillo, Angelita organizava o Natal dos pobres todo ano, ela mesma ia pedir donativos às lojas e depois distribuía nos subúrbios, madre: podia ter certeza de que Angelita ia levar a garota a toda procissão que houvesse em Iquitos. A superiora não queria importuná-lo mais, mas ainda havia uma coisa, ele assumiria a responsabilidade pelas duas? Por qualquer queixa ou fato que ocorrer, madre, era só o que faltava, assumiria e assinaria o que fosse preciso, com muito prazer, no seu nome e no do doutor Portillo. Estavam de acordo, então, don Julio, a superiora ia buscá-las; aliás, a madre Griselda certamente tinha preparado uns refrescos, não cairiam mal, não é mesmo?, com o calor que estava fazendo e don Fabio levanta as mãos regozijadas: elas sempre tão amáveis. A superiora sai do quarto, as nesgas de sol que abraçam as vigas já não são brilhantes e sim opacas, no pomar vizinho as pupilas continuam cantando, homem, o que significava aquilo? Que coisa, que mau pedaço a freira o fez passar, don Fabio, e ele don Julio, pura formalidade, as madres gostavam muito dessas orfãzinhas, tinham pena de deixá-las ir embora, só isso, mas faziam as mesmas perguntas aos oficiais de Borja?, e aos engenheiros que passam por aqui dão os mesmos conselhos?, por favor, don Fabio. O governador está com o rosto triste, a madre devia estar mal-humorada por alguma razão, não devia ligar, don Julio e que não dissessem a Reátegui que os milicos iam tratá-las melhor que eles, iam fazê-las trabalhar como animais, sem dúvida, não iam pagar-lhes um tostão, certamente, don Fabio sabia a miséria que os milicos ganhavam? Além do mais, eles o conheciam bem, se recomendava Portillo era por algum motivo, don Fabio, por favor, onde já se viu. O coro do pomar cessa de repente e o governador não entendia, a superiora sempre tão gentil, tão educada, já passou, don Julio, que não ficasse aborrecido, e ele não estava aborrecido mas as injustiças o deixavam revoltado como qualquer pessoa: o recreio devia ter acabado, os nós dos dedos de don Fabio tamborilam no assento, a madre também o deixara nervoso, don Julio, tinha se sentido num confessionário, ambos dão meia-volta e a porta se abre. A superiora traz uma travessa, uma pirâmide de bolachas com lados ásperos, e a madre Griselda tem nas mãos uma bandeja de barro, copos, um jarro cheio de um líquido espumoso, as duas pupilas ficam ao lado da porta, assustadas, tímidas em seus aventais creme: suco de mamão, ótimo! Esta madre Griselda, sempre nos mima, don Fabio se levantou e a madre Griselda ri tapando a boca com a mão, ela e a superiora distribuem os copos, servem a

bebida. Na porta, uma apertada contra outra, as pupilas olham de lado, uma delas está com a boca entreaberta e exhibe seus dentes minúsculos, limados em ponta. Julio Reátegui levanta o copo, madre, agradecia de verdade, estava morto de sede, mas precisavam provar os biscoitinhos, não iam adivinhar de quê, hein?, e então, hein, don Fabio? Não faziam ideia, madre, que coisa mais levinha, de milho?, mais delicada, de batata-doce? e a madre Griselda dá uma gargalhada: de mandioca! Ela mesma tinha inventado, quando ele trouxesse a senhora Reátegui lhe daria a receita e don Fabio bebe um golinho fechando os olhos: a madre Griselda tinha mãos de anjo, só por isso já merecia o céu, e ela cale-se, cale-se, don Fabio, sirvam-se mais suco. Bebem, pegam os lenços, limpam os finos buços alaranjados, Reátegui tem gotinhas de suor na testa, a careca do governador brilha. Afinal a madre Griselda recolhe a bandeja, o jarro e os copos, na porta sorri para eles com malícia e sai, Reátegui e o governador olham para as pupilas imóveis, estas abaixam as cabeças ao mesmo tempo: boa tarde, juvenzinhas. A superiora dá um passo até elas, e então, venham, por que ficam paradas aí? A pequena de dentes limados arrasta os pés e logo depois para sem levantar a cabeça, a outra fica no lugar e Julio Reátegui você também, filha, não precisava ter medo dele, não era nenhum bicho-papão. A pupila não responde e a superiora, de repente, faz uma expressão enigmática, zombeteira. Olha para Reátegui, nos olhos deste brota uma pequena luz intrigada, o governador está pedindo com a mão à menina que se aproxime e a superiora, don Julio, não a reconhecia? Aponta para a que está ao lado da porta e seu sorriso se acentua, um sinal afirmativo e Julio Reátegui se vira para a menina, examina-a piscando, mexe os lábios, estala os dedos, ah, madre, era ela?, sim. Que surpresa, nem lhe passara pela cabeça, tinha mudado muito, don Julio?, tanto madre, iria com ele, a senhora Reátegui ia ficar encantada. Mas eram velhos amigos, filha, não se lembrava dele, por acaso? A de dentes limados e o governador olham para os dois com curiosidade, a pupila da porta levanta um pouco a cabeça, seus olhos verdes contrastam com a tez escura, a superiora suspira, Bonifacia: estavam falando com ela, que modos eram esses. Julio Reátegui ainda a examina, madre, caramba, eram quase quatro anos, a vida passava voando, filha, como você cresceu, era um pedacinho de gente e agora vejam só. A superiora concorda, Bonifacia, vamos, cumprimente o senhor Reátegui, sussurra de novo, tinha que respeitá-lo muito e também a esposa, os dois iriam tratá-la muito bem. E Reátegui que não tivesse vergonha, filha, vamos conversar um pouco, já devia falar espanhol perfeitamente, não é mesmo? E o governador dá um pulinho na cadeira, a de Urakusa!, bate na testa, é claro, que lento era, agora percebia. E a superiora não se faça de boba, don Julio ia pensar que tinham cortado a língua de Bonifacia. Mas, filha, estava chorando, o que era, filha, por que esse choro e Bonifacia está com a cabeça levantada, as lágrimas molham suas bochechas, seus lábios grossos tenazmente fechados e don Fabio ora, ora, tolinha, inclinado e compassivo, devia ficar é muito contente, ia ter um lar e as filhas do senhor Reátegui eram dois primores. A superiora empalideceu, esta menina!, seu rosto agora está branco como as mãos, a boba!, chorava por quê? Bonifacia abre os olhos verdes, úmidos, desafiantes, atravessa a esteira, filha, cai de joelhos diante da superiora, que bobinha, pega uma das mãos, traz até o rosto, a menina de dentes limados ri por um segundo e a superiora balbucia, olha para Reátegui, Bonifacia, acalme-se: tinha prometido, a ela e à madre Angélica. Sua mão luta para fugir do rosto que se esfrega nela, Reátegui e don Fabio sorriem confusos e benevolentes, os lábios grossos beijam vorazmente os dedos pálidos e refratários e a menina de dentes limados agora ri sem disfarçar: não entendia que era para o seu bem?, onde iriam tratá-la melhor? Bonifacia, não prometera fazia apenas meia hora?, e a madre Angélica, era assim que cumpria a palavra? Don Fabio se levanta, esfrega as mãos, as meninas eram assim, sensíveis, choravam por tudo, filhinha, que fizesse um esforço, ia ver como Iquitos era bonita, como a senhora Reátegui era uma santa e a superiora suplicava don Julio, sentia muito. Esta menina nunca foi difícil, quase não a reconhecia. Bonifacia acalme-se e Julio Reátegui não se preocupe, madre. Ela se afeioou à missão, não havia nada de estranho, era preferível que não viesse a contragosto, que ficasse com as madres. Levaria a outra e que Portillo arranjassem uma babá em Iquitos, o principal era que não se preocupasse, madre.



— Olhem — disse o Pesado. — Está parando de chover.

Alongadas, azuis, umas nesgas dividiam o céu, entre as aglomerações cinzentas ainda ressoava, destemperada, a tempestade, e já não chovia. Mas em torno do sargento, dos guardas e de Nieves o bosque continuava pingando: gotas gordas e quentes rolavam das árvores, das cordas da barraca e das raízes adventícias até a praia de seixos transformada em pântano e, ao recebê-las, o lodo se abria em diminutas crateras, parecia ferver. A lancha balançava na margem.

— Vamos esperar que a água baixe um pouco, sargento — disse o piloto Nieves. — Com essa chuva os pongos devem estar bravos.

— Certo, don Adrián, mas não temos por que continuar apertados feito sardinhas — disse o sargento. — Podem armar a outra barraca, rapazes. Vamos dormir aqui.

Estavam com as camisetas e as calças encharcadas, crostas de lama nas perneiras, a pele brilhante. Esfregavam o corpo, torciam a roupa. O piloto Nieves avançou chapinhando pela praia e, quando chegou à lancha, parecia um bonequinho de piche.

— Melhor pelados — disse o Louro. — Porque vamos nos enlamear.

O Pesado estava sem cueca e todos riam das suas nádegas gordas. Saíram da barraca, o Pequeno tropeçou, caiu sentado, levantou-se praguejando. Atravessaram o pântano de mãos dadas. Nieves ia passando os mosquiteiros, as latas, as garrafas térmicas, os outros levavam os pacotes nos ombros até a barraca, voltavam e, de repente, pareciam ter perdido o juízo: corriam soltando alaridos, mergulhavam no lodo, jogavam bolas de lama uns nos outros, meu sargento, não vai sobrar uma bolacha seca, segure esta, na certa também perdemos o anisado e para o Pequeno já era o suficiente de selva, Escuro, estava farto. Lavaram e tiraram as manchas no rio, empilharam a carga debaixo de uma árvore e ali mesmo fincaram as estacas, estenderam a lona e amarraram as cordas em raízes que irrompiam da terra, pardas e tortas. Às vezes apareciam larvas cor-de-rosa se contorcendo sob uma pedra. O piloto Nieves preparou uma fogueira.

— Armaram a barraca bem embaixo da árvore — disse o sargento. — Vão chover aranhas em cima de nós a noite inteira.

O monte de lenha crepitava, começava a fumar e, pouco depois, brotou uma chaminha azul, outra vermelha, uma labareda. Todos se sentaram ao redor do fogo. As bolachas estavam molhadas, o anisado, quente.

— Não escapamos, meu sargento — disse o Escuro. — Vamos ter que ouvir umas boas sacaneadas, em Nieva.

— Foi uma loucura sair assim — disse o Louro. — O tenente devia ter percebido.

— Ele sabia que era inútil — encolheu os ombros o sargento. — Mas não viram como estavam as madres e don Fabio? Ele nos mandou só para fazer a vontade delas.

— Eu não me tornei guarda civil para virar babá — disse o Pequeno. — Essas coisas não incomodam o senhor, meu sargento?

Mas o sargento tinha dez anos de corporação; já estava curtido, Pequeno, nada mais o incomodava. Estava com um cigarro na mão e tentava secá-lo perto da chama, girando-o entre os dedos.

— E para que se tornou guarda civil? — disse o Pesado. — Você ainda é novinho, está praticamente nascendo. Para nós, toda esta agitação é coisa à toa, Pequeno. Você vai aprender.

Não era bem assim, o Pequeno tinha passado um ano em Juliaca e a puna era mais dura que a montanha, Pesado. Os insetos e os temporais não incomodavam tanto como ter que entrar no mato para perseguir crianças. Ainda bem que não as pegaram.

— Talvez tenham voltado sozinhas, aquelas pirralhas — disse o Escuro. — Quem sabe as encontramos em Santa María de Nieva.

— As bandidas — disse o Louro. — São bem capazes. Mereciam uma boa surra.

O Pesado, ao contrário, bem que faria uns carinhos nelas, e riu, meu sargento: não é verdade que as maiorzinhas já estavam no ponto? Não viam, aos domingos, quando elas iam tomar banho no rio?

— Você não pensa em outra coisa, Pesado — disse o sargento. — Desde que acorda até a hora de dormir, só pensa em mulher.

— Mas é verdade, meu sargento. Aqui elas se desenvolvem rápido, aos onze anos já estão maduras para qualquer coisa. Não me diga que se tivesse uma oportunidade não faria uns carinhos nelas.

— Não abra meu apetite, Pesado — bocejou o Escuro. — Olhe que agora tenho que dormir com o Pequeno.

O piloto Nieves alimentava o fogo com galinhos. Já estava escurecendo. O sol agonizava ao longe, adejando entre as árvores como uma ave vermelha, e o rio era uma prancha imóvel, metálica. Nas moitas ribeirinhas as rãs coaxavam e no ar havia vapor, umidade, vibrações elétricas. Às vezes um inseto voador era capturado pelas chamas da fogueira, e logo devorado com um estalo surdo. Junto com as sombras, a selva trazia odores de germinação noturna e música de grilos até as barracas.

— Não gosto dessas coisas, em Chicais quase fiquei doente — repetiu o Pequeno com uma careta de desgosto. — Não se lembram da velha peituda? Foi errado arrancar as crias assim. Sonhei com isso duas vezes.

— E olhe que elas não arranharam você como fizeram comigo — disse o Louro, rindo; mas logo ficou sério e acrescentou: — Era para o bem delas, Pequeno. Para ensinar a vestir-se, a ler e a falar cristão.

— Ou prefere que elas continuem selvagens? — perguntou o Escuro.

— E, além do mais, têm o que comer, são vacinadas e dormem em camas — disse o Pesado. — Em Nieva estão vivendo como nunca tinham vivido.

— Mas longe da sua gente — disse o Pequeno. — Vocês não sofreriam se nunca mais fossem ver as suas famílias?

Não era a mesma coisa, Pequeno, e o Pesado balançou compassivamente a cabeça: eles eram civilizados e as indiazinhas nem sabiam o que quer dizer família. O sargento pôs o cigarro na boca e acendeu inclinando-se para o fogo.

— Mas só vão sofrer no começo — disse o Louro. — É para isso que as *madrecitas* estão lá, elas que são boníssimas.

— Ninguém sabe como transcorrem as coisas lá na missão — grunhiu o Pequeno. — Talvez sejam malíssimas.

Alto lá, Pequeno: que lavasse a boca antes de falar das madres. O Pesado permitia tudo, mas, veja bem, mais respeito com as crenças. O Pequeno também levantou a voz: claro que era católico, mas falava mal de quem bem entendesse, e daí.

— E se eu não gostar? — disse o Pesado. — E se lhe der um sopapo?

— Nada de brigas — o sargento soprou uma baforada. — Deixe de bancar o valentão, Pesado.

— Eu aceito argumentos, mas não ameaças, meu sargento — disse o Pequeno. — Por acaso não tenho o direito de dizer o que penso?

— Tem — disse o sargento. — E em parte eu concordo com você.

O Pequeno olhou para os guardas com ar de deboche, viam?, e à queima-roupa, para o Pesado: quem

tinha razão?

— É discutível — disse o sargento. — Acho que se as garotas fugiram da missão é porque não se adaptaram lá.

— Mas, meu sargento, o que isso tem a ver — protestou o Pesado. — O senhor não fez travessuras quando era criança?

— O senhor também preferiria que elas continuassem selvagens, meu sargento? — disse o Escuro.

— É muito bom que eduquem as meninas — disse o sargento. — Mas por que à força.

— E o que as coitadas das madres podem fazer, meu sargento — disse o Louro. — O senhor sabe como são os pagãos. Dizem sim, sim, mas na hora de mandar as filhas para a missão, uma figa e desaparecem.

— E se eles não querem se civilizar, o que nós temos com isso — disse o Pequeno. — Cada um com os seus costumes, que merda.

— Você tem pena das crianças porque não sabe como são tratadas nas aldeias — disse o Escuro. — Eles fazem furos no nariz, na boca das recém-nascidas.

— E quando os índios ficam bêbados, fodem na frente de todo mundo — disse o Louro. — Não se importam com a idade, pegam a primeira que encontram, as próprias filhas, as próprias irmãs.

— E as velhas descabam as garotinhas com as mãos — disse o Escuro. — E depois engolem as pregas delas para dar sorte. Não é verdade, Pesado?

— Verdade, com as mãos — disse o Pesado. — Eu é que o diga. Até hoje nunca peguei uma virgizinha. E olhe que comi um bocado de índias.

O sargento balançou as mãos: estavam pressionando o Pequeno e aquilo não era certo.

— O senhor está do lado dele, meu sargento — disse o Louro.

— É que essas garotas me dão pena — confessou o sargento. — Todas. As que estão na missão, porque na certa sofrem longe do seu povo. E as outras, porque vivem mal nas aldeias.

— Dá para ver que o senhor é piurano, meu sargento — disse o Escuro. — Todo mundo na sua terra é sentimental.

— E com muita honra — disse o sargento. — E ai de quem falar mal de Piura.

— Sentimentais e também bairristas — disse o Escuro. — Mas nisso os arequipenses ganham dos piuranos, meu sargento.

Já era noite e a fogueira crepitava, o piloto Nieves continuava alimentando-a com pequenos galhos, folhas secas. A garrafa de anisado passava de mão em mão e os guardas acenderam cigarros. Todos estavam transpirando, e nos seus olhos se repetiam, minúsculas, dançantes, as línguas da fogueira.

— Mas não existe gente mais limpa — disse o Pequeno. — E as madres, em compensação, alguém as viu tomando banho na viagem a Chicais?

O Pesado engasgou: outra vez as madres?, começou a tossir forte, cacete, outra vez se metendo com as madres?

— Você protesta mas não responde — disse o Pequeno. — É verdade ou não o que digo?

— Como você é burro — disse o Louro. — Queria que as freirinhas tomassem banho na nossa frente?

— Quem sabe tomaram escondidas — disse o Escuro.

— Nunca vi — disse o Pequeno. — E vocês também não.

— Mas tampouco as viu fazendo suas necessidades — disse o Louro. — Isto não significa que tenham segurado o cocô e o xixi a viagem toda.

Espere aí, o Pesado tinha visto: quando todos estavam deitados, elas se levantavam sem fazer barulho e iam como fantasmilhas até o rio. Os guardas riram, e o sargento este Pesado as espiava?, queria vê-las peladas?

— Meu sargento, por favor — disse o Pesado, confuso. — Não diga essas barbaridades, como pode pensar isso. É que tenho insônia e por isso as vi.

— Vamos mudar de assunto — disse o Escuro. — Não se brinca assim com as madres. E depois, não vamos convencer este sujeito. Você é teimoso como uma mula, Pequeno.

— E imbecil — disse o Pesado. — Comparar as índias com as freirinhas, você me dá pena, juro.

— Agora chega — disse o sargento, interrompendo o Pequeno que ia falar. — Vamos dormir logo para partir amanhã bem cedo.

Ficaram em silêncio, com os olhos fixos nas chamas. A garrafa de anisado ainda deu uma rodada. Depois se levantaram, entraram nas barracas, mas pouco depois o sargento voltou para a fogueira com um cigarro na boca. O piloto Nieves lhe estendeu uma palhinha acesa.

— Sempre tão calado, don Adrián — disse o sargento. — Por que não discutiu também?

— Fiquei ouvindo — disse Nieves. — Não gosto de discussões, sargento. E, além do mais, prefiro não me meter com eles.

— Com os rapazes? — disse o sargento. — Eles lhe fizeram alguma coisa? Por que não me avisou, don Adrián?

— São orgulhosos, desprezam quem nasceu aqui — disse o piloto, em voz baixa. — Não viu como me tratam?

— São metidos como todos os limenhos — disse o sargento. — Mas não dê importância, don Adrián. E se alguma vez lhe faltarem ao respeito, diga-me que os coloco no lugar deles.

— Em compensação, o senhor é uma boa pessoa, sargento — disse Nieves. — Faz tempo que estou para lhe dizer isso. O único que me trata com educação.

— Porque o aprecio muito, don Adrián — disse o sargento. — Sempre lhe disse que gostaria de ser seu amigo. Mas o senhor não se aproxima de ninguém, é um solitário.

— Agora vai ser meu amigo — sorriu Nieves. — Um dia destes vem comer na minha casa e eu lhe apresento a Lalita. E a tal que deixou as meninas fugirem.

— Como? Aquela Bonifacia mora com vocês? — disse o sargento. — Eu pensava que tinha ido embora da cidade.

— Não tinha para onde ir e nós a acolhemos — disse Nieves. — Mas não conte nada, ela não quer que saibam onde está, porque é meio freira ainda, morre de medo dos homens.

— Você contou os dias, velho? — perguntou Fushía. — Eu perdi a noção do tempo.

— Que importância tem o tempo, para que serve? — perguntou Aquilino.

— Parece que faz mil anos que saímos da ilha — disse Fushía. — Além do mais, sei que é à toa, Aquilino, você não conhece as pessoas. Pode crer, em San Pablo vão chamar a polícia e roubar o meu dinheiro.

— Está ficando triste outra vez? — disse Aquilino. — Sei que a viagem é longa, mas o que você quer, temos que ter cuidado. Não se preocupe com San Pablo, Fushía, eu já lhe disse que conheço um sujeito lá.

— É que estou exausto, homem, não é brincadeira correr desse jeito, você teve sorte comigo — disse o doutor Portillo. — Olhe a cara de cansaço do pobre don Fabio. Mas pelo menos já estamos em condições de informar. Para começar, pegue uma cadeira, você vai cair para trás com as notícias.

— As plantações estão muito bem, muito bonitas, senhor Reátegui — disse Fabio Cuesta. — O engenheiro é muito educado e já terminou o desmatamento e a semeadura. Todos dizem que a região é ideal para o café.

— Nesse lado tudo está normal — disse o doutor Portillo. — O que vem falhando é o negócio da seringa e dos couros. Uma história de bandidos, compadre.

— Portillo? Nunca ouvi falar, Fushía — disse Aquilino. — É um médico de Iquitos?

— Um advogado — disse Fushía. — O que ganhava todas as causas de Reátegui. Um vaidoso, Aquilino, um arrogante.

— Não é culpa dos patrões, senhor Reátegui, juro — disse Fabio Cuesta. — Eles estão mais furiosos que ninguém, não vê que são os mais prejudicados? Parece que os bandidos existem de verdade.

O doutor Portillo também tinha pensado, a princípio, que os patrões estavam comerciando às escondidas, Julio, que tinham inventado esses bandidos para não lhe vender o látex. Mas não eram eles, o fato é que está cada vez mais difícil conseguir mercadoria, compadre, ele e don Fabio foram a todos os lados, averiguaram, há bandidos mesmo e don Fabio agiu com toda a correção, até adoeceu de tanta viagem mas mesmo assim continuou ao seu lado, Julio, e claro que foi útil ir junto com a autoridade, o governador de Santa María de Nieva inspirava respeito por lá.

— Tratando-se do senhor Reátegui, qualquer coisa — disse Fabio Cuesta. — Isto é muito mais, o senhor sabe, don Julio. Só lamento essa história de bandidos, depois do trabalho que deu convencer os patrões a venderem ao senhor em vez de ao banco.

— Precisava ver como ele me tratava — disse Fushía. — Com distância. Pensa que me convidou alguma vez para ir à sua casa em Iquitos? Não sabe como eu odiava esse advogadinho, Aquilino.

— Sempre cheio de ódio, Fushía — disse Aquilino. — Acontece qualquer coisa e você já está odiando alguém. Deus vai castigá-lo por isso também.

— Ainda mais? — perguntou Fushía. — Já está me castigando sem que eu faça nada, velho.

— Na guarnição de Borja nos ajudaram muito — disse o doutor Portillo. — Eles nos deram guias, pilotos. Você tem que agradecer ao coronel, Julio, escreva umas linhas.

— Uma belíssima pessoa o coronel, senhor Reátegui — disse Fabio Cuesta. — Muito prestativo, muito dinâmico.

Eles poderiam agir contra os bandidos se recebessem uma ordem de Lima, compadre, era melhor que Reátegui desse um pulo à capital e fizesse contatos, quando os milicos intervissem tudo se ajustaria. Sim, homem, claro que era para tanto.

— Não queríamos acreditar neles, senhor Reátegui — disse Fabio Cuesta. — Mas todos os patrões juravam a mesma coisa. Não podiam ter combinado.

Era muito simples, compadre: quando os patrões chegavam às tribos não encontravam nada, nem látex nem couros, só índios chorando e esperneando, eles nos roubaram, eles nos roubaram, bandidos, diabos etc.

— Subiu pelo Santiago com don Fabio, que era o governador de Santa María de Nieva, e soldados de Borja — disse Fushía. — Antes passaram pela região dos aguarunas, e também na dos achuales, fazendo perguntas.

— Mas eu os encontrei no Maraón — disse Aquilino. — Nunca lhe contei? Passei dois dias com eles. Era a segunda ou terceira viagem que fazia à ilha. E don Fabio, e aquele outro, como era mesmo, Portillo?, me bombardearam de perguntas e eu pensava agora você vai pagar por todas, Aquilino. Estava com um medo.

— Pena que não chegaram — disse Fushía. — Que cara o tal advogadinho ia fazer se me visse, e o que contaria ao cachorro do Reátegui. E o que foi feito de don Fabio, velho? Já morreu?

— Não, continua sendo governador de Santa María de Nieva — disse Aquilino.

— Não sou tão bobo — disse o doutor Portillo. — A primeira coisa que pensei, se não são os patrões são os índios, estão repetindo a gracinha de Urakusa, a história da cooperativa. Por isso fomos até as tribos. Mas também não eram os índios.

— As mulheres nos recebiam chorando, senhor Reátegui — disse Fabio Cuesta. — Porque os bandidos não levam só o látex e os couros, levam também as meninhas, é claro.

Não era um negócio mal pensado, compadre: Reátegui adiantava o dinheiro para os patrões, os patrões adiantavam o dinheiro para os índios, e quando os índios voltavam do mato com o látex e os couros, os desgraçados pulavam em cima deles e ficavam com tudo. Sem ter investido um centavo, compadre, não era um negócio da China?, que fosse a Lima e fizesse contatos, Julio, e quanto mais cedo melhor.

— Por que sempre se mete em negócios sujos e perigosos? — perguntou Aquilino. — Que mania a sua, Fushía.

— Todos os negócios são sujos, velho — disse Fushía. — Só que eu não tinha um capitalzinho para começar, se você tem dinheiro, pode fazer os negócios mais sujos sem nenhum perigo.

— Se eu não o ajudasse, você ia acabar no Equador — disse Aquilino. — Não sei por que ajudei. Você me fez passar uns anos terríveis. Eu vivia assustado, Fushía, com o coração na boca.

— Você me ajudou porque é boa gente — disse Fushía. — A melhor pessoa que conheci, Aquilino. Se eu fosse rico deixaria para você todo o meu dinheiro, velho.

— Mas não é, nem nunca será — disse Aquilino. — E para que me serviria agora o seu dinheiro, se vou morrer a qualquer hora dessas. Nisto nos parecemos um pouco, Fushía, estamos chegando ao fim tão pobres como nascemos.

— Já corre uma lenda sobre os bandidos — disse o doutor Portillo. — Até nas missões nos falaram deles. Mas nem os frades nem as freiras sabem grande coisa.

— Numa aldeia aguaruna do Cenepa uma mulher nos disse que os viu — disse Fabio Cuesta. — E que havia huambisas entre eles. Mas essas informações não adiantaram muito. Sabe como são os índios, senhor Reátegui.

— Há huambisas entre eles, sem dúvida — disse o doutor Portillo. — Todos foram bem claros quanto a isto, reconheceram pelo idioma e pelas vestes. Mas os huambisas estão lá para atacar, todo mundo sabe que eles gostam de briga. Só falta saber quem são os brancos que os dirigem. Dois ou três, dizem.

— Um deles é serrano, don Julio — disse Fabio Cuesta. — Foi o que disseram os achuales, que arranham alguma coisa de quéchua.

— Mas você teve sorte, Fushía, embora não reconheça — disse Aquilino. — Nunca foi apanhado. Sem essas desgraças, poderia ter passado a vida inteira na ilha.

— Devo isso aos huambisas — disse Fushía —; depois de você, foram eles que mais me ajudaram, velho. E você viu como eu paguei.

— Mas tem motivos de sobra, não convinha a eles nem a você que ficasse na ilha — disse Aquilino. — Veja como você é, Fushía. Lamenta ter deixado o Pantacha e os huambisas para trás, e ao mesmo tempo não acha que suas maldades tenham sido maldades.

Isso também tinha sido devidamente verificado, compadre: as compras de látex não haviam diminuído na região, tinham até aumentado em Bagua, embora eles não estivessem vendendo nem a metade de antes. Por que os bandidos eram muito espertos, senhor Reátegui, sabe o que faziam? Vendiam seus roubos longe, certamente através de terceiros. O que importava era liquidar baratinho a seringa, pois tinha saído de graça. Não, não, compadre, os administradores do Banco Hipotecário não tinham visto caras novas, os fornecedores eram os de sempre. Faziam as coisas direito, aqueles safados, não se arriscavam. Deviam ter arrumado patrões que compravam os roubos a preço baixo, e esses os revendiam ao banco. Como eram conhecidos, não havia controle possível.

— Valia a pena tanto perigo por tão pouco ganho? — perguntou Aquilino. — Na verdade, não acho, Fushía.

— Mas não foi culpa minha — disse Fushía. — Eu não podia trabalhar como os outros. Eles não eram perseguidos pela polícia, eu tinha que pegar o primeiro negócio que aparecesse.

— Toda vez que me falavam de você, eu suava frio — disse Aquilino. — Nem imagino o que teriam

feito se o pegassem lá nas tribos, Fushía. Não sei quem estava mais interessado.

— Uma coisa, velho, de homem para homem — disse Fushía. — Agora pode se abrir comigo. Você nunca pegou umas comissões?

— Nem um centavo — disse Aquilino. — Minha palavra de cristão.

— Isso contraria a razão, velho — disse Fushía. — Eu sei que você não mente, mas não me entra na cabeça, palavra. Eu não faria a mesma coisa por você, sabe?

— Claro que sei — disse Aquilino. — Você teria roubado até a minha alma.

— Registramos queixas em todas as delegacias da região — disse o doutor Portillo. — Mas é o mesmo que nada. Pegue o avião para Lima e que o Exército intervenha, Julio. Isso vai assustá-los.

— O coronel me disse que ajudaria com o maior prazer, senhor Reátegui — disse Fabio Cuesta. — Só esperava ordens. E eu também ajudo em Santa María de Nieva, no que for preciso. Aliás, don Julio, todos se lembram do senhor com muito carinho.

— Por que parou? — perguntou Fushía. — Ainda não anoiteceu.

— Porque estou cansado — disse Aquilino. — Vamos dormir nesta prainha. Além do mais, não está vendo o céu? Agora mesmo vai começar a chover.

No extremo norte da cidade há uma pequena praça. É muito antiga e num tempo seus bancos eram de madeira polida e metais brilhantes. A sombra de umas alfarrobeiras esguias caía sobre eles e, sob sua proteção, os velhos dos arredores recebiam o calor das manhãs e viam as crianças correndo em volta da fonte: uma circunferência de pedra em cujo centro, na ponta dos pés, com as mãos para o alto como se quisesse voar, havia uma mulher envolta em véus e com água brotando da cabeleira. Agora os bancos estão rachados, a fonte vazia, a bela mulher tem o rosto cortado por uma cicatriz e as alfarrobeiras se curvam sobre si mesmas, moribundas.

Era nessa pracinha que Antonia ia brincar quando os Quiroga vinham à cidade. Eles moravam na fazenda de La Huaca, uma das maiores de Piura, um mar ao pé das montanhas. Duas vezes por ano, para o Natal e a procissão de junho, os Quiroga vinham à cidade e se instalavam na casona de tijolos que faz esquina precisamente com essa praça que agora tem o seu nome. Don Roberto usava uns bigodes grossos, que mordida suavemente ao falar, e tinha maneiras aristocráticas. O agressivo sol da comarca tinha respeitado as feições de dona Luzia, mulher pálida, frágil, muito devota: ela mesma tecia as coroas de flores que depositava no andor da Virgem quando a procissão fazia um alto na porta de sua casa. Na noite de Natal, os Quiroga davam uma festa frequentada por muitos poderosos. Havia presentes para todos os convidados e, à meia-noite, choviam moedas das janelas para os mendigos e vagabundos aglomerados na rua. Vestidos de escuro, os Quiroga acompanhavam a procissão durante quatro lentíssimas horas, através de bairros e subúrbios. Levavam Antonia pela mão e a repreendiam discretamente quando se esquecia das ladainhas. Durante sua estada na cidade, Antonia aparecia bem cedo na pracinha e, com as crianças da vizinhança, brincava de polícia e ladrão, de prendas, subia nas alfarrobeiras, jogava torrões na mulher de pedra ou tomava banho na fonte, nua como um peixe.

Quem era essa menina, por que os Quiroga a protegiam? Fora trazida de La Huaca num mês de junho, antes de aprender a falar, e don Roberto contou uma história que não convenceu a todos. Os cachorros da fazenda teriam latido certa noite e quando ele, alarmado, foi até o vestíbulo, encontrou a menina no chão, sob uns cobertores. Os Quiroga não tinham filhos, e os parentes ambiciosos recomendaram um orfanato, alguns se ofereciam para criá-la. Mas dona Luzia e don Roberto não seguiram os conselhos, não aceitaram as ofertas, nem pareciam incomodados com o falatório. Certa manhã, no meio de um jogo de cartas no Centro Piurano, don Roberto anunciou distraidamente que eles tinham decidido adotar Antonia.

Mas não chegaram a adotar, porque naquele fim de ano os Quiroga não chegaram a Piura. Isso nunca

tinha acontecido: provocou inquietação. Receando um acidente, no dia vinte e cinco de dezembro um pelotão de cavaleiros enveredou pelo caminho do norte.

Foram encontrados a cem quilômetros da cidade, onde a areia apaga os rastros e destrói qualquer sinal, e só imperam a desolação e o calor. Os bandoleiros haviam espancado selvagememente os Quiroga e roubado suas roupas, os cavalos, a bagagem, e os dois empregados também jaziam mortos, com feridas pestilentas fervilhando de vermes. O sol continuava ulcerando os cadáveres nus e os cavaleiros tiveram que enxotar a tiros os urubus que bicavam a menina. Então descobriram que ela estava viva.

— *Por que não morreu?* — perguntavam os vizinhos. — *Como pôde viver se lhe arrancaram a língua e os olhos?*

— *É difícil saber* — respondia o doutor Pedro Zevallos, balançando perplexo a cabeça. — *Talvez o sol e a areia tenham cicatrizado as feridas e evitado a hemorragia.*

— *A Providência* — afirmava o padre García. — *A misteriosa vontade de Deus.*

— *Deve ter sido lambida por uma iguana* — diziam os feiticeiros dos casebres. — *Porque a baba verde não serve só para evitar o aborto, também seca as feridas.*

Os bandidos nunca foram encontrados. Os melhores cavaleiros percorreram o deserto, os rastreadores mais hábeis exploraram as florestas, as cavernas, chegaram até as montanhas de Ayabaca sem encontrá-los. Uma e outra vez, o prefeito, a Guarda Civil, o Exército organizaram expedições que vasculharam as aldeias e casarios mais retirados. Tudo em vão.

Todos os bairros se incorporaram ao cortejo que seguia os caixões dos Quiroga. Nas varandas dos maiores havia crepons de luto, e o bispo e as autoridades compareceram ao enterro. A desgraça dos Quiroga se divulgou pela região, perdurou nos relatos e nas fábulas dos mangaches e do povo da Gallinacera.

La Huaca foi dividida em muitas partes, e à frente de cada uma ficou um parente de don Roberto ou de dona Luzia. Ao sair do hospital, Antonia foi acolhida por uma lavadeira da Gallinacera, Juana Baura, que tinha trabalhado para os Quiroga. Quando a menina aparecia na Praça de Armas, com uma vara na mão para detectar os obstáculos, as mulheres lhe faziam carinhos, traziam doces, os homens a subiam ao cavalo e a levavam para passear pelo Malecón. Uma vez ficou doente e Chápiro Seminario e outros fazendeiros que estavam bebendo no La Estrella del Norte obrigaram a banda municipal a ir com eles até a Gallinacera e tocar o toque de retirada em frente à cabana de Juana Baura. No dia da procissão, Antonia ia logo atrás do andor e dois ou três voluntários faziam um círculo para isolá-la do tumulto. A menina tinha um ar dócil, taciturno, que comovia as pessoas.

Já os tinham visto, meu capitão, o cabo Roberto Delgado aponta para o alto do barranco, já tinham ido avisar: as lanchas chegam uma atrás de outra, os onze homens pulam para terra, dois soldados amarram as embarcações numas pedras, Julio Reátegui bebe um gole do cantil, o capitão Artemio Quiroga tira a camisa, o suor empapa os ombros, as costas, e a torce, don Julio, este calor desgraçado ia fritar os seus miolos. Enxames de mosquitos assediam o grupo e lá no alto ouvem-se latidos: estavam chegando, meu capitão, olhe para cima. Todos levantam a vista: nuvens de poeira e muitas cabeças aparecem no topo do barranco. Algumas silhuetas de torsos pálidos já escorregam pela encosta arenosa e, entre as pernas dos urakusas, pulam cachorros barulhentos, com os dentes de fora. Julio Reátegui vira-se para os soldados, então, que fizessem gestos de saudação e você, cabo, abaixe a cabeça, fique atrás, que não o reconheçam e o cabo Roberto Delgado sim senhor governador, já o tinha visto, lá estava Jum, meu capitão. Os onze homens agitam as mãos e alguns sorriem. No declive há cada vez mais urakusas; descem quase de cócoras, gesticulando, gritando, as mulheres são as mais buliçosas e o capitão iam ao encontro deles, don Julio?, porque ele não confiava nem um pouco. Não, nada disso, capitão, não via como desciam contentes? Julio Reátegui os conhecia, o importante era conquistar sua confiança, que o deixassem, cabo, qual era o Jum? o da frente,



senhor, que estava com a mão levantada e Julio Reátegui atenção: iam correr feito delatores, capitão, que não fugissem todos, e, acima de tudo, muito cuidado com Jum. Aglomerados na linha do barranco, num aterro estreito, seminus, excitados como cachorros que pulam, mexem os rabos e latem, os urakusas olham para os expedicionários, apontam, cochicham. Misturado com os odores do rio, da terra e das árvores, há agora um cheiro de carne humana, de peles tatuadas com urucum. Os urakusas batem nos braços, nos peitos, ritmicamente e, de repente, um homem cruza a barreira poeirenta, era esse meu capitão, esse, e avança maciço e enérgico até a ribeira. Outros o seguem e Julio Reátegui que era o governador de Santa María de Nieva, intérprete, que vinha falar com ele. Um soldado se adianta, grunhe e gesticula com desenvoltura, os urakusas param. O homem maciço assente, desenha com a mão um traço lento, circular, indicando aos expedicionários que se aproximem, estes avançam e Julio Reátegui: Jum de Urakusa? O homem maciço abre os braços, Jum!, toma ar: piruanos! O capitão e os soldados se entreolham, Julio Reátegui faz que sim, dá outro passo em direção a Jum, ficam a um metro de distância. Sem pressa, com os olhos pousados tranquilamente no urakusa, Julio Reátegui solta a lanterna pendurada no cinto, segura-a com o punho todo, ergue-a devagar, Jum estende a mão para recebê-la, Reátegui bate: gritos, corridas, poeira que cobre tudo, a voz estentórea do capitão. Entre os uivos e as nuvens de poeira, corpos verdes e ocre circulam, caem, levantam-se e, como um pássaro prateado, a lanterna bate uma vez, duas, três. Depois o ar limpa a praia, desvanece a fumaça, leva os gritos. Os soldados estão postados em círculo, seus fuzis apontam para uma centopeia de urakusas embolados, agarrados, trançados uns nos outros. Uma menina soluça abraçada às pernas de Jum e este tapa o rosto, por entre os dedos seus olhos espiam os soldados, Reátegui, o capitão, e a ferida em sua testa começou a sangrar. O capitão Quiroga gira o revólver em um dedo, governador, ouviu o que ele gritou? piruanos devia querer dizer peruanos, não é? E Julio Reátegui pensava onde será que este sujeito ouviu essa palavrinha, capitão: seria melhor empurrá-los para cima, na aldeia iam estar melhor que aqui, e o capitão sim, haveria menos pernilongos: já ouviu, intérprete, ordene, faça-os subir. O soldado grunhe e gesticula, o círculo se abre, a centopeia começa a andar, pesada e compacta, novamente se veem nuvenzinhas de poeira. O cabo Roberto Delgado começa a rir: já o tinha reconhecido, meu capitão, não consegui tirar os olhos dele. E o capitão Jum também, cabo, o que está esperando para subir. O cabo empurra Jum, e este avança muito rígido, com as mãos ainda no rosto. A menina continua agarrada em suas pernas, estorva seus movimentos e o cabo a agarra pelo cabelo, puxa, tenta afastá-la, solte o cacique e ela resiste, arranha, berra como um ganso, merda, o cabo bate com a mão aberta e Julio Reátegui o que foi, porra: como tratava assim uma menina, porra?, com que direito, porra? O cabo a solta, senhor, não queria bater, só queria fazê-la soltar Jum, que não ficasse aborrecido, senhor, e ainda por cima ela o tinha arranhado.

— Já se ouve a harpa — disse Lituma. — Ou estou sonhando, inconquistáveis?

— Todos escutamos, primo — disse José. — Ou então estamos todos sonhando.

O Macaco ouvia, com o rosto inclinado, os olhos enormes e admirados:

— É um artista! Quem vai dizer que não é o maior?

— Pena que esteja tão velho — disse José. — Os olhos dele não enxergam mais, primo. Nunca anda sozinho, o Jovem e o Bolas têm que levá-lo pelo braço.

A casa da Chunga fica atrás do Estádio, pouco antes do descampado que separa a cidade do Quartel Grau, não muito distante do matagal dos *fusilicos*. Lá, naquela paragem de capim calcinado e terra mole, sob os ramos nodosos das alfarrobeiras, se apostam os soldados embriagados nos amanheceres e crepúsculos. Pegam as lavadeiras que voltam do rio, as empregadas do bairro de Buenos Aires que vão para o Mercado, em bando derrubam as moças na areia, jogam suas saias para cima dos rostos, abrem suas pernas e, um após o outro, eles as fodem e depois fogem. Os piuranos chamam as vítimas de “atropeladas”, a operação de

“fusilico”, e o rebento resultante chamam de filho de atropelada, *fusiliquito*, sete porras.

— Maldita a hora em que fui para a montanha — disse Lituma. — Se tivesse ficado aqui, teria me casado com a Lira e seria um homem feliz.

— Nem tão feliz, primo — disse José. — Se visse como a Lira está agora.

— Uma vaca leiteira — disse o Macaco. — Uma barriga que parece um bombo.

— E parideira feito uma coelha — disse José. — Já tem uns dez filhos.

— Uma é puta, outra uma vaca leiteira — disse Lituma. — Que faro para mulheres, inconquistável.

— Colega, você me prometeu e não está cumprindo a palavra — disse Josefino. — O que passou, passou. Senão, não iremos mais à casa da Chunga. Vai ficar calminho, certo?

— Como um operado, palavra de honra — disse Lituma. — Agora estou só brincando.

— Esqueceu que na primeira besteira que fizer você se fode, irmão? — disse Josefino. — Você já tem antecedentes, Lituma. Eles o prenderiam de novo, e quem sabe por quanto tempo dessa vez.

— Quanta preocupação por mim, Josefino — disse Lituma.

Entre o Estádio e o descampado, a meio quilômetro da estrada que sai de Piura e depois se bifurca em duas retas superfícies escuras que cruzam o deserto, uma em direção a Paita, outra em direção a Sullana, há um amontoado de barracos de adobe, latas e cartão, uma aglomeração que não tem a idade nem a extensão da Mangachería, mais pobre que esta, mais frágil, e é lá que se ergue, singular e central como uma catedral, a casa da Chunga, também conhecida como Casa Verde. Alta, sólida, suas paredes de tijolo e seu teto de zinco se divisam desde o Estádio. Aos sábados à noite, durante as lutas de boxe, os espectadores podem ouvir os pratos do Bolas, a harpa de don Anselmo, o violão do Jovem Alejandro.

— Juro que ouvia, Macaco — disse Lituma. — Claramente, era de cortar o coração. Como ouço agora, Macaco.

— Que vida você levava, priminho — disse o Macaco.

— Não estou falando de Lima, e sim de Santa María de Nieva — disse Lituma. — Noites como a morte, Macaco, quando estava de guarda. Ninguém com quem falar. Os rapazes roncando e, de repente, eu não ouvia mais os sapos nem os grilos, só a harpa. Em Lima, nunca ouvi.

A noite estava fresca e clara, na areia se desenhavam de tanto em tanto os perfis retorcidos das alfarrobeiras. Avançavam na mesma linha, Josefino esfregando as mãos, os León assobiando e Lituma, que ia cabisbaixo, de mãos nos bolsos, às vezes levantava o rosto e perscrutava o céu com uma espécie de furor.

— Uma corrida, como quando éramos crianças — disse o Macaco. — Um, dois, três.

Saiu disparado, sua pequena figura simiesca desapareceu nas sombras. José superava obstáculos invisíveis, disputava uma corrida, ia e voltava, encarava Lituma e Josefino:

— A cana é nobre e o pisco, traidor — rugia. — E quando cantamos o hino?

Já perto do casario, encontraram o Macaco deitado de costas, resfolegando como um boi. Ajudaram-no a se levantar.

— Meu coração quase saiu pela boca, merda, parece mentira.

— Os anos não passam à toa, primo — disse Lituma.

— Mas viva a Mangachería — disse José.

A casa da Chunga é cúbica e tem duas portas. A principal dá para o quadrado, amplo salão de dança cujas paredes estão crivadas de nomes próprios e emblemas: corações, flechas, bustos, sexos femininos como meias-luas, picas que os atravessam. Também fotos de artistas, boxeadores e modelos, um calendário, uma vista panorâmica da cidade. A outra, uma portinha baixa e estreita, dá para o bar, separado da pista de baile por um balcão de tábuas, atrás do qual ficam a Chunga, uma cadeira de balanço de palha e uma mesa cheia de garrafas, copos e vasilhas. E em frente ao bar, num canto, é o lugar dos músicos. Don Anselmo, sentado num banquinho, usa a parede como encosto e sustenta a harpa entre as pernas. Usa óculos, seus cabelos

varrem a testa, e entre os botões da camisa, no pescoço e nas orelhas brotam mechas grisalhas. O homem que toca violão e tem uma voz muito afinada é o ranzinza, o lacônico, o Jovem Alejandro que, além de intérprete, é compositor. O que está na cadeira de vime e manipula um tambor e uns pratos, o menos artista, o mais musculoso dos três, é o Bolas, um ex-caminhoneiro.

— Não me abracem assim, não tenham medo — disse Lituma. — Não estou fazendo nada, não veem? Só estou procurando por ela. O que há de errado em querer vê-la. Soltem-me.

— Já deve ter ido embora, priminho — disse o Macaco. — Que importância tem? Pense em outra coisa. Vamos nos divertir, festejar a sua volta.

— Não estou fazendo nada — repetiu Lituma. — Só lembrando. Por que me abraçam assim, inconquistáveis?

Estavam na entrada da pista de dança, sob a luz espessa derramada por três lâmpadas envoltas em celofane azul, verde e roxo, diante de uma massa compacta de casais. Grupos indefinidos lotavam os cantos, e dali vinham vozes, gargalhadas, tilintar de copos. Uma fumaça imóvel, transparente, flutuava entre o teto e as cabeças dos bailarinos, e tudo cheirava a cerveja, suores e fumo negro. Lituma se balançava no mesmo lugar, Josefino ainda o segurava pelo braço mas os León o tinham soltado.

— Qual foi a mesa, Josefino? Aquela?

— Aquela mesmo, irmão. Mas já passou, agora você começa vida nova, esqueça.

— Vamos, cumprimente o harpista, primo — disse o Macaco. — E também o Jovem e o Bolas, que sempre lembram de você com carinho.

— Mas não a estou vendo — disse Lituma. — Por que se esconde de mim, não vou lhe fazer nada. Só olhar para ela.

— Eu me encarrego, Lituma — disse Josefino. — Palavra que a trago aqui. Mas você tem que cumprir a promessa; o que passou, passou. Vá cumprimentar o velho. Eu vou procurá-la.

A orquestra havia parado de tocar, os casais na pista eram agora uma massa compacta, imóvel e ciciante. Alguém discutia a gritos no bar. Lituma avançou até os músicos, tropeçando, don Anselmo do meu coração, de braços abertos, velho, harpista, escoltado pelos León, não se lembra mais de mim?

— Ele não o vê, primo — disse José. — Diga quem você é. Adivinhe, don Anselmo.

— O quê? — a Chunga levantou-se num pulo e a cadeira de balanço continuou oscilando. — O sargento? Você o trouxe?

— Não tive outro jeito, Chunga — disse Josefino. — Chegou hoje e ficou teimando, não conseguimos evitar. Mas ele já sabe e não está ligando.

Lituma caía nos braços de don Anselmo, o Jovem e o Bolas lhe davam tapinhas nas costas, os três falavam ao mesmo tempo, tão alto que se ouvia até no bar, excitados, surpresos, comovidos. O Macaco se sentou diante dos pratos, fazia-os tilintar e José examinava a harpa.

— Senão chamo a polícia — disse a Chunga. — Tire-o daqui agora mesmo.

— Está caindo de bêbado, Chunga, mal consegue andar, não está vendo? — disse Josefino. — Nós cuidamos dele. Não vai haver nenhuma confusão, palavra.

— Vocês são a minha desgraça — disse a Chunga. — Principalmente você, Josefino. Mas não vai se repetir o que aconteceu na última vez, juro que chamo a polícia.

— Nenhuma confusão, Chunguita — disse Josefino. — Palavra. A Selvática está lá em cima?

— Onde poderia estar — disse a Chunga. — Mas se houver confusão, puta que o pariu, você me paga.

## II

— Aqui eu me sinto bem, don Adrián — disse o sargento. — As noites na minha terra são assim. Mornas e claras.

— Não há nada como a selva — disse Nieves. — Paredes esteve na serra ano passado e voltou dizendo é triste, nem uma árvore, só pedras e nuvens.

A Lua, muito alta, iluminava a varanda, e no céu e no rio havia muitas estrelas; atrás do bosque, suave muro de sombras, os contrafortes da cordilheira eram massas arroxeadas. Ao pé da cabana, entre os juncos e as samambaias, as rãs chapinhavam e, no interior, ouvia-se a voz de Lalita, o crepitar do fogão. Na chácara os cachorros latiam muito alto: brigavam por causa dos ratos, sargento, como os caçavam, precisava ver. Ficavam debaixo das bananeiras, fingindo que dormiam, e quando um se aproximava, bum, no cangote. O piloto os tinha treinado.

— Em Cajamarca o pessoal come porquinho-da-índia — disse o sargento. — Servem com as unhas, olhinhos e bigodes. São iguaizinhos aos ratos.

— Uma vez Lalita e eu fizemos uma viagem grande pelo mato — disse Nieves. — Tivemos que comer ratos. A carne cheira mal, mas é molinha e branca como a de peixe. O Aquilino passou mal, quase morreu.

— O maiorzinho se chama Aquilino? — perguntou o sargento. — Aquele que tem olhinhos de chinês?

— Esse mesmo, sargento — disse Nieves. — E na sua terra, há muitos pratos típicos?

O sargento levantou a cabeça, ah, don Adrián, ficou como que extasiado por alguns segundos, se o senhor entrasse numa *picantería* mangache e provasse um *seco de chabelo*. Morreria de prazer, palavra de honra, nada no mundo podia se comparar e o piloto Nieves concordou: não havia nada como a terra da gente. Às vezes não tinha vontade de voltar para Piura, sargento? Sim, todo dia, mas quem é pobre não faz o que quer, don Adrián: e ele, tinha nascido aqui, em Santa Maria de Nieva?

— Mais embaixo — disse o piloto. — Lá o Marañón é muito largo, e com a névoa não se vê a outra margem. Mas já me acostumei com Nieva.

— A comida está pronta — disse Lalita, da janela. Seus cabelos soltos caíam em cascata sobre o tabique e seus braços robustos pareciam molhados. — Quer comer aí fora, sargento?

— Gostaria, se não for incômodo — disse o sargento. — Na sua casa eu me sinto como na minha terra, senhora. Só que o nosso rio é mais estreitinho e não tem água o ano todo. E, em vez de árvores, há areais.

— Não se parece nada, então — riu Lalita. — Mas imagino que Piura também é linda, como aqui.

— Ele quis dizer que tem o mesmo calorzinho, os mesmos barulhos — disse Nieves. — Para as mulheres a terra não significa nada, sargento.

— Era brincadeira — disse Lalita. — Mas o senhor não ficou aborrecido, não é mesmo, sargento?

Nada disso, ele gostava de gracejos, ajudavam a quebrar o gelo e, aliás, a senhora era de Iquitos, certo? Lalita olhou para Nieves, de Iquitos? E, por um instante, mostrou o rosto: pele metálica, suor, espinhas. O sargento pensou pela sua maneira de falar, senhora.

— Ela saiu de lá faz muitos anos — disse Nieves. — É estranho que tenha notado o seu sotaque.

— É que tenho um ouvido apurado, como todos os mangaches — disse o sargento. — Eu cantava muito bem quando era jovem, senhora.

Lalita tinha ouvido que os nortistas eram ótimos no violão e tinham bom coração, é verdade?, e o

sargento claro: nenhuma mulher resistia às canções da sua terra, senhora. Em Piura, quando um homem se apaixonava ia logo chamar os amigos, todos traziam violões e a moça acabava cedendo na base de serenatas. Havia grandes músicos, senhora, ele conhecia muitos, um velho que tocava harpa, uma maravilha, um compositor de valsas, e Adrián Nieves indicou o interior da cabana a Lalita: e ela, não ia sair? Lalita encolheu os ombros:

— Tem vergonha, não quer sair — disse. — Não me ouve. Bonifacia é como um bichinho, sargento, por qualquer coisa levanta as orelhas e se assusta.

— Pelo menos que venha dar boa-noite ao sargento — disse Nieves.

— Podem deixar — disse o sargento. — Não precisa sair se não quiser.

— Não se muda de vida tão rápido — disse Lalita. — Ela só viveu entre mulheres, a coitada tem medo de homem. Diz que são todos umas víboras, as *madrecitas* devem ter lhe ensinado isso. Agora foi se esconder na chácara.

— Elas têm medo de homem até experimentarem — disse Nieves. — Depois mudam, viram devoradoras.

Lalita desapareceu no quarto e, logo após, sua voz voltou, aquilo não era com ela, ligeiramente zangada, nunca teve medo de homem e não era devoradora, de quem está falando, Adrián? O piloto deu uma gargalhada e se inclinou para o sargento: Lalita era uma boa mulher mas, isso sim, tinha o seu caráter. Baixo, muito magro, com uma pele clara e uns olhos rasgados e vivazes, Aquilino apareceu na varanda, boa noite, vinha com o lampião porque estava escuro, e o deixou no parapeito. Atrás dele, dois outros meninos — de calças curtas, cabelos lisos, pés descalços — trouxeram uma mesinha. O sargento chamou-os e, enquanto fazia cócegas e brincava com eles, Lalita e Nieves trouxeram frutas, peixes cozidos ao vapor, mandioca, que cara boa tinha tudo aquilo, senhora, umas garrafas de anisado. O piloto serviu os pratos dos três meninos e estes se dirigiram para a escadinha da chácara: os seus guris são muito simpáticos, don Adrián, era assim que chamavam as crianças em Piura, senhora, e o sargento, em geral, gostava de guris.

— Saúde, sargento — disse Nieves. — Pelo prazer de recebê-lo aqui.

— Bonifacia se assusta com tudo mas é muito trabalhadora — disse Lalita. — Ela me ajuda na chácara e sabe cozinhar. E também costura muito bem. Viu as calças dos meninos? Foi ela quem fez, sargento.

— Mas você precisa lhe dar uns conselhos — disse o piloto. — Assim, tão tímida, nunca vai arranjar marido. Não imagina como ela é calada, sargento, só abre a boca quando lhe perguntamos alguma coisa.

— Acho isso muito bom — disse o sargento. — Não gosto de gente faladeira.

— Então, vai gostar muito da Bonifacia — disse Lalita. — Pode passar a vida toda sem dar um pio.

— Vou lhe contar um segredo, sargento — disse Nieves. — A Lalita quer que o senhor se case com a Bonifacia. É o que anda me dizendo, por isso me mandou convidá-lo. Cuide-se, ainda está a tempo.

O sargento fez uma expressão entre risonha e nostálgica, senhora, uma vez ele esteve prestes a se casar. Tinha acabado de entrar para a Guarda Civil e encontrou uma mulher que gostava dele, e ele também dela, um pouquinho. Como se chamava?, Lira, o que aconteceu?, nada, senhora, ele foi transferido de Piura e Lira não quis acompanhá-lo e assim o romance se acabou.

— Bonifacia iria a qualquer lugar com seu companheiro — disse Lalita. — Aqui na selva as mulheres são assim, não impomos condições. O senhor tem que se casar com alguém daqui, sargento.

— Está vendo, quando Lalita mete uma coisa na cabeça, não para até conseguir — disse Nieves. — As loretanas são umas bandidas, sargento.

— Vocês são muito simpáticos — disse o sargento. — Em Santa María de Nieva dizem que os Nieves são ranzinzas, não se dão com ninguém. E, no entanto, senhora, neste tempo que estou aqui vocês são os primeiros que me convidam para vir à sua casa.

— É que ninguém gosta de guardas, sargento — disse Lalita. — Sabe como são abusados. Desgraçam

as moças, primeiro as fazem se apaixonar, depois as engravidam e somem.

— E então como quer que a Bonifacia se case com o sargento? — disse Nieves. — Uma coisa não encaixa com a outra.

— Você não disse que o sargento era diferente? — perguntou Lalita. — Mas quem sabe se é verdade.

— É verdade, senhora — disse o sargento. — Sou um homem direito, um bom cristão, como dizem aqui. E um amigo como não há outro igual, a senhora vai ver. Estou muito grato, don Adrián, mesmo, porque me sinto muito bem na sua casa.

— Pode voltar quando quiser — disse Nieves. — Venha visitar Bonifacia. Mas não se meta com a Lalita, porque sou muito ciumento.

— E com toda razão, don Adrián — disse o sargento. — A senhora Lalita é tão bonita que eu também ficaria com ciúme.

— Muita gentileza sua, sargento — disse Lalita. — Mas eu sei que fala por falar, eu já não sou bonita. Antes, sim, quando era jovem.

— Mas a senhora ainda é uma garota — protestou o sargento.

— Não confio mais — disse Nieves. — É melhor que não venha quando eu não estiver, sargento.

Na chácara, os cachorros continuavam latindo e às vezes se ouviam as vozes dos meninos. Os insetos revoavam em volta do lampião de resina, os Nieves e o sargento bebiam, conversavam, brincavam, piloto Nieves!, os três viraram a cabeça para a folhagem da ribeira: a noite escondia a trilha que subia para Santa María de Nieva. Piloto Nieves! E o sargento: era o Pesado, que inconveniente, o que estava acontecendo, por que vinha incomodar a estas horas, don Adrián. Os três meninos invadiram a varanda. Aquilino foi até o piloto e falou com ele em voz baixa: que subisse.

— Parece que vamos ter que sair de viagem, sargento — disse o piloto Nieves.

— Deve estar bêbado — disse o sargento. — Não preste atenção no Pesado, quando bebe ele imagina coisas.

A escadinha rangeu, atrás de Aquilino surgiu a grossa silhueta do Pesado, puxa, meu sargento, finalmente o encontrava, o tenente e os rapazes o estiveram procurando por todo lado, e uma boa noite a todos.

— Estou de folga — grunhiu o sargento. — O que querem comigo?

— Encontraram as pupilas — disse o Pesado. — Um grupo de mateiros, perto de um acampamento, rio acima. Um mensageiro chegou à missão faz um par de horas. As madres acordaram todo mundo, sargento. Parece que uma das crianças está com febre.

O Pesado estava em mangas de camisa, abanando-se com o quepe, e agora Lalita o bombardeava de perguntas. O piloto e o sargento se levantaram, sim, que chateação, senhora, tinham que ir buscá-las agora mesmo. Eles queriam esperar até amanhã, mas as freirinhas convenceram don Fabio e o tenente, e o sargento iam zarpar de noite? Sim, meu sargento, as madres tinham medo de que os mateiros partissem para cima das maiorzinhas.

— As *madrecitas* têm razão — disse Lalita. — Coitadas, tantos dias no mato. Depressa Adrián, vá.

— Fazer o quê — disse o piloto. — Tome um gole aqui com o sargento, enquanto vou abastecer a lancha.

— Vai cair bem, obrigado — disse o Pesado. — Que vida a nossa, não é mesmo, sargento? Sinto muito por interromper no meio da comida.

— Encontraram todas? — perguntou uma voz, no tabique. Eles olharam: uma cabeleira curta, um perfil impreciso, um busto de mulher recortado ao lado da janela. A luz do lampião chegava rala até ali.

— Menos duas — disse o Pesado, inclinando-se na direção da janela. — Menos as de Chicais.

— Por que não as trouxeram em vez de mandar avisar? — perguntou Lalita. — Mas pelo menos

encontraram, graças a Deus que as encontraram.

Não tinham como trazê-las, senhora, e o Pesado e o sargento avançaram as cabeças na direção do tabique, mas a silhueta se afastou e agora só aparecia um fragmento de rosto, uma sombra de cabelos. Do outro lado do parapeito, Adrián Nieves dava ordens e ouviam-se os meninos agitando a água, chapinhando, indo e vindo entre as samambaias. Lalita serviu anisado e eles beberam à sua saúde, meu sargento, e o sargento à saúde da senhora, seu mal-educado.

— Já sei que o tenente me encarregou do servicinho — disse o sargento. — Imagino que não vou sozinho, certo?, quem vai comigo buscar as meninas?

— O Pequeno e eu — disse o Pesado. — E também uma freirinha.

— A madre Angélica? — perguntou a voz lá do tabique e eles voltaram a torcer os pescoços.

— Com certeza, porque a madre Angélica entende de medicina — disse o Pesado. — Para tratar da doentinha.

— Deem quinina — disse Lalita. — Mas uma viagem não vai ser suficiente, não cabem todas na lancha, vão precisar fazer duas ou três.

— Ainda bem que hoje há lua — disse o piloto Nieves, já na escadinha. — Em meia hora estou pronto.

— Vá avisar o tenente que já estamos indo, Pesado — disse o sargento.

O Pesado assentiu, deu boa-noite e se afastou da varanda. Ao passar junto à janela, a vaga silhueta recuou, desapareceu e voltou a aparecer quando o Pesado já descia a escadinha, assobiando.

— Venha, Bonifacia — disse Lalita. — Vou lhe apresentar o sargento.

Lalita pegou o sargento pelo braço, levou-o até a porta e, segundos depois, surgiu na soleira um contorno de mulher. O sargento ficou com a mão estendida, observando confuso umas faisquinhas imóveis, até que uma pequena forma sombria cortou a penumbra, uns dedos roçaram nos seus, muito prazer, e fugiram: às suas ordens, senhorita. Lalita sorria.

— Pensei que ele era como você — disse Fushía. — E veja só, velho, que erro terrível.

— Eu também me enganei um pouco — disse Aquilino. — Não acreditava que Adrián Nieves fosse capaz de uma coisa dessas. Parecia tão desligado de tudo. Ninguém percebeu como a coisa começou?

— Ninguém — disse Fushía —; nem Pantacha, nem Jum; nem os huambisas. Maldita a hora em que esses cachorros nasceram, velho.

— Olhe o ódio outra vez na sua boca, Fushía — disse Aquilino.

E então Nieves a viu, encostada entre o jarrão de barro e o murinho: grande, felpuda, pretíssima. Levantou-se bem devagar do estrado, sua mão tateou, roupas, uma sapatilha de borracha, uma corda, cuias, uma cesta de tucumã, nada que servisse. Ela continuava no canto, à espreita, sem dúvida o espiava por baixo das suas patas finas e retintas, refletidas como uma trepadeira na concavidade vermelha do jarrão. Deu um passo, tirou o facão da parede e ela não tinha fugido, continuava espreitando, certamente registrava cada movimento seu com aqueles olhinhos perversos, sua barriga vermelha devia estar pulsando. Avançou na ponta dos pés até o canto, ela recuou com súbita angústia, ele bateu e ouviu-se como um ranger de folhas. Depois, a esteira tinha um rasgão e manchinhas pretas, vermelhas; as patas estavam intactas, seu pelo era preto, comprido, sedoso. Nieves pendurou o facão e, em vez de voltar para o estrado, ficou ao lado da janela, fumando. Recebia no rosto o hálito e os rumores da selva, com a brasa do cigarro tentava queimar as asas dos morcegos que rondavam a tela metálica.

— Eles nunca ficaram sozinhos na ilha? — perguntou Aquilino.

— Uma vez, porque o cachorro adoeceu — disse Fushía. — Mas foi ainda no começo. Nesse tempo a história não pode ter começado, eles não se atreveriam, tinham medo de mim.

— Existe coisa mais assustadora que o inferno? — perguntou Aquilino. — E, no entanto, as pessoas fazem maldades. Nem sempre o medo freia as pessoas, Fushía.

— Ninguém jamais viu o inferno — disse Fushía. — E aqueles dois me viam o tempo todo.

— Seja como for, quando um cristão e uma cristã têm vontade um do outro, não há quem os pare — disse Aquilino. — O corpo arde, como se estivesse queimando por dentro. Por acaso nunca aconteceu com você?

— Nenhuma mulher me fez sentir isso — disse Fushía. — Mas agora sim, velho, agora sim. É como se tivesse carvões embaixo da pele, velho.

À direita, entre as árvores, Nieves divisava fogueiras, perfis instantâneos de huambisas; à esquerda, em contraste, onde Jum armara sua cabana, tudo era escuridão. No alto, contra um céu anil, os penachos das paineiras balançavam e a lua branqueava o atalho que, depois de descer uma encosta cheia de arbustos e samambaias, contornava o tanque das tartarugas e continuava até a prainha; a lagoa devia estar azul, quieta e deserta. Será que as águas do tanque continuaram baixando? As estacas, a rede, já estariam no seco? Logo, logo as tartaruguinhas apareceriam encalhadas na areia, com os pescoços enrugados esticados para o céu, os olhos cheios de asfixia e de remelas, e teriam que quebrar suas carapaças com o fio do facão, cortar a carne branca em quartos e salgá-la antes que o sol e a umidade a deteriorassem. Nieves jogou fora o cigarro e ia soprar o lampião quando bateram no tabique. Levantou o trinco da porta e Lalita entrou, trajando uma *itípak* huambisa, com o cabelo até a cintura, descalça.

— Se tivesse que escolher entre um dos dois para me vingar, seria dela, Aquilino — disse Fushía —, aquela cachorra. Porque foi ela que começou, com toda certeza, quando me viu doente.

— Você a tratava mal, batia nela e, depois, as mulheres têm seu orgulho, Fushía — disse Aquilino. — Que cristã teria aguentado? De cada viagem você trazia uma mulher nova e ela tinha que engolir.

— Pensa que ela ficava com raiva das índias? — disse Fushía. — Que bobagem, velho. A cachorra estava danada porque eu não cumpria mais com ela.

— É melhor não falar disso, homem — disse Aquilino. — Sei que você fica triste.

— Mas começou assim, eu não funcionava mais com a Lalita — disse Fushía. — Veja só que desgraça, Aquilino, que coisa horrível.

— Não acordei o senhor, diga? — disse Lalita, com voz sonolenta.

— Não, não me acordou — disse Nieves. — Boa noite. O que manda?

Fechou a porta, ajeitou a calça e cruzou os braços sobre o torso nu, mas logo depois descruzou e continuou em pé, indeciso. Afinal apontou para o jarrão de barro: uma caranguejeira tinha entrado ali e acabava de matá-la. Não fazia uma semana que tinha tapado os buracos, Lalita sentou-se no estrado, mas todo dia abriam outros, as caranguejeiras.

— É que estão com fome — disse Lalita —, é assim nesta época. Uma vez acordei e não conseguia nem mexer a perna, juro. Era uma manchinha e depois inchou. Os huambisas puseram minha perna em cima do braseiro para fazer suar. Ficou a marca, bem aqui.

Suas mãos desceram até a barra da *itípak*, levantaram-na, apareceram suas coxas, lisas, morenas, firmes, e uma cicatriz que parecia uma minhoca:

— Por que se assusta? — perguntou Lalita. — Por que se vira, diga?

— Não me assusto — disse Nieves. — Só que está nua e eu sou homem.

Lalita riu e soltou a *itípak*; seu pé direito brincava com uma cuia, distraidamente a acariciava com a planta, os dedinhos, o calcanhar.

— Cadela, puta, coisas piores se você quiser — disse Aquilino. — Mas eu tenho afeição pela Lalita e não me importo. É como uma filha.

— Uma pessoa que faz isso porque vê que seu homem está morrendo é pior que uma cadela, pior que



uma puta — disse Fushía. — Não existe palavra para dizer o que é.

— Morrer? Em San Pablo a maioria morre de velho e não da doença, Fushía — disse Aquilino.

— Você não diz isso para me consolar, e sim porque detesta que eu a xingue — disse Fushía.

— Ele lhe disse na minha frente — sussurrou Nieves. — Na próxima vez que aparecer sem nada debaixo da *itípak* eu acabo com a sua raça, não se lembra?

— Outras vezes diz, dou você para os huambisas, arranco seus olhos — disse Lalita. — Vive dizendo ao Pantacha eu mato você, está olhando para ela. Quando ameaça ele não faz nada, a raiva vai embora com as palavras. Não sente pena quando ele me bate, diga?

— E também raiva — Nieves manipula desajeitado o trinco da porta: — Principalmente quando xinga a senhora.

Quando estavam sozinhos era pior ainda, ah, seus dentes estão caindo, ah, a cara cheia de espinhas, ah, o corpo não é mais como antes, ah, está toda aberta, esguichando, logo, logo vai ficar igual às velhas huambisas, ah, e tudo o que lhe vinha à cabeça, não sente pena?, e Nieves cale-se.

— Mas eu acreditava em você e olhe que o conhecia — disse Aquilino. — Eu chegava na ilha e a Lalita ele vai me tirar logo daqui, se der muito látex este ano vamos nos casar no Equador. Seja bonzinho, don Aquilino, venda a mercadoria por bom preço. Coitada da Lalita.

— Não fugiu antes porque esperava que eu ficasse rico — disse Fushía. — Que burra, velho. Não me casei com ela quando era toda durinha e sem espinhas, e achava que eu ia me casar quando já não dava mais tesão em ninguém.

— Deu em Adrián Nieves — disse Aquilino. — Senão, não a teria levado.

— E elas, o patrão também vai levar para o Equador? — perguntou Nieves. — Também vai se casar com elas?

— A mulher dele sou só eu — disse Lalita. — As outras são empregadas.

— Diga o que disser, mas eu sei que fica magoada — disse Nieves. — Seria uma desalmada se não lhe importasse que ele traga outras mulheres para a sua casa.

— Não traz para a minha casa — disse Lalita. — Elas dormem no curral, com os animais.

— Mas se deita com elas na sua frente — disse Nieves. — Não se faça de desentendida.

Virou-se, olhou para ela e Lalita já estava na ponta do estrado, com os joelhos bem juntos, os olhos baixos e Nieves não queria ofender, gaguejou e olhou de novo pela janela, sentira raiva quando ela disse que ia para o Equador com o patrão, o céu cor de anil, as fogueiras, os vaga-lumes faiscando entre as samambaias: pedia desculpa, não queria ofender, e Lalita levantou os olhos:

— Por acaso ele não passa as índias para você e o Pantacha quando se cansa delas? — disse. — Você faz a mesma coisa que ele.

— Eu estou sozinho — balbuciou Nieves. — Um cristão precisa ficar com mulheres, por que me compara com o Pantacha, e aliás gosto que me trate de você.

— Só no começo, aproveitando as minhas viagens — disse Fushía. — Ele as arranhava, deixou uma das achuales sangrando. Mas depois se acostumou e eram suas amigas. Ensinava cristão a elas, afinal se distraía. Não é como você pensa, velho.

— E ainda se queixa — disse Aquilino. — Todos os cristãos sonham com isso que você fez. Quantos homens você conhece que trocam assim de mulher, Fushía?

— Mas eram índias — disse Fushía —, índias, Aquilino, aguarunas, achuales, shapras, puro lixo, homem.

— E ainda por cima são como bichinhos — disse Lalita —, elas se afeiçoam a mim. Fico com pena é do medo que têm dos huambisas. Se você fosse o patrão seria como ele, até me xingaria.

— A senhora por acaso me conhece para me julgar? — perguntou Nieves. — Eu não faria isso com

minha companheira. Muito menos se fosse a senhora.

— Aqui o corpo delas estraga logo — disse Fushía. — Eu lá tenho culpa se a Lalita envelheceu? Além do mais, seria uma bobagem desperdiçar a oportunidade.

— Por isso você as roubava tão meninas — disse Aquilino. — Para que fossem bem durinhas, não é?

— Não era só por isso — disse Fushía —; gosto de virgenzinhas como qualquer homem. Só que os cachorros desses pagãos não as deixam crescer inteirinhas, as mais novas já estão furadas, a shapra foi a única inteira que encontrei.

— Só o que me dói é lembrar como eu era antes, em Iquitos — disse Lalita. — Os dentes brancos, todos iguaizinhos, e nenhuma marca na cara.

— A senhora gosta de inventar coisas para sofrer — disse Nieves. — Por que é que o patrão não deixa que os huambisas se aproximem daqui? Porque todos a devoram com os olhos quando passa.

— O Pantacha também, e você — disse Lalita. — Mas não porque eu seja bonita, e sim porque sou a única cristã.

— Eu sempre fui educado com a senhora — disse Nieves. — Por que me compara com o Pantacha?

— Você é melhor que o Pantacha — disse Lalita. — Por isso vim visitá-lo. Não está mais com febre?

— Lembra que não fui recebê-lo no cais? — disse Fushía. — Que você veio e me encontrou na cabana da seringa? Foi dessa vez, velho.

— Sim, lembro — disse Aquilino. — Você parecia estar dormindo acordado. Pensei que o Pantacha lhe dera uma infusão.

— E lembra que me embebedei com o anisado que você trouxe? — perguntou Fushía.

— Também lembro disso — disse Aquilino. — Você queria queimar as cabanas dos huambisas. Parecia o diabo, tivemos que amarrá-lo.

— É que tinha tentado durante uns dez dias e não conseguia nada com aquela cadela — disse Fushía —, nem com a Lalita nem com as índias, velho, uma coisa de doido, velho. Ficava chorando sozinho, velho, queria me matar, qualquer coisa, dez dias seguidos e não conseguia nada, Aquilino.

— Não chore, Fushía — disse Aquilino. — Por que não me contou o que estava acontecendo? Talvez eu tivesse ajudado na época. Poderíamos ter ido a Bagua, o médico lhe daria injeções.

— E minhas pernas ficavam dormentes, velho — disse Fushía —, eu batia nelas e nada, acendia fósforos e pareciam mortas, velho.

— Não se aflija mais com essas coisas tristes — disse Aquilino. — Venha, chegue mais perto da borda, olhe só quantos peixinhos voadores, desses que têm eletricidade. Veja como nos seguem, que bonitas essas faisquinhas no ar e debaixo d'água.

— E depois equimoses, velho — disse Fushía —, eu não podia mais tirar a roupa na frente daquela cadela. Precisava disfarçar o dia inteiro, a noite inteira, e não tinha a quem contar, Aquilino, suportar essa desgraça sozinho.

E então arranharam o tabique e Lalita se levantou. Foi até a janela e começou a resmungar, com o rosto encostado na tela metálica. Lá fora alguém também resmungava, suavemente.

— O Aquilino está doentinho — disse Lalita. — O coitado vomita tudo o que come. Vou lá vê-lo. Se amanhã ele ainda não tiver voltado, venho lhe fazer a comida.

— Tomara que não tenha voltado — disse Nieves. — Não preciso que a senhora cozinhe para mim, basta que venha me ver.

— Eu o trato de você, pode me chamar de você também — disse Lalita. — Pelo menos quando não houver ninguém por perto.

— Poderia pegar um bocado deles se tivesse uma rede, Fushía — disse Aquilino. — Quer que o ajude a levantar-se para ver?

— E depois os pés — disse Fushía. — Andar mancando, velho, e então descascar feito as cobras, mas elas trocam de pele e eu não, velho, eu só ferida, Aquilino, não é justo, não é justo.

— Sei que não é justo — disse Aquilino. — Mas venha cá, homem, olhe como são bonitos os peixinhos elétricos.

Todo dia Juana Baura e Antonia saíam da Gallinacera à mesma hora, faziam sempre o mesmo percurso. Duas quadras retas, poeirentas, e estavam no Mercado: as vendedoras começavam a estender suas mantas embaixo das alfarrobeiras, a arrumar sua mercadoria. Na altura da loja Las Maravillas — pentes, perfumes, blusas, saias, cintas e brincos — dobravam à esquerda e, duzentos metros adiante, surgia a Praça de Armas, uma roda compacta de palmeiras e tamarineiros. Elas chegavam pela travessa oposta ao La Estrella del Norte. No caminho, uma das mãos de Juana Baura cumprimentava os conhecidos, a outra segurava o braço de Antonia. Chegando à praça, Juana observava os bancos de varetas e escolhia o mais protegido do sol para a jovem. Se a garota ficasse quieta, a lavadeira voltava para casa andando suavemente, desamarrava seu burro, juntava a roupa para lavar e seguia rumo ao rio. Se, pelo contrário, as mãos da Antonia apertavam as suas com ansiedade, Juana sentava-se ao seu lado e a acalmava com carinhos. Repetia sua silenciosa interrogação até que a garota a deixava partir. Vinha buscá-la ao meio-dia, com a roupa já lavada, e às vezes Antonia voltava para a Gallinacera montada no burro. Não era raro que Juana Baura encontrasse a jovem dando voltas em torno do coreto com uma vizinha carinhosa, não era raro que um engraxate, um mendigo ou Jacinto lhe dissessem: levaram a garota para a casa de fulano, para a igreja, para o Malecón. Então Juana Baura voltava sozinha para a Gallinacera e Antonia aparecia ao entardecer, de mãos dadas com uma criada de um ricoço mais caritativo.

Nesse dia saíram mais cedo, Juana Baura tinha que levar um uniforme de parada ao Quartel Grau. O Mercado estava deserto, uns urubus dormitavam em cima do telhado do Las Maravillas. Os varredores ainda não tinham passado e o lixo e as poças exalavam mau cheiro. Na solitária Praça de Armas soprava uma brisa tímida e via-se o sol num céu sem nuvens. Não caía mais areia. Juana Baura limpou o banco com a saia, achou tranquilas as mãos da moça, deu-lhe uma palmada na bochecha e se foi. No caminho de volta, encontrou a mulher de Hermógenes Leandro, o do matadouro, e continuaram andando juntas enquanto o sol crescia no céu, já lancetando os tetos altos da cidade. Juana ia curvada, esfregando a cintura de vez em quando e sua amiga você está doente e ela sinto cáibras faz tempo, principalmente de manhã. Falaram de doenças e de remédios, da velhice, de como a vida é difícil. Depois Juana se despediu, entrou em casa, saiu puxando o burro abarrotado de roupa suja e com a farda, debaixo do braço, enrolada em exemplares velhos de *Ecos y Noticias*. Foi até o Quartel Grau ladeando o areal e a terra estava quente, rápidas iguanas passavam de repente entre os seus pés. Um soldado veio ao seu encontro, o tenente estava aborrecido, por que não trouxera o uniforme mais cedo. Arrancou o pacote das suas mãos, pagou, e então ela se dirigiu para o rio. Não foi até a Ponte Velha, onde costumava lavar roupa, ficou numa prainha redonda, acima do matadouro, onde encontrou duas outras lavadeiras. E as três passaram a manhã ajoelhadas na água, lavando e conversando. Juana terminou primeiro, foi embora, e agora as ruas, deslumbrantes sob um sol vertical, estavam cheias de moradores e forasteiros. Não a encontrou na praça, nem os mendigos nem Jacinto a tinham visto e Juana Baura voltou para a Gallinacera; suas mãos alternadamente batiam no animal e esfregavam a própria cintura. Começou a pendurar a roupa, no meio do trabalho foi deitar no colchão de palha. Quando abriu os olhos, já estava caindo areia. Correu para o quintal, resmungando: algumas peças tinham sujado. Puxou o toldo que protegia os varais, terminou de pendurar a roupa, voltou para o quarto, tateou sob o colchão até encontrar o remédio. Empapou um pano com o líquido, levantou a saia, esfregou vigorosamente nos quadris e na barriga. O remédio tinha cheiro de mijo e vômito, Juana esperou que a pele secasse tapando o nariz. Preparou um guisado e, quando estava comendo, bateram na porta. Não era

Antonia, mas uma empregada com uma cesta de roupa. Em pé na soleira, as duas conversaram. Chovia fino, não se viam os grãosinhos de areia, mas ela os sentia no rosto e nos braços como patinhas de aranha. Juana falava de câibras, dos remédios ruins e a empregada protesta, ele tem que lhe dar outro ou então devolver o seu dinheiro. Depois foi embora, ladeando o muro, debaixo dos beirais. Sozinha, sentada no colchão, Juana continuava domingo vou lá no barraco dele, pensa que só porque sou velha vai me enganar?, seu remédio faz a minha cintura tremer, ladrão. Depois foi deitar, e quando acordou já havia escurecido. Acendeu uma vela, Antonia não tinha chegado. Foi para o quintal, o burro levantou as orelhas, zurrou. Juana pegou uma manta, jogou sobre os ombros, já na rua: estava escuro, pelas janelas da Gallinacera viam-se castiçais, lampiões, fogões. Andava muito rápido, com o cabelo todo desgrenhado e, perto do Mercado, num pórtico, alguém disse uma aparição. Ela ia trotando, ou me dá outro remédio para o sono que me vem a toda hora, ou então devolve o meu dinheiro. Havia pouca gente na praça. Perguntou a todo mundo e ninguém sabia. A areia agora descia densa, visível, e Juana cobriu a boca e o nariz. Percorreu muitas ruas, bateu em muitas portas, repetiu vinte vezes a mesma pergunta e, quando voltou à Praça de Armas, estava correndo com dificuldade, apoiando-se nas paredes. Dois homens de chapéu de palha conversavam sentados num banco. Ela perguntou onde está Antonia, e o doutor Pedro Zevallos boa noite, dona Juana, o que está fazendo na rua a estas horas? E o outro, com voz de forasteiro, tanta areia que vai nos partir o crânio. O doutor Zevallos tirou o chapéu, deu-o a Juana e ela o enfiou na cabeça; era grande, cobria suas orelhas. O doutor disse é o cansaço que não a deixa falar, sente-se um pouco, dona Juana, conte, e ela onde está Antonia. Os dois homens se entreolharam e o outro disse é melhor levá-la para casa e o doutor sim, sei onde fica, é na Gallinacera. Pegaram-na pelos braços, levaram-na quase pelo ar e, debaixo do chapéu, Juana Baura rugia: a garota que é cega, vocês não viram?, e o doutor Zevallos fique tranquila, dona Juana, assim que chegarmos a senhora nos conta, e o outro que cheiro é esse e o doutor Zevallos é remédio de curandeiro, pobre velha.

Julio Reátegui limpa a testa, olha o intérprete, tinha desacatado a sua autoridade, isso não se fazia, ia pagar caro: traduza para ele. A clareira de Urakusa é pequena e triangular, a floresta a abraça de perto, galhos e cipós balançam sobre as cabanas erguidas em cima de pilares de palmeira e terminadas em circunferências amassadas como um rabo de pato: o intérprete ruge e gesticula, Jum ouve com atenção. Há umas vinte moradias, idênticas: teto de jarina, tabiques de tira de juçara amarrados com cipós, escadinhas grosseiramente escavadas em troncos. Dois soldados conversam na frente de uma cabana cheia de urakusas prisioneiros, outros montam as barracas perto da encosta, o capitão Quiroga luta contra os pernilongos e a menina permanece tranquila ao lado do cabo Roberto Delgado, às vezes olha para Jum, tem olhos claros e no seu peito de garoto já se insinuam duas pequenas corolas escuras. Agora Jum fala, seus lábios roxos disparam sons ásperos e cusparadas, Julio Reátegui recolhe as pernas para evitar a chuva de saliva e o intérprete cabo roubando, quer dizer querendo, que merda caralho, e depois indo embora, fora, nunca mais, que lhe dando canoa, sua própria canoa, de Jum, e que o piloto indo embora, não vendo, que se jogou na água, dizendo, senhor. E o cabo Delgado dá um passo na direção de Jum: mentira. O capitão Quiroga o detém com um gesto: mentira, senhor, ele fora ver sua família em Bagua, iria perder tempo roubando coisas desses aí?, e o que poderia roubar, mesmo se quisesse, meu capitão, estava vendo como Urakusa era miserável? E o capitão: mas então não era verdade que mataram o recruta. Afinal ele se jogou ou não no Marañón? Porra, porque se não estava morto era desertor, e o cabo cruza os dedos e os beija: mataram o sujeito, meu capitão, essa história de roubo era a maior mentira. Eles só tinham revistado um pouquinho, procurando o remédio para pernilongo que ele tinha pedido, e então esses aí o amarraram e espancaram. Ele, o ajudante, e o piloto teriam sido mortos e enterrados para que ninguém descobrisse, meu capitão. Julio Reátegui sorri para a menina e esta o olha de lado, assustada?, curiosa? Está com uma tanga aguaruna e seus cabelos fartos e empoeirados balançam suavemente quando mexe a cabeça; não tem enfeites

no rosto nem nos braços, só nos tornozelos: duas minúsculas cabaças. E Julio Reátegui: por que não tinha comecado com Pedro Escabino?, por que este ano não lhe vendeu seringa como nas outras vezes? Que traduzisse isso e o intérprete grunhe e gesticula, Jum ouve de braços cruzados e o governador indica à menina que se aproxime, ela lhe dá as costas, e o intérprete, senhor, nunca mais, dizendo: Escabino diabo, vai, fora, nem Urakusa, dizendo, nem Chicais, nenhum povo aguaruna, patrão sacaneando, senhor, e Julio Reátegui o que os urakusas iam fazer com o látex que não queriam vender para o patrão Escabino?, suavemente, sem deixar de olhar para a menina, e os couros?, traduza isso. O intérprete e Jum grunhem, cospem e gesticulam, e agora Reátegui os observa, um pouco inclinado em direção ao urakusa, e a menina dá um passo, olha a testa de Jum: a ferida inchou mas não está sangrando, o olho direito do cacique está muito inflamado e Julio Reátegui cooperativa? Essa palavra não existia em aguaruna, filho, tinha falado cooperativa? E o intérprete: falou em espanhol, senhor, e o capitão Quiroga sim, ele tinha ouvido. Que história era essa, senhor Reátegui? Por que não iam mais comerciar com Escabino? De onde tiraram essa ideia de ir vender a seringa em Iquitos se eles nunca souberam nem o que era Iquitos? Julio Reátegui parece abstraído, tira o boné, alisa o cabelo, olha para o capitão: fazia dez anos que Pedro Escabino lhes trazia tecidos, espingardas, facas, capitão, tudo de que necessitavam para entrar na selva e trazer látex. Depois Escabino voltava, eles lhe entregavam a seringa e ele completava o pagamento com tecidos, comida, o que precisassem, e este ano também receberam adiantamentos mas não quiseram vender: era essa a história, capitão. Os soldados que tinham armado as barracas se aproximam, um deles estica a mão e toca na menina que dá um pulo, as cabacinhas dançam, barulho de chocalhos e o capitão: ah, um abuso de confiança, ele não estava informado, batiam num militar, extorquiam um civil, não seria de estranhar que tivessem mesmo matado o recruta e o governador agarrem-na, não a deixem fugir. Três soldados correm atrás da menina, que é ágil, escorregadia. Afinal a apanham no centro da clareira e a levam até o governador, este passa a mão em seu rosto: tinha um olhar esperto, um jeito gracioso, não achava, capitão?, era uma pena que a coitada fosse crescer aqui e o oficial: realmente, don Julio, e os olhos dela eram verdinhos. Era sua filha?, que lhe perguntasse isso e o capitão: não tinha a barriguinha inchada, porque era uma coisa terrível nestas crianças, a quantidade de vermes que engoliam e o cabo Roberto Delgado: pequenina e bem servida, boa para mascote da companhia, meu capitão, e os soldados riem. Era sua filha?, e o intérprete não sendo, senhor, tampouco urakusa, era aguaruna, nascendo em Pato Huachana, senhor, dizendo e Julio Reátegui chama dois soldados: que a levassem para as barracas e cuidadinho para não dar em cima dela. Um soldado segura a menina pelo braço e ela se deixa levar sem resistir. Julio Reátegui vira-se para o capitão que luta de novo contra invisíveis, talvez imaginários inimigos aéreos: um pessoal andou por aqui dizendo que eram professores, capitão. Iam para as tribos com o pretexto de ensinar espanhol aos pagãos e olhe só o resultado, agrediam um cabo, acabavam com o negócio de Pedro Escabino. O capitão imaginava o que aconteceria se todos os pagãos decidissem sacanear os patrões que lhes deram adiantamento? O capitão coça o queixo, gravemente: uma catástrofe econômica? O governador confirma: os que vinham de fora é que traziam as encrencas, capitão. Da outra vez tinham sido uns estrangeiros, ingleses, com a conversa da botânica; entraram no mato e levaram sementes de seringueira. Um dia o mundo ficou cheio de borracha que vinha das colônias inglesas, mais barata que a peruana e a brasileira, foi a ruína da Amazônia, capitão, e ele é verdade, senhor Reátegui, que em Iquitos se apresentavam óperas e que os seringueiros acendiam seus charutos com notas? Julio Reátegui sorri, o seu pai tinha um cozinheiro para os cachorros, imagine só, e o capitão ri, os soldados riem, mas Jum continua sério, de braços cruzados, de vez em quando olha para a cabana cheia de urakusas prisioneiros e Julio Reátegui suspira: naquele tempo se trabalhava pouco e se ganhava muito, agora ele tinha que suar para receber uma miséria, e ainda precisava lidar com esta gente, resolver esses problemas bobos. O capitão agora está sério, don Julio, realmente, a vida era dura para os homens da Amazônia, e Reátegui, com uma voz subitamente severa, para o intérprete: o aguaruna não podia vender em Iquitos, tinha que cumprir

os seus compromissos, esses homens de fora os enganaram, nada de cooperativas nem de besteiras. O patrão Escabino voltaria e eles iam comerciar como sempre, traduzindo isso mas o intérprete rápido demais, senhor, repetindo melhorzinho e o capitão ele falou devagar, chega de gracinhas. Julio Reátegui não havia pressa, capitão, ia satisfazer a vontade dele. O intérprete resmunga e gesticula, Jum ouve, sopra uma brisa ligeira em Urakusa e a ramagem do bosque ronrona suavemente, ouve-se um riso: a menina e o soldado estão brincando em frente às barracas. O capitão perde a paciência, até quando?, sacode o ombro de Jum, também não tinha entendido dessa vez?, estava de deboche?, Jum levanta a cabeça, seu olho sadio examina o governador, sua mão aponta, sua boca grunhe, e Julio Reátegui o que disse?, e o intérprete: insultando, senhor, você diabo sendo, dizendo, senhor.

Não havia ninguém no corredor, só o barulho do salão, a lâmpada pendurada no teto tinha um celofane azul em volta e uma luz de amanhecer banhava o papel de parede desbotado e as portas gêmeas. Josefino se aproximou da primeira e escutou, da segunda, na terceira alguém estava ofegando, um catre rangia levemente, Josefino bateu com os dedos e a voz da Selvática o que foi?, e uma desconhecida voz masculina o que foi? Correu para o fundo do corredor e lá não era o amanhecer e sim o crepúsculo. Ficou imóvel, escondido na discreta penumbra e depois uma fechadura rangeu, uma cabeleira negra invadiu a luz azul, uma mão puxou-a como uma cortina, brilharam uns olhos verdes. Josefino se mostrou, fez um sinal. Minutos depois saiu um homem em mangas de camisa, que mergulhou cantarolando escada abaixo. Josefino atravessou o corredor e entrou no quarto: a Selvática estava abotoando uma blusa amarela.

— Lituma chegou esta tarde — disse Josefino, como se desse uma ordem. — Está lá embaixo, com os León.

Um estremecimento repentino sacudiu o corpo da Selvática, suas mãos ficaram estáticas, encolhidas entre os botões. Mas não se virou nem disse coisa nenhuma.

— Não tenha medo — disse Josefino. — Ele não vai lhe fazer nada. Já sabe, e não ligou. Vamos descer juntos.

Ela não diz nada e continua abotoando a blusa, mas agora com uma grande lentidão, torcendo desajeitadamente cada botão antes de enfiá-lo, como se os dedos estivessem duros de frio. E, no entanto, todo o seu rosto transpirava e umas manchas úmidas tingiam a blusa nas costas e nas axilas. O quarto era minúsculo, sem janelas, iluminado por uma única lâmpada vermelha, e o zinco ondulante do teto roçava na cabeça de Josefino. A Selvática vestiu uma saia creme, lutou um instante com o fecho antes que este obedecesse. Josefino inclinou-se, apanhou no chão uns sapatos brancos de salto alto e entregou-os à Selvática.

— Você está suando de medo — disse. — Limpe o rosto. Não precisa ficar assustada.

Virou-se para fechar a porta e, quando girou de novo, a Selvática o olhava nos olhos, sem piscar, de lábios entreabertos, as narinas pulsando muito rápido, como se não conseguisse respirar direito ou se de repente estivesse sentindo odores fétidos.

— Você está bêbado? — perguntou depois, com uma voz temerosa e vacilante, enquanto esfregava furiosamente a boca com uma toalhinha.

— Um pouco — disse Josefino. — Estávamos comemorando a chegada dele na casa dos León. Trouxe um bom pisco de Lima.

Saíram e, no corredor, a Selvática andava devagar, com a mão apoiada na parede.

— Parece mentira, você ainda não se acostumou com o salto — disse Josefino. — Ou é a emoção, Selvática?

Ela não respondeu. Na tênue luz azul, seus lábios retos e espessos pareciam um punho apertado e suas feições eram duras e metálicas. Desceram a escada e ao seu encontro chegavam baforadas de fumaça morna e

de álcool, a luz diminuía, e quando o salão de baile surgiu aos seus pés, sombrio, ruidoso e lotado, a Selvática parou, ficou quase dobrada sobre o corrimão, seus olhos tinham crescido e revoavam sobre as silhuetas difusas com um brilho selvagem. Josefino apontou para o bar:

— Ao lado do balcão, aqueles que estão brindando. Não o reconheceu porque ele emagreceu muito. Está entre o harpista e os León, o de terno brilhante.

Tensa, segurando o corrimão, a Selvática tinha o rosto meio escondido pelos cabelos e uma respiração ansiosa e sibilante inflava o seu peito. Josefino pegou-a pelo braço, mergulharam entre os casais abraçados, e era como se afundassem em águas lamacentas ou tivessem que abrir caminho através de uma muralha asfíxiante de carne suada, fedores e ruídos irreconhecíveis. O tambor e os pratos do Bolas tocavam um *corrido* e às vezes o violão do Jovem Alejandro intervinha e a música se animava, mas quando as cordas se calavam voltava a ficar desenxabida e adquiria uma marcialidade lúgubre. Emergiram da pista de dança em frente ao bar. Josefino soltou a Selvática, a Chunga se endireitou na cadeira de balanço, quatro cabeças se viraram para olhá-los e eles pararam. Os León estavam muito alegres, don Anselmo despenteado, com os óculos caídos, e a boca de Lituma, cheia de espuma, parecia torta, sua mão procurava o balcão para largar o copo, seus olhinhos não se afastavam da Selvática, sua outra mão tinha começado a alisar o cabelo, a ajeitá-lo pressurosa e mecanicamente. De repente encontrou o balcão, sua mão livre afastou o Macaco e todo o seu corpo se adiantou, mas só deu um passo e ficou cambaleando como um pião sem forças para sair do lugar, os olhinhos abobalhados, e os León o seguraram quando já estava caindo. Seu rosto não se alterou, continuava olhando para a Selvática, respirou fundo e só quando já ia avançando até eles, lentamente, com um babador de espuma e saliva, sustentado pelos León, um pouco travado, hirto e dolorido, formou-se em seus lábios um simulacro de sorriso e seu queixo tremeu. Prazer em vê-la, garota, e a careta tomou todo o seu rosto, seus olhinhos revelavam agora um mal-estar insuportável, prazer em vê-lo, Lituma, disse a Selvática, e ele prazer em vê-la, garota, cambaleando. Os León e Josefino o cercaram, subitamente surgiu um brilho nos olhinhos, uma espécie de libertação e Lituma se inclinou, aproximou-se de Josefino, olá, colega querido, caiu em seus braços, que prazer em vê-lo irmão. Ficou abraçando Josefino, emitindo frases incompreensíveis e, às vezes, um surdo mugido, mas quando se separou parecia mais sereno, não se via mais a nervosa dança interior nos seus olhinhos e nem a careta, e sorria de verdade. A Selvática estava quieta, com as mãos entrelaçadas na frente da saia, o rosto emboscado atrás das mechas pretas e brilhantes.

— Garota, afinal nos reencontramos — disse Lituma, gaguejando um pouco, com o sorriso cada vez mais aberto. — Venha cá, vamos brindar, precisamos festejar a minha volta, sou o inconquistável número quatro.

A Selvática deu um passo em sua direção, sua cabeça se mexeu, o cabelo se afastou, duas chaminhas verdes resplandeceram suavemente em seus olhos. Lituma estendeu a mão, pegou-a pelos ombros, levou-a até o balcão e lá estavam os olhos abúlicos e impertinentes da Chunga. Don Anselmo ajeitou os óculos, suas mãos tateavam no ar, quando encontraram Lituma e a Selvática os apalpam carinhosamente, assim é que eu gosto, meninos, paternalmente.

— A noite dos encontros, velho querido — disse Lituma. — O senhor viu como me comportei bem. Encha os copos, Chunga Chunguita, e você também tome um.

Esvaziou seu copo num só gole e ficou ofegando, com o rosto úmido de cerveja, de saliva que pingava nas lapelas imundas do paletó.

— Que coração, primo — disse o Macaco. — Grande como o Sol!

— *Alma, corazón y vida* — disse Lituma. — Quero ouvir esta valsa, don Anselmo. Seja bonzinho, faça-me esse favor.

— Sim, não se esqueça da orquestra — disse a Chunga. — Lá no fundo estão protestando, pedindo por ele.

— Deixe-o um instantinho com a gente, Chunguita — disse a voz de José, pegajosa, adocicada, derretida. — Deixe este grande artista beber uns copinhos conosco.

Mas don Anselmo dera meia-volta e voltava docilmente para o canto dos músicos, tateando na parede, arrastando os pés, e Lituma, ainda abraçado à Selvática, bebia sem olhar para ela.

— Vamos cantar o hino — disse o Macaco. — Um coração como o Sol, primo!

A Chunga também começou a beber. Indolentes e opacos, semimortos, seus olhos observavam todos os presentes, os inconquistáveis e a Selvática, a massa escura de homens e moradoras que oscilava entre murmúrios e risos na pista de dança, os casais que subiam a escada, os grupos espalhados pelos cantos. Josefino, debruçado no balcão, não bebia, olhava de lado para os León que brindavam batendo os copos. E então soaram a harpa, o violão, o tambor, os pratos, um tremor percorreu a pista de dança. Os olhinhos de Lituma se entusiasmaram:

— *Alma, corazón y vida.* Ah, essas valsas me trazem tantas lembranças. Vamos dançar, garota.

Arrastou a Selvática sem olhar para ela, os dois se perderam entre os corpos aglomerados e as sombras, os León marcavam o compasso com as mãos e cantavam. Quietos e incômodos, o olhar da Chunga agora permanecia fixo em Josefino, como se quisesse contagiar-lhe sua infinita preguiça.

— Que milagre, Chunguita — disse Josefino. — Bebendo.

— Você está com um medo — disse a Chunga e, por um instante, uma luzinha zombeteira brilhou nos seus olhos. — Como ficou assustado, inconquistável.

— Não tenho nenhum motivo para me assustar — disse Josefino. — E você viu como cumpro a minha palavra, não houve a menor confusão.

— Um medo maior que você — riu a Chunga meio a contragosto —, um medo que faz sua voz tremer, Josefino.



### III

As pernas nuas do sargento pendiam da escadinha do posto e em volta tudo ondulava, os morros florestados, os paus-mulatos da praça de Santa María de Nieva, até os casebres balançavam como ondas com a passagem do vento morno e sibilante. O vilarejo estava em breu total e os guardas roncavam, nus debaixo dos mosquiteiros. O sargento acendeu um cigarro e dava as últimas tragadas quando, de repente, atrás do bosquezinho de juncos, silenciosa, trazida pelas águas do Nieva, apareceu a lancha, com sua palhoça cônica na popa, umas silhuetas evoluindo na cobertura. Não havia neblina e do posto via-se claramente o cais à luz do luar. Uma figurinha saltou da lancha, correu esquivando as estacas da prainha, desapareceu nas sombras da praça e, instantes depois, já bem perto do posto, reapareceu, e agora o sargento podia reconhecer o rosto de Lalita, seu andar decidido, sua cabeleira, seus braços fornidos remando ao lado das cadeiras maciças. Ergueu o tronco e esperou que ela chegasse ao pé da escadinha:

— Boa noite, sargento — disse Lalita. — Ainda bem que o encontrei acordado.

— Estou de guarda, senhora — disse ele. — Boa noite. Desculpe.

— Por estar de cueca? — riu Lalita. — Não se preocupe, por acaso os índios não andam pior?

— Com este calor, eles têm razão em andar pelados — o sargento, quase de perfil, se escudava no parapeito. — Mas os insetos fazem um banquete com a gente, meu corpo está ardendo.

Lalita jogou a cabeça para trás e a luz da lamparina do posto iluminou seu rosto cheio de espinhas, incontáveis e ressecadas, e o cabelo solto também ondulava, em suas costas, como um manto yagua de fios finíssimos.

— Vamos para Pato Huachana — disse Lalita. — Temos um aniversário lá, os festejos começam de manhãzinha. Não conseguimos sair antes.

— Mas que alegria, senhora — disse o sargento. — Tomem uns copinhos à minha saúde.

— Também levamos os meninos — disse Lalita. — Mas a Bonifacia não quis ir. Continua com medo de gente, sargento.

— Que garota boba — disse o sargento. — Perder uma oportunidade dessas, é tão raro haver festa por aqui.

— Vamos ficar lá até quarta-feira — disse Lalita. — Se a coitada precisar de alguma coisa, o senhor pode ajudá-la?

— Com todo prazer, senhora — disse o sargento. — Mas a senhora viu, nas três vezes que fui à sua casa ela nem apareceu na porta.

— As mulheres são muito manhosas — disse Lalita —, ainda não percebeu? Agora que está sozinha, não lhe resta outro remédio, vai ter que sair. Dê uma passadinha lá, amanhã.

— Sem dúvida, senhora — disse o sargento. — Sabe que quando a lancha apareceu pensei que era o barco-fantasma? O tal dos esqueletos, que leva os sonâmbulos. Eu não era supersticioso, mas aqui me contagiei com vocês.

Lalita se persignou, fez um gesto de que se calasse, sargento, esqueceu que eles iam viajar de noite?, como falava dessas coisas. Até quarta então, ah, e Adrián mandava lembranças. Afastou-se como tinha vindo, correndo, e o sargento, antes de entrar no posto para se vestir, esperou que a figurinha se desenhasse outra vez entre as estacas e embarcasse na lancha: companheiro, estavam lhe preparando a arapuca. Vestiu a camisa, a calça e os sapatos, devagar, cercado pela respiração tranquila dos guardas e a lancha já devia estar se

afastando na direção do Marañón entre as canoas e as barcaças, com Adrián Nieves na popa, afundando e tirando a vara. Esse pessoal da selva viajava com casa e tudo, como aquele velho, o Aquilino, será que tinha mesmo vinte anos de rio?, que costumes. Ouvia-se o motor roncar, um bramido poderoso que apagou os adejos e os rumores, o canto dos grilos, e depois foi diminuindo, afastando-se, e os sons do mato ressuscitaram um após o outro, reconquistaram a noite: agora, novamente, só reinava o runrum vegetal e animal. Com um cigarro entre os lábios, a camisa arregaçada até os cotovelos, o sargento desceu a escadinha espiando em todas as direções e foi até a cabana do tenente: uma respiração sufocada, quase trêmula, atravessava a tela metálica. Avançou pela trilha, depressa, em meio a grasnidos indiferenciados, pupilas luminosas de mochos ou corujas e a miúda, exasperada melodia dos grilos, sentindo na pele toques furtivos, espetadas como que de alfinete, amassando matinhos tenros que rangiam, folhas secas que sussurravam ao se desmanchar sob os seus pés. Ao chegar à cabana do piloto Nieves, virou-se: umas transparências esbranquiçadas desvaneciam o povoado, mas no alto das colinas a residência das madres reluzia nitidamente com suas paredes claras, seus zircos brilhantes, e também se divisava a fachada da capela e sua torre fina e cinzenta, empinada em direção ao vasto vazio azul. A muralha circular do bosque, sempre agitada por um suave tremor, proferia sem trégua um ronronar idêntico, uma espécie de bocejo gutural interminável, e na poça onde os pés do sargento estavam submergidos, sanguessugas de corpos quentes e gelatinosos golpeavam furtivamente seus tornozelos. Ele se inclinou, molhou a testa, subiu a escadinha. O interior do casebre estava às escuras e um odor intenso, diferente do cheiro do bosque, emanava das vigas, como se houvesse ali restos de comida ou algum cadáver decomposto e então, na chácara, um cachorro latiu. Alguém podia estar observando o sargento pela abertura que separava o muro do teto, duas dessas rumorosas luzinhas podiam ser olhos de mulher e não vaga-lumes: era ou não era um mangache?, onde estava a sua valentia? Percorria a varanda nas pontas dos pés, olhando para os lados, o cachorro continuava ganindo ao longe. A cortina estava aberta e o negro buraco do casebre exalava cheiros densos.

— Sou o sargento, don Adrián — gritou. — Desculpe acordá-lo.

Um som desajeitado, uma agitação instantânea ou um gemido, e de novo o silêncio. O sargento foi até a soleira, levantou a lanterna e acendeu-a: uma pequena lua amarela e redonda vagou nervosamente por cima de jarros de barro, espigas de milho, panelas, um balde de água, don Adrián: o senhor está aí? Preciso falar com o senhor, don Adrián, e enquanto o sargento balbuciava, a lua escalava o muro leve e pálida, mostrando prateleiras cheias de latas, e arrastando-se pelas tábuas ia avidamente de um braseiro apagado até uns remos, de uns cobertores até um rolo de cordas e, de repente, uma cabeça abaixando, uns joelhos, dois braços que se dobram: boa noite, don Adrián não estava? A lua parou sobre o vulto da mulher encolhida, sua luz rançosa tremia sobre uns quadris imóveis. Por que fingia que estava dormindo? O sargento falava e ela não respondia, por que fazia isso, deu dois passos e a cabeça mergulhou mais um pouco embaixo dos braços, por quê, senhorita: sua pele era tão clara como o disco que a percorria, uma *itipak* rústica cobria seu corpo dos joelhos até os ombros. O sargento sabia tratar as pessoas, por que tinha medo dele, por acaso vinha roubar? O sargento passou a mão por sua testa e a lua vibrou, enlouqueceu, a mulher tinha desaparecido e agora a auréola amarela a procurava, resgatava uns pés, uns tornozelos. Ela continuava na mesma posição, mas agora o corpo deitado delatava um calafrio, um movimento que se repetia em lampejos muito breves. Ele não era ladrão, sargento não era coisa pouca, tinha salário, casa e comida, não precisava roubar de ninguém, e nem estava doente. Por que fazia isso, senhorita? Que se levantasse, ele só queria conversar um pouco, para se conhecerem melhor, certo? Deu mais dois passos e se agachou. Ela havia parado de tremer e agora era uma forma rígida, não a ouvia respirar, por que tinha medo dele, diga, e o sargento estendeu a mão, diga, temerosamente até seus cabelos, não precisava ter medo dele, garota, o contato de uns filamentos ásperos na gema dos dedos e, como uma revolução na sombra, uma coisa dura se levantou, bateu e o sargento caiu sentado, gesticulando no escuro. Por um segundo a lua desenhou uma

silhueta atravessando a soleira, na varanda as tábuas rangeram sob os pés precipitados que iam fugindo. O sargento saiu correndo e ela estava no outro extremo, inclinada sobre o parapeito, sacudindo a cabeça como uma louca, garota, não vá se jogar no rio. O sargento escorregou, merda, e continuou correndo, está pensando o que, venha cá, garota, e ela continuava pulando, batendo no parapeito, atordoada como um inseto aprisionado no vidro de um lampião. Não se jogava no rio nem lhe respondia, mas quando o sargento segurou-a pelos ombros ela se virou e enfrentou-o como uma ferinha, garota, por que o arranhava?, o tabique e o parapeito começaram a ranger, por que o mordida?, amortecendo o surdo ofegar dos dois corpos lutando, mas por que o arranhava, garota?, e a voz ansiosa, estridente da mulher. A pele, a camisa e a calça do sargento estavam úmidos, o hálito do bosque era uma onda solar que o estava invadindo, impregnando, garota. Já conseguira prender suas mãos, com todo o corpo esmagou-a contra o muro e, de repente derrubou-a com o pé e caiu junto com ela, não se machucou, bobinha? No chão, ela quase não se defendia porém gemia mais alto, e o sargento parecia inflamado, garota, garota, dizia palavrões apertando os dentes, viu? É pouco a pouco ia montando em cima dela, *mamita*. Ele só viera conversar, e foi ela, bandida, foi ela que o deixou assim, garota, e embaixo do seu corpo o corpo dela se mostrava arredio mas resignado. Mexeu-se levemente quando a mão do sargento puxou a *itípak* e arrancou-a, e depois ficou imóvel enquanto ele acariciava seus ombros molhados, os seios, a cintura, garota: ela o deixava doido, sonhava com ela desde o primeiro dia, por que tinha fugido?, bobinha, não estava excitadinha também? Ela às vezes dava um soluço, mas não resistia mais, estava dura e inerte, ou mole e inerte, mas apertava as coxas com obstinação, não seja boba, garota, por que fazia isso, diga?, que o abraçasse um pouquinho, e a boca do sargento pugnava para separar aqueles lábios soldados e todo o seu corpo começou a ondular, a chocar-se contra o outro, garota, que malvada, o que estava fazendo, por que não queria e abria a boquinha, as pernas, *mamita*: sonhava com ela desde o primeiro dia. Depois o sargento sossegou e sua boca se separou dos lábios fechados, seu corpo caiu para um lado e ficou deitado de costas nas tábuas, respirando com dificuldade. Quando abriu os olhos, ela estava em pé, olhando-o, e seus olhos fosforesciam na penumbra, sem hostilidade, com uma espécie de assombro tranquilo. O sargento se levantou, apoiando-se no parapeito, esticou a mão e ela deixou que tocasse em seus cabelos, no rosto, garota, olhe como o tinha deixado, que boboca era, tirando o corpo, e a abraçou e beijou agressivamente. Ela não resistiu e, instantes depois, com acanhamento, suas mãos pousaram nas costas do sargento, sem força, como que descansando, garota: nunca tinha ficado com um homem, diga? Ela se arqueou um pouco, empinou o corpo, pôs a boca no ouvido do sargento: não tinha ficado até hoje, patrãozinho, não.

— Estávamos no rio Apaga, os huambisas encontraram umas pegadas — disse Fushía. — E deixei aqueles cachorros me passarem a perna. Temos que segui-los, patrão, devem estar cheios de seringa, vão entregar tudo o que juntaram no ano. Eu fui na conversa deles e seguimos as pegadas, mas aqueles cachorros não estavam atrás de seringa, queriam é briga.

— São huambisas — disse Aquilino. — Você já devia conhecê-los, Fushía. E foi assim que encontraram os shapras?

— Sim, às margens do Pushaga — disse Fushía. — Não tinham nem uma pela de látex, e mataram um huambisa antes de desembarcar. Os outros ficaram furiosos e não conseguimos segurá-los. Você nem imagina, Aquilino.

— Claro que imagino, devem ter feito uma carnificina horrível — disse Aquilino. — São os pagãos mais vingativos. Mataram muitos?

— Não, quase todos os shapras tiveram tempo de correr para o mato — disse Fushía. — Só havia duas mulheres quando entramos. De uma cortaram a cabeça, e a outra é a que você conhece. Mas não foi fácil levá-la para a ilha. Tive que puxar o revólver, eles também queriam matá-la. Foi assim que começou a

história da shapra, velho.

Chegaram dois huambisas? Lalita correu para o povoado, com o Aquilino agarrado na saia, e umas mulheres estavam chorando e gritando: tinham matado um homem no Pushaga, patroa, os shapras o tinham matado com uma flecha envenenada. E o patrão e os outros? Não houve nada com eles, iam chegar mais tarde, vinham devagar, com muita carga que tinham embarcado numa aldeia aguaruna do Apaga. Lalita não voltou para a cabana, ficou junto às paineiras olhando para a lagoa, a boca do canal, esperando que aparecessem. Mas se cansou de esperar e foi andar pela ilha, com o Aquilino ainda agarrado na saia: o tanque das tartarugas, os três casebres dos cristãos, a aldeia huambisa. Os pagãos já tinham perdido o medo das paineiras, viviam entre elas, tocando nos troncos, e as parentes do morto continuavam em prantos, rolando no chão. O Aquilino correu para junto de umas velhas que estavam trançando folhas de ungurabi. Temos que trocar os tetos, diziam, senão a chuva vai entrar e nos molhar.

— Que idade tinha a shapra quando você a levou para a ilha? — disse Aquilino.

— Era garotinha, uns doze anos — disse Fushía. — E era cabaço, Aquilino, ninguém tinha encostado nela. E não se comportava feito um animal, velho, ela respondia aos carinhos, era mimosa como um cachorrinho.

— Coitada da Lalita — disse Aquilino. — Que cara deve ter feito quando o viu chegar com ela, Fushía.

— Não tenha pena dessa cadela — disse Fushía. — Só lamento não ter feito essa ingrata sofrer bastante.

Eram ferozes, brigões? Talvez, mas bondosos com o Aquilino. Ensinaram o menino a fazer flechas, arpões, deixavam-no brincar com as varetas que estavam lixando para fazer zarabatanas, e podiam ser fracos em certas coisas, mas não foram eles que fizeram os barracos e os roçadinhos e as mantas?, não traziam comida quando as latas de don Aquilino acabavam? E Fushía ainda bem que são pagãos e se contentam com as lutas e vinganças, se tivéssemos que dividir os lucros com eles ficaríamos pobres, e Lalita se ficassem ricos algum dia, Fushía, seria graças aos huambisas.

— Quando eu era moço, em Moyobamba, ia com outros rapazes espiar as mulheres dos lamistas — disse Aquilino. — Às vezes uma se afastava e nós pulávamos em cima sem ver se era velha ou jovem, bonita ou feia. Mas nunca é igual com uma índia que com uma cristã.

— Com essa me aconteceu uma coisa diferente, velho — disse Fushía. — Eu não gostava só de foder com ela, também gostava de ficar na rede com ela e fazê-la rir. E dizia que pena eu não saber shapra para poder conversar.

— Caramba, Fushía, você está sorrindo — disse Aquilino. — É só lembrar dela e já fica mais contente. O que gostaria de dizer a ela?

— Qualquer coisa — disse Fushía —, como se chama, fique de costas, ria outra vez. Ou que me fizesse perguntas sobre a minha vida, e eu lhe contasse.

— Puxa, homem — disse Aquilino. — Você se apaixonou pela indiazinha.

No começo era como se não a vissem ou ela não existisse. Lalita passava e continuavam amassando o tucumã, tirando as fibras e não levantavam a cabeça. Depois, as mulheres começaram a se virar, a rir com ela, mas não lhe respondiam e ela será que não entendiam? Fushía proibia que falassem com ela? Mas brincavam com o Aquilino e, uma vez, uma huambisa correu, alcançou-os e pôs um colar de sementes e conchas no Aquilino, essa huambisa que foi embora sem se despedir e nunca mais voltou. E Fushía isso é que era o pior, vinham quando queriam, iam embora quando bem entendiam, voltavam sem mais nem menos vários meses depois: era horrível lidar com os pagãos, Lalita.

— A coitada tinha pânico deles, quando via um huambisa se jogava aos meus pés e me abraçava tremendo — disse Fushía. — Tinha mais medo dos huambisas que do diabo, velho.

— Quem sabe a mulher que mataram no Pushaga era a mãe dela — disse Aquilino. — E depois, você

esqueceu que todos os pagãos odeiam os huambisas? Eles são orgulhosos, desprezam todo mundo, são mais malvados que qualquer outra tribo.

— Prefiro os huambisas a todos os outros — disse Fushía. — Não só porque me ajudaram. Gosto da maneira de ser deles. Você já viu algum huambisa como criado ou peão? Eles não se deixam explorar pelos cristãos. Só gostam de caçar e lutar.

— Por isso vão desaparecer todos, não vai sobrar um de amostra — disse Aquilino. — Mas você os explorou um bocado, Fushía. Todo o estrago que eles fizeram no Morona, no Pastaza e no Santiago era para você ganhar dinheiro.

— Era eu quem conseguia as armas e os levava até onde seus inimigos estavam — disse Fushía. — Eles não me viam como patrão e sim como aliado. O que vai ser da shapra agora. Já a tomaram do Pantacha, na certa.

As parentes do morto continuavam chorando e se furavam com espinhos até sair sangue, patroa, é para descansar, junto com o sangue ruim iam embora as tristezas e os sofrimentos, e Lalita quem sabe era mesmo verdade, algum dia em que estivesse sofrendo ela se furaria para ver. E de repente os homens e mulheres se levantaram e correram para o barranco. Subiam nas paineiras, apontavam para a lagoa, estavam chegando? Sim, da boca do canal saiu uma canoa, um ponteiro, Fushía, muita carga, outra canoa, Pantacha, Jum, mais carga, huambisas e o piloto Nieves. E Lalita olhe Aquilino, quanto látex, nunca tinha visto tanto, Deus os ajudou, logo, logo ficariam ricos e iriam para o Equador, e o Aquilino berrava, será que entendia?, mas coitado do huambisa que tinham matado.

— Deve ter ficado sem mulher e sem patrão — disse Fushía. — O coitado deve ter me procurado em todos os lados, coitado, deve ter chorado e gritado de tristeza.

— Você não pode ter tanta pena do Pantacha — disse Aquilino. — É um cristão irrecuperável, as infusões o deixaram maluco. Nem deve ter percebido que você sumiu. Quando cheguei à ilha, na última vez, ele nem sequer me reconheceu.

— Quem você acha que me deu de comer desde que aqueles malditos foram embora? — disse Fushía. — Ele cozinhava, ia caçar e pescar para mim. Eu não podia me levantar, velho, e ele o tempo todo ao lado da minha cama, feito um cachorro. Deve ter chorado, velho, garanto.

— Até eu tomei aquelas infusões, uma vez — disse Aquilino. — Mas o Pantacha se viciou e vai morrer logo.

Os huambisas descarregavam as pelas pretas, os couros, chapinhavam entre as canoas, Lalita dava adeusinho do barranco, e então ela apareceu: não era huambisa, nem aguaruna, e parecia vestida de festa: colares verdes, amarelos, vermelhos, um diadema de penas, discos nas orelhas e uma *itípak* comprida, com estampas negras. As huambisas do barranco também a olhavam, shapra?, shapra, murmuravam e Lalita pegou o Aquilino, correu até a cabana e sentou-se na escadinha. Estavam demorando, ao longe se via os huambisas passar, com o látex no ombro, e o Pantacha estendendo os couros ao sol. Por fim veio o piloto Nieves, com o chapéu de palha na mão: tinham ido longe, patroa, e enfrentaram muitos redemoinhos, por isso a viagem durou tanto e ela mais de um mês. Tinham matado um huambisa, no Pushaga, e ela já sabia, os que chegaram esta manhã já lhe haviam contado. O piloto pôs o chapéu e entrou no seu barraco. Mais tarde chegou Fushía, e a shapra o seguia. Sua cara também era de festa, muito pintada, e quando ela andava chacoalhavam os brincos, os colares, Lalita: trouxera esta empregada para ela, uma shapra do Pushaga. Estava assustada com os huambisas, não entendia nada, tinha que lhe ensinar um pouco de cristão.

— Você sempre fala mal do Pantacha — disse Fushía. — Sempre tem bom coração com todo mundo, velho, menos com ele.

— Eu o recolhi e levei para a ilha — disse Aquilino. — Se não fosse por mim, faz tempo que estaria morto. Mas ele me dá nojo. Fica feito um animal, Fushía. Pior ainda, olha sem olhar, ouve sem ouvir.

— Eu não sinto nojo porque conheço a história dele — disse Fushía. — O Pantacha não tem personalidade e quando sonha se sente forte e esquece umas desgraças que lhe aconteceram, e de um amigo que morreu no Ucayali. Onde o encontrou, velho? Por lá, mais ou menos?

— Mais abaixo, numa prainha — disse Aquilino. — Estava sonhando, seminu e morto de fome. Percebi que estava fugindo. Então lhe dei comida e ele lambeu as minhas mãos, igual a um cachorro, como você dizia antes.

— Sirva-me um copinho — disse Fushía. — E agora vou dormir vinte e quatro horas. Fizemos uma viagem muito ruim, a canoa do Pantacha virou antes de entrar no canal. E no Pushaga tivemos um pega com os shapras.

— Dê essa aí para o Pantacha ou para o piloto — disse Lalita. — Eu já tenho empregadas, não preciso dela. Para que a trouxe?

— Para ajudar você — disse Fushía. — E porque esses cachorros queriam matá-la.

Mas Lalita começou a choramingar, por acaso não era uma boa mulher?, não o tinha acompanhado o tempo todo?, pensava que era boba?, não fazia sempre o que ele queria? E Fushía se despia, tranquilo, jogando a roupa para o alto, quem é que mandava aqui?, desde quando discutia com ele? E afinal, que merda: o homem não era como a mulher, tinha que variar um pouco, ele não gostava de choramingo e, além do mais, por que estava reclamando, a shapra não ia tirar nada dela, já disse, ia ser empregada.

— Você a deixou desmaiada, sangrando — disse Aquilino. — Eu cheguei um mês depois e a Lalita ainda estava cheia de equimoses.

— Então lhe contou que eu bati nela, mas não contou que queria matar a shapra — disse Fushía. — Quando eu estava quase adormecendo, vi que ia pegar o revólver e me deu raiva. Além do mais, essa cadela se vingou direitinho das vezes que bati nela.

— A Lalita tem um coração de ouro — disse Aquilino. — Se fugiu com Nieves, não foi para se vingar de você, e sim por amor. E se quis matar a shapra, foi por ciúmes, não por ódio. Também ficou amiga dela mais tarde?

— Mais que das achuales — disse Fushía. — Você não viu, por acaso? Não queria que eu passasse a outra para o Nieves, dizia é melhor que ela fique, é a que mais me ajuda. E quando o Nieves passou-a para o Pantacha, as duas choraram juntas. Ensinou a shapra a falar em cristão e tudo.

— As mulheres são esquisitas, às vezes é difícil entendê-las — disse Aquilino. — Agora vamos comer um pouco. Só que os fósforos se molharam não sei como acender este fogareiro.

Já era velha, morava sozinha e seu único companheiro era o burro, esse burro de pelagem amarelada e andar lento e faustoso, no qual toda manhã carregava os cestos com a roupa trazida na véspera das casas dos maioraes. Assim que a chuva de areia parava, Juana Baura saía da Gallinacera com uma vara de alfarrobeira na mão com a qual, de quando em quando, estimulava o animal. Virava onde a mureta se interrompe do Malecón, descia aos pulinhos uma encosta poeirenta, passava embaixo dos suportes metálicos da Ponte Velha e se instalava onde o Piura comeu um pedaço da margem e formou um pequeno remanso. Sentada numa pedra do rio, com água até os joelhos, começava a lavar, e enquanto isso o burro, como faria um homem ocioso ou muito cansado, deixava-se cair na praia fofa, dormia, tomava sol. Às vezes havia outras lavadeiras com quem conversar. Quando estava sozinha, Juana Baura torcia uma toalha, cantarolava, umas anáguas, esse curandeiro ladrão quase me mata, ensaboava um lençol, amanhã é a primeira sexta-feira do mês, padre García me arrependo do que pequei. O rio tinha branqueado seus tornozelos e suas mãos, que continuavam lisos, frescos e jovens, mas o tempo enrugava e escurecia cada vez mais o resto do corpo. Ao entrar no rio, seus pés costumavam afundar num leito de areia mole; às vezes, em lugar da fraca resistência habitual, encontravam uma matéria sólida, ou algo viscoso e escorregadio como um peixe preso na lama: só

essas minúsculas diferenças alteravam a rotina idêntica das manhãs. Mas naquele sábado ouviu de repente um soluço às suas costas, lancinante e muito próximo: perdeu o equilíbrio, caiu sentada na água, o cesto que tinha na cabeça virou, as peças de roupa se afastavam flutuando. Resmungando, gesticulando, Juana recuperou o cesto, as camisas, as cuecas e os vestidos, e então viu don Anselmo: estava com a cabeça abaixada, entre as mãos, e a água da margem molhava suas botas. O cesto caiu de novo no rio e, antes que a água o enchesse e afundasse, Juana estava na praia, ao lado dele. Confusa, balbuciou algumas palavras de surpresa e de consolo, e don Anselmo continuava chorando sem levantar a cabeça. “Não chore”, dizia Juana, e o rio se apoderava da roupa, levando-a silenciosamente. “Por Deus, acalme-se, don Anselmo, o que houve, está doente?, o doutor Zevallos mora ali em frente, quer que o chame?, não sabe que susto me deu.” O burro tinha aberto os olhos, olhava a cena obliquamente. Don Anselmo devia ter chegado ali havia um bom tempo, sua calça, sua camisa e seus cabelos estavam salpicados de areia, o chapéu ao lado dos seus pés quase coberto de terra. “Pelo mais sagrado, don Anselmo”, dizia Juana, “o que há com o senhor, deve ser uma coisa muito triste para ficar chorando assim feito mulher”. E Juana se persignou quando ele levantou a cabeça: pálpebras inchadas, grandes olheiras, barba crescida e suja. E Juana “don Anselmo, don Anselmo, será que posso ajudá-lo”, e ele “senhora, eu a estava esperando” e sua voz se cortou. “A mim, don Anselmo?”, disse Juana, de olhos arregalados. E ele assentiu, pôs de novo a cabeça entre os braços, soluçou e ela “mas, don Anselmo”, e ele uivou “a Antoninha morreu, dona Juana”, e ela “o que está dizendo, meu Deus, o que está dizendo?”, e ele “morava comigo, não me odeie”, e sua voz se quebrou. Então estendeu o braço com grande esforço e apontou para o areal: a construção verde relampejava sob o céu azul. Mas Juana Baura não a via. Aos tropeções chegava ao Malecón, corria e gritava espavorida. Quando passava as janelas se abriam e apareciam rostos surpresos.

Julio Reátegui levanta a mão: chega, que fosse embora. O cabo Roberto Delgado se endireita, solta a correia, limpa o rosto congestionado e suado e o capitão Quiroga: foi um exagero, você é surdo ou não entende as ordens? Aproxima-se do urakusa deitado, empurra com o pé, o homem geme debilmente. Estava fingindo, meu capitão, queria bancar o espertinho, o senhor ia ver. O cabo pragueja, esfrega as mãos, toma impulso, chuta e, no segundo pontapé, o aguaruna pula como um felino, caramba, o cabo tinha razão, sujeito resistente, e corre veloz, bronzeado, agachado, o capitão pensava que ele tinha se excedido. Só restava um, senhor Reátegui, e além do Jum, ele também? Não, esse teimoso ia ser levado para Santa María de Nieva, capitão. Julio Reátegui bebe um gole do cantil e cospe: que trouxessem o outro e acabassem logo com aquilo, capitão, não estava cansado? Queria um golinho? O cabo Roberto Delgado e dois soldados vão até a cabana dos prisioneiros, no centro da clareira. Um soluço quebra o silêncio da aldeia e todos olham para as barracas: a menina e um soldado estão forcejando perto do barranco, esfumado contra um céu que já escurece. Julio Reátegui levanta-se, põe as mãos em concha: o que foi que eu lhe disse, soldado? Que ela não visse, por que não a levava para a barraca e o capitão que porra!, o punho em alto: que brincasse com ela, que a distraísse. Uma chuva miúda cai sobre as palhoças de Urakusa e do barranco sobem nuvenzinhas de vapor, o mato manda baforadas de ar quente para a clareira, o céu já está cheio de estrelas. O soldado e a menina desaparecem dentro de uma barraca e o cabo Roberto Delgado e dois soldados chegam arrastando um urakusa que para diante do capitão e grunhe alguma coisa. Julio Reátegui faz um gesto para o intérprete: castigo por desrespeitar a autoridade, nunca mais bater num soldado, nunca enganando patrão Escabino, senão voltariam e o castigo seria pior. O intérprete berra e gesticula e, enquanto isso, o cabo respira fundo, esfrega as mãos, pega a correia, senhor. Traduzindo?, sim, entendendo?, sim e o urakusa, baixinho, barrigudo, anda de um lado para outro, pula como um grilo, olha torto, tenta sair do círculo e os soldados giram, viram um redemoinho, puxam, empurram. Por fim o homem fica imóvel, tapa o rosto e se encolhe. Aguenta firme por um bom tempo em pé, rugindo a cada correada, depois desaba e o governador levanta a

mão: que fosse embora, já estavam prontos os mosquiteiros? Sim, don Julio, tudo pronto, mas com ou sem mosquiteiros tinham devorado a cara do capitão a viagem toda, estava ardendo, e o governador cuidadinho com Jum, capitão, não vá deixá-lo sozinho. O cabo Delgado ri: não ia escapar nem se fosse bruxo, senhor, estava amarrado e além do mais montariam guarda a noite toda. Sentado no chão, o urakusa olha de esguelha para um e para outro. Não está mais chovendo, os soldados trazem lenha seca, acendem uma fogueira, brotam chamas altas perto do aguaruna que coça suavemente o peito e as costas. O que esperava, mais açoites? Ouvem-se risos entre os soldados, e o governador e o capitão olham para eles. Estão de cócoras em frente à fogueira, o crepitar das chamas ruboriza e deforma seus rostos. Por que esses risinhos? Venha cá, você, e o intérprete se aproxima: enjoado ficando. Meu capitão. O oficial não entendia, que falasse mais claro e Julio Reátegui sorri: era o marido de uma das mulheres da cabana, e o capitão ah, por isso o bandido não ia embora, agora entendia. Era verdade, Julio Reátegui também tinha se esquecido dessas damas, capitão. Sigilosos, simultâneos, os soldados se levantam e se aproximam apinhados do governador: olhos fixos, bocas tensas, olhares ardentes. Mas o governador era a autoridade, don Julio, tinha que tomar as decisões, o capitão era um simples executor. Julio Reátegui examina os soldados enquistados uns nos outros; acima dos corpos indiferenciados, as cabeças vêm avançadas na sua direção, o lume da fogueira resplandece nas bochechas e nas testas. Não sorriem nem baixam os olhos, esperam imóveis, as bocas entreabertas, ora, o governador encolhe os ombros, se insistiam tanto. Impreciso, anônimo, um murmúrio vibra acima das cabeças, a roda de soldados se cinde em silhuetas, sombras que atravessam a clareira, sons de pisadas, o capitão tosse e Julio Reátegui faz uma expressão desalentada: estes aí já eram meio civilizados, capitão, e olhe como ficavam por causa de uns espantalhos cheios de piolhos, nunca ia entender os homens. O capitão tem um ataque de tosse, mas na selva eles não passam tantas privações, don Julio?, e se abana frenético em volta do rosto, não há mulheres na selva, eles pegam o que aparece, dá uma palmada na testa, e por fim ri nervoso: as mais novinhas tinham peito de negra. Julio Reátegui levanta o rosto, busca os olhos do capitão, este fica sério: naturalmente, capitão, isto também é verdade, quem sabe estava ficando velho, se fosse mais jovem, quem sabe não iria também com os soldados lá onde estão essas damas. O capitão agora bate no rosto, nos braços, don Julio, ia dormir, os insetos o estavam devorando, achava até que tinha engolido um, às vezes tinha pesadelos, don Julio, com nuvens de mosquitos que o atacavam. Julio Reátegui lhe dá uma palmadinha no braço: em Nieva ia lhe arranjar algum remédio, seria pior se ficasse lá fora, de noite havia tantos, que dormisse bem. O capitão Quiroga se dirige para as barracas em passos largos, sua tosse se perde entre as gargalhadas, palavrões e choros que explodem na noite de Urakusa como ecos de uma longínqua festa viril. Julio Reátegui acende um cigarro: o urakusa continua sentado à sua frente, observando-o de lado. Reátegui solta a fumaça para cima, há muitas estrelas e o céu é um mar de tinta, a fumaça sobe, espalha-se, dissolve-se, e aos seus pés a fogueira já está bocejando como um cachorro velho. Agora o urakusa se move, rastejando, tomando impulso com os pés, parece nadar embaixo da água. Mais tarde, quando a fogueira já está apagada, ouve-se um grito, ao lado da cabana?, brevíssimo, não, das barracas, e Julio Reátegui começa a correr, uma das mãos segurando o chapéu, joga o cigarro ao vento, sem parar entra na barraca e os gritos se interrompem, um catre range e na escuridão há uma respiração alarmada: quem estava lá?, o senhor, capitão? A menina estava assustada, don Julio, e ele viera ver, parece que o soldado a tinha assustado mas o capitão já lhe deu um esporro. Saem da barraca, o capitão oferece um cigarro ao governador e este recusa: ele se encarregava da menina, capitão, não precisava se preocupar, que fosse deitar-se. O capitão entra na barraca ao lado e Julio Reátegui, Tateando, volta ao catre de campanha, senta-se na ponta. Sua mão toca suavemente num corpinho rígido, percorre as costas nuas, os cabelos ressecados: pronto, pronto, não precisava mais ter medo daquele bruto, já tinha ido embora aquele bruto, ainda bem que ela gritou, em Santa María de Nieva ficaria contente, ia ver, as freirinhas eram muito boas, iam cuidar dela, a senhora Reátegui também ia cuidar dela. Sua mão acaricia os cabelos, as costas, até que o corpo da menina amolece e



sua respiração se tranquiliza. Na clareira continuam os gritos, palavrões mais inflamados e baforadas, e há corridas e silêncios bruscos: pronto, pronto, pobre criança, que dormisse agora, ele ia tomar conta dela.

A música tinha terminado, os León aplaudiam, Lituma e a Selvática voltaram para o balcão, a Chunga enchia os copos, Josefino continuava bebendo sozinho. Sob os jorrinhos anódinos de luz azul, verde e roxa, alguns casais continuavam na pista, evoluindo com ar maquinal e letárgico, ao compasso dos murmúrios e diálogos em volta. Também havia pouca gente nas mesas dos cantos; a maioria dos homens e moradoras e toda a euforia da noite se concentravam no bar. Amontoados e barulhentos, todos bebiam cerveja, as gargalhadas da mulata Sandra pareciam alaridos e um gordo de bigode e óculos empunhava o copo amarelo como uma bandeira, ele estivera na campanha do Equador como soldado raso, sim senhor, e não esquecia a fome, os piolhos, o heroísmo dos caboclos, nem os bichos-do-pé que se metiam pelas unhas e não saíam por nada no mundo, sim senhor, e o Macaco, subitamente, em altos brados: viva o Equador! Homens e mulheres emudeceram, os olhos risonhos do Macaco distribuía piscadas maliciosas a torto e a direito e, após alguns segundos de indecisão e de estupor, o gordo afastou José, segurou o Macaco pelas lapelas, sacudiu-o como um trapo, por que se metia com ele?, que repetisse se tivesse colhões, se fosse macho, e o Macaco ajeitava a roupa.

— Não admito piadas com o patriotismo, amigo — o gordo batia nas costas do Macaco, sem rancor. — Você me sacaneou, deixe eu lhe pagar uma bebida.

— Como eu gosto da vida! — disse José. — Vamos cantar o hino.

Todos se juntaram numa roda e, apertados contra o balcão, exigiam mais cervejas. Assim, exultantes e gregários, com os olhos ébrios, a voz berrante, molhados de suor, beberam, fumaram, discutiram e um jovem vesgo, de cabelos espetados como uma escova, abraçava a mulata Sandra, quero lhe apresentar a minha futura, companheiro, e ela abria a boca, mostrava as gengivas vermelhas e vorazes, os dentes de ouro, trêmula de tanto rir. De repente, pulou em cima do jovem como um grande felino, beijou avidamente sua boca e ele se debatia entre seus braços negros, era como uma mosca numa teia de aranha, protestava. Os inconquistáveis trocaram olhares cúmplices, zombeteiros, seguraram o vesgo, imobilizaram-no, aqui está, Sandra, de presente, pode comê-lo cru, ela o beijava, mordida, e uma espécie de entusiasmo convulsivo tomou o grupo, novos casais se agregavam e até os músicos saíram do seu canto. De longe, o Jovem Alejandro sorria languidamente e don Anselmo, seguido pelo Bolas, ia de um lado para outro, excitado, farejando a agitação, o que foi, o que aconteceu, conte. Sandra soltou sua presa, e quando o vesgo passou o lenço pelo rosto ficou todo borrado de batom, como um palhaço, e os outros lhe deram um copo de cerveja, ele derramou a bebida no rosto, foi aplaudido e, de repente, Josefino começou a procurar alguma coisa no meio do tumulto. Erguia-se, tornava a se abaixar, acabou saindo do círculo, rondou pelo salão derrubando cadeiras, sumindo e delineando-se no ar viciado e enfumaçado. Voltou correndo para o balcão.

— Eu tinha razão, inconquistável — disse a boca sem lábios da Chunga. — Você está com o diabo no corpo.

— Onde eles foram, Chunguita? Subiram?

— Não é problema seu — os olhos hirtos da Chunga o esquadrihavam como se fosse um inseto. — Está com ciúme?

— Ele a está matando — disse José, como uma assombração, puxando Josefino pelo braço. — Venha voando.

Atravessaram o grupo aos empurrões, o Macaco estava na porta com a mão apontando para as trevas, na direção do Quartel Grau. Saíram desembestados por entre os barracos da periferia que pareciam desertos, depois entraram no areal e Josefino tropeçou, caiu, levantou-se, continuou correndo, e agora os pés afundavam na terra, o vento vinha de frente e formava escuros redemoinhos de areia, e tinha que correr de

olhos fechados, contendo a respiração para seu peito não estourar. “A culpa é daqueles merdas”, rugiu Josefino, “eles se descuidaram”, e pouco depois, com a voz entrecortada, “mas até onde, porra”, quando já surgia à sua frente uma silhueta intermediária entre a areia e as estrelas, uma sombra maciça e vingativa:

— Pare por aqui, chega, seu desgraçado, cachorro, falso amigo.

— Macaco! — gritou Josefino. — José!

Mas os León também se atiraram contra ele e, como Lituma, soltavam os punhos e os pés e as cabeças. Ele estava ajoelhado e, à sua volta, tudo era cego e feroz, e quando queria se levantar e escapar da vertiginosa saraivada de pancadas um outro chute o derrubava, um soco o encolhia, uma mão puxava o seu cabelo e ele tinha que levantar o rosto e oferecê-lo aos golpes e às bicadas da areia que parecia entrar em torrentes por seu nariz e por sua boca. Depois era como se uma matilha rosnadora e extenuada estivesse ali, rondando uma fera vencida, ainda quente, farejando, vez por outra se exasperando, mordendo-a sem vontade.

— Está se mexendo — disse Lituma. — Seja homem, Josefino, quero ver você, levante-se!

— Deve estar conhecendo as Três Marias de perto, primo — disse o Macaco.

— Deixe-o, Lituma — disse José. — Você já fez o que queria. Não precisa de mais vingança. Não vê que ele pode morrer?

— Você iria de novo para a cadeia, primo — disse o Macaco. — Chega, não seja teimoso.

— Pau nele, pau nele — a Selvática se aproximou, sua voz não era violenta, era surda. — Pau nele, Lituma.

Mas, em vez de fazer o que lhe pedia, Lituma virou-se contra ela, derrubou-a na areia com um empurrão e aos pontapés, sua puta, desgraçada, sete porras, xingando-a até que perdeu a voz e as forças. Então caiu na areia e começou a soluçar como uma criança.

— Primo, pelo amor de Deus, acalme-se.

— Vocês também têm culpa — gemia Lituma. — Todos me enganaram. Desgraçados, traidores, deveriam morrer de remorso.

— Por acaso não tiramos o sujeito da Casa Verde, Lituma? Por acaso não ajudamos a bater? Sozinho você não conseguiria.

— Nós já vingamos você, priminho. E até a Selvática, vê como ela o arranha?

— Estou falando de antes — dizia Lituma, entre espasmos e soluços. — Todo mundo sabendo e eu lá, sem ideia de nada, feito um imbecil.

— Primo, homem não chora. Não fique assim. Nós sempre gostamos de você.

— O que passou, passou, irmão. Seja homem, seja mangache, não chore.

A Selvática havia se afastado de Josefino que, encolhido no chão, gemia baixinho, e ela e os León animavam Lituma, que tivesse fibra, os homens crescem com as desgraças, e o abraçavam, limpavam sua roupa, tudo esquecido?, começamos de novo?, irmão, primo, Lituma. Ele balbuciava, ainda não totalmente consolado, às vezes se enfurecia e chutava o homem no chão, depois sorria, ficava triste.

— Vamos, Lituma — disse José. — Talvez tenham nos visto por aqui. Se chamarem os milicos estamos encencados.

— Para a Mangachería, priminho — disse o Macaco. — Podemos acabar aquele pisco que você trouxe, vai levantar o seu ânimo.

— Não — disse Lituma. — Quero voltar para a casa da Chunga.

Começou a andar pelo areal, em passos resolutos. Quando a Selvática e os León o alcançaram entre os barracos do bairro, Lituma havia começado a assobiar furiosamente e Josefino vinha mais atrás, mancando, reclamando e vociferando.

— Isto aqui está pegando fogo — o Macaco segurou a porta para que os outros entrassem primeiro. — Só faltamos nós.

O gordo de bigode e óculos veio recebê-los:

— Saúde, saudações, companheiros. Por que sumiram assim? Venham, a noite está começando.

— Música, harpista — exclamou Lituma. — Valsas, *tonderos*, *marineras*.

Foi cambaleando até o canto da orquestra, caiu nos braços do Bolas e do Jovem Alejandro, enquanto o gordo e o rapaz vesgo arrastavam os León até o bar e lhes ofereciam copos de cerveja. Sandra ajeitava os cabelos da Selvática, Rita e Maribel a bombardeavam com perguntas e as quatro cochichavam como vespas. A orquestra começou a tocar, o balcão ficou vazio, meia dúzia de casais dançava na pista entre as auréolas de luz azul, verde e roxa. Lituma chegou ao balcão morrendo de rir:

— Chunga, Chunguita, a vingança é doce. Ouviu? Ele está lá fora, berrando, não se atreve a entrar. Ficou quase morto.

— Não me interesso por histórias de ninguém — disse a Chunga. — Mas vocês são a minha desgraça. Fui multada na outra vez por sua culpa. Ainda bem que agora a confusão não foi na minha casa. O que vai beber? Aqui, quem não consome não fica.

— Que resposta mais grossa, Chunguita — disse Lituma. — Mas eu estou contente, sirva o que quiser. E para você também, por minha conta.

Agora o gordo queria levar a Selvática para a pista de dança e ela resistia, mostrava os dentes.

— O que há com esta dona, Chunga? — perguntou o gordo, bufando.

— O que é que você tem? — disse a Chunga. — Estão convidando você para dançar, não seja malcriada, por que não aceita?

Mas a Selvática continuava lutando:

— Lituma, diga a ele para me soltar.

— Não a solte, companheiro — disse Lituma. — E você, faça o seu trabalho, puta.

Três

O tenente só deixa de dar adeus quando a embarcação não passa de uma luzinha branca no rio. Os guardas põem as malas nos ombros, sobem até o cais, param na praça da Santa María de Nieva e o sargento aponta para os morros: entre as dunas florestadas brilham paredes brancas, zincos, ali era a missão, meu tenente, a ladeirinha pedregosa estava vazia, aquilo ali era chamado de residência, lá moravam as freirinhas, meu tenente, e à esquerda a capela. Silhuetas indígenas circulam pelo povoado, os tetos das cabanas são feitos de fibra vegetal e parecem capuzes. Mulheres de corpos enlameados e olhos indolentes moem alguma coisa ao pé de dois troncos descascados. Continuam andando e o oficial se vira para o sargento: quase não tinha conseguido falar com o tenente Cipriano, por que não ficou pelo menos para lhe passar as informações? É que se não aproveitasse a lancha teria que esperar um mês, meu tenente, e o tenente Cipriano estava doido para ir embora. Que não se preocupasse, o sargento lhe passaria tudo num instantinho e o Louro deixa uma das malas no chão e mostra o casebre: ali estava, meu tenente, a delegacia de polícia mais pobre do Peru, e o Pesado aquela ali na frente seria a sua casa, meu tenente, e o Pequeno mais tarde lhe conseguiriam duas empregadas aguarunas, e o Escuro empregada era a única coisa que havia de sobra neste povoado perdido. Ao passar, o tenente bate no escudo pendurado numa viga e ouve-se um som metálico. A escadinha da cabana não tem corrimão, as tábuas do assoalho e do tabique são grosseiras, irregulares, e no primeiro aposento vê cadeiras de vime, uma escrivaninha, uma flâmula desbotada. Ao fundo uma porta está aberta: quatro redes, alguns fuzis, um fogareiro, uma lixeira, que miséria. O tenente não queria uma cervejinha? Deviam estar geladas, tinham colocado no balde d'água de manhã cedo. O oficial aceita e o Pequeno e o Escuro saem da cabana — o governador se chamava Fabio Cuesta?; sim, um velho simpático, mas que fosse cumprimentá-lo mais tarde, meu tenente, a esta hora fazia a sesta — e voltam com copos e garrafas. Bebem, o sargento brinda pelo tenente, os guardas perguntam por Lima, o oficial quer saber como é o povo de Santa María de Nieva, quem é quem, boas pessoas as freirinhas da missão?, e se os índios dão dor de cabeça. Bem, continuariam a conversa à noite, o tenente queria descansar um pouco. Eles tinham encomendado uma comidinha especial ao Paredes, meu tenente, para festejar a sua chegada, e o Louro era o dono da cantina, meu tenente, onde todos comiam, e o Escuro também carpinteiro e o Pesado além disso meio bruxo, ele ia lhe apresentar, boa gente esse Paredes. Os guardas levam as malas para a cabana fronteira, o oficial segue atrás bocejando, entra e se deita no catre que ocupa o centro do quarto. Despede-se do sargento com uma voz sonolenta. Sem se levantar, tira o quepe, os sapatos. Tudo cheira a poeira e a fumo negro. Não há muitos móveis: uma cômoda, dois banquinhos, uma mesa, um lampião pendurado no teto. As janelas têm tela metálica: as mulheres continuam moendo na praça. O tenente se levanta, o outro aposento está vazio e tem uma pequena porta. Abre: o solo está dois metros abaixo, escondido por moitas e a poucos passos da cabana já é mato fechado. Desabotoa a calça, urina e quando volta ao primeiro quarto o sargento está lá de novo: outra vez esse desgraçado, meu tenente, um aguaruna que se chama Jum. E o intérprete: diabo dizendo, aguaruna, soldado mentindo, e silabariolima e limagoverno. Senhor. Arévalo Benzas olha para cima protegendo os olhos com as mãos, não era nada estúpido, don Julio, o pagão queria fazê-los pensar que estava louco, mas Julio Reátegui nega com a cabeça: não era isso, Arévalo, repetia a mesma cantilena o tempo todo, ele já sabia de cor. Tinha metido na cabeça essa história de silabários, mas quem diabo entendia. O sol vermelho e ardente abraça Santa María de Nieva e os soldados, indígenas e patrões aglomerados em volta dos paus-mulatos piscam, suam e murmuram. Manuel Águila se abana com um leque de palha: estava cansado, don Julio? Tivera muito trabalho em Urakusa? Um pouco, depois contaria com mais calma, agora Reátegui precisava ir um instante até a missão, já voltava, e eles concordam: iam esperá-lo

na casa de Governo, o capitão Quiroga e Escabino já estavam lá. E o intérprete: indo e vindo, pilotofugindo, urakusapatria, caralho, bandeiragoverno. Manuel Águila usa o leque como escudo contra o sol, mas mesmo assim lacrimeja: que não se canse, era à toa, quem fazia, pagava, intérprete, traduzindo aquilo. O tenente abotoa a calça com calma, e o sargento passeia pelo quarto, de mãos nos bolsos: não era a primeira vez que vinha, meu tenente. Um bocado de vezes já, até o dia em que o tenente Cipriano se irritou e lhe pregou um susto, só assim o pagão deixou de vir. Mas que esperto, na certa soube que o tenente Cipriano ia embora de Santa María de Nieva e veio correndo ver se conseguia alguma coisa com o novo tenente. O oficial termina de amarrar os sapatos, fica em pé. Pelo menos era amigável? O sargento faz um gesto vago: não fazia maldades mas, isso sim, era a teimosia ambulante, uma mula, ninguém tirava o que ele metia na cachola. Quando foi essa confusão? Quando o senhor Julio Reátegui era governador, antes de existir uma delegacia em Nieva, e o tenente fecha a porta da cabana com fúria, era o cúmulo, não passaram nem duas horas desde que chegara e já tinha trabalho, o índio podia ter aguentado até amanhã, não podia? E o intérprete: cabodelgado diabo! Diabo capitãoartemio! Meu cabo. Mas o cabo Roberto Delgado não se zanga, ri como riem os soldados e também alguns indígenas: que continuasse bancando o malvado, insultando a ele e ao capitão, que continuasse, veríamos quem ria por último. E o intérprete: com fome, meu cabo, enjoado, porra, barriga rodando, meu cabo, sede dizendo, davam água? Não, primeiro bebia o cabo, e levanta a voz: se alguém lhe desse água ou comida ia se entender com ele, que traduzisse isto para todos os pagãos de Santa María de Nieva, porque podiam se fazer de bobos ou de engraçadinhos, mas no fundo deviam estar é com raiva. E o intérprete: a putesua-mãe, meu cabo, escabinodiabo, insultando. Agora os soldados apenas sorriem, olham de esguelha para o cabo e ele muito bem, que xingasse a sua mãe outra vez, ia ver quando o baixassem. Um homem magro e bronzeado vem ao seu encontro, tira o chapéu de palha e o sargento faz as apresentações: Adrián Nieves, meu tenente. Ele sabia aguaruna e às vezes servia de intérprete, era o melhor piloto da região e trabalhava havia dois meses para a delegacia. O tenente e Nieves apertam as mãos e o Escuro, o Pequeno, o Pesado e o Louro se afastam da escrivania, ali estava, meu tenente, aquele era o pagão — era como chamavam os índios aqui — e o oficial sorri: ele pensava que os índios deixavam a cabeleira crescer até os pés, não esperava encontrar um carequinha. Uma penugem mínima cobre a cabeça de Jum e uma cicatriz reta e rosácea secciona sua testa minúscula. É de estatura mediana, gordo, usa uma *itipak* puída da cintura até os joelhos. No seu peito imberbe um triângulo arroxado trespassa três discos simétricos, três listras paralelas cruzam os pômulos. Também tem tatuagens de ambos os lados da boca: duas aspas pretas, pequeninas. Sua expressão é tranquila mas em seus olhos amarelos há vibrações indóceis, meio fanáticas. Depois do dia em que raspam a sua cabeça, ele continuou raspando sozinho, meu tenente, e era muito estranho porque não havia nada mais doloroso para os índios que tocar nas suas cabeleiras. O piloto Nieves podia explicar, meu tenente: era coisa de orgulho, estavam falando justamente disso enquanto esperavam sua chegada. E o sargento vamos ver se entendiam com don Adrián melhor que com o pagão, porque da outra vez o bruxo Paredes serviu de intérprete e ninguém entendia nada, e o Pesado que é dono da cantina alardeava que sabia aguaruna, mas não era verdade, só arranhava. Nieves e Jum rugem e gesticulam, tenente, que ele não podia voltar para Urakusa até que devolvessem tudo o que lhe tiraram, mas tinha saudade e por isso raspava o cabelo, para não poder voltar nem querendo, e o Louro não era uma coisa de doido? Sim, e agora que explicasse de uma vez o que queria que lhe devolvessem. O piloto Nieves se aproxima do aguaruna, grunhe alguma coisa apontando para o oficial, gesticula e Jum, que escuta imóvel, de repente assente e cospe: alto aí!, isto não era um chiqueiro, que não cuspsse. Adrián Nieves volta a colocar o chapéu, era só para que o tenente visse que ele dizia a verdade, e o sargento um costume dos índios, quem não cuspia ao falar estava mentindo e o oficial não se incomode, então ia dar um banho de saliva neles. Que acreditavam, Nieves, que não cuspsse mais. Jum cruza os braços e os discos do seu peito se deformam, o triângulo se enruga. Começa a falar velozmente, quase sem pausas, e

continua cuspiendo em volta. Não tira os olhos do tenente que bate o pé no chão e observa aborrecido a trajetória de cada cusparada. Jum agita as mãos, sua voz é muito enérgica. E o intérprete: roubando, porra, urakusasinga, garota, soldadomeureátegui, meu cabo. Cabeça quente! Para proteger os olhos do sol, o cabo Roberto Delgado puxou o quepe e o mantém inclinado para cima da testa: que continuasse fazendo escândalo, que gritasse, ele estava morrendo de rir. E que lhe perguntasse onde aprendeu tantos xingamentos. E o intérprete: contratoécontrato, pronto, patrão Escabino, entende, pronto, descendo, meu cabo. Os soldados estão se despindo e alguns já correm para o rio, mas o cabo Delgado continua embaixo dos paus-mulatos: descendo? Nada disso, ia ficar ali e que desse graças porque o capitão Artemio Quiroga era boa gente, se fosse por ele ia pagar caro. Por que não xingava sua mãe de novo, hein? Que se atrevesse, que bancasse o macho na frente dos seus patrícios que estavam olhando e do intérprete: bom, a putasuamãe. Meu cabo. Outra vez, que xingasse de novo, porque tinha sido para isso que o cabo ficara aqui e o tenente cruza as pernas e joga a cabeça para trás: história absurda, sem pé nem cabeça, de que silabários este bendito estava falando? Uns livros com figuras, meu tenente, para ensinar patriotismo aos selvagens; na casa de Governo ainda há alguns, muito estragados, don Fabio podia mostrar. O tenente olha indeciso para os guardas e, enquanto isso, o aguaruna e Adrián Nieves continuam resmungando a meia-voz. O oficial se dirige ao sargento, era mesmo verdade a história da tal garota? E Jum garota!, violentíssimo, porra!, e o Pesado psiu, o que o tenente estava falando, e o sargento psiu, quem sabe, aqui se roubavam garotas todos os dias, podia ser verdade, não diziam que esses bandidos do Santiago tinham formado um harém? Mas o pagão misturava tudo, e a gente ficava sem saber o que os silabários tinham a ver com o látex que ele reclamava e com a história dessa garota, meu compadre, era um rolo dos mil diabos. E o Pequeno foram os soldados, eles não tinham nada a ver com isso, por que não ia reclamar na guarnição de Borja?, berram e gesticulam, e o piloto Nieves: já tinha ido duas vezes e ninguém o atendeu, tenente. E o Louro, tem que ser muito rancoroso para continuar com essa história depois de tanto tempo, meu tenente, já podia ter esquecido. Berram e gesticulam e Nieves: que na aldeia dizem que a culpa é dele e não quer voltar para Urakusa sem a seringa, os couros, os silabários e a garota, para que todos vissem que Jum tinha razão. Jum fala de novo, agora devagar, sem levantar as mãos. As duas aspas minúsculas se mexem junto com seus lábios, como duas hélices que não conseguem arrancar e começam a girar e recuam e tentam outra vez e recuam. De que estava falando agora, don Adrián? E o piloto: estava lembrando, e também xingando os homens que o penduraram e o tenente de bater o pé: tinha sido pendurado? O Pequeno aponta vagamente para a praça de Santa María de Nieva: naqueles paus-mulatos, meu tenente. Paredes podia contar, ele estava lá, parecia um pirarucu, diz, era assim mesmo que penduravam os pirarucus para secar. Jum solta uma saraivada de grunhidos, dessa vez não cospe mas faz gestos frenéticos: foi pendurado nos paus-mulatos porque dizia a verdade, tenente, e o sargento sempre a mesma história, e o oficial, a verdade? E o intérprete: piruanos!, piruanos, porra! Meu cabo. Mas o cabo Delgado já sabia, não precisava que lhe traduzissem isso, não falava pagão mas tinha ouvidos, pensava que era um idiota? Ah, meu Deus, o tenente bate na mesa, ah, que confusão, neste ritmo não iam acabar nunca, piruanos queria dizer peruanos, certo?, era essa a verdade? E o intérprete: pior que sangrando, pior que morrendo, meu cabo. E boninopérez e teófilocañas, não entende. Meu cabo. Mas o cabo Delgado entendia: eram os nomes desses subversivos. Que os chamava à toa, que estavam bem longe, e que se voltassem também seriam pendurados. O Escuro está sentado numa beirada da escrivania, os outros guardas continuam em pé, meu tenente, foi um castigo, diziam. E que todos os patrões e soldados estavam furiosos, queriam matá-los mas que o governador da época, o senhor Julio Reátegui impediu. E quem eram esses sujeitos? Não tinham voltado mais? Agitadores, parecia, que se faziam passar por professores, meu tenente, e em Urakusa deram ouvidos a eles, os índios ficaram bravos e enganaram o patrão que comprava a seringa, e o Pesado um tal de Escabino, e Jum Escabino! berra porra! E o oficial silêncio, Nieves, que o mandasse ficar calado. Onde estava esse sujeito? Podiam falar com ele?

Bastante difícil, meu tenente, Escabino já morreu, mas don Fabio conheceu-o e era melhor falar com ele: ia lhe contar os detalhes e além do mais o governador era amigo de don Julio Reátegui. Nieves tampouco estava aqui quando aconteceram esses incidentes? Tampouco, tenente, ele tinha chegado a Santa María de Nieva havia dois meses, antes morava longe, no Ucayali e o Escuro: não foi só que enganaram o patrão, também havia a história desse cabo de Borja, as duas coisas se juntaram. E o intérprete: caboelgado diabo! Porra! O cabo Delgado abre todos os dedos das mãos e os mostra: dez xingadas de mãe, tinha contado direitinho. Que podia continuar xingando à vontade, ele estava aqui para isso. Sim, um cabo que ia de licença para Bagua, e um piloto e um ajudante foram com ele e em Urakusa os aguarunas os atacaram, surraram o cabo e o ajudante, o piloto desapareceu e alguns dizem que o mataram e outros que desertou, meu tenente, aproveitando a oportunidade. E por isso organizaram uma expedição, soldados de Borja e o governador daqui, e por isso tinham trazido este aí e o castigaram nos paus-mulatos. Não foi assim, mais ou menos, don Adrián? O piloto confirma, sargento, era o que tinha ouvido, mas como não estava aqui, quem sabe. Ahã, ahã, o tenente olha para Jum e Jum olha para Nieves, então ele não era tão santinho como parecia. O piloto resmunga e o urakusa replica, áspero e gesticulante, cuspiendo e esperneando: o que ele contava era muito diferente, tenente, e o tenente lógico, qual era a versão do meu compadre? Que o cabo estava roubando coisas e que o obrigaram a devolvê-las, o piloto fugiu nadando e que o patrão trapaceava com o látex e que por isso não quiseram mais vender a ele. Mas o tenente não parece ouvir e seus olhos examinam o aguaruna da cabeça aos pés, com curiosidade e um certo assombro: quanto tempo o tinham deixado pendurado, sargento? Um dia, e depois lhe deram uns açoites, dizia o bruxo Paredes, e o Escuro foi esse mesmo cabo de Borja quem deu, e o Louro como vingança pelos que os pagãos de Urakusa dariam nele, meu tenente. Jum avança um passo, fica na frente do oficial, cospe. Agora a expressão do seu rosto é quase risonha e seus olhos amarelos revoam maliciosamente, uma careta brincalhona rasga seus lábios. Toca na cicatriz da testa e lento, cerimonioso como um ilusionista, gira sobre os calcanhares e exhibe as costas: dois sulcos pintados de urucum descem dos ombros até a cintura, retilíneos, paralelos e brilhantes. Esta era outra loucura dele, meu tenente, sempre que vinha se pintava assim, e o Pequeno coisa dele, porque os aguarunas não costumam pintar as costas, e o Louro os boras sim, meu tenente, as costas, a barriga, os pés, o traseiro, pintavam o corpo todinho, e o piloto Nieves é para não esquecer dos açoites que recebeu, era esta a explicação que dava, e Arévalo Benzas enxuga os olhos: os miolos dele tinham derretido lá em cima, o que estava gritando? Piruanos, Arévalo, Julio Reátegui está encostado no pau-mulato, tinha passado a viagem toda gritando piruanos. E o cabo Roberto Delgado confirma, senhor, não parava de xingar todo mundo, o capitão, o governador, ele mesmo, não calava a boca de jeito nenhum. Julio Reátegui dá uma olhada rápida para cima, ia calar já, já, e quando inclina a cabeça está com os olhos úmidos, um pouco de paciência, cabo, que sol deixa a gente cego. E o intérprete: seu cabelo dizendo, silabário, garota. Senhor. Sacaneando diz, e Manuel Águila: parecia bêbado, eles ficavam delirando assim quando bebiam masato, mas era melhor ir embora de uma vez porque os estavam esperando, queria que o acompanhasse para ver as mães? Não, as mães não podiam se meter, meu tenente, esqueceu que eram estrangeiras? Mas o bruxo Paredes dizia que a mãe Angélica — a mais velhinha da missão, meu tenente, agora que a mãe Assunção morreu — tinha ido à praça de noite pedindo que o baixassem, e que até brigou com os soldados. A velhinha deve ter ficado com pena, era a mais resmungona de todas, pura ruga, e o Escuro: e depois queimaram as axilas dele com ovos quentes, foi aquele cabo, devem ter feito esse homem pular até as nuvens e Jum porra! Piruanos! O tenente bate o pé no chão outra vez, não era certo, caramba, e toca na escrivinha com os nós dos dedos, tinham cometido excessos, mas o que eles podiam fazer agora, tudo aquilo já tinha passado. O que está dizendo agora? Que lhe devolvessem tudo o que lhe tiraram, tenente, e que ia para Urakusa, o sargento não lhe disse que era teimoso? Aquele látex já devia ser sola de sapato, e os couros deviam ter virado bolsas, malas, e como se pode saber onde estava a garota: tinham lhe explicado isto cem vezes, meu tenente. O



oficial reflete, com o queixo apoiado no punho: ele podia apelar a Lima, reclamar no Ministério, quem sabe o Departamento de Assuntos Indígenas o indenizasse, muito bem, que Nieves lhe sugerisse isto. Grunhem e, de repente, Jum assente muitas vezes, limagoverno!, os guardas sorriem, só o piloto e o tenente permanecem sérios: silabariolima! O sargento descruza os braços: não estava vendo que era um selvagem, meu tenente? Como essas coisas iam entrar na sua cabeça, o que significava para ele Lima, ou Ministério, e, enquanto isso, Adrián Nieves e Jum resmungam com vivacidade, trocam cusparadas e gestos, o aguaruna às vezes se cala e fecha os olhos, como se estivesse meditando, e depois, cautelosamente, pronuncia umas frases, apontando para o oficial: que o acompanhasse? Homem, bem que eu gostaria de dar um passeinho até Lima, mas não era possível e agora Jum aponta para o sargento. Não, não, nem o tenente, nem o sargento, nem os guardas, Nieves, não podiam fazer nada, que procurasse aquele Reátegui, voltasse para Borja ou para onde fosse, a delegacia não ia começar a desenterrar os mortos, correto?, resolvendo as confusões do passado, correto? Ele estava morrendo de cansaço, não tinha dormido, sargento, que acabassem de uma vez. Além do mais, se os homens que o tinham agredido eram soldados da guarnição, autoridades daqui, quem ia lhe dar razão? Adrián Nieves interroga o sargento com os olhos, o que lhe dizia, afinal?, e para o tenente: isso tudo? O oficial boceja, entreabre preguiçosamente a boca desanimada e o sargento se inclina até ele: é melhor dizer que sim, meu tenente. Que iam lhe devolver o látex, os couros, os silabários, a garota, tudo o que ele quisesse, e o Pesado o que estava pensando, meu sargento, quem ia devolver tudo se Escabino já era defunto, e o Pequeno não seria dos seus salários, não é? E o sargento como garantia lhe dariam um papelzinho assinado. Uma vez ele e o tenente Cipriano fizeram isso, meu tenente, dava resultado. Era só estampar um carimbo no meio do papel e pronto: agora vá com isto procurar o senhor Reátegui e o Escabino-diabo para que eles devolvam tudo. E o Escuro uma sacanagem das boas, meu sargento? Mas o tenente não gostava dessas coisas, ele não podia assinar nenhum papel relacionado com um caso tão velho, e também mas o sargento papel jornal mesmo, uma assinaturazinha de mentira e assim ele iria tranquilo. Essa gente era teimosa mas acreditava no que lhe diziam, ele ia passar meses e anos procurando Escabino e o senhor Reátegui. Bem, e agora que lhe dessem alguma coisa de comer e o deixassem ir embora sem que ninguém nunca mais lhe encostasse um dedo, capitão, por favor que ele mesmo lhe dissesse isto. E o capitão com todo prazer, don Julio, chama o cabo: entendido? Acabou-se o castigo, ninguém encosta nele, e Julio Reátegui: o importante era que voltasse para Urakusa. Nunca mais batendo nos soldados, nunca mais enganando patrão, que se os urakusas se portam bem os cristãos se portam bem, que se os urakusas se portam mal os cristãos, mal: que lhe traduzisse isso, e o sargento dá uma gargalhada que alegra todo o seu rosto redondo: o que lhe disse, meu tenente? Sim, livraram-se dele, mas o oficial não gostava disso, não estava acostumado com esses procedimentos, e o Pesado: aqui não era Lima, meu tenente, aqui era preciso lidar com os índios. O tenente se levanta, sargento, estava com a cabeça rodando depois dessa confusão, que não o acordassem nem que o mundo caísse. Não queria outra cervejinha antes de ir dormir?, não, que lhe levassem uma bacia com água?, mais tarde. O tenente faz um gesto de saudação para os guardas e sai. A praça de Santa María de Nieva está cheia de indígenas, as mulheres que moem sentadas no chão formam uma grande roda, algumas têm crianças presas nos peitos. O tenente para no meio do caminho e, tapando o sol com a mão, olha os paus-mulatos por um instante: robustos, altos, masculinos. Um cachorro magro passa ao seu lado e o oficial segue-o com a vista e então vê o piloto Adrián Nieves. Vem na sua direção e lhe mostra em sua mão os pedacinhos alvinegros de papel jornal, tenente: não era tão idiota como o sargento pensava, tinha picado o papel e jogado os pedacinhos na praça, ele acabava de encontrá-los.

— Um segredo que o senhor nem imagina, meu sargento — disse o Pesado, baixando a voz. — Mas que os outros não escutem.

O Escuro, o Pequeno e o Louro conversavam no balcão com Paredes, que lhes servia copos de anisado. Um menino saiu da cantina com três panelinhas de barro, atravessou a praça deserta de Santa María de Nieva e desapareceu rumo à delegacia. Um sol forte dourava os paus-mulatos, os tetos e paredes dos casebres, mas não chegava até o chão porque uma neblina branquicenta, flutuante, que parecia vir do rio Nieva, o detinha perto do solo e o deixava opaco.

— Eles não estão ouvindo — disse o sargento. — Qual é o segredo?

— Já sei quem é a garota que está na casa dos Nieves — o Pesado cuspiu umas sementes pretas de mamão e limpou a cara suada com o lenço —, a tal que nos deixou tão curiosos na outra noite.

— Ah, sim? — disse o sargento. — É quem é?

— Aquela que levava para fora o lixo das madres — sussurrou o Pesado, olhando de esguelha para o balcão —, a que foi expulsa da missão porque ajudou as pupilas a fugirem.

O sargento vasculhou os bolsos, mas seus cigarros estavam na mesa. Acendeu um e tragou fundo, soltou uma baforada de fumaça: uma mosca voou angustiada dentro da nuvem e fugiu zumbindo.

— E como descobriu? — disse o sargento. — Os Nieves a apresentaram?

Como quem não quer nada, meu sargento, o Pesado costumava dar umas passadinhas no casebre do piloto, e nessa manhã viu-a trabalhando na chácara com a mulher de Nieves: Bonifacia, assim se chamava. Não estaria enganado o Pesado? Por que iria ficar com os Nieves, não era meio freira? Não, desde que a expulsaram não era mais, não usava o uniforme e o Pesado a reconhecera na hora. Um pouco gorducha, meu sargento, mas tinha lá suas formas. E devia ser juvenzinha, mas o principal era que não dissesse nada aos outros.

— Acha que sou fofoqueiro? — disse o sargento. — Não preciso de conselhos bestas.

Paredes trouxe dois copinhos de anisado e ficou ao lado da mesa, enquanto o sargento e o Pesado bebiam. Depois limpou o tampo com um pano e voltou para o balcão. O Escuro, o Louro e o Pequeno saíram da cantina e, na porta, um mormaço rosado iluminou seus rostos, seus pescoços. A bruma havia aumentado e, de longe, os guardas agora pareciam mutilados, ou cristãos vadeando um rio de espuma.

— Não arrume confusão com os Nieves porque são meus amigos — disse o sargento.

E quem ia arrumar confusão com eles? Mas seria uma bobagem não aproveitar a ocasião, meu sargento. Eles dois eram os únicos que sabiam, de modo que somos bons companheiros, certo?, o Pesado fazia o trabalhinho e meio a meio, está bem?, e depois a passava para ele, de acordo? Mas o sargento começou a tossir, não gostava dessas divisões, soltava fumaça pelo nariz e pela boca, que merda, por que ia ficar com as sobras.

— Mas não fui eu quem a viu primeiro, meu sargento? — disse o Pesado. — E descobri quem era e tudo o mais. Mas olhe lá, o que o tenente estará fazendo por aqui.

Apontou para a praça e lá vinha o tenente, com meio corpo fora da mancha gasosa, piscando sob o sol, de camisa limpa. Quando emergiu da bruma, a metade inferior da sua calça e as botas estavam úmidas de vapor.

— Venha comigo, sargento — ordenou já na escadinha. — Don Fabio quer nos ver.

— Não esqueça do que lhe disse, meu sargento — murmurou o Pesado.

O tenente e o sargento mergulharam na névoa até a cintura. O cais e os casebres baixos dos arredores já tinham sido devorados pelas ondas de vapor, que arremetiam agora, altas e ondulantes, contra os tetos e as varandas. Em contrapartida, uma luz diáfana banhava os morros, as construções da missão resplandeciam intactas e as árvores com os troncos diluídos pela névoa exibiam suas copas límpidas, e suas folhas, seus galhos e suas teias de aranha prateadas cintilavam.

— Foi à casa das *madrecitas*, meu tenente? — disse o sargento. — Devem ter dado uma surra nas meninas, não foi?

— Já foram perdoadas — disse o tenente. — Esta manhã as levaram para o rio. A superiora me disse que a doentinha estava melhor.

Na escadinha da cabana do governador sacudiram as calças úmidas e raspam as solas enlameadas nos degraus. A trama da tela metálica que protegia a porta era tão diminuta que escondia o interior. Uma aguaruna velha e descalça abriu, entraram, e lá dentro estava fresco e cheirava a verde. As janelas estavam fechadas, o quarto continuava na penumbra, e se distinguiam confusamente os arcos, fotografias, zarabatanas e feixes de flechas presos nas paredes. Um cadeiras de balanço floreadas circundavam o tapete de chamira e don Fabio apareceu na soleira do quarto contíguo, tenente, sargento, risonho e enxuto sob a careca luminosa, de mãos estendidas: a ordem tinha chegado, imaginem! Deu uma palmada no ombro do oficial, como estavam?, fazia gestos afáveis, o que achavam da notícia?, mas antes um refresco?, umas cervejinhas?, não parecia mentira? Deu uma ordem em aguaruna e a velha trouxe duas garrafas de cerveja. O sargento esvaziou seu copo num só gole, o tenente passava o seu de uma mão para a outra com olhos errantes e preocupados, don Fabio bebia como um passarinho, em golinhos diminutos.

— Comunicaram a ordem às mães pelo rádio? — disse o tenente.

Sim, esta manhã, e tinham avisado don Fabio imediatamente. Don Julio sempre dizia esse ministro está torpedeando a coisa, é o meu pior inimigo, isso não vai chegar nunca. E era pura verdade, agora viam, o Ministério mudou e a ordem veio voando.

— Depois de tanto tempo — disse o sargento. — Eu tinha até esquecido desses bandidos, governador.

Don Fabio Cuesta ainda sorria: tinham que partir o mais cedo possível para estar de volta antes das chuvas, não recomendava as cheias do Santiago, as estacas e os redemoinhos do Santiago, quantos cristãos essas cheias já tinham levado?

— Só temos quatro homens no posto, não é suficiente — disse o tenente. — Porque, não esqueça, um guarda tem que ficar aqui, cuidando da delegacia.

Don Fabio piscou um olho com malícia, mas o novo ministro era amigo de don Julio, amigo. Dera todas as facilidades, eles não iriam sozinhos, mas com soldados da guarnição de Borja. Já receberam a ordem, tenente. O oficial bebeu um gole, ah, e assentiu sem entusiasmo: bom, assim era diferente. Mas não entendia direito, e balançava a cabeça com perplexidade, esse caso reaparecendo agora era como a ressurreição de Lázaro, don Fabio. Assim estavam as coisas na nossa pátria, tenente, o que queria, aquele ministro demorava e demorava, pensando que só prejudicava don Julio, mas não percebia que dano terrível causava a todos. Mas antes tarde do que nunca, não é?

— Mas agora não há mais denúncias contra esses ladrões, don Fabio — disse o tenente. — A última foi pouco depois da minha chegada a Santa María de Nieva, veja quanto tempo passou.

E que importância tinha isso, tenente? Podia não haver denúncias aqui, mas em outro lugar sim, e além do mais aqueles delinquentes tinham que pagar a sua dívida, queria mais uma cervejinha? O sargento aceitou e, novamente, esvaziou o copo num só gole: não era por isso, governador, mas talvez fizessem a viagem à toa, os ladrões não deviam estar mais lá. E se as chuvas viessem mais cedo, quanto tempo iam ficar presos no mato. Nada, nada, sargento, tinham que estar na guarnição de Borja dentro de quatro dias, e outra coisa

que o tenente precisava saber: don Julio levava aquele assunto muito a peito. Os delinquentes o fizeram perder tempo e a paciência, coisa que não perdoava. O tenente não dizia que sonhava sair daqui? Pois don Julio o ajudaria se tudo corresse bem, a amizade daquele homem valia ouro, tenente, don Fabio sabia por experiência própria.

— Ah, don Fabio — sorriu o oficial —, ainda bem que o senhor me conhece. Pôs o dedo bem na ferida.

— E até o sargento vai ser beneficiado — replicou o governador, feliz e dando-lhe uma palmada. — Claro! Não estou dizendo que don Julio e o novo ministro são amigos?

Tudo bem, don Fabio, eles fariam o que fosse possível. Mas que lhes servisse mais um copinho, para rebater, aquela notícia os deixara meio atordoados. Tomaram a cerveja e conversaram e pilheriaram na penumbra fresca e aromática, depois o governador acompanhou-os até a escadinha e lá se despediu. A névoa agora cobria tudo e, entre seus véus e suas danças ambíguas, os casebres e as árvores flutuavam suavemente, clareavam e escureciam, e viam-se silhuetas fugidias circulando pela praça. Uma voz miúda e tristonha cantarolava ao longe.

— Primeiro ir atrás das meninas, e agora isto — disse o sargento. — Não vejo a menor graça em subir o Santiago nesta época, vai ser de arrebentar, meu tenente. Quem vai deixar no posto?

— O Pesado, que se cansa à toa — disse o tenente. — Você gostaria de ficar, não é?

— Mas o Pesado passou muitos anos na selva — disse o sargento —; isso dá experiência, meu tenente. Por que não deixa o Pequeno, que é meio adoentado?

— O Pesado — disse o tenente. — E não faça essa cara. Eu também não gosto da situação, mas você ouviu o governador, de repente a sorte muda depois dessa viagensinha e nós saímos daqui. Vá chamar Nieves e traga os outros para a minha casa, vamos fazer o plano de trabalho.

O sargento ficou imóvel na neblina por um instante, com as mãos nos bolsos. Depois, cabisbaixo, atravessou a praça, passou pelo cais mergulhado numa densa camada de vapor, enveredou pela trilha e avançou por uma paisagem enfumaçada e escorregadia, carregada de eletricidade e de grasnidos. Quando chegou à cabana do piloto estava falando sozinho, suas mãos torciam o quepe e as perneiras, a calça e a camisa estavam salpicadas de lama.

— Que milagre a estas horas, sargento — Lalita escorria os cabelos, debruçada no parapeito; seu rosto, seus braços e seu vestido estavam pingando. — Mas venha, suba, sargento.

Indeciso, pensativo, ainda mexendo os lábios, o sargento subiu a escadinha, na varanda apertou a mão de Lalita e, quando se virou, Bonifacia estava junto a ele, também molhada. O vestido de cor natural se aderiu ao seu corpo, os cabelos úmidos emolduravam seu rosto como uma touca, e seus olhos verdes fitavam o sargento contentes, sem qualquer embaraço. Lalita torcia a barra da saia, viera visitar sua hóspede, sargento?, e gotinhas transparentes rolavam até seus pés: estava ali. Tinham ido pescar, entraram no rio com esta neblina, imagine só, não viam nada mas a água estava morninha, gostosa, e Bonifacia se adiantou: queria que trouxesse comida? Anisado? Em vez de responder, Lalita deu uma gargalhada e entrou na cabana.

— Você foi vista com o Pesado esta manhã — disse o sargento. — Por que se deixou ver? Não falei que não queria?

— Já está com ciúme, sargento — disse Lalita, na janela, dando risadas. — Que importância tem que a vejamos. Não vai querer que a coitada passe a vida se escondendo, não é?

Bonifacia esquadrihava o rosto do sargento, muito séria, e em sua atitude havia algo de assustado e confuso. Ele deu um passo em sua direção e os olhos de Bonifacia se alarmaram, mas não se mexeu e o sargento levantou um braço, segurou-a pelo ombro, garota, não queria que falasse com o Pesado, nem com nenhum outro cristão, senhora Lalita.

— Eu não posso proibir — disse Lalita, e Aquilino, que aparecera na janela, riu. — E o senhor

também não, sargento, por acaso é irmão dela? Só poderia se fosse seu marido.

— Eu não o vi — gaguejou Bonifacia. — É mentira, não deve ter me visto, fala por falar.

— Não se humilhe, não seja boba — disse Lalita. — É bom provocar ciúmes, Bonifacia.

O sargento puxou Bonifacia para junto de si, era melhor que nunca a visse com o Pesado, e com dois dedos levantou seu queixo, que nunca a visse com nenhum homem, senhora, e Lalita deu outra gargalhada e ao lado do rosto de Aquilino tinham surgido outros dois. Os três meninos devoravam o sargento com os olhos e nunca a veria com ninguém, Bonifacia apertou a camisa do sargento e seus lábios estavam tremendo: ela prometia.

— Você é uma boba — disse Lalita. — Dá para ver que não conhece os cristãos, principalmente os de farda.

— Vou ter que viajar — disse o sargento, abraçando Bonifacia. — Não volto em menos de três semanas, talvez um mês.

— Comigo, sargento? — Adrián Nieves, de cueca, estava na escadinha, esfregando o corpo brilhoso e ossudo com a mão. — Não me diga que as pupilas fugiram outra vez.

E quando voltasse eles se casariam, garota, e sua voz se cortou e ele começou a rir feito um idiota, enquanto Lalita gritava e irrompia na varanda de braços abertos, resplandecente, e Bonifacia ia ao seu encontro e se abraçavam. O piloto Nieves apertou a mão do sargento que falava soluçando, don Adrián, é que se emocionou um pouco: queria que eles fossem os padrinhos, naturalmente. Está vendo, senhora Lalita, caíra na sua armadilha, e Lalita sabia desde o começo que o sargento era um cristão correto, que a deixasse dar-lhe um abraço. Fariam uma grande festa, ia ver só como comemorariam. Bonifacia, aturdida, abraçava o sargento, abraçava Lalita, beijava a mão do piloto, jogava os meninos para o alto, e seriam os padrinhos com todo prazer, sargento, que ficasse para jantar esta noite. Os olhos verdes relampejavam, e Lalita eles iam construir sua casa aqui ao ladinho, ficavam tristes, eles os ajudariam, ficavam alegres, e o sargento tinha que tomar conta dela muito bem, senhora, não queria que visse ninguém enquanto ele estivesse viajando e Lalita é claro, não chegaria nem na porta, eles a amarrariam.

— E desta vez, aonde vamos? — disse o piloto. — Outra vez com as *madrecitas*?

— Quem dera que fosse isso — disse o sargento. — Vão acabar com a nossa raça, don Adrián. O caso é que chegou a tal ordem. Vamos para o Santiago, à procura daqueles malfeitores.

— Para o Santiago? — disse Lalita. Parecia transfigurada, estava rígida e boquiaberta e o piloto Nieves, encostado no parapeito, examinava o rio, a bruma, as árvores. Os meninos continuavam correndo em volta de Bonifacia.

— Com homens da guarnição de Borja — disse o sargento. — Mas por que ficaram assim? Não há perigo, vamos ser muitos. E quem sabe esses ladrões já morreram de velhos.

— O Pintado mora ali embaixo — disse Adrián Nieves, apontando para o rio oculto pela névoa. — Ele conhece bem a região e é um piloto dos bons. Temos que avisá-lo agorinha mesmo, às vezes vai pescar a esta hora.

— Mas como — disse o sargento. — O senhor não quer vir conosco, don Adrián? São mais de três semanas, vai tirar um bom dinheirinho.

— É que estou doente, com febres — disse o piloto. — Vomito tudo, minha cabeça está rodando.

— Mas, don Adrián — disse o sargento. — Não me diga isto, como é que o senhor está doente. Por que não quer ir?

— Ele está com febres, vai para a cama agorinha mesmo — disse Lalita. — Ande rápido até a casa do Pintado, sargento, antes que ele saia para pescar.

E ao anoitecer ela fugiu como ele lhe disse que fizesse, desceu o barranco e Fushía por que demorou tanto,

rápido, para a lanchinha. Afastaram-se de Uchamala com o motor desligado, quase às escuras, e ele o tempo todo será que não a viram, Lalita?, pobre de você se a viram, estou arriscando a minha pele, não sei por que fiz isto e ela, que estava na proa, cuidado, um redemoinho e pedras à esquerda. Por fim se refugiaram numa praia, esconderam a lancha, deitaram-se na areia. E ele estou com ciúme, Lalita, não me conte nada do cachorro do Reátegui, mas precisava de uma lancha e comida, vamos passar uns dias difíceis mas você vai ver, vou sair dessa, e ela vai sair sim, eu vou ajudar, Fushía. E ele falava da fronteira, todos dirão que foi para o Brasil, vão se cansar de me procurar, Lalita, quem pode imaginar que vim para este lado, se passarmos para o Equador não vai haver problema. E de repente tire a roupa, Lalita, e ela as formigas vão me morder, Fushía, e ele mesmo assim. Depois choveu a noite toda e o vento levou o casaco que os protegia e os dois se revezavam para afugentar os pernilongos e os morcegos. Embarcaram de novo ao amanhecer e até aparecerem os pongos a viagem foi boa: um barquinho e se escondiam, um povoado, um quartel, um avião e se escondiam. Passou uma semana sem chuvas; viajavam de sol a sol e, para economizar as conservas, pescavam anchovinhas, bagres. De tarde procuravam uma ilha, um banco de areia, uma praia e dormiam protegidos por uma fogueira. Atravessavam os povoados à noite, sem ligar o motor, e ele vamos, força Lalita, e ela meus braços não aguentam, há muita correnteza, e ele força, porra, que já falta pouco. Perto de Barranca deram de cara com um pescador e comeram juntos e eles estamos fugindo e o outro posso ajudá-los? e Fushía queríamos comprar gasolina, está acabando, e ele me dê o dinheiro, eu vou ao povoado e trago. Levaram duas semanas para ultrapassar os pongos, depois se internaram por canais, lagoas e igarapés, extraviaram-se, a lancha virou duas vezes, acabou a gasolina e uma madrugada Lalita, não chore, já chegamos, olhe, são huambisas. Lembraram dele, pensavam que vinha comprar seringa como das outras vezes. Deram-lhes uma cabana, comida, duas esteiras e assim passaram muitos dias. E ele viu o que acontece por vir comigo?, era melhor ter ficado em Iquitos com sua mãe e ela e se um dia o matarem, Fushía? e ele você vai virar mulher de huambisa, andar com os peitos de fora e se pintar com anil, rúpia e urucum, vão botar você para mascar mandioca e fazer masato, olhe só o que a espera. Ela chorava, os huambisas riam e ele sua boba, era brincadeira, talvez você seja a primeira cristã que veem, há muitos anos cheguei aqui com um sujeito de Moyabamba e eles nos mostraram a cabeça de um cristão que subiu o Santiago em busca de ouro, está com medo?, e ela sim Fushía. Os huambisas lhes traziam pedaços de jupará e paca, bagres, mandioca, uma vez vermes verdes e eles vomitaram, de quando em quando um veado, um tambaqui ou um jaú. Ele conversava com eles o dia inteiro e ela me conte, o que está perguntando, o que é que eles dizem e ele coisas, não se preocupe, na primeira vez que eu e o Aquilino viemos aqui nós os conquistamos com bebida e moramos seis meses com eles, trouxemos facas, tecidos, espingardas, anisado e eles nos davam látex, couros, eu não posso me queixar, eram meus clientes, são meus amigos, sem eles eu já estaria morto, e ela sim mas vamos, Fushía, a fronteira não está perto? E ele melhores que os seringueiros, Lalita, a começar por esse cachorro do Reátegui que veja só como se comportou comigo, eu o fiz ganhar tanto dinheiro e ele não queria me ajudar, é a segunda vez que os huambisas me salvam. E ela mas quando vamos para o Equador, Fushía, as chuvas começam logo e não vai ser mais possível. E ele deixou de falar da fronteira e passava as noites sem dormir, sentado na esteira, andava, falava sozinho, e ela o que há com você, Fushía, vamos conversar, é para isso que sou sua mulher e ele silêncio que estava pensando. E um dia se levantou, desceu o barranco aos pulos e ela lá de cima não faça isso, imploro pelo Cristo de Bagazán, santo, santo, e ele continuou esburacando a lancha com o facão até afundá-la e quando subiu o barranco seus olhos estavam contentes. Ir para o Equador sem roupa, sem dinheiro e sem papéis? Uma loucura, Lalita, as polícias se comunicam de um país para o outro, só vamos continuar aqui mais um tempinho, aqui posso ficar rico, tudo depende destes índios e de encontrar o Aquilino, esse homem é o que está nos fazendo falta, venha que lhe explico e ela o que você fez, Fushía, Santo Deus. Ele é que não vem ninguém aqui, e quando sairmos já vão ter se esquecido de mim e além do mais vamos ter dinheiro para fechar a boca de qualquer um. E ela

Fushía, Fushía, e ele tenho que encontrar Aquilino e ela por que a afundou, não quero morrer no mato, e ele sua burra, tinha que apagar os rastros. E um dia saíram numa canoa com dois remadores huambisas, em direção ao Santiago. Iam escoltados por borrachudos, chuvas de pernilongos, o canto rouco dos trombeteiros e, à noite, apesar do fogo e das cobertas, os morcegos planavam em cima dos seus corpos e mordiam as partes macias: os dedos do pé, o nariz, a base do crânio. E ele nada de chegar perto do rio, por aqui há soldados. Cruzavam canais estreitos, escuros, sob abóbadas de folhagem hirsuta, lodaçais pútridos, às vezes lagoas coalhadas de girinos, e também picadas que os huambisas abriam com os facões, levando a canoa no ombro. Comiam o que encontravam, raízes, talos de suco ácido, infusões de ervas e um dia caçaram uma anta, carne para uma semana. E ela não consigo, Fushía, não tenho mais pernas, arranhei o rosto, e ele falta pouco. Até que o Santiago apareceu e lá comeram cascudos que capturaram debaixo das pedras do rio e cozinham na fumaça, e um tatu caçado pelos huambisas, e ele viu que chegamos, Lalita?, esta terra é boa, tem comida e tudo está indo bem e ela minha cara está ardendo, Fushía, juro que não aguento mais. Acamparam um dia e depois continuaram, Santiago acima, parando para dormir e comer em aldeias huambisas de duas, três famílias. E uma semana depois, deixaram o rio e navegaram durante horas por um canal tão estreito que o sol não entrava e tão baixo que suas cabeças tocavam nos galhos. Saíram, e ele Lalita, a ilha, olhe, o melhor lugar que existe, entre o mato e os pântanos, e antes de desembarcar fez os huambisas percorrerem todo o contorno e ela vamos morar aqui? e ele é escondida, em todo o litoral há bosques altos, esta ponta serve para fazer o cais. Desembarcaram e os huambisas reviravam os olhos, mostravam os punhos, grunhiam e Lalita o que há com eles, Fushía, por que estão zangados e ele medrosos de merda, querem voltar, estão com medo das paineiras. Porque no alto do barranco, como uma cerca compacta e muito alta, ao longo de toda a ilha havia paineiras de troncos ásperos, inchados de corcovas e com grandes asas rugosas que lhes serviam de base. E ela não grite tanto com eles, Fushía, vão se aborrecer. Ficaram discutindo, grunhindo e gesticulando e por fim convenceu-os e entraram atrás deles na mata que cobria a ilha. E ele você escutou, Lalita?, está cheia de pássaros, araras, não ouve?, e quando encontraram um carcará comendo uma cobrinha preta os huambisas gritaram e ele cachorros medrosos e ela você está louco, aqui só tem mato, Fushía, como vamos viver aqui, e ele você acha que não penso em tudo?, morei aqui com o Aquilino e vou morar de novo e ficarei rico aqui, você vai ver. Voltaram ao barranco, ela desceu até a canoa e ele e os huambisas se internaram outra vez e de repente uma coluna de fumaça cor de chumbo surgiu acima das paineiras e tudo começou a cheirar a queimado. Ele e os huambisas voltaram correndo, pularam para a canoa, atravessaram a lagoa e acamparam na outra margem, junto à boca do canal. E ele quando terminar a queimada vai haver uma grande clareira, Lalita, tomara que não chova, e ela e que não haja vento Fushía, que o fogo não chegue até aqui e queime a floresta. Não choveu e o fogo durou quase dois dias e eles permaneceram no mesmo lugar, aspirando a fumaça espessa, fétida, das paineiras e acaçus, as cinzas que iam e vinham pelo ar, olhando as chamas azuis, pontudas, as faíscas que se estilhaçavam com um estalo na lagoa, ouvindo a ilha ranger. E ele pronto, os diabos já estão queimados, e ela não zombe, são as crenças deles, e ele não entendem e além do mais estão rindo, eu os curei para sempre do medo de paineiras. O fogo ia limpando a ilha e despovoando-a: do meio da fumaça saíam bandos de pássaros e nas bordas apareciam macacos-aranhas, micos, tangarás, macacos-preguiça que pulavam gritando até os troncos e galhos flutuantes; os huambisas entravam na água, agarravam bichos aos montes, abriam suas cabeças com facões, e ele que banquete estão comendo, Lalita, a raiva passou e ela também quero comer, nem que seja carne de macaco, estou com fome. E quando voltaram à ilha havia várias clareiras, mas o barranco continuava intacto e em muitos lugares sobreviviam redutos de mato fechado. Começaram o desmatamento, o dia todo jogavam na lagoa troncos mortos, aves carbonizadas, cobras, e ele diga que está contente, e ela estou, Fushía, e ele acredita em mim? E ela sim. E quando já havia uma boa área de terra plana, os huambisas cortaram árvores e uniram as toras de madeira com cipós e ele olhe só, Lalita, parece uma casa e ela nem tanto mas é

melhor que dormir no mato. E na manhã seguinte, quando acordaram, um xexéu estava fazendo ninho na frente da cabana, suas plumas pretas e amarelas reluziam no meio da folhagem e ele sinal de boa sorte, Lalita, este pássaro é sociável, se veio é porque sabe que ficaremos aqui.

E nesse mesmo sábado uns vizinhos encontraram o cadáver e o levaram, envolto num lençol, ao barraco da lavadeira. O velório reuniu muitos homens e mulheres da Gallinacera na casa de Juana Baura e esta chorou a noite toda, beijou uma e outra vez as mãos, os olhos, os pés da morta. Ao amanhecer umas mulheres tiraram Juana do quarto e o padre García ajudou a colocar o corpo no caixão comprado graças a uma coleta popular. Nesse domingo o padre García rezou missa na capela do Mercado e encabeçou o cortejo fúnebre, e do cemitério voltou para a Gallinacera ao lado de Juana Baura: os vizinhos o viram atravessar a Praça de Armas cercado de mulheres, pálido, os olhos fulminantes, os punhos crispados. Mendigos, engraxates, vagabundos se integraram ao cortejo e quando chegaram ao Mercado este ocupava toda a largura da rua. Lá, o padre García começou a vociferar de cima de um banco e, em volta, as portas se abriram, as vendedoras largaram suas bancas para ouvi-lo e xingaram e apedrejaram dois guardas municipais que tentaram dissolver o tumulto. Os gritos do padre García se ouviam até no abatedouro, e no La Estrella del Norte os forasteiros se calaram, surpresos: de onde vinha esse rumor, para onde iam tantas mulheres? Secreta, feminina, pertinaz, corria uma história pela cidade e ao mesmo tempo, sob um céu de escuros urubus, o padre García continuava falando. Cada vez que fazia uma pausa o povo ouvia Juana Baura gritar, ajoelhada aos seus pés. Então as mulheres começaram a se agitar surdamente, a murmurar. E quando chegaram os guardas com seus porretes da lei, um mar embravecido foi ao seu encontro, com o padre García à cabeça, iracundo, empunhando um crucifixo na mão direita, e quando quiseram barrar a passagem das mulheres caiu uma chuva de pedras, ameaças: os guardas recuavam, refugiavam-se nas casas, outros caíam e o mar investia contra eles, submergia-os, deixava-os para trás. Assim as ondas enfurecidas entraram na Praça de Armas, rugindo, agitadas, armadas de paus e pedras e, quando passavam, caíam as trancas das portas, fechavam-se os postigos, os poderosos corriam para a catedral e os forasteiros, protegidos nos pórticos das casas, presenciavam atônitos o avanço da torrente. O padre García tinha brigado com os guardas? Eles o agrediram? Sua batina rasgada mostrava um peito fraco e leitoso, longos braços ossudos. Mantinha o crucifixo sempre no alto e gritava com voz rouca. E assim a torrente passou pelo La Estrella del Norte, espalhou pedras para todos os lados e os vidros da cantina voaram em pedaços, e quando as mulheres entraram na Ponte Velha o velho esqueleto rangeu, cambaleou como um bêbado e, ao franquearem o Rio Bar e pisarem em Castilla, muitas mulheres já tinham tochas nas mãos, corriam, e das portas das chicherías saía gente, mais rugidos, mais tochas. Chegaram ao areal e subiu uma nuvem de poeira, um gigantesco pião leve e dourado, e no coração da espiral divisavam-se rostos de mulheres, punhos, chamas.

Encolhida sob a névea, ofuscante claridade do meio-dia, com suas portas e janelas fechadas, a Casa Verde parecia uma mansão deserta. Os muros vegetais cintilavam docemente sob o sol, desvaneciam-se nas esquinas com uma espécie de acanhamento e, como uma corça ferida, na imobilidade do local havia algo de indefeso, dócil, atemorizado diante da multidão que se aproximava. O padre García e as mulheres chegaram à porta, a gritaria cessou e houve uma súbita quietude. Mas então se ouviram os gritos e, como as formigas que abandonam seus labirintos quando o rio os inunda, surgiram as moradoras, atropelando-se e uivando, maquiadas, semivestidas, e a palavra do padre García se elevou, trovejou acima do mar e, entre as ondas e a algazarra, inumeráveis tentáculos se esticavam, apanhavam as moradoras, derrubavam-nas no chão e, ali, batiam nelas. E depois o padre García e as mulheres inundaram a Casa Verde, lotaram-na em poucos segundos, e lá de dentro vinha um estrondo de destruição: estalavam copos, garrafas, quebravam-se mesas, rasgavam-se lençóis, cortinas. No primeiro andar, no segundo e no torreão começou um minucioso dilúvio doméstico. Pelo ar calcinado voavam vasos de barro, bacias, pias lascadas e bandejas, pratos, colchões



estripados, cosméticos e uma saraivada de vivas saudava cada projétil que descrevia uma parábola e se fincava no areal. Muitos curiosos, até mulheres, disputavam os objetos e as peças e houve esbarrões, disputas, diálogos violentíssimos. No meio da confusão, machucadas, sem voz, ainda tremendo, as moradoras se levantavam, caíam nos braços umas das outras, choravam e se consolavam. A Casa Verde estava ardendo: púrpura, agudas, deslocadas, viam-se as chamas no meio da fumaça cinzenta subindo em lentos redemoinhos até o céu piurano. A multidão começou a recuar, os gritos foram amainando; pelas portas da Casa Verde, as invasoras e o padre García abandonavam o local correndo, sacudidos pela tosse, chorando por causa da fumaça.

Do parapeito da Ponte Velha, do Malecón, das torres das igrejas, dos tetos e varandas, grupos de pessoas contemplavam o incêndio: uma hidra de cabeças vermelhas e celestes crepitando sob um toldo negrusco. Só quando o esbelto torreão desabou e já fazia tempo que, impulsionados por uma leve brisa, choviam carvões, lascas e cinzas sobre o rio, os guardas municipais apareceram. Misturaram-se com as mulheres, impotentes e tardios, confusos e fascinados com o espetáculo do fogo como todos. E de repente cotoveladas, movimentos, as mulheres e mendigos sussurravam, diziam “*já vem, aí vem*”.

Vinha pela Ponte Velha: as *galinaças* e os curiosos se viravam para olhá-lo, saíam do seu caminho, ninguém o detinha e ele avançava, rígido, com o cabelo desgrenhado, a cara suja, incrivelmente horrorizados os olhos, a boca trêmula. Fora visto na véspera, bebendo numa chichería mangache onde apareceu ao entardecer, com a harpa embaixo do braço, choroso e lívido. E lá passou a noite, cantarolando entre soluços. Os mangaches se aproximavam dele, “*como foi, don Anselmo?, o que houve?, é verdade que o senhor morava com a Antonia? que a mantinha na Casa Verde? É verdade que ela morreu?*”. Ele gemia, suspirava e por fim rolou para o chão, bêbado. Dormiu e quando acordou pediu mais um copo, continuou bebendo, beliscando a harpa, e estava assim quando uma garota entrou na chichería: “A Casa Verde, don Anselmo! Eles a estão queimando! As mulheres e o padre García, don Anselmo!”

No Malecón, alguns homens e mulheres foram ao seu encontro, “você roubou a Antonia, você a matou”, e rasgaram sua roupa e quando ele fugiu lhe jogaram pedras. Só na Ponte Velha começou a gritar e a implorar e as pessoas é conversa, está com medo de ser linchado, mas ele continuava clamando e as assustadas moradoras com a cabeça que sim, que era verdade, que devia estar lá dentro. Ele ajoelhado no areal, suplicava, invocava o céu como testemunha, e então uma espécie de mal-estar se apoderou das pessoas, os guardas e os municipais interrogavam as *galinaças*, surgiam vozes contraditórias, e se fosse verdade?, que fossem ver, que se mexessem, que chamassem o doutor Zevallos. Protegidos por couros molhados, alguns mangaches mergulharam na fumaça e emergiram instantes depois, sufocados, derrotados, não se podia entrar, era um inferno lá dentro. Homens, mulheres fustigavam o padre García, e se fosse verdade?, padre, padre, Deus o castigaria. Ele olhava ensimesmado para uns e para outros, don Anselmo se debatia entre os guardas, que lhe dessem um couro cru, ele ia entrar, que tivessem piedade. E quando Angélica Mercedes apareceu e todos comprovaram que era verdade, que lá estava, ilesa, nos braços da cozinheira, e viram como o harpista se emocionava, agradecia ao céu e beijava as mãos de Angélica Mercedes, muitas mulheres se enterneceram. Em voz alta se apiedavam da criança, consolavam o harpista, ou increpavam o padre García fazendo-lhe recriminações. Estupefata, aliviada, comovida, a multidão rodeava don Anselmo e ninguém, nem as moradoras, nem as *galinaças*, nem os mangaches, olhava mais para a Casa Verde, para a fogueira que a consumia e que agora a pontual chuva de areia começava a apagar, a devolver ao deserto onde, fugazmente, havia existido.

Os inconquistáveis entraram como sempre: abrindo a porta com um pontapé e cantando o hino: eram os inconquistáveis, não sabiam trabalhar, só beber, só jogar, eram os inconquistáveis e agora iam trepar.

— Só posso contar o que ouvi nessa noite, garota — disse o harpista —; você deve ter notado que

quase não vejo. Isso me livrou da polícia, eles me deixaram em paz.

— O leite está quente — disse a Chunga, no balcão. — Ajude-me, Selvática.

A Selvática se levantou da mesa dos músicos, foi até o bar e ela e a Chunga trouxeram um jarro de leite, pão, café em pó e açúcar. As luzes do salão ainda estavam acesas, mas o dia já entrava pelas janelas, quente, claro.

— A garota não sabe como foi, Chunga — disse o harpista, bebendo seu leite aos goles. — Josefino não lhe contou.

— Quando eu pergunto, ele muda logo de assunto — disse a Selvática. — Por que tanto interesse, diz, é melhor parar senão fico com ciúme.

— Além de sem-vergonha, hipócrita e cínico — disse a Chunga.

— Só havia dois clientes quando entraram — disse o Bolas. — Naquela mesa. Um deles era Seminario.

Os León e Josefino se instalaram no bar, gritando e pulando, fazendo escândalo: nós gostamos de você, Chunga Chunguita, você é a nossa rainha, nossa mãezinha, Chunga Chunguita.

— Deixem de bobagens e peçam logo alguma coisa, senão fora — disse a Chunga. E virou-se para a orquestra: — Por que não tocam?

— Não podíamos — disse o Bolas. — Os inconquistáveis estavam fazendo um barulho infernal. Pareciam contentíssimos.

— É que nessa noite estavam forrados de dinheiro — disse a Chunga.

— Olhe, olhe — o Macaco mostrava um leque de libras e lambia os beijos. — Quanto calcula?

— Como você é gananciosa, Chunga, abriu uns olhos — disse Josefino.

— Na certa é roubado — replicou a Chunga. — O que vão beber?

— Deviam estar bêbados — disse a Selvática. — Sempre ficam assim, fazendo gracinhas e cantando.

Atraídas pelo barulho, três moradoras apareceram na escada: Sandra, Rita, Maribel. Mas quando viram os inconquistáveis ficaram desiludidas, esqueceram os trejeitos vaidosos e ouviu-se a gargalhada gigantesca de Sandra, eram eles, que decepção, mas o Macaco abriu os braços, que viessem, que pedissem qualquer coisa, e mostrou as notas.

— Sirva alguma coisa para os músicos também, Chunga — disse Josefino.

— Que rapazes gentis — sorriu o harpista. — Sempre nos oferecem. Eu conheci o pai de Josefino, garota. Era lancheiro e atravessava o gado que vinha de Catacaos. Carlos Rojas, sujeito muito simpático.

A Selvática encheu de novo o copo do harpista e pôs açúcar. Os inconquistáveis ocuparam uma mesa com a Sandra, a Rita e a Maribel e ficaram lembrando uma partida de pôquer que tinham acabado de jogar no Reina. O Jovem Alejandro bebia seu café com ar lânguido: eram os inconquistáveis, não sabiam trabalhar, só beber, só jogar, eram os inconquistáveis e agora iam trepar.

— Ganhamos limpo, Sandra, juro. A sorte nos ajudou.

— *Royal straight flush* três vezes seguidas, já se viu coisa igual?

— Eles ensinaram a letra às garotas — disse o harpista, com voz risonha e benévola. — E depois vieram até onde estávamos, para que tocássemos o seu hino. Por mim eu tocaria, mas primeiro peçam autorização à Chunga.

— E você nos fez gestos dizendo que sim, Chunga — disse o Bolas.

— Estavam consumindo como nunca — explicou a Chunga à Selvática. — Por que não ia fazer a vontade deles.

— Às vezes as desgraças começam assim — disse o Jovem, com um gesto melancólico. — Por causa de uma canção.

— Cantem, para eu pegar a música — disse o harpista. — Vamos lá, Jovem, Bolas, abram bem as orelhas.

Enquanto os inconquistáveis cantavam o hino em coro, a Chunga se balançava em sua cadeira como uma tranquila dona de casa e os músicos marcavam o compasso com o pé e repetiam a letra entre os dentes. Depois, todos cantaram em altos brados, com acompanhamento de violão, harpa e pratos.

— Agora chega — disse Seminario. — Basta de canções e de grosserias.

— Até então ele não se importara com o barulho e estava pacificamente conversando com um amigo — disse o Bolas.

— Eu o vi levantar-se — disse o Jovem. — Uma fúria, pensei que vinha para cima de nós.

— Não tinha voz de bêbado — disse o harpista. — Obedecemos, ficamos em silêncio, mas ele não se acalmava. Desde que hora estava aqui, Chunga?

— Desde cedo. Veio direto da sua fazenda, de bota, calça de montar e revólver.

— Um touro de homem esse Seminario — disse o Jovem. — E um olhar maligno. Quanto mais forte, pior.

— Obrigado, irmão — disse o Bolas.

— Você é a exceção, Bolas — disse o Jovem. — Corpo de boxeador e alminha de ovelha, como diz o professor.

— Não fique assim, senhor Seminario — disse o Macaco. — Só estávamos cantando o nosso hino. Permita-nos lhe oferecer uma cerveja.

— Mas ele estava transtornado — disse o Bolas. — Tinha se irritado por algum motivo e estava atrás de briga.

— Então vocês são os galinhos de briga que armam confusão nas ruas e praças? — disse Seminario. — Quero ver se meterem comigo.

Rita, Sandra e Maribel saíram nas pontas dos pés rumo ao bar e o Jovem e o Bolas defendiam com os corpos o harpista que, sentado em seu banquinho, com uma expressão tranquila, começou a apertar as cravelhas da harpa. E Seminario continuava, ele também era um garotão, e rebolava, sabia divertir-se, e batia no peito, mas trabalhava, suave a camisa na sua terra, e não gostava de vagabundos, corpulento e falastrão sob a lâmpada roxa, de mortos de fome, desses que gostam de se fazer de malucos.

— Somos jovens, senhor. Não estamos fazendo nada de errado.

— Já sabemos que o senhor é muito forte, mas isso não é motivo para nos insultar.

— É verdade que uma vez levantou um burro e o jogou em cima de um telhado? É verdade, senhor Seminario?

— Eles se rebaixaram a tanto? — disse a Selvática. — Não imaginava isso deles.

— Que medo vocês têm de mim — ria Seminario, aplacado. — Como me adulam.

— Na hora H, os homens sempre se borram — disse a Chunga.

— Nem todos, Chunga — protestou o Bolas. — Se ele se metesse comigo, eu teria respondido.

— Ele estava armado e os inconquistáveis tinham razão para ficar com medo — sentenciou o Jovem, suavemente: — O medo é como o amor, Chunga, coisa humana.

— Você se acha um sábio — disse Chunga. — Mas eu estou pouco ligando para as suas filosofias, fique sabendo.

— Pena que os rapazes não tenham saído naquele momento — disse o harpista.

Seminario voltara para a sua mesa, o que também fizeram os inconquistáveis, sem sinais da alegria de minutos antes: quando ficasse bêbado ele ia ver, mas não, estava com o revólver, melhor aguentar até outro dia, e por que não queimar a caminhonete dele?, estava lá fora, ao lado do Clube Grau.

— Ou então saímos e o deixamos trancado aqui e ateamos fogo na Casa Verde — disse Josefino. — Algumas latas de querosene e um fósforo são o suficiente. Como fez o padre García.

— Arderia feito palha seca — disse José. — E também o bairro inteiro, incluindo o estádio.

— O melhor é queimarmos Piura inteira — disse o Macaco. — Uma fogueira enorme, que seria vista desde Chiclayo. O areal ia ficar todo retinto.

— E caíam cinzas até em Lima — disse José. — Mas, isso sim, teríamos que salvar a Mangachería.

— Mas claro, era só o que faltava — disse o Macaco. — Daríamos um jeito.

— Eu tinha uns cinco anos na época do incêndio — disse Josefino. — Vocês se lembram de alguma coisa?

— Não do começo — disse o Macaco. — Fui lá no dia seguinte, com uns garotos do bairro, mas os soldados nos botaram para correr. Parece que os que chegaram primeiro roubaram muita coisa.

— Só me lembro do cheiro de queimado — disse Josefino. — E que havia fumaça, e que muitas alfarrobeiras viraram carvão.

— Vamos pedir ao velho que nos conte — disse o Macaco. — Vamos chamá-lo para tomar umas cervejas.

— Não era de mentira? — disse a Selvática. — Ou estavam falando de outro incêndio?

— Coisas de piuranos, garota — disse o harpista. — Nunca acredite quando eles falam disso. É tudo puro invento.

— Não está cansado, maestro? — perguntou o Jovem. — Já são quase sete horas, podíamos ir embora.

— Ainda não estou com sono — disse don Anselmo. — Quero fazer a digestão do café.

De cotovelos no balcão, os inconquistáveis tentavam convencer a Chunga: que deixasse o harpista vir um instantinho, o que custava, para conversar um pouco, que a Chunga Chunguita não fosse má.

— Todos gostam muito do senhor, don Anselmo — disse a Selvática. — Eu também, lembra um velhinho da minha terra que se chamava Aquilino.

— Tão generosos, tão simpáticos — disse o harpista. — Eles me levaram para a sua mesa e me ofereceram uma cervejinha.

Estava suando. Josefino pôs um copo em sua mão, ele bebeu de uma vez só e ficou bocejando. Depois, com um lenço colorido, limpou a testa, as espessas sobrancelhas brancas, e assoou o nariz.

— Um favorzinho de amigo, velho — disse o Macaco. — Conte como foi o incêndio.

A mão do harpista buscou o copo e, em vez do seu, apanhou o do Macaco; esvaziou-o num só gole. Do que estavam falando, de que incêndio, e tornou a assoar o nariz.

— Eu era pequeno, vi as chamas lá do Malecón. E as pessoas correndo com couros e baldes de água — disse Josefino. — Por que não nos conta, harpista? Qual é o problema, já faz tanto tempo.

— Não houve incêndio nenhum, Casa Verde nenhuma — afirmava o harpista. — Invenções do povo, rapazes.

— Por que caçoa de nós? — disse o Macaco. — Vamos, harpista, conte só um pouquinho.

Don Anselmo levou dois dedos à boca num gesto de fumar. O Jovem lhe deu um cigarro e o Bolas acendeu-o. A Chunga tinha apagado as luzes do salão e o sol entrava em profusão pelas janelas e frestas. Havia manchas amarelas nas paredes e no chão, o zinco do teto reverberava. Os inconquistáveis insistiam, é verdade que algumas mulheres sofreram queimaduras?, foram mesmo as *galinaças* que botaram fogo?, ele estava lá dentro?, tinha sido o padre García, por pura maldade ou por coisas da religião?, é verdade que dona Angélica salvou a Chunguita de morrer queimada?

— Pura fábula — garantia o harpista —, bobagens do pessoal, só para irritar o padre García. Deveriam deixá-lo em paz, pobre velho. E agora tenho que trabalhar, rapazes, com licença.

Levantou-se e, com passinhos curtos, as mãos à frente, voltou para o canto da orquestra.

— Estão vendo? Ele se faz de bobo, como sempre — disse Josefino. — Eu sabia que ia ser inútil.

— Com a idade o cérebro amolece — disse o Macaco —, talvez tenha se esquecido de tudo. Deveríamos perguntar ao padre García. Mas quem tem coragem.

E então a porta se abriu e entrou a ronda.

— Aqueles filhos da mãe — murmurou a Chunga. — Vinham filar bebida.

— A ronda quer dizer Lituma e mais dois milicos, Selvática — disse o Bolas. — Apareciam por aqui toda noite.

## II

Sob a sombra curvilínea das bananeiras, Bonifacia ergueu-se e olhou para o povoado: homens e mulheres atravessavam correndo a praça de Santa María de Nieva, agitando as mãos muito excitadas na direção do cais. Inclinou-se de novo sobre os sulcos retilíneos do solo mas, um instante depois, voltou a se levantar: as pessoas fluíam sem trégua, alvoroçadas. Espiou a cabana dos Nieves; Lalita continuava cantarolando lá dentro, uma serpentina de fumaça cinza saía por entre os bambus da parede, no horizonte ainda não se via a lancha do piloto. Bonifacia rodeou a cabana, invadiu os matagais da margem e, com água pelos tornozelos, avançou até o povoado. As copas das árvores se confundiam com as nuvens, os troncos com as línguas ocre das ribeiras. A cheia tinha começado; o rio arrastava correntes parasitas, de águas mais louras ou mais morenas, e também arbustos, flores degoladas, líquenes e formas que podiam ser pedregulhos, cocô ou roedores mortos. Olhando para todos os lados, devagar, cautelosamente como um rastreador, percorreu uma floresta de juncos e, ao ultrapassar uma curva, divisou o porto: as figuras estavam imóveis entre as estacas e as canoas e havia uma balsa parada a poucos metros do cais flutuante. O crepúsculo azulava as túnicas e os rostos das aguarunas e também havia homens, de calças arregaçadas até os joelhos, o torso nu. Podia ver a corda que cedia ou se retesava com o vaivém da balsa do recém-chegado, o piloto da proa e, muito nítida, a choça armada na popa. Um bando de garças sobrevoou a floresta e Bonifacia ouviu, muito próximo, o bater de asas, levantou a cabeça e viu os pescoços finos, alvos, os corpos rosados se afastando. Então continuou avançando, mas bem inclinada e não mais pela margem e sim por dentro do mato, arranhando os braços, o rosto e as pernas com as folhas afiadas, os espinhos e os ásperos cipós, em meio a zumbidos, sentindo carícias viscosas nos pés. Quase onde acabava a floresta, a pouca distância das pessoas aglomeradas, parou e ficou de cócoras: a vegetação se fechou sobre ela e agora podia vê-lo através de uma complicada geometria verde de losangos, cubos e ângulos inverossímeis. O velho não tinha nenhuma pressa; muito calmo, ia e vinha pela balsa, arrumando os caixotes e a mercadoria com minuciosa exatidão diante dos espectadores que cochichavam e faziam gestos de impaciência. O velho entrava na choça e voltava com um tecido, uns sapatos, uma fileira de colares de contas e, sério, cuidadoso, maníaco, ia colocando as coisas sobre uns caixotes. Era muito magro, parecia corcunda quando o vento inflava a sua camisa, mas, de repente, o peito e as costas afundavam até quase se tocarem e revelavam sua verdadeira silhueta, fina, muito estreita. Estava de bermuda e Bonifacia via suas pernas, magras como os seus braços, seu rosto de pele queimada e quase vermelha, e a fantástica, sedosa cabeleira branca que ondulava sobre seus ombros. O velho ficou ainda um bom tempo trazendo utensílios domésticos e adornos multicoloridos, empilhando cerimoniosamente tecidos estampados. Os cochichos cresciam toda vez que o velho tirava alguma coisa da choça e Bonifacia podia ver o entusiasmo das pagãs e das cristãs, seus fascinados, ambiciosos olhares para as miçangas, pentes, espelinhos, braceletes e talcos, e os olhos dos homens fixos nas garrafas enfileiradas num canto da balsa, ao lado de latas de conservas, cintos e facões. O velho avaliou sua obra durante alguns instantes, virou-se para as pessoas e todos correram em tumulto, chapinhando em volta da embarcação. Mas o velho sacudiu a juba branca e os conteve com as mãos. Brandindo sua vara como uma lança, obrigou-os a recuar, a subir em ordem. A primeira foi a mulher de Paredes. Gordas, desajeitada, não conseguia subir a bordo, o velho teve que ajudá-la e ela ficou mexendo em tudo, cheirando os frascos, manuseando nervosamente os tecidos e sabões, e as pessoas resmungaram e protestaram até que a mulher voltou para o cais, com água pela cintura, trazendo no alto um vestido floreado, um colar, um par de sapatos brancos.

Assim foram subindo na balsa, uma atrás da outra, as mulheres. Algumas eram lentas e desconfiadas para escolher, outras discutiam interminavelmente o preço e havia as que choramingavam ou ameaçavam pedindo desconto. Mas todos desciam da balsa com alguma coisa nas mãos, alguns cristãos com sacos abarrotados de provisões e algumas pagãs só com um punhadinho de miçangas para enfiar. Quando o cais ficou deserto, já estava anoitecendo: Bonifacia se levantou. O Nieva estava em plena cheia, marolinhas crespas e grisalhas corriam debaixo da ramagem e morriam junto aos seus joelhos. Tinha o corpo todo manchado de terra, e folhagens presas no cabelo e no vestido. O velho estava guardando a mercadoria, metódico e preciso arrumava os caixotes na proa e, sobre Santa María de Nieva, o céu era uma constelação de alcatrão e olhos de mocho, mas no outro lado do Marañón, logo acima da cidadela sombria do horizonte, uma faixa azul ainda resistia à noite e a Lua despontava por trás da sede da missão. O corpo do velho era uma mancha esquelética, na penumbra sua cabeleira cintilava prateada como um peixe. Bonifacia olhou para o povoado: havia luzes na casa do Governo, onde estava Paredes, e uns lampiões titilavam nas colinas e nas janelas da residência. A escuridão ia engolindo em lentos bocados as cabanas da praça, os pausmulatos, o caminho íngreme. Bonifacia saiu do seu refúgio e correu às escondidas até o cais. O lododa margem estava mole e quente, a água do remanso parecia imóvel e ela sentiu-a subir por seu corpo, e só a alguns metros da margem a correnteza começava, uma força morna e obstinada que a obrigou a dar braçadas para não se desviar. A água já chegava ao seu queixo quando se segurou na balsa e viu a calça branca do velho, o contorno da sua cabeleira: já era tarde, que voltasse amanhã. Bonifacia ergueu-se um pouco sobre a amurada, apoiou os cotovelos e o velho, inclinado para o rio, esquadrinhou-a: falava cristão?, entendia?

— Sim, don Aquilino — disse Bonifacia. — Boa noite.

— Hora de dormir — disse o velho. — Já fechou a loja, volte amanhã.

— Seja bonzinho — disse Bonifacia. — Deixa eu subir um instante?

— Você pegou o dinheiro do marido às escondidas e por isso vem a esta hora — disse o velho. — E se ele vier reclamar amanhã?

Cuspiu na água e riu. Estava de cócoras, seus cabelos caíam espumosos e livres em volta do rosto e Bonifacia via sua testa escura, limpa de rugas, seus olhos que pareciam dois bichinhos ardentes.

— Tanto faz — disse o velho —, só estou fazendo o meu negócio. Venha, suba.

Estendeu a mão, mas Bonifacia já havia subido, elasticamente, e estava na cobertura escorrendo o vestido e esfregando os braços. Colares? Sapatos? Quanto dinheiro tinha? Bonifacia começou a sorrir com timidez, não precisava de algum servicinho, don Aquilino?, e seus olhos observavam a boca do velho com ansiedade, que fizessem sua comida enquanto estava em Santa María de Nieva?, que fossem colher frutas para ele?, que limpassem a balsa, não precisava? O velho se aproximou, de onde a conhecia?, e examinou-a de cima a baixo: já a tinha visto antes, certo?

— Eu queria uma fazenda — disse Bonifacia e mordeu os lábios. Apontou para a choça e, por um instante, seus olhos se iluminaram. — Aquela amarela que guardou ao final. Pago com um trabalhinho, o senhor me diz qual e eu faço.

— Nada de trabalhinhos — disse o velho. — Não tem dinheiro?

— Para um vestido — sussurrou Bonifacia, suave e tenaz. — Quer que eu lhe traga frutas? Que salgue o peixe? E posso rezar para não acontecer nada de ruim nas suas viagens, don Aquilino.

— Não preciso de rezas — disse o velho; olhou-a bem de perto e, de repente, estalou os dedos. — Ah, já reconheci.

— Vou me casar, não seja mau — disse Bonifacia. — Quero fazer um vestido com essa fazenda, sei costurar.

— Por que não está com roupa de freira? — disse don Aquilino.

— Não estou mais com as mães — disse Bonifacia. — Elas me expulsaram da missão e agora vou me casar. Por que não me dá a fazenda, eu lhe faço um servicinho e da próxima vez que vier lhe pago em soles, don Aquilino.

O velho pôs a mão no ombro de Bonifacia, fez a garota retroceder para que o clarão da lua lhe desse na cara, examinou calmamente os olhos verdes ofegantes, o corpo miúdo que pingava: já era mulher. As *madrecitas* a tinham expulsado porque se envolveu com um cristão? Com esse com quem ia se casar? Não, don Aquilino, isso foi depois e no povoado ninguém sabia onde ela estava, e onde ela estava?, os Nieves lhe deram abrigo, podia fazer algum trabalhinho, afinal?

— Está morando com Adrián e Lalita? — perguntou don Aquilino.

— Foram eles que me apresentaram ao homem que vai ser meu marido — disse Bonifacia. — São muito bons comigo, como pais.

— Estou indo agora para a casa dos Nieves — disse o velho. — Venha comigo.

— E o pano? — disse Bonifacia. — Não se faça de difícil, don Aquilino.

O velho pulou para a água sem fazer barulho, Bonifacia viu a cabeleira flutuar até o cais, viu-a voltar. Don Aquilino subiu com a corda no ombro, enrolou-a e com a vara impulsionou a balsa rio acima, perto da margem. Bonifacia levantou a outra vara e, de pé na borda oposta, imitou o velho que afundava e retirava habilmente a madeira, sem esforço. Na altura do bosque de juncos, a corrente era mais forte e don Aquilino teve que manobrar para que a embarcação não se afastasse da margem.

— Don Adrián foi pescar cedo, mas já deve ter voltado — disse Bonifacia. — Convido o senhor para o casamento, don Aquilino, mas vai me dar a fazenda, não é? Vou me casar com o sargento, não o conhece?

— Com um milico? Então não dou — disse o velho.

— Não fale assim, ele é um cristão de bom coração — disse Bonifacia. — Pergunte aos Nieves, eles são amigos do sargento.

Uns lampiões ardiavam na cabana do piloto e ao lado do parapeito se divisavam silhuetas. A balsa atracou em frente à escadinha, ouviram-se vozes de boas-vindas, e Adrián Nieves entrou na água para pegar a corda e amarrá-la em uma estaca. Depois subiu a bordo e ele e don Aquilino se abraçaram e depois o velho foi para a varanda e Bonifacia viu-o pegar Lalita pela cintura e oferecer-lhe o rosto, e viu que ela o beijava muitas vezes na testa, fez boa viagem?, nas bochechas, e os três meninos se penduravam nas pernas do velho, gritando, e ele acariciava as cabeças, umas chavinhas, sim, as bandidas se adiantaram este ano.

— E você estava lá — disse Lalita. — Nós procuramos em todos os lados, Bonifacia. Vou contar ao sargento que você foi ao povoado e viu homens.

— Ninguém me viu — disse Bonifacia. — Só don Aquilino.

— Tanto faz, vamos contar para lhe dar ciúmes — riu Lalita.

— Ela veio ver as fazendas — disse o velho; ele e o menino menorzinho, sentado no seu colo, brincavam de despentear-se. — Estou cansado, hoje me fizeram trabalhar o dia inteiro.

— Vou lhe servir uma bebida, enquanto o jantar fica pronto — disse o piloto.

Lalita puxou para don Aquilino uma cadeira até a varanda, voltou para dentro, ouviu-se o crepitar do braseiro e surgiu um cheiro de fritura. Os meninos subiam nos joelhos do velho e este lhes fazia caretas enquanto brindava com Adrián Nieves. Já haviam esvaziado a garrafa quando Lalita chegou, enxugando as mãos na saia.

— Tão linda a sua cabeça — disse, acariciando os cabelos de don Aquilino. — Cada vez mais branca, mais suavezinha.

— Você está querendo dar ciúmes ao seu marido também? — disse o velho.

A comida já ia ficar pronta, don Aquilino, tinha preparado seus pratos preferidos e o velho balançava a cabeça tentando se livrar das mãos da Lalita: se não o deixasse em paz ele ia cortar o cabelo. Os meninos



estavam enfileirados à sua frente, agora o observavam mudos e com os olhos inquietos.

— Já sei o que vocês estão esperando — disse o velho. — Não esqueci, há presentes para todos. Para você, um terno de homem, Aquilino.

Os olhos rasgados do mais velho se acenderam e Bonifacia se encostou no parapeito. De lá viu o velho se levantar, descer a escadinha, voltar para a varanda cheio de embrulhos que os meninos lhe arrebataram das mãos, e depois o viu aproximar-se de Adrián Nieves. Ficaram conversando em voz baixa e, de vez em quando, don Aquilino olhava para ela de soslaio.

— Você tinha razão — disse o velho. — Adrián diz que o sargento é um bom cristão. Vá lá e traga a fazenda, é seu presente de casamento.

Bonifacia quis beijar-lhe a mão, mas don Aquilino a retirou com um gesto de aborrecimento. E enquanto ela voltava para a balsa, vasculhava os caixotes e pegava o tecido, ouvia o velho e o piloto sussurrando misteriosamente e os divisava, as duas caras juntas, falando e falando. Subiu para a varanda e eles se calaram. Agora a noite cheirava a peixe frito e uma brisa rápida estremecia o mato.

— Amanhã vai chover — disse o velho, farejando o ar. — Ruim para os negócios.

— Já devem estar na ilha — disse Lalita mais tarde, enquanto comiam. — Partiram faz mais de dez dias. Adrián lhe contou?

— Don Aquilino encontrou-os no caminho — disse o piloto Nieves. — Além dos guardas, também havia alguns soldados de Borja. Era verdade o que disse o sargento.

Bonifacia viu que o velho a observava de relance, sem deixar de mastigar, parecendo inquieto. Mas, um minuto depois, já sorria de novo e contava histórias das suas viagens.

Na primeira vez que saíram em expedição, voltaram em quinze dias. Ela estava no barranco, o sol avermelhava a lagoa e, de repente, apareceram na boca do canal: uma, duas, três canoas. Lalita levantou-se num pulo, precisava se esconder, mas os reconheceu: na primeira vinha Fushía, na segunda Pantacha, na terceira huambisas. Por que voltaram tão cedo se ele dissera um mês? Desceu correndo até o cais e Fushía já chegou Aquilino, Lalita?, ela ainda não e ele puta que pariu esse velho. Só trouxeram uns couros de jacaré, Fushía estava furioso, vamos morrer de fome, Lalita. Os huambisas riam enquanto descarregavam, suas mulheres revoavam entre eles, loquazes, grunhindo, e Fushía olhe como ficaram contentes, esses cachorros, chegamos à aldeia e os shapras não estavam, eles queimaram tudo, cortaram a cabeça de um cachorro, nada, puro desperdício, uma viagem inútil, nem uma pela de seringa, só esses couros que não valem nada e eles felizes. Pantacha estava de cueca, coçando as axilas, temos que ir mais para dentro, patrão, a floresta é grande e está cheia de riquezas e Fushía burro, para chegar mais longe precisamos de um piloto. Foram para a cabana, comeram banana e mandioca frita. Fushía falava o tempo todo de don Aquilino, o que terá acontecido com o velho, nunca tinha falhado até hoje, e Lalita choveu muito estes dias, deve ter se escondido em algum lugar para não molhar as coisas que encomendamos. Pantacha, deitado na rede, coçava a cabeça, as pernas, o peito, e se a lancha afundou nos pongos, patrão?, e Fushía então estamos fodidos, não sei o que vamos fazer. E Lalita não se preocupe tanto, os huambisas plantaram na ilha toda, fizeram até currais e Fushía é tudo merda, não se sabe quando vai dar e os índios podem viver de mandioca mas um cristão não, vamos esperar dois dias e se o Aquilino não chegar preciso fazer alguma coisa. E pouco depois Pantacha fechou os olhos, começou a roncar e Fushía sacudiu-o, que os huambisas abrissem os couros antes de ficarem bêbados, e Pantacha primeiro uma soneca, patrão, estou todo moído de tanto remar e Fushía burro, não está entendendo?, quero ficar sozinho com minha fêmea. Pantacha, de boca aberta, quem me dera ser como o senhor que tem uma mulher de verdade, patrão, os olhos desconsolados, faz anos que não sei o que é uma branca e Fushía chega, vá embora. Pantacha saiu choramingando e Fushía pronto, lá vai ele sonhar, tire logo a roupa Lalita, o que está esperando, ela estou sangrando e ele não me importa. E ao

entardecer, quando Fushía acordou, foram para a aldeia que cheirava a *masato*, os huambisas caíam de bêbados e Pantacha não estava em lugar nenhum. Afinal o encontraram no outro extremo da ilha, tinha levado sua esteira para a beira da lagoa e Fushía o que foi que eu disse, está sonhando como um anjinho. Falava entre os dentes, com a cara escondida entre as mãos, o fogo continuava ardendo sob a panelinha cheia de ervas. Uns besouros andavam em cima das suas pernas e Lalita nem os sente. Fushía apagou o fogo, chutou a panelinha para dentro da água, vamos ver se o acordamos, e os dois o sacudiram, beliscaram, esbofetearam e ele, falando entre os dentes, só era cusquenho por acaso, sua alma nasceu em Ucayali, patrão, e Fushía está ouvindo?, ela estou, parece doido, e Pantacha seu coração era triste. Fushía o sacudia, chutava, serrano de merda, não é hora de sonhar, você tem que ficar acordado, vamos morrer de fome e Lalita ele não está ouvindo, está em outro mundo, Fushía. E ele, entre os dentes, vinte anos em Ucayali, patrão, contagiado pelos pirarucus, tinha o corpo duro feito babunha, os borrachudos não furam. Ele esperava as bolhinhas, os pirarucus estavam saindo para tomar ar, passe o arpão, Andrés, firme, espete com força que eu o amarro, patrão, ele matava os pirarucus com a primeira pazada mas a canoa virou no Tamaya, ele saiu mas Andrés não, você se afogou irmão, as sereias o arrastaram para o fundo, agora vai ser marido delas, por que foi morrer, meu irmãozinho Andrés. Os dois se sentaram para esperar que terminasse de acordar e Fushía ainda falta bastante, não me convém perder este caboclo, sonhador mas útil, e Lalita por que está sempre tomando esses chazinhos e Fushía para não se sentir tão sozinho. Baratas e besouros passeavam pela esteira e por cima do seu corpo e ele por que será que tinha virado mateiro, patrão, vida ruim aqui no mato, é preferível a água, com os pirarucus, sei o que são as febres terças, Pantacha, aquela tremedeira, você vem comigo, eu lhe pago mais, tome um cigarro, vamos beber alguma coisa, você é meu homem, leve-me aonde haja cedro, pau-rosa, encontre intermediários, madeira balsa, e ia com eles, patrão, quanto me adianta, e queria ter uma casa, mulher, filhos, viver em Iquitos como os cristãos. E de repente Fushía, Pantachita, o que aconteceu no Aguaytía?, conte-me que sou seu amigo. E Pantacha abriu e fechou os olhos, estavam vermelhos feito bunda de macaco e, entre os dentes, aquele rio tinha sangue, patrão, e Fushía sangue de quem, caboclo?, e ele quente, espesso como seringuiinha jorrando da seringueira, e também os canais e as lagoas dali, uma ferida só, patrão, pode acreditar, e Fushía claro que acredito, caboclo, mas de onde vem esse sangue quente?, e Lalita deixe-o Fushía, não pergunte, ele está sofrendo, e Fushía cale a boca sua puta, vamos Pantachita, quem sangrou, e ele, entre os dentes, o trapaceiro Bákovic, aquele iugoslavo que os enganou, é pior que o diabo, patrão, e Fushía por que você o matou, Pantacha?, e como, caboclo, com quê, e ele não queria pagar, não há cedro suficiente, vamos mais para dentro, e puxava a winchester, e também bateu num carregador que lhe roubou uma bebida. E Fushía você lhe deu um tiro, caboclo? e ele com o facão, patrão, ficou com o braço dormente de tanto golpear e então começou a espernear e a chorar e Lalita veja só como ele está, Fushía, ficou transtornado e Fushía arranquei um segredo dele, agora já sei de que estava fugindo quando Aquilino o encontrou. Voltaram a sentar-se ao lado da esteira, esperaram, ele se acalmou e acabou acordando. Levantou-se trôpego, coçando-se com fúria, patrão, não fique zangado, e Fushía os chazinhos vão deixar você doido e um dia ia mandá-lo embora e Pantacha não tinha ninguém, sua vida era triste, patrão, o senhor tem sua mulher, os huambisas também, e até os animais, mas ele estava sozinho, que não se aborresse, patrão, a senhora também, patroa.

Esperaram mais dois dias, Aquilino não chegava, os huambisas foram até o Santiago tentar averiguar alguma coisa e voltaram sem notícias. Então foram procurar um lugar para o tanque e Pantacha do outro lado do cais, patrão, o barranco é mais íngreme e assim a água das paineiras escorre em cima, e as cabeças dos huambisas que sim e Fushía, bom, vamos fazer lá. Os homens derrubaram as árvores, as mulheres capinaram e, quando abriram uma clareira, os huambisas fizeram estacas, afinaram as pontas e as cravaram em círculo. A terra era preta na superfície, vermelha por dentro e as mulheres a transportavam nas túnicas para jogar na lagoa enquanto os homens cavavam o buraco. Depois choveu e em poucos dias o tanque

estava cheio, pronto para as tartarugas. Saíram ao amanhecer, o canal estava alto, as raízes e cipós vinham arranhá-los, e no Santiago Lalita começou a tremer, teve febres. Viajaram dois dias, Fushía até quando e os huambisas apontavam para a frente com o dedo. Por fim um banco de areia, e Fushía dizem que é ali, tomara, e atracaram, esconderam-se entre as árvores, e Fushía não se mexa, não respire, se a ouvirem não vão aparecer, e Lalita sinto enjoo, acho que estou grávida, Fushía, e ele porra, fique calada. Os huambisas se transformaram em plantas, seus olhos brilhavam imóveis entre os galhos e assim escureceu, os grilos começaram a cantar, as rãs a coaxar e um sapo gordíssimo subiu no pé de Lalita, que vontade de esmagar, aquela gosma, aquela barriga branquela e ele não se mexa, a lua já saiu e ela não posso continuar que nem um defunto, Fushía, queria chorar e berrar. A noite estava clara, morna, soprava uma brisa leve e Fushía nos sacanearam, não se vê nenhuma por aqui, que cachorros, e Pantacha cale-se, patrão, vê?, já estão saindo. Com as marolas do rio chegavam como rodela, escuras, grandes, encalhavam e de repente se mexiam, avançavam devagarzinho e suas carapaças se acendiam com luzes douradas, duas, quatro, seis, aproximando-se, arrastando-se na areia, as cabeçorras de fora, rugosas, bamboleando, estarão nos vendo, farejando?, e algumas já estavam escavando para fazer seus ninhos, outras saíam da água. E então, silenciosamente, surgiram dentre as árvores rápidas silhuetas cor de cobre, e Fushía vamos, corra, Lalita, e quando chegaram à praia, Pantacha veja, patrão, elas mordem, quase me arrancaram um dedo, as fêmeas são as mais ferozes. Os huambisas tinham virado muitas e estavam grunhindo, contentes. De cabeça para baixo, com as cabeças encolhidas, as tartarugas mexiam as patas e Fushía conta, são oito e os homens faziam buracos nas carapaças, enfiavam cipós para pendurar e Pantacha vamos comer uma, patrão, com aquela espera ficaram com fome. Dormiram lá e no dia seguinte seguiram viagem e de noite outra prainha, cinco tartarugas, outro colar, e dormiram, viajaram de novo e Fushía ainda bem que é época da desova e Pantacha o que estamos fazendo é proibido, patrão?, e Fushía ele passava a vida fazendo coisas proibidas, caboclo. A volta foi muito lenta, as canoas iam rebocando os colares e as tartarugas resistiam, freavam e Fushía o que estão fazendo, seus cachorros, não batam nelas, vão matá-las e Lalita você me ouviu?, acredite, sinto enjoo, Fushía, estou esperando um filho e ele você sempre imagina as piores coisas. No canal, as tartarugas se enganchavam nas raízes do fundo e constantemente era preciso parar, os huambisas pulavam na água, as tartarugas os mordiam e eles subiam na canoa rugindo. Quando entraram na lagoa viram a lancha e don Aquilino, no cais, sacudindo um lenço. Trazia conservas, panelas, facões, anisado e Fushía velho querido, pensei que tinha se afogado e ele topei com uma lancha cheia de soldados e acompanhei-os para disfarçar. E Fushía soldados?, e Aquilino houve uma confusão em Urakusa, os aguarunas bateram num cabo, parece, e mataram um piloto, o governador de Santa María de Nieva também estava indo, para acertar as contas, se não fugissem iam acabar com a raça deles. Os huambisas puseram as tartarugas no tanque, deram-lhes folhas, cascas, formigas para comer, e Fushía quer dizer que o cachorro do Reátegui anda por aqui?, e Aquilino os soldados queriam que eu vendesse as conservas para eles, tive que enganá-los, e Fushía não diziam que esse cachorro do Reátegui ia voltar para Iquitos e largar o governo?, e Aquilino sim, ele diz que vai embora depois de resolver esse problema, e Lalita ainda bem que chegou, don Aquilino, eu não estava gostando nada da ideia de comer tartaruga o inverno todinho.

E assim don Anselmo virou mangache. Mas não da noite para o dia, como um homem que escolhe um lugar, faz a sua casa e se instala; a coisa foi lenta, imperceptível. No começo aparecia pelas chicherías com a harpa debaixo do braço, e os músicos (quase todos tinham tocado para ele alguma vez) o aceitavam como acompanhante. As pessoas gostavam de ouvir, batiam palmas. E as donas das chicherías, que sentiam carinho por ele, lhe ofereciam comida e bebida e, quando estava bêbado, uma esteira, uma coberta e um canto para dormir. Nunca era visto em Castilla, nem cruzava a Ponte Velha, parecia decidido a viver longe das lembranças e do areal. Não frequentava sequer os bairros próximos ao rio, a Gallinacera, o matadouro, só a

Mangachería: a cidade se interpunha entre o seu pasado e ele. E os mangaches os adotaram, ele e a sorumbática Chunga que, encolhida num canto, com o queixo apoiado nos joelhos, olhava com hostilidade para o vazio enquanto don Anselmo tocava ou dormia. Os mangaches o chamavam de don Anselmo, mas se referiam a ele como o harpista, o velho. Porque desde o incêndio tinha envelhecido muito: seus ombros caíram, o peito afundou, surgiram gretas em sua pele, a barriga inchou, as pernas se curvaram e ele se tornou sujo, descuidado. Ainda arrastava as botas dos bons tempos, poeirentas, muito gastas, sua calça estava em farrapos, a camisa não conservava um só botão, seu chapéu era furado, as unhas estavam compridas, pretas, e os olhos cheios de estrias e remelas. Sua voz enrouqueceu, suas maneiras ficaram relaxadas. No começo, alguns poderosos o contratavam para tocar em seus aniversários, batizados e casamentos; com o dinheiro que ganhou, convenceu Patrocinio Naya a alojá-los em sua casa e a dar de comer uma vez por dia a ele e à Chunga, que já estava começando a falar. Mas vivia sempre tão desmazelado e tão bêbado que os brancos deixaram de chamá-lo e então começou a ganhar a vida como podia, ajudando numa mudança, carregando volumes ou limpando portas. Aparecia nas chicherías ao escurecer, de improviso, com a Chunga em uma das mãos, a harpa na outra. Era um personagem popular na Mangachería, amigo de todos e de ninguém, um solitário que tirava o chapéu para cumprimentar todo mundo mas quase não trocava uma palavra com ninguém, e sua harpa, sua filha e o álcool pareciam ocupar toda a sua vida. Dos seus antigos hábitos, só havia perdurado o ódio aos *galinaços*: bastava ver um para começar a juntar pedras, bombardear e xingar o infeliz. Bebia muito, mas era um bêbado discreto, nunca agressivo, nada agitado. Notava-se que estava ébrio pelo seu andar, não zigzagueante nem trôpego, mas cerimonioso: as pernas abertas, os braços rígidos, o rosto grave, os olhos fixos no horizonte.

Seu sistema de vida era simples. Ao meio-dia saía da cabana de Patrocinio Naya e, às vezes levando a Chunga pela mão, às vezes sozinho, ia para a rua com uma espécie de urgência. Percorria o labirinto mangache em passos rápidos, ia e vinha pelos tortuosos, oblíquos caminhos, e assim subia até a fronteira sul, o areal que se prolonga até Sullana, ou descia para a entrada da cidade, aquela fila de alfarrobeiras que ladeia um canal. Ia, retornava, voltava a ir, com breves escalas nas chicherías. Sem o menor embaraço entrava e, quieto, mudo, sério, esperava que alguém lhe oferecesse um *clarito*, um copo de pisco: agradecia com a cabeça e depois saía e prosseguia sua marcha ou passeio ou penitência, sempre no mesmo ritmo febril até que os mangaches o viam parar em um lugar qualquer, cair na sombra de um beiral, acomodar-se na areia, cobrir o rosto com o chapéu e permanecer assim durante horas, impassível ante as galinhas e cabras que o farejavam, tocavam no seu corpo com as penas e as barbas, cagavam nele. Não tinha melindres para parar os transeuntes e pedir um cigarro, e, quando negavam, não se aborrecia: seguia seu caminho, altivo, solene. À noite voltava à casa de Patrocinio Naya, em busca da harpa, e às chicherías, mas agora para tocar. Passava horas afinando as cordas, dedilhando-as com delicadeza e, quando estava muito embriagado, suas mãos não lhe obedeciam mais e a harpa desafinava, começava a murmurar, seus olhos ficavam tristes.

Às vezes ia ao cemitério e lá o viram furioso pela última vez, num dois de novembro, quando os guardas municipais o barraram na porta. Ele xingou, brigou, jogou pedras e por fim uns vizinhos convenceram os guardas a deixá-lo entrar. E foi no cemitério, em outro dois de novembro, que Juana Baura viu a Chunga, que já devia estar com uns seis anos, suja, em farrapos, correndo entre os túmulos. Chamou-a e lhe fez carinho. Depois disso, de vez em quando a lavadeira vinha à Mangachería com seu burro carregado de roupa e perguntava pelo harpista e pela Chunga. Trazia comida para ela, um vestido, sapatos, e para ele cigarros e umas moedas que o velho ia correndo gastar na chichería mais próxima. E um dia a Chunga não foi mais vista nas ruelas mangaches e Patrocinio Naya disse que Juana Baura a levava, de vez, para a Gallinacera. O harpista continuou sua vida, suas caminhadas. Estava cada dia mais velho, mais imundo e esfarrapado, mas todos tinham se acostumado, ninguém virava o rosto quando cruzava com ele, calmo e hirto, ou quando precisava se desviar para não pisar no seu corpo jogado na areia, sob o sol.

O harpista só começou a se aventurar fora dos limites da Mangachería anos depois. As ruas da cidade cresciam, mudavam, ficavam mais duras com paralelepípedos e calçadas, engalanavam-se com casas novas e estavam barulhentas, as crianças corriam atrás dos automóveis. Havia bares, hotéis e rostos desconhecidos, uma estrada nova para Chiclayo e agora uma ferrovia de trilhos lustrosos unia Piura e Paita passando por Sullana. Tudo se transformava, os piuranos também. Não andavam mais pelas ruas usando botas e calças de montar, e sim com ternos e até gravatas, e as mulheres, que tinham abandonado as saias escuras até os tornozelos, usavam cores claras, não andavam mais escoltadas por criadas e escondidas sob véus e grandes xales, mas sozinhas, mostrando o rosto, de cabelo solto. Cada vez havia mais ruas, casas mais altas, a cidade se dilatava e o deserto retrocedia. A Gallinacera desapareceu e em seu lugar surgiu um bairro de gente importante. Certa madrugada as cabanas apinhadas atrás do matadouro se queimaram; apareceram guardas municipais, policiais, com o alcaide e o prefeito à frente, retiraram todo mundo com caminhões e tábuas e no dia seguinte começaram a traçar ruas retas, quarteirões, a construir casas de dois andares, e em pouco tempo ninguém mais pensava que naquela asseada área residencial habitada por brancos haviam morado peões. Castilla também cresceu, transformou-se numa pequena cidade. As ruas se pavimentaram, chegou o cinema, abriram-se colégios, avenidas, e os velhos se sentiam transportados para outro mundo, reclamavam de desconforto, indecências, atropelos.

Um dia, com a harpa embaixo do braço, o velho avançou por essa cidade renovada, chegou à Praça de Armas, instalou-se debaixo de um pé de tamarindo, começou a tocar. Voltou na tarde seguinte, e muitas outras, principalmente nas quintas-feiras e nos sábados, dias de retreta. Dezenas de piuranos iam à Praça de Armas ouvir a banda do Quartel Grau e ele se adiantava, oferecia sua própria retreta uma hora antes, passava o chapéu e, quando juntava uns soles, voltava para a Mangachería. Esta não havia mudado, nem tampouco os mangaches. Lá continuava havendo casebres de pau a pique, velas de sebo, cabras e, apesar do progresso, nenhuma patrulha da Guarda Civil se aventurava de noite pelas suas ruas inóspitas. E, sem dúvida, o harpista se sentia mangache de coração, porque sempre acabava gastando ali no bairro o dinheiro que ganhava com as apresentações na Praça de Armas. De noite continuava tocando na casa da Tula, da Gertrudis ou da Angélica Mercedes, sua ex-cozinheira, que agora tinha sua própria chichería. Não se podia mais conceber a Mangachería sem ele, nenhum mangache podia imaginar que na manhã seguinte não o veria rodando hieraticamente pelas ruelas, apedrejando urubus, saindo das cabanas de bandeira vermelha, dormindo ao sol, que não ouviria sua harpa, ao longe, na escuridão. Até por sua maneira de falar, nas poucas vezes em que falava, qualquer piurano reconhecia nele um mangache.

— Os inconquistáveis o chamaram à sua mesa — disse a Chunga. — Mas o sargento fazia de conta que não estava vendo.

— Sempre tão educado — disse o harpista. — Veio me cumprimentar e me abraçar.

— Com essas brincadeiras, estes sacanas vão fazer meus subordinados me perderem o respeito, velho — disse Lituma.

Os dois guardas ficaram no bar enquanto o sargento conversava com don Anselmo; a Chunga serviu cerveja e os León e Josefino não se acanharam.

— É melhor parar porque a Selvática está ficando triste — disse o Jovem. — Além do mais já é tarde, maestro.

— Não fique triste, moça — a mão de don Anselmo voou sobre a mesa, derrubou um copo, bateu no ombro da Selvática. — A vida é assim, não é culpa de ninguém.

Esses traidores, botavam a farda e não se sentiam mais mangaches, não cumprimentavam, não queriam olhar.

— Os guardas não sabiam que era com o sargento — disse a Chunga. — Estavam sossegados tomando

suas cervejas, conversando comigo. Mas ele sabia, fuzilava-os com os olhos, e com a mão esperem, calem-se.

— Quem convidou esses sujeitos de farda? — disse Seminario. — Muito bem, já estão se despedindo. Chunga, faça o favor de mandá-los embora.

— É o senhor Seminario, o fazendeiro — disse a Chunga. — Não liguem.

— Já o reconheci — disse o sargento. — Não olhem para ele, rapazes, deve estar bêbado.

— Agora é com os milicos — disse o Macaco. — Este filho da puta é metido.

— Nosso primo deveria responder, a farda tem que servir para alguma coisa — disse José.

O Jovem Alejandro tomou um golinho de café:

— Ele chegava aqui tranquilo, mas depois de tomar dois copos se enfurecia. Devia ter alguma mágoa terrível no coração e desabafava assim, com provocações e pancadas.

— Não fique assim, senhor — disse o sargento. — Estamos fazendo o nosso trabalho, ganhamos para isso.

— Já controlaram o suficiente, já viram que está tudo em calma — disse Seminario. — Agora vão embora e deixem as pessoas decentes se divertirem em paz.

— Não se incomode por nós — disse o sargento. — Continue aproveitando, senhor.

O rosto da Selvática estava cada vez mais aflito e, em sua mesa, Seminario se contorcia de ódio, o milico também o adulava, não havia mais machos em Piura, o que fizeram desta terra, maldição, aquilo não era justo. E então a Hortensia e a Amapola se aproximaram dele e com trejeitos e brincadeiras o acalmaram um pouco.

— Hortensia, Amapola — disse don Anselmo. — Que nomes você deu a elas, Chunguita.

— E eles o que fizeram? — disse a Selvática. — Deviam estar furiosos com o que ele falou de Piura.

— Soltavam faíscas pelos olhos — disse o Bolas. — Mas o que podiam fazer, estavam morrendo de medo.

Eles não imaginavam que Lituma fosse tão maricas, estava armado e devia enfrentar Seminario, o homem é abusado demais, não adianta procurar pelo em ovo, e a Rita que falassem mais baixo porque ele ia ouvir, e a Maribel vai ter confusão, e a Sandra com suas gargalhadas. E pouco depois a ronda se retirou, o sargento acompanhou os dois guardas até a porta e voltou sozinho. Foi sentar-se à mesa dos inconquistáveis.

— Seria melhor que tivesse ido embora também — disse o Bolas. — O coitado.

— Por que coitado? — protestou a Selvática, com veemência. — Ele é homem, não tem que dar pena.

— Mas você sempre o chama de coitadinho, Selvática — disse o Bolas.

— Sou mulher dele — explicou a Selvática e o Jovem esboçou um vago sorriso.

Lituma protestava, por que caçoavam dele na frente do seu pessoal? E eles você tem duas caras, fica sério na frente dos dois e depois os manda embora para se divertir. De farda tinham pena dele, era outra pessoa, e ele vocês me dão ainda mais pena e logo depois se reconciliaram e voltaram a cantar: eram os inconquistáveis, não sabiam trabalhar, só beber, só jogar, eram os inconquistáveis e agora iam trepar.

— Fazer um hino só para eles — disse o harpista. — Ah, esses mangaches, são únicos.

— Mas você não é mais, primo — disse o Macaco. — Você se entregou.

— Não sei como não tem vergonha, primo — disse José. — Nunca se viu um mangache vestido de milico.

— Deviam estar contando piadas ou os seus porres — disse a Chunga. — De que queria que falassem?

— Dez anos, coleguinha — suspirou Lituma. — É incrível como a vida passa.

— Saúde, pela vida que passa — propôs José, com o copo no alto.

— Os mangaches ficam meio filósofos quando estão bêbados. Contagiados pelo Jovem — disse o harpista. — Deviam estar falando da morte.

— Dez anos, parece mentira — disse o Macaco. — Lembra do velório de Domitila Yara, primo?

— Um dia depois de chegar da selva encontrei opadre García e ele não me cumprimentou — disse Lituma. — Nunca nos perdoou.

— Que filósofo coisa nenhuma, maestro — disse o Jovem, ruborizando-se. — Só um modesto artista.

— Deviam estar lembrando de coisas — disse a Selvática. — Sempre que se juntavam, ficavam contando o que faziam quando eram crianças.

— Você já está falando com sotaque piurano, Selvática — disse a Chunga.

— Nunca se arrependeu, primo? — perguntou José.

— Milico ou outra coisa qualquer, tanto faz — Lituma encolheu os ombros. — Quando eu era inconquistável, tive muita farrá e muita brincadeira, mas também passei muita fome, colegas. Agora pelo menos como bem, de manhã e de tarde. Já é alguma coisa.

— Se não for incômodo, eu aceitaria mais um pouquinho de leite — disse o harpista.

A Selvática se levantou, don Anselmo: ia preparar.

— A única coisa que me dá inveja é que você correu o mundo, Lituma — disse Josefino. — E nós vamos ser enterrados sem sair de Piura.

— Só se for você — disse o Macaco. — Eu não morro sem conhecer Lima.

— Boa menina — disse Anselmo. — Sempre se oferece para tudo. Que serviçal, que simpática. É bonita?

— Não muito, é meio atarracada — disse o Bolas. — E quando está de salto alto, é engraçado como anda.

— Mas tem uns olhos lindos — afirmou o Jovem. — Verdes, grandões, misteriosos. O senhor gostaria, maestro.

— Verdes? — disse o harpista. — Na certa eu gostaria.

— Quem podia imaginar que você ia acabar casado e milico — disse Josefino. — E logo, logo pai de família, Lituma.

— É verdade que as mulheres na selva são todas oferecidas? — disse o Macaco. — São mesmo tão sensuais como dizem?

— Muito mais do que dizem — afirmou Lituma. — Você tem que se defender. Se descuidar elas sugam até a sua alma, nem sei como não saí de lá com os pulmões esburacados.

— Então um sujeito lá come quantas quiser — disse José.

— Principalmente se for costeiro — disse Lituma. — São doidinhas pelos homens da costa.

— Ela pode até ser boa gente, mas que sentimentos — disse o Bolas. — Sustenta o amigo do marido, e o coitado do Lituma na cadeia.

— Não se pode julgar tão rápido, Bolas — disse o Jovem, com tristeza. — É preciso saber antes o que foi que aconteceu. Não é fácil descobrir o que há por trás das coisas. Nunca jogue a primeira pedra, irmão.

— E depois ainda diz que não é filósofo — disse o harpista. — Ouça-o, Chunguita.

— Em Santa María de Nieva havia muitas fêmeas, primo? — insistia o Macaco.

— Dava para ter uma por dia — disse Lituma. — Muitas, e fogosíssimas. De todo tipo e em grandes quantidades, brancas, moreninhas, era só esticar a mão.

— E se eram tão gostosas por que se casou com essa aí? — riu Josefino. — Porque, não venha me dizer, Lituma, ela é só olhos, o resto não vale nada.

— Ele deu um soco na mesa que se ouviu até na catedral — disse o Bolas. — Discussão por algum motivo, parecia que Josefino e Lituma iam brigar.

— São faíscas, fosforinhos, que se acendem e se apagam, a raiva nunca dura muito — disse o harpista. — Todos os piuranos têm bom coração.

— Não sabe mais aguentar brincadeiras? — dizia o Macaco. — Como você mudou, primo.

— Mas ela é minha irmã, Lituma — exclamava Josefino. — Achou que eu estava falando sério? Sente-se, colega, vamos brindar.

— Acontece que gosto dela — disse Lituma. — Não é pecado.

— É ótimo você gostar dela — disse o Macaco. — Traga mais cerveja, Chunga.

— A coitada não se acostuma, está assustada no meio de tanta gente — dizia Lituma. — Isto aqui é muito diferente da terra dela, vocês precisam entender.

— Claro que entendemos — disse o Macaco. — Vamos, um brinde pela nossa prima.

— É boníssima, como nos recebe, que banquetes nos prepara — disse José. — Nós três gostamos muito dela, primo.

— Está bom assim, don Anselmo? — disse a Selvática. — Não está muito quente?

— Muito bom, ótimo — disse o harpista, saboreando. — Você tem mesmo olhos verdes, garota?

Seminario tinha se virado na direção deles com cadeira e tudo, que barulho era aquele, não se podia mais conversar tranquilo?, e o sargento, com todo o respeito, já estava passando dos limites, ninguém se metera com ele, que não se metesse com os outros, senhor. Seminario levantou a voz, quem estavam pensando que eram para contestá-lo, e claro que se metia com eles, com os quatro e também com a puta que os tinha parido, ouviram bem?

— Xingou a mãe deles? — disse a Selvática, piscando.

— Várias vezes naquela noite, essa foi a primeira — disse o Bolas. — Esses ricos cheios de terras acham que podem xingar a mãe de qualquer um.

A Hortênsia e a Papoula saíram voando dali e, no balcão, Sandra, Rita e Maribel avançaram as cabeças. O sargento estava com a voz embargada de raiva, a família não tinha nada a ver com isso, senhor.

— Se não gostou, venha cá ter uma conversinha comigo, caboclinho — disse Seminario.

— Mas Lituma não foi — disse a Chunga. — Eu e a Sandra o detivemos.

— Por que xingar a mãe quando a briga é de homens? — disse o Jovem. — Mãe é a coisa mais santa que existe.

E a Hortensia e a Papoula tinham voltado para a mesa de Seminario.

— Não os ouvi mais rir nem cantar o seu hino — disse o harpista. — Ficaram desmoralizados depois que o outro xingou a mãe deles.

— E se consolaram bebendo — disse a Chunga. — Não cabiam mais garrafas na mesa.

— É por isso que acho que as mágoas lá do fundo explicam tudo — disse o Jovem. — É por isso que alguns viram bêbados, outros padres, outros assassinos.

— Vou molhar a cabeça — disse Lituma. — Esse sujeito estragou a noite.

— Ele teve razão para ficar aborrecido, Josefino — disse o Macaco. — Ninguém gosta de ouvir que sua própria mulher é feia.

— Pois já estou cansado de tanta gabolice — disse Josefino. — Eu comi cem mulheres, conheço metade do Peru, vivi a grande vida. Passa o dia todo nos provocando com suas viagens.

— No fundo, você está com raiva porque a mulher dele não lhe dá nem atenção — disse José.

— Se ele souber que você anda atrás dela, vai matá-lo — disse o Macaco. — Está apaixonado por essa fêmea que nem bezerro desmamado.

— A culpa é toda dele — disse Josefino. — Por que fica contando vantagem? Na cama ela é puro fogo, ela se mexe assim, assado. Que se dane, quero ver se essas maravilhas são mesmo verdade.

— Quer apostar duas libras que ela não vai lhe dar bola, irmão? — disse o Macaco.

— Veremos — disse Josefino. — Na primeira vez quis me esbofetear, na segunda só me xingou e na terceira não ficou nem aborrecida e até me deixou apertá-la um pouco. Já está cedendo, eu conheço a minha gente.



— Se conseguir, não se esqueça — disse José. — Onde passa um inconquistável, passam os três, Josefino.

— Nem sei por que tenho tanto tesão por ela — disse Josefino. — Na verdade, não é grande coisa.

— Porque é de fora — disse o Macaco. — A gente sempre gosta de descobrir que segredos, que costumes elas trazem das suas terras.

— Parece um bichinho — disse José. — Não entende nada, passa o dia todo perguntando por que isto, por que aquilo. Eu não me atreveria a ser o primeiro. E se ela contar a Lituma, Josefino?

— É do tipo assustado — disse Josefino. — Percebi na hora. Não tem personalidade, morreria de vergonha de lhe contar. Pena que ele a engravidou. Agora vou ter que esperar que dê à luz para continuar o trabalhinho.

— Depois foram dançar com a maior tranquilidade — disse a Chunga. — Parecia que estava tudo bem.

— As desgraças chegam de repente, quando a gente menos espera — disse o Jovem.

— Com quem ele estava dançando? — disse a Selvática.

— Com a Sandra — a Chunga olhava para ela com olhos apagados e falava devagar: — muito coladinhos. E se beijavam. Você tem ciúmes?

— Só estava perguntando — disse a Selvática. — Não sou ciumenta.

E Seminario, de repente, firme, que fossem embora, destemperado, senão botava para fora aos pontapés, rugindo, os quatro juntos.

### III

— Nem um som a noite inteira, nem uma luz — disse o sargento. — Não acha esquisito, meu tenente?

— Devem estar do outro lado — disse o sargento Roberto Delgado. — A ilha parece grande.

— Já está clareando — disse o tenente. — Que tragam as lanchas, mas sem fazer barulho.

Entre as árvores e a água, os uniformes tinham uma aparência vegetal. Apinhados no reduto estreito, encharcados até os ossos, os olhos ébrios de fadiga, os guardas e soldados ajustavam as calças, as perneiras. Estavam envoltos numa claridade esverdeada que se filtrava pela ramagem labiríntica e, entre as folhas, galhos e cipós, muitos rostos apresentavam mordidas, arranhões roxos. O tenente avançou até a beira da lagoa, afastou a folhagem com uma das mãos, com a outra pôs os binóculos nos olhos e esquadrinhou a ilha: um barranco alto, encostas cor de chumbo, árvores de troncos robustos e copas frondosas. A água reverberava, já se ouviam os pássaros cantar. O sargento foi agachado até o tenente, embaixo dos seus pés a floresta rangia e crepitava. Atrás deles, as silhuetas difusas de guardas e soldados quase não se mexiam no matagal, destampavam cantis e acendiam cigarros em silêncio.

— Não estão mais discutindo — disse o tenente. — Ninguém diria que passaram a viagem toda brigando.

— A noite ruim obrigou-os a ficarem amigos — disse o sargento. — O cansaço, o desconforto. Não há nada como essas coisas para os homens se entenderem bem, meu tenente.

— Vamos cercá-los antes que amanheça completamente — disse o tenente. — Precisamos colocar um grupo na margem da frente.

— Sim, mas para isso temos que atravessar a lagoa — disse o sargento, apontando a ilha com um dedo. — São uns trezentos metros, meu tenente. Vão nos caçar feito passarinhos.

O sargento Roberto Delgado e os outros se aproximaram. A lama e a chuva igualavam os uniformes e só os capacetes e os quepes distinguíam os guardas dos soldados.

— Vamos mandar um emissário, meu tenente — disse o sargento Roberto Delgado. — Não vão ter outro remédio, têm que se render.

— É estranho que não tenham nos visto — disse o sargento. — Os huambisas têm ouvido afiado, como todos os índios. Pode ser que agora mesmo estejam nos espreitando lá nas paineiras.

— Não dá para acreditar — disse o sargento Delgado. — Pagãos vivendo no meio de paineiras, com o pânico que têm delas.

Os soldados e guardas escutavam: peles lívidas, pequenos abscessos de sangue coagulado, olheiras, pupilas inquietas. O tenente coçou a bochecha, vejamos, três espinhas formavam um triângulo roxo em sua têmpora, os dois sargentos estavam se cagando de medo?, e uma mecha de cabelo sujo caía na testa semioculta pela viseira. O quê? Talvez os seus guardas estejam com medo, meu tenente, o sargento Roberto Delgado não sabia como entender isso. Ouviu-se um murmúrio e, num mesmo movimento que agitou a folhagem, o Pequeno, o Escuro e o Louro se afastaram dos soldados: era uma ofensa, meu tenente, não admitiam, com que direito?, e o tenente tocou na cartucheira: aquilo podia lhe custar caro, se não estivessem em missão ele ia ver.

— Era só brincadeira, meu tenente — gaguejou o sargento Roberto Delgado. — No exército nós fazemos piadas com os oficiais e eles não se aborrecem. Pensei que na polícia era igual.

Um rumor de água invadida abafou suas vozes e ouviu-se um cuidadoso chapinhar de remos, um

deslizar. Sob uma cascata de cipós e juncos apareceram as lanchas. O piloto Pintado e o soldado que as conduziam estavam sorridentes e nem seus gestos nem seus movimentos revelavam fadiga.

— Afinal, talvez seja melhor mesmo pedir a rendição — disse o tenente.

— Claro, meu tenente — disse o sargento Roberto Delgado. — Não sugeri isso por medo, mas por estratégia. Se quiserem fugir, daqui nós fazemos tiro ao alvo com eles.

— Em compensação, se formos para lá, podem nos exterminar enquanto atravessamos a lagoa — disse o sargento. — Nós somos apenas dez e eles não se sabe quantos. E nem que armas têm.

O tenente virou-se e guardas e soldados ficaram tensos: quem era o mais antigo? Uma expressão ansiosa em todos os rostos, rictos nas bocas, piscadas assustadas, e o sargento Roberto Delgado apontou para um soldado baixinho e bronzeado, que deu um passo à frente: soldado Hinojosa, meu tenente. Muito bem, que o soldado Hinojosa levasse os homens de Borja para o outro lado da lagoa e os postasse em frente à ilha, sargento. O tenente ficaria aqui com os guardas, vigiando a boca do canal. E para que então viera o sargento Roberto Delgado, meu tenente? O oficial tirou o quepe, para quê?, alisou o cabelo com a mão, ele ia dizer e, ao pôr de novo o quepe, a mechinha da sua testa havia desaparecido: os dois sargentos iam lá pedir a rendição. Que soltassem as armas e formassem no barranco, de mãos na cabeça, sargento, o Pintado os levaria. Os sargentos se entreolharam, sem falar, soldados e guardas, misturados outra vez, sussurravam e nos seus olhos já não havia temor e sim alívio, faíscas zombeteiras. Atrás de Hinojosa, os soldados subiram numa das lanchas que balançou e afundou um pouco. O piloto ergueu a vara e, de novo, um estalido delicado, a vibração da folhagem, os capacetes desapareceram sob as samambaias e cipós e o tenente examinou as camisas dos guardas, Pequeno, que a tirasse: a dele era a mais branca. O sargento ia amarrá-la no fuzil e, já sabia, se tentassem qualquer coisa, bala, sem contemplações. Os sargentos já estavam na lancha e, quando o Pequeno lhes deu sua camisa, o Pintado impulsionou a embarcação com o remo. Deixou-a flutuar lentamente por entre a folhagem mas, assim que entraram na lagoa, ligou o motor e, com aquele som monótono, o ar ficou povoado de aves que fugiam das árvores, buliçosamente. Um resplendor alaranjado crescia atrás das paineiras, na espessura dos arredores também se refletiam as primeiras lanças do sol, e as águas da lagoa pareciam limpas e quietas.

— Ah, companheiro, eu estava a ponto de me casar — disse o sargento.

— Mas levante mais esse fuzil — disse o sargento Delgado —, para que vejam bem a camisa.

Atravessaram a lagoa sem tirar os olhos do barranco e das paineiras. Pintado mantinha o rumo com uma das mãos e com a outra esfregava a cabeça, o rosto, os braços, afetado por uma coceira repentina e generalizada. Já divisavam uma prainha estreita, lamacenta, com arbustos sem folhas e troncos flutuantes que deviam servir de cais. Na margem oposta, a lancha dos soldados atracava e estes desciam correndo, tomavam posição a descoberto, apontavam seus fuzis para a ilha. Hinojosa tinha boa voz, bonitos aqueles *huaynitos* que ele cantara em quéchua ontem à noite, não eram? Sim, mas por que não os estava vendo, por que não saíam? O Santiago estava cheio de huambisas, companheiro, os pagãos que os viram chegar devem ter avisado os outros e eles tiveram tempo de fugir pelos canais. A lancha embicou rumo ao cais. Amarrados com cipós grossos, os troncos flutuantes fervilhavam de musgo, fungos e líquenes. Os três homens observavam o barranco quase vertical, as paineiras curvas e corcundas: não havia ninguém, meus sargentos, mas que susto tinham levado. Os sargentos pularam, chapinharam na lama, começaram a subir, os corpos colados na encosta. O sargento levava o fuzil no alto, um vento quente fazia a camisa do Pequeno ondular e, quando chegaram ao topo, um sol perfurante fez com que fechassem os olhos e os esfregassem. Tranças de cipós preenchem os espaços entre paineira e paineira, quando tentavam espiar por entre a folhagem um denso cheiro putrefato chegava aos seus rostos. Por fim encontraram uma abertura, avançaram enterrados até a cintura num capim selvagem e rumoroso, depois seguiram uma trilha que se estendia, sinuosa, minúscula, entre avenidas de árvores, sumia e reaparecia junto a um matagal ou a um penacho de

samambaias. O sargento Roberto Delgado estava nervoso, porra, que levantasse bem esse fuzil para eles verem que estavam com a bandeira branca. As copas das árvores formavam uma abóbada compacta que só alguns filamentos de sol perfuravam vez por outra, nesgas douradas que eram como vibrações e por toda parte se ouviam vozes de pássaros invisíveis. Os sargentos protegiam os rostos com as mãos, mas mesmo assim sentiam espetadas, arranhões que queimavam. A trilha terminou de repente numa clareira de superfície lisa e arenosa, sem vegetação, e então viram as cabanas: ah, companheiro, olhe isso aí. Altas, sólidas, mas já meio devoradas pela floresta. Uma delas havia perdido o teto e um buraco que parecia uma ferida redonda maculava a fachada; da outra emergia uma árvore que disparava impetuosamente os seus braços peludos pelas janelas, e as paredes de ambas tinham desaparecido sob crostas de hera. Em volta só havia capim alto; as escadinhas despencadas, reféns de trepadeiras, serviam de base para caules e raízes, e nos degraus e estacas também se divisavam ninhos, formigueiros inchados. Os sargentos andavam em volta das cabanas, esticavam os pescoços para ver o interior.

— Não partiram ontem à noite, foi há muito tempo — disse o sargento Delgado. — O mato já quase as engoliu.

— As cabanas não são de huambisas, e sim de cristãos — disse o sargento. — Os pagãos não fazem cabanas tão grandes e, além do mais, quando se mudam levam suas casas nas costas.

— Aqui havia uma clareira — disse o sargento Delgado. — As árvores são novinhas. Morava bastante gente neste lugar, compadre.

— O tenente vai ficar furioso — disse o sargento. — Ele tinha certeza de que ia pegar alguns.

— Vamos chamá-lo — disse o sargento Delgado; apontou o fuzil para uma cabana, disparou duas vezes e o eco repetiu os disparos, ao longe. — Vão pensar que os ladrões estão nos cozinhando.

— Para dizer a verdade, prefiro que não haja ninguém — disse o sargento. — Vou me casar, não estou disposto a levar um tiro na cabeça, na minha idade.

— Vamos revistar antes que os outros cheguem — disse o sargento Delgado. — Talvez haja alguma coisa que valha a pena.

Só encontraram restos enferrujados, transformados em aposentos de aranhas, e as madeiras roídas, minadas pelos cupins, quebravam sob os seus pés ou afundavam suavemente. Saíram das cabanas, percorreram a ilha e aqui e ali se inclinavam sobre lenhos carbonizados, latas enferrujadas, pedacinhos de cântaros. Num declive havia uma poça de água estancada onde, entre exalações fétidas, planavam nuvens de mosquitos. Duas fileiras de estacas cercavam o poço como uma rede pontiaguda e o que era aquilo, o sargento Roberto Delgado nunca tinha visto. O que será, coisa de índios, mas era melhor saírem daqui, cheirava mal e havia tanta vespa. Voltaram para as cabanas e o tenente, os guardas e os soldados avançavam pela clareira como sonâmbulos, apontando para as árvores, inquietos e perplexos.

— Dez dias de viagem! — gritou o tenente. — Tanto trabalho para isso! Quando calculam que eles partiram?

— Para mim, há meses, meu tenente — disse o sargento. — Talvez mais de um ano.

— Não eram duas, e sim três cabanas, meu tenente — disse o Escuro. — Aqui havia outra, uma ventania deve tê-la arrancado inteirinha. Ainda se veem as estacas, olhe.

— Para mim já passaram vários anos, meu tenente — disse o sargento Delgado. — Veja esta árvore que cresceu lá dentro.

Afinal de contas, tanto fazia, o tenente sorriu desencantado, um mês ou dez anos, exausto: tinham se enganado do mesmo jeito. E o sargento Delgado, então, Hinojosa, uma boa revista, e que empacotassem o que fosse comestível, potável e usável e os soldados se espalharam pela clareira e sumiram entre as árvores, e o Louro que fizesse um pouco de café para tirar o gosto ruim da boca. O tenente se agachou, ficou escavando o chão com um galhinho. Os sargentos acenderam cigarros; passavam enxames zunindo em cima

das suas cabeças enquanto conversavam. O piloto Pintado cortou galhos secos, fez uma fogueira e, enquanto isso, nas cabanas, dois soldados jogavam para cima garrafas, vasos de barro, cobertas esfarrapadas. O Louro aqueceu uma garrafa térmica, serviu café fumegante nuns copinhos de latão, e o tenente e os sargentos estavam terminando de beber quando se ouviram gritos, o quê?, e apareceram dois soldados correndo, um sujeito?, o oficial se levantou num pulo, o que foi? e o soldado Hinojosa: um morto, meu tenente, foi encontrado numa prainha lá embaixo. Huambisa? Cristão? O tenente corria seguido por guardas e soldados e, por alguns instantes, só se ouviu o crepitar da folhagem ao ser pisoteada, o suave runrum do capim agredido pelos corpos. Velozes e atropelando-se contornaram as estacas, lançaram-se pela encosta, passaram por uma fossa coalhada de pedregulhos e, quando chegaram à prainha, pararam em volta do corpo estendido. Estava de barriga para cima, a calça rasgada não ocultava seus membros imundos e estropiados, a pele escura. Suas axilas eram duas moitas negruscas, condensadas, e as unhas das mãos e dos pés estavam muito compridas. Crostas e chagas ressecadas roíam seu torso, seus ombros, uma parte da língua esbranquiçada pendia dos lábios rachados. Os guardas e soldados o examinavam e, de repente, o sargento Roberto Delgado sorriu, agachou-se e aspirou, com o nariz junto à boca do homem estendido no chão. Então deu um risinho, levantou-se e chutou as costelas do homem: espere aí, rapaz, que não chutasse assim o defunto e o sargento Roberto Delgado, chutando outra vez, que defunto que nada, não sentia o cheiro, meu tenente? Todos se inclinaram, farejaram o corpo rígido e indiferente. Não é defunto, meu tenente, esse compadre estava é sonhando. Com uma espécie de crescente, enfurecida alegria deu mais pontapés e o homem deitado se contraiu, um som rouco e profundo saiu da sua boca, caramba: era verdade. O tenente empunhou os cabelos do homem, sacudiu-o e, de novo, debilmente, aquele ronco interior. Estava sonhando, esse infeliz, e o sargento sim, olhem, ali estava a infusão. Ao lado das cinzas prateadas e das lasquinhas de lenha de uma fogueira havia uma panela de barro, chamuscada, cheia de ervas. Dezenas de saúvas com tesouras compridas e abdômen pretíssimo a escalavam enquanto outras, formadas em círculo, protegiam o ataque. Se estivesse morto os insetos já o teriam comido, meu tenente, só ficariam os ossos, e o Louro mas já tinham começado, pelas pernas. Algumas saúvas subiam pelas solas curtidas e outras inspecionavam os peitos dos pés, os dedos, os tornozelos, tocavam na pele com suas finas antenas e, ao passar, deixavam uma fileira de pontinhos roxos. O sargento Roberto Delgado chutou de novo, no mesmo lugar. Agora havia um inchaço nas costelas do homem deitado, um calombo oblongo com o vértice escuro. Ele continuava imóvel mas, de vez em quando, proferia o ronquido oco e sua língua se levantava, lambia penosamente os lábios. O maldito estava no paraíso, não sentia nada, e o tenente água, rápido, e que limpassem seus pés, porra, as formigas o estavam comendo. O Pequeno e o Louro esmagaram as saúvas, dois soldados trouxeram água da lagoa nos capacetes e molharam a cara do homem. Ele agora tentava mexer os membros, a crispação encolhia seu rosto, sua cabeça pendia para a direita e para a esquerda. De repente arrotou e um dos braços se dobrou lenta, desajeitadamente, sua mão bateu no próprio corpo, apalpou o inchaço, acariciou-o. Agora respirava com ansiedade, o peito havia crescido, a barriga desaparecera e sua língua se esticava, branca, com uns coágulos de saliva verde. Os olhos continuavam selados, e o tenente pedia aos soldados mais água: estava vai não vai, rapazes, tinham que acordá-lo. Os soldados e guardas iam até a lagoa, voltavam e derramavam jorrinhos de água no homem e ele abria a boca para recebê-los, sua língua ruidosa ruidosamente sorvia as gotinhas. Seus gemidos já eram mais naturais e contínuos, e também as contrações do corpo que parecia liberto de ataduras invisíveis.

— Deem-lhe um pouco de café, reanimem este camarada de qualquer jeito — disse o tenente. — E continuem jogando água.

— Não creio que aguarde até Santa María de Nieva como está, meu tenente — disse o sargento. — Vai morrer no caminho.

— Então o levo para Borja, que é mais perto — disse o tenente. — Volte para Nieva agora mesmo

com os rapazes e diga a don Fabio que pegamos um deles. Que os outros já vão aparecer. Vou para a guarnição com os soldados e lá um médico cuidará dele. Esse aí não morre de jeito nenhum.

Afastados poucos metros do grupo, o tenente e o sargento fumavam. Os guardas e soldados se movimentavam em volta do homem deitado, jogavam água, sacudiam seu corpo, enquanto ele parecia exercitar com desconfiança sua língua, sua voz, ensaiando tenazmente novos movimentos e sons.

— E se não for do bando, meu tenente? — perguntou o sargento.

— Por isso vou levá-lo para Borja — disse o tenente. — Lá há aguarunas das aldeias que foram saqueadas pelos bandidos, veremos se o reconhecem. Diga a don Fabio que avise Reátegui.

— O sujeito já está falando, meu tenente — gritou o Pequeno. — Venha ouvir.

— Entenderam o que ele disse? — perguntou o tenente.

— De um rio que sangra, de um cristão que morreu — disse o Escuro. — Coisas assim, meu tenente.

— Só me falta que esteja louco, para meu azar — disse o tenente.

— Sempre desvariavam um pouco quando estão sonhando — disse o sargento Roberto Delgado. — Depois passa, meu tenente.

Estava anoitecendo, Fushía e don Aquilino comiam mandioca cozida, tomando aguardente no gargalo da garrafa, e Fushía já escureceu, Lalita, acenda o lampião, ela se agachava e ai-ai-ai, a primeira dor, não conseguia se levantar, caiu no chão chorando. Ergueram-na, puseram-na na rede, Fushía acendeu o lampião e ela acho que chegou a hora, estou com medo. E Fushía nunca vi uma mulher morrer parindo e Aquilino eu tampouco, não se preocupe, Lalita, era o melhor parteiro da selva, podia mexer nela, Fushía? não sentia ciúme?, e Fushía você já está velho para dar ciúme, vai, mexa logo. Don Aquilino tinha levantado a saia, ajoelhava-se para ver e Pantacha entrou correndo, patrão, estavam brigando, e Fushía quem, e Pantacha os huambisas com o aguaruna que don Aquilino trouxe, don Aquilino com Jum? Pantacha arregalou os olhos e Fushía lhe deu uma bofetada no rosto, cachorro, olhando para a mulher dos outros. Ele esfregava o nariz, desculpe, patrão, só viera avisar, os huambisas querem que Jum vá embora, o senhor sabe que eles odeiam os aguarunas, ficaram furiosos e ele e Nieves não conseguiam contê-los, a patroa estava doente? E don Aquilino é melhor você ir lá ver, Fushía, não deixe que o matem, com o trabalho que tive para convencê-lo a vir à ilha e Fushía puta merda, vamos ter que dar masato para eles se embebedarem juntos, ou se matam ou ficam amigos. Saíram e don Aquilino se aproximou de Lalita, massageou-lhe as pernas, para relaxar os músculos, a barriga, para a criança sair suavezinho, você vai ver, e ela rindo, chorando, ia contar a Fushía que ele estava aproveitando para passar a mão, ele ria e ai-ai-ai, outra vez, nas costelas, ai-ai-ai, deviam estar quebrando, e don Aquilino tome um golinho para se acalmar, ela bebeu, vomitou e manchou don Aquilino que estava balançando a rede, nana Lalita, menina bonita, e a dor ia passando. Umaz luzes vermelhas dançavam em volta do lampião, veja, Lalita, os vaga-lumes, as *ayañahuis*, quando alguém morre seu espírito vira mariposinha noturna, sabia?, de noite fica iluminando a floresta, os rios, as lagoas, quando ele morrer, Lalita, ela sempre ia ter uma *ayañahui* ao seu lado, eu vou ser o seu lampião. E ela estou com medo, don Aquilino, não fale da morte e ele não se assuste, balançando a rede, era para distraí-la, com um pano molhado lhe refrescava a testa, não vai acontecer nada de ruim, o neném vai nascer antes do dia raiar, quando toquei vi que é menino. A cabana ficou impregnada de cheiro de baunilha e o vento úmido também trazia murmúrios do mato, trinar de cigarras, latidos e as vozes de uma briga destemperada. E ela suas mãos são bem suaves, don Aquilino, isso me relaxa um pouco, e que cheiro gostoso, mas não está ouvindo os huambisas?, vá ver, don Aquilino, e se matarem Fushía? E ele isso era impossível, Lalita, não sabe que ele é como o diabo? E Lalita há quanto tempo se conhecem, don Aquilino, e ele já vão para dez anos, nunca se estrepou apesar de entrar nas piores confusões, Lalita, coisas muito feias, escapa dos inimigos feito cobra de rio. E ela ficaram amigos em Moyobamba?, e don Aquilino eu era aguadeiro, ele me transformou

em comerciante, e ela aguadeiro?, e don Aquilino de casa em casa com um burro e os recipientes, Moyobamba é pobre, gastava o pouco que ganhava com metileno para melhorar a água ou senão em multas, e um dia Fushía chegou, foi morar num barraco ao lado do meu e assim ficaram amigos. E ela como era nessa época, don Aquilino?, e ele de onde veio, todos perguntavam, mas era puro mistério e mentira, mal falava cristão, Lalita, fazia uma misturada com brasileiro. E Fushía coragem, homem, você vive feito um cachorro, não está cansado disso?, vamos nos dedicar ao comércio e ele é verdade, feito um cachorro. E Lalita o que fizeram, don Aquilino? e ele, uma grande balsa e Fushía comprava sacos de arroz, tecido de algodão, percal e sapatos, a balsa quase afundava de tanto peso, e se nos roubarem, Fushía? E Fushía cale a boca, seu puto, eu também comprei um revólver. E Lalita foi assim que começaram, don Aquilino?, e ele íamos aos acampamentos e os seringueiros, mateiros e garimpeiros tragam isso e aquilo na próxima viagem e eles levavam, e depois foram mato adentro até as tribos. Bom comércio, o melhor, miçangas por pelas de seringa, espelinhos e facas por couros e foi assim que os conheceram, Lalita, ficaram grandes amigos de Fushía, você viu como o ajudam, ele é um deus para os huambisas. E Lalita as coisas iam bem, então? E ele podiam ir melhor se Fushía não fosse um diabo, roubava de todos e afinal tinham que sair às pressas dos acampamentos e os guardas os seguiam, precisaram se separar e ele veio ficar com os huambisas por um tempo e depois foi para Iquitos, onde começou a trabalhar com Reátegui, foi lá que você o conheceu, Lalita? E ela e o que o senhor fez então, don Aquilino? E ele a vida livre tinha entrado no seu sangue, Lalita, sempre com a casa nas costas feito uma tartaruga, sem lugar fixo, e continuou comerciando sozinho, mas de maneira honesta. E Lalita esteve em tudo que é lugar, não é mesmo, don Aquilino?, e ele no Ucayali, no Marañón e no Huallaga, e a princípio não ia até o Amazonas por causa da péssima fama que Fushía deixara, mas voltou alguns meses depois e um dia, num acampamento do Itaya, eu não acreditava nos meus olhos, encontrei Fushía, Lalita, transformado em comerciante, com intermediários e tudo e então me contou do negócio com Reátegui. E Lalita como devem ter ficado contentes ao se verem de novo, don Aquilino, e ele choramos, bebemos recordando, Fushía, a fortuna sorriu para você, ponha a cabeça no lugar, seja decente, não se meta mais em confusões, e Fushía você vai ficar comigo, Aquilino, é como uma loteria, tomara que a guerra dure, e ele então é borracha para contrabando?, e Fushía por atacado, homem, eles vão buscar em Iquitos, embalam em caixotes com o letreiro que diz fumo, Reátegui vai ficar milionário e eu também, não o deixo ir embora, Aquilino, vou contratá-lo e ela por que não ficou com ele?, e ele estava ficando velho, Fushía, não queria sustos nem ir para a cadeia, e ai--ai-ai, estou morrendo, as costas, agora sim está vindo, que não se assustasse, onde havia uma faca e a estava aquecendo no lampião quando Fushía entrou. Don Aquilino não fizeram nada com Jum?, e Fushía agora estão bebendo juntos, Pantacha e Nieves também. Não ia deixar que o matassem, precisava dele, seria um bom contato com os aguarunas, mas o que foi que lhe fizeram, quem queimou suas axilas?, soltam pus, velho, e as feridas das costas, pena se infeccionarem e ele morrer de tétano, e don Aquilino foi em Santa María de Nieva, os soldados e os patrões de lá, e quem lhe partiu a cabeça foi o seu amigo Reátegui, sabia que afinal ele foi para Iquitos? E Fushía também raspam a cabeça, estava mais feio que um girino, e ai-ai-ai, as costelas, muito, muito, e don Aquilino foi se fazer de esperto e disse não ao patrão que comprava a borracha, nós mesmos vamos vender em Iquitos, era um tal de Escabino, parece, e ainda por cima espancaram um cabo que foi até Urakusa e mataram o piloto, e Fushía que bobagem, ele está vivinho e abanando o rabo, é Adrián Nieves, aquele que eu recolhi mês passado, e don Aquilino eu sei, mas é isso que dizem e ela se partia ao meio, faça alguma coisa, Fushía, pelo amor de Deus. E Fushía odeia cristãos?, melhor ainda, que convença os aguarunas a me darem o látex, grandes projetos, velho, em poucos anos voltaria para Iquitos, rico, você vai ver como vão me receber os que me deram as costas, e don Aquilino ferve água, Fushía, ajude, nem parece que é o pai. Fushía encheu a bacia, acendeu o fogo, e ela cada vez mais fortes, seguidos, respirava quase se asfixiando, tinha a cara inchada e olhos de peixe morto. Don Aquilino se ajoelhou, apalpou-a, já se abria um pouquinho, Lalita, estava vindo,

não fique nervosa. E Fushía aprenda com as huambisas que vão sozinhas para o mato e só voltam quando já pariram. Don Aquilino queimava a faca e as vozes de fora se perdiam entre estalidos e assobios, e Fushía viram?, eles não estão brigando mais, ficaram íntimos, e o velho vai ser menino, Lalita, o que foi que eu disse, que ouvisse bem, os paus-mulatos estavam cantando, não errava nunca. E Fushía é meio calado e don Aquilino mais comedido, passou a viagem toda me ajudando, dizia que dois cristãos desgraçaram Urakusa com seus enganos e Fushía, velho, você vai ganhar horrores na sua próxima viagem e don Aquilino quando você vai parar de sonhar e ele não tinha progredido desde a primeira vez? E Aquilino eu não voltaria à ilha se não fosse por você, Lalita, gostava dela, e ela quando o senhor chegou estávamos quase morrendo de fome, don Aquilino, lembra como chorei quando vi as conservas e o macarrão?, e Fushía que banquete, velho, passaram até mal porque não estavam acostumados, e como tive que pedir, por que não queria ajudá-lo?, e além do mais ia ganhar dinheiro. E o velho mas é roubado, Fushía, vocês vão acabar na cadeia, não vou vender esse látex nem esses couros, e Fushía todo mundo sabe que você é honesto, por acaso os seringueiros, os mateiros e os índios não lhe pagam em couros, em seringa e em pepitas de ouro? Se perguntarem você diz são meus ganhos, e o velho nunca teve tantos, e Fushía não leve tudo numa só viagem, aos pouquinhos e ai-ai-ai, de novo, don Aquilino, as pernas, as costas, Fushía ai-ai-ai. E don Aquilino, não quero, os índios iriam protestar mais cedo ou mais tarde, a polícia viria, e os patrões não iam ficar de braços cruzados enquanto ele atravessava o seu negócio, e Fushía os shapras, aguarunas e huambisas se matam entre si, não se odeiam?, ninguém ia pensar que havia cristãos metidos nisso, e o velho não, de maneira nenhuma, e Fushía podia levar a mercadoria para longe, bem escondida, Aquilino, para vendê-la mais barato aos próprios seringueiros e eles vão ficar felizes. E por fim o velho aceitou e Fushía era a primeira vez que lhe acontecia isso, Lalita, depender da honestidade de um cristão, se o velho quiser me enganar, vende tudo e embolsa o dinheiro, sabe que estou preso aqui e até pode dizer à polícia o homem que vocês procuram está numa ilhazinha, Santiago acima. Demorou quase dois meses e Fushía mandava remadores até o Marañón e os huambisas voltavam, nada, não está, não vem, esse cachorro, e uma tarde ele apareceu na boca do canal debaixo de um aguaceiro e trazia roupa, comida, facões e quinhentos soles. E Lalita podia abraçá-lo, beijá-lo como um pai?, e Fushía nunca tinha visto, velho, que honesto, não ia esquecer, Aquilino, como se porta comigo, no seu lugar ele fugiria com o dinheiro e o velho você não tem alma, para ele a amizade valia mais que o negócio, a gratidão, Fushía, deixei de ser o cachorro de Moyobamba graças a você, o coração não esquecia, ai-ai-ai, ai-ai-ai, e don Aquilino agora começou de verdade, Lalita, empurre, empurre para não se sufocar ao sair, empurre com toda a alma, grita. Estava com a faca na mão e ela reze, ai-ai-ai, Fushía e don Aquilino ia massageá-la mas empurre, empurre, Fushía aproximou o lampião e ficou olhando, o velho console-a um pouco, segure a mão dela, homem, e ela que lhe dessem água, estava se rasgando, que a Virgem a ajudasse, que o Cristo de Bagazán a ajudasse, santo, santo, ela prometia e Fushía aqui está a água, não berre tanto e quando Lalita abriu os olhos Fushía olhava para a esteira e don Aquilino estava secando suas pernas, Lalita, já passou, viu como foi rápido? E Fushía sim, velho, é macho, mas está vivo?, não se mexe nem respira. Don Aquilino se agachou, ergueu-o da esteira e era escuro e oleoso como um macaquinho e o sacudiu e ele gritou, Lalita, olhe-o, tanto medo por nada e agora que dormisse, e ela sem o senhor eu teria morrido, queria que o filho se chamasse Aquilino, e Fushía que seja pela amizade mas que nome mais feio, don Aquilino e Fushía? E ele, é estranho ser pai, velho, temos que comemorar, e don Aquilino descanse, moça, queria o neném?, tome, estava sujo, limpe-o um pouco. Don Aquilino e Fushía se sentaram no chão, bebiam aguardente do gargalo e lá fora continuava o barulho, os huambisas, o aguaruna, Pantacha, o piloto Nieves deviam estar vomitando e o quarto ardia de mariposinhas, os vaga-lumes ricocheteavam nas paredes, quem diria que ia nascer tão longe de Iquitos, no mato como os indiozinhos.



A orquestra nasceu na casa de Patrocinio Naya. O Jovem Alejandro e o caminhoneiro Bolas iam almoçar lá, encontravam don Anselmo que estava se levantando e, enquanto Patrocinio cozinhava, os três ficavam conversando. Dizem que o Jovem foi o primeiro a conquistar sua amizade; ele, que era tão solitário como don Anselmo, e também músico e triste, devia ver no velho uma alma gêmea. Contava-lhe sua vida, suas mágoas. Depois de comer, don Anselmo pegava a harpa, o Jovem, o violão e tocavam: o Bolas e Patrocinio ouviam, emocionavam-se, batiam palmas. Às vezes, o caminhoneiro acompanhava tocando *cajón*. Don Anselmo aprendeu as canções do Jovem e começou a dizer “é um artista, o melhor compositor mangache”, e Alejandro “não há harpista como o velho, ninguém ganha dele”, e o chamava de maestro. Os três se tornaram inseparáveis. Logo circulou a notícia na Mangachería de que havia uma nova orquestra e, ali pelo meio-dia, as moças vinham em grupo passear em frente ao casebre de Patrocinio Naya para ouvir a música. Todas olhavam para o Jovem com olhos lânguidos. E um belo dia se soube que o Bolas deixara a Empresa Feijó, onde trabalhara durante dez anos como motorista, para ser artista, como seus dois companheiros.

Nesse tempo Alejandro era jovem de verdade, tinha cabelo bem preto, muito comprido, crespo, uma pele pálida, uns olhos fundos e desconsolados. Era magro como um bambu e os mangaches diziam “não esbarrem nele, na primeira topada morre”. Falava pouco e devagar, não era mangache de nascimento e sim de adoção, como don Anselmo, o Bolas e tantos outros. Havia nascido numa família importante, foi criado no Malecón, educado no Salesiano e estava prestes a viajar para Lima e entrar na universidade, quando uma moça de boa família fugiu com um forasteiro que passava por Piura. O Jovem cortou as veias e ficou muitos dias no hospital, entre a vida e a morte. Saiu de lá desiludido com o mundo e boêmio: passava as noites em claro, bebendo, jogando cartas com gente da pior categoria. Até que sua família se cansou dele, mandou-o passear e então, como tantos desesperados, naufragou na Mangachería e aqui ficou. Começou a ganhar a vida com o violão, na chichería de Angélica Mercedes, parente do Bolas. Assim conheceu o caminhoneiro, assim se tornaram irmãos. O Jovem Alejandro bebia muito, mas o álcool não o fazia brigar nem se apaixonar, só o fazia compor canções e versos que sempre contavam alguma decepção e tachavam as mulheres de ingratas, traidoras, insinceras, ambiciosas e vingativas.

Desde que fez amizade com o Bolas e o Jovem Alejandro, o harpista mudou seus costumes. Tornou-se um homem doce e sua vida parecia ter se organizado. Não passava mais perambulando o dia todo como uma alma penada. De noite ia para o bar de Angélica Mercedes, o Jovem o estimulava a tocar e os dois faziam duetos. O Bolas distraía os fregueses com casos das suas viagens e, entre uma canção e outra, o velho e o violonista se reuniam com o Bolas a uma mesa, tomavam um trago, conversavam. E quando o Bolas já estava ligado, com os olhos cheios de estrelas, sentava-se com um *cajón* ou pegava uma tábua e marcava o compasso, às vezes até cantava com eles e sua voz, embora rouca, não era má. O Bolas era um homenzarrão: costas de boxeador, mãos enormes, testa minúscula, boca parecendo um funil. Na casa de Patrocinio Naya, don Anselmo e o violonista lhe ensinaram a tocar, afinaram seu ouvido e suas mãos. Os mangaches espiavam entre os bambus, viam o harpista furioso quando o Bolas perdia o compasso, esquecia a letra ou desafinava, e ouviam o Jovem Alejandro instruir melancolicamente o caminhoneiro sobre as misteriosas frases das suas canções: olhos de rosicler, nuvens louras do amanhecer, veneno que regou um dia, malvada mulher, com seu bem-querer, no meu coração dolorido.

Era como se a companhia desses dois jovens houvesse devolvido o prazer de viver a don Anselmo. Ninguém o encontrava mais dormindo na areia, não andava feito um sonâmbulo, e até seu ódio contra os *galinaços* havia diminuído. Os três andavam sempre juntos, o velho entre o Jovem e o Bolas, abraçados como garotos. Don Anselmo parecia menos sujo, menos esfarrapado. Um dia os mangaches o viram com uma calça branca e pensaram que era lembrança de Juana Baura ou de algum desses velhos ricos que ao encontrá-lo numa chichería o abraçavam e lhe ofereciam uma bebida, mas tinha sido presente de Natal do Bolas e do Jovem.

Foi nessa época que Angélica Mercedes contratou a orquestra de maneira formal. O Bolas conseguira um tambor e uns pratos, manipulava-os com habilidade e era incansável: quando o Jovem e o harpista saíam do cantinho dos músicos para molhar os lábios e alegrar o corpo, o Bolas continuava, executava solos. Talvez fosse o menos inspirado dos três, mas era o mais alegre, o único que se permitia de quando em quando uma canção bem-humorada.

De noite tocavam no bar de Angélica Mercedes, dormiam de manhã, almoçavam juntos na casa de Patrocinio Naya e lá mesmo ensaiavam todas as tardes. Nos dias tórridos do verão iam rio acima, até o Chipeco, tomavam banho e discutiam as novas composições do Jovem. Conquistaram todos os corações, os mangaches os tratavam com intimidade e vice-versa, adultos e crianças. E quando Santos, a parteira e aborteira, se casou com um guarda municipal, a orquestra foi à festa, tocou de graça e o Jovem Alejandro interpretou uma valsa pessimista sobre o casamento, que ofende, seca e queima o amor. E, a partir de então, em cada batizado, confirmação, velório ou noivado mangache infalivelmente a orquestra tocava de graça. Mas os mangaches correspondiam com presentinhos, convites, e algumas mulheres deram os nomes de Anselmo, Alejandro, até Bolas a seus filhos. A fama da orquestra se consolidou e os chamados inconquistáveis a espalharam pela cidade. Vinham à casa de Angélica Mercedes gente importante, forasteiros e, uma tarde, os inconquistáveis trouxeram à Mangachería um branco vestido de estafeta que queria fazer uma serenata. Foi buscar a orquestra de noite, numa caminhonete que levantava nuvens de poeira. Mas meia hora depois os inconquistáveis voltaram sozinhos: “O pai da moça ficou furioso, chamou os tiras, foram todos para a delegacia.” Passaram a noite presos, e na manhã seguinte don Anselmo, o Jovem e o Bolas voltaram contentes; tinham tocado para os guardas e estes lhes deram café e cigarros. E, pouco tempo depois, esse mesmo branco roubou a moça da serenata, e quando voltou com ela para o casamento contratou a orquestra para tocar na festa. Mangaches de todos os casebres foram à casa de Patrocinio Naya, para que don Anselmo, o Jovem e o Bolas pudessem ir bem-vestidos. Uns emprestavam sapatos, outros camisas, os inconquistáveis trouxeram ternos e gravatas. A partir de então os brancos começaram a contratar a orquestra para suas festas e suas serenatas. Muitos conjuntos mangaches se desfaziam e depois se refaziam com novos membros, mas este continuou igual, não cresceu nem diminuiu, e agora don Anselmo já tinha cabelos brancos, as costas curvadas, arrastava os pés, e o Jovem havia deixado de sê-lo, mas sua amizade e sua sociedade se mantinham intactas.

Anos depois morreu Domitila Yara, a santeira que morava em frente à chichería de Angélica Mercedes, Domitila Yara a beata sempre vestida de preto, rosto velado e meias escuras, a única santeira nascida no bairro. Domitila Yara passava e os mangaches, de joelhos, pediam-lhe a bênção: ela murmurava umas rezas, fazia a cruz na testa deles. Tinha uma imagem da Virgem, com fitas rosadas, azuis e amarelas fazendo as vezes de cabeleira, forrada com papel celofane. Penduradas na imagem havia umas flores de arame e serpentina e, sob o coração rasgado, via-se uma oração escrita à mão, presa numa moldurinha de lata. A imagem oscilava na ponta de um cabo de vassoura e Domitila Yara sempre a levava consigo, no alto, como um galhardete. Onde houvesse partos, mortes, doenças, desgraças, a santeira ia com sua imagem e suas rezas. Dos seus dedos apergaminhados descia até o chão um rosário de contas enormes como baratas. Diziam que Domitila Yara fazia milagres, que falava com os santos e que, de noite, se açoitava. Era amiga do padre García e os dois costumavam passear juntos, lentos e sombrios, pela pracinha Merino e pela avenida Sánchez Cerro. O padre García veio ao velório da santeira. Não conseguiu entrar, afastava com empurrões os mangaches amontoados em frente ao casebre, e já estava desistindo quando conseguiu chegar à porta. Viu então a orquestra, tocando *tristes* ao lado da morta. Quase enlouqueceu: furou o tambor do Bolas com um pontapé e também quis quebrar a harpa e arrancar as cordas do violão, enquanto dizia a don Anselmo “peste de Piura”, “pecador”, “fora daqui”. “Mas padre”, balbuciava o harpista, “estávamos fazendo uma homenagem”, e o padre García “estão é profanando uma casa limpa”, “deixem a defunta em paz”. E os

mangaches acabaram se exasperando, não era justo, estava insultando o velho sem motivo nenhum, não admitiam. E afinal os inconquistáveis entraram, levantaram o padre García nos braços e as mulheres pecado, pecado, todos os mangaches iriam para o inferno. Levaram-no até a avenida se debatendo no ar como uma tarântula, e os garotos gritavam “incendiário, incendiário, incendiário”. O padre García nunca mais pôs os pés na Mangachería e, a partir de então, fala dos mangaches no púlpito como modelos de maus exemplos.

A orquestra continuou muito tempo na casa de Angélica Mercedes. Ninguém imaginaria que um dia iria tocar na cidade. Mas foi o que aconteceu e, a princípio, os mangaches desaprovaram essa deserção. Depois entenderam que a vida não era como a Mangachería, mudava. Desde que começaram a se abrir casas de mulheres choviam propostas para a orquestra, e há tentações que são irresistíveis. Além do mais, embora fossem tocar em Piura, don Anselmo, o Jovem e o Bolas continuaram morando no bairro e se apresentando de graça em todas as festas mangaches.

Dessa vez a coisa parecia feia de verdade: a orquestra parou de tocar, os inconquistáveis ficaram imóveis na pista sem soltar seus pares, olhando para Seminario, e o Jovem Alejandro disse:

— Aí começou de verdade a desgraça, porque foi quando mostraram as armas.

— Bêbado! — gritou a Selvática. — Ele os provocava o tempo todo. Bem-feito que tenha morrido. Abusado!

O sargento soltou Sandra, deu um passo, achava que estava falando com seus empregados, senhor?, e Seminario, engasgando, então você é o respondão da turma, também deu um passo, seu infeliz!, outro, sua silhueta formidável ondulou sobre as tábuas banhadas de luz azul, verde e roxa e de repente parou, com o rosto cheio de assombro. A gargalhada de Sandra virou grito.

— Lituma estava apontando o revólver para ele — disse a Chunga. — Puxou tão rápido que ninguém percebeu, como um mocinho nos filmes de caubóis.

— Tinha direito — balbuciou a Selvática. — Ele não podia se rebaixar mais.

Inconquistáveis e moradoras correram para o bar, o sargento e Seminario se mediam com os olhos. Lituma não gostava de valentões, senhor, não tinham feito nada contra ele e os tratava como empregados. Sentia muito, mas aquilo não podia ser, senhor.

— Não jogue fumaça no meu rosto, Bolas — disse a Chunga.

— E ele também puxou o revólver? — disse a Selvática.

— Só ficava passando a mão pela cartucheira — disse o Jovem. — Acariciava a arma como um bichinho.

— Estava com medo! — exclamou a Selvática. — Lituma o botou no lugar.

— Pensei que não havia mais homens na minha terra — disse Seminario. — Que todos os piuranos tinham se afeminado, enveadado. Mas ainda resta este caboclo. Agora só falta você ver quem é Seminario.

— Por que sempre têm que brigar, por que não podem viver em paz e se divertir juntos — disse don Anselmo. — A vida seria boa.

— Quem sabe, maestro — disse o Jovem. — Talvez fosse chatíssima, e mais triste que agora.

— Deixou o cara totalmente desconcertado, primo — disse o Macaco. — Bravo!

— Mas não confie, coleguinha — disse Josefino. — No primeiro descuido ele puxa o revólver.

— Você não sabe quem sou — repetia Seminario. — Por isso se faz de teimoso, caboclinho.

— O senhor tampouco sabe quem sou eu — disse o sargento. — Senhor Seminario.

— Se não estivesse com este revólver não seria tão teimoso, caboclinho — disse Seminario.

— O caso é que estou — disse o sargento. — E ninguém vai me tratar como empregado, senhor Seminario.

— E então a Chunga foi correndo e se meteu no meio dos dois. Você é corajosa! — disse o Bolas.

— E por que vocês dois não a impediram? — a mão do harpista fez uma tentativa de tocar na Chunga, mas ela voltou para a cadeira e os dedos do velho só a roçaram. — Estavam armados, Chunguita, era perigoso.

— Não era mais, porque eles tinham começado a discutir — disse a Chunga. — O pessoal vem aqui para se divertir, nada de brigas. Façam as pazes, venham para o balcão, tomem uma cerveja por conta da casa.

Obrigou Lituma a guardar o revólver, fez os dois apertarem as mãos e levou-os para o bar, puxando os dois pelo braço, vocês deviam ter vergonha, comportavam-se como crianças, sabiam o que eram?, dois idiotas, queria ver, agora, se puxavam as pistolinhas e a matavam e eles riram, Chunga, Chunguita, *mamita*, rainhazinha, cantavam os inconquistáveis.

— Beberam juntos apesar dos insultos? — perguntou a Selvática, assombrada.

— Você lamenta que não tenham se baleado de uma vez? — perguntou o Bolas. — Que mulheres, como gostam do sangue.

— Mas a Chunga tinha oferecido bebida a eles — disse o harpista. — Não podiam fazer desfeita, moça.

Bebiam com os cotovelos no balcão, já amigos, e Seminario beliscava a bochecha de Lituma, ele era o último macho da sua terra, caboclinho, todos os outros eram uns veados, covardes, a orquestra atacou uma valsa e o grupo que estava no bar se espalhou, inconquistáveis e moradoras invadiram a pista de dança, Seminario havia tirado o quepe do sargento e o experimentava, como ficava, Chunga?, não tão feio como este caboclo, na certa, mas não se zangue.

— Pode ser um pouco gordo, mas não é feio — disse a Selvática.

— Quando rapaz era magro como o Jovem — lembrou o harpista. — E um verdadeiro diabo, pior ainda que os colegas.

— Juntaram três mesas e todos se sentaram — disse o Bolas. — Os inconquistáveis, o senhor Seminario, o amigo dele e as moradoras. Parecia que tudo tinha se ajeitado.

— Dava para notar que a coisa era forçada e não ia durar — disse o Jovem.

— Forçada nada — disse o Bolas. — Todos estavam muito contentes e o senhor Seminario até cantou o hino dos inconquistáveis. Depois dançaram e fizeram pilhérias.

— Lituma continuava dançando com a Sandra? — perguntou a Selvática.

— Já nem lembro, porque começaram a discutir de novo — disse a Chunga.

— Por causa de macheza — disse o Bolas. — Seminario estava insistindo no assunto, que não havia mais homens em Piura, e tudo para elogiar o tio.

— Não fale mal de Chápiro Seminario que era um grande homem, Bolas — disse o harpista.

— Em Narihualá derrubou três ladrões aos murros e os trouxe para Piura amarrados pelo pescoço — disse Seminario.

— Apostou com uns amigos que ainda funcionava, veio para cá e ganhou a aposta — disse a Chunga. — Pelo menos, foi o que disse a Amapola.

— Não estou falando mal dele, maestro — disse o Bolas. — Mas já era meio insuportável.

— Um piurano tão grande como o almirante Grau — disse Seminario. — Podem ir a Huancabamba, Ayabaca, Chulucanas, em todos os lados há caboclas orgulhosas de terem dormido com o meu tio Chápiro. Teve pelo menos mil bastardos.

— Não era mangache? — disse o Macaco. — Lá no bairro há muitos sujeitos assim.

E Seminario ficou sério, só se for sua mãe, e o Macaco ela é mangache mesmo e com muita honra, e Seminario, furioso, Chápiro era um homem fino, só ia à Mangachería de vez em quando, para beber chicha e comer uma caboclinha, e o Macaco deu um soco na mesa: já começava a ofender de novo, senhor. Tudo estava indo muito bem, como se estivessem entre amigos, e de repente ele começava a insultar, senhor, os

mangaches ficavam magoados quando se falava mal da Mangachería.

— O velhinho sempre vinha direto aonde o senhor estivesse, maestro — disse o Jovem. — Com que sentimento o abraçava. Parecia um encontro de dois irmãos.

— Nós nos conhecíamos fazia muitíssimo tempo — disse o harpista. — Eu gostava do Chápiro, fiquei com uma tristeza enorme quando ele morreu.

Seminario se levantou, eufórico: que a Chunga fechasse a porta, eles seriam os donos esta noite, suas plantações estavam carregadas, que o harpista viesse falar de Chápiro, o que estavam esperando, carregados de algodão, que trancassem a porta, ele pagava.

— E o sargento afugentava os clientes que vinham bater na porta — disse o Bolas.

— Este foi o erro, não deviam ter ficado sozinhos — disse o harpista.

— Não sou adivinha — disse a Chunga. — Quando os clientes pagam, faço o que pedem.

— Claro, Chunguita — desculpou-se o harpista. — Não falei por você, e sim por todos nós. Claro que ninguém podia adivinhar.

— São nove horas, maestro — disse o Jovem. — Não vai lhe fazer bem, deixe-me buscar um táxi de uma vez.

— É verdade que o senhor e o meu tio se tratavam de você? — perguntou Seminario. — Conte alguma coisa daquele grande piurano, velho, um homem como nunca haverá outro igual.

— Os homens que restam estão todos na Guarda Civil — afirmou o sargento.

— Foi contagiado pelo Seminario por causa da bebida — disse o Bolas. — Falando de macheza, ele também.

O harpista pigarreou, estava com a garganta seca, que lhe dessem um golinho. Josefino encheu um copo e don Anselmo soprou a espuma antes de beber. Ficou de boca aberta, respirando alto: o que mais impressionava era a resistência de Chápiro. E que fosse tão honesto. Seminario ficou contente, abraçava o harpista, que vissem, que ouvissem bem, ele não tinha falado?

— Era um valentão e um pobre coitado, mas tinha orgulho da família — reconheceu o Jovem.

Vinha do campo montado em seu cavalo, as moças subiam à torre para vê-lo embora fosse proibido, mas eram doidas pelo Chápiro, e don Anselmo tomou outro golinho, e em Santa María de Nieva o tenente Cipriano também deixava as índias doidas, e o sargento também tomou o seu golinho.

— Quando a cerveja subia só falava desse tenente — disse a Selvática. — Tinha admiração por ele.

O fanfarrão vinha levantando a poeira do caminho, parava o cavalo e o fazia ajoelhar-se diante das moças. Chápiro trazia a vida consigo, as que estavam tristes se alegravam, as que estavam contentes ficavam ainda mais felizes, e que resistência, subia, descia, mais jogo, mais bebida, subia de novo, com uma, com duas, e assim a noite inteira e ao amanhecer voltava para sua chácara, ia trabalhar sem ter pregado o olho, era um homem de ferro, e don Anselmo pediu mais cerveja, e uma vez fizera roleta-russa na frente dele, e o sargento bateu no peito e olhou em volta como que se esperasse aplausos. Além do mais, era o único que sempre respeitava o crédito, o único que lhe pagou até o último centavo, o dinheiro é para usar, dizia, era o mais gastador e, nas ruas e praças, o mesmo sermão: foi Anselmo quem trouxe a civilização para Piura. Mas não tinha sido uma aposta, foi só porque se entediava, a selva deixava o tenente Cipriano desesperado.

— Mas parece que foi de mentira — disse a Selvática —, que o revólver dele não tinha balas e que só fez isso para que os guardas o respeitassem mais.

E o melhor dos amigos, um dia se encontraram na porta do Rainha, ele lhe deu um abraço, só fui saber tarde demais, irmão, se estivesse em Piura não a incendiaria, Anselmo, ele botaria o padre e as *galinaças* no seu lugar.

— De que desgraça Chápiro estava falando, harpista? — disse Seminario. — O que é que ele tanto lamentava?

Chovia a cântaros, e ele aqui a gente nem é mais humano, não havia mulheres nem cinema, se alguém adormecer no mato cresce uma árvore na barriga, ele era costeiro, podiam meter a selva onde bem entendessem, ele estava pouco ligando, não aguentava mais e puxou o revólver, rodou duas vezes o tambor e disparou na própria cabeça, o Pesado dizia não tem bala, é truque, mas tinha, ele sabia: o sargento bateu de novo no peito.

— Uma desgraça, don Anselmo? — disse a Selvática. — Alguma coisa que aconteceu com o senhor?

— Estávamos lembrando de um grande homem, moça — disse don Anselmo. — Chápiro Seminario, um velho que morreu há três anos.

— Ah, harpista, está vendo como o senhor é um mentiroso? — disse o Macaco. — Não quis nos falar da Casa Verde e agora sim. Conte, como foi o incêndio?

— Nada disso, rapazes — disse don Anselmo. — Que disparate, que bobagem.

— Teimando outra vez com a gente, velho — disse José. — O senhor estava falando da Casa Verde agorinha mesmo. Onde Chápiro chegava com seu cavalo? Que garotas eram aquelas que saíam para vê-lo?

— Chegava à sua chácara — disse don Anselmo. — E as mulheres que iam vê-lo eram as colhedoras de algodão.

Bateu na mesa, os risos se interromperam, a Chunga trouxe outra bandeja cheia de cervejas, o tenente Cipriano soprou no cano da arma com a maior tranquilidade, eles não acreditavam e Seminario estourou um copo contra a parede: o tenente Cipriano era um filho da puta, não ia tolerar que aquele caboclo o interrompesse tanto.

— Xingou de novo a mãe? — perguntou a Selvática, piscando muito rápido.

— Não a dele, a daquele tenente — disse o Jovem.

— O senhor em nome do tal Chápiro, eu em nome do tenente Cipriano — propôs o sargento com toda calma. — Uma roleta-russa, vamos ver quem é mais homem, senhor Seminario.

## IV

— O senhor acha que o piloto fugiu, meu tenente? — perguntou o sargento Roberto Delgado.

— Claro, ele não é bobo — disse o tenente. — Agora já sei por que se fingiu de doente e não veio conosco. Deve ter fugido assim que nos viu saindo de Santa María de Nieva.

— Mais cedo ou mais tarde vai aparecer — disse o sargento Delgado. — O imbecil nem sequer usou outro nome.

— Estou interessado é no outro — disse o tenente. — O peixe gordo. Como se chama, afinal? Tushía? Fushía?

— Talvez não saiba onde ele está — disse o sargento Delgado. — Vai ver foi mesmo comido por uma jiboia.

— Bom, vamos continuar — disse o tenente. — Muito bem, Hinojosa, traga o sujeito.

O soldado, que dormitava de cócoras contra a parede, levantou-se como um autômato, sem piscar nem responder, e saiu. Quando passou pela porta a chuva o deixou encharcado, mas levantou as mãos e avançou tropeçando pela lama. O aguaceiro açoitava furiosamente a aldeia e, entre as trombas-d'água e as rajadas de vento sibilante, as cabanas aguarunas pareciam animais chucros, sargento. Na selva, o tenente se tornara fatalista, estava sempre esperando que uma cobra o mordesse, ou que as febres o derrubassem. Agora imaginava que a maldita chuva não ia parar, e que ficariam aqui um mês, como ratos na toca. Ah, aquela espera era o fim do mundo e quando sua voz azeda sumiu, ouviu-se de novo o chiado do aguaceiro na floresta, o minucioso gotejar das árvores e das cabanas. A clareira era uma grande poça cinzenta, dezenas de mananciais desciam rumo ao barranco, o ar e o mato fumegavam, fediam, e lá vinha Hinojosa, puxando numa corda um vulto que tropeçava e grunhia. O soldado subiu a escadinha da cabana aos pulos, o prisioneiro caiu de bruços na frente do tenente. Estava com as mãos amarradas nas costas e se ergueu com a ajuda dos cotovelos. O oficial e o sargento Delgado, sentados numa tábua apoiada em cavaletes, continuaram conversando mais um pouco sem olhar para ele, e depois o tenente fez um gesto em direção ao soldado: café e bebida, ainda havia?, sim e que fosse ficar com os outros, eles o interrogariam sozinhos. Hinojosa tornou a sair. O prisioneiro pingava como as árvores, em volta dos seus pés já havia um laguinho. O cabelo lhe cobria as orelhas e a testa, umas olheiras de raposa circundavam seus olhos, dois carvões desconfiados e saltados. Nesgas de pele lívida e arranhada apareciam entre os rasgões da camisa e a calça, também em petição de miséria, deixava uma nádega à vista. Um tremor sacudia seu corpo, Pantachita, seus dentes batiam: não podia se queixar, tinham cuidado dele como uma criancinha de peito. Primeiro o curaram, não era verdade?, depois o defenderam dos aguarunas que queriam cortá-lo em pedacinhos. Vamos ver se hoje se entendiam melhor. O tenente tinha muita paciência com você, Pantachita, mas não era para abusar. A corda abraçava o pescoço do prisioneiro como um colar. O sargento Roberto Delgado se inclinou, apanhou a ponta da corda e obrigou Pantacha a dar um passo na direção da tábua.

— No Sepa você vai comer bem e ter onde dormir — disse o sargento Delgado. — Não é uma cadeia como as outras, não tem muros. Talvez você possa fugir.

— Não é melhor que um tiro? — disse o tenente. — Mandar você para o Sepa não é melhor que dizer aos aguarunas aqui está o Pantachita, podem se vingar nele de todos os ladrões? Você viu a vontade que eles têm de fazer isso. De modo que, hoje, não venha se fazer de biruta.

Pantacha, com um olhar evasivo e ardente, tremia muito, seus dentes batiam com fúria e estava

encolhido, a barriga pulsando. O sargento Delgado sorriu para ele, Pantachita, não ia ser idiota de pagar sozinho por tanto roubo e tanta morte de índios, não é? E o tenente também sorriu: era melhor acabarem logo com isso, Pantachita. Depois lhe dariam as ervas que queria e ele mesmo ia fazer sua infusão, certo? Hinojosa entrou na cabana, deixou uma garrafa térmica de café e um frasco em cima da tábua, e saiu correndo. O tenente abriu a garrafa e ofereceu-a ao prisioneiro, que aproximou o rosto, murmurando. O sargento deu um puxão forte na corda, seu sacana, e Pantacha caiu entre as pernas do tenente: ainda não, primeiro você fala, depois bebe. O oficial pegou a corda, fez a cabeça do prisioneiro girar em sua direção. A moita de cabelo se agitou, os carvões continuavam fixos na garrafa. Estava fedendo como o tenente nunca tinha visto, Pantachita, seu cheiro o deixava enjoado, e agora abria a boca, um golinho?, e ofegava roncamente, senhor, para o frio, estava gelando por dentro, senhor?, queria só unzinho e o tenente está bem, mas precisavam ir por partes, onde esse Tushía estava escondido?, cada coisa em sua hora, ou Fushía?, onde estava? Mas ele já tinha contado, senhor, tremendo da cabeça aos pés, fugiu na escuridão e ninguém o viu, e parecia que seus dentes iam quebrar, senhor: que perguntasse aos huambisas, a anaconda ia aparecer de noite, diziam, e viria e o levaria para o fundo da lagoa. Por causa das suas maldades, devia ser, senhor.

O tenente olhava para o prisioneiro com a testa franzida, os olhos deprimidos. De repente se virou, sua bota bateu com força na nádega descoberta e Pantacha caiu com um grunhido. Mas, no chão, continuou a olhar obliquamente para a garrafa. O tenente puxou a corda, a cabeça peluda bateu duas vezes no chão, Pantachita, chega de bobagem, está bem? Onde ele se meteu? E por própria iniciativa Pantacha nas trevas, senhor, berrou, e bateu de novo a cabeça no chão: ela chegaria devagarzinho, e subiria pelo barranco, e entraria na sua cabana, taparia a sua boca com a cauda, senhor, e assim o levaria, coitadinho, e que lhe desse só um gole, senhor. Assim era a anaconda, silenciosa, e na certa a lagoa se abriria, e os huambisas diziam vai voltar e nos engolir, e por isso eles também foram embora, senhor, e o tenente lhe deu um pontapé. Pantacha ficou calado, de joelhos: tinha acabado sozinho, senhor. O oficial bebeu um gole da garrafa e passou a língua pelos lábios. O sargento Roberto Delgado brincava com o frasco e o Pantachita queria que o mandassem para o Ucayali, senhor, rugia de novo e os soluços afundavam suas bochechas, onde seu amigo Andrés tinha morrido. Queria morrer lá também.

— Quer dizer então que a anaconda levou o seu patrão — perguntou o tenente, com voz calma. — Quer dizer que o tenente é um idiota e o Pantachita pode nos sacanear à vontade. Ah, Pantachita.

Incansáveis, ferventes, os olhos de Pantacha não desgrudavam do frasco lá fora o aguaceiro se enfureceu, os trovões retumbavam ao longe e vez por outra os relâmpagos acendiam os tetos flagelados pela água, as árvores e a lama da aldeia.

— Ele me deixou sozinho, senhor — gritou Pantacha, e sua voz ficou dura, mas seu olhar continuava quieto e arrebatado —, eu lhe dava de comer e ele nem saía da rede, o coitadinho, e afinal me deixou sozinho e os outros também foram embora. Por que não acredita, senhor?

— Talvez esse nome seja falso — disse o sargento Delgado. — Não conheço ninguém na floresta que se chame Fushía. Ele não o deixa nervoso, com esses delírios? Eu lhe meteria uma bala de uma vez, meu tenente.

— É o aguaruna? — disse o tenente. — A anaconda também levou o Jum?

— Ele foi embora, senhor — roncou Pantacha —, não lhe disse? Ou pode ter apanhado também, senhor, quem sabe.

— Eu estive com esse Jum de Urakusa à minha frente durante uma tarde inteira — disse o tenente —, o outro espertinho servia de intérprete, eu os ouvia e engolia suas histórias. Ah, se tivesse adivinhado. Foi o primeiro índio que conheci, sargento.

— A culpa é daquele governador de Nieva, meu tenente, o tal Reátegui — disse o sargento Delgado. — Nós não queríamos soltar o aguaruna. Mas ele mandou, e já sabe.



— O patrão foi embora, Jum foi embora, os huambisas foram embora — soluçou Pantacha. — Sozinho com a minha tristeza, senhor, e um frio miserável.

— Mas juro que vou pegar esse Adrián Nieves — disse o tenente. — Ele ficou rindo nas nossas fuças, vivendo do que nós lhe pagávamos.

E todos lá tinham suas mulheres. As lágrimas escorriam entre os pelos, suspirava fundo, senhor, com muito sentimento, e só queria uma cristã, nem que fosse simplesmente para conversar, uma só, até a shapra tinham levado, senhor, e a bota subiu, bateu e Pantacha ficou encolhido no chão, rugindo. Fechou os olhos por uns segundos, abriu-os e, agora mansamente, olhou para a garrafa: só unzinho, senhor, para o frio, estava gelando por dentro.

— Você conhece bem esta região, Pantachita — disse o tenente. — Quanto tempo vai durar esta maldita chuva, quando poderemos partir?

— Amanhã clareia, senhor — balbuciou Pantacha. — Peça a Deus e vai ver. Mas tenha dó, deixe eu tomar unzinho. Para o frio, senhor.

Não havia quem aguentasse, maldição, não havia quem aguentasse e o tenente levantou a bota mas dessa vez não chutou, empurrou o rosto do prisioneiro até que a bochecha de Pantacha encostou no chão. O sargento Delgado bebeu um golinho do frasco, depois um golinho da garrafa térmica. Pantacha estava de lábios abertos e sua língua, fina e vermelha, lambia, senhor, delicadamente, só um, a sola da bota, para o frio, a ponteira, senhor, e alguma coisa vivaz e travessa e servil bulia nos carvões arregalados, unzinho?, enquanto sua língua molhava o couro sujo, senhor?, para o frio, e beijou a bota.

— Você sabe todas — disse o sargento Delgado. — Quando não quer abalar nossa moral, quer bancar o maluco, Pantachita.

— Diga onde Fushía está e lhe dou a garrafa — disse o tenente. — E também deixo você livre. E ainda por cima lhe dou uns soles. Responda logo ou mudo de ideia.

Mas Pantacha começou a choramingar outra vez e todo seu corpo se grudava no chão buscando calor e era percorrido por breves espasmos.

— Leve-o — disse o tenente. — Eu fico nervoso com suas loucuras, estou com vontade até de vomitar, já estou vendo a anaconda, e a chuva que não para, puta que o pariu.

O sargento Roberto Delgado pegou a corda e saiu correndo, Pantacha atrás dele, de quatro, como um cachorro saltitante. Na escadinha, o sargento deu um grito e Hinojosa apareceu. Levou Pantacha, pulando, por entre cortinas de água.

— E se sairmos daqui apesar da chuva? — disse o tenente. — Afinal a guarnição não fica tão longe.

— Vamos virar em dois minutos, meu tenente — disse o sargento Delgado. — Não viu como está o rio?

— Queria dizer a pé, pelo mato — disse o tenente. — Chegamos em três ou quatro dias.

— Não se desespere, meu tenente — disse o sargento Delgado. — Vai parar logo de chover. Não há remédio, convença-se, não podemos sair daqui com este tempo. A selva é assim, precisamos ter paciência.

— Já são duas semanas, porra! — disse o tenente. — Estou perdendo uma transferência, uma promoção, não entende?

— Não se irrite comigo — disse o sargento Delgado. — Não tenho culpa pela chuva, meu tenente.

Ela estava sozinha, sempre esperando, para que contar os dias, vai chover, não vai chover, voltam hoje?, ainda é cedo. Será que vão trazer mercadoria? Tomara que sim, Cristo de Bagazán, santo, santo, muita, látex, couros, que don Aquilino chegue com roupa e comida, quanto vendeu?, e ele bastante, Lalita, a bom preço. E Fushía, velho querido. Que ficassem ricos, Virgenzinha, santa, santa, porque então iam poder sair da ilha, voltar para o lugar dos cristãos e se casariam, não é verdade, Fushía?, verdade, Lalita. E que ele

mudasse e a desejasse de novo e de noite, na sua rede?, sim, nua?, sim, você chupava?, sim, ele gostava?, sim, mais que as achuales?, sim, que a shapra?, sim, sim, Lalita, e que tivessem outro filho. Olhe só, don Aquilino, não se parece comigo?, veja como cresceu, fala huambisa melhor que cristão. E o velho você está sofrendo, Lalita? E ela um pouco porque ele não gostava mais de mim, e a maltrata muito?, está com ciúmes das achuales, da shapra? E ela raiva, don Aquilino, mas eram a sua companhia, a falta de amigas, sabe?, e ficava triste quando ele as passava para o Pantacha, Nieves ou para os huambisas, será que voltam hoje? Mas essa tarde eles não chegaram, só Jum e na hora da sesta a shapra entrou na cabana gritando, sacudiu a rede e suas pulseiras dançavam, seus espelinhos, seus guizos e Lalita chegaram?, e ela não, quem veio foi o aguaruna que fugiu. Lalita foi vê-lo e lá estava ele, no tanque das tartarugas, salgando uns bagres e ela Jum, onde você foi, por quê, o que fez durante tanto tempo, e ele calado, pensavam que você não ia voltar, e ele respeitoso, Jum, e lhe deu os bagres, eu lhe trouxe isto. Voltava como tinha ido, de cabeça raspada, riscos de urucum nas costas parecendo chicotadas, e ela saíram numa expedição, precisavam tanto dele, rio acima, por que não se despediu?, para o lago Rimachi, conhecia os *muratos*?, são bravos?, iam guerrear com o patrão ou lhe dariam o látex de boa vontade?, Jum. Os huambisas foram procurar você e Pantacha vai ver que o mataram, patrão, eles o odeiam e o piloto Nieves não acredito, acho que já ficaram amigos, e Fushía são capazes, esses cachorros, e Jum não me mataram, saí por aí e agora voltei, ia ficar?, sim. O patrão ia brigar com ele mas que não fosse embora, Jum, passava logo, e além do mais, no fundo não gostava dele?, e Fushía é um pouco maluco, Lalita, mas útil, convincente. De verdade diabos cristãos, aguaruna ha?, discursava para eles?, Jum, patrão sacaneando, mentindo, ha?, Lalita, se você visse como os convence, grita, pede, dança e eles sim, sim, aguaruna ha, com as mãos e as cabeças, ha, e sempre lhe davam a seringa de boa vontade. O que você diz a eles, Jum, conte como os convence, e Fushía mas um dia iam matá-lo e quem o substituiria, merda. E ela é verdade que não quer voltar para Urakusa?, odeia tanto os cristãos, é?, nós também?, e Pantacha sim, patroa, porque bateram nele e Nieves então por que não nos mata enquanto dormimos, e Fushía nós somos a sua vingança, e ela é verdade que o penduraram num pau-mulato?, e ele é maluco, Lalita, não burro, gritou quando o queimaram?, e espertíssimo para fazer armadilhas, ninguém o vencia caçando e pescando, tinha mulher?, mataram?, e quando falta comida Jum entra no mato e traz mutuns, cotias, perdizes, você se pinta para lembrar as chicotadas?, e uma vez o viram matar uma jararaca com a zarabatana, Lalita, ele sabe que seus inimigos são aqueles homens, não é mesmo, Jum?, os que Fushía deixa sem mercadoria, não pense que me ajuda por meus belos olhos. E Pantacha hoje o vi perto do barranco, tocou na cicatriz da testa, discursando para o vento, e Fushía melhor para mim que ele trabalhe assim, a vingança não me custa nada, e ele em aguaruna, não entendi. Porque quando a lancha de don Aquilino chegava, os huambisas pulavam das paineiras como uma chuva de macacos no cais, e recebiam gritando e pulando suas rações de sal e de anisado, e os machados e facões que Fushía distribuía refletiam olhos bêbados de alegria e Jum foi embora, onde?, por ali, já voltei, não queria?, não, uma camisa? não, aguardente?, não, facão?, não, sal?, não e Lalita o piloto vai ficar contente ao ver que você voltou, Jum, ele sim é seu amigo, não é?, e ele sim e ela obrigada pelos peixinhos mas pena que os salgou. E o piloto Nieves não sabia os nomes, patroa, não disseram, só dois cristãos, insuflando ódio contra os patrões, dizendo que o desgraçaram e ela, enganaram você?, roubaram?, e ele me aconselharam e ela gostaria de ter uma conversa, Jum, por que virava as costas quando ela o chamava?, e ele calado, tinha vergonha?, e ele trouxe para a senhora e as huambisas estavam tirando o sangue, e ela um veadinho?, e ele um veadinho, respeitoso, sim, e Lalita vamos, vamos comê-lo, que cortasse lenha, e Jum está com fome?, e ela muita, muita, não como carne desde que eles partiram, Jum, e depois voltaram e ela entra na cabana, olhe o Aquilino, não cresceu, Jum?, e ele sim, e falava pagão melhor do que cristão, e ele sim, e Jum tinha filhos?, e ele tinha mas não tem mais, e ela muitos? e ele poucos e então começou a chover. Nuvens espessas e escuras, imóveis acima das paineiras, descarregaram água negra durante dois dias seguidos e a ilha inteira se transformou num atoleiro lamacento, a lagoa numa névoa

embaçada e muitos pássaros caíam mortos na porta da cabana e Lalita coitados, devem estar viajando, que cubram os couros, o látex, e Fushía rápido, porra, cachorros, ia matar todos eles, nessa prainha, procurem um refúgio, uma caverna para passar a noite e Pantacha cozendo suas ervas e o piloto Nieves mascando fumo como os huambisas. E Lalita também ia ganhar dessa vez?, colares?, pulseiras?, penas?, flores?, gostava dela?, e ela se o patrão soubesse e ele mesmo que soubesse, de noite pensaria nela?, e ele não há nada de errado, é só um presentinho porque a senhora foi boa comigo quando eu estava doente, e ela é limpo, educado, tira o chapéu para me cumprimentar, e que Fushía não me insulte tanto, era espinhenta?, podia se vingar, Fushía, os olhos do piloto ficam quentes quando passo por perto, sonhava com ela?, queria tocá-la?, abraçá-la?, tire a roupa, venha para a minha rede, que ela o beijasse?, na boca?, nas costas?, santo, santo, que voltem hoje.

Foi naquele ano milionário: os agricultores comemoravam de manhã até a noite doze carregamentos de algodão e, no Centro Piurano e no Clube Grau, brindava-se com champanhe francês. Em junho, no aniversário da cidade, e nas Festas Patrióticas, houve corso, bailes populares, meia dúzia de circos armaram suas barracas no areal. Os maiores traziam orquestras limenhas para os seus bailes. Foi também um ano de acontecimentos: a Chunga começou a trabalhar no barzinho de Doroteo, morreram Juana Baura e Patrocinio Naya, o rio Piura entrou caudaloso, não houve pragas. Vorazes, em enxames, apareciam na cidade os caixeiros-viajantes, os corretores de algodão, as colheitas trocavam de dono nas cantinas. Surgiam lojas, hotéis, bairros residenciais. E um dia circulou a notícia: *“Perto do rio, atrás do matadouro, há uma casa de mulheres.”*

Não era uma casa, era apenas um beco imundo separado do exterior por um portão de garagem, com quatinhos de adobe nos dois lados; uma lâmpada vermelha iluminava a fachada. No fundo, numas tábuas colocadas em cima de barris, ficava o bar e as moradoras eram seis: velhas, flácidas, forasteiras. *“Voltaram”*, diziam os gaiatos, *“são as que não se queimaram”*. Desde o começo, a Casa do Abate foi muito frequentada. Seus arredores se tornaram masculinos e alcoólicos, e em *Ecos y Noticias*, *El Tiempo* e *La Industria* apareceram notas alusivas, cartas de protesto, apelos às autoridades. E então surgiu, inesperadamente, uma segunda casa de moradoras, em pleno Castilla; não um beco, e sim um chalé, com jardim e varandas. Desmoralizados, os padres e as damas que recolhiam assinaturas pedindo o fechamento da Casa do Abate desistiram. Só o padre García, do púlpito da igreja da praça Merino, destemperado e tenaz, continuava exigindo sanções e vaticinando catástrofes: *“Deus deu um ano bom para os piuranos, agora virão tempos de vacas magras.”* Mas não foi o que aconteceu e no ano seguinte a colheita de algodão foi tão boa quanto a anterior. Em vez de duas, já havia quatro casas de mulheres, uma delas a poucas quadras da catedral, luxuosa, mais ou menos discreta, com brancas, não totalmente maduras e, parece, da capital.

E nesse mesmo ano a Chunga e Doroteo trocaram garrafadas e, na polícia, com os papéis na mão, ela demonstrou que era a única proprietária do barzinho. Que história havia por trás daquilo, que misteriosas transações? Em todo caso, a partir daí a proprietária passou a ser a Chunga. Ela administrava o local com amabilidade e firmeza, sabia se fazer respeitar pelos bêbados. Era uma jovem sem formas, de escasso humor, com uma pele mais para escura e coração metalizado. Ficava atrás do balcão, com os cabelos negros lutando para fugir de uma redinha, sua boca sem lábios, seus olhos captando tudo com uma indolência que desestimulava a alegria. Usava sapatos baixos, meias curtas, uma blusa que também parecia de homem e nunca pintava os lábios nem as unhas, nem passava ruge nos pômulos, mas, apesar dos seus vestidos e modos, tinha algo de muito feminino na voz, mesmo quando dizia grossuras. Com a mesma facilidade, suas mãos gordas e quadradas levantavam mesas, cadeiras, tiravam rolhas de garrafas ou esbofeteavam os atrevidos. Diziam que era áspera e tinha alma dura devido aos conselhos de Juana Baura, que teria lhe inculcado desconfiança em relação aos homens, o amor ao dinheiro e o hábito da solidão. Quando a

lavadeira morreu, a Chunga organizou um velório suntuoso: licor fino, caldo de galinha, café a noite inteira e à vontade. E quando a orquestra entrou na casa, com o harpista à frente, os que estavam velando Juana Baura observaram, rígidos, os olhos cheios de malícia. Mas don Anselmo e a Chunga não se abraçaram, ela lhe deu a mão como tinha feito com o Bolas e o Jovem. Deixou-os entrar, recebeu-os com a mesma cortesia distante que dispensava aos outros, ouviu com atenção quando tocaram *tristes*. Parecia senhora de si e sua expressão estava séria mas muito tranquila. O harpista, em contrapartida, parecia melancólico e confuso, cantava como se estivesse rezando até que um garoto veio avisar que o pessoal na Casa do Abate estava impaciente, a orquestra devia ter começado a tocar às oito e já eram mais de dez da noite. Morta Juana Baura, diziam os mangaches, a Chunga devia ir morar com o velho na Mangachería. Mas ela se mudou para o barzinho, dizem que dormia num colchão de palha debaixo do balcão. Na época em que a Chunga e Doroteo se separaram e ela se tornou proprietária, a orquestra de don Anselmo não tocava mais na Casa do Abate, e sim na de Castilla.

O barzinho da Chunga fez rápidos progressos. Ela mesma pintou as paredes, decorou-as com fotografias e imagens, cobriu as mesas com plástico de florzinhas multicoloridas e contratou uma cozinheira. O barzinho se transformou em restaurante de operários, caminhoneiros, sorveteiros e guardas municipais. Doroteo, depois da ruptura, foi morar em Huancabamba. Anos depois voltou para Piura e, “*coisas da vida*” diziam as pessoas, terminou como cliente do barzinho. Devia sofrer vendo as melhoras nesse lugar que já tinha sido seu.

Mas um dia o bar-restaurante fechou suas portas e a Chunga sumiu. Uma semana depois voltou para o bairro capitaneando uma turma de operários que derrubou as paredes de adobe e construiu outras de tijolo, pôs zinco no teto e fez janelas. Ativa, sorridente, Chunga ficava o dia na obra, ajudava os trabalhadores e os velhos, muito excitados, trocavam olhares eloquentes, retrospectivos, “*ela vai ressuscitá-la, irmão*”, “*tal pai tal filha*”, “*filho de peixe...*”. Nessa época a orquestra não tocava mais na Casa de Castilla, e sim na do bairro de Buenos Aires, e quando ia naquela direção o harpista pedia ao Bolas e ao Jovem Alejandro que dessem uma parada. Subiam pelo areal e, diante da obra, o velho, já quase cego, como vai o trabalho?, colocaram as portas?, é bonita de perto, com que se parece? Sua ansiedade e suas perguntas mostravam um certo orgulho, que os mangaches estimulavam com gozações: “*Olhe só a Chunguita, harpista, está ficando rica, viu a casa que está construindo?*” Ele sorria com prazer mas, por outro lado, quando os velhos safados vinham dizer, “*Anselmo, ela vai ressuscitá-la*”, o harpista se fazia de perplexo, misterioso, desentendido, não sei de nada, preciso ir embora, do que estão falando, que Casa Verde.

Com um aspecto decidido e próspero, passos firmes, certa manhã a Chunga avançou pelas ruelas empoeiradas da Mangachería perguntando pelo harpista. Encontrou-o dormindo, no casebre que tinha sido de Patrocinio Naya. Deitado num catre, com o braço atravessado em cima do rosto, o velho roncava com os pelos brancos do peito molhados de suor. A Chunga entrou, fechou a porta, e enquanto isso se espalhava o boato dessa visita. Os mangaches começaram a passear nas redondezas, olhavam por entre as frestas, encostavam as orelhas na porta, informavam os descobrimentos uns aos outros. Pouco depois, o harpista apareceu com uma expressão meditabunda, nostálgica, e pediu aos garotos que chamassem o Bolas e o Jovem; a Chunga estava sentada no catre, risonha. Chegaram os amigos do velho, a porta voltou a se fechar, “*não é uma visita ao pai e sim ao músico*”, cochichavam os mangaches, “*a Chunga quer alguma coisa com a orquestra*”. Eles ficaram mais de uma hora no casebre e, quando saíram, muitos mangaches já tinham ido embora, cansados de esperar. Mas viram, das janelas dos barracos. O harpista estava outra vez como um sonâmbulo, trôpego, andando em zigue-zague, boquiaberto. O Jovem parecia travado e a Chunga dava o braço ao Bolas e estava contente e faladora. Foram ao bar de Angélica Mercedes, comeram beliscos, depois o Jovem e o Bolas tocaram e cantaram algumas composições. O harpista olhava para o teto, coçava as orelhas, seu rosto mudava o tempo todo, sorria, ficava triste. E quando a Chunga se despediu, os mangaches os

rodearam, ávidos de explicações. Don Anselmo continuava perdido, abobalhado, o Jovem encolhia os ombros, só o Bolas respondia às perguntas. “*Você não pode reclamar, velho*”, diziam os mangaches, “*é um bom contrato, e, além do mais, vai ter todas as vantagens trabalhando para a Chunguita, ela também vai pintar a casa de verde?*”.

— Ele estava bêbado e não levamos a sério — disse o Bolas. — O senhor Seminario riu com sarcasmo.

Mas o sargento tinha puxado o revólver outra vez, agora o segurava pela coronha e pela ponta e fazia força para abri-lo. Em volta todos começaram a se olhar e a rir amarelo, a se mexer nas cadeiras, subitamente constrangidos. Só o harpista continuava bebendo, uma roletinha-russa?, aos golinhos, o que era isso, rapazes.

— Uma coisa que serve para provar se os homens são mesmo homens — disse o sargento —; vai ver já, já, velho.

— Eu percebi que era a sério pela tranquilidade de Lituma — disse o Jovem.

Com o rosto abaixado, olhando para a mesa, Seminario estava mudo e rígido e seus olhos, sempre desafiantes, agora também pareciam desconcertados. O sargento afinal tinha conseguido abrir o revólver e suas mãos tiravam as balas e as arrumavam, verticais, paralelas, entre os copos, garrafas e cinzeiros cheios de pontas de cigarro. A Selvática soluçou.

— O que me enganou foi a tranquilidade dele — disse a Chunga —; senão eu teria lhe arrancado a arma quando a descarregou.

— O que foi, milico — disse Seminario —, que gracinha é essa.

Falava com a voz embargada e o Jovem assentia, sim, dessa vez tinha metido com o rabo entre as pernas. O harpista deixou o copo na mesa, farejou o ar, inquieto, estavam brigando de verdade, rapazes? Não façam isso, continuem conversando amigavelmente sobre Chápiro Seminario. Mas as moradoras já estavam fugindo da mesa, Rita, Sandra, Maribel, pulando, Amapola, Hortênsia, chiando como passarinhos, e, aglomeradas ao lado da escada, ciciavam, arregalando os olhos, assustadíssimas. O Bolas e o Jovem pegaram o harpista pelos braços e o levaram quase pelo ar até o cantinho da orquestra.

— Por que não falaram com ele — balbuciou a Selvática. — Quando lhe dizem as coisas com boas maneiras, ele entende. Por que não tentaram, pelo menos.

A Chunga tentou, que guardasse o revólver, em quem ele queria meter medo.

— Você ouviu como ele xingou a minha mãe, Chunguita — disse Lituma —, e também a do tenente Cipriano que ele nem conhece. Vamos ver se esse xingador da mãe dos outros tem sangue-frio e bom pulso.

— O que foi, milico — uivou Seminario —, para que tanto teatro.

E Josefino interrompeu-o: não adiantava disfarçar, senhor Seminario, para que se fingir de bêbado?, que confessasse que estava com medo, e dizia isso com todo o respeito.

— E o amigo dele também tentou parar a coisa — disse o Bolas. — Vamos embora daqui, irmão, não se meta em encrenca. Mas Seminario já tinha se encorajado e deu-lhe um tapa.

— E outro em mim — protestou a Chunga. — Saia, que abusado, vá para a puta que o pariu, saia!

— Sapatona de merda — disse Seminario. — Fuja senão eu furo você.

Lituma estava segurando o revólver com a ponta dos dedos, o tambor barrigudo de cinco orifícios diante dos olhos, e sua voz era metódica, didática: primeiro era preciso ver se estava vazio, ou seja, se não ficou nenhuma bala dentro.

— Não falava conosco, falava com o revólver — disse o Jovem. — Dava essa impressão, Selvática.

E então a Chunga se levantou, atravessou correndo a pista e saiu batendo a porta com força.

— Quando a gente precisa deles nunca aparecem — disse —; tive que ir até o monumento Grau para encontrar uns tiras.

O sargento pegou uma bala, levantou-a com delicadeza, expôs à luz da lâmpada azul. Agora é só introduzir o projétil na arma e o Macaco perdeu o controle, primo, chega, que fossem embora de uma vez, que voltassem para a Mangachería, primo, e o próprio José, quase chorando, que não brincasse com esse revólver, que fizessem o que o Macaco disse, primo, que fossem embora.

— Não perdoo vocês por não me contarem na hora o que estava acontecendo — disse o harpista. — Os gritos dos León e das moças me deixavam agoniado, mas nunca imaginei, eu pensava que deviam estar trocando socos.

— Ninguém atinava a fazer nada, maestro — disse o Bolas. — Seminario também tinha puxado a sua arma, e a passava em frente ao rosto de Lituma, e nós só esperando que a qualquer momento escapasse um tiro.

Lituma muito calmo, o tempo todo, e o Macaco não deixem, segurem esses dois, ia acontecer uma desgraça, o senhor don Anselmo, a ele dariam ouvidos. Assim como a Selvática, Rita e Maribel estavam chorando, a Sandra que pensasse na sua mulher, e José no filho que estava esperando, primo, não seja teimoso, vamos para a Mangachería. Com um golpe seco, o sargento uniu a coronha e o cano: a arma se fechava, impecável, confidencialmente, e tudo pronto, senhor Seminario, o que estamos esperando.

— É como esses apaixonados com quem você fala e não adianta nada, porque estão no mundo da lua — suspirou o Jovem. — Lituma estava enfeitiçado pela arma.

— E tinha enfeitiçado a todos — disse o Bolas —, e Seminario lhe obedecia como se fosse um caboclinho dele. Quando Lituma mandou, abriu seu revólver e tirou todas as balas, menos uma. Os dedos do coitado tremiam.

— Seu coração devia estar lhe dizendo que ia morrer — disse o Jovem.

— Pronto, agora ponha a mão no tambor sem olhar para ele e faça-o girar para não saber onde está a bala. Rápido, como uma roleta — disse o sargento. — É por isso que se chama assim, harpista, sabia?

— Chega de conversa — disse Seminario. — Vamos começar logo, caboclo de merda.

— É a quarta vez que me insulta, senhor Seminario — disse Lituma.

— Dava calafrios ver como eles giravam o tambor — disse o Bolas. — Pareciam dois garotos soltando pião.

— Olhe como são os piuranos, moça — disse o harpista. — Arriscar a vida por simples orgulho.

— Que orgulho que nada — disse a Chunga. — Foi por bebedeira e para desgraçar a minha vida.

Lituma soltou o tambor, seria preciso sortear para ver quem começava, mas tanto faz, desafiou-o quando ergueu o revólver, eu faço primeiro, encostou o cano na têmpora, fecha-se os olhos e fechou os olhos, e dispara-se e apertou o gatilho: tac e uma batida de dentes. Ficou pálido, todos ficaram pálidos e abriu a boca e todos abriram a boca.

— Cale-se, Bolas — disse o Jovem. — Não vê que está chorando?

Don Anselmo acariciou o cabelo da Selvática, deu-lhe o seu lenço colorido, moça, não chore, eram águas passadas, não importava mais, e o Jovem acendeu um cigarro e ofereceu-o a ela. O sargento havia deixado o revólver na mesa e estava bebendo, devagar, de um copo vazio, sem ninguém rir. Seu rosto parecia ter saído da água.

— Não houve nada, não fique nervoso — suplicava o Jovem. — Vai lhe fazer mal, maestro, juro que não aconteceu nada.

— Você me fez sentir o que nunca tinha sentido — gaguejou o Macaco. — Agora, por favor, primo, vamos embora. E José, como acordando, aquilo ia ficar na história, primo, até onde tinha chegado, na escada ouviu-se o zumbido das moradoras, a Sandra ululou, o Jovem e o Bolas acalme-se, maestro, fique tranquilo, e Seminario sacudiu a mesa, silêncio, iracundo, caralho, é a minha vez, calem-se. Levantou o revólver, encostou-o na têmpora, não fechou os olhos, seu peito se inflou.

— Ouvimos o tiro quando já estávamos entrando no bairro com os guardas — disse Chunga. — E a gritaria. Demos pontapés na porta, os guardas a derrubaram com os fuzis porque vocês não abriam.

— Ele tinha acabado de morrer, Chunga — disse o Jovem. — Quem ia pensar em abrir a porta.

— Caiu de bruços em cima de Lituma — disse o Bolas —, e com o impacto os dois rolaram para o chão. O amigo dele ficou gritando chamem o doutor Zevallos, mas ninguém conseguia se mexer de tanto susto. E, depois, era inútil.

— E ele? — disse a Selvática, baixinho.

Ele olhava o sangue que o tinha salpicado, e tocava no corpo todo na certa pensando que o sangue era seu, e nem cogitava em se levantar, e ainda estava sentado, apalpando-se, quando entraram os guardas, de fuzis nas mãos, quietos, apontando para todo mundo, ninguém se mexe, se aconteceu alguma coisa com o sargento, vocês vão ver. Mas ninguém ligava para eles e os inconquistáveis e as moradoras corriam em bando entre as cadeiras, o harpista caía, agarrava alguém, quem foi, em frente à escada e obrigou a retroceder os que queriam fugir. A Chunga, o Jovem e o Bolas se inclinaram sobre Seminario: de bruços, ainda tinha o revólver na mão e uma mancha viscosa crescia entre seus cabelos. O amigo, de joelhos, cobria o seu rosto, Lituma continuava se apalpando.

— Os guardas, o que houve, sargento, ele lhe faltou ao respeito e teve que atirar? — disse o Bolas. — E ele meio tonto, dizendo que sim a tudo.

— Este senhor se suicidou — disse o Macaco —, nós não temos nada a ver com isso, deixem-nos sair, nossas famílias estão nos esperando.

Mas os guardas haviam trancado a porta e agora a vigiavam, com o dedo no gatilho dos fuzis, soltando espuma pela boca e faíscas pelos olhos.

— Sejam humanos, sejam cristãos, deixem-nos sair — repetia José. — Só estávamos nos divertindo, não nos envolvemos em nada. Por quem querem que juremos?

— Traga um cobertor lá de cima, Maribel — disse a Chunga. — Para cobri-lo.

— Você não perdeu a cabeça, Chunga — disse o Jovem.

— Depois tive que jogar fora, as manchas não saíam de jeito nenhum — disse a Chunga.

— Com eles acontecem as coisas mais estranhas — disse o harpista. — Vivem diferente, morrem diferente.

— De quem está falando, maestro? — disse o Jovem.

— Dos Seminario — disse o harpista. Manteve a boca aberta, como se fosse acrescentar alguma coisa, mas não disse nada.

— Acho que Josefino não vem mais me buscar — disse a Selvática. — Já é tardíssimo.

A porta estava aberta e por ela o sol entrava como um incêndio voraz, todos os cantos do salão ardiam. Sobre os tetos do casario, o céu estava altíssimo, sem nuvens, muito azul, e também se viam o lombo dourado do areal e as alfarrobeiras achatadas e ralas.

— Podemos levar você, moça — disse o harpista. — Assim economiza o táxi.

Quatro



Silenciosas, impelidas pelas varas, as canoas se aproximam da margem e Fushía, Pantacha e Nieves pulam para terra. Entram alguns metros mato adentro, agachados, falando em voz baixa. Enquanto isso, os huambisas varam as canoas, ocultam-nas debaixo da ramagem, apagam as pegadas na lama na ribeira e também entram no mato. Levam zarabatanas, machados, arcos, feixes de setas pendurados no pescoço e na cintura, facas e zarabatanas untadas de curare. Seus rostos, torsos, braços e pernas estão ocultos pelas tatuagens e, como fazem nas grandes festas, também tingiram os dentes e as unhas. Pantacha e Nieves com espingardas, Fushía só revólver. Um huambisa troca algumas palavras com eles, depois se esconde e, elasticamente, some na floresta. O patrão está melhor? O patrão nunca estivera mal, quem inventou isso. Mas que não levantasse a voz: os homens ficavam nervosos. Silhuetas mudas, espalhadas sob as árvores, os huambisas observam à direita e à esquerda, seus movimentos são sóbrios e só o brilho das pupilas e as furtivas contrações dos seus lábios delatam o anisado e as infusões que passaram a noite bebendo em volta de uma fogueira, no baixio onde acamparam. Alguns molham no curare os vértices das flechas forrados de algodão, outros sopram nas zarabatanas para tirar os resíduos. Quietos, sem olhar uns para os outros, esperam durante muito tempo. Quando o huambisa que se afastara surge entre as árvores como um suavíssimo felino, o Sol já está alto e suas línguas amarelas derretem os traços feitos com algas e urucum nos corpos nus. Há uma complicada geografia de luzes e sombras no lugar, a cor do matagal se acentuou, as cascas das árvores parecem mais duras, mais rugosas, e lá em cima ecoa uma ensurdecidora algazarra de pássaros. Fushía se levanta, fala com o recém-chegado, volta para onde estão Pantacha e Nieves: os muratos estão caçando na floresta, só há mulheres e crianças, não se vê látex nem couros. Vale a pena ir, assim mesmo? O patrão acha que sim, nunca se sabe, talvez aqueles cachorros tenham escondido. Os huambisas agora conversam em volta do recém-chegado. Fazem perguntas sem se atropelar, usando monossílabos, e ele responde a meia-voz, reforçando suas palavras com gestos e ligeiros movimentos com a cabeça. Dividem-se em três grupos, o patrão e os cristãos andam na frente e assim avançam, sem pressa, paralelos, precedidos por dois huambisas que vão abrindo a folhagem com facões. A terra só murmura quando passam, e em contato com seus corpos o capim alto e os galhos se inclinam, fazendo um mesmo estalo, depois se endireitam e voltam a se juntar atrás deles. Continuam a andar por um bom tempo e, de repente, a luz fica mais crua e mais próxima, os raios atravessam obliquamente a vegetação que agora é escassa e mais baixa, menos monótona, mais clara. Param, e ao longe já se divisam o fim da floresta, uma vasta clareira, umas cabanas e as águas quietas do lago. O patrão e os cristãos dão mais alguns passos e observam. As cabanas estão aglomeradas numa elevação de terra nua e cinzenta a pouca distância do lago e, por trás da aldeia que parece deserta, há uma praia lisa, de cor ocre. No lado direito, um braço de floresta se estende e chega quase até as cabanas: por ali, que Pantacha se deixasse ver e os muratos viriam para este lado. Pantacha dá meia-volta, explica, faz gestos, rodeado de huambisas que o ouvem assentindo. Saem em fila, agachados, afastando os cipós com as mãos, e o patrão, Nieves e os outros dirigem a vista outra vez para a aldeia. Agora há indícios de vida: entre as cabanas se adivinham silhuetas, movimentos, e umas figuras caminham lentamente para o lago, enfileiradas, com volumes na cabeça que devem ser rodilhas ou cântaros, escoltadas por sombras minúsculas, talvez cachorros, talvez crianças. Nieves vê alguma coisa? Não vê látex, patrão, mas aquelas coisas estendidas nas vigas podem ser couros secando ao sol. O patrão não entende, na região há seringais, será que os patrões já vieram buscar o látex? Esses muratos sempre foram uns molengas, é difícil que morram trabalhando. Os diálogos dos huambisas são cada vez mais roucos, mais enérgicos. De cócoras ou em pé ou encostados nos arbustos, olham fixamente para as cabanas, as silhuetas esfumadas na praia, as

sombras rasteiras, e agora seus olhos não são dóceis esim indômitos e neles há algo da ambição impávida que dilata as pupilas do puma faminto, e até suas peles tensas adquiriram o lustre brilhante do jaguar. Suas mãos denotam exasperação, apertam as zarabatanas, apalpam os arcos, as facas, batem nas coxas, e os dentes untados de algas, limados como pregos, se entrechocam ou mordiscam cipós, fiapos de fumo. Fushía se aproxima, fala e eles grunhem, cospem, e as caretas que fazem são ao mesmo tempo risonhas, beligerantes, exaltadas. Ao lado de Nieves, com um joelho no chão, Fushía observa. As figuras voltam do lago, evoluem lânguidas, pesadas, entre as cabanas e em algum lugar acenderam uma fogueira: uma arvorezinha cinza sobe para o céu brilhante. Um cachorro late. Fushía e Nieves se olham, os huambisas levam as zarabatanas aos lábios e, despontando nas fímbrias da floresta, procuram com os olhos mas o cachorro não aparece. Late de vez em quando, invisível, a salvo. E se um dia entrassem nas cabanas e encontrassem soldados à sua espera? O patrão tinha pensado nisso alguma vez? Nunca. Mas em toda viagem ele sempre pensava que quando voltassem à ilha encontrariam soldados emboscados no barranco. Tudo estaria queimado, as mulheres dos huambisas mortas e a patroa teria sido levada. No princípio tinha um pouquinho de medo, mas agora não, só ficava nervoso. O patrão teve medo alguma vez? Nunca, porque pobre que tem medo fica pobre a vida inteira. Mas não era bem assim, patrão, Nieves sempre foi pobre e a pobreza não obedecia ao medo. É que Nieves se conformava e o patrão, não. Teve um pouco de azar mas isso ia passar, amanhã ou depois passaria para o lado dos ricos. Ninguém duvidava, patrão, ele sempre conseguia o que queria. E uma explosão de vozes sacode a manhã: ululantes, súbitos, nus, emergem da língua da floresta e correm para a aldeia, sobem a encosta gesticulando e entre os velozes corpos distantes se distinguem as cuecas brancas de Pantacha, ouvem-se seus gritos que lembram a risada sarcástica da gralha e agora muitos cachorros latem e as cabanas expelem sombras, ganidos e uma agitação tenaz, uma espécie de fervor abala a encosta por onde fogem, tropeçando, pulando, batendo umas nas outras, figuras que avançam na direção da floresta e por fim se divisam, nitidamente: são mulheres. Os primeiros corpos pintados chegaram ao topo. Atrás de Nieves e Fushía, os huambisas fazem alarido, pulam, a folhagem vibra e não se ouvem mais os pássaros. O patrão se vira, aponta para o descampado e as mulheres que estão fugindo: podem ir lá. Mas eles permanecem no mesmo lugar por mais alguns segundos, estimulando-se com rugidos, ofegando e sapateando e, de repente, um deles levanta a zarabatana, começa a correr, atravessa a mata estreita que os separa da clareira e, quando chega ao terreno aberto, os outros correm também, com os pescoços inchados de tanto gritar. O piloto e Fushía os seguem e, no descampado, as mulheres levantam os braços, olham para o céu, ficam agitadas, dispersam-se em grupos e os grupos em silhuetas solitárias que pulam, vão e vêm, caem no chão e depois desaparecem, uma atrás da outra, submersas nos couros de resplendores pretos e avermelhados. Fushía e Nieves avançam e os gritos os seguem ou antecedem parecem sair da poeira luminosa que os cerca enquanto sobem a ladeira. Na aldeia murata, os huambisas andam entre as cabanas, destroem a pontapés as paredes finas, derrubam os tetos de jarina com seus facões, alguém apedreja o vazio, outro apaga o fogo e todos cambaleiam, ébrios? atordoados? mortos de cansaço? Fushía vai atrás deles, sacode, interroga, dá ordens e Pantacha, sentado em cima de um cântaro, suado, de olhos esbugalhados, boquiaberto, aponta para uma cabana ainda ilesa: lá havia um velho. Sim, por mais que ele avisasse, patrão, eles a cortaram. Alguns huambisas tinham se acalmado e começaram a revistar aqui e ali, passam carregando couros, pelas de seringa, mantas que vão amontoando na clareira. A gritaria agora se concentrou, vem das mulheres encurraladas entre um bambuzal e três huambisas que as observam inexpressivos, a poucos passos de distância. O patrão e Nieves entram na cabana e veem no chão, entre dois homens ajoelhados, um par de pernas curtas e enrugadas, um sexo oculto por um estojo de madeira, uma barriga, um torso raquítico e imberbe com as costelas muito marcadas na pele terrosa. Um dos huambisas vira-se, mostra a eles a cabeça que goteja, agora pouco, pontos vermelhos. Mas o buraco aberto entre os ombros ossudos ainda jorra, que cachorros, golfadas intermitentes de sangue espesso, olhe só os seus rostos. Mas Nieves já saíra da cabana, pulando para trás como um caranguejo, e os

dois huambisas não demonstram o menor entusiasmo, estão com os olhos como que intumescidos. Ouvem mudos, impassíveis, Fushía que grita e faz gestos e aperta o revólver e quando ele se cala saem da cabana e lá está Nieves, encostado num muro, vomitando. Era mentira, ainda não tinha perdido o medo, mas que não tivesse vergonha, esses cachorros embrulhavam o estômago de qualquer um. Para que servia o Pantacha? Para que serviam as ordens do patrão? E esses aí nunca iam aprender, porra, qualquer dia ainda viriam cortar as cabeças deles. Mas nem que fosse a tiros, porra, a pontapés, porra, esses porras iam ter que obedecer. Voltam à clareira e os huambisas se afastam e está tudo arrumado no chão: couros de jacaré, veado, cobra e javali, cabaças, colares, seringa, maços de barbasco. Apinhadas e barulhentas, as mulheres reviram os olhos, os cachorros latem e Fushía examina os couros à contraluz, calcula o peso do látex e Nieves recua, senta-se num tronco caído no chão e Pantacha vem para o seu lado. Seria o bruxo? Quem sabe, mas o caso é que não tentou fugir e quando entraram ele estava sentadinho e queimando umas ervas. Gritou? Quem sabe, ele não ouviu nada e a princípio quis detê-los e depois quis ir embora e foi embora e suas pernas tremiam e se cagou e não sentiu que se cagava. O caso é que o patrão estava danado, nem tanto porque mataram, porque não lhe obedeceram?, sim. E não havia quase nada, os couros estavam estragados e a seringa era da pior qualidade, ia ficar furioso. Mas por que disfarçava? Não estava arrasado também? Eram cristãos, na ilha a gente se esquecia que os índios eram índios, mas agora ficava claro, não se podia viver assim, se tivesse masato se embebedaria. E, além do mais, veja só, discutiam com o patrão, ia ficar furioso, furioso. Atrás de uma muralha de huambisas à sua volta, a voz de Fushía troveja mediocrementemente na manhã ensolarada, e eles trovejam com veemência, balançam os punhos, cospem e vibram. Acima das cabeleiras lisas surge a mão do patrão com o revólver, que aponta para o céu e atira e os huambisas murmuram por um segundo, calam-se, outro disparo e as mulheres também se calam. Só os cachorros continuam latindo. Por que o patrão queria partir logo? Os huambisas estavam cansados, Pantacha também estava cansado, e eles queriam comemorar, era justo, eles não botavam a mão na massa por causa da seringa ou dos couros, era pelo prazer, um dia explodiriam e os matariam também. É que o patrão estava doente, Pantacha, ele queria fingir que não mas não conseguia. Não tinha bom humor, antes? Não gostava também de festejar? Agora nem olhava para as mulheres, vivia sempre zangado. Será que estava ficando louco porque não conseguia enriquecer como queria? Fushía e os huambisas dialogam agora com entusiasmo, sem violência, não se ouvem rugidos e sim um cochicho vivaz, nervoso, circular, alguns rostos se mostram joviais. As mulheres estão em silêncio, grudadas umas nas outras, abraçadas às suas crianças e aos seus cachorros. Doente? Claro, na noite anterior ao sumiço de Jum da ilha, Nieves entrou e viu-o, as achuales estavam massageando suas pernas com resina e ele, porra, já para fora, ficou furioso, não queria que ninguém soubesse que estava doente. Fushía dá instruções, os huambisas enrolam os couros, jogam as pelias de seringa no ombro, pisoteiam e destroem tudo o que o patrão descartou e Pantacha e Nieves se aproximam do grupo. Aqueles cachorros estavam cada vez piores, não queriam obedecer, faziam insolências, porra, mas ele ia lhes ensinar. É que queriam comemorar, patrão, e depois havia tantas mulheres. Por que o patrão não deixava? Mas que imbecil, ele também?, a região não estava cheia de tropas?, serrano burro, se ficassem de porre ia durar dois dias, idiota, a começar por ele, os muratos podiam voltar, os soldados podiam surpreendê-los. O patrão não queria confusão à toa, que levassem a mercadoria até o rio, imbecil, e bem rápido. Vários huambisas descem a ladeira e Pantacha vai atrás deles, coçando-se, apressando-os, mas os homens andam sem pressa e sem vontade, em silenciosas e morosas linhas curvas. Os que permanecem na aldeia murmuram, circulam confusamente de um lado para outro, evitam Fushía que os observa, com o revólver na mão, no centro da clareira. Por fim, umas paredes começam a queimar. Os huambisas param de andar, esperam apaziguados que as chamas abracem a casa num torvelinho. Depois empreendem a volta. Quando descem a encosta nua, viram-se para olhar as mulheres que lá no alto jogam punhados de terra na cabana em chamas. Chegam à floresta e precisam abrir de novo uma picada com os facões e avançar por um estreito, precário passadiço

sombreado, entre troncos, cipós, trepadeiras e breves igarapés. Quando chegam à praia, Pantacha e seus homens tiram as canoas da folhagem e instalam a carga. Embarcam, partem, à frente a canoa do piloto, que vai medindo com a vara a profundidade do leito. Navegam a tarde toda, com uma breve parada para comer, e, quando escurece, atracam numa praia, semiescondida por chambiras gêmeas cheias de espinhos. Acendem uma fogueira, servem os salgados, assam umas mandiocas e Pantacha e Nieves chamam o patrão: não, não quer comer. Está deitado de costas na areia, com os braços de travesseiro. Comem e deitam-se lado a lado, cobrem-se com uma manta murata. Dava pena ver o patrão tão transformado, ele não só não comia nada, tampouco falava. Devia ser por causa das pernas, você notou?, ele mal podia andar, sempre ficava para trás. Deviam doer, é lógico, e também não tirava a calça nem as botas de jeito nenhum. Os murmúrios se cruzam e descruzam na negrura, percorrem-na em todas as direções: vozes de insetos, vozes do rio que bate nas pedras, na grama e na terra da margem. Nas trevas circundantes os vaga-lumes brilham como fogos-fátuos. Mas Pantacha viu quando ele tirou aquele *akítai* dos muratos, era mais bonito, mais colorido que os dos huambisas, viu como ele o escondeu nas calças. Ah, sim? E o que achava Pantacha, por que Jum iria fugir da ilha? Que não mudasse de assunto, ia levar esse *akítai* para a shapra?, estava apaixonado por ela? Como poderia apaixonar-se se nem se entendia com ela, nem sequer gostava muito dela. Ia passar para ele, então? Quando voltassem? Na mesma noite? Sim, na mesma noite em que voltassem, se ele quisesse. Para quem era, então, esse *akítai*? Para uma das achuales? O patrão ia passar uma achual para ele? Não era para ninguém, só para ele, gostava de coisas com penas e, além do mais, era uma lembrança.

Bonifacia esperou o sargento ao pé da cabana. O vento levantava seu cabelo como uma crista, e também pareciam de galo sua atitude satisfeita, a postura das suas pernas plantadas na areia e seu traseiro firme e saliente. O sargento sorriu, acariciou o braço nu de Bonifacia, palavra, ficara emocionado ao vê-la de longe, e os olhos verdes se dilataram um pouco, o sol se refletia como uma vibração de dardos minúsculos em cada pupila.

— Engraxou as botas — disse Bonifacia. — Seu uniforme parece novo.

Um sorriso satisfeito arredondou a cara do sargento e quase escondeu seus olhos:

— Foi a senhora Paredes quem lavou — disse. — Tinha medo de que chovesse mas, que sorte, nenhuma nuvenzinha. Parece um dia piurano.

— Você nem notou — disse Bonifacia. — Não gosta do meu vestido? É novo.

— É mesmo, não tinha reparado — disse o sargento. — Cai bem em você, o amarelo fica ótimo nas moreninhas.

Era um vestido sem mangas, com decote quadrado e saia rodada. O sargento examinava Bonifacia risonho, com a mão sempre acariciando seu braço, e ela permanecia imóvel, com os olhos fixos nos olhos do sargento. Lalita lhe emprestara sapatos brancos, ela experimentou na noite anterior e machucavam, mas os usaria para a igreja, e o sargento olhou para os pés de Bonifacia, nus, mergulhados na areia: não gostava de vê-la descalça. Aqui tanto fazia, menina, mas quando fossem embora teria que andar sempre de sapatos.

— Primeiro preciso me acostumar — disse Bonifacia. — Sabe que na missão eu só usava sandálias? Não é igual, elas não apertam.

Lalita apareceu no parapeito: o que sabia do tenente, sargento. Uma fita prendia seus cabelos longos e no seu pescoço brilhava um colar de contas de vidro. Tinha os lábios pintados, que bonita estava a senhora, com ruge nas bochechas, com ela o sargento gostaria de casar, e Lalita: o tenente não tinha chegado?, o que se sabia?

— Nenhuma notícia — disse o sargento. — Só sabemos que ainda não chegou à guarnição de Borja. Parece que está chovendo muito, devem estar ilhados no meio do caminho. Mas por que estão tão preocupados, nem se o tenente fosse filho de vocês.

— Agora vá, sargento — disse Lalita, de maus modos. — Dá azar ver a noiva antes da cerimônia.

— Noiva? — explodiu a madre Angélica. — Quer dizer concubina, amancebada.

— Não, *madrecita* — insistiu Lalita, com uma voz humilde. — Noiva do sargento.

— Do sargento? — disse a superiora. — Desde quando? Como foi isso?

Incrédulas, surpresas, as madres se inclinaram em direção a Lalita, que adotara uma postura reservada, com as mãos juntas, a cabeça baixa. Mas espiava as madres pelo canto do olho e seu semissorriso era enganoso.

— Se der errado, a culpa vai ser sua e de don Adrián — disse o sargento. — Foram vocês que me meteram nesta enrascada, senhora.

Riu de boca aberta, bem alto, e seu corpo, também regozijado, estremecia da cabeça aos pés. Lalita fazia conjuros com os dedos para espantar o azar e Bonifacia afastou-se alguns passos do sargento.

— Vá para a igreja — repetiu Lalita. — Você está se azarando e azarando a Bonifacia por causa de um capricho. Para que veio?

Para que podia ser, senhora, e o sargento estendeu as mãos para Bonifacia, para ver a minha garota, e ela correu, teve vontade, ora, e tal como Lalita fazia cruzou os dedos e exorcizou o sargento que, cada vez mais bem-humorado, bruxas, bruxas, ria às gargalhadas; ah, se os mangaches vissem estas duas bruxas. Mas elas não concordavam com isso e o pequeno punho trêmulo da madre Angélica escapuliu da manga, golpeou o ar e desapareceu entre as dobras do hábito: ela não ia pisar nesta casa. Estavam no pátio, em frente à residência e, no fundo, as pupilas corriam entre as árvores do pomar. A superiora parecia suavemente abstraída.

— É da senhora que ela mais sente falta, madre Angélica — disse Lalita. — Sou muito sortuda, diz, tenho muitas mães, diz, e a primeira é sua *mamita* Angélica. Ela achava que a senhora me ajudaria a pedir à superiora, *madrecita*.

— É um demônio cheio de truques e artimanhas — o punho apareceu e sumiu. — Mas não vai me enganar assim. Ela pode ir embora com seu sargento se quiser, aqui é que não vai entrar.

— Por que não veio pessoalmente em vez de mandar você? — disse a superiora.

— Tem vergonha, *madrecita* — disse Lalita. — Não sabia se a senhora a receberia ou a expulsaria de novo. Não pode ter lá o seu orgulho só porque nasceu pagã? Perdoe-a, madre, pense que vai se casar.

— Eu já ia buscá-lo, sargento — disse o piloto Nieves. — Não sabia que estava por aqui.

Viera para a varanda e agora se apoiava no parapeito, ao lado de Lalita. Estava com uma calça branca de algodão e uma camisa de manga comprida, sem colarinho. Não usava chapéu, e nos pés tinha uns sapatos de sola grossa.

— Vão embora de uma vez — disse Lalita. — Adrián, leve-o daqui agora mesmo.

O piloto desceu a escadinha, com as pernas rígidas como paus, o sargento fez uma saudação militar dirigida a Lalita e piscou um olho para Bonifacia. Foram para a missão, não pelo caminho paralelo ao rio, mas por entre as árvores da colina. Como se sentia o sargento? Até que horas fora a despedida de ontem à noite, na casa de Paredes? Até as duas, e o Pesado se embebedou e entrou na água todo vestido, don Adrián, ele também tinha bebido um pouco. Já se sabia alguma coisa do tenente? De novo, don Adrián? Não sabia de nada, na certa as chuvas paralisaram a expedição, ele devia estar soltando espuma pela boca. Ainda bem que não ficaram com ele, então. É, talvez ainda leve um bom tempo, dizem que caiu um verdadeiro dilúvio no Santiago. Escute, cá entre nós, estava contente por se casar, sargento?, e o sargento sorriu, seus olhos se ausentaram por uns segundos e, de repente, bateu no peito: essa mulher tinha entrado aqui dentro, don Adrián, era por isso que se casava com ela.

— O senhor se portou como um bom cristão — disse Adrián Nieves. — Aqui só se casa gente que já está junta há muitos anos, as madres e o padre Vilancio se cansam de dar conselhos e eles, nada. Em compensação, o senhor leva a moça direto para o altar, e sem estar grávida. Ela está feliz. Ontem à noite dizia hei de ser uma boa mulher.

— Na minha terra dizem que o coração não se engana — disse o sargento. — E o meu coração diz que ela vai ser uma boa mulher, don Adrián.

Avançavam devagar, evitando as poças, mas as perneiras do sargento e as calças do piloto ficaram salpicadas de lama. As árvores do morro filtravam a luz do sol, davam-lhe certo frescor e a agitavam. Ao pé da missão, Santa María de Nieva repousava quieta e dourada entre os rios e a floresta. Passaram por cima de um montinho, subiram o caminho pedregoso e lá em cima, na porta da capela, um grupo de aguarunas chegou à beira da encosta para vê-los: mulheres de peitos caídos, crianças nuas, homens com olhos esquivos e cabeleiras profusas, todos se afastaram para deixá-los passar e alguns meninos estenderam as mãos e grunhiram. Antes de entrarem na igreja, o sargento espanou a farda com um lenço e ajeitou o quepe e Nieves desdobrou a bainha da calça. A capela estava cheia, cheirava a flores e a lampiões de resina, a careca de don Fabio Cuesta reluzia como uma fruta na penumbra. Estava de gravata e, do seu banco, acenou para

o sargento que levou a mão ao quepe. Atrás do governador, o Pesado, o Pequeno, o Escuro e o Louro bocejavam, com as bocas azedas e os olhos injetados, e os Paredes e seus filhos ocupavam dois bancos: inúmeros meninos de cabelos úmidos. Do lado oposto, atrás de uma grade onde a penumbra se transformava em escuridão, uma fileira de aventais e cabeleiras idênticas: as pupilas. Ajoelhadas, imóveis, seus olhos eram uma nuvem de vaga-lumes curiosos perseguindo o sargento que, nas pontas dos pés, ia apertando as mãos dos presentes, e o governador apontou para a própria careca, sargento: devia tirar o chapéu na igreja, ficar de cabeça descoberta como ele. Os guardas sorriram e o sargento alisava os cabelos despenteados pelo ímpeto com que tirou o quepe. Foi sentar-se na primeira fila, ao lado do piloto Nieves. O altar estava bonito, não estava? Muito bonito, don Adrián, e as freirinhas eram simpáticas. Os vasos de barro vermelho ferviam de flores, e também havia orquídeas trançadas em colares que desciam do crucifixo de madeira até o chão; em ambos os lados do altar, suportes com vasos de grandes samambaias se alinhavam em filas duplas até chegar às paredes, e o chão da capela tinha sido lavado e estava brilhando. Dos castiçais acesos, canudos de fumaça transparente e aromática subiam pelo ar escuro e iam alimentar a densa camada de vapor que flutuava perto do teto: já estavam aí, sargento, a noiva e a madrinha. Houve um murmúrio, as cabeças giraram em direção à porta. Com o sapato branco de salto alto, agora Bonifacia tinha a mesma estatura que Lalita. Um véu negro escondia seus cabelos, enquanto seus olhos percorriam os bancos, grandes e alarmados, e Lalita cochichava com os Paredes, seu vestido floreado dava uma vivacidade grácil, juvenil àquele setor da capela. Don Fabio se inclinou em direção a Bonifacia, disse algo em seu ouvido e ela sorriu, coitadinha: a menina estava sem jeito, don Adrián, com cara envergonhada. Depois lhe dariam bebida e ela ficaria alegre, sargento, o problema é que morria de medo de encontrar as madres, achava que iam brigar com ela, seus olhos não eram mesmo bonitos, don Adrián? O piloto pôs um dedo sobre os lábios e o sargento olhou para o altar e se persignou. Bonifacia e Lalita sentaram-se junto a eles e, pouco depois, Bonifacia se ajoelhou e começou a rezar, de mãos juntas, os olhos fechados, os lábios movendo-se imperceptivelmente. Estava assim quando a grade rangeu e as madres entraram na capela, com a superiora à frente. De duas em duas, iam até o altar, ajoelhavam-se, faziam o sinal da cruz e, sem qualquer ruído, dirigiam-se para os bancos. Quando as pupilas começaram a cantar, todos se levantaram e entrou o padre Vilancio, com sua barba vermelhíssima como um peitilho sobre o hábito roxo. A superiora fez gestos para Lalita apontando o altar, e Bonifacia, ainda de joelhos, enxugava os olhos com o véu. Depois levantou-se e avançou entre o piloto e o sargento, toda empertigada, sem olhar para os lados. E ficou rígida a missa inteira, com o olhar cravado num ponto intermediário entre o altar e os colares de orquídeas, enquanto as madres e as pupilas rezavam em voz alta e os outros se ajoelhavam, ou se sentavam e se levantavam. Depois o padre Vilancio se aproximou dos noivos, o sargento fez posição de sentido, a barba vermelha estava a poucos milímetros do rosto de Bonifacia, perguntou ao sargento que bateu os calcanhares e disse sim com energia, e a Bonifacia, mas não se ouviu a sua resposta. O padre Vilancio agora sorria cordialmente e estendia a mão para o sargento, e para Bonifacia, que a beijou. A atmosfera pareceu desanuviar-se na capela, as pupilas pararam de cantar e havia diálogos a meia-voz, sorrisos, movimentos. O piloto Nieves e Lalita abraçavam os noivos e, na roda formada à sua volta, don Fabio brincava, as crianças riam, o Pesado, o Pequeno, o Escuro e o Louro esperavam um atrás do outro sua vez de felicitar o sargento. Mas a superiora os dispersou, senhores, estavam na capela, silêncio, que fossem para o pátio, e sua voz dominava as outras. Lalita e Bonifacia atravessaram a grade, depois os convidados, por fim as madres, e Lalita sua boba, que a soltasse, Bonifacia, as *madrecitas* tinham preparado a mesa, com uma toalha branca, cheia de sucos e pasteizinhos, que a soltasse, todos queriam cumprimentá-la. As pedras do pátio cintilavam e, nas paredes brancas da residência, crivadas pelo sol, havia sombras de trepadeiras. Que vergonha, *madrecitas*, nem tinha coragem de olhar para elas, e hábitos, sussurros, risadas, uniformes revoavam em volta de Lalita. Bonifacia continuava abraçada a ela, com a cabeça escondida em seu vestido floreado e, enquanto isso, o sargento

recebia e distribuía abraços: estava chorando, *madrecitas*, que boba. Por que ficava assim, Bonifacia? Era por vocês, mães, e a superiora que tola, não chore, venha me dar um abraço. Bonifacia se soltou bruscamente de Lalita, virou-se e caiu nos braços da superiora. Agora passava de uma mãe para a outra, tinha que rezar sempre, Bonifacia, sim, *mamita*, ser muito cristã, sim, não esquecer delas, nunca as esqueceria, e Bonifacia as apertava forte, e elas também forte, e grossas, involuntárias, invencíveis lágrimas escorriam pelas bochechas de Lalita, tiravam o ruço, sim, sim, ia gostar delas para sempre, e revelavam os estigmas da sua pele, tinha rezado tanto por elas, espinhas, manchas, cicatrizes. Estas mães não tinham preço, padre Vilancio, olhe só tudo o que prepararam. Mas, atenção, o chocolate ia esfriar e o governador estava com fome. Podiam começar, mãe Griselda? A superiora resgatou Bonifacia dos braços da mãe Griselda, claro que podiam, don Fabio, e a roda se abriu: duas pupilas abanavam a mesa cheia de travessas e de jarras, e entre elas havia uma silhueta escura. Quem lhe havia preparado tudo isso, Bonifacia? Tinha que adivinhar e Bonifacia choramingava, mãe, diga que me perdoou, puxava o hábito da superiora, dê-me este presente, mãe. Fino, rosado, o indicador da superiora apontou para o céu: pediu perdão a Deus? Arrependeu-se? Todos os dias, mãe, e então a perdoou, mas tinha que adivinhar, quem foi? Bonifacia choramingava, quem podia ter sido, seus olhos procuravam entre as mães, onde estava, aonde havia ido? A silhueta escura afastou as duas pupilas e avançou, encurvada, arrastando os pés, com a cara mais ranzinza que nunca: finalmente essa ingrata, essa mal-agradecida se lembrava dela. Mas Bonifacia já tinha pulado e, nos seus braços, a mãe Angélica cambaleava, o governador e os outros começaram a comer pasteizinhos e tinha sido ela, sua mãezinha, e a mãe Angélica nunca veio me ver, demônio, mas sonhava com ela, pensava todo dia e toda noite na sua mãezinha, e a mãe Angélica que provasse destes, daqueles, que bebesse um suco.

— Ela nem me deixou entrar na cozinha, don Fabio — dizia a mãe Griselda. — Desta vez têm que elogiar a mãe Angélica. Preparou tudo para a sua queridinha.

— O que eu não fiz por ela — disse a mãe Angélica. — Fui sua babá, sua criada, agora sua cozinheira.

Seu rosto se esforçava para continuar emburrado e rancoroso, mas a voz já estava alterada, ressonava como uma pagã e, de repente, seus olhos se encheram d'água, a boca perdeu o prumo, e rompeu em soluços. Sua velha mão encurvada dava palmadas desajeitadas em Bonifacia e as mães e os guardas passavam as travessas, enchiam os copos, o padre Vilancio e don Fabio riam às gargalhadas e um dos meninos de Paredes tinha subido na mesa, a mãe lhe dava uma lambada.

— Como gostam dela, don Adrián — disse o sargento. — Como a mimam.

— Mas por que tanto choro? — disse o piloto. — No fundo estão todas contentes.

— Posso levar algo para elas, *mamita*? — disse Bonifacia. Apontava para as pupilas, formadas em três fileiras na frente da residência. Algumas sorriam, outras lhe davam adeuses tímidos.

— Elas vão ter sua refeição especial, também — disse a superiora. — Mas pode ir abraçá-las.

— Prepararam presentes para você — grunhiu a mãe Angélica, com o rosto deformado pelas lágrimas e soluços. — Nós também, eu lhe fiz um vestidinho.

— Virei visitá-la todos os dias — disse Bonifacia. — Quero ajudar a senhora, *mamita*, vou continuar levando o lixo.

Depois se afastou da mãe Angélica e foi até as pupilas, que debandaram e correram ao seu encontro, fazendo algazarra. A mãe Angélica abriu passagem entre os convidados e, quando chegou junto ao sargento, sua cara estava menos pálida, já emburrada de novo.

— Vai ser um bom marido? — grunhiu, sacudindo-o pelo braço. — Ai de você se bater nela, ai de você se sair com outras mulheres. Vai se portar bem com ela?

— Mas é claro, *madrecita* — respondeu o sargento, confuso. — Eu gosto tanto dela.



— Ah, já acordou — disse Aquilino. — É a primeira vez que dorme assim desde que saímos. Antes, era você quem ficava me olhando quando eu abria os olhos.

— Sonhei com Jum — disse Fushía. — Passei a noite inteira vendo o rosto dele, Aquilino.

— Ouvi você gemer várias vezes, numa delas achei até que estava chorando — disse Aquilino. — Era por isso?

— Coisa esquisita, velho — disse Fushía —, eu não aparecia no sonho, só Jum.

— E o que sonhou com o aguaruna? — disse Aquilino.

— Que morria, naquela prainha onde Pantacha preparava suas infusões — disse Fushía. — E alguém se aproximava dele e dizia venha comigo e ele não posso, estou morrendo. Assim o sonho todo, velho.

— Quem sabe estava acontecendo mesmo — disse Aquilino. — Vai ver que morreu ontem à noite e veio se despedir de você.

— Deve ter sido morto pelos huambisas, que tanto o odiavam — disse Fushía. — Mas espere, não seja assim, não vá ainda.

— Não adianta — disse Lalita, ofegando —, você me chama e nunca dá certo. Para que me faz vir se não consegue, Fushía.

— Consigo sim — gritou Fushía —, só que você quer acabar logo, não me dá tempo de nada e fica furiosa. Consigo sim, sua puta.

Lalita virou-se e deu-lhe as costas na rede que rangia ao balançar. Uma claridade azul entrava na cabana pela porta e pelas frestas junto com os humores tépidos e os murmúrios da noite, mas não chegava até a rede; estes, sim.

— Você pensa que me engana — disse Lalita. — Acha que sou boba.

— Tenho muitas preocupações na cabeça — disse Fushía —, preciso esquecer essas coisas mas você não me dá tempo. Sou homem, não um animal.

— O problema é que você está doente — sussurrou Lalita.

— O problema é que tenho nojo das suas espinhas — gritou Fushía —, o problema é que você ficou velha. E é só com você que eu não consigo, com as outras, quantas vezes quiser.

— Você as abraça e beija mas também não consegue com elas — disse Lalita, bem devagar. — As achuales me contaram.

— Você fala de mim com elas, sua puta? — o corpo de Fushía contagiava a rede com um ansioso e contínuo tremor. — Fala de mim com as pagás? Você quer morrer?

— Sabe aonde ele ia toda vez que desaparecia da ilha? — disse Aquilino. — A Santa María de Nieva.

— A Nieva? E o que ia fazer lá? — disse Fushía. — Como você sabe que Jum ia para Santa María de Nieva?

— Ouvi há pouco tempo — disse Aquilino. — A última vez que ele fugiu foi há uns oito meses?

— Já quase não conto mais o tempo, velho — disse Fushía. — Mas sim, deve fazer uns oito meses. Encontrou Jum e ele lhe contou?

— Agora que estamos longe, você já pode saber — disse Aquilino. — Lalita e Nieves estão morando lá. E pouco tempo depois de chegarem a Santa María de Nieves, Jum apareceu.

— Então sabia onde eles estavam? — ofegou Fushía. — Você os ajudou, Aquilino? Você também é um cachorro? Você também me traiu, velho?

— É por isso que você tem vergonha e se esconde e não tira a roupa na minha frente — disse Lalita e a rede parou de ranger. — Mas por acaso eu não sinto como fedem? Suas pernas estão apodrecendo, Fushía, isso é pior que as minhas espinhas.

O vaivém da rede estava muito ativo outra vez e as estacas rangiam de novo, longamente, mas não era ele quem tremia agora, era Lalita. Fushía estava encolhido, e não passava de uma forma rígida que se

desmanchava entre as cobertas, uma garganta embargada tentando falar, e na sombra do seu rosto havia duas luzinhas vivas e atônitas na altura dos olhos.

— Você também me insulta — balbuciou Lalita. — E sempre que lhe acontece alguma coisa a culpa é minha, agora mesmo, você me chamou e ainda fica zangado. Eu também sinto raiva, acabo falando qualquer coisa.

— Foram os pernilongos, puta — Fushía gemeu baixinho e seu braço nu simulou uma pancada, sem força. — Os pernilongos me morderam, e infeccionou.

— Sim, os pernilongos, e é mentira que está fedendo, vai passar logo — soluçou Lalita. — Não fique assim, Fushía, com raiva a gente não pensa e fala qualquer coisa. Quer água?

— Estão construindo uma casa? — disse Fushía. — Esses cachorros vão ficar para sempre em Santa María de Nieva?

— Nieves foi contratado como piloto pelos guardas que estão lá — disse Aquilino. — Veio outro tenente, mais jovem que aquele Cipriano. E a Lalita está esperando um filho.

— Tomara que morra na barriga, e que ela também morra — disse Fushía. — Mas me diga, velho, não foi lá que o penduraram? O que Jum foi fazer em Santa María de Nieva? Queria vingança?

— Ele foi por aquele caso antigo — disse Aquilino. — Para reclamar a seringa que o senhor Reátegui lhe tirou quando estive em Urakusa com os soldados. Não lhe deram ouvidos, e Nieves se deu conta de que não era a primeira vez que ele ia reclamar, que todas as suas fugas da ilha eram para isso.

— Ia reclamar com os guardas enquanto trabalhava para mim? — disse Fushía. — Ele não percebia? Aquele idiota podia ter fodido a nossa vida, velho.

— Mais parece coisa de maluco — disse Aquilino. — Continuar insistindo depois de tantos anos. Isso não vai sair da cabeça dele até a morte. Não conheci nenhum pagão tão teimoso como Jum, Fushía.

— Fui mordido quando entrei na lagoa para pegar a tartaruga que morreu — gemeu Fushía. — Os pernilongos, as aranhas-de-água. Mas as feridas já estão secando, sua burra, não sabe que infeccionam quando a gente se coça? É por isso que fedem.

— Não fedem, não fedem — disse Lalita —, só falei isso porque estava com raiva, Fushía. Antes você queria o tempo todo e eu precisava inventar coisas, estou sangrando, não posso. Por que mudou, Fushía?

— Você ficou toda mole, está velha, mulher durinha é que dá tesão no homem — berrou Fushía, e a rede começou a pular —, não tem nada a ver com as mordidas, sua cadela.

— Mas eu não estou mais falando dos pernilongos — sussurrou Lalita —, sei que você está melhorando. Mas meu corpo dói, à noite. Para que me chama, então, se é como você diz? Não me faça sofrer, Fushía, não me faça vir para a sua rede se não consegue.

— Consigo sim — gritou ele —, consigo quando quiser, mas com você não quero. Saia daqui, e se vier me falar outra vez dos pernilongos eu meto um tiro onde tanto lhe dói. Fora, fora daqui.

Continuou gritando até que ela ergueu o mosquiteiro, levantou-se e foi deitar na outra rede. Então Fushía se calou, mas as estacas continuaram rangendo a cada tanto, dando sacudidas violentas, como se estivessem atacadas de febres, e só muito tempo depois a cabana se apaziguou, envolta nos murmúrios noturnos da floresta. Deitada de costas, os olhos abertos, Lalita acariciava com as mãos as cordas de tucum da rede. Um dos seus pés escapou do mosquiteiro e inimigos minúsculos e alados vieram atacá-lo às dúzias, pousando vorazmente nas unhas e nos dedos. Lancetavam a pele com suas armas finas, compridas e zunidoras. Lalita bateu o pé na estaca e todos fugiram, aturdidos. Mas poucos segundos depois tinham voltado.

— Então o cachorro do Jum sabia onde eles estavam — disse Fushía. — E ele também não me disse nada. Todos ficaram contra mim, Aquilino, na certa até o Pantacha devia saber.

— Isso quer dizer que ele não se acostumou, que tudo o que faz é para poder voltar a Urakusa — disse

Aquilino. — Deve sentir muita falta da sua aldeia, deve ter muita saudade. É verdade que discursava para os pagãos quando ia com você?

— Ele os convencia a me dar a seringa sem brigar — disse Fushía. — Fazia ameaças e sempre contava a história daqueles dois cristãos. Você os conheceu, velho? Qual era o negócio deles? Nunca consegui descobrir.

— Os tais que foram morar em Urakusa? — disse Aquilino. — Uma vez ouvi o senhor Reátegui falar disso. Eram estrangeiros que vieram sublevar os índios, aconselhá-los a matar todos os cristãos daqui. Por ter dado ouvidos a eles é que Jum acabou mal.

— Não sei se os odiava ou gostava deles — disse Fushía. — Às vezes falava de Bonino e Teófilo como se quisesse matá-los, outras vezes como se tivessem sido seus amigos.

— Adrián Nieves dizia o mesmo — disse Aquilino. — Que Jum mudava de opinião sobre esses cristãos o tempo todo, não se decidia, um dia eram bons e no dia seguinte maus, diabos malditos.

Lalita atravessou a cabana na ponta dos pés e saiu, e lá fora o ar estava impregnado de um vapor que umedecia a pele e, ao entrar pela boca e pelo nariz, aturdiu. Os huambisas tinham apagado as fogueiras, suas cabanas eram sacos negros, muito espessos, levantados na ilha. Um cachorro veio se esfregar em seus pés. No abrigo, ao lado do curral, as três achuales dormiam sob um mesmo cobertor, com os rostos brilhantes de resina. Quando Lalita chegou em frente à cabana de Pantacha e espiou, sua *itipak* molhada de suor estava colada no corpo: uma perna musculosa emergia das sombras, entre as coxas lisas e sem pelos da shapra. Ficou observando, com a respiração ofegante, a boca entreaberta, a mão no peito. Depois, correu até a cabana vizinha e empurrou a porta de cipós. No canto escuro onde ficava o catre de Adrián Nieves, um ruído. O piloto na certa estava acordado, devia estar reconhecendo sua silhueta recortada na entrada contra a noite, os dois rios de cabelos que emolduravam seu corpo até a cintura. Depois as tábuas rangeram e um triângulo branco avançou até ela, boa noite, um contorno de homem, o que houve?, uma voz sonolenta e surpresa. Lalita não dizia nada, só ofegava e esperava, exausta, como se aquilo fosse o final de uma longa corrida. Faltavam muitas horas ainda para que gorjeios e rumores alegres substituíssem os grasnidos noturnos e os pássaros, as borboletas coloridas revoassem sobre a ilha, e a luz clara do amanhecer iluminasse os troncos leprosos das paineiras. Ainda era hora dos vaga-lumes.

— Mas vou lhe dizer uma coisa — disse Fushía. — O que mais me dói de tudo isso, Aquilino, o que mais me magoa, foi ter tido tanto azar.

— Cubra-se, não se mexa — disse Aquilino. — Está vindo um barquinho, é melhor se esconder.

— Mas vamos rápido, velho — disse Fushía. — Aqui não consigo respirar, estou me sufocando. Passe rápido por ele.

Está claro como no verão, o Sol dispara raios, os olhos lacrimejam ao olhá-los. E o coração sente esse calor, quer atravessar a rua, passar sob os pés de tamarindo, sentar no seu banco. Levante-se de uma vez, para que serve a cama se o sono não vem, uma areinha fina como os seus cabelos deve estar caindo na Ponte Velha, vá sentar no La Estrella del Norte, abaixe o chapéu, espere por ela, já está chegando. Não fique assim impaciente, e Jacinto é triste a cidade vazia, veja don Anselmo, os varredores já passaram e a areia sujou tudo de novo. Olhe a esquina do Mercado, aí chega um burro carregado de cestas, não é agora que a cidade acorda? Aí está, leve, silenciosa, entra na praça como se estivesse deslizando, veja como a leva para perto do coreto, como a faz sentar, toca em suas mãos, seus cabelos, e ela dócil, de joelhos apertados, de braços cruzados: aí está a sua recompensa por tantos cuidados. E aí vai a *galinaza* dando lambadas no asno, sente-se direito na cadeira, acomode-se melhor, continue olhando para ela. Vem de frente o amor, de peito aberto, ou vem disfarçando? E você é pena, ternura, compaixão, vontade de lhe dar um presente. Deixe a rédea frouxa e que vá como quiser, a passo, a trote, a galope, ele sabe para onde, ainda é cedo. E, enquanto isso,

faça apostas: tanto que vai estar de branco, tanto de amarelo, tanto com a fita, vou ver suas orelhas, tanto sem a fita, de cabelo solto, hoje não vou vê-las, tanto de sandália, tanto descalça. E se ganhar será Jacinto quem ganhou, e ele por que tanta gorjeta se ontem me deu a metade consumindo a mesma coisa, como vou saber? Não sabe nada, o senhor está com cara de sono, nunca dorme, don Anselmo?, você é um velho costume, não ir para a cama sem tomar o café da manhã, o ar da madrugada limpa o cérebro, lá tudo cheira a farra, fumaça e álcool, agora volto e a noite começa para mim. E ele logo vou visitá-lo, você mas claro, rapaz, venha me ver, vamos beber alguma coisa, você tem crédito, já sabe. Mas agora vá, fique sozinho, que ninguém ocupe a sua mesa, que a manhã comece logo, que cheguem as pessoas, que uma branca se aproxime, que a leve para dar uma volta, que a traga para La Estrella del Norte e lhe ofereça um doce. E aí, de novo, a tristeza, a raiva no coração, que o tempo não aplacou. E então tire o café, Jacinto, uma dose, depois outra, e por fim meia garrafa do especial. E ao meio-dia Chápiro, don Eusebio, o doutor Zevallos vamos subi-lo no cavalo, este o levará para o areal. Lá as mulheres vão se encarregar de levá-lo para a cama. Agarre-se na sela, então cabeceia entre as dunas, rola no chão como um fardo, entra engatinhando no salão, e elas que durma aqui mesmo, pesa muito para subi-lo à torre, tragam uma bacia que está vomitando, desçam um colchão, tirem as botas. E então, ásperas, amargas, as náuseas, os arroios de bÍlis e álcool, a comichão nas pálpebras, o fedor, a moleza bêbada dos músculos. Sim, vem disfarçado, no começo parecia pena: só deve ter dezesseis aninhos, a desgraça que lhe aconteceu, a escuridão da sua vida, o silêncio da sua vida, seu rostinho. Tente imaginar: como seria, os gritos que dava, o terror que sentia, quanto assombro haveria nos seus olhos. Tente ver: os cadáveres, os borbotões de sangue, as feridas, os vermes e então doutor Zevallos, conte de novo, não pode ser, é tão terrível, já estava desmaiada?, como foi que sobreviveu? Tente adivinhar: primeiro círculos aéreos, negruços entre as dunas e as nuvens, sombras que se refletem na areia, depois vultos penosos na areia, bicos curvos, grasnidos ácidos e então saca o revólver e mata um, e aí vem outro e mata, e as mulheres o que foi, patrão, por que tanto ódio contra os urubus, o que lhe fizeram, e você na bala porra, derrube-os, fure-os. Disfarçado de piedade, de carinho. Vá também, o que há de errado, compre-lhe mingau, pão de mel, balas. Feche os olhos e aí está, de novo, o redemoinho dos sonhos, você e ela no torreão, vai ser como tocar harpa, junte as gemas dos dedos e sint-a, mais suave que a seda e o algodão, vai ser como uma música, não abra ainda os olhos, continue tocando em suas bochechas, não acorde. Primeiro curiosidade, depois um sentimento que parecia pena e, de repente, medo de perguntar. Elas falam, os bandidos de Sechura, assaltaram e mataram, a senhora estava pelada quando a encontraram, de repente falam seu nome, dizem coitadinha, e então um calor súbito, a língua que gagueja, o que está acontecendo comigo, as moradoras vão maliciar, o que tenho. Ou, senão, um ricaço no La Estrella del Norte a traz, pede um refresco para ela, falta de ar, inveja, tenho que ir, bom dia, o areal, o portão verde, uma garrafa de aguardente, leve a harpa lá para cima da torre, toque. Afeto, compaixão? Já estava tirando os disfarces. E essa manhã é, como agora, diáfana. Ela é velha, não a aceite, talvez doente, que o doutor Zevallos a examine antes, como disse que se chama?, você tem que mudar de nome, Antonia não. E ela como o senhor quiser, patrão, alguma mulher de quem gostou se chamava assim? E aí, de novo, o rubor, o fluxo morno sob a pele e, intempestiva, a verdade. A noite é preguiçosa, insone, o espetáculo da janela é um só: em cima as estrelas, no ar o lento dilúvio de areia e, à esquerda, Piura, muitas luzes na sombra, as formas brancas de Castilla, o rio, a Ponte Velha como um grande lagarto entre as duas margens. Mas que passe logo a noite ruidosa, que amanheça, pegue a harpa, não desça se o chamarem, toque na escuridão, cante baixinho, doce, bem devagar, venha Toñita, uma serenata para você, está ouvindo? O espanhol não está morto, então aparece, na esquina da catedral, com seu lenço azul no pescoço, suas botas espelhadas, seu colete sob a levita branca, outra vez o calorzinho, as ondas que engordam as veias, o pulso ativo, o olhar alerta, vai até o coreto?, sim, se aproxima?, sim, sorri?, sim. E de novo ela tomando sol, imóvel, inconsciente, muito tranquila, em volta os engraxates e mendigos, don Eusebio diante do seu banco. Agora

já sabe, está sentindo uma mão em seu queixo, ergueu-se no assento?, sim, está falando com ela?, sim. Invente o que dizer: bom dia, Toñita, bonita manhã, o sol esquentava sem queimar, pena tanta areia, ou se pudesse ver a luz que há, como está azul o céu, é como o mar de Paita e, aí, o latejar das têmperas, as ondas se atropelando, o coração desembestado, a insolação interior. Vão juntos?, sim, para a varanda?, sim, leva-a pelo braço?, sim, e Jacinto não está se sentindo bem, don Anselmo?, ficou pálido, você um pouco cansado, traga outro café e um copinho de pisco, direto para a sua mesa?, sim, e então pare, estenda a mão, don Eusebio como está, ele meu querido, esta senhorita e eu vamos lhe fazer companhia, dá licença? Então aí está ela, ao seu lado, olhe-a sem temor, este é o seu rosto, estas pequenas aves são suas sobranceiras e atrás das pálpebras fechadas reina a penumbra, e atrás dos lábios fechados também há uma minúscula moradia deserta e escura, este é o seu nariz, estes os seus pòmulos. Olhe os longos braços cor de bronze e as pontas de cabelo claro que ondulam sobre seus ombros, e sua testa que é lisa e vez por outra se franze. E don Eusebio vejamos, vejamos, um cafezinho com leite?, mas já deve ter tomado café, é melhor um doce, os jovens gostam disso, o senhor não era guloso?, digamos de marmelo, e um suquinho de mamão, por favor, Jacinto. Admite, concorda, fui guloso, essa fina coluna é o seu pescoço, disfarça a ebulição, boceja, fuma, essas flores de caule frágil, suas mãos, e as breves sombras que parecem louras sob o sol, suas pestanas. E fale com ela, sorria, então comprou mesmo a casa ao lado, então vai aumentar a loja e contratar mais empregados, interesse-se e estimule-o, vai abrir sucursais em Sullana?, e em Chiclayo?, que alegria, seja uma voz e um olhar, aliás faz um tempão não vai me visitar, sua expressão é alheia e grave, está concentrada na bebida, umas gotinhas de luz alaranjada brilham em sua boca e enquanto isso é muito trabalho, as obrigações, a família, mas dê uma escapada, don Eusebio, um pouco de diversão de vez em quando, seus dedos se abrem, pegam um marmelo, levantam no ar, como estão as moradoras?, com saudades, perguntando pelo senhor, quando vier faço questão de atendê-lo pessoalmente, olhe-a agora que morde, veja como seus dentes são vorazes e limpos. E então o burro e as cestas, tire o chapéu, sorria, converse o tempo todo, e aí a *galinaza* fazendo medidas, os senhores são tão bonzinhos, Toñita aperte a mão dos moços, agradeço por ela, e aí, de novo, o frescor fugaz, cinco contatos suaves em sua mão, algo que entra no seu corpo e o sossega. Que calma agora, não é mesmo?, que paz, e veja, don Eusebio, era esta a razão e o senhor não sabia, nem soube até morrer. E ele de jeito nenhum, assim fico constrangido, Anselmo, deixe-me pagar pelo menos uma rodada, senão me faz sentir. Você nunca, nem um centavo, aqui tudo é seu, esta é sua casa, o senhor me tirou o medo, sentou-a à minha mesa e ninguém torceu a cara nem prestou atenção. E aí, a exaltação. Agora sim, atreva-se, vá ao banco de todas as manhãs, acaricie seu cabelo, compre-lhe frutas, leve-a ao La Estrella del Norte, passeie com ela sob o sol ardente, ame-a tanto como naqueles dias.

— Os burrinhos — disse Bonifacia. — Passam todos os dias na frente de casa e eu não me canso de olhar.

— Não há burros na selva, prima? — disse José. — Eu achava que lá o que mais havia eram animais.

— Mas não burrinhos — disse Bonifacia. — Só um ou outro, não é como aqui.

— Estão chegando — disse o Macaco, da janela. — Os sapatos, prima.

Bonifacia calçou os sapatos, velozmente, o esquerdo não entrava, caramba, levantou-se, foi até a porta, insegura, temerosa em cima dos saltos, abriu e Josefino estendia a mão, uma lufada de ar quente, Lituma, jorros de luz. O quarto se escureceu de novo. Lituma tirava a jaqueta, chegara meio morto, primos, o quepe, que bebesses um preparado de algaroba. Desabou numa cadeira e fechou os olhos. Bonifacia foi para o quarto contíguo e Josefino, deitado numa esteira ao lado de José, esse maldito calor que embrutecia as pessoas. Pelos postigos se filtravam prismas de luz crivados de partículas e de insetos, e lá fora tudo parecia silencioso e desabitado como se o sol tivesse dissolvido com seus ácidos brancos as crianças e os vira-latas. O Macaco se afastou da janela, eram os inconquistáveis, não sabiam trabalhar, só jogar, só trepar, eram os inconquistáveis e agora iam beber, mas eles só cantaram depois do primeiro copo de algaroba.

— Estávamos falando de Piura com a prima — disse o Macaco. — O que mais chama sua atenção são os burros.

— E tanta areia e tão poucas árvores — disse Bonifacia. — Na selva tudo é verde e aqui, tudo amarelo. E o calor, também, é muito diferente.

— O diferente é que Piura é uma cidade com edifícios, carros e cinemas — explicou Lituma, bocejando. — E Santa María de Nieva, um vilarejo com gente pelada na rua, mosquitos e chuvas que apodrecem tudo, a começar por nós.

Duas ferinhas se esconderam atrás de umas mechas de cabelos soltos e, verdes, hostis, espionaram. O pé esquerdo de Bonifacia, meio fora do sapato, lutava para entrar de novo.

— Mas em Santa María de Nieva passam dois rios que têm água o ano inteiro, e muita — disse Bonifacia, suavemente, depois de pensar um instante. — O rio Piura, muito pouquinha e só no verão.

Os inconquistáveis soltaram uma gargalhada, dois e dois são três, três e dois são quatro e Bonifacia já tinha se aborrecido. Suado, sem abrir os olhos, gordo, Lituma se balançava pausadamente em sua cadeira.

— Você não se acostuma com a civilização — suspirou, afinal. — Espere um tempinho, veja as diferenças. Não vai nem querer ouvir falar do mato, terá vergonha de dizer sou selvática.

Quatro e dois são cinco, cinco e dois são seis e o primo Lituma já lhe respondeu. O pé tinha entrado no sapato, à força, amassando selvagememente o calcanhar.

— Nunca vou ter vergonha — disse Bonifacia. — Ninguém pode ter vergonha da sua terra.

— Somos todos peruanos — disse o Macaco. — Por que não serve outra rodada, prima?

Bonifacia levantou-se e, bem devagar, foi de um em um, enchendo os copos, quase sem levantar os pés do chão escorregadio que as humilhadas ferinhas observavam do alto com desconfiança.

— Se você tivesse nascido em Piura, não andaria como se estivesse pisando em ovos — riu Lituma, abrindo os olhos. — Estaria acostumada a usar sapato.

— Não brigue com a prima — disse o Macaco. — Não provoque, Lituma.

As gotinhas douradas de algaroba caíam no chão inimigo, não no copo de Josefino e a boca e o nariz de Bonifacia, como suas mãos, também começaram a tremer, mas não era pecado, nem sua voz: Deus a fizera assim.

— Claro que não é pecado, prima, de jeito nenhum — disse o Macaco. — As mangaches também não se acostumam com o salto.

Bonifacia deixou a garrafa numa prateleira, sentou-se, as ferinhas sossegaram e, de repente, silenciosos, rebeldes, rapidíssimos, um ajudando o outro, seus pés se livraram dos sapatos. Depois se inclinou, sem urgência colocou-os debaixo da cadeira e agora Lituma parara de se balançar, os inconquistáveis não cantavam mais e uma viva, beligerante agitação dominava as figurinhas verde-escuras que se exibiam com atrevimento.

— Essa aí ainda não me conhece, não sabe com quem se meteu — disse Lituma para os León; e levantou a voz: — Você não é mais índia, agora é a mulher do sargento Lituma. Ponha os sapatos!

Bonifacia não respondeu, não se mexeu quando Lituma se levantou, com a cara sudorosa e colérica, não se esquivou da bofetada que soou breve, sibilante, e os León pularam e interferiram: não era para tanto, primo. Seguravam Lituma, que não fosse assim, e o repreendiam, fazendo graça, que controlasse esse sangue mangache. A umidade tingira o peito e as costas de sua camisa cáqui que só nos braços e nos ombros continuava sendo clara.

— Ela tem que aprender — disse, balançando-se outra vez, porém mais depressa, no ritmo da sua voz. — Em Piura não pode se comportar como uma selvagem. E, além do mais, quem é que manda na casa.

As ferinhas espiavam por entre os dedos de Bonifacia, quase invisíveis, chorosas?, e Josefino se serve um pouco de algaroba. Os León se sentaram, não há amor sem pancada dizia o povo, e as índias chulucanas

diziam meu marido quanto mais me bate mais me ama, talvez na selva as mulheres pensem de outra forma e um, dois e três, que a prima o perdoe, que levante o rostinho, que seja boazinha, um sorrisinho. Mas Bonifacia continuou escondendo a cara e Lituma se levantou, bocejando.

— Vou tirar uma soneca — disse. — Podem ficar, terminem a garrafa, depois saímos por aí — olhou Bonifacia de lado, modulou virilmente a voz: — Se não há carinho em casa, arranja-se fora.

Deu uma piscada indolente para os inconquistáveis e entrou no outro quarto. Ouviu-se que assobiava uma toada, as molas rangeram. Os outros continuaram bebendo, um copo, calados, dois copos, e no terceiro começaram os roncos: fundos, metódicos. Lá estavam as ferinhas de novo, secas e crispadas atrás dos cabelos.

— Essas rondas a noite inteira arrasam o humor dele — disse o Macaco. — Não ligue, prima.

— Que maneiras são essas de tratar a mulher — disse Josefino, buscando os olhos de Bonifacia, mas ela olhava para o Macaco. — É um verdadeiro milico.

— Você sim sabe tratá-las, primo, não é verdade? — disse José, dando uma espiada na porta: roncos prolongados, graves.

— É claro que sim — Josefino sorria e se arrastava pela esteira até onde estava Bonifacia. — Se ela fosse minha mulher, eu não encostaria a mão nela. Quer dizer, para bater, só para fazer carinho.

Agora tímidas, assustadiças, as ferinhas examinavam as paredes desbotadas, as vigas, as moscas azuis zumbindo perto da janela, os grãos de ouro imersos nos prismas de luz, as nervuras do piso de madeira. Josefino parou, sua cabeça tocou nos pés descalços que recuaram e os León é o homem-lombriga e Josefino a serpente que tentou Eva.

— Em Santa María de Nieva as ruas não são como essas aqui — disse Bonifacia. — São de terra e, como chove muito, é pura lama. Lá os saltos afundariam, as mulheres não conseguiriam andar.

— Pisando em ovos, que besteira — disse Josefino. — E, além do mais, mentira. Anda tão bonito, quantas mulheres gostariam de andar como ela.

As cabeças dos León se moviam sincronizadamente em direção à porta: uma ia, a outra voltava. E, mais uma vez, Bonifacia estava tremendo, obrigada pelo que dizia, suas mãos, sua boca, mas ela sabia que era só por dizer, e, sobretudo, sua voz, no fundo ele não pensava isso. E os pés recuaram. Josefino meteu a cabeça debaixo da cadeira e sua voz vinha morosa e abafada, pensava com toda a sua alma, palavras lentas, sutis, cheias de mel, e mil coisas mais, ele as diria se não houvesse mais ninguém.

— Por mim não se incomode, inconquistável — disse o Macaco. — Você está em casa, aqui só há um par de surdos-mudos. Se quiser, nós vamos lá para fora ver se está chovendo. Como vocês preferirem.

— Vão, vão — melosas, musicais —, deixem-me aqui com Bonifacia para consolá-la um pouco.

José tossiu, levantou-se e, na ponta dos pés, foi até a porta. Voltou risonho, estava mesmo exausto, dormia feito uma pedra, e as curiosas, movediças ferinhas exploravam incansavelmente as madeiras da estante, os pés das cadeiras, a borda da esteira, o corpo comprido deitado.

— A prima não gosta de galanteios — disse o Macaco. — Ela ficou vermelha, Josefino.

— Você ainda não conhece os piuranos, prima — disse José. — Não pense em nada de errado. Nós somos assim, as mulheres nos fazem soltar a língua.

— Vamos, Bonifacia — disse Josefino. — Mande esses dois irem ver se está chovendo lá fora.

— Se você não parar ela conta ao Lituma — disse o Macaco. — E o primo vai se aborrecer.

— Pode contar — pegajosas, mornas —, não me importa. Vocês me conhecem, quando gosto de uma mulher eu digo logo, seja ela quem for.

— A algaroba lhe subiu à cabeça — disse José. — Fale mais baixo.

— E eu gosto da Bonifacia — disse Josefino. — Que ela saiba de uma vez.

As mãos de Bonifacia se fecharam sobre os joelhos e seu rosto se ergueu: os lábios sorriam heroicamente

sob as espantadas ferinhas.

— Como você corre, primo! — disse o Macaco. — Campeão dos cem metros rasos.

— Não insista por esse caminho — disse José. — Você a está assustando.

— Se ele ouvisse ficaria muito zangado — balbuciou Bonifacia; olhou para Josefino, ele lhe mandou um beijo soprado e ela o teto, a estante, o chão. — Se souber, fica zangado.

— Pode ficar, por mim tanto faz — disse Josefino. — Querem saber de uma coisa, rapazes? A Bonifacia não escapa de ser minha mulher algum dia.

Agora o chão, fixamente, e seus lábios murmuraram alguma coisa. Os León tossiam, não tiravam os olhos do quarto vizinho: uma pausa, um ronco, outro mais longo, tranquilizador.

— Chega, Josefino — disse o Macaco. — Ela não é piurana, mal nos conhece.

— Não se assuste, prima — disse José. — Dê mais corda a ele, ou então um sopapo.

— Eu não me assusto — sussurrava Bonifacia —, mas se souber e, pior, se ouvir...

— Peça desculpas, Josefino — disse o Macaco —, diga que foi brincadeira, veja como ela ficou.

— Era brincadeira, Bonifacia — riu Josefino, arrastando-se para trás. — Juro. Não fique assim.

— Não fico assim — balbuciava Bonifacia. — Não fico assim.



## II

— Para que tanto drama, desde quando vocês têm essas frescuras? — disse o Louro. — Por que não entram todos juntos, para trazê-lo por bem ou por mal?

— É que o sargento está ganhando pontos — disse o Pequeno. — Não viu como anda cumpridor dos seus deveres? Quer que tudo seja feito como manda o figurino. Deve ter sido o casamento que o estragou, Louro.

— Esse casamento vai matar o Pesado de inveja — disse o Louro. — Parece que esta noite ele se embebedou outra vez, no bar do Paredes, e outra vez se maldizia por não ter chegado antes, outra vez perdi a minha última chance de arranjar mulher. A fêmea deve ter lá suas coisinhas, mas o Pesado exagera.

Estavam entre os cipós, com as armas apontando para a cabana do piloto suspensa sobre a folhagem, a poucos metros dali. Um débil resplendor gorduroso crescia em seu interior e chegava a iluminar um canto do parapeito. Ninguém tinha saído, rapazes? Uma silhueta se inclinou sobre o Louro e o Pequeno: não, meu sargento. E o Pesado e o Escuro já estavam do outro lado, só poderia escapar voando. Mas que não se afobassem, rapazes, o sargento falava devagar, se precisasse deles os chamaria, seus movimentos também eram calmos e, no céu, umas nuvens ligeiras filtravam a luz da lua sem tapá-la. Ao longe, limitada pelas trevas da floresta e o brilho suave dos rios, Santa María de Nieva era um punhado de luzes e cintilações furtivas. Sem se apressar, o sargento abriu a cartucheira, tirou o revólver, puxou a trava, sussurrou algo para os guardas. Sempre lento, tranquilo, avançou em direção à cabana, desapareceu absorvido pelos cipós e pela noite, e, pouco depois, reapareceu junto ao canto iluminado do parapeito, seu rosto se refletiu por um segundo na macilenta claridade que emanava dali.

— Já reparou como anda e como fala? — disse o Escuro. — Está meio atordoado. Aconteceu alguma coisa, antes ele não era assim.

— A índia o está espremendo feito um limão — disse o Pesado. — Na certa ele a fode três vezes por dia e três por noite. Por que você imagina que sai do posto com qualquer pretexto? Para trepar com a índia, é claro.

— Estão em lua de mel, é justo — disse o Escuro. — Você morre de inveja, Pesado, não tente disfarçar.

Estavam deitados, também, numa faixa minúscula de praia, atrás de uma trincheira de moitas, bem perto da água. Mantinham os fuzis nas mãos, mas não apontavam para a cabana que, dali, via-se oblíqua e nas sombras, alta.

— Esta história virou a cabeça dele — disse o Pesado. — Por que não viemos pegar Nieves assim que chegou a ordem do tenente, por quê? Vamos esperar escurecer, temos que fazer um plano, cercar a casa, onde já se viu tanta bobagem junta. É para impressionar don Fabio, Escuro, para parecer importante, só isso.

— O tenente se esmerou, vai receber outro galão — disse o Escuro. — E para nós, nada, você vai ver. Não viu quando o piloto de Borja chegou? O governador dizendo que o tenente isso, o tenente aquilo, mas por acaso não fomos nós que encontramos o maluco na ilha?

— A índia deve lhe dar alguma puçanga de amor, Escuro — disse o Pesado. — Deve estar ficando louco com essas beberagens. Por isso anda tão cansado, dormindo em pé.

— Maldição, maldição — disse o sargento. — O que o senhor está fazendo aqui, o que houve?

Lalita e Adrián Nieves o fitavam imóveis no catre. Aos pés, um prato de barro cheio de bananas, o lampião que expelia uma fumacinha branca e aromática, e na soleira prosseguia o atônito pestanejar do sargento sob a viseira, o Aquilino não lhe dissera?, estava com a voz consternada, fazia umas duas horas, don Adrián, que disse ao garoto vá correndo, é questão de vida ou morte, e sua mão movia incredulamente o revólver: maldição, maldição. Sim, recebera o recado, sargento, o piloto falava como se estivesse mastigando: tinha mandado os filhos para a casa de um conhecido, na outra margem. Dos cantos da sua boca dois canais avançavam gravemente até as bochechas. E agora? Por que não fugiu também? Não eram os garotos que precisavam se esconder, era ele, don Adrián: o sargento bateu com o revólver na coxa. Tinha atrasado a coisa várias horas, senhora, arriscando-se, o que mais queria que fizesse?, e lhe dera tempo de sobra, don Adrián.

— Ele o está convencendo — disse o Pequeno. — Agora vai dizer a don Fabio entrei sozinho, tirei-o de lá sozinho. Quer dividir o mérito com o tenente. Está trabalhando sua transferência como uma formiga, esse piurano.

Com a claridade, saía agora da cabana um sussurro que mal perturbava a noite, flutuava nela sem rompê-la, como uma onda solitária em águas quietas.

— Mas quando o tenente chegar vamos falar com ele — disse o Louro. — Que nos mandem para Iquitos com os prisioneiros. Assim pelo menos vamos ter uns dias de licença.

— Pode ser um pouco feiticeira e um pouco baixinha e o que mais você quiser — disse o Escuro. — Mas, não me diga, Pesado, qualquer um comeria a índia e você seria o primeiro. Toda vez que fica bêbado só fala dela, homem.

— Comería, claro — disse o Pesado. — Mas você se casaria com uma pagã? Nunca na vida, irmão.

— É bem capaz de matá-lo e dizer ele resistiu e tive que eliminá-lo — disse o Pequeno. — É capaz de qualquer coisa para ganhar uma medalha, esse piurano.

— E se de repente é tudo invenção? — disse o Louro. — Quando chegou o estafeta de Borja e li o informe do tenente, eu não podia acreditar, Pequeno. Nieves não tem cara de bandido, parecia boa gente.

— Ora, ninguém tem cara de bandido — disse o Pequeno. — Ou melhor, todas as caras são de bandido. Mas eu também fiquei gelado quando li o informe. Quantos anos vão pegar?

— Quem vai saber — disse o Louro. — Muitos, certamente. Roubaram de meio mundo e o pessoal daqui prometeu vingança. Você viu quanto tempo insistiram para que fôssemos atrás deles, mesmo sabendo que não roubavam mais.

— Não acredito que ele fosse o chefe — disse o Pequeno. — Afinal, se roubou tanto como dizem, não seria um morto de fome.

— Na certa não era o chefe — disse o Louro. — Mas isso é o de menos, se os outros não aparecerem Nieves e o maluco vão pagar por todos.

— Eu chorei, sargento, implorei — disse Lalita. — Desde que vocês foram para a ilha estou chorando, vamos embora, vamos nos esconder, Adrián. E agora que o senhor mandou avisar, os rapazes juntaram frutas, embrulhamos as coisas dele, o Aquilino também pediu. Mas ele não ouve nada, não obedece a ninguém.

A luz do lampião caía em cheio sobre o rosto de Lalita, iluminava a superfície abrupta dos seus pômulos, os furúnculos, as crateras do pescoço, os cachos oscilantes que lhe cobriam a boca.

— Apesar da farda, o senhor tem bom coração — disse Adrián Nieves. — Por isso aceitei ser seu padrinho.

Mas o sargento não o ouvia. Deu meia-volta e, encolhido, esquadrinhava a varanda, com um dedo nos lábios, don Adrián, que saísse dali agora mesmo, a balaustrada, sem fazer barulho, o rio, ele contaria até dez, o céu e atirava para cima, saía correndo, rapazes, fugiu por esse lado e levava os guardas para o mato. Que

empurrasse a lancha na escuridão, don Adrián, e não ligasse o motor até o Marañón, e que depois corresse como se tivesse visto assombração e não se deixasse pegar, don Adrián, isto era o mais importante, ele também podia se dar mal, que não se deixasse pegar e Lalita sim, sim, ela soltaria as amarras, tiraria os remos, iria com ele, e as palavras se atropelavam nos seus lábios, a testa se relaxava e havia um inusitado e veloz rejuvenescimento em sua pele, Adrián, a roupa estava pronta, e a comida, não precisavam de mais nada, e remariam e se meteriam no mato antes que a guarnição chegasse. E o sargento, alto, olhando para fora: apertados contra o fundo da lancha, cuidado para não levantar a cabeça, os rapazes atirariam se os vissem e o Pequeno sempre acertava no alvo.

— Obrigado, mas já pensei muito e não dá para sair pelo rio — disse Adrián Nieves. — Ninguém passa pelo pongo agora, sargento; nem sendo bruxo. O senhor viu como o tenente ficou ilhado no Santiago, que não é nada perto do Marañón.

— Mas, don Adrián — disse o sargento. — Então o que quer, não entendo.

— A única saída é entrar no mato, como fiz na outra vez — disse Nieves. — Mas não quero, sargento, já cansei de tanto pensar, desde que vocês foram para a ilha. Não vou passar o resto da vida me escondendo no mato. Eu só era o piloto, só dirigia a lancha, como faço para vocês, não podem me fazer nada. Aqui sempre agi corretamente e todo mundo sabe disso, as madres, o tenente, e o governador também.

— Não estão brigando — disse o Pequeno. — Haveria gritos, parece que estão conversando.

— Deve ter encontrado Nieves dormindo e está esperando que se vista — disse o Louro.

— Ou comendo a Lalita — disse o Pesado. — Deve ter amarrado o piloto e está comendo a mulher na frente dele.

— Cada coisa que você imagina, Pesado — disse o Escuro. — Parece que bebeu puçanga, fica excitado dia e noite. Além do mais, quem comeria a Lalita, com tanta espinha na cara?

— Mas é branca — disse o Pesado. — Eu prefiro uma cristã com espinhas que uma índia sem. Só o rosto dela é assim, eu a vi tomando banho, tem boas pernas. Agora vai ficar sozinha, precisa de alguém que a console.

— A falta de mulher deixa você doido — disse o Escuro. — Na verdade eu também fico, às vezes.

— Use a cabeça, don Adrián — disse o sargento. — Se não for para a água agora mesmo está frito, não entende que vai levar a culpa de tudo? O informe do tenente diz que o maluco está morrendo, não seja teimoso.

— Vou ficar preso durante uns meses, mas depois posso viver tranquilo e voltar para cá — disse Adrián Nieves. — Se me enfiar no mato nunca mais verei minha mulher nem meus filhos, não quero viver feito um animal até morrer. Eu não matei ninguém, isso consta a Pantacha, aos pagãos. E aqui me portei como um bom cristão.

— O sargento aconselha pelo seu bem — disse Lalita —, faça o que ele diz, Adrián. Pelo que há de mais sagrado, por seus filhos, Adrián.

Escarvava o chão, tocava nas bananas, perdia a voz, e Adrián Nieves tinha começado a se vestir. Pôs uma camisa puída, sem botões.

— Não imagina como eu me sinto — disse o sargento. — O senhor continua sendo meu amigo, don Adrián. E como vai ficar a Bonifacia. Ela pensava que o senhor já estava longe, como eu.

— Tome, Adrián — soluçou Lalita. — Ponha isto também.

— Não preciso — disse o piloto. — Guarde até eu voltar.

— Não, não, calce — insistiu Lalita, gritando. — Calce os sapatos, Adrián.

Uma expressão de embaraço transfigurou por um segundo o rosto do piloto: olhou confusamente para o sargento, mas se agachou e calçou os sapatos de solas grossas, don Adrián: vou fazer tudo o que puder para cuidar da sua família, pelo menos que não se preocupasse com isso. Ele já estava em pé, e Lalita tinha se

aproximado e segurava seu braço. Não ia chorar, certo? Tinham enfrentado tantas coisas juntos e ela nunca tinha chorado, agora também não devia. Iam soltá-lo logo, depois a vida seria mais sossegada e, enquanto isso, que cuidasse bem dos meninos. Ela assentia como um autômato, velha de novo, o rosto crispado e os olhos arregalados. O sargento e Adrián Nieves foram para a varanda, desceram a escadinha e, quando já pisavam nos primeiros cipós, um alarido de mulher atravessou a noite e, nas sombras, à direita, lá vinha o fulano!, a voz do Louro. E o sargento, porra, mãos na cabeça: quieto ou atirava. Adrián Nieves obedeceu. Ia na frente, com os braços no alto, e o sargento, o Louro e o Pequeno o seguiam andando devagar entre os sulcos da hortinha.

— Por que demorou tanto, meu sargento? — disse o Louro.

— Queria interrogá-lo um pouco — disse o sargento. — E o deixei despedir-se da mulher.

Quando chegaram ao bosquezinho de juncos, o Pesado e o Escuro vieram ao seu encontro. Somaram-se ao grupo sem dizer nada e assim, em silêncio, percorreram o caminho até Santa María de Nieva. Nas cabanas desbotadas ouviam-se cochichos quando passavam, também havia gente observando entre os pausmulatos e sob as vigas. Mas ninguém se aproximou nem perguntou nada. Em frente ao cais, ouviu-se uma corrida de pés nus, muito próxima, meu sargento: era a Lalita, devia estar brava, ia fazer confusão. Mas ela passou ofegando entre os guardas e só parou por alguns segundos diante do piloto Nieves: você esqueceu a comida, Adrián. Entregou-lhe uma trouxa e correu para a estrada como tinha vindo, seus passos se perderam na escuridão e, ao longe, quando já chegavam ao posto, ouviu-se um lamento de coruja.

— Não falei, Escuro? — disse o Pesado. — Ainda tem um bom corpo. Melhor que o de qualquer índia.

— Ah, Pesado — disse o Escuro. — Você não pensa em outra coisa, é um caso sério.

— Se fizer bom tempo, amanhã à tarde, Fushía — disse Aquilino. — Vou eu primeiro, para averiguar. Há um lugar por perto onde você pode ficar escondido na lancha.

— E se não aceitarem, velho? — disse Fushía. — O que vou fazer, o que vai ser da minha vida, Aquilino?

— Não se adiante aos fatos — disse Aquilino. — Se eu encontrar esse sujeito que conheço, ele nos ajuda. Além disso, com dinheiro tudo se ajeita.

— Vai lhe dar o dinheiro todo? — disse Fushía. — Não seja bobo, velho. Guarde algum para você, pelo menos que sirva para o seu negócio.

— Não quero o seu dinheiro — disse Aquilino. — Depois vou voltar a Iquitos, pegar mais mercadoria e comerciar um pouco pela região. Quando vender tudo, venho visitá-lo em San Pablo.

— Por que não fala comigo? — disse Lalita. — Por acaso fui eu que comi as conservas? Dei todas para você. Não foi minha culpa se acabaram.

— Não quero falar com você — disse Fushía. — E também não quero comer. Jogue isto fora e chame as achuales.

— Quer que esquentem água? — disse Lalita. — Já estão fazendo isso, eu mandei. Pelo menos coma um pouquinho de peixe, Fushía. É sábado, Jum acabou de trazer.

— Por que não fez a minha vontade? — disse Fushía. — Eu queria ver Iquitos de longe, nem que fossem só as luzes.

— Ficou louco, homem? — disse Aquilino. — E as patrulhas da Naval? Além do mais, todo mundo me conhece por aqui. Eu quero ajudar você, mas não pretendo ir para a cadeia.

— Como é San Pablo, velho? — disse Fushía. — Esteve lá muitas vezes?

— Algumas, de passagem — disse Aquilino. — Chove pouco e não há pântanos. Mas há dois San Pablos, eu só estive na colônia, comerciando. Você vai morar do outro lado. Fica a uns dois quilômetros.

— Há muitos cristãos? — disse Fushía. — Uns cem, velho?

— Certamente mais — disse Aquilino. — Nos dias de sol eles passeiam pelados na praia. O sol deve fazer bem, ou talvez seja para impressionar o pessoal das lanchas que passam. E gritam pedindo comida e cigarros. Se você não der, xingam, jogam pedras.

— Você fala deles com nojo — disse Fushía. — Tenho certeza que vai me deixar em San Pablo e nunca mais o verei, velho.

— Eu prometi — disse Aquilino. — Por acaso não cumpri todas as promessas que fiz?

— Esta vai ser a primeira vez que não cumprirá — disse Fushía. — E também a última, velho.

— Quer ajuda? — disse Lalita. — Deixe eu tirar as suas botas.

— Fora daqui — disse Fushía. — Só volte quando eu chamar.

As achuales entraram, silenciosas, trazendo duas grandes vasilhas fumegantes. Deixaram-nas ao lado da rede, sem olhar para Fushía, e saíram.

— Eu sou sua mulher — disse Lalita. — Não tenha vergonha. Por que vou sair?

Fushía inclinou a cabeça, olhou-a e seus olhos eram duas fendinhas de fogo: loretana puta. Lalita deu meia-volta, saiu da cabana, já havia escurecido. A atmosfera espessa parecia prestes a romper em trovões, chuva e raios. Na aldeia huambisa as fogueiras crepitavam, sua luz brilhava entre as paineiras e revelava uma agitação crescente, movimentos, gritos, vozes roucas. Pantacha, sentado no parapeito da sua cabana, balançava as pernas no ar.

— O que há com eles? — disse Lalita. — Para que tantas fogueiras? Por que estão fazendo tanto barulho?

— Os caçadores voltaram, patroa — disse Pantacha. — Não viu as mulheres? Passaram o dia todo fazendo masato, vão festejar. Querem que o patrão vá também, por que ele está tão furioso, patroa?

— Porque don Aquilino ainda não chegou — disse Lalita. — As conservas terminaram e a bebida também está acabando.

— Faz uns dois meses que o velho não aparece — disse Pantacha. — Desta vez acho que ele não vem mais, patroa.

— Para você, agora tanto faz, certo? — disse Lalita. — Já tem mulher e não se importa com mais nada.

Pantacha soltou uma gargalhada e na porta da cabana apareceu a shapra, cheia de adornos: diadema, pulseiras, tornozeleiras, tatuagens nos pômulos e nos seios. Sorriu para Lalita e sentou-se no parapeito, ao seu lado.

— Aprendeu cristão melhor que eu — disse Pantacha. — Ela gosta muito da senhora, patroa. Agora está assustada porque voltaram os huambisas que foram caçar. Não perde o medo deles por mais que eu tente.

A shapra apontou para as moitas que ocultavam o barranco: o piloto Nieves. Vinha com o chapéu de palha na mão, sem camisa, as calças arregaçadas até os joelhos.

— Ninguém viu você o dia todo — disse Pantacha. — Estava pescando?

— Sim, descí até o Santiago — disse Nieves. — Mas não dei sorte. Vai haver temporal, os peixes fogem daqui ou vão bem para o fundo.

— Os huambisas já voltaram — disse Pantacha. — Vão festejar esta noite.

— Deve ter sido por isso que Jum foi embora — disse Nieves. — Eu o vi sair da lagoa na canoa.

— Vai passar dois ou três dias fora — disse Pantacha. — Esse pagão também não perde o medo dos huambisas.

— Não é medo, só não quer que lhe cortem a cabeça — disse o piloto. — Sabe muito bem que quando ficam bêbados aparece o ódio contra ele.

— Não vai comemorar com os pagãos? — disse Lalita.

— Estou muito cansado da viagem — disse Nieves. — Vou dormir.

— É proibido, mas às vezes eles saem — disse Aquilino. — Quando querem conseguir alguma coisa. Preparam umas canoas, entram na água e ficam parados na frente da colônia. Façam o que nós queremos senão desembarcamos, dizem.

— Quem mora na colônia, velho? — disse Fushía. — Há policiais?

— Não, não vi — disse Aquilino. — Lá moram as famílias. As mulheres, os filhos. Fizeram umas hortinhas.

— E as famílias têm nojo deles? — disse Fushía. — Apesar de serem parentes, Aquilino?

— Há casos em que o parentesco não conta — disse Aquilino. — Muitos não se acostumam, devem ter medo de se contagiar.

— Mas então ninguém vai visitá-los — disse Fushía. — Então as visitas devem ser proibidas.

— Não, não, pelo contrário, há muitas visitas — disse Aquilino. — Antes de entrar você tem que passar por uma lancha onde recebe sabão para tomar banho, e tem que tirar a roupa e vestir um avental.

— Por que você quer me fazer acreditar que vem me visitar, velho? — disse Fushía.

— Do rio dá para ver as casas — disse Aquilino. — Casas boas, algumas como as de Iquitos, de tijolo. Lá você vai estar melhor que na ilha, homem. Vai ter amigos e viver sossegado.

— Deixe eu ficar numa prainha, velho — disse Fushía. — Venha me trazer comida de vez em quando. Viverei escondido, ninguém vai me ver. Não me leve para San Pablo, Aquilino.

— Você mal pode andar, Fushía — disse Aquilino. — Não percebe, homem?

— E como você deixou que o feiticeiro dos huambisas curasse as suas febres se ainda tem tanto medo deles? — disse Lalita. A shapra sorriu, sem responder.

— Eu o trouxe contra a vontade dela, patroa — disse Pantacha. — Ele cantou, dançou, cuspiu fumo no seu nariz e ela não abria os olhos. Tremia mais de medo que de febre. Acho que se curou de susto.

Retumbou um trovão, começou a chover e Lalita se protegeu debaixo do teto. Pantacha continuou no parapeito, molhando as pernas. Minutos depois a chuva parou e a clareira ficou cheia de vapor. Na cabana do piloto não havia mais luz, patroa, já devia estar dormindo, e aquilo tinha sido só um anúncio, o aguaceiro de verdade caíria em plena festa dos huambisas. O Aquilino deve ter se assustado com os trovões, e Lalita pulou da escadinha, ia vê-lo, atravessou a clareira e entrou na cabana. Fushía estava com as pernas mergulhadas nas vasilhas e a pele das suas coxas era, como a argila do recipiente, rosada e escamosa. Mexia no mosquiteiro sem tirar os olhos dela, Fushía, por que tinha vergonha?, e arrancou-o e se cobriu, e agora resmungava, qual o problema de que ela o visse?, e dobrado em dois tentava alcançar a bota, Fushía, ela não se importava, e afinal apanhou-a e jogou-a, sem mirar: passou perto de Lalita, bateu no catre e o menino não chorou. Lalita tornou a sair da cabana. Agora caía uma chuva fina.

— E os que morrem, velho? — disse Fushía. — Enterram lá mesmo?

— Lá mesmo, sem dúvida — disse Aquilino. — Não vão jogar os corpos no Amazonas, não seria coisa de cristãos.

— Você vai ficar sempre zanzando pelos rios de um lado para outro, Aquilino? — disse Fushía. — Nunca pensou que um dia pode morrer na lancha?

— Queria morrer na minha aldeia — disse Aquilino. — Não tenho mais ninguém em Moyobamba, nem família nem amigos. Mas queria que me enterrassem no cemitério de lá, não sei por quê.

— Eu também gostaria de voltar para Campo Grande — disse Fushía. — Descobrir o que aconteceu com os meus parentes, meus amigos da juventude. Alguém ainda deve lembrar de mim.

— Às vezes me arrependo de não ter tido um sócio — disse Aquilino. — Muita gente se ofereceu para trabalhar comigo, investir um capitalzinho numa lancha nova. Todo mundo tem a tentação de passar a vida viajando.

— E por que não aceitou? — disse Fushía. — Agora que está velho, teria companhia.

— Conheço os cristãos — disse Aquilino. — Eu me daria bem com o sócio enquanto estivesse lhe ensinando o negócio e apresentando a clientela. Então o outro pensaria, para que continuar dividindo o que dá tão pouco dinheiro. E como sou velho, seria eu o sacrificado.

— Foi pena não termos continuado juntos, Aquilino — disse Fushía. — Pensei nisso a viagem inteira.

— Não era negócio para você — disse Aquilino. — Você era muito ambicioso, não se contentava com as migalhas que se ganham com isto.

— E veja só para que me serviu a ambição — disse Fushía. — Para terminar mil vezes pior que você, que nunca teve ambições.

— Deus não o ajudou, Fushía — disse Aquilino. — Tudo o que acontece depende disso.

— E por que não me ajudou e sim a outros? — disse Fushía. — Por que me arruinou e ajudou Reátegui, por exemplo?

— Pergunte quando morrer — disse Aquilino. — Como quer que eu saiba, Fushía.

— Vamos um pouquinho até lá, antes que caia o aguaceiro, patrão — disse Pantacha.

— Bem, mas só um pouco — disse Fushía. — Para que esses cachorros não fiquem melindrados.

Nieves não vem?

— Passou o dia pescando no Santiago — disse Pantacha. — Já foi dormir, patrão. Faz tempo que apagou o lampião.

Afastaram-se das cabanas na direção dos resplendores vermelhos da aldeia huambisa e Lalita ficou esperando, sentada junto às estacas da cabana que pingavam. O piloto apareceu logo depois, de calça e camisa: tudo pronto. Mas Lalita não queria mais, amanhã, agora ia cair um temporal.

— Amanhã não, agora mesmo — disse Adrián Nieves. — O patrão e Pantacha vão ficar farreando e os huambisas já estão altos. Jum está no bambuzal à nossa espera, vai nos levar até o Santiago.

— Não vou deixar o Aquilino aqui — disse Lalita. — Não posso abandonar meu filho.

— Ninguém disse que ele vai ficar — disse Nieves. — Eu também quero levá-lo.

Entrou na cabana, saiu com um volume nos braços e, sem dizer nada a Lalita, começou a caminhar rumo ao tanque das tartarugas. Ela seguiu atrás, choramingando, mas depois se acalmou, e no barranco se agarrou ao braço do piloto. Nieves esperou que ela subisse na canoa, deu-lhe o menino e, pouco depois, a embarcação rasgava suavemente a superfície escura da lagoa. Atrás da paliçada sombria das paineiras, via-se a luz tênue das fogueiras e ouviam-se cantos.

— Para onde estamos indo? — disse Lalita. — Você não me diz nada, faz tudo sozinho. Não quero mais ir com você, quero voltar.

— Cale-se — disse o piloto. — Não diga nada até sairmos da lagoa.

— Já está amanhecendo — disse Aquilino. — Não pregamos os olhos, Fushía.

— É a última noite que estamos juntos — disse Fushía. — Sinto um fogo aqui dentro, Aquilino.

— Eu também sinto tristeza — disse Aquilino. — Mas não podemos ficar mais tempo aqui, temos que prosseguir. Não está com fome?

— Uma prainha, velho — disse Fushía. — Pela nossa amizade, Aquilino. Não em San Pablo, deixe-me onde for. Não quero morrer lá, velho.

— Mais coragem, Fushía — disse Aquilino. — Olhe, estive calculando. Faz exatamente trinta dias que nós saímos da ilha.

As coisas são como são, a realidade e os desejos se confundem, senão por que teria vindo aquela manhã. Reconhecia a sua voz, o seu cheiro? Fale com ela e veja como se desenha em seu rosto uma expressão risonha e ansiosa, segure a sua mão por uns segundos e descubra debaixo da sua pele um discreto temor, o delicado

alarme do seu sangue, veja como seus lábios se franzem, como se agitam suas pálpebras. Queria saber? Por que aperta assim meu braço, por que brinca com meu cabelo, por que sua mão na minha cintura e, quando fala, seu rosto tão perto do meu. Explique-lhe: para que não me confunda com os outros, porque quero que me reconheça, Toñita, e esse ventinho e esses ruídos da minha boca são as coisas que estou lhe dizendo. Mas seja prudente, alerta, cuidado com os outros e agora, não há ninguém, pegue a sua mão, solte-a de uma vez, você se assustou Toñita, por que está tremendo?, peça desculpas. E aí, de novo, o sol que doura suas pestanas e ela, certamente pensando, hesitando, imaginando, você não há nada de errado Toñita, não tenha medo de mim, e ela esforçando-se, obscuramente, inventando, por quê, como, e então os outros, Jacinto limpa as mesas, Chápiro fala do algodão, dos galos e das mestiças que derruba, umas mulheres oferecem mingau e ela trabalhosa, angustiosamente escavando nas trevas mudas, por quê, como. Você estou louco, é impossível, eu a faço sofrer, tenha vergonha, monta no cavalo, outra vez o areal, o salão, a torre. Fecha as cortinas, que a Mariposa suba, que tire a roupa sem abrir a boca, venha, não se mexa, é uma menina, beije-a, você gosta dela, suas mãos são flores, ela que coisas lindas, patrão, gosta tanto de mim assim? Que se vista, que volte para o salão, por que falou, Mariposa, ela o senhor está apaixonado e quer que eu a substitua, você fora daqui, vá embora, nenhuma moradora nunca mais entra na torre. E de novo a solidão, a harpa, a aguardente, embriague-se, deite na cama e vasculhe você também, escave a escuridão, ela tem o direito de ser amada?, tenho o direito de amá-la?, eu me importaria se fosse pecado? A noite é lenta, desvelada, oca sem sua presença que mata as dúvidas. Lá embaixo todos riem, brindam e gracejam, entre os violões buliçosos se insinua o assobio fino de uma flauta, excitam-se, dançam. Foi pecado, Anselmo, você vai morrer, arrependa-se: não foi, padre, não me arrependo de nada a não ser da morte dela. E ele foi na marra, à força, você não foi à força, nós nos entendíamos sem que ela me visse, nós nos amávamos sem que me falasse, as coisas eram o que eram. Deus é grande, Toñita, não é verdade que você me reconhece? Faça o teste, aperte sua mão, conte até seis, ela aperta?, até dez, está vendo que não solta a sua mão?, até quinze e então continua na sua, confiada e suave. E, enquanto isso, não cai mais areia, um vento fresco sobe do rio, venha até La Estrella del Norte, Toñita, vamos tomar alguma coisa e que braço procurava a sua mão?, em quem se apoiava para atravessar a praça?, você o meu e não o de don Eusebio, em mim e não no Chápiro, então ela quer você? Sente o que sentia: a carne adolescente e bronzeada, a penugem lisa do seu braço e, debaixo da mesa, o joelho ao lado do seu joelho, gostoso o suco de lúcuma, Toñita?, e ainda o joelho, e então disfarça e aproveita, então os negócios vão bem don Eusebio, então a loja que abriu em Sullana é a mais próspera, então Arrese está morrendo doutor Zevallos, que desgraça para Piura, era o homem mais lido, e ali, venturosamente, o calorzinho entre as veias e os músculos, uma chaminha no coração, outra nas têmporas, duas minúsculas crateras supurando sob os pulsos. Agora não é só o joelho, o pé também, ele deve parecer breve e indefeso ao lado da bota grossa, e o tornozelo, e a coxa esbelta paralela à sua, você Deus é grande mas talvez ela nem esteja notando, será por acaso? Faz outro teste, empurra, ela se afasta?, fica colada em você?, ela também empurra?, você não está brincando, garotinha?, o que sente por mim? Ali, de novo, o ambicioso desejo: ficar sozinhos algum dia, não aqui, na torre, não de dia, de noite, não vestidos, nus, Toñita, não se afaste, continue me tocando. E ali, a sufocante manhã de verão, os engraxates, os mendigos, as vendedoras, as pessoas que saem da missa, La Estrella del Norte com seus homens e seus diálogos, o algodão, as cheias, a *pachamanca* de domingo e, de repente, sente a mão dela que procura, que encontra e aperta a sua, atenção, cuidado, não olhe para ela, não se mexa, sorria, o algodão, as apostas, as caçadas, a carne dura dos veados e as pragas traiçoeiras e, enquanto isso, ouça a mão dela na sua, a misteriosa mensagem, decifre essa voz de pressões secretas e leves beliscões, e o tempo todo Toñita, Toñita, Toñita. Agora chega de dúvidas, amanhã, ainda mais cedo, esconda-se na catedral e observe, ouça o minúsculo canto da areia nas copas dos tamarineiros, espere tenso, de olhos fixos na esquina semioculta pelo coreto e as árvores. E ali, de novo, o tempo detido sob a abóbada e os arcos, os tijolos severos, os bancos desertos, a



vontade implacável e uma fria secreção nas costas, o brusco vazio no estômago: o burro, a *galinaça*, as cestas, uma silhueta que avança flutuando. Que não venha ninguém, que vá logo embora, que o padre não apareça e agora, rápido, correndo, a luz externa, o átrio, os degraus largos, a pista, o quadrilátero em sombras. Abre os braços, acolhendo-a, vê como a cabeça se reclina sobre seu ombro, acaricia-lhe o cabelo, tira a areia loura e ao mesmo tempo, cuidado, o La Estrella del Norte está prestes a abrir e Jacinto vai aparecer bocejando, os vizinhos e forasteiros estão por chegar, depressa. Nada de enganos, beije-a e, enquanto sente seu rosto aquecer, não tenha medo, você é bonita, gosto de você, não chore, ela sente sua boca na bochecha e veja, a crispação está passando, sua postura é dócil outra vez, e a superfície que cede sob os seus lábios é como a chuva fragrante no verão caloroso, como o arco-íris que ilumina o céu. E então roube-a: não podemos continuar assim, venha comigo, Toñita, você irá cuidar dela, mimá-la, ela vai ser feliz com você, mais um tempinho e os dois se mudam para longe de Piura, viver à luz do dia. Corre com ela, os beirais ainda pingam areia, as pessoas estão dormindo ou se espreguiçando nas camas, mas olhe, observe em volta, dê a mão a ela, ajude-a a subir no cavalo. Não a deixe nervosa, fale baixo: segure a minha cintura, forte, só um instantinho. E de novo o Sol se instala sobre a cidade, a temperatura morna, as ruas desertas, a furiosa urgência e, de repente, veja como se agarra, aperta sua camisa, como o corpo dela se adere ao seu, olhe essa labareda no seu rosto: você entende?, rápido, que não nos vejam?, vamos embora?, quero ir com você?, você Toñita, Toñita, você percebe aonde vamos, para que vamos, o que somos? Atravesse a Ponte Velha e não entre em Castilla, a madrugadora, atravesse rapidamente as alfarrobeiras da margem e agora sim, o areal, esporeia com ódio, que pule, que galope, que seus cascos maltratam o lombo liso do deserto e levantem uma poeira protetora. Então, os relinchos, a fadiga do animal, os braços dela em sua cintura e por instantes o sabor do cabelo que o ar incrusta em sua boca. Esporeia sem cessar, estão chegando, usa o chicote e, de novo, aspira o cheiro dessa manhã, a poeira e a louca excitação dessa manhã. Entre sem fazer barulho, carregue-a, suba a estreita escada da torre, sinta os braços dela em seu pescoço como um colar vivo e então os roncões, a aflição que abre seus lábios, o brilho dos dentes, você ninguém nos viu, é o pessoal dormindo, acalme-se Toñita. Diga-lhe os seus nomes: a Pirilampo, a Sapinha, a Flor, a Mariposa. E mais: estão cansadas, beberam e fizeram amor e não estão nos escutando nem vão dizer nada, você vai explicar a elas, entendem as coisas. Mas continue, como as chamam, moradoras. Conte sobre a torre e o espetáculo, pinte o rio, os algodoais, o perfil pardo das montanhas distantes e o resplendor dos tetos de Piura ao meio-dia, as casas brancas de Castilla, a imensidão do areal e do céu. Diga eu verei por você, vai lhe emprestar os seus olhos, tudo o que tenho é seu, Toñita. Que imagine quando o rio sobe: as serpentes fininhas que chegam rastejando pelo leito um dia de dezembro, e como se juntam e vão crescendo, e sua cor, você verde marrom, e vai engordando e aumentando. Que ouça o repicar dos sinos e imagine o povo que vai recebê-lo, os garotos soltando fogos, as mulheres espalhando papel picado e serpentinas, e as saias vermelhas do bispo que benze as águas transumantes. Conte como se ajoelham no Malecón e descreva a feira — as barracas, os toldos, os sorvetes, os pregões —, nomeie os felizes ricos que se expõem com seus cavalos à força da correnteza e dão tiros para o alto e também os *galinaços* e mangaches que entram na água de cuecas, e os corajosos que pulam da Ponte Velha. E diga a ela como o rio agora é rio, e como passa dia e noite rumo a Catacaos, espesso e sujo. E também quem é Angélica Mercedes, que vai ficar amiga dela, e os pratos que ela faz, você os que mais gostar, Toñita, *picantes*, *chupe*, *secos* e *piqueos*, e até *clarito*, mas não quero que se embriague. E não se esqueça da harpa, você serenata toda noite só para ela. Fale em seu ouvido, sente-a nos joelhos, não a force, tenha paciência, acaricie-a de leve, ou melhor, respire-a sem tocá-la, sem pressa, suavemente espere que ela busque os seus lábios. E fale sempre, no ouvido, com ternura, o peso do seu corpo é leve e emana da sua pele um perfume morno, toque na penugem dos seus braços como faz com as cordas da harpa. Fale, murmure, descalce-a com delicadeza, beije os seus pés e aí, de novo, claros e morosos, seus calcanhares, a curva dos peitos do pé, os pequenos dedos na sua boca, seu riso fresco na penumbra. Ria

também, estou fazendo cócegas?, beije-a o tempo todo, seus tornozelos tão finos e seus joelhos duros e redondos. Deite-a então com cuidado, acomode-a, e bem lentamente, com muita doçura, abra sua blusa e toque nela, seu corpo se enrijece?, solte-a, toque de novo e fale, você a ama, vai mimá-la como uma criança, vai viver para ela, não a aperte, não a morda, abrace-a apenas, guie sua mão até a saia, que ela mesma desabotoe. Você eu ajudo, Toñita, eu tiro isso, mocinha e deite-se ao lado dela. Diga-lhe o que sente, o que são os seus seios, você dois coelhinhos, beije-os, você os quer, você os via em sonhos, entravam de noite na torre, brancos e pulando, queria pegá-los e eles fugiam, você mas estes são mais doces e mais vivos e aí, a discreta penumbra, o adejar das cortinas, as silhuetas imprecisas dos objetos, e a pureza e o brilho imóvel do seu corpo. Alise-o uma e outra vez e diga seus joelhos são, e seus quadris são, e seus ombros são, e o que você sente, e que a ama, sempre que a ama. Você Toñita, mocinha, guria, e aperte-a contra seu corpo, agora sim busque as suas coxas, separe-as com timidez, seja cuidadoso, seja obediente, não a apresse, beije-a e se afaste, volte a beijá-la, acalme-a e, enquanto isso, sinta como a sua mão fica úmida e o corpo dela se abandona e se abre, a modorra preguiçosa que a invade, e como sua respiração se acelera e seus braços o chamam, sinta como a torre começa a andar, a queimar, a desaparecer entre as dunas quentes. Diga você é minha mulher, não chore, não me abrace como se fosse morrer, diga-lhe que está começando a viver e agora divirta-a, brinque com ela, enxugue sua face, cante, acalente-a, diga que durma, você vou ser seu travesseiro, Toñita, velarei o seu sono.

— Foi levado para Lima esta manhã — gemeu Bonifacia. — Dizem que por muitos anos.

E daí? A cadeia de Piura por acaso não era pior que um chiqueiro?, Josefino deu uns passos pelo quarto, os presos viviam na imundície, encostou-se no batente da janela, morriam de fome, sob a fraca luz de um poste o Colégio San Miguel, a igreja e as alfarrobeiras da praça Merino se viam como num sonho, os mais abusados recebiam merda em vez de comida, e Lituma era abusado, e ai deles se não comiam: vai estar melhor em Lima.

— Não me deixaram nem me despedir dele — gemeu Bonifacia. — Por que não me avisaram que iam levá-lo.

Não são tristes as despedidas? Josefino se aproximou do sofá onde ela estava, os pés de Bonifacia se descalçaram com raiva, seu corpo sofria bruscas sacudidas. Era preferível assim, para Lituma também, ele ficaria triste, e ela de onde ia tirar o dinheiro, a passagem era muito cara, tinha consultado na Empresa Roggero. Josefino passou o braço pelos seus ombros. O que a coitadinha ia fazer em Lima? Que ficasse aqui, em Piura, e ele cuidaria dela, ele a faria esquecer de tudo.

— É meu marido, tenho que ir — gemeu Bonifacia. — Pelo menos vou poder visitá-lo todo dia, levar alguma coisa de comer.

Mas em Lima era diferente, que boba, lá davam boa comida e tratavam bem os presos. Josefino passou o braço em volta de Bonifacia, ela resistiu por alguns momentos, cedeu e afinal já estava animado, o milico não era um bruto?, e ela mentira, não a maltratava?, e ela não é verdade, mas desabou sobre ele e começou a soluçar de novo. Josefino acariciou sua cabeça. E, afinal, para que tanto escândalo, era uma sorte, vamos falar claro, Selvática: tinham se livrado dele.

— Eu sou má, mas você é pior que eu — choramingou Bonifacia. — Nós vamos nos condenar, e por que me chama de Selvática se sabe que eu não gosto, viu, viu como você é mau?

Josefino afastou-a com suavidade, levantou-se e aquilo já era demais, ela não teria morrido de fome sem ele?, ou viveria como uma mendiga? Vasculhou os bolsos encostado na janela, como num sonho, e ainda por cima vinha chorar na sua frente por causa do milico, puxou um cigarro e acendeu-o: um homem tinha o seu orgulho, que diabo.

— Está me tratando de você — disse de repente, virando-se para Bonifacia. — Antes, só na cama e

depois sempre de senhor. Como você é esquisita, Selvática.

Voltou para o seu lado e ela fez um movimento de retirada, mas deixou-se abraçar e Josefino riu. Tinha vergonha? Coisas que as freirinhas da aldeia lhe meteram na cabeça? Por que só o tratava de você na cama?

— Sei que é pecado, e mesmo assim continuo — soluçou Bonifacia. — Você não entende, mas Deus vai me castigar, vai castigar nós dois, e tudo por sua culpa.

Que hipócrita você era, nisto sim se parecia com as piuranas, com todas as mulheres, que hipócrita você era, caboclinha, sabia ou não sabia que ia ser mulher dele na noite em que a trouxe?, e ela não sabia, soluçando, não teria vindo, não tinha para onde ir. Josefino cuspiu o cigarro no chão e Bonifacia estava aconchegada contra ele e Josefino podia falar no seu ouvido. Mas tinha gostado, que fosse sincera, Selvática, que confessasse, só uma vez, baixinho, só para ele, menina, gostou ou não gostou?, caboclinha.

— Gostei porque sou má — sussurrou ela. — Não me pergunte mais, é pecado, não fale disso.

Melhor que com o milico?, que jurasse, ninguém estava ouvindo, ele gostava dela, não é verdade que gozava mais?, beijou-a no pescoço, mordeu-lhe a orelha, sob a saia tudo era estreito, tenso e morno, não é verdade que o milico nunca fez você gritar?, e ela com a voz sumida fez sim, a primeira, mas de dor, não é verdade que ele sim a fazia gritar quando bem entendia?, e só de prazer, não é mesmo?, e ela que se calasse, Josefino, Deus estava ouvindo, e ele eu a toco e você vira outra na mesma hora, gosto de você porque é fogosa. Soltou-a, ela parou de ronronar e pouco depois estava chorando de novo.

— Ele só a maltratava, Selvática — disse Josefino —; você estava perdendo tempo com o milico. Por que tem tanta pena dele?

— Porque é meu marido — disse Bonifacia. — Tenho que ir para Lima.

Josefino se inclinou, apanhou a ponta do cigarro no chão, acendeu-a e uns garotos corriam na praça Merino, alguém tinha subido na estátua e as janelinhas da casa do padre García estavam iluminadas, não devia ser tão tarde, sabia que ontem ele empenhou o relógio?, tinha esquecido de lhe contar, Selvática, e é mesmo, é mesmo, que cabeça: estava tudo certo com a dona Santos, amanhã cedo.

— Agora eu não quero mais — disse Bonifacia. — Não quero, não vou.

Josefino jogou a ponta na direção da praça Merino, mas não chegou sequer à avenida Sánchez Cerro, e saiu da janela e ela estava rígida, e ele o que foi, queria matá-lo com o olhar?, já sabia que ela tinha olhos bonitos, para que os abria tanto, que história era essa. Bonifacia não estava mais chorando e tinha um ar agressivo, uma voz decidida: não queria, era filho do seu marido. E com que ia dar de comer ao filho do seu marido? E o que ela ia comer até que o filho do seu marido nascesse? E o que Josefino ia fazer com um enteado? O pior do pior era que as pessoas nunca pensavam antes nas coisas, para que servia a cachola que Deus pôs em cima do pescoço, para que merda servia.

— Posso trabalhar de faxineira — disse Bonifacia. — E depois vou encontrá-lo em Lima.

Faxineira, barriguda? Estava sonhando, ninguém lhe daria emprego e, se por acaso conseguisse algum, seria para esfregar assoalhos, e com tanto esforço o filho do seu marido ia sair antes do tempo ou nascer morto, ou então disforme, que perguntasse a um médico, e ela que morra então, mas não iria matá-lo: estava decidida.

Começou a choramingar outra vez e Josefino sentou-se ao seu lado e passou-lhe o braço pelos ombros. Era mal-agraçada, ingrata com ele. Tratava bem dela, sim ou não? Por que a trouxera para a sua casa?, porque gostava dela, por que lhe dava de comer?, porque gostava dela, e em retribuição, e ainda por cima, e apesar disso, um enteado para que todos rissem dele? Merda, um homem não era um palhaço. E, depois, quanto a Santos ia cobrar? Um bocado, um monte de dinheiro, e em vez de agradecer ela chorava. Por que fazia isso com ele, Selvática? Parecia que não gostava dele, e ele gostava tanto dela, caboclinha, e beliscava seu pescoço e soprava atrás da orelha e ela gemia, a sua aldeia, as *madrecitas*, queria voltar, mesmo sendo uma terra de índios, mesmo não tendo edifícios nem automóveis, Josefino, Josefino, queria voltar para

Santa María de Nieva.

— É preciso mais dinheiro para voltar ao seu povoado do que para fazer uma casa, caboclinha — disse Josefino. — Você fala e fala sem saber o que está dizendo. Não tem que ser assim, meu amor.

Tirou o lenço do bolso e limpou seus olhos e beijou-os e inclinou meio corpo dela para abraçá-la com paixão, ele se preocupava com ela, por quê?, fazia tudo pensando no seu bem, por quê?, maldição, por quê?: porque gostava dela. Bonifacia suspirava, com o lenço tapando a boca: como podia ser para o seu bem matar o filho do seu marido?

— Isso não é matar, boba, por acaso já nasceu? — disse Josefino. — E por que fala tanto do seu marido, ele não é mais seu marido.

Era sim, tinham casado na igreja e para Deus isso era a única coisa que valia, e Josefino que mania, para que meter Deus em tudo, Selvática?, e ela está vendo, está vendo?, e ele caboclinha, boba, que lhe desse um beijo, e ela não, e ele o que faria se não gostasse tanto dela, balançando-a, buscando as axilas, não a deixando levantar-se, boba, teimosinha, sua Selvatiquinha, está vendo, está vendo?, e entre um soluço e outro ria e, por alguns instantes, sua boca ficava imóvel e ele conseguia beijá-la. Gostava dele?, uma vez, só uma vez, boba, e ela não gosto, e ele mas eu muito, Selvática, só que você fica toda abusada por causa disso, e ela você fala mas não gosta de mim, e ele que tocasse no seu coração e visse como batia por ela, e se gostasse dele faria todas as suas vontades, e debaixo da saia tudo era estreito, morno, escorregadio, e sob a blusa, e também nas costas, morno, sedento e espesso, e a voz de Josefino começava a vacilar e a ficar, tal como a dela, muito baixa, não iria à casa da Santos por mais que ele quisesse, e contida, nem que a matasse ela iria, e preguiçosa, mas gostava dele sim, e desigual e cálida.

### III

— Você está com uma cara — disse o sargento —, até parece que vai embora daqui à força. Por que não está contente?

— Estou sim — disse Bonifacia. — É que me dá um pouco de pena por causa das *madrecitas*.

— Não ponha essa mala tão no canto, Pintado — disse o sargento. — E as caixas estão mal amarradas, na primeira sacudida vão cair na água.

— Lembre-se de nós quando estiver no paraíso, meu sargento — disse o Pequeno. — Escreva, conte como é a vida na cidade. Se é que ainda existem cidades.

— Piura é a cidade mais alegre do Peru, senhora — disse o tenente. — Vai gostar muito de lá.

— Com certeza, senhor — disse Bonifacia. — Se é tão alegre, vou gostar mesmo.

O piloto Pintado já tinha arrumado toda a bagagem na lancha e agora examinava o motor, ajoelhado entre duas latas de gasolina. Soprava uma brisa suave e as águas do Nieva, cor de uva, avançavam rumo ao Marañón arpejadas com ondinhas, quedas e breves redemoinhos. O sargento ia e vinha pela lancha, diligente, risonho, verificando os volumes, as amarras e Bonifacia parecia interessada nessa azáfama mas, às vezes, seus olhos se afastavam da embarcação e espiavam as colinas: sob o céu limpo, a missão já resplandecia entre as árvores, seus zircos e suas paredes reverberavam mansamente na luz clara da madrugada. O caminho pedregoso, em contrapartida, estava oculto por fiapos de bruma que flutuavam quase no mesmo nível do solo, ilesos: a floresta desviava a brisa que os teria espalhado.

— Não é verdade que estamos doidos para chegar a Piura, menina? — disse o sargento.

— É — disse Bonifacia. — Queremos chegar o quanto antes.

— Deve ser longíssimo — disse Lalita. — E a vida, muito diferente da nossa.

— Dizem que é cem vezes maior que Santa María de Nieva — disse Bonifacia —, com casas como aquelas que aparecem nas revistas das mães. Há poucas árvores, dizem, e areia, muita areia.

— É pena, mas fico contente por você — disse Lalita. — As mães já sabem?

— Elas me deram muitos conselhos — disse Bonifacia. — A mãe Angélica chorou. Como está velhinha, já nem ouve direito o que lhe falam e tive que gritar. Ela quase não anda mais, Lalita, seus olhos parecem estar dançando o tempo todo. Fomos à capela e rezamos juntas. Nunca mais vou vê-la, tenho certeza.

— É uma velha má, perversa — disse Lalita. — Não varreu isto, não lavou as panelas, e toda manhã me assusta com o inferno, já se arrependeu dos seus pecados? E também fala coisas horríveis do Adrián, que é um bandido, que enganava todo mundo.

— Ela tem um gênio difícil porque está velhinha — disse Bonifacia. — Deve saber que vai morrer logo. Mas comigo é boa. Gosta de mim, e eu também gosto dela.

— Alfarrobeiras, burros e *tonderos* — disse o tenente. — E vai conhecer o mar, senhora, não é longe de Piura. Muito melhor que tomar banho de rio.

— E depois, dizem que as mulheres de lá são as mais bonitas do Peru, senhora — disse o Pesado.

— Ah, Pesado — disse o Louro. — E que diferença faz para a senhora se as mulheres de Piura são bonitas ou não?

— Só digo para que ela tome cuidado com as piuranas — disse o Pesado. — Para não acabar ficando sem marido.

— Ela sabe que eu sou um homem sério — disse o sargento. — Só quero ver os meus amigos, os meus primos. De mulher, com a minha já é mais do que suficiente.

— Ah, que caboclo cínico — riu o tenente. — Fique de olho aberto, senhora, e se tentar escapular, pau nele.

— Se for possível, embrulhe uma piurana e mande para mim, meu sargento — disse o Pesado.

Bonifacia sorria para uns e para outros mas, ao mesmo tempo, mordida os lábios e, a intervalos regulares, uma expressão diferente surgia em seu rosto e o deixava abatido, empanava seus olhos por alguns segundos e agitava a boca com um leve tremor, e logo depois desaparecia e seus olhos sorriam de novo. O povoado já despertava, viam-se cristãos reunidos na loja de Paredes, a velha empregada de don Fabio varria a varanda da casa do Governo e, debaixo dos paus-mulatos, passavam aguarunas jovens e velhos indo para o rio com varas e arpões. O sol acendia os tetos de jarina.

— Seria bom sair de uma vez, sargento — disse Pintado. — É preferível passar pelo pongo de uma vez, mais tarde vai haver mais vento.

— Ouça primeiro e depois diga não — disse Bonifacia. — Pelo menos, deixe eu explicar.

— É melhor nunca fazer planos — disse Lalita. — Depois, quando não se realizam, é pior. Só pense no que está acontecendo no momento, Bonifacia.

— Já conversamos e ele concordou — disse Bonifacia. — Vai me dar um sol por semana, e eu posso fazer trabalhos para fora, esqueceu que as mães me ensinaram a costurar? Mas será que não roubarão? Vai passar por tantas mãos, talvez nem chegue aqui.

— Não quero que me mande nada — disse Lalita. — Para que preciso de dinheiro.

— Mas já descobri a maneira — disse Bonifacia, tocando na cabeça. — Eu mando para as mães, quem se atreveria a roubar delas? E as mães lhe entregam.

— Apesar da vontade de ir embora, sempre dá um pouco de tristeza — disse o sargento. — E me deu agorinha mesmo, rapazes, pela primeira vez. A gente se afeiçoa aos lugares, mesmo que não sejam lá grande coisa.

A brisa havia se transformado em vento e as copas das árvores mais altas inclinavam seus penachos, balançando-os sobre as árvores pequenas. Lá em cima, a porta da residência se abriu, a silhueta escura de uma mãe saiu apressada e, enquanto atravessava o pátio em direção à capela, o vento inflava seu hábito, encrespando-o como uma onda. Os Paredes estavam na porta da sua cabana e, debruçados no parapeito, olhavam para o cais, acenando.

— É humano, meu sargento — disse o Escuro. — Tanto tempo aqui, e, além do mais, casado com uma mulher daqui. É natural que fique um pouco triste. A senhora ficará ainda mais.

— Obrigado por tudo, meu tenente — disse o sargento. — Se eu puder ser útil em Piura, já sabe, estou às suas ordens para qualquer coisa. Quando vai para Lima?

— Dentro de um mês, mais ou menos — disse o tenente. — Tenho que ir antes a Iquitos, encerrar este assunto. Espero que dê tudo certo lá na sua terra, caboclo, quem sabe apareço um dia desses.

— Guarde o seu dinheiro para quando tiver filhos — disse Lalita. — Adrián dizia, vamos começar no outro mês, e em seis meses teremos dinheiro para um motor novo. E nunca economizamos um centavo. Mas ele não gastava quase nada, era tudo para a comida e os filhos.

— E então você vai poder ir a Iquitos — disse Bonifacia. — Peça às mães que guardem bem o dinheiro que vou mandar, até juntar o suficiente para a passagem. E então poderá vê-lo.

— Paredes me disse que nunca mais vou vê-lo — disse Lalita. — E também que vou morrer aqui, como empregada das mães. Não me mande nada. Vai lhe fazer falta lá, na cidade se gasta muito dinheiro.

Dava licença, caboclo? O sargento assentiu, e o tenente abraçou Bonifacia que piscava muito e balançava a cabeça como que aturdida, mas seus lábios e seus olhos, embora úmidos, ainda sorriam,

tenazmente, senhora: agora era a vez deles. Primeiro o Pesado abraçou-a e o Escuro, puxa, como demorava e ele, meu sargento, não leve a mal, era abraço de amigo, o Louro, o Pequeno. O piloto Pintado já tinha soltado as amarras e segurava a lancha junto ao cais, curvado sobre a vara. O sargento e Bonifacia subiram a bordo e se instalaram entre os volumes, Pintado levantou a vara e a correnteza se apoderou da embarcação, começou a balançá-la, a levá-la sem pressa rumo ao Marañón.

— Você tem que ir vê-lo — disse Bonifacia. — Vou mandar o dinheiro mesmo que você não queira. E quando ele sair, vocês dois vão para Piura, eu os ajudarei como vocês me ajudaram. Lá ninguém conhece don Adrián e ele vai poder trabalhar no que quiser.

— Sua cara vai ser outra quando vir Piura, menina — disse o sargento.

Bonifacia estava com uma das mãos para fora da lancha, seus dedos tocavam na água turva e abriam canais retos, efêmeros, que desapareciam na espumosa confusão que a hélice ia criando. Às vezes se divisava, sob a superfície opaca do rio, um peixe breve e veloz. Acima deles, o céu estava limpo mas, ao longe, na direção da cordilheira, flutuavam nuvens gordas que o sol fendia como uma lâmina.

— Você está triste só por causa das madres? — disse o sargento.

— Da Lalita também — disse Bonifacia. — E penso o tempo todo na madre Angélica. Esta noite ela me segurou, não queria me soltar, as palavras não me saíam de tanta tristeza.

— As freirinhas se portaram bem — disse o sargento. — Quantos presentes lhe deram.

— Voltaremos alguma vez? — disse Bonifacia. — Só uma vez, a passeio?

— Quem sabe — disse o sargento. — É um pouco longe para vir passear aqui.

— Não chore — disse Bonifacia. — Vou lhe escrever contando tudo o que fizer.

— Desde que saí de Iquitos nunca tive amigas — disse Lalita. — Desde garota. Lá na ilha, as achuales, as huambisas quase não falavam cristão e eu só me entendia com elas em certas coisas. Você é a minha melhor amiga.

— E você também é a minha — disse Bonifacia. — Mais que amiga, Lalita. Você e a madre Angélica são o que mais amo aqui. Vamos, não chore.

— Por que você não voltava, Aquilino — disse Fushía. — Por que não voltava, velho.

— Não pude vir antes, homem, acalme-se — disse Aquilino. — O sujeito me bombardeava de perguntas, e dizia que as freiras e que o doutor, e eu não conseguia convencê-lo. Mas consegui, Fushía, já está resolvido.

— Freiras? — disse Fushía. — Também há freiras?

— São como enfermeiras, cuidam das pessoas — disse Aquilino.

— Leve-me para outro lugar, Aquilino — disse Fushía —, não me deixe em San Pablo, não quero morrer lá.

— O sujeito ficou com o dinheiro todo, mas me prometeu um bocado de coisas — disse Aquilino. — Vai conseguir os papéis, ajeitar tudo para ninguém poder saber quem você é.

— Deu a ele tudo o que juntei durante estes anos? — disse Fushía. — Para que tanto sacrifício, tanta luta? Para entregar tudo a um cara qualquer?

— Tive que ir subindo aos pouquinhos — disse Aquilino. — Primeiro quinhentos, e neça, depois mil, e neça, nem queria discutir, dizia a prisão sai mais caro. Também prometeu a melhor comida, os melhores remédios. O que eu podia fazer, Fushía, pior se ele não aceitasse.

Estava chovendo muito e o velho, molhado até os ossos, maldizendo o tempo, tirou a lancha do canal com os remos. Já perto do cais, divisou silhuetas nuas no alto do barranco. Aos gritos, ordenou em huambisa que descessem para ajudá-lo e as silhuetas desapareceram atrás das paineiras que balançavam com o vento e ressurgiram, rubras, saltitantes, escorregando na lama da ladeira. Amarraram a lancha numas estacas

e, chapinhando sob as grossas gotas que molhavam as costas, levaram don Aquilino para terra. O velho começou a tirar a roupa enquanto subia o barranco. Ao chegar ao topo tirou a camisa e, na aldeia, sem responder aos gestos amistosos que os meninos e as mulheres das cabanas lhe faziam, tirou a calça. Assim, só com o chapéu de palha e uma cueca curta, atravessou o mato até a clareira dos cristãos, e ali uma coisa simiesca e cambaleante se desprende de um parapeito, Pantacha, abraçou-o, você está sonhando, e balbuciou qualquer coisa ininteligível em seu ouvido, engasgado de ervas e você não consegue nem falar, solte-me. Pantacha tinha os olhos atormentados e dos seus lábios manavam fiozinhos de baba. Muito agitado, fazia gestos apontando para as cabanas. O velho viu a shapra na varanda, hostil, imóvel, o pescoço e os braços escondidos por fileiras de colares e pulseiras, a cara muito pintada.

— Fugiram, don Aquilino — grunhiu finalmente Pantacha, virando os olhos. — E o patrão bufando, trancado lá faz meses, não quer sair.

— Está na cabana? — disse o velho. — Solte-me, tenho que falar com ele.

— Quem é você para mandar em mim — disse Fushía. — Volte lá, que o cara lhe devolva o dinheiro. E me leve para o Santiago, prefiro morrer no meio de gente que conheço.

— Temos que esperar até a noite — disse Aquilino. — Quando todos estiverem dormindo eu o levo para a lancha onde as visitas tomam banho e lá o sujeito vem buscá-lo. Não fique assim, Fushía, agora tente dormir um pouco. Ou quer comer alguma coisa?

— Lá vão me tratar como você está me tratando — disse Fushía. — Não quer nem me ouvir, decide tudo sozinho e eu tenho que obedecer. É a minha vida, Aquilino, não a sua, eu não quero, não me abandone neste lugar. Tenha um pouco de compaixão, velho, vamos voltar para a ilha.

— Nem se eu quisesse poderia fazer o que está me pedindo — disse Aquilino. — Ir até o Santiago navegando e nos escondendo, seriam meses de viagem e não temos mais combustível, nem dinheiro para comprar. Eu trouxe você para cá por amizade, para que morra entre cristãos, não como um pagão. Ouça o que estou dizendo, durma um pouco.

Seu corpo mal avolumava as mantas que o cobriam até o queixo. O mosquiteiro só protegia meia rede e em volta reinava uma grande desordem: latas esparramadas, cascas, cabaças com restos de masato, sobras de comida. Havia uma estranha pestilência, e muitas moscas. O velho tocou no ombro de Fushía, este roncou e, então, o velho sacudiu-o com as duas mãos. As pálpebras de Fushía se separaram, duas brasas sanguinolentas pousaram cansadamente no rosto de Aquilino, e se apagaram e se acenderam várias vezes. Fushía ergueu-se um pouco, sobre os cotovelos.

— A chuva me apanhou no meio do canal — disse Aquilino. — Estou ensopado.

Falava e escorria a camisa e a calça, torcendo-as com fúria; depois, pendurou a roupa na corda do mosquiteiro. Lá fora ainda estava chovendo forte, uma luz embaçada descia até as poças e a lama cinzenta da clareira, o vento investia contra as árvores rugindo. Às vezes, um zigue-zague multicolorido clareava o céu e, segundos depois, vinha o trovão.

— Aquela puta foi embora com o Nieves — disse Fushía, de olhos fechados. — Os dois cachorros fugiram juntos, Aquilino.

— E daí se foram juntos? — disse Aquilino, enxugando o corpo com a mão. — Ora, antes só que mal acompanhado.

— Aquela puta não me importa — disse Fushía. — Mas sim que tenha fugido com o piloto. Isso ela vai me pagar.

Sem abrir os olhos, Fushía virou o rosto, cuspiu, homem, subiu as mantas até a boca, era melhor olhar antes de cuspir, aquela passara raspando.

— Há quantos meses você não aparece? — disse Fushía. — Estou esperando há séculos.

— Tem muita carga? — disse Aquilino. — Quantas pelias de seringa? Quantos couros?



— Não demos sorte — disse Fushía. — Só encontramos aldeias vazias. Desta vez não tenho mercadoria.

— Mas você não podia viajar, suas pernas não serviam mais para andar pelo mato — disse Aquilino. — Morrer entre conhecidos! Pensa que os huambisas iam continuar ao seu lado? A qualquer instante eles sumiam.

— Eu podia dar ordens deitado na rede — disse Fushía. — Jum e Pantacha os levariam para onde eu mandasse.

— Não banque o bobo — disse Aquilino. — Eles odeiam Jum e só não o mataram até agora por sua causa. E o Pantacha vive nas nuvens com aquelas infusões, mal conseguia falar quando o deixamos para trás. Aquilo acabou, homem, perca as esperanças.

— Vendeu bem? — disse Fushía. — Quanto dinheiro você trouxe?

— Quinhentos soles — disse Aquilino. — Não faça essa cara, o que levei não valia mais que isso, tive que brigar para arrancar este preço. Mas o que houve, é a primeira vez que você não tem mercadoria.

— A região está alarmada — disse Fushía. — Esses cachorros andam precavidos e se escondem. Tenho que ir para mais longe, entrarei até nas cidades, mas vou conseguir seringa.

— Lalita roubou todo o seu dinheiro? — disse Aquilino. — Eles não deixaram nada?

— Que dinheiro? — Fushía estava com as mantas junto à boca e se encolheu ainda mais. — De que dinheiro você está falando?

— O dinheiro que eu fui trazendo, Fushía — disse o velho. — Os ganhos dos seus roubos. Sei que você estava guardando. Quanto sobrou? Cinco mil soles? Dez mil?

— Nem você, nem sua mãe, ninguém vai tirar o que é meu — disse Fushía.

— Não me faça ter mais pena de você do que já tenho — disse Aquilino. — E não me olhe assim, os seus olhos não me assustam. E responda à minha pergunta.

— Tinha tanto medo de mim, ou estava com tanta pressa que esqueceu de roubar o meu dinheiro. — disse Fushía. — Lalita sabia onde eu guardava.

— Quem sabe foi de pena — disse Aquilino. — Pode ter pensado ele está fodido, vai ficar sozinho, pelo menos vamos lhe deixar o dinheiro como consolo.

— Seria melhor que esses cachorros tivessem me roubado — disse Fushía. — Sem dinheiro, o tal cara não me aceitaria. E você, que tem bom coração, não ia me largar no meio do mato. Teria que me levar de volta para a ilha, velho.

— Ora, afinal está mais calmo — disse Aquilino. — Sabe o que vou fazer? Amassar e ferver umas bananas. A partir de amanhã você vai comer como cristão, esta é a sua despedida da comida pagã.

O velho riu, deitou-se na rede vazia e começou a balançar, empurrando com o pé.

— Se eu fosse seu inimigo, não estaria aqui — disse. — Trouxe os quinhentos soles, poderia ter ficado com eles. Eu tinha certeza de que desta vez você não ia ter carga.

A chuva varria a varanda, estalando surdamente no teto, e o ar quente que vinha de fora levantava o mosquitoeiro, que esvoaçava como uma cegonha branca.

— Não precisa se cobrir tanto — disse Aquilino. — Eu já sei que a pele das suas pernas está caindo, Fushía.

— Aquela puta lhe contou dos pernilongos? — murmurou Fushía. — Eu cocei e infeccionou, mas já está passando. Eles pensam que eu não vou atrás deles só porque estou assim. Vamos ver quem ri por último, Aquilino.

— Não mude de assunto — disse Aquilino. — Está mesmo sarando?

— Um pouquinho mais, velho — disse Fushía. — Ainda tem?

— Tome este, não quero mais — disse Aquilino. — Eu também gosto. Nisso sou como os huambisas,

todas as manhãs, quando acordo, amasso e fervo umas bananas.

— Vou sentir mais saudades da ilha que de Campo Grande, mais que de Iquitos — disse Fushía. — Acho que a ilha é a única pátria que tive. Até dos huambisas vou sentir saudade, Aquilino.

— Você vai ter saudade de todo mundo, menos do seu filho — disse Aquilino. — É a única pessoa de quem não fala. Não se importa que Lalita o tenha levado?

— Talvez nem seja meu filho — disse Fushía. — Talvez essa cadela...

— Cale-se, cale-se, já conheço você há anos, você não me engana — disse Aquilino. — Diga a verdade, está melhorando ou está pior que antes?

— Não me fale nesse tom — disse Fushía. — Não admito, merda.

Sua voz, sem convicção, se extinguiu numa espécie de uivo. Aquilino levantou-se da rede, foi até lá e Fushía cobriu o rosto: era um volumezinho tímido e amorfo.

— Não tenha vergonha de mim, homem — sussurrou o velho. — Deixe-me ver.

Fushía não respondeu e Aquilino pegou uma ponta da coberta e levantou-a. Fushía não estava de botas e o velho ficou olhando, com a mão incrustada na manta como uma garra, a testa corroída de rugas, de boca aberta.

— Sinto muito, mas está na hora, Fushía — disse Aquilino. — Temos que ir.

— Um pouquinho mais, velho — gemeu Fushía. — Vamos, acenda um cigarro, eu fumo e depois você me leva até o cara. Só dez minutos, Aquilino.

— Mas fume rápido — disse o velho. — Ele deve estar esperando.

— Veja tudo de uma vez — gemeu Fushía, sob a manta. — Nem eu me acostumo, velho. Olhe mais acima.

As pernas se dobraram e, ao esticar-se, as mantas caíram no chão. Agora Aquilino podia ver, também, as coxas translúcidas, as virilhas, o púbis calvo, o pequeno gancho de carne que tinha sido seu sexo e a barriga: ali a pele estava intacta. O velho se inclinou precipitadamente, pegou as cobertas, cobriu a rede.

— Está vendo? — soluçou Fushía. — Está vendo que nem sou mais homem, Aquilino?

— Também prometeu lhe dar cigarros quando você quiser — disse Aquilino. — Já sabe, se tiver vontade de fumar peça a ele.

— Eu queria é morrer agora mesmo — disse Fushía —, sem sentir, de repente. Você me enrolaria numa manta e me penduraria numa árvore, feito um huambisa. Só que ninguém choraria por mim todas as manhãs. De que está rindo?

— De ver você fingindo que fuma, para fazer o cigarro durar mais e o tempo passar — disse Aquilino.

— Se vamos de qualquer jeito, que diferença fazem dois minutos a mais ou a menos, homem.

— Como vou viajar até lá, Aquilino — disse Fushía. — É muito longe.

— É melhor morrer lá que aqui — disse o velho. — Lá eles cuidam de você, a doença não continua subindo. Eu conheço um sujeito, com o dinheiro que você tem ele o aceita sem pedir papéis nem nada.

— Não vamos chegar lá, velho, vão me pegar no rio.

— Prometo que chegaremos — disse Aquilino. — Nem que seja viajando de noite, pelos canais. Mas temos que sair hoje mesmo, sem que o Pantacha nos veja, nem os pagãos. Ninguém pode saber, é a única forma de você estar seguro lá.

— A polícia, os soldados, velho — disse Fushía. — Esqueceu que estão todos atrás de mim? Não posso sair daqui. Muita gente quer se vingar de mim.

— San Pablo é um lugar onde nunca vão procurar você — disse o velho. — Mesmo que soubessem que está lá, não iriam. Mas ninguém vai saber.

— Velho, velho — soluçou Fushía. — Você é bom, eu lhe peço, você acredita em Deus?, faça isto por Deus, Aquilino, tente me entender.

— Claro que entendo, Fushía — disse o velho levantando-se. — Mas faz tempo que escureceu, tenho que levá-lo de uma vez, o cara vai se cansar de esperar.

É noite outra vez, a terra é mole, os pés afundam até os tornozelos e são sempre os mesmos lugares: a ribeira, o caminho que se estreita entre as chácaras, um bosquezinho de alfarrobeiras, o areal. Você por aqui, Toñita, nunca por lá, para não nos verem de Castilla. A areia cai sem misericórdia, cubra-a com a manta, ponha nela o seu chapéu, que abaixe a cabecinha para que o rosto não fique ardendo. Os mesmos sons: o runrum do vento nos algodoais, música de violões, cantos, algazarra e, ao alvorecer, os mugidos profundos dos bois. Venha, Toñita, vamos nos sentar aqui, para descansar um pouco e depois continuar passeando. As mesmas imagens: uma cúpula negra, estrelas que piscam, brilham fixas ou se apagam, o deserto de ondas e dunas azuis e, ao longe, a construção ereta, solitária, suas luzes lívidas, sombras que saem, sombras que entram e, às vezes, na madrugada, um cavaleiro, uns peões, um rebanho de cabras, a lancha do Carlos Rojas e, na outra margem do rio, as portas cinzentas do matadouro. Fale do amanhecer, você está me ouvindo, Toñita?, adormeceu?, como se divisam os campanários, os telhados, as varandas, se vai chover e se há neblina. Pergunte se está com frio, se quer voltar, agasalhe as pernas dela com o seu casaco, que se encoste no seu ombro. E então, novamente, o alvoroço intempestivo, o estranho galope daquela noite, o sobressalto do seu corpo. Levante-se, olhe, quem está vindo?, uma corrida?, Chápiro, don Eusebio, as gêmeas Temple? Você vamos nos esconder, abaixe-se, não se mexa, não se assuste, são dois cavalos e então, na escuridão, quem, por quê, como. Você passaram perto e em cavalos xucros, que loucos, vão até o rio, agora voltam, não tenha medo, pequena, e aí seu rosto girando, interrogando, sua ansiedade, o tremor da sua boca, suas unhas parecendo pregos e sua mão por quê, como, e a respiração dela junto à sua. Agora acalme-a, você eu explico, Toñita, já se foram, passaram tão rápido, não vi seus rostos e ela tenaz, sedenta, escrutando o negrume, quem, por quê, como. Você não fique assim, quem podia ter sido, não importa, que bobinha. Um truque para distraí-la: entre embaixo da manta, esconda-se, deixe que o cubra, lá vêm eles, são muitos, se nos virem nos matam, sente sua agitação, sua fúria, seu terror, que chegue mais perto, que o abraçe, que mergulhe em você, você mais, Toñita, chegue mais perto e agora diga era mentira, não vem ninguém, dê-me um beijo, eu enganei você, pequena. E hoje não fale, escute-a ao lado, sua silhueta é um barco, o areal um mar, ela navega, ultrapassa tranquilamente dunas e arbustos, não a interrompa, não pise na sombra que projeta. Acenda um cigarro e fume, pense que é feliz. Converse com ela e brinque, você estou fumando, vai lhe ensinar quando crescer, meninas não fumam, engasgam, ria, que ela risse, peça-lhe, você não fique tão séria, Toñita, pelo amor de Deus. E aí, de novo, a incerteza, esse ácido que corrói a vida, você já sei, está entediada, as mesmas vozes, o isolamento, mas espere, falta pouco, eles irão para Lima, uma casa só para os dois, não vão precisar se esconder, comprará tudo para ela, você vai ver, Toñita, você vai ver. Sinta outra vez essa emoção amarga, você nunca se zanga, menina, seja diferente, fique zangada alguma vez, quebre coisas, chore aos gritos e aí, ausente, idêntica, a expressão do seu rosto, a suave batida das têmporas, as pálpebras caídas, o segredo dos seus lábios. Agora só lembranças e um pouco de melancolia, você é por isso que elas a tratam assim, como se portaram, não disseram nada, trazem doces, vestem você, penteiam, parecem outras, entre si elas brigam tanto, fazem tantas maldades, e com você são tão boas e prestativas. Diga a elas eu a trouxe, eu a roubei, gosto dela, vai viver comigo, vocês têm que me ajudar e aí, de novo, a excitação, as declarações, juramos, prometemos, vamos corresponder à sua confiança, os cochichos, o revoar, olhe para elas, comovidas, curiosas, risonhas, sinta o seu desespero para subir à torre, para vê-la e falar com ela. E novamente ela, e você todas gostam de você, porque é jovem?, porque não fala?, porque têm pena? E aí, aquela noite: o rio flui sombriamente e na cidade não há luzes, a lua ilumina precariamente

o deserto, os roçados são manchas imprecisas e ela está distante e desamparada. Chame-a, pergunte, Toñita está me ouvindo?, o que sente?, por que sua mão me puxa assim, está assustada com a areia que cai tão forte? Você venha, Toñita, proteja-se, já vai passar, acha que nos vai cobrir, que vai nos enterrar vivos?, por que treme, o que está sentindo, falta de ar?, quer voltar?, não respire assim. E não entendia, você sou tão burro, que coisa terrível é não entender, menina, nunca saber o que está acontecendo com você, não adivinhar. E aí, de novo, o seu coração como um manancial e as perguntas, seu crepitar, como você pensa que sou, e as moradoras, e as caras, e a terra que pisa, de onde sai o que ouve, como é você, o que significam essas vozes, pensa que todos são como você?, que ouvimos e não respondemos?, que alguém nos dá comida, ajuda a deitar e a subir a escada? Toñita, Toñita, o que sente por mim?, você sabe o que é o amor?, por que me beija? Faça um esforço agora, não lhe contagie a sua angústia, baixe a voz e diga-lhe suavemente não tem importância, meus sentimentos são os seus sentimentos, você quer sofrer quando ela sofre. Que esqueça esses ruídos, você nunca mais, Toñita, fiquei nervoso, conte a ela da cidade, da pobre *galinaça* que chora as mágoas, do burro e as cestas, e o que o pessoal fala no La Estrella del Norte, você todos perguntam, Toñita, querem saber de você, estão de luto, coitadinha, será que a mataram?, será que um forasteiro a roubou?, as coisas que inventam, as mentiras, o falatório. Pergunte se ela se lembra, gostaria de voltar para a praça?, de tomar sol perto do coreto?, tem saudade da *galinaça*, queria vê-la de novo?, vamos levá-la para Lima? Mas ela não pode ou não quer ouvir, alguma coisa a isola e a atormenta e aí, sempre, sua mão, o tremor, o espanto, você o que foi, está doendo?, quer que a massageie? Faça o que ela pede, toque onde indica, não aperte muito, na barriga, acaricie o mesmo lugar, dez vezes, cem vezes, e enquanto isso já sei, está doendo, a comida, quer fazer xixi?, ajude-a, cocozinho?, que se agache, que não se preocupe, você será um toldo, abra a manta, proteja a sua cabeça da chuva, que a areia a deixe em paz. Mas é inútil e agora suas bochechas estão úmidas, aumentou a tensão no seu corpo, a crispação no seu rosto, e é terrível saber que está chorando e não adivinhar, Toñita, o que pode fazer, o que ela quer que faça. Leve-a nos braços, corra, beije-a, você já chegamos, já está boa, e que não chore, pelo amor de Deus não chore. Chama Angélica Mercedes, que a cure, ela é uma cólica, patrão, você um chá quente?, umas ventosas?, ela não é nada grave, não se assuste, você erva-doce?, camomila?, e sua mão ali, apalpando, aquecendo, acariciando o mesmo lugar, e que burro, que burro, não percebia. E aí as moradoras, seu regozijo, seus corpos invadindo a torre, seus cheiros, cremes, talco e vaselina, seus gritos e seus pulos, o patrão não percebeu, que inocente, que criança. Veja como se amontoam, veja como a rodeiam, como lhe fazem festas e lhe dizem coisas. Deixe que a distraiam e desça até o salão, abra uma garrafa, mergulhe numa poltrona, brinde por você mesmo, sinta a turbacão confusa, alvoroçada, feche os olhos e tente ouvir o que elas dizem: pelo menos dois, a Mariposa três, a Pirlampo quatro e como é bobo, por que é que imaginava, patrão, que ela não sangrava?, quando é que parou, patrão?, assim poderemos saber ao certo. Sente o álcool, sua efervescência mitigada que afrouxa as pernas e o remorso, sente como a inquietação desaparece, e você não contei. Pouco importava, tanto faz que nasça amanhã ou dentro de oito meses, a Toñita vai engordar e com isso ficar contente. Ajoelhe-se ao lado da cama, você não era nada, ainda bem, e vai mimá-lo, trocar as fraldas, e se for mulherzinha que se pareça com ela. E que amanhã mesmo irão à loja de don Eusebio comprar o que for preciso e na certa os empregados vão zombar, quem vai parir?, e de quem?, e se for menino que se chame Anselmo. Vá à Gallinacera, chame os carpinteiros, que tragam tábuas, pregos e martelos, que construam um quartinho, invente qualquer história. Toñita, Toñita, tenha desejos, vômitos, mau humor, seja como as outras, pode senti-lo?, já se mexe? E pergunte-se pela última vez se foi melhor ou pior, se a vida deve ser assim, e o que teria acontecido se ela não, se você e ela, se foi um sonho ou se as coisas são sempre diferentes dos sonhos, e faça um esforço final e pergunte-se se alguma vez você se resignou, e se é porque ela morreu ou porque é velho que você está tão conformado com a ideia de morrer.

— Vai esperá-lo, Selvática? — disse a Chunga. — Talvez ele esteja com outra mulher.

— Quem é? — disse o harpista, seus olhos brancos voltados para a escada. — Sandra?

— Não, maestro — disse o Bolas. — É aquela que começou anteontem.

— Ele disse que vinha me buscar, senhora, mas parece que esqueceu — disse a Selvática. — Estou indo.

— Primeiro tome o café, moça — disse o harpista. — Vamos, Chunguita, ofereça.

— Sim, claro, traga uma xícara — disse a Chunga. — Há leite quente na leiteira.

Os músicos tomavam o café da manhã numa mesa perto do balcão, sob a luz da lâmpada roxa, a única que permanecia acesa. A Selvática se sentou entre o Bolas e o Jovem Alejandro: quase não tinham ouvido a sua voz, que caladinha era; lá na sua terra, todas as mulheres? Pelas janelas se divisava o casario, às escuras, e, no alto, três estrelas frágeis, as Três Marias? Não, senhora, lá elas gostam de falar e falar, parecem papagaios. O harpista mordiscava uma fatia de pão, papagaios?, e ela sim, um bichinho que havia na sua terra, e ele parou de mastigar, como?, moça, ela não tinha nascido em Piura? Não, senhor, era de muito longe, da selva. Não sabia em que lugar nascera, mas sempre tinha morado num povoado que se chamava Santa María de Nieva. Pequeno, senhor, sem carros, nem edifícios, nem cinemas como em Piura, sabia? O harpista continuou mastigando, a montanha?, papagaios?, com a cabeça erguida, surpresa, e de repente pôs os óculos, rápido, moça: já tinha esquecido que existia aquilo. À beira de que rio ficava Santa María de Nieva?, perto do Iquitos?, longe?, a montanha, que curioso. Idênticos e contínuos ao saírem da boca do Jovem, os aros de fumaça cresciam, deformavam-se, desvaneciam-se sobre a pista de dança. Bem que eu gostaria de conhecer a Amazônia, ouvir a música dos índios. Não se parecia nada com a nossa, não é verdade? Nada, senhor, o povo de lá cantava pouco, e seus cantos não eram alegres como a marinheira ou a valsa, eram mais tristes, e muito esquisitos. Mas o Jovem gostava de música triste. E como eram as letras das canções? Muito poéticas? Porque ela entendia o idioma, certo? Não, ela não falava o idioma, e abaixou a vista, dos índios, gaguejou, só uma ou outra palavrinha, de tanto ouvir, sabe? Mas que não se iludisse, lá também havia brancos, muitos, e quase não se veem índios porque eles ficam no mato.

— E como foi cair nas mãos dele? — disse a Chunga. — O que você viu no pobre-diabo do Josefino.

— Não interessa, Chunga — disse o Jovem. — São coisas do amor, e o amor não tem razões. Como também não aceita perguntas nem dá respostas, já dizia um poeta.

— Não se assuste — riu a Chunga. — Perguntei por perguntar, de brincadeira. Eu não ligo para a vida dos outros, Selvática.

— O que foi, maestro? Por que ficou tão pensativo? — disse o Bolas. — O leite está esfriando.

— O seu também, senhorita — disse o Jovem. — Beba de uma vez. Quer mais pão?

— Até quando vai tratar as moradoras de senhorita? — disse o Bolas. — Como você é engraçado, Jovem.

— Trato todas as mulheres do mesmo jeito — disse o Jovem. — Moradoras ou freiras, para mim não há diferença, respeito da mesma forma.

— E então por que nas suas canções ataca tanto as mulheres — disse a Chunga. — Parece um compositor veado.

— Não ataco, canto as verdades — disse o Jovem. E sorriu, debilmente, soltando um último aro, branco e perfeito.

A Selvática se levantou, senhora, estava com muito sono, já ia embora, e obrigada pelo café, mas o harpista segurou-a pelo braço, moça, dando um pulinho, que esperasse. Ia para a casa do inconquistável, lá perto da praça Merino? Eles a levariam, e que o Bolas fosse chamar um táxi, ele também estava com sono. O Bolas se levantou, foi para a rua e quando fechou a porta uma lufada de ar fresco chegou até a mesa: o bairro continuava na escuridão. Viram como o céu de Piura era volúvel? Ontem, a esta mesma hora, o Sol estava alto e abrasador, não caía areia e os barracos pareciam lavadinhos. E hoje a noite preguiçosa não acabava,

como se fosse ficar lá para sempre, e o Jovem apontou para o quadrado de céu recortado na janela: ele, pessoalmente, ficava até contente, mas muitos não deviam gostar. A Chunga pôs um dedo na têmpora: que coisas o preocupavam, que sujeito doido. Já eram seis horas?, a Selvática cruzou as pernas e pôs os cotovelos na mesa, na selva amanhecia cedinho, a esta hora todo mundo já estava levantado e o harpista sim, sim, o céu ficava rosado, verde, azul, de todas as cores, e a Chunga como, e o Jovem como, maestro, ele conhecia a selva? Não, coisas que ele imaginava e se ainda houvesse leite aceitaria de bom grado mais um pouquinho. A Selvática serviu-o e pôs açúcar, a Chunga olhava para o harpista com desconfiança e agora sua expressão era áspera. O Jovem acendeu outro cigarro e, de novo, transparentes, efêmeros, flutuantes, uns aros cinzentos partiam da sua boca em direção ao quadrado negro da janela, no meio do caminho se encontravam, para ele a sensação da luz era o contrário que para as outras pessoas, e se misturavam e eram como nuvenzinhas, todos ficavam felizes e otimistas com o Sol e tristes com a noite, e por fim adelgaçavam tanto que se tornavam invisíveis, e de dia ele se sentia amargo e só ao escurecer seu espírito se levantava. É que eles eram noturnos, Jovem, como as raposas e as corujas: a Chunguita, o Bolas, ele e agora ela também, moça, e ouviu-se uma porta batendo. Na soleira, o Bolas segurava Josefino pela cintura, que vissem quem havia encontrado, a Selvática se levantou, falando sozinho, na estrada.

— Que boa vida, Josefino — disse a Chunga. — Você está alto.

— Bom dia, rapaz — disse o harpista. — Pensamos que você não vinha mais buscá-la. Já íamos levá-la.

— Nem adianta falar com ele, maestro — disse o Jovem. — Está caindo.

A Selvática e o Bolas trouxeram-no para a mesa, e Josefino não estava caindo, que bobagem, a saideira era por conta dele, que ninguém sáisse, e que a Chunguita trouxesse uma cervejinha. O harpista se levantava, rapaz, agradecia a intenção, mas já era tarde e o táxi estava esperando. Josefino fazia caretas, eufórico, todos eles iam ficar com bolhas, aos gritos, tomando leite, alimento de criança, e a Chunga sim, muito bem, até logo mais, que o levassem. Saíram e na altura do Quartel Grau já despontava uma listrinha azul horizontal e nos barracos silhuetas sonolentas se moviam atrás da cana-brava, ouvia-se o crepitar de um braseiro e o ar trazia cheiros rançosos. Atravessaram o areal, o harpista de braços dados com o Bolas e o Jovem, Josefino apoiado na Selvática, e na estrada tomaram um táxi, os músicos no banco de trás. Josefino ria, a Selvática estava com ciúme, velho, perguntava por que bebe tanto, e onde esteve, e com quem, queria uma confissão, harpista.

— Bem-feito, moça — disse o harpista. — Os mangaches são o pior que há, não confie nunca neles.

— O quê? — disse Josefino. — Quer bancar o espertinho? O quê? Não toque nela, companheiro, pode correr sangue, companheiro, o quê?

— Eu não me meto com ninguém — disse o chofer. — Não tenho culpa se o carro é apertado. Por acaso encostei na senhorita? Eu faço o meu trabalho e não quero confusão.

Josefino riu de boca aberta, não entendia brincadeiras, companheiro, às gargalhadas, podia encostar se ela o provocasse, tinha o seu consentimento e o motorista também riu, senhor: ele havia mesmo acreditado. Josefino virou-se para os músicos, era aniversário do Macaco, que fossem com eles, podiam festejar juntos, os León gostam tanto dele, velho. Mas o maestro estava cansado e queria descansar, Josefino, e o Bolas lhe deu uma palmada nas costas. Josefino ficou triste, triste e bocejou e fechou os olhos. O táxi passou pela catedral e as luzes da Praça de Armas já estavam apagadas. As silhuetas terrosas dos pés de tamarindo cercavam rigidamente o coreto circular cujo teto curvo lembrava um guarda-chuva, e a Selvática que não fosse mau assim, tanto lhe havia pedido. Verdes, grandes, assustados, seus olhos procuraram os de Josefino e ele estendeu a mão, zombeteiro, era mau, ia comer esses olhos crus numa só mordida. Teve um ataque de riso, o motorista olhou-o de lado: estavam descendo a rua Lima, entre *La Industria* e as grades da prefeitura. Ela não queria mas o Macaco fez cem anos ontem, e a estava esperando, e os León eram seus irmãos e queria agradá-los.

— Não amole a moça, Josefino — disse o harpista. — Deve estar cansada, deixe-a em paz.

— Ela não quer ir para a minha casa, harpista — disse Josefino. — Não quer ver os inconquistáveis.

Diz que tem vergonha, imagine. Pare, companheiro, vamos ficar aqui.

O táxi freou, a rua Tacna e a praça Merino estavam escuras, mas a avenida Sánchez Cerro brilhava com os faróis de uma caravana de caminhões que seguia para a Ponte Nova. Josefino pulou do carro, a Selvática não se mexeu, começaram a forcejar e o harpista não briguem, meninos, façam as pazes, e Josefino que viessem, e o motorista também, o Macaco estava velho, ia fazer mil anos. Mas o Bolas deu uma ordem ao motorista e este partiu. Agora a avenida também estava às escuras e os caminhões não passavam de uns reflexos vermelhos e barulhentos afastando-se em direção ao rio. Josefino começou a assobiar entre os dentes, pôs a mão no ombro da Selvática e agora ela não oferecia mais resistência e andava ao seu lado muito tranquila. Josefino abriu a porta, fechou-a atrás de si e, esparramado numa poltrona, com a cabeça sob um abajur de pé, estava o Macaco, roncando. Uma fumacinha rascante vagava pelo quarto sobre garrafas vazias, copos, cigarros e restos de comida. Tinham se rendido, então eram esses os mangaches?, Josefino dava pulos, os invencíveis mangaches?, e uma voz incoerente surgiu no quarto vizinho: José estava na sua cama, ia matá-lo. O Macaco levantou-se sacudindo a cabeça, quem foi que se rendeu, merda, e sorriu e seus olhos brilharam, mas meu Deus, e aflautou a voz, mas quem estava aqui, e se levantou, mas quanto tempo, e avançou aos tropeções, mas que satisfação, priminha, afastando as cadeiras com as mãos, as garrafas do chão com os pés, já estava com saudade, e Josefino cumpro ou não cumpro?, sua palavra valia ou não valia como a de um mangache? De braços abertos, despenteado, com um largo sorriso na boca, o Macaco avançava sinuosamente, tanto tempo, e depois como está bonita, e por que se afastava, priminha, tinha que felicitá-lo, não sabia que era seu aniversário?

— É verdade, ele está fazendo um milhão de anos — disse Josefino. — Chega de melindres, Selvática, dê-lhe um abraço.

Caiu numa poltrona, pegou uma garrafa e levou-a à boca, bebeu, e a bofetada soou como um pedregulho na água, priminha má, Josefino riu, o Macaco deixou-se esbofetear outra vez, priminha má, e agora a Selvática ia de um lado para outro, quebravam-se copos, o Macaco atrás dela, tropeçando e rindo, e no quarto vizinho eram os inconquistáveis, não sabiam trabalhar, só beber, e a voz de José ia e voltava, e Josefino também cantarolava, enroscado debaixo do abajur de pé, a garrafa escorregando aos pouquinhos da mão. Agora a Selvática e o Macaco estavam parados num canto, e ela ainda lhe dava bofetadas, priminha má, já estava doendo de verdade, por que batia nele?, e ria, seria melhor se o beijasse, e ela também ria das palhaçadas do Macaco, e até o invisível José ria, priminha bonita.

# Epílogo



O governador dá três batidas leves com os nós dos dedos, a porta da residência se abre: o rosto rosado da madre Griselda insiste em sorrir para Julio Reátegui, mas seus olhos se desviam cheios de alarme em direção à praça de Santa María de Nieva e sua boca treme. O governador entra, a menina o segue docilmente. Avançam por um corredor sombreado até o gabinete da superiora e agora o rumor de vozes do povoado está abafado e longínquo, como a agitação dos domingos, quando as pupilas vão para o rio. No gabinete, o governador se refestela numa das cadeiras de lona. Suspira com alívio, fecha os olhos. A menina permanece na porta, de cabeça baixa, mas pouco depois, quando a superiora entrou, corre até Julio Reátegui, madre, que se levantou: bom dia. A superiora responde com um sorriso glacial, indica com a mão que torne a sentar-se e ela fica em pé, ao lado da escrivaninha. Dava pena vê-la, era uma salvagenzinha em Urakusa, madre, com os olhos inteligentes que tem, Julio Reátegui pensava que poderiam educá-la na missão, tinha feito bem? Muito bem, don Julio, e a superiora fala como sorri, fria e distante, sem olhar para a menina: era para isso que elas estavam aqui. Não entendia nada de espanhol, madre, mas aprenderia logo, era muito esperta e não tinha criado nenhum problema em toda a viagem. A superiora ouvia com atenção, tão imóvel como o crucifixo de madeira cravado na parede, e, quando Julio Reátegui se cala, ela não assente nem pergunta nada, fica esperando com as mãos entrelaçadas sobre o hábito e a boca ligeiramente franzida, madre: então ele a deixava. Julio Reátegui se levanta, agora tinha que ir, e sorri para a superiora. Tudo foi muito penoso, muito difícil, tiveram chuvas e contratempos de todo tipo, e ainda por cima não podia ir deitar como gostaria, seus amigos tinham preparado um almoço para ele e se ofenderiam se não fosse, as pessoas eram tão sensíveis. A superiora estende a mão e nesse instante o ruído aumenta, soa muito próximo durante alguns segundos, como se as exclamações e gritos não viessem da praça e sim do pomar, da capela. Depois diminui e continua como antes, moderado, difuso, inofensivo, e a superiora pisca uma vez e, antes de chegar à porta, vira-se para o governador, don Julio, sem sorrir, pálida, os lábios úmidos: o Senhor ia levar em conta tudo o que fazia por esta menina, com a voz aflita, ela só queria recordar que um cristão deve saber perdoar. Julio Reátegui assente, inclina um pouco a cabeça, cruza os braços, sua postura é ao mesmo tempo grave, mansa e solene, don Julio: que o fizesse por Deus. Agora a superiora fala com ardor, e também por sua família, e seus pômulos se acenderam, don Julio, pela sua esposa que era tão boa e tão piedosa. O governador assente de novo, ele não era um pobre coitado, um infeliz?, o rosto cada vez mais preocupado, por acaso tinha recebido educação?, sua mão esquerda acaricia reflexivamente a bochecha, sabia o que fazia?, e surgiram umas dobras na testa. A menina os observa de lado, seus olhos brilham entre os fios de cabelo, assustadiços, verdes e selvagens: ele sentia mais do que ninguém, madre. O governador fala sem levantar a voz, era algo que ia contra a sua natureza e contra as suas ideias, com certa tristeza, mas não se tratava dele que já estava saindo de Santa María de Nieva, mas dos que ficavam, madre, de Benzas, de Escabino, de Águila, dela, das pupilas e da missão: não queria tornar isto aqui uma terra habitável, madre? Mas um cristão tinha outras armas para reparar as injustiças, don Julio, sabia que ele tinha bons sentimentos mas não podia concordar com aqueles métodos. Que tentasse explicar a eles, aqui todos lhe obedeciam, que não fizessem aquilo com o infeliz. Ia decepcioná-la, madre, sentia muito, mas ele também achava que era a única maneira. Outras armas? As dos missionários, madre? Havia quantos séculos que estavam aqui? Quanto tinham avançado com essas armas? Era para não ter que lamentar no futuro, madre, esse malfeitor e seu grupo surraram barbaramente um cabo de Borja, mataram um recruta, extorquiram don Pedro Escabino e de repente a superiora não, nega com cólera, não, não, levanta a voz: a vingança era desumana, coisa de selvagens, e era isso que eles estavam fazendo com o desventurado. Por que não julgá-lo? Por que não

mandá-lo para a cadeia? Não entendia que era horrível, que não se podia tratar um ser humano assim? Não se tratava de vingança, nem sequer de castigo, madre, e Julio Reátegui baixa a voz e acaricia com a ponta dos dedos o cabelo sujo da menina: a questão era prevenir. Não queria partir deixando essa impressão ruim na missão, madre, mas era necessário, para o bem de todos. Ele tinha afeição por Santa María de Nieva, o mandato o obrigara a deixar de lado os seus interesses, perder dinheiro, mas não se arrependia, madre, não tinha feito a terra progredir? Agora tinha autoridades, em breve haveria um posto da Guarda Civil, o povo viveria em paz, madre: não se podia perder tudo isso. A missão era a primeira a agradecer pelo que ele tinha feito por Santa María de Nieva, don Julio, mas que cristão podia aceitar que matassem um pobre infeliz? Que culpa tinha ele de que ninguém lhe haja ensinado o que era bom e o que era mau? Não iam matar, madre, nem mandar para a cadeia, com certeza ele mesmo também preferia isto a ser preso. Não tinham ódio dele, madre, só queriam que os aguarunas aprendessem o que era bom e o que era mau, e se só entendiam desse jeito, paciência, madre. Ficam em silêncio por uns segundos, depois o governador estende a mão para a superiora, sai e a menina o segue, mas quando dá uns passos a superiora pega em seu braço e ela não tenta fugir, só abaixa a cabeça, don Julio, tinha nome?, porque era preciso batizá-la. A menina, madre? Não sabia, de qualquer modo não devia ter nome cristão, que elas lhe dessem um. Faz uma medida, sai da residência, atravessa em passos rápidos o pátio da missão e desce velozmente a ladeira. Ao chegar à praça, olha para Jum: com as mãos amarradas acima da cabeça, pendurado como um prumo nos paus-mulatos, há um metro de distância entre seus pés suspensos no ar e as cabeças dos curiosos. Benzas, Águila, Escabino não estão mais por ali, só o cabo Roberto Delgado, alguns soldados e aguarunas velhos e jovens reunidos num grupo compacto. O cabo não vocifera mais, Jum também está calado. Julio Reátegui observa o cais: as lanchas balançam vazias, já terminaram de descarregar. O Sol é cruel, vertical, de um amarelo quase branco. Reátegui dá uns passos até a casa do Governo, mas ao passar pelos paus-mulatos para e torna a olhar. Suas mãos prolongam a viseira do chapéu e mesmo assim os raios agressivos se cravam em seus olhos. Só se vislumbra sua boca, está desmaiado?, que parece aberta, será que o vê?, vai gritar piruanos outra vez?, vai insultar o cabo de novo? Não, não grita nada, talvez a boca nem esteja aberta. A posição fez sua barriga sumir e seu corpo se alongar, parece um homem magro e alto, não o pagão forte e barrigudo que é. Uma coisa estranha emana dele, assim como está, quieto e aéreo, transformado pelo sol numa esbelta forma incandescente. Reátegui continua andando, entra na casa do Governo, a fumaça torna a atmosfera espessa, tosse, aperta algumas mãos, abraça e é abraçado. Ouvem-se gracejos e risadas, alguém põe um copo de cerveja em suas mãos. Ele bebe num só gole e se senta. Em volta há diálogos, cristãos suados, don Julio, iam sentir falta dele, saudades. Ele também, muita, mas já era tempo de voltar a cuidar das suas coisas, havia largado tudo, as plantações, a serraria, o hotelzinho de Iquitos. Aqui tinha perdido dinheiro, amigos, e também envelhecera. Não gostava de política, seu elemento era o trabalho. Mãos solícitas voltam a encher o seu copo, dão palmadinhas, pegam o seu chapéu, don Julio, todo mundo viera cumprimentá-lo, até os que moravam para lá do pongo. Estava cansado, Arévalo, fazia duas noites que não dormia, sentia os ossos moídos. Enxuga a testa, o pescoço, a face. Às vezes Manuel Águila e Pedro Escabino se afastam um pouco e se vê, entre os corpos, a tela metálica da janela com os paus-mulatos ao fundo da praça. Os curiosos ainda estarão em volta ou o calor os afugentou? Não se vê mais Jum, seu corpo terroso se dissolve entre os jatos de luz ou se confunde com a casca acobreada dos troncos, amigos: que não o deixassem morrer. Para que fosse um bom castigo, o pagão tinha que voltar a Urakusa e contar aos outros o que tinha acontecido. Não ia morrer, don Julio, até lhe faria bem tomar um pouco de sol: Manuel Águila? Que não deixasse de pagar-lhe a mercadoria, don Pedro, para que depois não dissessem que houve abusos, eles só tinham colocado as coisas no seu lugar. Claro, don Julio, pagaria a diferença a esses palermas, Escabino só queria comerciar com eles, como antes. Tinha certeza de que esse don Fabio Cuesta era gente de confiança, don Julio?: perguntou Arévalo Benzas. Se não fosse, não o teria nomeado. Fazia anos que trabalhava com ele, Arévalo. Um

homem um pouco apático, mas leal e eficiente como poucos, eles se dariam bem com don Fabio, garantia. Espero que não haja mais confusões, o tempo que se perdia era enorme, e Julio Reátegui já estava melhor, amigos: quando entrou se sentira um pouco tonto. Não seria fome, don Julio? É melhor almoçar de uma vez, o capitão Quiroga estava à sua espera. E, a propósito, como era esse capitão, don Julio? Tinha suas fraquezas, como qualquer ser humano, don Pedro: mas, de modo geral, era boa gente.

— Você não vem há mais de um ano — grita Fushía.

— Não estou escutando — diz Aquilino, com a mão em concha na orelha; seus olhos vagam sobre as copas intercaladas das palmeiras e das *capanahuas* ou, furtivos e temerosos, espreitam as cabanas atrás de uma cerca de samambaias, no fundo do caminho. — O que você disse, Fushía?

— Há mais de um ano — grita Fushía. — Não vem há mais de um ano, Aquilino.

Desta vez o velho assente e seus olhos, embaçados por secreções, pousam em Fushía por um instante. Depois tornam a vagar pela água lamacenta da margem, as árvores, os meandros do caminho, a folhagem: não faz tanto tempo, homem, só uns meses. Nas cabanas não se ouve nenhum barulho e tudo parece deserto, mas ele não se fiava, Fushía, e se aparecessem como daquela vez, uivando, pelados, e fechavam o caminho, e corriam em sua direção, e ele tinha que pular na água? Tem certeza de que não vêm, Fushía?

— Um ano e uma semana — diz Fushía. — Todo dia eu conto. Quando for embora eu vou começar a contar de novo, a primeira coisa que faço toda manhã são os risquinhos. No começo não conseguia, agora mexo o pé como se fosse uma mão, pego o pauzinho com dois dedos. Quer ver, Aquilino?

O pé sadio avança, raspa a areia, remexe em um montinho de pedras, os dois dedos intactos se abrem como a pinça de um escorpião, fecham-se sobre um pedacinho de pedra, levantam-se, o pé se move veloz, toca na areia, retira-se e no chão fica um risquinho reto e minúsculo que o vento recheia em poucos segundos.

— Para que faz estas coisas, Fushía? — diz Aquilino.

— Viu só, velho? — diz Fushía. — É assim todo dia, riscos pequenos, cada vez menores para que entrem na parede que me deram, os deste ano são um monte, umas vinte filas de risquinhos. E quando você chega, eu dou minha comida para o enfermeiro e ele passa cal e apaga, então posso começar a marcar de novo os dias que faltam. Esta noite vou lhe dar minha comida e amanhã jogará cal.

— Está bem, está bem — a mão do velho pede a Fushía que se acalme —, como você quiser, faz um ano, certo, não fique nervoso, não grite. Não consegui vir antes, viajar não é fácil para mim, eu adormeço, meus braços não aguentam muito. Esqueceu que os anos passam? Não quero morrer na água, o rio é bom para viver, não para morrer, Fushía. Por que você grita assim o tempo todo, sua garganta não dói?

Fushía dá um pulo, fica bem em frente a Aquilino, põe seu rosto debaixo da cara do velho e este recua fazendo caretas, mas Fushía resmunga e pula até que Aquilino o olha de frente: chega, chega, já tinha visto, homem. O velho tapa o nariz e Fushía volta para o seu lugar. Era por isso que não entendia bem o que você falava, Fushía; conseguia comer assim, com a boca nua? Os dentes não lhe faziam falta, não se engasgava? Fushía nega com a cabeça, várias vezes.

— A freira molha tudo para mim — grita. — O pão, as frutas, bota tudo na água até amolecer e desmanchar, então eu posso engolir. Só é complicado para falar, a voz não sai.

— Não leve a mal se eu tapo o nariz — Aquilino aperta as narinas com dois dedos e sua voz soa fanhosa. — O cheiro me enjoa, minha cabeça começa a rodar. Da última vez levei o cheiro comigo, Fushía, ficava vomitando de noite. Se soubesse que você tem tanta dificuldade para comer, não teria trazido bolachas. Vão arranhar suas gengivas. Da próxima vez trago cervejinhas, uns refrigerantes. Espero lembrar, porque, sabe, minha cabeça não está boa, esqueço as coisas, tudo vai embora. Já estou velho, homem.

— E olhe que agora não há sol — diz Fushía. — Quando o sol sai e vamos para a prainha, até as freiras

e o doutor tapam o nariz, dizem que fede muito. Eu não sinto nada, já me acostumei. Sabe o que é?

— Não precisa gritar — Aquilino olha para as nuvens: grossos rolos cinzentos e manchinhas brancas salpicadas aqui e ali escondem o céu, uma luz de chumbo desce lentamente sobre as árvores. — Acho que vai chover, mas preciso ir embora mesmo assim. Não vou dormir aqui, Fushía.

— Lembra das flores que havia na ilha? — Fushía pula no mesmo lugar, como um macaquinho imberbe e vermelho. — Aquelas amarelas que se abrem com o sol e se fecham ao escurecer, as que os huambisas diziam que eram espíritos. Lembra?

— Vou embora mesmo que chova a cântaros — diz Aquilino. — Não vou dormir aqui.

— É assim, igualzinho a essas flores — grita Fushía. — Com o sol elas se abrem e sai baba, é isso que fede, Aquilino. Mas faz bem, param de coçar, a gente se sente melhor. Acabamos ficando mais contentes e não brigamos.

— Não grite tanto, Fushía — diz Aquilino. — Olhe como o céu ficou escuro, e está soprando um vento. A freira disse que isso lhe faz mal, você tem que voltar para a cabana. É melhor eu ir de uma vez.

— Mas nós não sentimos nenhum cheiro, nem com o sol nem quando está nublado — grita Fushía —, nunca sentimos nada. É o mesmo cheiro o tempo todo e já nem parece que fede, parece que o cheiro da vida é assim. Entende, velho?

Aquilino abre o nariz e respira fundo. Um rugas finas cortam o seu rosto, franzido sob o chapéu de palha. O vento agita sua camisa de algodão e, por alguns momentos, mostra o seu peito esquelético, as costelas salientes, a pele lustrosa. O velho baixa os olhos, olha de soslaio: ele continua lá, em repouso, como um grande caranguejo.

— Com que parece? — grita Fushía. — Com cheiro de peixe podre?

— Pelo amor de Deus, não grite — diz Aquilino. — Agora tenho que ir. Quando voltar, trago coisas macias, para você engolir sem mastigar. Vou arranjar, perguntar nas lojas.

— Sente, sente aí — grita Fushía. — Por que se levantou, Aquilino? Sente, sente aí.

Pula de cócoras em volta de Aquilino e busca seus olhos, mas o velho teima em olhar para as nuvens, as palmeiras, as águas sonolentas do rio, as ondinhas sujas. Rio abaixo, uma ilhota de terra ocre fende com empáfia a correnteza. Agora Fushía está junto às pernas de Aquilino. O velho se senta.

— Fique um pouquinho mais, Aquilino — grita Fushía. — Não vá ainda, velho, você mal acaba de chegar.

— Agora é que me lembro, preciso lhe contar uma coisa — o velho bate na testa e, por um segundo, olha: o pé sadio está escavando a areia. — Em abril passei em Santa María de Nieva. Vê como está a minha cabeça? Já ia embora sem lhe contar. A Naval me contratou, um piloto estava doente e me levaram numa dessas canhoneiras que voam na água. Ficamos lá dois dias.

— Teve medo que eu o agarrasse — grita Fushía. — De que abraçasse as suas pernas e foi por isso que se sentou, Aquilino. Senão, ia embora de mansinho.

— Pare com esses gritos, deixe eu lhe contar — diz Aquilino. — A Lalita engordou uma enormidade, a princípio nenhum dos dois reconheceu o outro. Ela pensava que eu tinha morrido. Começou a chorar de emoção.

— Antes você ficava o dia todinho — grita Fushía. — Ia dormir na lancha e no dia seguinte voltava para conversar comigo, Aquilino. Ficava dois ou três dias. Agora mal chega e já quer ir.

— Fiquei na casa deles, Fushía — diz Aquilino. — Têm um monte de filhos, nem lembro mais quantos, muitos. E o Aquilino já é um homem. Foi balseiro e agora vai trabalhar em Iquitos. Não é mais como era quando criança, não tem olhos tão rasgados. Quase todos são homens, e você se visse a Lalita nem acreditaria que é ela, tão gorda que está. Lembra como eu a ajudei a parir com estas mãos? O Aquilino é um homenzarrão, e simpático. E os filhos de Nieves também, e também os do policial. Não dá para diferenciar,

todos se parecem com a Lalita.

— Todo mundo tinha inveja de mim — grita Fushía. — Porque você vinha me ver e eles não tinham ninguém. E depois começaram a caçoar quando você demorava tanto a voltar. Ele vem, é que faz muitas viagens, vive comerciando pelos rios, mas vem, talvez amanhã ou depois, mas vem de qualquer jeito. Agora é como se você não viesse nunca, Aquilino.

— A Lalita me contou coisas da própria vida — diz Aquilino. — Ela não queria ter mais filhos, mas o guarda sim e a engravidou um monte de vezes. Lá em Santa María de Nieva chamam os rapazes de Pesados, mas não só os filhos do guarda, os de Nieves também, e o seu.

— Lalita? — grita Fushía. — Lalita, velho?

Brota uma agitação rosácea, gemidos junto com exalações pútridas e o velho tapa o nariz, joga a cabeça para trás. Começou a chover e o vento assobia entre as árvores, o mato dança na outra margem, há um crepitar sussurrante de folhas. A chuva ainda é fina, invisível. Aquilino se levanta:

— Viu, já está chovendo, tenho que ir embora — diz em voz fanha. — Agora terei que dormir na lancha, passar a noite todo molhado. Não posso navegar com chuva, se o motor parar não tenho forças, a correnteza vai me arrastar, já aconteceu. Você ficou triste com o que lhe contei da Lalita? Por que não grita mais, Fushía?

Está mais encolhido que antes, encurvado, ovoide, e não responde. Seu pé sadio brinca com as pedrinhas espalhadas na areia: derrama e amontoa, derrama e amontoa, iguala as bordas, e em todos esses movimentos minuciosos e lentos há uma espécie de melancolia. Aquilino dá dois passos, não tira os olhos dessas costas acesas, desses ossos que a água vai lavando. Recua um pouco mais e agora já não se distinguem as feridas da pele, tudo é uma superfície entre vermelha e roxa, furta-cor. Abre o nariz e respira fundo.

— Não fique triste, Fushía — murmura. — Volto ano que vem, mesmo se estiver muito cansado, palavra de honra. Vou lhe trazer coisas macias. Está aborrecido com a história da Lalita? Lembrou de outros tempos? A vida é assim, homem, pelo menos você teve mais sorte que outros, veja Nieves.

Murmura e vai retrocedendo, já está a caminho. Há poças nos desníveis do terreno e um relento vegetal muito intenso invade a atmosfera, um cheiro de seivas, resinas e plantas germinando. Um vapor morno, ainda ralo, sobe em camadas ondulantes. O velho continua recuando, o montinho de carne viva e sangrenta permanece imóvel ao longe, some atrás das samambaias. Aquilino dá meia-volta, corre para as cabanas, Fushía, ia voltar ano que vem, sussurrando, que não ficasse triste. Agora chove a cântaros.

## II

— Depressa, padre — disse a Selvática. — Estou com um táxi esperando.

— Um instantinho — pigarreou o padre García, esfregando os olhos. — Preciso me vestir.

Entrou na casa e a Selvática fez sinais para o motorista de que esperasse. Punhados de insetos revoavam crepitando em torno das luzes da desértica pracinha Merino, o céu estava alto e estrelado e pela avenida Sánchez Cerro já circulavam, rugindo, os primeiros caminhões e ônibus noturnos. A Selvática ficou esperando na calçada até que a porta tornou a se abrir e saiu o padre García, com o rosto escondido por um cachecol cinza e um chapéu de pano enfiado até as sobranceiras. Entraram no táxi e partiram.

— Vá rápido, chefe — disse a Selvática. — A toda, chefe.

— É longe? — disse o padre García e sua voz se transformou num longo bocejo.

— Um pouquinho, padre — disse a Selvática. — Perto do Clube Grau.

— E então por que veio até aqui? — resmungou o padre García. — Para que existe a paróquia de Buenos Aires? Por que tinha que vir me acordar, e não ao padre Louro?

O Três Estrelas estava fechado mas se via luz lá dentro, padre: a senhora queria que fosse ele. Três homens cantarolavam abraçados numa esquina e outro, um pouco mais à frente, urinava contra a parede. Um caminhão abarrotado de caixotes avançava impassível pelo meio da rua, o motorista do táxi pedia passagem em vão, buzinando, piscando os faróis e, de repente, o chapéu de pano desceu até a boca da Selvática: qual senhora queria que ele fosse? O caminhão afinal se afastou e o táxi pôde passar, a senhora Chunga, padre, um brusco sobressalto, o quê?, quem estava morrendo?, o hábito começou a se agitar e uma espécie de espasmo estrangulava a voz do padre García por baixo do cachecol: a quem estava indo confessar?

— O senhor Anselmo, padre — sussurrou a Selvática.

— O harpista está morrendo? — exclamou o motorista. — O quê? Era ele?

O carro, ao frear bruscamente, rangeu na avenida Grau, mas depois foi impelido para a frente com mais impulso ainda e, acendendo os faróis altos, continuou aumentando a velocidade e não reduzia nas esquinas, limitava-se a anunciar com fortes buzinas sua passagem veloz. Enquanto isso, o chapéu de pano balançava aturdido diante do rosto da Selvática e a garganta do padre García parecia travar uma rouca batalha contra alguma coisa que a obstruía e asfixiava.

— Estava tocando muito feliz e, de repente, caiu no chão — suspirou a Selvática. — O coitado ficou todo roxo, padre.

A mão saiu da sombra em disparada, sacudiu o ombro da Selvática e ela gemeu, estavam indo para o prostíbulo?, assustada, e se encolheu contra a porta do táxi: não, padre, não, para a Casa Verde. Estava morrendo lá, por que a empurrava assim, o que foi que ela fizera, e o padre García soltou-a e arrancou o cachecol do pescoço com um safanão. Respirando com dificuldade, pôs a boca para fora da janela e ficou assim por um tempo, inclinado, de olhos fechados, aspirando com angústia o ar leve da noite. Depois, deixou-se cair contra o banco do carro e tornou a se agasalhar com o cachecol.

— A Casa Verde é o prostíbulo, infeliz — roncou. — Eu sei quem você é, sei por que está seminua e toda pintada.

— Não chamaram um médico? — disse o motorista. — Que notícia triste, senhorita. Desculpe que me intrometa, mas é que conheço tanto o harpista. Quem não o conhece, todo mundo gosta dele.

— Chamaram, sim — disse a Selvática. — O doutor Zevallos já está lá. Mas diz que o velho só não

morre por milagre. Estão todos chorando, padre.

O padre García continuava recolhido no banco sem falar nada, mas, intermitente, fraco, pertinaz, o som escapava do cachecol. O táxi parou em frente às grades do Clube Grau; o motor continuou rugindo e fumegando.

— Eu iria até lá — disse o motorista —, mas a areia está muito fofa e certamente vamos acabar atolando. Sinto muito por tudo isso, de verdade.

Enquanto a Selvática desamarrava um lenço, tirava o dinheiro e pagava o táxi, o padre García desceu e fechou a porta com raiva. Começou a andar pelo areal, com passos firmes. Às vezes tropeçava, imergia e subia à superfície irregular e, na noite clara, podia-se ver como avançava pelas dunas amarelas, corcunda e escuro como um urubu agigantado. A Selvática alcançou-o no meio do caminho.

— O senhor o conhecia, padre? — sussurrou. — Coitadinho, não é? Se visse como tocava, que coisa bonita. E quase não enxergava nada.

O padre García não respondeu. Caminhava meio encolhido, com as pernas abertas, num ritmo muito vivaz, sua respiração revelava cada vez mais ansiedade.

— Como tudo aqui parece estranho, padre — disse a Selvática. — Não se ouviu nenhum som, em qualquer outra noite a música da orquestra chegaria até aqui. Mais adiante, na estrada, se ouve claramente.

— Cale-se, infeliz — rugiu o padre García, sem olhar para ela. — Feche essa boca!

— Não se zangue, padre — disse a Selvática. — Nem sei o que estou falando. É que fiquei tão triste, o senhor não sabe como don Anselmo era.

— Sei muito bem, infeliz — murmurou o padre García. — Eu o conheço desde antes de você nascer.

Disse mais alguma coisa, incompreensível, e ouviu-se novamente o estranho som rouco e ofegante. Nas portas dos barracos das redondezas havia gente, e, quando eles passavam, ouviam murmúrios, boas-noites, algumas mulheres se persignavam. A Selvática bateu na porta e, imediatamente, uma voz de mulher: estava fechado, hoje não atendiam, senhora, era ela, o padre estava aqui. Houve um silêncio, passos precipitados, a porta se abriu e uma luz enfumaçada iluminou o rosto magro e decrépito do padre García, o cachecol que dançava em seu pescoço. Entrou escoltado pela Selvática, não respondeu ao cumprimento que duas vozes masculinas lhe fizeram do balcão, talvez nem tenha ouvido o respeitoso murmúrio que se desatou em duas mesas rodeadas de figuras imprecisas. Parou azedo e imóvel em frente à pista de dança vazia e, quando uma silhueta sem rosto surgiu à sua frente, onde estava?, resmungou rapidamente, e a Chunga, que lhe havia estendido a mão, desviou-a e apontou para a escada: onde, que o levassem. A Selvática puxou seu braço, padre, ela ia lhe mostrar. Atravessaram o salão, subiram até o primeiro andar, e no corredor o padre García se livrou da mão da Selvática com um safanão. Ela bateu de leve numa das quatro portas gêmeas e abriu-a. Ficou de lado e, quando o padre García entrou, fechou a porta e voltou para o salão.

— Fazia frio, lá fora? — disse o Bolas. — Você está tremendo.

— Beba isto — disse o Jovem Alejandro. — Vai esquentar.

A Selvática pegou o copo, bebeu e enxugou os lábios com a mão.

— O padre de repente ficou furioso — disse. — No táxi me segurou pelos ombros e me sacudiu. Pensei que ia me bater.

— É muito mal-humorado — disse o Bolas. — Eu não acreditava que viesse.

— O doutor Zevallos ainda está lá, senhora? — disse a Selvática.

— Desceu agora há pouco, para tomar um café — respondeu a Chunga. — Disse que ele continuava igual.

— Vou tomar outra dose, Chunguita, estou precisando, para os nervos — disse o Bolas. — Não tenho dinheiro, depois você desconta.

A Chunga assentiu e encheu os copos de ambos. Depois, com a garrafa na mão, foi até as mesas da



ponta da pista, onde as moradoras cochichavam discretamente: queriam beber alguma coisa? Não queriam, senhora, muito obrigada, e não valia a pena que ficassem, podiam ir embora. Um novo cochicho veio em resposta, mais prolongado, uma cadeira rangeu, senhora, se não se importava elas preferiam ficar, podiam?, e a Chunga, claro, como quisessem, e voltou para o balcão. As sombras continuaram seus diálogos abafados enquanto os músicos bebiam em silêncio, olhando volta e meia para a escada.

— Por que não tocam alguma coisa? — disse a Chunga, a meia-voz, fazendo um gesto vago. — Se ele ouvir talvez goste; vai se sentir acompanhado.

O Bolas e o Jovem hesitavam, a Selvática sim, sim, tinha razão, ele ia gostar, e as sombras pararam de murmurar: bem, iam tocar para ele. Foram até o canto da orquestra, devagar, o Bolas se sentou no banquinho, contra a parede, e o Jovem pegou o violão no assoalho. Começaram com um *triste*, e só bem depois se atreveram a cantar, entre os dentes, sem fé, mas pouco a pouco foram aumentando o tom e acabaram recuperando a desenvoltura e a vivacidade habituais. Quando interpretavam alguma composição do Jovem, pareciam mais comovidos, diziam os versos com uma voz morosa e sentimental, e vez por outra o Bolas se perdia na música e ficava calado. A Chunga veio trazer uns copos. Ela também parecia perturbada e não andava com o aprumo ligeiramente arrogante de sempre, e sim nas pontas dos pés, sem mexer os braços nem olhar para ninguém, parecia atemorizada ou confusa, senhora: o doutor Zevallos estava descendo. O Bolas e o Jovem pararam de tocar, as moradoras se levantaram, a Chunga e a Selvática também correram para a escada.

— Dei uma injeção — o doutor Zevallos limpava a testa com um lenço. — Mas não se pode ter muitas esperanças. O padre García está com ele. É disso que precisa agora, que rezem pela sua alma.

Passou a língua nos lábios, Chunga, estava com uma sede terrível: fazia muito calor lá em cima. A Chunga foi até o bar e voltou com um copo de cerveja. O doutor Zevallos já estava sentado a uma mesa com o Jovem, o Bolas e a Selvática. As moradoras tinham voltado para os seus lugares e continuavam cochichando, monotonamente.

— A vida é assim — o doutor Zevallos bebeu, suspirou, fechou e abriu os olhos. — Todo mundo tem o seu dia. Eu bem antes que vocês.

— Ele está sofrendo muito, doutor? — disse o Bolas, com voz de bêbado; mas seu olhar e seus gestos eram serenos.

— Não, foi para isso que lhe dei a injeção — disse o doutor. — Está inconsciente. Acorda às vezes, por uns segundos. Mas não sente dor nenhuma.

— Estavam tocando para ele — sussurrou a Chunga, com a voz também embargada e olhos vacilantes. — Pensamos que ia gostar.

— Do quarto não dá para ouvir nada — disse o doutor. — Mas eu tenho ouvido ruim, quem sabe Anselmo tenha escutado. Gostaria de saber a idade dele exatamente. Mais de oitenta, na certa. É mais velho que eu, que já estou perto dos setenta. Dê-me outro copinho, Chunga.

Depois se calaram e ficaram assim por um longo tempo. Vez por outra a Chunga se levantava, ia até o balcão e trazia cervejas e copinhos de pisco. O cochicho das moradoras continuava, às vezes áspero e nervoso, outras apagado e quase inaudível. E de repente todos se levantaram e correram até o pé da escada que o padre García vinha descendo, sem chapéu nem cachecol, penosamente, fazendo sinais com a mão para o doutor Zevallos. Este subiu os degraus segurando o corrimão, sumiu pelo corredor, padre, o que acontecera, muitas perguntas surgiram ao mesmo tempo e, como se o barulho os tivesse assustado, todos se calaram ao mesmo tempo: o padre García murmurava alguma coisa, engasgando. Seus dentes batiam com força e seu olhar errante não se detinha em nenhum rosto. O Jovem e o Bolas estavam abraçados e um deles soluçava. Pouco depois, as moradoras começaram a esfregar os olhos, a gemer, a se lamuriar em voz alta, a se jogar nos braços umas das outras e só a Chunga e a Selvática sustentavam o padre García, que tremia e

girava os olhos de forma tenaz e atormentada. As duas o arrastaram para uma cadeira e ele, inerte, deixava que o ajeitassem, friccionassem sua testa e bebia sem protestar o copo de pisco que a Chunga derramava em sua boca. Seu corpo ainda tremia, mas seus olhos se acalmaram e estavam fixos no vazio, circundados por grandes olheiras escuras. Pouco depois o doutor Zevallos apareceu na escada. Desceu sem pressa, cabisbaixo, esfregando lentamente o pescoço.

— Morreu na paz de Deus — disse. — Isto é o que interessa agora.

As sombras nas mesas do fundo também se acalmaram e o cochicho renasceu, ainda tímido, dolorido. Os dois músicos, abraçados, choravam, o Bolas muito alto, o Jovem sem ruído e tremelicando os ombros. O doutor Zevallos sentou-se, uma expressão melancólica atravessou seu rosto obeso, padre: tinha chegado a falar com ele? O padre García fez que não com a cabeça. A Selvática acariciava sua testa e ele, todo encolhido no assento, fazia esforços para falar, não o reconhecera, e um assobio rouco brotava da sua boca e, mais uma vez, seu olhar recomeçou uma extraviada, incessante exploração dos arredores: o tempo todo La Estrella del Norte, era a única coisa que se entendia. Sua voz, abafada pelo pranto do Bolas, mal se ouvia.

— Era um hotel que existia quando eu era jovem — disse o doutor Zevallos, com certa nostalgia, para a Chunga, mas ela não escutava. — Na Praça de Armas, onde agora fica o Hotel de Turistas.

### III

— Você passa o tempo todo dormindo, nem aproveita a viagem — diz Lalita. — E agora vai perder a chegada.

Ela está debruçada na amurada e Huambachano, no chão, encostado num rolo de corda, os olhos esbugalhados, quem dera estivesse dormindo, sua voz soa fraca e enferma, só fechava os olhos para não vomitar mais, Lalita: já tinha botado para fora tudo o que tinha, mas continuava com ânsias. A culpa era dela, porque ele queria ter ficado em Santa María de Nieva. Com meio corpo para fora, Lalita devora com os olhos o horizonte de tetos vermelhos, as fachadas brancas, as palmeiras altas que enfeitam a cidade e as silhuetas, muito precisas agora, mexendo-se no porto. O pessoal da coberta luta para conseguir um lugar perto da amurada.

— Pesado, não seja frouxo, você vai perder a melhor parte — diz Lalita. — Olhe para minha terra, Pesado, que grande, que linda. Ajude-me a procurar o Aquilino.

O rosto abatido de Huambachano esboça um simulacro de sorriso, seu corpo rechonchudo se contorce e afinal se levanta, com dificuldade. Uma atividade intensa toma a coberta; os passageiros verificam seus pertences, põem os volumes nos ombros e, contagiados pela excitação, os porcos grunhem, as galinhas cacarejam frenéticas e batem as asas, e os cachorros vão e voltam, latindo, com as orelhas rígidas, os rabos vibrantes. Uma sirene perfura o ar, a fumaça preta da chaminé fica mais espessa e chovem partículas de carvão sobre as pessoas. Já entraram no porto, avançam por um arquipélago de lanchas a motor, balsas cheias de bananas, canoas, Pesado, você vê?, que observasse bem, tinha que estar por ali, mas o Pesado está passando mal outra vez: maldito azar. Tem um ataque de ânsias mas não vomita, afinal se conforma com uma cusparada raivosa. Seu rosto oleoso está contrito e violáceo, seus olhos ficaram muito vermelhos. Da ponte de comando, um homenzinho grita ordens, gesticulando, e dois marinheiros descalços, de peito nu, encarapitados na proa, jogam as cordas para o cais.

— Você está estragando tudo, Pesado — diz Lalita, sem deixar de observar o porto. — Eu volto a Iquitos depois de tanto tempo, e você adocece.

No vaivém das águas gordurosas balançam latas, caixas, jornais, lixo. Estão rodeados de lanchas, algumas recém-pintadas e com bandeirolas nos mastros, e de botes, balsas, boias e barças. No cais, ao lado da passarela de tábuas, uma pequena multidão amorfa de carregadores ruge e grita para os passageiros, dizem os próprios nomes, batem no peito, todos tentam ocupar o primeiro lugar, bem em frente à passarela. Atrás deles há uma cerca e uns galpões de madeira onde se aglomera o público que aguarda os viajantes: estava ali, Pesado, aquele de chapéu. Que grande, que bonito, que desse adeusinho, e Huambachano abre os olhos frágeis, que o cumprimentasse, Pesado, ele ergue e balança a mão, frouxamente. A embarcação está imóvel e os dois marinheiros pulam para o cais, manipulam as cordas, amarram-nas nuns pilotes. Agora os carregadores berram, pulam e tentam conquistar a atenção dos passageiros com caretas e gestos. Um homem de uniforme azul e boina branca passeia impassível diante das tábuas. Atrás da cerca, as pessoas agitam as mãos, riem e, no meio do alvoroço, a intervalos regulares, se ouve a sirene estridente: Aquilino! Aquilino! Aquilino! As cores voltam ao rosto de Huambachano e seu sorriso agora é mais natural, menos patético. Abre passagem entre as mulheres cheias de embrulhos, arrastando uma mala inchada e uma sacola.

— Ele engordou, está vendo? — diz Lalita. — E como se vestiu para nos receber, Pesado. Diga alguma coisa, não seja mal-agradecido, será que não percebe tudo o que fez por nós.

— Sim, está gordo e pôs uma camisa branca — diz, mecanicamente, Huambachano. — Já era hora, eu não fui feito para a água. Meu corpo não se acostuma, sofri a viagem inteira.

O homem de uniforme azul recebe as passagens e, com um empurrão amistoso, entrega cada passageiro aos simiescos, desesperados carregadores que se jogam sobre ele, tiram os animais e os pacotes das suas mãos, suplicando, vociferando se alguém resistir a soltar sua bagagem. São apenas uma dezena, mas parecem cem pelo barulho que fazem; sujos, descabelados, esqueléticos, estão vestindo umas calças cheias de remendos e, um ou outro, camisetas esfarrapadas. Huambachano os afasta aos empurrões, patrão, quanto ele quisesse, fora, e eles voltam à carga, porra, cinco reales, patrão, e ele fora, chega. Deixa-os para trás e chega até a cerca, cambaleando. Aquilino vai ao seu encontro e os dois se abraçam.

— Deixou crescer o bigode — diz Huambachano —, está de brilhantina. Como você mudou, Aquilino.

— Aqui não é como lá, a gente tem que andar bem-vestido — sorri Aquilino. — Como foi a viagem? Estou esperando desde cedo.

— Sua mãe fez boa viagem, estava contente — diz Huambachano. — Mas eu enjoiei muito, vomitei o tempo todo. Tantos anos sem subir num barco.

— Isto se cura com um copinho — diz Aquilino. — O que houve com a minha mãe, por que ficou lá. Maciça, com os longos cabelos grisalhos soltos nas costas, Lalita está rodeada de carregadores. Inclinada para um deles, seus lábios se mexem, e o observa bem de perto, com uma curiosidade quase agressiva: esses merdas, não viam que ela estava sem mala? O que queriam, carregá-la? Aquilino ri, pega um maço de Inca, oferece um cigarro a Huambachano e o acende. Agora Lalita pôs uma das mãos no ombro do carregador e fala cheia de vivacidade; ele escuta em atitude reservada, nega com a cabeça e, pouco depois, sai e se mistura com os outros, começa de novo a pular, a gritar, a correr atrás dos viajantes. Lalita chega à cerca, veloz, de braços abertos. Enquanto ela e Aquilino se abraçam, Huambachano fuma e seu rosto, entre as volutas de fumaça, já parece recomposto e plácido.

— Você já é um homem feito, vai se casar, logo vai me dar netos — Lalita aperta Aquilino, obriga-o a recuar e a girar. — E como está elegante, que bonito.

— Sabem onde vão se hospedar? — diz Aquilino. — Na casa dos pais de Amelia, eu tinha arranjado um hotelzinho mas eles nada disso, preparamos uma cama aqui na entrada. São boas pessoas, vocês logo vão fazer amizade.

— Quando é o casamento? — diz Lalita. — Trouxe um vestido novo, Aquilino, para estrear no dia. E o Pesado precisa comprar uma gravata, a que tinha estava muito velha e não deixei que ele trouxesse.

— Domingo — diz Aquilino. — Já está tudo preparado, a igreja, paga, e depois vai haver uma festinha na casa dos pais de Amelia. Amanhã meus amigos vão fazer uma despedida. Mas vocês ainda não me contaram sobre os meus irmãos. Estão todos bem?

— Sim, mas sonhando em vir para Iquitos — diz Huambachano. — Até o caçulinha quer dar o fora, como você.

Rumaram para o Malecón e Aquilino leva a mala no ombro e a sacola embaixo do braço. Huambachano fuma e Lalita observa cobiçosamente o parque, as casas, os transeuntes, os carros, Pesado, não era uma cidade linda? Como tinha crescido, nada disso existia quando ela era garota, e Huambachano certo, com uma expressão desinteressada: à primeira vista parecia linda.

— Você nunca esteve aqui quando era guarda civil? — diz Aquilino.

— Não, só estive em lugares da costa — diz Huambachano. — E, depois, em Santa María de Nieva.

— Não se pode ir a pé, os pais de Amelia moram longe — diz Aquilino. — Vamos tomar um táxi.

— Um dia quero ir lá onde nasci — diz Lalita. — Será que ainda existe a minha casa, Aquilino? Vou chorar quando vir Belén, quem sabe a casa ainda existe e está igualzinha.

— E o seu trabalho? — diz Huambachano. — Você ganha bem?

— Por enquanto, pouco — diz Aquilino. — Mas o dono do curtume vai melhorar o nosso salário nos próximos anos, ele prometeu. E me adiantou o dinheiro para a passagem de vocês.

— O que é curtume? — diz Lalita. — Não trabalhava numa fábrica?

— Onde se curtem os couros de jacaré — diz Aquilino. — Para fazer sapatos, bolsas. Quando entrei não sabia nada, e agora já me mandam ensinar aos mais novos.

Ele e Huambachano gritam para cada táxi que veem, mas nenhum para.

— Já passou o enjoo do rio — diz Huambachano. — Mas agora sinto enjoo da cidade. Também me desacostumei disto.

— Acontece que para você não há nada igual a Santa María de Nieva — diz Aquilino. — É a única coisa que lhe interessa no mundo.

— É verdade, eu não moraria mais na cidade — diz Huambachano. — Prefiro a chácara, a vida tranquila. Quando pedi baixa na Guarda Civil, disse à sua mãe que ia morrer em Santa María de Nieva e pretendo cumprir a palavra.

Um calhambeque para à frente deles com um estrondo de latas, rangendo como se fosse desmanchar. O motorista põe a mala no teto, amarra-a com uma corda, e Lalita e Huambachano se sentam atrás, com Aquilino ao lado do motorista.

— Descobri o que você pediu, mãe — diz Aquilino. — Deu muito trabalho, ninguém sabia, mandavam-me para cá e para lá. Mas afinal descobri.

— O quê? — diz Lalita. Olha embriagada as ruas de Iquitos, com um sorriso nos lábios, os olhos comovidos.

— O senhor Nieves — diz Aquilino e Huambachano, com uma súbita determinação, fica olhando pela janela. — Foi solto ano passado.

— Ficou preso tanto tempo? — diz Lalita.

— Deve ter ido para o Brasil — diz Aquilino. — Os caras que saem da cadeia vão para Manaus. Aqui não conseguem trabalho. Ele deve ter arranjado alguma coisa por lá, se era mesmo um piloto tão bom como dizem. Mas, tanto tempo longe do rio, talvez tenha esquecido o ofício.

— Não pode ter esquecido — diz Lalita, interessada de novo no espetáculo das ruas estreitas e populosas, com calçadas altas e fachadas com peitoris. — Pelo menos, finalmente o soltaram.

— Qual é o sobrenome da sua noiva? — diz Huambachano.

— Marín — diz Aquilino. — Uma moreninha. Também trabalha no curtume. Não receberam a foto que mandei?

— Fiquei anos sem pensar nas coisas do passado — diz Lalita, de repente, virando-se para Aquilino. — E hoje vejo Iquitos outra vez e você me fala do Adrián.

— O carro também dá enjoo — interrompe Huambachano. — Falta muito, Aquilino?

## IV

Já amanhece entre as dunas atrás do Quartel Grau, mas as sombras ainda estão escondendo a cidade quando o doutor Pedro Zevallos e o padre García atravessam o areal de braços dados e entram no táxi parado na estrada. Embuçado em seu cachecol, com o chapéu puxado para a frente, o padre García é um par de olhos febris, um nariz carnudo que cresce embaixo de duas sobrancelhas espessas.

— Como o senhor está? — diz o doutor Zevallos, sacudindo a bainha da calça.

— Minha cabeça continua rodando — murmura o padre García. — Mas vou me deitar já, isso passa.

— Não pode ir para a cama assim — diz o doutor Zevallos. — Antes vamos tomar um café, uma bebida quente cairá bem.

O padre García faz um gesto de contrariedade, não iam encontrar nada aberto a essa hora, mas o doutor Zevallos o interrompe adiantando o corpo e dizendo ao motorista: será que o bar de Angélica Mercedes já estava aberto? Devia estar, patrão, e o padre García resmunga, ela abria cedinho, lá não, e sua mão treme diante do rosto do doutor Zevallos, lá não, treme de novo e volta para a sua toca pregueada.

— Deixe de ficar resmungando o tempo todo — diz o doutor Zevallos. — Tanto faz o lugar. O importante é forrar um pouco o estômago depois desta noite pesada. Não finja, o senhor sabe muito bem que não vai pregar o olho se for para a cama agora. No bar da Angélica Mercedes podemos tomar alguma coisa e conversar.

Um sopro áspero atravessa o cachecol, o padre García se mexe no assento sem responder. O táxi entra no bairro de Buenos Aires, passa em frente aos casarões com amplos jardins enfileirados nas duas margens da estrada, contorna o opaco monumento e desliza até o vulto sombrio da catedral. Algumas vitrines da avenida Grau cintilam na madrugada, o caminhão de lixo está em frente ao Hotel de Turistas e uns homens de macacão se dirigem para lá, carregando lixeiras. O chofer está com um cigarro aceso na boca, uma nesga cinzenta corre dos seus lábios até o banco de trás e o padre García começa a tossir. O doutor Zevallos abre um pouco a janela.

— Então não vem à Mangachería desde o velório de Domitila Yara? — diz o doutor Zevallos; não há resposta: o padre García está de olhos fechados e ronca mal-humorado.

— O senhor sabe que quase o mataram daquela vez, no velório? — diz o motorista.

— Cale-se, homem — sussurra o doutor Zevallos. — Se ele ouvir, tem um ataque.

— O harpista morreu mesmo, patrão? — diz o motorista. — Foi por isso que os chamaram à Casa Verde?

A avenida Sánchez Cerro se prolonga como um túnel e, na penumbra das calçadas, de tanto em tanto se delineia a silhueta de uma arvorezinha. No fundo, sobre um horizonte difuso de tetos e areais, desponta cintilando uma irisação circular.

— Morreu esta madrugada — diz o doutor Zevallos. — Ou acha que o padre García e eu ainda estamos em idade de passar a noite na casa da Chunga?

— Para isso não há idade, patrão — ri o motorista. — Um colega meu transportou uma das mulheres quando foi buscar o padre García, a tal que chamam de Selvática. Ele me contou que o harpista estava morrendo, patrão, que desgraça.

O doutor Zevallos olha, distraído, para os muros caiados, os portões com aldravas, o prédio novo dos Solari, as alfarrobeiras recém-plantadas nas calçadas, frágeis e graciosas em seus quadriláteros de terra: como

as notícias voavam neste lugar. Mas ele tinha que saber, patrão, e o motorista abaixa a voz, era verdade o que o povo dizia?, espreira o padre García pelo retrovisor, era verdade que o padre tinha queimado a Casa Verde do harpista? O senhor conheceu esse bordel, patrão? Era mesmo tão grande como diziam, tão bacana?

— Por que os piuranos são assim — diz o doutor Zevallos. — Depois de trinta anos, ainda não se cansaram da mesma história? Envenenaram a vida do pobre padre.

— Não fale mal dos piuranos, patrão — diz o motorista. — Piura é a minha terra.

— Minha também, homem — diz o doutor Zevallos. — Além do mais, não estou falando, só pensando em voz alta.

— Mas deve haver qualquer coisa de verdade, patrão — insiste o motorista. — Senão, por que o povo fala, por que repetem tanto incendiário, incendiário.

— Não sei — diz o doutor Zevallos. — Aposto que não tem coragem de perguntar ao padre.

— Com o gênio que ele tem! Nem brincando — ri o motorista. — Mas pelo menos me diga se o tal bordel existiu mesmo ou é tudo invenção do povo.

Agora estão passando pelo setor novo da avenida: em breve a velha estrada vai se encontrar com esta pista asfaltada e os caminhões que vêm do sul e seguem viagem para Sullana, Talara e Tumbes não precisarão mais atravessar o centro da cidade. As calçadas são largas e baixas, os postes estão recém-pintados de cinza, aquele altíssimo esqueleto de cimento armado será, talvez, um arranha-céu maior que o Hotel Cristina.

— O bairro mais moderno vai encostar no mais velho e pobre — diz o doutor Zevallos. — Não acredito que a Mangachería dure muito tempo.

— Vai ter o mesmo destino que a Gallinacera, patrão — diz o motorista. — Vão passar tratores em cima e fazer casas como estas, para brancos.

— E para onde diabo os mangaches vão com suas cabras e seus burros? — diz o doutor Zevallos. — E onde se poderá beber uma boa chicha em Piura, então?

— Os mangaches vão ficar muito tristes, patrão — diz o motorista. — O harpista era um deus para eles, mais popular que Sánchez Cerro. Agora também vão acender velas para don Anselmo e rezar como fazem com a santeira Domitila.

O táxi sai da avenida e, aos pulos, sacolejando, avança por uma ruela terrosa, entre casebres de pau a pique. Levanta uma nuvem de poeira e enfurece os cachorros vagabundos que correm, colados no paralamas, latindo, patrão: os mangaches tinham razão, aqui amanhecia mais cedo que em Piura. Sob a claridade azul, através de nuvens de poeira, se veem corpos deitados em esteiras nas portas das casas, mulheres com cântaros na cabeça atravessando as esquinas, asnos de olhar sonolento e apático. Atraídos pelo rugido do motor, saem meninos dos casebres e, nus ou esfarrapados, correm atrás do táxi, dando adeus, o que houve, bocejando, o que era: nada, padre, já estavam em terra proibida.

— Deixe-nos aqui — diz o doutor Zevallos. — Vamos andar um pouco.

Descem do táxi e, de braços dados, devagar, um se segurando no outro, percorrem um caminho oblíquo, escoltados pelos meninos que pulam, incendiário!, gritam e riem, incendiário!, incendiário!, e o doutor Zevallos simula apanhar uma pedra e jogá-la seus merdas, guris de merda, ainda bem que já estavam chegando.

A cabana de Angélica Mercedes é maior que as outras e as três bandeirinhas que ondulam em sua fachada de adobe lhe dão um ar bem-cuidado e elegante. O doutor Zevallos e o padre García entram espirrando, escolhem dois banquinhos e uma mesa de tábuas grosseiras, sentam-se. O chão foi regado há pouco tempo e tem cheiro de terra úmida, coentro e salsinha. Não há ninguém nas outras mesas nem no balcão. Aglomeradas na porta, as crianças continuam gritando, esticam as cabeças sujas e hirsutas, dona Angélica!, seus braços magros, dona Angélica!, riem mostrando os dentes. O doutor Zevallos esfrega as

mãos, pensativo, e o padre García, entre um bocejo e outro, observa a porta com o canto do olho. Afinal chega Angélica Mercedes, fresca, roliça, matutina, com a barra da saia traçando figuras sobre os banquinhos. O doutor Zevallos se levanta, doutor, ela abre os braços, mas que prazer, que milagre vê-lo por aqui a estas horas, faz tantos meses que não vinha e estava cada dia mais bonita, Angélica, como fazia para não envelhecer?, qual era o seu segredo? E por fim param de trocar elogios, Angélica, não tinha visto quem ele trouxe?, não o reconhecia? Um pouco temeroso, o padre García junta os pés e esconde as mãos, bom dia, o cachecol muge asperamente e o chapéu se agita por um segundo, Virgem Santa, era o padre García! Com as mãos juntas em cima do coração, os olhos alvoroçados, Angélica Mercedes se inclina, *padrecito*, que alegria vê-lo, ele nem podia imaginar, que bom que o trouxe, doutor, e uma mão ossuda e desconfiada se ergue sem afeto na direção de Angélica Mercedes, retira-se antes que ela a beije.

— Pode nos preparar alguma coisa quente, comadre? — diz o doutor Zevallos. — Estamos mortos, passamos a noite em claro.

— Sim, lógico, agora mesmo — Angélica Mercedes limpa a mesa com a barra da saia —, um caldinho e um *piqueo*? Também uns *claritos*? Não, ainda é cedo para isso, vou fazer uns suquinhos e café com leite. Mas como não se deitaram até agora, doutor? O senhor está levando o padre García para o mau caminho.

Um grunhido sarcástico sobe do cachecol e o chapéu se endireita, os olhos fundos do padre García fitam Angélica Mercedes e ela para de sorrir, vira o rosto intrigado para o doutor Zevallos que, com o queixo entre dois dedos, tem agora um ar melancólico: onde estiveram, doutorzinho? Sua voz é tímida, sua mão segura a barra da saia a alguns milímetros da mesa e está imóvel: na casa da Chunga, comadre. Angélica Mercedes solta um gritinho, na casa da Chunga?, está transfigurada, na casa da Chunga?, tapa a boca.

— Sim, comadre, o Anselmo morreu — diz o doutor Zevallos. — É uma notícia triste para você, eu sei. Para todos nós. O que se vai fazer, assim é a vida.

Don Anselmo?, gagueja Angélica Mercedes, com a boca entreaberta, a cabeça inclinada, morreu, *padrecito*?, e suas narinas palpitam muito rápido, aparecem umas covinhas nas bochechas, os meninos da porta estavam correndo e ela sacode a cabeça, toca em seus braços, morreu, doutor?, chora.

— Todo mundo morre — ruge o padre García, batendo na mesa; o cachecol se abre e sua cara lívida, sem barbear, está deformada pelo tremor da boca. — Você, eu, o doutor Zevallos, todos têm a sua hora, ninguém se livra.

— Acalme-se, homem — o doutor Zevallos abraça Angélica Mercedes, que soluça apertando a saia contra os olhos. — Acalme-se você também, comadre. O padre García ficou muito nervoso, é melhor não falar com ele, não pergunte nada. Vamos, prepare alguma coisa quente para nós, não chore.

Angélica Mercedes assente sem parar de chorar e se afasta, com o rosto entre as mãos. No outro aposento começa a falar sozinha, suspirar. O padre García tinha ajeitado o cachecol, agora novamente enroscado no seu pescoço, e tirado o chapéu: cinzentas, arrepiadas, as mechas de cabelo das suas têmporas escondem parcialmente um crânio liso e cheio de pintas. Apoia o queixo no punho, uma ruga cavilosa corta a sua testa e a barba malfeita dá às bochechas um aspecto de coisa gasta e suja. O doutor Zevallos acende um cigarro. Já é dia, e o sol que inunda o local e doura os bambus secou o chão, moscas azuis e sibilantes invadem o ar. Lá fora, as vozes, latidos, balidos, zurros e ruídos domésticos aumentam gradativamente e, ao lado, Angélica Mercedes reza, murmura o nome da santeira misturado com invocações a Deus e à Virgem, doutor: aquela machona tinha feito de propósito.

— Mas para quê — murmura o padre García. — Em troca de quê, doutor?

— Não tem importância — diz o doutor Zevallos, vendo a fumaça desvanecer-se. — E depois, talvez nem tenha sido de propósito. Vai ver foi por acaso.

— Bobagem, ela mandou chamar o senhor e a mim por algum motivo — diz o padre García. — Queria nos fazer passar um mau momento.



O doutor Zevallos encolhe os ombros. Recebe um raio de sol no centro da testa e metade do seu rosto está dourada e brilhante; a outra metade é uma mancha cor de chumbo. Seus olhos parecem imersos numa suave modorra.

— Não sou nada perspicaz — diz, após uma pausa. — Nem me ocorreu pensar isso. Mas o senhor tem razão, talvez quisesse mesmo fazer-nos passar um mau momento. É uma mulher estranha, a Chunga. Achei que ela não sabia.

Vira-se para o padre García e a mancha ganha terreno, ocupa todo o rosto, só uma orelha e a mandíbula recebem agora o banho amarelo; não sabia, o quê. O padre García olha de lado o doutor Zevallos.

— Que eu a trouxe ao mundo — o doutor Zevallos levanta a cabeça e esta se acende, sua calvície se destaca, reluzente e granulosa. — Quem pode ter lhe contado? Anselmo não foi, com certeza. Ele achava que a Chunga não tinha a menor ideia.

— Neste vilarejo fofoqueiro tudo acaba se sabendo — resmunga o padre García. — Mesmo trinta anos depois, sabe-se tudo o que acontece.

— Ela nunca foi ao meu consultório — diz o doutor Zevallos. — Nunca me chamou para coisa nenhuma, e agora me chama. Se queria me fazer passar um mau momento, conseguiu. Ela me fez reviver tudo de repente.

— A sua história está clara — grunhe o padre García como se falasse com a mesa. — Ele viu minha mãe morrer, que veja o meu pai morrer também. Mas, por que aquela machona tinha que me chamar?

— O que significa isto? — diz o doutor Zevallos. — O que foi?

— Venha comigo, doutor — a voz vem da direita, retumba no alto do saguão. — Agora mesmo, assim como está, doutor, não há tempo.

— Pensa que não o reconheço? — diz o doutor Zevallos. — Saia daí, Anselmo. Por que está se escondendo? Ficou doido, homem?

— Venha, doutor, rápido — uma voz embargada na escuridão do vestíbulo que o eco repete, no alto. — Ela está morrendo, doutor Zevallos, venha.

O doutor Zevallos levanta a lanterna, procura e afinal o encontra, não distante da porta: não está bêbado nem furioso, mas crispado de medo. Seus olhos dançam loucamente nas órbitas inchadas e suas costas se apertam contra a parede como se quisessem derrubá-la.

— Sua mulher? — diz o doutor Zevallos, atônito. — Sua mulher, Anselmo?

— Podem estar mortos os dois, mas eu não aceito — o padre García dá um soco na mesa e o seu banquinho range. — Não posso aceitar essa infâmia. Dentro de cem anos também acharia infame.

A porta do vestíbulo se abre e o homem recua como se visse um fantasma, foge do cone de luz da lanterna. A figura de bata branca dá uns passos pelo pátio, filhinho, e antes de chegar ao saguão: quem estava aí?, por que não entravam? Era ele, mãe, o doutor Zevallos abaixa a lanterna, esconde Anselmo com o corpo: tinha que sair um instantinho.

— Espere-me no Malecón — sussurra. — Vou buscar minha maleta.

— Podem ir tomando o caldinho — Angélica Mercedes pousa duas cabaças fumegantes na mesa. — Já tem sal, num segundo trago o *piqueo*.

Ela não está mais chorando, mas sua voz ainda é queixosa e jogara uma manta preta nos ombros. Volta para a cozinha, agora quase não rebola ao andar. O doutor Zevallos mexe o caldo, pensativo, o padre García levanta a cabaça com quatro dedos, aproxima o nariz e aspira o cheiro quente.

— Eu também nunca entendi, na época creio que também achei infame — diz o doutor Zevallos. — Agora já estou velho, vi muita água passar por baixo da ponte e nada mais me parece infame. Se o senhor estivesse lá naquela noite não odiaria tanto o pobre Anselmo, padre García, juro.

— Deus lhe pague, doutor — choraminga o homem enquanto corre esbarrando nas árvores, nos bancos e no parapeito do Malecón. — Faço o que o senhor pedir, eu lhe dou todo o meu dinheiro, doutor, toda a minha vida, doutor.

— Está querendo me comover? — resmunga o padre García para o doutor Zevallos, ainda amuralhado atrás da cabaça que continua farejando. — Tenho que começar a chorar também?

— Na verdade, nada disso tem mais importância — sorri o doutor Zevallos. — Coisas que o vento levou, meu amigo. Mas por culpa da Chunguita voltaram esta noite à minha cabeça e continuam aqui. Só falei disso para desafogar, não ligue.

O padre García sente a temperatura do caldo com a ponta da língua, sopra, toma um golinho, arrotta, grunhe uma desculpa e continua bebendo golinhos e soprando. Pouco depois, Angélica Mercedes volta trazendo uma bandeja com o *piqueo* e suco de lúcumá. Tinha coberto a cabeça com a manta, doutor, não estava bom?, e sua voz se esforça para parecer natural, muito bom, comadre. Um pouquinho quente, assim que esfriasse tomaria, e que apetitoso o *piqueo* que tinha feito. Já, já esquentava o café para eles, qualquer coisa era só chamá-la, *padrecito*. O doutor Zevallos balança a cabaça com um dedo, examina meticulosamente a superfície turva e redonda que oscila e o padre García começara a cortar pedacinhos de carne e a mastigar com afinco. Mas, de repente, para, todos eles sabiam?, e fica de boca aberta: as perdidás e os perdidos que estavam lá?

— Elas sabiam a história do romance desde o começo, lógico — murmura o doutor Zevallos, acariciando a borda da cabaça —, mas não creio que alguém mais soubesse. Havia uma escadinha que dava para o pátio de trás, e por ela subimos até a torre, quem estava no salão não nos viu. Lá de baixo vinha um barulho ensurdecedor, Anselmo devia tê-las instruído para que distraíssem os clientes e não deixassem ninguém desconfiar do que estava acontecendo.

— O senhor conhecia bem aquele lugar — o padre García mastiga de novo. — Não deve ter sido a primeira vez que foi, imagino.

— Tinha ido dezenas de vezes — diz o doutor Zevallos, com um brilho fugaz nos olhos. — Eu estava com trinta anos. A flor da idade, meu amigo.

— Porcarias, bobagens — grunhe o padre García, mas sua mão leva o garfo à boca. — Trinta anos? Eu tinha mais ou menos essa idade.

— É claro, somos da mesma geração — diz o doutor Zevallos. — Anselmo também, mas um pouco mais velho que nós.

— Já não sobra muita gente daquela época — diz o padre García com um humor rouco. — Enterramos todos os outros.

Mas o doutor Zevallos não o ouve. Está movendo os lábios, piscando, balançando a cabaça até derramar gotinhas de caldo na mesa, homem, como ia imaginar, nem quando viu o vulto na cama, homem, quem podia adivinhar.

— Não fique falando para dentro — resmunga o padre García —, não esqueça que estou aqui. O que não podia imaginar?

— Que a mulher dele era aquela criança — diz o doutor Zevallos. — Quando entrei vi na cabeceira uma ruiva gorda que chamavam de Pirilampo e não me pareceu doente e eu já ia fazer uma pilhéria e então vi o vulto e o sangue. O senhor não pode imaginar, meu amigo, nos lençóis, no chão, o quarto todo era uma mancha só. Parecia que tinham degolado alguém.

O padre García não corta, tritura ferozmente os nacos de carne, fura com o garfo, aperta contra a travessa. O pedaço gotejante não sobe até a sua boca, a criança estava se esvaindo em sangue?, fica tremendo no ar, como a sua mão e o garfo, sangue por todos os lados?, e uma brusca rouquidão o sufoca, sangue dessa menina? Um fiozinho de baba clara desce pelo seu queixo, imbecil, que a soltasse, não era hora de beijos, ele

a estava sufocando, tinha que fazê-la gritar, imbecil: era melhor esbofeteá-la. Mas Josefino põe um dedo sobre os lábios: nada de gritos, esqueceu que havia tantos vizinhos?, não os ouvia conversando? Como se não estivesse escutando, a Selvática grita com mais força e Josefino tira o lenço do bolso, inclina-se sobre o catre e tapa a sua boca. Sem se alterar, dona Santos continua fuçando, manipulando com destreza as duas coxas morenas. E então viu o rosto, padre García, e suas pernas e suas mãos começaram a tremer, e esqueceu que estava morrendo e ele estava ali para tentar salvá-la, só atinava a, sim, sim, olhar para ela, não havia dúvida: era a Antonia, meu Deus. Don Anselmo tinha parado de beijá-la e, caído aos pés da cama, oferecia de novo seu dinheiro, doutor Zevallos, sua vida, salve-a, e Josefino se assustou, dona Santos, não tinha morrido? Que não a matasse, que não a matasse, dona Santos e ela psiu: só desmaiou. Melhor assim, não ia fazer barulho e tudo acabaria mais rápido, que molhasse sua testa com o pano. O doutor Zevallos passou-lhe a bacia com violência, que fervesse mais água, imbecil, choramingando em vez de ajudar. Está em mangas de camisa, de colarinho aberto e, agora, muito sereno. Anselmo não consegue segurar a bacia, ela cai das suas mãos, doutor, que não morresse, resgata a bacia e chega engatinhando até a porta, doutor, ela era a sua vida, e sai.

— Puta que o pariu — murmura o doutor Zevallos. — Que loucura, Anselmo, como pôde, homem, que bestialidade você fez, Anselmo.

— Dê-me o saco — diz a dona Santos. — E agora vou lhe preparar um matezinho e ela acorda. Leve isto e enterre bem, e que ninguém veja.

— Havia alguma esperança? — murmurou entre dentes o padre García martirizando os pedaços de carne, espetando-os e arrastando-os de um lado para outro. — Era impossível salvar a menina?

— Talvez num hospital — diz o doutor Zevallos. — Mas não se podia transportá-la. Tive que operá-la quase às cegas, sabendo que ela estava morrendo. Foi um milagre a Chunguita se salvar, nasceu quando a mãe já estava morta.

— Milagre, milagre — resmunga o padre García. — Tudo é milagre aqui. Também disseram que foi milagre quando mataram os Quiroga e a menina se salvou. Seria melhor para ela ter morrido também.

— O senhor não pensa na moça quando passa pelo coreto? — diz o doutor Zevallos. — Eu lembro dela, sempre imagino que a vejo sentada ali, tomando sol. Mas naquela noite cheguei a ter mais pena de Anselmo que da Antonia.

— Pois não merecia — repreende o padre García. — Nem pena, nem compaixão nem nada. Toda essa tragédia foi culpa dele.

— Se o senhor o tivesse visto esperneando, beijando meus pés, pedindo que eu salvasse a garota, também teria piedade — diz o doutor Zevallos. — Sabe que se não fosse pela minha comadre a Chunguita também morreria? Ela me ajudou a socorrê-la.

Ficam em silêncio e o padre García leva um pedaço de carne à boca, mas faz uma careta de nojo e solta o garfo. Angélica Mercedes volta com outro jarrinho de suco na mão, espantando as moscas com a outra.

— Ouvia, comadre? — diz o doutor Zevallos. — Estávamos nos lembrando da noite em que Antonia morreu. Agora parece um sonho, não é? Estava dizendo ao padre que você me ajudou a salvar a Chunga.

Angélica Mercedes olha muito séria para ele, sem assombro nem inquietação, como se não tivesse entendido.

— Não me lembro de nada, doutor — diz afinal, em voz baixa. — Eu era a cozinheira de lá, mas não lembro. Para que falar disso agora. Vou à missa das oito rezar por don Anselmo, para que ele descanse em paz. E depois vou velar o corpo.

— Que idade você tinha? — murmura o padre García. — Não lembro como você era. Do Anselmo e das perdidas lembro bem, mas não de você.

— Era uma moleca, *padrecito* — a mão de Angélica Mercedes é um leque rápido, eficiente: nenhuma mosca se aproxima da travessa nem dos sucos.

— Não passava dos quinze anos — diz o doutor Zevallos. — E que bonita, comadre. Todos nós estávamos de olho nela e o Anselmo alto lá, não é moradora, ninguém bota a mão, cuidava dela como uma filha.

— Eu era virgem e o padre García não queria acreditar — um brilho malicioso anima os olhos de Angélica Mercedes, mas seu rosto ainda é uma máscara severa. — Ia me confessar tremendo de medo e o senhor sempre saía dessa casa do diabo, você já está condenada. Também não se lembra, padre?

— O que se fala no confissãoário é segredo — resmunga o padre García com uma espécie de rouquidão jovial. — Guarde essas histórias para você.

— Casa do diabo — diz o doutor Zevallos. — Ainda acha que Anselmo era o diabo? Ele cheirava mesmo a enxofre ou era só para assustar os beatos?

Angélica Mercedes e o doutor sorriem e, debaixo do cachecol, logo depois, soa alguma coisa inesperada e tosca, híbrida como um acesso de tosse e de riso sufocante.

— Naquele tempo só ficava lá, na Casa Verde — diz o padre García pigarreando. — Agora o chifrudo está em todos os lados. Na casa da machona, na rua, nos cinemas, Piura inteira se tornou a casa do chifrudo.

— Mas a Mangachería não, *padrecito* — diz Angélica Mercedes. — Aqui ele nunca entrou, nós não deixamos, santa Domitila nos ajuda nisso.

— Ainda não é santa — diz o padre García. — Você não ia fazer café?

— Já está pronto — diz Angélica Mercedes. — Vou trazer.

— Fazia pelo menos vinte anos que eu não passava uma noite em claro — diz o doutor Zevallos. — E agora perdi totalmente o sono.

Desde o instante em que Angélica Mercedes dá meia-volta as moscas voltam e se jogam sobre a travessa de comida, salpicando-a de pontos escuros. Uns meninos esfarrapados correm de novo em frente à porta e, através das fendas, se veem pessoas que passam falando alto e um grupo de velhos tomando sol e conversando na porta da cabana em frente.

— Pelo menos estava arrependido? — geme o padre García. — Percebia que a menina tinha morrido por sua culpa?

— Saiu correndo atrás de mim — diz o doutor Zevallos. — Ficou se contorcendo no areal, queria que eu o matasse. Levei-o para a minha casa, dei-lhe uma injeção e mandei-o embora. Eu não sei de nada, não vi nada, vá embora. Mas não foi, desceu até o rio e ficou esperando a lavadeira, como se chamava?, a que criou a Antonia.

— Sempre foi doido — resmunga o padre García. — Espero, por ele, que tenha se arrependido e que Deus o tenha perdoado.

— E mesmo que não se arrependa, já teve castigo suficiente com tudo o que sofreu — diz o doutor Zevallos. — E depois, sabe-se lá se ele realmente merecia castigo. E se a Antonia não foi sua vítima, terá sido sua cúmplice? E se estivesse apaixonada por ele?

— Não diga disparates — resmunga o padre García. — Vou acabar pensando que ficou de miolo mole.

— Pois é uma coisa que sempre me perguntei — diz o doutor Zevallos. — As moradoras diziam que ele a mimava e que a menina parecia muito contente.

— Agora acha normal? — grunhe o padre García. — Roubar uma cega, levá-la para um prostíbulo, engravidá-la. É certo fazer isso? A coisa mais normal do mundo? Ele devia ser premiado por essa graça?

— Não tem nada de normal — diz o doutor Zevallos —, mas não levante a voz, cuidado com a asma. Só digo que ninguém sabe o que ela achava. A Antonia não sabia o que era bom nem o que era mau e, afinal, graças ao Anselmo foi uma mulher completa. Eu sempre pensei...

— Cale-se, homem! — e o padre García investe a tapas contra as moscas que fogem espavoridas. —

Mulher completa! As freiras por acaso são incompletas? Os padres são incompletos porque não fazemos porcarias? Não vou permitir que repita essas heresias estúpidas.

— O senhor está brigando com fantasmas — sorri o doutor Zevallos. — Eu só queria dizer que acho que o Anselmo gostava dela de verdade, e que ela provavelmente também gostava dele.

— Esta conversa não me agrada — murmura o padre García. — Não vamos concordar nunca, e não quero brigar com o senhor.

— Só faltava essa — murmura o doutor Zevallos. — Olhe quem chegou.

Eram os inconquistáveis, não queriam trabalhar, só beber, só jogar, eram os inconquistáveis e queriam tomar o café, puxa vida: quem estava aqui.

— Vamos embora — resmunga o padre García, exasperado. — Não quero ficar perto destes bandidos.

Mas os León não lhe dão tempo de levantar e avançam batendo palmas, padre García, os cabelos despenteados, *padrecito*, os olhos cheios de ressaca noturna. Pulam em volta do padre García, hoje vai cair neve em Piura em vez de areia, tentam apertar-lhe a mão, era o milagre dos milagres, dão tapinhas em suas costas, dia de festa para os mangaches, receber esta visita. Estão de camiseta, sem meias, com os sapatos desamarrados, cheiram a suor e o padre García, escondido atrás do cachecol, sob o chapéu que pôs às pressas, permanece imóvel, olhando fixamente para a comida agora atacada novamente pelas moscas.

— Não admito que lhe faltem ao respeito — diz o doutor Zevallos. — Cuidado com essas línguas, rapazes. É um homem de hábito e cabelos brancos.

— Mas ninguém lhe faltou ao respeito, doutor — diz o Macaco. — Estamos felicíssimos de vê-lo aqui, palavra de honra, só queremos apertar sua mão.

— Nunca se viu um mangache que não seja hospitaleiro, doutor — diz José. — Bom dia, dona Angélica. Temos que comemorar este acontecimento, traga alguma coisa para brindar com o padre García. Vamos fazer as pazes com ele.

Angélica Mercedes vem com duas xícaras de café nas mãos, muito séria.

— Por que essa cara de zangada, dona Angélica? — diz o Macaco. — Não está contente com a visita?

— Vocês são o que há de pior nesta cidade — resmunga o padre García. — O pecado original de Piura. Nem que me matem vou beber com vocês.

— Não se enfureça, padre García — diz o Macaco. — Não é gozação, estamos mesmo contentes que tenha voltado à Mangachería.

— Corrompidos, vagabundos — o padre García iniciou uma nova ofensiva contra as moscas. — Com que direito se dirigem a mim, seus perdidos!

— Preste atenção, doutor Zevallos — diz o Macaco. — Veja quem falta com o respeito a quem.

— Deixem o padre em paz — diz Angélica Mercedes. — Don Anselmo morreu. O padre e o doutor estavam com ele, não dormiram a noite toda.

Põe a xícara na mesa, volta para a cozinha e, quando sua silhueta desaparece no aposento de trás, só se ouvem o tinido das colherinhas, os goles de café do doutor Zevallos, a respiração difícil do padre García. Os León se entreolham, parecem aturdidos.

— Viram, rapazes — diz o doutor Zevallos. — Não é dia para brincadeiras.

— Don Anselmo morreu — diz José. — Morreu o harpista, Macaco.

— Mas ele era o melhor, doutor — balbucia o Macaco. — Era um grande artista, doutor, uma glória de Piura. E o melhor de todos. Estou com o coração partido, doutor Zevallos.

— Era como um pai para todos nós, doutor — diz José. — O Bolas e o Jovem devem estar morrendo de tristeza, Macaco. Eram seus discípulos, doutor, carne e unha com o harpista. O senhor não imagina como cuidavam dele, doutor.

— Nós não sabíamos de nada, padre García — diz o Macaco. — Desculpe pelas brincadeiras.

— Morreu assim, de repente? — diz José. — Ontem mesmo estava tão bem. Jantamos com ele aqui, doutor Zevallos, estava rindo e brincando.

— Onde está, doutor? — diz o Macaco. — Temos que ir vê-lo, José, precisamos arranjar umas gravatas pretas.

— Está lá, onde morreu — diz o doutor Zevallos. — Na casa da Chunga.

— Morreu na Casa Verde? — diz o Macaco. — Nem sequer levaram o harpista para o hospital?

— Isto é um verdadeiro terremoto para a Mangachería, doutor — diz José. — Nada vai ser igual sem o harpista.

Balançam as cabeças, consternados, incrédulos, e os monólogos e diálogos prosseguem enquanto o padre García bebe o café, sem tirar a xícara dos lábios que despontam acima do cachecol. O doutor Zevallos já tomou o seu e agora brinca com a colherinha, tenta equilibrá-la na ponta de um dedo. Os León se calam, por fim, e se sentam a uma mesa vizinha. O doutor Zevallos oferece cigarros. Quando Angélica Mercedes entra, pouco depois, estão todos fumando em silêncio, igualmente aflitos e carrancudos.

— Por isso Lituma não veio — diz o Macaco. — Deve estar com a Chunguita.

— Ela se fazia de indiferente, de pessoa fria — diz José. — Mas por dentro também deve estar sangrando. Não acha, dona Angélica? O sangue fala.

— Deve estar triste, talvez — diz Angélica Mercedes. — Mas com ela nunca se sabe, por acaso foi uma boa filha?

— Por que fala isso, comadre? — diz o doutor Zevallos.

— O senhor acha certo ter o pai como empregado? — diz Angélica Mercedes.

— O doutor Zevallos agora acha tudo certo — repreende o padre García. — Na velhice descobriu que não há nada de errado no mundo.

— O senhor fala com sarcasmo — sorri o doutor Zevallos. — Mas, pensando bem, há algo de verdade nisto.

— Don Anselmo morreria se não pudesse tocar, dona Angélica — diz o Macaco. — Os artistas vivem da sua arte. O que havia de errado em tocar lá? A Chunguita lhe pagava bem.

— Tome logo o café, meu amigo — diz o doutor Zevallos. — O sono bateu de repente, meus olhos estão fechando.

— Aí está o nosso primo, Macaco — diz José. — Que cara de luto.

O padre García enfia o nariz na xícara de café e solta um grunhido surdo quando a Selvática, de sapatos na mão, os olhos muito maquiados e a boca sem pintura, se inclina à sua frente e lhe beija a mão. Lituma sacode a poeira do terno cinza, da gravata de bolinhas verdes, dos sapatos amarelos. Está com o cabelo despenteado e cheio de brilhantina, as feições abatidas, e cumprimenta o doutor Zevallos muito sério.

— Vão fazer o velório aqui, dona Angélica — diz. — A Chunga pediu para lhe avisar.

— Na minha casa? — diz Angélica Mercedes. — E por que não o deixam onde está? Para que vão mexer com o coitado.

— Quer que ele seja velado num prostíbulo? — censura o padre García. — O que você tem na cabeça?

— Empresto a minha casa com todo prazer, padre — diz Angélica Mercedes. — Só que achei que era pecado andar com o defunto daqui para lá. Não é sacrilégio?

— Por acaso você sabe o que quer dizer sacrilégio? — grunhe o padre García. — Não fale do que não entende.

— O Bolas e o Jovem foram comprar o caixão e tratar do enterro — Lituma sentou-se entre os León. — Depois vão trazê-lo. A Chunga paga tudo, dona Angélica, a bebida, as flores, diz que a senhora só empresta a casa.

— Acho ótimo que o velório seja na Mangachería — diz o Macaco. — Ele era um mangache, que seus

irmãos o velem.

— E a Chunga gostaria que o senhor rezasse a missa, padre García — diz Lituma, tentando ser natural, mas sua voz é muito lenta. — Fomos à sua casa para lhe dizer isto mas não abriram a porta. Foi sorte encontrá-lo aqui.

A cabaça vazia rola até o chão e há um torvelinho de pregas pretas em cima da mesa, com autorização de quem, o padre García esmurra a travessa de *piqueo*, quem lhe permitiu dirigir-lhe a palavra, e Lituma se levanta num pulo, incendiário, mas que jeito de falar era aquele: incendiário. O padre García tenta levantar-se e gesticula entre os braços do doutor Zevallos, canalha, chacal, e a Selvática puxa o paletó de Lituma, que se calasse, dando gritinhos, que não faltasse ao respeito, era um padre, que tapassem a boca dele. Iria logo para o inferno, canalha, lá pagaria todas, sabia o que era o inferno, canalha? Com o rosto inflamado, a boca torta, o padre García treme como uma vara verde e Lituma empurra a Selvática sem conseguir afastá-la, incendiário, que não o insultasse, que não o chamasse de canalha, incendiário, e o padre García perde, recupera a voz, ele era ainda pior que essa perdida que o sustentava, e estende as mãos exasperadas para o vazio, um parasita da imundície, um chacal, e agora os León também estão segurando Lituma: ia quebrar a fuça desse velho, não aguentava, mesmo sendo padre, incendiário de merda. A Selvática começou a chorar e Angélica Mercedes levanta um banquinho, balança-o na frente de Lituma como se estivesse disposta a quebrá-lo em sua cabeça se ele avançasse um milímetro. Na porta, por trás dos bambuzais, há cabeças atentas e excitadas em volta do estabelecimento, olhos, cabeleiras, cotoveladas e um vozerio crescente que parece se propagar pelo resto do bairro, e os nomes do harpista, dos inconquistáveis e do padre García despontam às vezes no coro estridente dos meninos: incendiário, incendiário, incendiário. Agora o padre García tosse, de braços para cima, fora de si, vermelho como uma brasa, a língua de fora, e espalha saliva em volta de si. O doutor Zevallos segura suas mãos no alto, a Selvática o abana, Angélica Mercedes lhe dá tapinhas suaves nas costas e agora Lituma parece confuso.

— Qualquer um perde as estribeiras quando é insultado à toa — diz com uma voz já vacilante. — Não é culpa minha, vocês são testemunhas de que foi ele quem começou.

— Mas você lhe faltou ao respeito e ele é velhinho, primo — diz o Macaco. — Passou a noite sem pregar os olhos.

— Não devia ter feito isso, Lituma — diz José. — Peça desculpas, homem, veja como o deixou.

— Desculpe-me — gagueja Lituma. — Agora se acalme, padre García. Também não é para tanto.

Mas o padre García continua trêmulo de tosse e de espasmos, e seu rosto está encharcado de baba, ranho e lágrimas. A Selvática limpa sua testa com a saia, Angélica Mercedes tenta fazê-lo beber um copo d'água e Lituma empalidece, estava pedindo desculpas, padre, e começa a gritar, o que mais queriam que fizesse, apavorado, que ele não morresse, maldição, e torce as mãos.

— Não se assuste — diz o doutor Zevallos. — É a asma e a areia que entrou na garganta. Já vai passar.

Mas Lituma não consegue mais dominar os nervos, insultava e depois ele mesmo ficava abatido, e se lamenta quase chorando entre os León que o abraçam, estava arrasado com tanta desgraça, soluça e por alguns instantes parece que vai romper em prantos, primo, calma, eles entendiam, e ele batendo no peito: tinha despido o harpista, lavado, vestido de novo, ninguém resistiria, ele também era humano. E eles que se acalmasse, primo, ânimo, mas ele não aguentava, porra, porra, não aguentava, e desaba num banquinho com a cabeça entre as mãos. O padre García tinha parado de tossir e, embora ainda respirasse com esforço, está com uma expressão mais serena. A Selvática se ajoelha ao seu lado, *padrecito*, estava melhor? Ele assente, só que ela era uma perdida, problema dela, grunhindo, infeliz, mas devia ser burra, condenando-se por sustentar um inútil, um assassino, devia ser burra e ela sim, *padrecito*, mas que não se aborrecesse, que se acalmasse, já tinha passado.

— Deixe ele insultar se isso o tranquiliza, primo — diz o Macaco.

— Está bem, deixo, eu me controlo — sussurra Lituma. — Pode me insultar, pode me chamar de assassino, inútil, continue, tudo o que quiser.

— Cale-se, chacal — grunhe o padre García, já sem ímpeto, com uma evidente relutância, e na porta, por trás dos bambus, ouve-se uma onda de risos. — Silêncio, chacal.

— Estou calado — enfurece-se Lituma. — Mas não me insulte mais, eu sou homem, não gosto disso, cale a boca, padre García. Peça o senhor, doutor Zevallos.

— Já passou, *padrecito* — diz Angélica Mercedes. — Não diga palavrões, no senhor parece pecado, padre, não se enfureça assim. Quer outro cafezinho?

O padre García tira um lenço amarelado do bolso, está bem, outro cafezinho, e assoa o nariz com força. O doutor Zevallos alisa as sobrancelhas, limpa a saliva das lapelas com uma expressão de contrariedade. A Selvática passa a mão pela testa do padre García, ajeita as mechas das têmporas e ele a deixa agir, carrancudo e dócil.

— Meu primo quer lhe pedir perdão, padre García — diz o Macaco. — Ele lamenta o que aconteceu.

— Que peça perdão a Deus e pare de explorar mulheres — resmunga tranquilamente o padre García, já aplacado. — E vocês também peçam perdão a Deus, seus vagabundos. E você, também sustenta esses dois vagabundos?

— Sim, *padrecito* — diz a Selvática e há uma nova onda de risos na rua. O doutor Zevallos ouve aquilo com ar divertido.

— Não se pode dizer que lhe falte franqueza — resmunga o padre García, esgaravatando o nariz com o lenço. — Você é mesmo uma idiota completa, sua infeliz.

— Eu mesma me digo isso muitas vezes, padre — reconhece a Selvática, tocando na testa rugosa do padre García. — E também digo a eles, bem na cara, sabe.

Angélica Mercedes traz outra xícara de café, a Selvática volta para a mesa dos León e após um tempo as pessoas amontoadas na porta e atrás dos bambuzais começam a se dispersar. As crianças voltam às suas corridas empoeiradas, ouvem-se de novo suas vozes finas e incômodas. Os passantes fazem um alto na porta da chichería, metem a cabeça, apontam para o padre García que, meio abaixado, toma seu café aos golinhos, e partem. Angélica Mercedes, os inconquistáveis e a Selvática falam a meia-voz sobre comidas e bebidas, calculam quanta gente virá ao velório, murmuram nomes, cifras e discutem preços.

— Já tomou o café? — diz o doutor Zevallos. — Tivemos agitação demais por hoje, vamos para a cama.

Não há resposta: o padre García está dormindo pacificamente, com a cabeça inclinada sobre o peito, uma ponta do cachecol mergulhada na xícara.

— Adormeceu — diz o doutor Zevallos. — Dá pena acordá-lo.

— Quer que preparemos uma caminha para ele? — diz Angélica Mercedes. — No outro aposento, doutor. Vamos agasalhá-lo bem, sem fazer barulho.

— Não, não, que acorde e eu o levo — diz o doutor Zevallos. — Ele nunca dá o braço a torcer, mas eu o conheço. Ficou bastante abalado com a morte de Anselmo.

— Devia estar contente — sussurra o Macaco, com tristeza. — Sempre que via don Anselmo na rua o xingava. Tinha ódio dele.

— E o harpista não respondia, fazia de conta que não escutava e atravessava para a outra calçada — diz José.

— Não o odiava tanto assim — diz o doutor Zevallos. — Pelo menos nestes últimos anos. Mas já era um costume dele, um vício.

— Mas devia ser o contrário — diz o Macaco. — Don Anselmo é que tinha motivos para odiá-lo.

— Não diga isto, é pecado — diz a Selvática. — Os padres são ministros de Deus, não se deve odiá-los.



— Se é mesmo verdade que botou fogo na casa dele, que grande alma tinha o harpista — diz o Macaco. — Nunca o ouvi falar nem meia palavra contra o padre García.

— Realmente botaram fogo naquela casa de don Anselmo, doutor? — diz a Selvática.

— Mas não contei essa história cem vezes? — diz Lituma. — Para que precisa perguntar ao doutor?

— Porque você sempre conta diferente — diz a Selvática. — Pergunto porque quero saber como foi de verdade.

— Cale a boca, deixe os homens conversarem em paz — diz Lituma.

— Eu também gostava do harpista — diz a Selvática. — Tinha mais coisas em comum com ele que você, esqueceu que era meu conterrâneo?

— Seu conterrâneo? — diz o doutor Zevallos, interrompendo um bocejo.

— Claro, moça — diz don Anselmo. — Igual a você, mas não de Santa María de Nieva, nem sei onde fica esse povoado.

— É mesmo, don Anselmo? — diz a Selvática. — O senhor também nasceu lá? Não é verdade que a selva é linda, cheia de árvores e de passarinhos? Não é verdade que lá as pessoas são melhores?

— As pessoas são iguais em todo lugar, moça — diz o harpista. — Mas é verdade que a selva é linda. Já esqueci tudo o que existe lá, menos a cor, foi por isso que pintei a harpa de verde.

— Aqui todos me desprezam, don Anselmo — diz a Selvática. — Todos me chamam de Selvática, como se isso fosse um insulto.

— Não leve a mal, moça — diz don Anselmo. — É com carinho. Eu não me incomodaria se me chamassem de selvático.

— É curioso — o doutor Zevallos coça o pescoço, enquanto boceja. — Mas possível, afinal de contas. Tinha pintado mesmo a harpa de verde, rapazes?

— Don Anselmo era mangache — diz o Macaco. — Nasceu aqui, no bairro, e nunca saiu daqui. Ouvi-o dizer mil vezes sou o mais velho dos mangaches.

— Claro que tinha pintado — afirma a Selvática. — E sempre mandava o Bolas pintar de novo.

— Anselmo, selvático? — diz o doutor Zevallos. — É possível, afinal de contas, por que não, que curioso.

— Mentira dela, doutor — diz Lituma. — A Selvática nunca nos disse isso, acabou de inventar. Senão, por que só resolveu contar agora?

— Ninguém perguntou — diz a Selvática. — Você não diz que as mulheres têm que ficar de boca fechada?

— E por que lhe contou isso? — diz o doutor Zevallos. — Antes, quando nós perguntávamos onde tinha nascido, ele sempre mudava de assunto.

— Porque eu também sou selvática — diz ela e lança um olhar orgulhoso em volta. — Porque éramos conterrâneos.

— Você está caçoando de nós, recolhida — diz Lituma.

— Recolhida mas bem que você gosta do meu dinheiro — diz a Selvática. — Meu dinheiro também lhe parece recolhido?

Os León e Angélica Mercedes sorriem, Lituma franziu a testa, o doutor Zevallos continua coçando o pescoço com olhos meditados.

— Não me provoque, garota — Lituma sorri artificialmente. — Não é hora para discussões.

— É melhor não irritá-la — diz Angélica Mercedes. — Sem ela você morre de fome. Não se meta com o homem da família, inconquistável.

Os León batem palmas, seus rostos não estão mais de luto e sim muito alegres, e Lituma também acaba rindo, dona Angélica, de bom humor, ela podia ir embora quando quisesse. Vivia grudada nele feito

marisco na pedra, tinha mais medo de Josefino que do diabo. Se o deixasse, o outro a matava.

— Anselmo nunca mais lhe falou da selva, moça? — diz o doutor Zevallos.

— Era mangache, doutor — afirma o Macaco. — Ela inventou que era seu conterrâneo só porque está morto e não pode se defender, para bancar a importante.

— Uma vez perguntei se ele tinha família lá — diz a Selvática. — Quem sabe, disse, já devem ter morrido todos. Mas outras vezes negava e dizia nasci mangache e vou morrer mangache.

— Viu, doutor? — diz José. — Se ele disse alguma vez que era conterrâneo dela, estava brincando. Finalmente você falou a verdade, prima.

— Não sou sua prima — diz a Selvática. — Sou uma puta e uma recolhida.

— Que o padre García não ouça senão tem outro ataque — diz o doutor Zevallos, com o dedo nos lábios. — E o que houve com o outro inconquistável, rapazes? Por que não andam mais com ele?

— Brigamos, doutor — diz o Macaco. — Proibimos sua entrada na Mangachería.

— Era um sujeito ruim, doutor — diz José. — Má pessoa. Não soube que caiu no fundo do poço? Foi até preso como ladrão.

— Mas antes vocês eram inseparáveis, viviam atazanando a paciência de toda Piura junto com ele — diz o doutor Zevallos.

— O problema é que ele não era mangache — diz o Macaco. — Um mau amigo, doutor.

— Precisamos contratar um padre — diz Angélica Mercedes. — Para a missa, e também para rezar no velório.

Ao ouvir isto, os León e Lituma simultaneamente fecham a cara, franzem o cenho, concordam.

— Algum padre do Salesiano, dona Angélica — diz o Macaco. — Quer que eu a acompanhe? Há um simpático, que joga futebol com os meninos. O padre Doménico.

— Sabe futebol mas não sabe espanhol — grunhe afônico o cachecol. — O padre Doménico, que disparate.

— Está bem, padre — diz Angélica Mercedes. — É para fazer um velório como Deus quer, sabe? Quem poderíamos chamar, então?

O padre García está em pé, ajeitando o chapéu. O doutor Zevallos também tinha se levantado.

— Eu venho — o padre García faz um gesto impaciente. — Aquela machona não pediu que eu viesse? Para que tanto falatório então.

— Sim, *padrecito* — diz a Selvática. — A senhora Chunga preferia o senhor.

O padre García anda até a porta, encurvado e escuro, sem levantar os pés do chão. O doutor Zevallos puxa a carteira.

— Nem pense nisso, doutor — diz Angélica Mercedes. — É oferta da casa, pela alegria que me deu trazendo o padre.

— Obrigado, comadre — diz o doutor Zevallos. — Mas deixo de qualquer maneira, para as despesas do velório. Até logo mais, eu também venho esta noite.

A Selvática e Angélica Mercedes acompanham o doutor Zevallos até a porta, beijam a mão do padre García e voltam para a chichería. De braços dados, o padre García e o doutor Zevallos caminham no meio de um terral, sob um sol hostil, por entre burros carregados de lenha e de vasilhas, cachorros lanudos e crianças, incendiário, incendiário, incendiário, com vozes incisivas e infatigáveis. O padre García não se altera: arrasta os pés com afinco e avança, com a cabeça abaixada sobre o peito, tossindo e pigarreando. Quando entram numa ruazinha reta, um rumor poderoso vem ao seu encontro e os dois têm que se apertar contra uma cerca de bambu para não ser atropelados pela massa de homens e mulheres que vem escoltando um velho táxi. Uma buzina raquítica e desafinada corta o ar o tempo todo. Dos casebres sai gente que se incorpora ao bulício, algumas mulheres soltam exclamações e outras erguem os dedos em cruz para o céu.

Um garoto para à sua frente sem fitá-los, com os olhos vivazes e atordoados, o harpista morreu, puxa a manga do doutor Zevallos, vinha ali naquele táxi, com sua harpa e tudo, e sai disparado, gesticulando. Por fim, a multidão termina de passar. O padre García e o doutor Zevallos chegam à avenida Sánchez Cerro, dando passinhos muito curtos, exaustos.

— Eu virei buscá-lo — diz o doutor Zevallos. — Vamos juntos para o velório. Tente dormir umas oito horas pelo menos.

— Está bem, está bem — resmunga o padre García. — Não me amole com tantos conselhos o tempo todo.

# Glossário

*Achuales*: tribo indígena da Amazônia.

*Aguarunas*: tribo indígena da Amazônia.

*Akitai*: túnica de tear usada pelas mulheres.

*Ayañahui*: vaga-lume, no idioma quéchua.

*Boras*: tribo indígena da Amazônia.

*Cajón*: instrumento musical de percussão (“caixa”) de origem afro-peruana.

*Capanahua*: árvore típica da região de Loreto.

*Chicha*: bebida alcoólica que se obtém por fermentação do milho.

*Chichera*: vendedora de chicha.

*Chichería*: estabelecimento onde se vende chicha.

*Chifa*: culinária peruana de origem chinesa; a palavra também se aplica aos lugares onde se servem esses pratos, geralmente pequenos restaurantes populares.

*Chulla-chaqui*: diabo da floresta que sequestra crianças, na mitologia dos índios peruanos.

*Chulucanas*: nome de um povoado do interior de Piura, ao norte do Peru.

*Chupe*: prato típico de Arequipa (guisado de camarões com arroz e legumes).

*Clarito a mares*: chicha camponesa com muita espuma, também chamada de chicha destilada.

*Corrido*: composição musical cantada a duas vozes, comum a toda a América Latina.

*Galinaço*: Adaptação ao português de *gallinazo*, que significa urubu e designava (não injuriosamente) os habitantes da Gallinacera.

*Gallinacera*: favela na cidade de Piura habitada principalmente por negros.

*Huambisas*: tribo indígena da Amazônia peruana.

*Huayno*: gênero de dança e música andina de origem pré-colombiana, considerada a dança nacional do Peru.

*Itípak*: túnica feita no tear.

*Jirón*: via urbana formada pelo entrecruzamento de várias ruas.

*Lamistas*: tribo indígena da Amazônia peruana.

*Marinera*: dança entre duas pessoas separadas.

*Masato*: bebida preparada com mandioca, mastigada e cuspidada num recipiente, em que se fermenta com água.

*Muratos*: tribo indígena da Amazônia peruana.

*Pachamanca*: literalmente, “panela na terra”. Guisado de carne, vegetais e tubérculos que se cozinha debaixo da terra, com o calor das pedras.

*Pasillo*: dança típica peruana.

*Picantería*: restaurante popular onde se servem petiscos picantes, muito temperados.

*Piqueo*: prato típico, combinado de pratos frios servido como entrada.

*Seco de chabelo*: fritada de carne seca com banana amassada.

*Shapras*: tribo indígena da Amazônia peruana.

*Tondero*: dança e gênero musical do norte peruano.

*Triste*: canção do norte do Peru, geralmente trata de amores não correspondidos.

*Urakusas*: tribo indígena da Amazônia peruana.

*Yaguas*: tribo indígena da Amazônia.